FERNANDA PIZARRO DE MAGALHÃES

GÊNEROS DISCURSIVOS DA ESFERA EMPRESARIAL NO ENSINO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES, ANÁLISES E POSSIBILIDADES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.
Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Vilson José Leffa

Pelotas

2011

FERNANDA PIZARRO DE MAGALHÃES

GÊNEROS DISCURSIVOS DA ESFERA EMPRESARIAL NO ENSINO DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: REFLEXÕES, ANÁLISES E POSSIBILIDADES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Católica de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.
Área de concentração: Linguística Aplicada

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Drª. Maria da Glória Corrêa di Fanti (PUCRS)

_____
Profª. Drª. Cleide Inês Wittke (UFPel)

_____
Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn (UCPel)

_____
Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (UCPel)

_____
Prof. Dr. Vilson José Leffa – orientador (UCPel)

Pelotas, dezembro de 2011.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Vilson Leffa, por conduzir-me, mais uma vez, com desvelo, atenção e competência em todo o percurso desta construção científica.

À prof.ª Maria da Glória Di Fanti, pelas sugestões e diretrizes propostas.

À prof.ª Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, coordenadora do Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, pela oportunidade significativa na minha vida acadêmica.

A todos os professores do curso, pela competência, atenção e incentivo prestados.

Ao Instituo Federal Sul-rio-grandense (IFSul), pela licença concedida para a realização do curso e pela oportunidade de aplicação da pesquisa.

Aos professores, alunos e ex-alunos do IFSul, por abnegadamente aceitarem participar desta pesquisa.

Aos funcionários e representantes de empresas das área de Química, Eletrônica e Edificações, por se disporem a compartilhar saberes e experiências.

Aos meus filhos, Bernardo e Eduarda, ao meu esposo e aos meus familiares, pelo apoio e incentivo constantes.

E a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para esta construção.

“A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, com os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal”

BAKHTIN

RESUMO

Esta pesquisa contribui para a concretização de uma perspectiva enunciativa no ensino de Língua Materna da Educação Profissional. Considerando a necessidade de redimensionar a prática pedagógica que vem sendo desenvolvida na referida modalidade de ensino, de forma a propiciar aos futuros profissionais condições de compreender a linguagem como atividade social e a desenvolver competências que lhes permitam acompanhar as transformações do mundo do trabalho, foram estabelecidos três objetivos: 1) investigar se a escola contempla a noção de gênero sob a perspectiva discursiva e se vem acompanhando as transformações da esfera empresarial, área de atuação do aluno egresso de Instituição Profissionalizante; 2) apreender as especificidades da esfera empresarial e os gêneros que, nesse contexto, vêm se consolidando, caracterizando particularidades e funcionamento; 3) analisar, sob enfoque discursivo, um gênero de efetiva circulação na empresa a partir de três instâncias de análise: Situacional, Composicional e Axiológica, visando dar subsídios a profissionais da área a adotarem uma nova postura de ensino e oferecendo condições para promoção de mudanças curriculares, desenvolvimento de projetos pedagógicos e produção de material didático. Em termos teóricos, o estudo tem respaldo nos postulados do Círculo bakhtiniano, em sua concepção de linguagem, como criação coletiva integrante de um diálogo cumulativo entre o "eu" e o "outro"; de língua, como lugar de interação cujos sentidos são produzidos por interlocutores em um dado contexto social, histórico, ideológico; de gênero, como enunciados recorrentes que orientam o agir em conjunto. Defende-se ser um ensino de Gênero Discursivo aquele que toma, como ponto de partida, a análise dos aspectos socio-históricos da situação, privilegiando a vontade enunciativa do locutor para, a partir daí, buscar marcas linguísticas que refletem, no texto, essas marcas da situação. Para atingir o primeiro objetivo, foram analisados planos e programas de ensino, entrevistados professores e observadas aulas de Língua Materna nos cursos de Química, Edificações e Eletrônica do IFSul. Para atingir o segundo objetivo, foram visitadas empresas das áreas citadas que costumam receber alunos egressos da Instituição, realizadas entrevistas com seus representantes e coletado material escrito de circulação; para atingir o terceiro objetivo, foram entrevistados elaboradores do gênero eleito: Relatório de Atividade Externa, coletados exemplares desse gênero e construídas categorias de análise, que, em sua essência, buscaram contemplar a dimensão verbal e extraverbal da linguagem, proposta por Bakhtin. De forma geral, verificou-se: 1) a concepção de língua subjacente ao ensino de Língua Materna em Instituição profissionalizante é de base instrumental e gênero é concebido como espécie ou família de textos com características estáveis; 2) a esfera empresarial é um espaço de coerções que constitui produções ideológicas de acordo com uma lógica particular; 3) a escola só adotará uma perspectiva enunciativo-discursiva quando compreender que o gênero precisa ser visto sob a ótica da esfera da atividade, espaço de refração da realidade, e o presente estudo, como um todo, representa a concretização de uma proposta nessa direção.

Palavras-chave: gênero discursivo; esfera empresarial; Educação Profissional; círculo bakhtiniano.

ABSTRACT

This study is a contribution towards an enunciative approach in the teaching of mother tongue in Professional Education. Considering the need to reevaluate the pedagogical practice that is being developed in that type of education so as to provide conditions for future professionals to understand language as a social activity and develop skills that allow them to follow the changing world of work, we established three objectives: 1) to investigate whether the school considers the notion of genre in the discursive perspective and whether it has been tracking the changes in the business sphere, which is the area where students will act after leaving school; 2) to understand the specifics of the professional sphere and the genres that are being consolidated there; 3) to analyze from a discursive perspective a genre that actually circulates in a professional context, considering three levels of analysis: situational, compositional and axiological, in order to help teachers and school administrators to adopt a new attitude, promoting curricular changes, developing pedagogical projects, and producing educational materials. In theoretical terms, the study is supported by the views of the Bakhtin Circle in its dialogic concept of language as a collective creation of an integral dialogue between the cumulative I and the interlocutor; of language as a place of interaction whose meanings are produced by interlocutors in a given social, historical and ideological context; of genre, as recurring utterances that guide action as a collective event. It is argued that genre discursive education is that which takes into account the analysis of socio-historical aspects in a situation, emphasizing the speaker's willingness to enunciate, and then, from there, look for linguistic marks that reflect these situational marks in the text. To achieve the first objective, we analyzed plans and school syllabuses, interviewed teachers and observed classes in mother tongue courses in Chemistry, Construction and Electronics, offered by the professional school; to achieve the second objective, we visited companies in the surrounding area where students are often employed after leaving school, held interviews with their representatives and collected written material; to achieve the third objective we interviewed the people who were in charge of producing the chosen genre, External Activity Report, collected specimens of this genre and constructed categories of analysis, essentially trying to include the verbal and the extraverbal dimension of language, as proposed by Bakhtin.In general terms, it was found that 1) the concept of language that underlies the teaching of mother tongue in a professional school is instrumental and genre is conceived as a species or text family with stable characteristics, 2) that the professional sphere is a coercive space for ideological productions according to a specific logic, 3) that the school will only adopt an enunciative discursive perspective when it realizes that genre needs to be seen in the sphere of activity, as a reflection of reality. The present study, as a whole, represents the realization of a proposal in that direction.

Keywords: discursive genre; business sphere, Professional Education, Bakhtin Circle.

LISTA DE SIGLAS

CONVENÇÕES PARA TRANSCRIÇÕES DE DADOS DA ENTREVISTA
(Adaptado de Marcuschi, 1998, p. 10 - 14)

(...)	Transcrição parcial ou eliminação de trechos da transcrição, sendo utilizada apenas a parte necessária
( )	Comentário sobre a transcrição
[ ]	Retomada de informação
MAIÚSCULA	Ênfase ou acento mais forte
Ah,eh,ih	Pausa preenchida
...	Pequena pausa do entrevistado
E	Entrevistadora/Pesquisadora
P1, P2,P3	Professores do curso de Química, Edificações e Eletrônica, respectivamente
R1, R2, R3	Representantes da empresa de Química, Edificações e Eletrônica, respectivamente
PR1, PR2, PR3	Produtores de Relatórios de Atividade Externa em empresa de Química, Edificações e Eletrônica, respectivamente

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resumo de abordagens sobre gênero nos estudos da linguagem 49
Quadro 2 – Roteiro da entrevista a professores de Língua Materna em ensino profissionalizante.....104
Quadro 3 – Roteiro da entrevista a representante de empresas das área de Química, Eletrônica e Edificações 110
Quadro 4 – Roteiro da entrevista a elaborador de Relatório de Atividade Externa em empresa das áreas de Química, Edificações e Eletrônica 117
Quadro 5 - Categorias de análise da Instância Situacional.....125
Quadro 6 - Categorias de análise da Instância Composicional.....131
Quadro 7 - Categorias de análise da Instância Axiológica 136
Quadro 8 - Quadro comparativo entre os objetivos da disciplina de Redação Técnica do Curso de Edificações e as competências e habilidades propostas pelos PCN´s 146
Quadro 9 - Plano de ensino da disciplina de Redação Técnica do curso de Edificações.....148
Quadro 10 - Programa de ensino da disciplina de Redação Técnica do curso de Edificações.....149
Quadro 11 - Programa de ensino da disciplina Português do curso de Química ...151
Quadro 12 - Plano de ensino das disciplinas de Comunicação e Expressão I, II, III do curso de Eletrônica (Parte 1).....152
Quadro 13 - Plano de ensino das disciplinas Comunicação e Expressão I, II, III do curso de Eletrônica (parte 2) 153
Quadro 14 - Programas de ensino das disciplinas de Comunicação e Expressão I, II, III do curso de Eletrônica.....155
Quadro 15 - Gêneros discursivos de circulação em empresa da área Química.....194
Quadro 16 - Gêneros discursivos de circulação em empresa da área de Eletrônica 197
Quadro 17 - Gêneros discursivos de circulação em empresa da área de Edificações 201
Quadro 18 - Descrição dos Padrões de Organização Textual do gênero Relatório de Atividade Externa 222
Quadro 19 - Exemplificação dos Padrões de Organização Textual do gênero Relatório de Atividade Externa 226
Quadro 20 - Relação dos gêneros que circulam em empresas das áreas de Química, Eletrônica e Edificações e seu grau de recorrência 259
Quadro 21 - Relação entre os gêneros de circulação na esfera empresarial e os gêneros arrolados no programa de Língua Materna de Instituição profissionalizante 261
Quadro 22 - Possibilidades de gêneros para o ensino de Língua Materna na Educação Profissional.....262
Quadro 23 - Esquema de orientação para a confecção de material didático 274

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS 19

2.1 GÊNERO 20

2.1.1 Da Antiguidade ao século XX 21
2.1.2 Abordagens contemporâneas sobre gênero nos estudos da linguagem 31
2.1.2.1 Abordagem semiótica 32
2.1.2.2 Abordagem retórica 37
2.1.2.3 Abordagem interacionista sociodiscursiva 41
2.1.2.4 Abordagem dialógica 45
2.1.2.5 Síntese de algumas perspectivas para o estudo dos gêneros 48
2.1.3 Abordagem dialógica como base para a análise dos gêneros empresariais 49
2.1.3.1 Concepção de língua e linguagem 50
2.1.3.2 Enunciado 55
2.1.3.3 Gênero discursivo 62
2.1.3.4 Esfera 69

2.2 ESFERA EMPRESARIAL 75

2.2.1 Conceito e organização 76
2.2.2 Relações interpessoais na empresa 81
2.2.3 Comunicação empresarial 85

2.3 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL 92

2.3.1 Percurso histórico 93
2.3.2 De CEFET a IF 96
2.3.3 IF-Sul 98

3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS 100

3.1 INVESTIGAÇÃO DO TRATAMENTO DADO AO ENSINO DE GÊNERO NA INSTITUIÇÃO PROFISSIONALIZANTE 101

3.1.1 Ferramentas de investigação: programas e planos de ensino, observação de aulas, entrevista com professores 101
3.1.2 Cursos técnicos avaliados: Edificações, Química e Eletrônica 104

3.2 INVESTIGAÇÃO DOS GÊNEROS DE CIRCULAÇÃO NA ESFERA EMPRESARIAL 107

3.2.1 Ferramentas de investigação: entrevista com representante geral da empresa e coleta de material escrito 108
3.2.2 Empresas visitadas: Refinaria de petróleo, Usina de energia elétrica, Empresa da construção civil 112

3.3 INVESTIGAÇÃO DO GÊNERO RELATÓRIO DE ATIVIDADE EXTERNA 115

3.3.1 Ferramentas de análise: entrevista com redator/produtor de relatório, coleta de Relatórios de Atividade Externa 116
3.3.2 Fundamentação das categorias de análise do gênero Relatório de Atividade Externa..... 119

3.3.2.1 Instância Situacional.....122
3.3.2.2 Instância Composicional.....127
3.3.2.3 Instância Axiológica.....133

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... 138

4.1 A PERSPECTIVA DE GÊNERO NA INSTITUIÇÃO PROFISSIONALIZANTE..... 139

4.1.1 Planos e programas de ensino..... 143
4.1.2 Prática de sala de aula..... 158
4.1.3 Voz do professor..... 172
4.1.4 ESCOLA: reflexões gerais..... 185

4.2 ESPECIFICIDADES E GÊNEROS DE CIRCULAÇÃO DA ESFERA EMPRESARIAL 188

4.2.1 Empresa da área Química: Refinaria de petróleo 190
4.2.2 Empresa da área de Eletrônica: Usina de energia elétrica..... 195
4.2.3 Empresa da área de Edificações: Empresa de engenharia..... 198
4.2.4 EMPRESA: reflexões gerais 203

4.3 O GÊNERO RELATÓRIO DE ATIVIDADE EXTERNA 206

4.3.1 Instância Situacional..... 207
4.3.2 Instância Composicional 219
4.3.3 Instância Axiológica..... 242
4.3.4 ENSINO: reflexões gerais 254

5 ENCAMINHAMENTOS: PENSANDO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICAE SUGERINDO PRÁTICAS DE ENSINO..... 256

5.1 PROPOSTA CURRICULAR – POSSIBILIDADES..... 258

5.2 PROJETO DE ENSINO – POSSIBILIDADES 263

5.2.1 Esquema das etapas..... 264
5.2.2 Discriminação das etapas 265
5.2.3 Descrição das etapas..... 267

5.3 MATERIAL DIDÁTICO – POSSIBILIDADES..... 271

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 276

REFERÊNCIAS..... 283
ANEXOS 289

ANEXO A – DOCUMENTOS E AUTORIZAÇÕES 290

1- MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO AUTORIZADO ESCLARECIDO 290

2 - DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE PESQUISA- ESCOLA 290

3- DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE PESQUISA - EMPRESA 291

ANEXO B – ENTREVISTAS..... 292

1- ENTREVISTA COM PROFESSORES DE LÍNGUA MATERNA DE INSTITUIÇÃO PROFISSIONALIZANTE 292

2 - ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DE EMPRESAS DAS ÁREAS DE QUÍMICA, EDIFICAÇÕES E ELETRÔNICA..... 298

3 - ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS PRODUTORES DE RELATÓRIOS DE EMPRESAS DAS ÁREAS QUÍMICA, EDIFICAÇÕES E ELETRÔNICA 330

ANEXO C- RELATÓRIOS DE ATIVIDADE EXTERNA DE CIRCULAÇÃO EM EMPRESAS DA ÁREA DE QUÍMICA, EDIFICAÇÔES E ELETRÔNICA..... 348

1- EXEMPLAR 1..... 348

2- EXEMPLAR 2..... 352

3- EXEMPLAR 3..... 353

4- EXEMPLAR 4..... 355

1 INTRODUÇÃO

O domínio de habilidades linguísticas tem sido aspecto verdadeiramente reconhecido e valorizado em diferentes esferas da vida social, revelando-se meio de integração, ascensão e promoção escolar, acadêmica e profissional. Ainda que sejam significativas as mudanças ocorridas no modo de vida das sociedades nos últimos tempos, decorrentes principalmente dos avanços tecnológicos, a comunicação, em especial, a escrita, continua sendo fortemente utilizada na organização e no estabelecimento de relações interpessoais, representando, por vez, fator de vantagem ou desvantagem social.

Nesse sentido, professores de Língua Materna, em especial aqueles com formação na área de linguística aplicada, vêm constantemente se questionando sobre o processo de aprimoramento das habilidades linguísticas do aluno e buscando na literatura da área, mais especificamente nas novas teorias linguísticas, subsídios que possam contribuir de forma eficiente para o processo de ensino aprendizagem de Língua Materna, em sala de aula. Dentre as propostas da atualidade, destaca-se a perspectiva de gênero textual/discursivo[1], presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs (1999)[2], referencial da educação brasileira, a qual tem gerado um grande número de pesquisas e trazido inúmeras contribuições para o ensino. De acordo com a perspectiva de gênero discursivo, filiada à visão enunciativo-discursiva, base das reflexões da presente pesquisa, a língua não é tomada como sistema ou conjunto de regras a ser internalizada pelo indivíduo, mas como atividade, como interação, como um constante diálogo que vai adquirindo formas *relativamente estáveis* nos diferentes contextos da vida em sociedade e que não apenas reproduz ou reflete uma realidade, mas refrata e acrescenta o novo àquilo que já é dado.

Como, então, aplicar essa concepção de língua e os conceitos e noções daí advindos, no ensino de Língua Materna, em especial, no trabalho com alunos da Educação Profissional, área de investigação da presente pesquisa? Como preparar

---

[1] A distinção entre gênero discursivo e gênero textual, assim como as razões que levaram a pesquisadora a optar pelo trabalho de gênero discursivo, encontram-se respaldados nos capítulos subsequentes da presente pesquisa.

[2] Os PCNs, conforme literatura da área, têm sido objeto de críticas na atualidade, demonstrando necessidade de revisão, atualização e maior abrangência. Ainda que tenham sido publicados os PCNs +, em 2002, esse material representa orientações educacionais complementares aos PCNs, servindo apenas de material de apoio no desenvolvimento das competências.

o aluno para poder atuar de forma mais eficiente linguisticamente nas empresas? Como levá-lo a perceber as nuances da comunicação empresarial? Como torná-lo um leitor crítico dos textos da área e um escritor articulado, capaz de utilizar os recursos da língua como forma de atingir seus objetivos profissionais? Dominar o código escrito não torna o aluno bom redator de textos nem fluente leitor. Há muito mais a mostrar e a informar a ele, há muito mais a desvendar no misterioso processo da linguagem humana, aqui, em especial, nas produções da esfera de atividade empresarial, campo de atuação do aluno egresso da Educação Profissional.

E, em se tratando da Educação Profissional, tem sido visível, em nosso país, o constante crescimento desse segmento de ensino nos últimos tempos. São significativas as mudanças que nossos representantes têm dispensado a essa área em decorrência, principalmente, do crescimento da economia e da necessidade de profissionais que correspondam à nova realidade do mercado de trabalho. Nas últimas eleições presidenciais, chamou a atenção que, em grande parte dos discursos políticos, emergiram propostas voltadas à educação profissionalizante, e os candidatos, em busca de votos, mostravam-se dispostos a ampliar o número de vagas e a disponibilizar maiores investimentos no setor. Não só a mídia tem divulgado números e dados significativos desse crescimento, como tem sido visível essa nova realidade, em especial, o crescente surgimento de unidades, anexos, vinculados à Rede Federal de Educação Profissional. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), integrante da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, instituição de investigação da pesquisa, diferentemente de poucos anos atrás, é hoje formado por oito campi, estando cinco em atividade (Pelotas, Pelotas-Visconde da Graça, Sapucaia do Sul, Charqueadas e Passo Fundo) e quatro em fase de implantação (Bagé, Camaquã, Venâncio Aires e Santana do Livramento). Além disso, caracteriza-se pelo ensino verticalizado, ofertando educação profissional e tecnológica em diferentes níveis e modalidades de ensino, articulando educação superior, básica e tecnológica. Ora, essa nova realidade exige, sem dúvida, uma postura inovadora de todos aqueles comprometidos com a Educação Profissional no Brasil. Torna-se imprescindível redimensionar a prática pedagógica que vem sendo desenvolvida nas instituições profissionalizantes, propiciando aos futuros profissionais condições de desenvolver competências que lhes permitam acompanhar as transformações desencadeadas

pelas mudanças tecnológicas e organizacionais por que passam as estruturas sociais do setor produtivo.

E, dentro dessa perspectiva, um trabalho com gêneros pode ser relevante no ensino de Língua Materna, já que as teorias voltadas a essa concepção defendem primordialmente a tese de que todos os processos de comunicação: orais, escritos, literários, não literários... realizarem-se por meio de um determinado gênero. Seguir essa ótica na Educação Profissional significa a tentativa de substituir a atual visão de ensino de Língua Materna; extrapolar o conteúdo de português instrumental; estabelecer interface com disciplinas técnicas; conhecer as especificidades da esfera empresarial e compreender a relação inerente entre texto, contexto e sociedade. Assumir a perspectiva de gênero, aqui em especial a de gênero discursivo, é ampliar a visão de atuação do aluno, é garantir a ele a possibilidade de produzir textos que realmente funcionem na sociedade, diminuindo a artificialidade que, normalmente, o trabalho com texto apresenta na esfera escolar.

Para Bakhtin, a linguagem permeia toda atividade humana e como essas atividades são múltiplas e variadas, os gêneros também o são. “A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana. Nesse sentido, os gêneros crescem e se diferenciam à medida que um determinado campo ou esfera se desenvolve e se complexifica” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Fazer um levantamento dos novos gêneros que estão emergindo na esfera de atividade empresarial; verificar suas condições de produção; trazer à tona aspectos composicionais e valorativos que caracterizam as especificidades desse campo com intuito de oferecer um ensino mais próximo da realidade, torna-se imprescindível. Introduzir um trabalho sob a perspectiva de gênero no ensino da Educação Profissional representa a oportunidade de compreender as relações inerentes entre estruturas discursivas e estruturas sociais, representa dar ao aluno condições de aprimorar sua competência linguística como forma de atingir suas mais amplas intenções.

Considerando os contextos apresentados acima e a necessidade de desenvolver pesquisa cujos resultados possam contribuir de forma efetiva para o ensino de Língua Materna vir a ocupar de fato um espaço representativo na área de ensino profissionalizante, a presente pesquisa tem como objetivos:

1) Investigar, em instituição profissionalizante, se o ensino de Língua Materna vem contemplando a perspectiva de gênero discursivo em sua prática

pedagógica e acompanhando as transformações ocorridas na esfera empresarial, área de atuação do futuro profissional, de forma a satisfazer a nova realidade do mercado de trabalho.

2) Apreender as particularidades das empresas que recebem os alunos egressos da Instituição e os gêneros discursivos escritos que vêm se consolidando nessa esfera, caracterizando suas especificidades e seu funcionamento.

3) Compreender, descrever e interpretar o gênero Relatório de Atividade Externa[3], gênero de circulação significativa na esfera empresarial, sob a instância Situacional, Composicional e Axiológica, visando não apenas dar subsídios a professores a adotarem uma perspectiva discursiva no ensino de Língua Materna, mas também propiciar condições capazes de promover mudanças curriculares, desenvolvimento de projetos pedagógicos e elaboração de material condizente com a realidade desse segmento de ensino.

Para atingir tais objetivos, o trabalho foi organizado da seguinte forma: após à introdução, segue o Capítulo 2, denominado Princípios Teóricos, no qual estão fundamentadas noções e conceitos que sustentam as reflexões do presente estudo. Este capítulo está dividido em três grandes subcapítulos, assim denominados: Gênero, Esfera Empresarial e Educação Profissional.

No primeiro, faz-se inicialmente uma breve menção aos estudos de gênero desde a Antiguidade até o século XX, trazendo uma reflexão crítica sobre aspectos importantes da Retórica de Aristóteles, que ecoam na moderna voz de Bakthin e evidenciando o quanto a noção de gênero tomou acepções diferentes ao longo do desenvolvimento das ciências, em especial na literatura, até abarcar diversas formas de comunicação humana na perspectiva bakhtiniana. Na seção seguinte, faz-se um levantamento de algumas propostas teórico-metodológicas sobre gênero em voga na atualidade, ressaltando principais autores, referências epistemológicas, conceitos-base e objetivo da análise de cada uma delas. Por fim, fundamenta-se, de forma verticalizada, dentre as diversas abordagens, aquela que vai sustentar o desenvolvimento da presente pesquisa, no caso, a abordagem dialógica, a partir dos princípios bakhtinianos. Todo esse estudo introdutório, retrospectivo e crítico de concepções de gênero, ao longo da história da ciência,

[3] Tal designação inclui o relatório de viagem, de treinamento e de visita técnica, ou seja, produções que requerem de seu produtor o relato de atividades realizadas fora da empresa. Maiores considerações a respeito da escolha dessa designação encontram-se fundamentadas no capítulo 3.

teve como objetivo não só iluminar o objeto de estudo desta pesquisa e compreender como ele, no caso, o gênero, pode tomar acepções tão distintas de acordo com a perspectiva da qual é visto, mas, principalmente, de ter subsídios para realizar escolha de proposta teórico-metodológica adequada, capaz de ir ao encontro dos objetivos a que se propõe o estudo. No segundo subcapítulo, intitulado Esfera Empresarial, faz-se uma caracterização sobre o mundo corporativo a fim de oferecer ao leitor informações situacionais importantes para o entendimento das discussões, análises e futuras considerações desenvolvidas. No terceiro, denominado Educação Profissional, apresenta-se uma retrospectiva histórica desse segmento de ensino, enfatizando a trajetória, os desafios e o crescimento dessa modalidade nos últimos tempos. Finaliza-se esse capítulo com informações gerais sobre a Instituição de Ensino, local de investigação da pesquisa, e para o qual os resultados, em primeira instância, serão direcionados.

No Capítulo 3, são definidos os princípios metodológicos deste estudo. Na tentativa de averiguar se o ensino de Língua Materna, em instituição profissionalizante, vem contemplando o enfoque de gênero e acompanhando as transformações ocorridas na esfera empresarial, área de atuação do futuro profissional, foram observadas aulas, analisados planos e programas de ensino e entrevistados professores de Língua Materna dos cursos de Química, Eletrônica e Edificações. A fim de apreender as particularidades das empresas que recebem os alunos egressos da Instituição e os gêneros discursivos que nelas circulam, foram realizadas entrevistas com representantes de empresas das áreas citadas, assim como coletado material. Já para alcançar o terceiro objetivo: compreender, descrever e interpretar o gênero Relatório de Atividade Externa, gênero de circulação significativa na esfera empresarial, sob a perspectiva dialógica, foram entrevistados profissionais que costumam produzir esse gênero na empresa, coletados exemplares desse gênero e definidas três instâncias de análise, denominadas, para fins desta pesquisa, de Instância Situacional, Instância Composicional e Instância Axiológica.

No Capítulo 4, apresenta-se análise e discussão dos resultados, capítulo também dividido em três segmentos, respondendo a cada um dos objetivos propostos. De forma geral, comprovam-se, no primeiro segmento, os pressupostos levantados para a presente pesquisa, o de que a escola ainda não compreendeu de forma efetiva a abordagem de ensino de gênero, proposta do atual referencial da

educação e não vem acompanhando as transformações da esfera empresarial de forma a oferecer um ensino de Língua Materna condizente com a realidade do futuro profissional prestes a ingressar no mercado de trabalho do setor produtivo. Em seguida, no segundo segmento, a pesquisa vem demonstrar que a empresa tem especificidades e produz gêneros próprios que atendem a suas necessidades e, no terceiro, apresenta a análise de um gênero de circulação efetiva na empresa, sob a Instância Situacional, Composicional e Axiológica, concretizando, de forma efetiva, uma análise sob o enfoque de gênero discursivo.

No Capítulo 5, e último da pesquisa, apresenta-se uma reflexão a respeito da Transposição Didática e de possibilidades a serem implementadas no ensino de Língua Materna de instituição profissionalizante. Essa reflexão tem como pretensão fornecer subsídios práticos a professores no sentido de adotarem uma nova conduta no ensino da disciplina: promover mudanças curriculares, desenvolver projetos pedagógicos e elaborar material condizente com a realidade desse segmento educacional

Assim, a pesquisa, de modo geral, vem comprovar a tese de que a escola só trabalhará sob a perspectiva de gênero discursivo quando compreender que o gênero precisa ser visto sob a esfera da atividade, espaço de refração da realidade, e o presente estudo, como um todo, representa a concretização de uma proposta nessa direção. Trabalhar sob essa ótica, no ensino profissionalizante, é possibilitar ao aluno compreender que as produções que circulam na esfera empresarial, sua futura área de atuação, são resultados das peculiaridades dessa esfera. E necessário que a escola tire gênero do texto e o coloque no discurso. Somente a partir dessa compreensão que a escola vai efetivamente trabalhar sob a perspectiva de gênero discursivo dentro de uma abordagem de língua enunciativo-discursiva.

Acredita-se que a relevância deste estudo reside no fato de trazer uma reflexão oriunda das três realidades envolvidas no fenômeno: da escola, na voz do professor; da empresa, na voz de seu representante; e do ensino, na voz do aluno egresso de instituição profissionalizante e produtor do gênero na empresa, cobrindo, assim, a rede de interlocução necessária e indispensável à compreensão da esferas – escolar e empresarial – e à consecução dos objetivos propostos. Já o fato de se tomar como objeto de reflexão gêneros empresariais, sob a ótica discursiva, com vistas à aplicação no ensino profissionalizante, imprime um caráter de

singularidade à pesquisa, já que são raros os estudos nos meios acadêmicos direcionados a essa modalidade de ensino.

Ressalta-se, ainda, que a presente pesquisa foi motivada por um estudo realizado junto a professores e alunos egressos da Instituição e atuantes no mercado de trabalho, no ano de 2008, período inicial do curso de doutoramento. A partir do contato com esses informantes, foi possível conhecer, de maneira mais próxima, as necessidades dessa realidade, tomar conhecimento de gêneros emergentes da esfera empresarial e, a partir daí, delinear o objetivo e o percurso da pesquisa. Esse estudo piloto, apresentado e discutido no VIII Celsul, encontra-se disponível nos anais do evento.[4]

Por fim, cabe dizer que a pesquisadora procurou caminhar verdadeiramente no sentido de aliar ciência, pesquisa e ensino, com intuito de não apenas concretizar conceitos e noções das atuais teorias linguísticas, mas – de forma pretensiosa – afetar e/ou modificar positivamente a vida das pessoas no plano individual e coletivo, em especial daquelas envolvidas e comprometidas com a Educação Profissional no País.

[4] Disponível em: <http:www.celsul.org.br/.../08/condicoes_de_producao_atividade_empresarial> Acesso em: 20 fev. 2011.

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS

Este primeiro capítulo tem como objetivo sedimentar os três pilares que sustentam as reflexões da presente pesquisa: gênero, esfera empresarial e Educação Profissional.

Sobre gênero, procura-se percorrer o vasto caminho trilhado por essa noção desde a Antiguidade Clássica passando pela retórica e pela literatura, até chegar ao século XX. Em seguida, faz-se um levantamento de abordagens atuais que emergiram sobre gênero nos estudos da linguagem para, a partir daí, fundamentar, em seção especial, aquela que efetivamente embasa as reflexões e análises do presente estudo.

Sobre esfera empresarial, procura-se, a partir da literatura da área, em especial à de gestão e administração de empresas, conhecer as particularidades dessa esfera, em especial aspectos relacionados a conceitos, tipos, estrutura, organização, relações interpessoais e comunicação empresarial.

Já em relação à Educação Profissional, traz-se uma retrospectiva dessa modalidade de ensino no país, enfatizando sua história, trajetória e desafios. Além disso, apresenta-se um panorama da Educação Profissional na atualidade, e seu visível crescimento nos últimos anos e finaliza-se o capítulo com informações gerais sobre a Instituição, IF-Sul, local de investigação e futura aplicação dos resultados da pesquisa.

2.1 GÊNERO

> *A aranha realiza operações que lembram o tecelão, e as caixas suspensas que as abelhas constroem envergonham o trabalho de muitos arquitetos. Mas até mesmo o pior dos arquitetos difere, de início da mais hábil das abelhas, pelo fato de que antes de fazer uma caixa de madeira, ele já a construiu mentalmente. No final do processo do trabalho, ele obtém um resultado que já existia em sua mente antes de começar a construção. O arquiteto não só modifica a forma que lhe foi dada pela natureza, como também realiza um plano que lhe é próprio, definindo os meios, e o caráter da atividade aos quais ele deve subordinar sua vontade.*(Karl Marx)

> *Ao construir nosso discurso, sempre nos antecede a totalidade do nosso enunciado, tanto na forma de um esquema genérico determinado, como na forma de uma intenção discursiva individual. Não partimos de palavras soltas, não seguimos de uma palavra a outra, mas atuamos como se fôssemos preenchendo um todo com palavras necessárias. (Bakhtin)*

Considerando que uma pesquisa é um processo de construção em que o pesquisador vai ao longo de seu caminho tomando conhecimento de novos pontos de vista e defrontando-se com novas nuances sobre seu objeto, optou-se por apresentar aqui o percurso verdadeiramente percorrido nessa trajetória. Ao se tomar o gênero como objeto de estudo, resolveu-se retroceder a linha do tempo para tomar conhecimento de como esse objeto foi, ao longo da História, tomando acepções diferentes até chegar ao século XX, com Bakhtin, o qual ampliou a concepção de gênero, introduzindo-o aos estudos da linguagem.

Assim, na primeira seção, o que se faz é resgatar diferentes concepções de gênero anteriores a Bakhtin com intuito de não apenas confrontar posições que emergiram ao longo do tempo, mas fazer uma reflexão crítica de como vozes de diferentes espaços e épocas se cruzam na imensa rede da comunicação humana. Logo em seguida, na segunda seção, chega-se ao século XX, ou ainda, à contemporaneidade, e faz-se um levantamento de algumas abordagens teórico-metodológicas construídas no campo da linguística sobre gênero – abordagem semiótica, abordagem retórica, abordagem interacionista-sociodiscursiva, abordagem dialógica – evidenciando conceitos, autores, princípios epistemológicos, conceitos base, objetivo da análise. Acredita-se que ao tomar conhecimento de diferentes perspectivas criam-se condições capazes de fazer escolhas mais adequadas e fundamentadas, além de se perceber e compreender o objeto de estudo sob diversas óticas. Já, na última seção, verticaliza-se, então, aquela que,

dentre as estudadas, revelou-se mais ampla e articulada, além de ter demonstrado ser a mais apropriada à consecução dos objetivos da pesquisa. É, portanto, nessa seção, que se apresentam efetivamente os fundamentos e conceitos da perspectiva dialógica, em especial a de gênero discursivo, teoria base da presente pesquisa. Diferentemente do modelo padrão, a pesquisa não inicia fundamentando a teoria escolhida, apresenta um panorama geral e crítico de diferentes propostas para, então, fundamentar a proposta base. Cabe salientar, no entanto, que alguns conceitos e noções provenientes das demais abordagens – semiótica, retórica, interacionista sócio discursiva − se fazem presentes na formulação de categorias de análise da presente pesquisa, categorias fundamentadas no capítulo Princípios Metodológicos, como será visto posteriormente. Tais noções foram tomadas emprestadas em decorrência principalmente do caráter pedagógico das propostas e de sua aplicabilidade no tratamento e ensino de gêneros.

2.1.1 Da Antiguidade ao século XX

A revisão da literatura mostra que a noção de gênero tem origem na Antiguidade. Desde aquela época até os nossos dias, diferentes concepções foram sistematizadas conforme as diferentes visões de homem e de mundo, defendidas ao longo de nossa história. A ideia de que o "agir" e o "falar" são faculdades humanas que estão efetivamente imbricadas fez com que diferentes suposições sobre a organização dessa realidade fossem formuladas e sustentadas.

Segundo Faria (1994), na Grécia Antiga, a palavra tinha uma importância singular. "Falar bem era uma arma política de fundamental importância". Nesse sentido, fica evidente o caráter político-pedagógico das obras classificatórias dos gêneros da época. Os propósitos justificavam o esforço em discriminar e, mais ainda, em prescrever as "formas de dizer", dentro de modelos a serem seguidos pelos cidadãos que visavam maior participação política. (FARIA, 1994, p.16-17)

Aristóteles, defensor de uma concepção de mundo organizado de acordo com uma hierarquia rígida, propõe-se, em sua obra *A arte Retórica,* a compreender como a persuasão se produz. Para ele, a oratória é organizada em três tipos ou gêneros: *judiciário*, *deliberativo* e *demonstrativo*, cada um dos quais destinava-se a

uma situação específica, a qual determinava o conteúdo de sua argumentação e revelava uma dimensão temporal.

O gênero *judiciário* associava-se às cortes de justiça, isto é, às sessões dos tribunais. Julgava os acontecimentos em certo/errado, culpado/inocente, estando, portanto, voltado para ações passadas. O ouvinte, nesse gênero, exercia as funções de juiz e tinha de se pronunciar sobre acontecimentos pretéritos. A ação judiciária comportava dois lados, o da acusação e o da defesa. Sobre isso, Aristóteles afirma que

> um homem citado para comparecer em juízo pode não contestar a realidade do fato ou do dano; mas o que por nada deste mundo ele não pode confessar é que tenha procedido injustamente, pois, em tal caso, não haveria matéria de processo. (ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p.41)

Ao gênero deliberativo pertencia o discurso efetuado no conselho ou assembleia da cidade, a fim de deliberar sobre assuntos de interesse comunitário. A preocupação desse gênero era persuadir ou dissuadir, ou melhor, aconselhar ou desaconselhar o interlocutor, demonstrando a utilidade e benefícios ou as vantagens das causas em questão. Voltava-se, portanto, para ações futuras. Uma característica importante desse gênero é a busca pela felicidade em todos os seus aspectos, ou seja, deliberava-se com a finalidade de alcançar uma condição de vida feliz. Para o autor

> Com leves diferenças, cada homem em particular e todos os homens em comum se propõem um fim, para cuja consecução buscam certas coisas e evitam outras. Este fim, digamo-lo sumariamente, é a felicidade e os elementos que a constituem. [...] uma vez que todas as discussões tendentes a aconselhar ou a desaconselhar giram em torno da felicidade, de suas partes componentes e daquilo que lhe é contrário. Daí, a necessidade de fazer tudo o que traz a felicidade ou alguma de suas partes, ou aquilo que a aumenta, ao passo que se deve evitar fazer o que a destrói ou corrompe ou que suscita um estado contrário. Admitamos, pois, ser a felicidade um êxito que corre a par com a virtude [...](ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p. 39.)

O gênero *demonstrativo* ou e*pidíctico* destinava-se às celebrações públicas; preocupava-se com o louvor e a censura e, para tanto, apoiava-se no estado presente. Enquanto o discurso deliberativo almejava a felicidade e a honra, o discurso demonstrativo preocupava-se com a sua manutenção. Aristótoles diz:

> Para o gênero demonstrativo, o essencial é o presente, porque para louvar ou para censurar apoiamo-nos sempre no estado presente das coisas; contudo sucede que frequentemente utilizamos a lembrança do passado ou presumimos o futuro. (ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p.32)

Da leitura de Aristóteles, três aspectos chamam a atenção e aqui merecem destaque. Primeiramente, a presença do ouvinte como elemento fundamental para a categorização dos gêneros; em segundo lugar, a variedade de fatores levados em conta na formação dos gêneros e, por último, a consideração feita ao caráter de evolução dos gêneros e de imbricação entre eles. A análise desses aspectos permite verificar que a voz de Aristóteles ecoa nas modernas teorias de gênero, em especial, na de Bakhtin.

Em relação à presença do ouvinte, Aristóteles diz:

> Com efeito, um discurso comporta três elementos: a pessoa que fala, o assunto de que se fala e a pessoa a quem se fala; e *o fim do discurso refere-se a esta última, que eu chamo o ouvinte.* O ouvinte é, necessariamente, espectador ou juiz; se exerce as funções de juiz, terá de se pronunciar ou sobre o passado ou sobre o futuro. Aquele que tem de decidir sobre o futuro é, por exemplo, o membro da assembleia; o que tem de se pronunciar sobre o passado é, por exemplo, o juiz propriamente dito. Aquele que só tem que se pronunciar sobre a faculdade oratória é o espectador. Donde, resultam necessariamente três gêneros de discursos oratórios: o gênero deliberativo, o gênero judiciário e o gênero demonstrativo (ou epidíctico) (ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p.32, grifo da pesquisadora)

É possível verificar que Aristóteles reconhece ter o ouvinte uma posição de destaque no processo comunicativo, diferentemente da maioria dos linguistas do século XIX e XX que relegaram ao destinatário, durante muito tempo, uma posição passiva. Nesse sentido, ainda que sejam consideráveis as diferenças epistemológicas entre os autores, pode-se perceber certa aproximação entre as abordagens, principalmente quando Bakhtin evidencia a posição ativa-responsiva do ouvinte, afirmando que

> o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele [falante] uma ativa posição responsiva: concorda, discorda dele, completa-o, aplica-o... toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003, p. 271).

Além disso, Bakhtin ao tratar da noção de *endereçamento* chama a atenção à importância do papel do ouvinte na formação do gênero, já que para ele "Cada gênero do discurso em cada campo de comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero*"* (BAKHTIN, 2003, p. 301). Mais adiante, ainda afirma que "sem levar em conta a relação do falante com o outro e seus enunciados (presentes e antecipáveis), é impossível compreender o gênero ou estilo do discurso*".* (BAKHTIN, 2003, p. 304).

Obviamente que a reflexão sobre a importância do ouvinte na constituição do gênero tem em Bakhtin proporções mais amplas do que em Aristóteles, até porque aquele se propõe a abarcar a linguagem em sua complexidade e este tem apenas preocupação com parte da comunicação: a retórica. Isso não impede, no entanto, de fazer algumas aproximações até porque, ratificando as próprias palavras de Bakhtin "o que foi ouvido e ativamente entendido reponde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte*"* (BAKHTIN, 2003, p. 272) e, certamente, Bakhtin foi leitor dos clássicos, já que os menciona diversas vezes em sua obra.

O segundo aspecto interessante a ser considerado em Aristóteles diz respeito à variedade de características que o autor leva em conta para categorizar os gêneros, ou seja, não se limita apenas ao plano da forma – critério comumente usado no tratamento com gêneros literários – mas considera aspectos relacionados à intenção, às estratégias e aos valores envolvidos no processo de construção do

discursivo. Essa preocupação com a essência de seu objeto de estudo não está presente apenas na retórica, mas também emerge na poesia. Em *Arte Poética* (1959), o autor, em seu primeiro capítulo, afirma:

> Propomo-nos tratar da produção poética em si mesma e de seus diversos gêneros, dizer qual a função de cada um deles; como se deve construir a fábula, no intuito de obter o belo poético; qual o número e a natureza de suas diversas partes, e falar igualmente dos demais assuntos relativos a esta produção. (ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p. 269)

Ao longo da obra, o autor caracteriza minuciosamente os gêneros *tragédia, epopeia e comédia*, evidenciando diferentes aspectos em sua formação, dentre eles o caráter imitativo. Para Aristóteles, a imitação é uma tendência natural do ser humano e consequentemente do poeta e, é, a partir desse critério, o caráter imitativo, que o filósofo embasa o sistema de classificação das diferentes espécies de poesia.

Ainda nessa perspectiva, chama a atenção os fatores que Aristóteles utiliza para caracterizar os gêneros retóricos: *auditório, tempo, finalidade e valor,* os quais são amplamente explanados em sua obra e parecem remeter, ainda que de forma indireta e respeitando as especificidades de cada contexto, ao que conhecemos hoje como as condições de produção dos gêneros.

O terceiro aspecto diz respeito ao fato de Aristóteles mencionar o caráter de proximidade, imbricação e ao mesmo de tempo de flexibilidade e variabilidade dos gêneros. O autor não utiliza, certamente, esses termos para caracterizar os gêneros, e também não era essa a preocupação central de suas reflexões, no entanto é possível verificar essa ideia emergir em meio a suas reflexões. Em *Arte Retórica,* Aristóteles afirma que um gênero pode *colher elementos de outros gêneros* (ARISTÓTOLES,III a.C./1959, p. 34) e mais adiante discorre sobre as semelhanças entre o gênero demonstrativo e o deliberativo. Dessa feita, afirma que

> O fim do gênero deliberativo é o útil ou o prejudicial, pois quando se dá um conselho, este é apresentado como vantajoso, e quando se pretende descartá-lo, ele é apresentado como funesto. Por vezes este gênero toma algo dos outros, por exemplo o justo ou o injusto, o belo ou o feio. O fim dos pleiteantes é o justo ou o injusto, mas acontece que também eles colhem elementos dos outros gêneros... Quando se louva ou se censura , quando se aconselha ou se desaconselha, quando se acusa ou se defende, ninguém se empenha só em demonstrar o que afirmou; mas todos se propõem, além disso, mostrar a importância, grande ou pequena do bem e do mal , do belo e do feio, do justo e do injusto, que o assunto encerra, quer estes pontos sejam tratados em si separadamente, quer sejam mutuamente postos em confronto e oposição. (ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p.32 - 34)

> O elogio e os conselhos pertencem a uma espécie comum. O que podemos inserir num discurso, quando damos conselhos, torna-se matéria de panegírico, se lhe mudarmos a forma. Uma vez que conhecemos os atos que se devem cumprir e o caráter que se deve mostrar, será mister mudar a maneira de nos exprimirmos em formas de preceitos e adaptá-la ao gênero demonstrativo. (ARISTÓTELES, III a.C./1959, p.66)

Em *Arte Poética*, o autor também faz referência a esse aspecto, salientando não só o caráter de transformação e evolução dos gêneros poéticos, em especial do gênero *tragédia*, como também o caráter de imbricação entre distintos gêneros poéticos, como a *tragédia* e a *epopeia*. Aristóteles afirma:

> Nascida, em seus inícios, da improvisação, a tragédia (como, aliás, a comédia, aquela procedendo dos autores de ditirambos, esta dos cantos fálicos, de que todavia persiste o hábito em muitas cidades), a tragédia digo, evoluiu insensivelmente, pelo desenvolvimento progressivo de quanto nela se manifestava. De transformação em transformação o gênero fixou-se, logo que atingiu sua forma natural. (ARISTÓTOLES, III a.C.1959, p.275)

> Nisto a epopeia difere da tragédia. E também nas dimensões. A tragédia empenha-se, na medida do possível, em não exceder o tempo de uma revolução solar, ou pouco mais. A epopeia não se limita assim em sua duração; e esta é outra diferença. Se bem que, no princípio, a tragédia do mesmo modo que as epopeias, não conhecesse limites de tempo. Quanto às partes constitutivas, umas são comuns à epopeia e à tragédia, outras são próprias desta última. Por isso que numa tragédia souber discernir o bom e o mau, sabê-lo-á também na epopeia. Todos os caracteres que a epopeia apresenta encontram-se na tragédia, mas nem todos os caracteres desta última encontram-se na epopeia. (ARISTÓTOLES, III a.C./1959, p. 278)

Esses aspectos chamam, sem dúvida, a atenção do leitor, já que foram levantados há mais de dois mil anos e apresentam ecos em modernas teorias de gêneros, em especial na de Bakhtin. Obviamente que cada um dos autores traz

peculiaridades em suas reflexões, já que suas teorias foram produzidas em contextos específicos e partiram de objetivos diferentes. Sabe-se que a concepção de gênero de Aristóteles traz embutida a retórica, a questão da persuasão e que a concepção de Bakhtin é muita mais ampla, abarcando toda forma de ação social e para quem todas as atividades sociais são mediadas pela linguagem, que se configuram em gêneros discursivos. Isso, no entanto, não impede de se fazer, como aqui foi feito, algumas aproximações, que, a princípio, parecem pertinentes, mas que merecem, sem dúvida, maior estudo e aprofundamento.

Continuando a retrospectiva pelo tempo, mas permanecendo ainda na Antiguidade, paralelamente a essa concepção de gênero discursivo retórico de Aristóteles, encontram-se as primeiras impressões de gênero na literatura, principalmente as de Platão, tratadas no livro III, da República. E até hoje, muitos estudos e muitas análises da área remetem aos gêneros *lírico, épico e dramático*, divisão clássica da literatura, proposta por esse pensador. Nessa perspectiva, a concepção de gênero firma-se efetivamente na área da literatura e repercute nos diversos movimentos e escolas, como fator relevante da metalinguagem do sistema literário.

Mais adiante, dentre as diversas escolas da história da literatura, chama a atenção o movimento do Romantismo, ocorrido nos séculos XVIII e XIX quando o sistema classificatório de gênero literários é fortemente questionado. Victor Hugo, figura expoente do Romantismo europeu, no prefácio de *Cromwell* (1827) afirma "Destruamos as teorias, as poéticas e os sistemas" (HUGO, 2002, p. 64) e dedica-se a defender, ao longo de todo o prefácio, essa postura. Assim, uma nova concepção de homem e de mundo, baseada na liberdade, no individualismo e na rejeição de modelos preestabelecidos faz com que a concepção de gênero seja rejeitada veementemente por pensadores da época. Provavelmente, a incapacidade do sistema de dar conta da evolução histórica a que os gêneros estão submetidos justifica a tendência da época romântica de se desvencilhar das propostas classificatórias.

Na verdade, não só no Romantismo como também na atualidade é possível encontrar estudiosos que se posicionam contrários a refletir sobre aspectos recorrentes em termos textuais, discursivos, literários ou artísticos. Acreditam que toda e qualquer produção pertence a ela mesma e que delinear a distinção e o limite representa violação a sua própria essência. Maurice Blanchot, eminente escritor e

teórico da literatura francesa, critica com veemência qualquer tentativa de sistematização, afirmando que

> Apenas o livro importa, tal como é, distante dos gêneros, fora das rubricas, prosa, poesia, romance, testemunho, sob as quais recusa-se colocar e às quais denega o poder de lhe fixar seu lugar e de determinar sua forma. Um livro não pertence mais a um gênero, todo livro depende tão somente da literatura, como se esta detivesse antecipadamente, em sua generalidade, os segredos e as fórmulas, os únicos que permitem dar ao que se escreve realidade de livro. Tudo se passaria, pois, como se, tendo-se dissipado os gêneros, a literatura se afirmasse sozinha, brilhasse sozinha na claridade misteriosa que ela propaga e que cada criação literária lhe devolve multiplicando-a – como se houvesse, por conseguinte, uma essência da literatura. (BLANCHOT apud TODOROV, 1980, p.43-4)

Há, nesse dizer, um aspecto que merece reflexão e posicionamento, até como forma de justificar o trabalho com gêneros. O homem, ao fazer ciência, não foge de atitudes como a de comparar, avaliar, restringir, delimitar, classificar. O fato de um estudioso se deparar com uma produção que *desobedece* às regras de um determinado gênero não pode representar anulação de seu processo de sistematização: muito pelo contrário, deve representar, sim, o seu crescimento e a sua própria evolução. Se não há transgressão, não há evolução. Aliás, a norma só existe a partir da transgressão: é a exceção que revela a norma. Essa atitude de fazer ciência é comum em várias áreas científicas e não poderia deixar de ser na do texto, do discurso e da literatura. Legitimar o estudo do gênero é legitimar o próprio caráter da ciência, até porque o conceito de gênero evoluiu de tal forma que hoje não se relaciona apenas à literatura, mas a diferentes perspectivas: discursiva, social, cognitiva, cultural e outras. Negar o estudo de gêneros, aqui no sentido de recorrência textual e discursiva, é negar a evolução, é negar os esquemas de apoio que ajudam a compreender o mundo.

Dando continuidade a nossa *viagem* , chega-se, finalmente, ao século XX. Em seu início, com o reconhecimento da linguística como ciência, a concepção de gênero toma novos direcionamentos. Breure (2008) afirma que os formalistas russos, escola literária liderada por Victor Shklovsky, retomaram estudos sobre gênero *"*embasando-se completamente nas técnicas linguísticas de Saussure e na noção simbolista sobre autonomia dos textos. Eles buscaram tornar seu discurso crítico mais objetivo e enfatizaram a importância da forma sobre o conteúdo" (BREURE, 2008, p.1). Nesse sentido, viam a literatura como a língua é vista por

Saussure: um sistema complexo de unidades formalmente organizadas. Mais adiante, Breure afirma:

> Com relação ao gênero, os formalistas elaboraram o legado romântico de maneira inovadora. Eles mantiveram o conceito de evolução e viram a história literária e o desenvolvimento dos gêneros como um processo dinâmico. Um gênero não pode ser um sistema estático, pois um novo gênero se desenvolve da consciência de que o gênero antigo foi suplantado por um novo. A evolução literária é descontínua. Em um período no qual o gênero está se desintegrando, ele muda do centro para a periferia, e alguma coisa mais em voga toma o seu lugar... Além da forma os formalistas enfatizaram a função. Ambas evoluíam com o tempo. Uma nova forma surge, porque uma antiga esgotou suas possibilidades para realizar sua função. (BREURE, 2008, p.1)

Os formalistas, assim como os românticos, mantiveram o conceito de evolução dos gêneros, concebendo como processo dinâmico a história da literatura e, consequentemente, os gêneros literários, no entanto, não abdicaram da possibilidade de sistematização. A contribuição maior da perspectiva formalista estava em ver a evolução do gênero ocorrer não só na forma como também em sua função.

Foi, ainda, no século XX, devido aos estudos de Mikhail Bakhtin, que o interesse pelos gêneros ultrapassou efetivamente o ramo da literatura para abranger todas as formas de comunicação e ser, finalmente, introduzido nos estudos da linguagem, em especial na Linguística. Hoje, quando se fala em gênero normalmente associa-se tal conceito à teoria de gênero de Bakhtin, o qual representa um dos maiores pensadores do século XX e um teórico fundamental da língua.

Para o círculo bakhtiniano, a linguagem permeia toda a vida social e exerce um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos. Em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem, produzida juntamente com Volochinov,* está boa parte da teoria da linguagem e do dialogismo. E diferentemente de Saussure, pai da Linguística, o pensador russo enfatiza a complexidade das manifestações da linguagem, em situações sociais concretas, e não na *langue*, sistema abstrato, com suas características formais passíveis de serem repetidas.

Bakhtin concebe a linguagem como uma criação coletiva integrante de um diálogo cumulativo entre o "eu" e o "outro", entre muitos "eus" e muitos "outros"[5].

Em *Estética da Criação Verbal*, em especial no texto *Os gêneros do discurso* emerge o conceito de gênero discursivo relacionado a sua visão de língua. Para Bakhtin,

> a língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, os quais refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo por sua construção composicional . Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominamos *gêneros do discurso.* (BAKHTIN, 2003, p.261-2)

Para o autor, como a linguagem permeia toda atividade humana e como essas atividades são múltiplas e variadas, os gêneros também o são. "A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana*"* (BAKHTIN, 2003, p. 262). Nesse sentido, os gêneros crescem e se diferenciam à medida que um determinado campo ou esfera se desenvolve e se complexifica.

Sabe-se que a concepção de gênero, a partir de Bakhtin, tomou diversas perspectivas, tornando-se uma abordagem multidisciplinar, instigando profissionais das mais diversas áreas: literatura, sociologia, educação, linguística da computação, etc. Dentre os diversos conceitos, gênero pode ser definido, segundo Marcuschi (2008), como: uma categoria cultural, um esquema cognitivo, uma forma de ação social, uma estrutura textual, uma forma de organização social, uma ação retórica. Na verdade, gênero pode englobar todos esses indicadores, dependendo da perspectiva que se quer observar e analisar.

Em relação às perspectivas em curso no Brasil e no exterior, destacam-se: *a perspectiva semiótica, a perspectiva retórica, a perspectiva interacionista sociodiscursiva, a perspectiva dialógica,* dentre outras, trazendo cada uma delas

[5] A teoria dialógica, juntamente com seus principais conceitos, em especial o de gênero discursivo, enunciado, esfera de atividade, encontra-se respaldada mais adiante, quando, então, faz-se a escolha da perspectiva teórica central desta pesquisa, contrapondo-a com as demais abordagens de gênero na atualidade.

suas especificidades, em termos teóricos e práticos. Essas perspectivas serão apresentadas resumidamente em seção posterior, para que, em seguida, se possa justificar e fundamentar a escolha teórica-metodológica que embasará as análises desta pesquisa.

Por fim, cabe salientar que Bakhtin representa uma espécie de bom senso entre os autores, fornecendo "subsídios teóricos de ordem macroanalítica e categorias mais amplas e pode ser assimilado por todos de forma bastante proveitosa". (MARCUSCHI, 2008, p. 152)

2.1.2 Abordagens contemporâneas sobre gênero nos estudos da linguagem

Para iniciar esta seção, retomam-se as palavras de Marcuschi, o qual afirma que "o estudo dos gêneros não é novo, mas está na moda" (MARCUSCHI, 2008, p. 147) ou, ainda, de Gandlin, citado pelo mesmo autor, para quem *o "*gênero é um conceito que achou seu tempo" (MARCUSCHI, 2008, 149). Realmente, é notável, nos últimos anos, a proliferação de pesquisas desenvolvidas, nas mais diversas áreas (sociologia, literatura, ciência da cognição, linguística da computação, análise do discurso) em torno da questão dos gêneros; assim como é expressivo o número de perspectivas teórico-metodológicas que vem se consolidando como forma de sustentar tais reflexões.

A revisão da literatura mostra que não há consenso quanto ao enquadramento dessas propostas em termos de classificação, portanto o que se pretende aqui representa apenas um levantamento das principais tendências em voga na atualidade, não só como forma de complementar a visão panorâmica sobre o estudo de gênero – objetivo do presente capítulo – mas, principalmente, como forma de dar subsídios para delimitação e justificativa da escolha teórica e metodológica que sustentará o desenvolvimento da presente pesquisa a ser apresentada, delimitada e fundamentada na seção seguinte. Cabe frisar que alguns conceitos e noções dessas abordagens são utilizados na construção da metodologia da presente pesquisa, conforme será fundamentado posteriormente. O apoio em tais vertentes ocorreu principalmente em decorrência de apresentarem conceitos específicos e categorias de análise de caráter didático, possibilitando maior aplicabilidade em sala de aula.

Sem a intenção de esgotar as muitas abordagens existentes na literatura da área, optou-se por agrupá-las em quatro grandes grupos, levando em conta principalmente a base teórica que as fundamenta, o que faz com que sejam mais evidentes os laços entre elas. Para essa revisão, consideram-se as seguintes abordagens: abordagem semiótica, que tem como base a teoria funcionalista; a abordagem retórica que retoma a retórica clássica e as perspectiva etnográficas acerca do discurso; abordagem interacionista sociodiscursiva que incorpora aportes da teoria de texto e das teorias enunciativas e a abordagem dialógica que tem como embasamento o dialogismo de Bakhtin e toda a sua visão histórico-ideológica de linguagem.

2.1.2.1 Abordagem semiótica

Nessa abordagem, destacam-se principalmente os nomes de Hasan, Martin, Kress, Ventola, Fowler e Fairclough, os quais têm como teoria linguística de base a gramática sistêmico-funcional de Halliday que, conforme se sabe, denomina-se sistêmica por se referir à linguagem como redes de escolhas e funcional por sua relação com a atividade social, num dado contexto.

Considerando que o objetivo desta seção é realizar uma revisão da literatura para posterior fundamentação e delimitação da base teórica e metodológica da presente pesquisa, faz-se aqui menção apenas às propostas de Hasan, Martin e Fairclough.

Para Hasan, a linguagem é vista como um sistema de significações que medeia a existência humana. Segundo Cloran, citado por Motta-Roth e Heberle (2005), Hasan defende a ideia de que existem “princípios de coerência subjacentes à sociedade, para orientar a seleção e a organização dos significados relevantes em uma comunidade, os quais são expressos por meio de padrões de uso da linguagem” (MOTTA-ROTH e HEBERLE, 2005, p.12), devendo, portanto, a linguagem ser analisada como um sistema semiótico. A autora enfatiza a necessidade de uma análise linguística não poder prescindir da investigação de fatores ligados aos contextos nos quais os seres humanos atuam e se relacionam. E ao integrar, em sua perspectiva texto e contexto, propõe-se a verificar os elementos

obrigatórios e opcionais da estrutura textual a partir da análise da configuração contextual.

A configuração contextual, ou o contexto de situação, envolve tudo o que é relevante para a interação e se define por três variáveis: *campo, relação* e *modo*. O *campo* é a organização simbólica do texto, a atividade social, o que está acontecendo, suas relações internas, o que ele representa. Já a *relação* mostra como os participantes interagem via linguagem em uma dada situação, como agem uns sobre os outros e sobre si mesmos, como se relacionam entre si. Por fim, o *modo* diz respeito ao canal da mensagem, como a linguagem se estrutura em determinados textos, se através da oralidade, de recursos visuais ou verbais, ou até mesmo de forma híbrida, mesclando diferentes modos semióticos. Essas três variáveis, por sua vez, são realizadas através das três metafunções da linguagem - ideacional, interpessoal e textual, propostas por Halliday e, por serem responsável pela configuração contextual (CC), permitem fazer previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto, isto é, de qualquer texto que possa ser considerado um exemplo 'em potencial' de um gênero específico.

O campo, a relação e o modo mantêm reciprocidade com os elementos textuais opcionais e obrigatórios do gênero formulados como uma Estrutura Potencial do Gênero (EPG). Dessa forma, enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos dentro de uma situação específica num contexto da cultura. Assim, "a EPG se constitui, portanto, na expressão verbal de uma CC e, como tal depende de determinado conjunto de valores associados a campo, relação e modo". (MOTTA-ROTH e HEBERLE, 2005, p.17).

De forma geral, Hasan, em consonância com Bernstein (1990), defende a ideia de que um texto cria e é criado pelo contexto, representando a forma visível, palpável e material da relação social. A prática interacional é possível de ser recuperada a partir da análise dos textos no contexto dessa prática. "Texto e contexto integram-se no processo de construção, regulação e significação da atividade humana" (MOTTA-ROTH e HEBERLE, 2005, p. 13)

A proposta teleológica de Martin para a análise de gêneros, assim como a de Hasan, é tributária da linguística sistêmico-funcional de Halliday (2004). O autor lança mão dos constructos hallidayanos de registro, gênero e metafunções, chamando a atenção para o fato de que texto e contexto se relacionam e realizam

um ao outro. Para Martin (1992), gênero é concebido como um "sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos". Tendo em vista que a teleologia "considera o mundo como um sistema de relações entre meios e fins, os estágios nos quais um texto se estrutura levam o usuário a um ponto de conclusão, podendo ser considerado como incompleto pelo falante/ouvinte caso essa conclusão não seja atingida". (MARTIN, 1992, p.503)

Sobre a proposta de Martin, em comparação à de Hasan, pode-se afirmar que ele discute e amplia os conceitos de gênero e registro e lança um olhar não somente para o contexto de situação, mas também para o contexto de cultura, no qual, segundo o autor, situam-se os gêneros textuais. Sobre a noção de contexto de cultura no trabalho de Martin, Vian Júnior e Lima-Lopes afirmam que

> O estudo do contexto de cultura envolve a observação de como a língua é estruturada para o uso. Para tanto, é necessário estudar interações autênticas e completas, de forma a observar como as pessoas 'usam a língua para alcançar objetivos culturalmente motivados' (EGGINS, 1994, p. 25), o que ocorre por meio da análise de diferentes gêneros. Ao desenvolver a análise do contexto de cultura, deve-se procurar descrever como o propósito geral da interação nos leva a organizar um texto em estágios, dado que não é possível transmitir todos os significados simultaneamente. O gênero, portanto, estrutura-se em estágios, conforme a definição de gênero proposta por Martin (1992, p. 505), que compreende um processo social orientado para um objetivo – teleológico, consequentemente, organizado e realizado pelo registro. (VIAN JÚNIOR e LIMA-LOPES, 2005, p. 31-2)

Para Martin, o gênero corresponde ao contexto de cultura e é o ponto de partida para observação do fenômeno. Ele defende que o gênero é instanciado mediante as escolhas das variáveis de registro ─ campo, relação, modo ─ enquanto Hasan afirma que essas variáveis é que são realizadas pelo gênero. Para o autor, é o gênero que pré-seleciona as variáveis de registro, associando-as a partes específicas da estrutura do texto, além disso, para ele, existe uma rede de relações entre os diferentes tipos de texto o que não pode ser mapeado partindo do contexto de situação, posição esta defendida por Hasan.

A proposta de Fairclough, vinculada à ACD - Análise Crítica do Discurso[6], também aproxima-se a dos autores anteriormente referidos, já que concebe a

[6] A ACD pode ser definida como campo fundamentalmente interessado em analisar relações estruturais, transparentes ou veladas, de discriminação, poder e controle manifestas na linguagem. (WODAK, 2004)

linguagem como prática social, evidenciando a relação bidirecional entre texto e sociedade. Para o autor, os textos contêm traços e pistas de rotinas sociais complexas que merecem ser investigados como forma de visibilizar as relações entre linguagem e prática social. Fairclough amplia o estudo no sentido de que investiga como os textos, ao mesmo tempo que criam formas de perceber e representar o mundo, relações e identidades também representam as relações de poder e hegemonia. Investiga formas institucionalizadas de ver ou avaliar o mundo – ideologias – e as estratégias de preservação de poderes – hegemonias – de grupos dominantes no contexto contemporâneo, chamando a atenção de que as práticas discursivas podem ser alteradas. Para Fairclough ter conhecimento sobre o envolvimento da linguagem nas questões de poder pode contribuir para mudanças relacionadas às formas de poder.

Fairclough conceitua gênero com "um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza, um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, a compra de produtos em uma loja". Mais adiante afirma que "um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos". (FAIRCLOUGH, 2001, p.161). O autor não se dedica a elaborar uma teoria de gêneros, sendo, portanto, necessário integrar princípios e métodos de sua produção acadêmica para entender como se realizaria uma análise de gêneros fundamentada na ACD. Uma peculiaridade em sua proposta diz respeito ao fato de que, para ele, "os gêneros textuais – tanto em termos de quais gêneros serão escolhidos e de como serão usados – têm estreita relação com a noção de hegemonia, já que a escolha e o seu modo de uso dependem frequentemente das formas de dominação estabelecidas, isto é, de quem possui mais ou menos, poder em determinadas circunstâncias" (MEURER, 2005, p. 92). E, nessa perspectiva, fala em poder *no* discurso e poder por *trás* do discurso. O primeiro é mais evidente e pode ser exercido *in presentia*, através de palavras ou textos específicos. O poder por *trás* do discurso resulta de ordens do discurso não tão visíveis, ocorrendo de forma implícita. São os poderes por *trás* do discurso que determinam qual gênero é mais apropriado para determinadas situações.

Em relação ao aparato metodológico, Fairclough propõe que o evento discursivo seja analisado sob três ângulos que se complementam: como texto, como prática discursiva e como prática social, buscando respectivamente, a sua descrição,

interpretação e explicação. E é na análise do evento discursivo como texto que a abordagem de Fairclough aproxima-se da proposta de Martin e Hasan e, consequentemente, da LSF ao trazer para o seu aparato metodológico a noção de multifuncionalidade da língua, ou seja, o fato de a linguagem realizar, simultaneamente, três tipos de significados - as metafunções da linguagem de Halliday. São eles: significados ideacionais (representação da realidade), significados interpessoais (estabelecimento de relações sociais) e significados textuais (organização do texto). Na proposta de Fairclough, o léxico, as opções gramaticais, a coesão e a estrutura do texto são examinados em termos de como cooperam para construir cada um desses significados ou metafunções. Tanto para a ACD como para a LSF, embora esses significados sejam examinados em sequência, eles acontecem simultaneamente.

De forma geral, pode-se afirmar que a proposta de Fairclough, em relação aos gêneros textuais, necessita ampliar estudos referentes à sistematização da constituição composicional dos diferentes textos. Embora enfatize o fato de que os gêneros impliquem diferentes modos de conhecimentos e crenças, diferentes identidades e diferentes relações sociais, não apresenta um método sistematizado para relacionar essa questão à estrutura organizacional dos diverso gêneros textuais.

Finaliza-se a abordagem semiótica, ressaltando que as propostas de Hasan, Martin e Fairclough apresentam peculiaridades próprias em termos teóricos e metodológicos, mas constituem-se essencialmente perspectivas que se complementam, já que partem do pressuposto de que linguagem é um sistema semiótico que medeia as relações intersubjetivas. Em síntese, estudar os gêneros do discurso a partir da abordagem semiótica é procurar entender a relação bidirecional entre discurso e estruturação social, enfatizando a linguagem como prática social de significação que estrutura experiências diárias, constrói e reconstrói relações interpessoais e se manifesta na forma de textos sócio-situados.

Cabe mencionar que as análises levantadas posteriormente tomam emprestadas algumas noções evidenciadas por essa perspectiva. São utilizadas, em especial, as noções de EPG (Estrutura potencial de Gênero) de Hasan e parte do modelo tridimensional de Fairclough, conforme poderá ser visto em capítulo subsequente. Essas noções configuram-se apenas como categorias de análise a

serem introduzidas numa plano mais abrangente de caráter enunciativo-discursivo.

2.1.2.2 Abordagem retórica

Compõe a escola de estudos de gêneros norte-americana e tem como principais nomes os de Swales, Miller, Bazerman, e Freedman. Tal perspectiva é marcada pela retórica clássica de Perelman & Olbrechts-Tyteca, pelos estudos etnográficos acerca do discurso e recebe forte influência do pensamento bakhtiniano. Faz-se aqui considerações apenas às propostas de Swalles, Miller e Bazerman, já que não é objetivo do capítulo fazer uma exposição exaustiva.

Swales (1990), com objetivo de construir sua própria definição de gênero, pesquisou o conceito de gênero a partir do enfoque de diferentes disciplinas: estudos folclóricos, estudos literários, linguísticos e retóricos, e concluiu que havia pontos em comum na forma como cada vertente compreendia o conceito. Dentre esses pontos, destacam-se: os gêneros são entidades dinâmicas, passíveis de transformações de acordo com as condições sociais e históricas em que são produzidos; os gêneros são importantes para integrar o passado e o presente; os gêneros se situam no âmbito de comunidades discursivas, as quais têm seus objetivos particulares e definem quais gêneros são relevantes para a consecução desses objetivos; os gêneros funcionam como um meio para a realização de nossos propósitos comunicativos. Com base nessas caracterizações, o autor apresenta sua definição sobre gênero, afirmando que

> um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero. Essas razões moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e impõem limites à escolha de conteúdo e de estilo. (SWALES, 1990, p. 58)

Essa conceituação evidencia que o principal traço definidor de gênero para o autor é o propósito comunicativo compartilhado pelos membros da comunidade na qual o gênero é praticado. Os demais traços, como as convenções,

o estilo, o canal, o vocabulário e a terminologia específicos, embora importantes, não exercem a mesma influência sobre a natureza e a construção do gênero. Para ele, qualquer mudança significativa no propósito comunicativo irá, provavelmente, resultar num gênero diferente, enquanto modificações menores ajudam a distinguir os subgêneros.

O autor considera que "um evento comunicativo compreende não somente o discurso e seus participantes, mas também o papel desse discurso e o ambiente de sua produção e recepção, incluindo suas associações históricas e culturais" (SWALES, 1990, p. 46). Nesse sentido, a noção de comunidade discursiva é também chave para Swales e diz respeito àqueles que trabalham usualmente ou profissionalmente com um determinado gênero e que, deste modo, têm um maior conhecimento de suas convenções. Uma das condições essenciais para fazer parte de uma dada comunidade discursiva é, portanto, dominar razoavelmente os gêneros que ela detém e ser capaz de manejar as convenções comunicativas e pragmáticas dessa comunidade.

Swales mostra também preocupação com a aplicação pedagógica do conceito de gênero. Defende a ideia de que esquemas formais têm que ser ativados e desenvolvidos, mas não como categorias rígidas nas quais todos os textos seriam forçados a se encaixar. Nessa perspectiva, propõe o que chama de modelo CARS (Creating a Research Space), o qual é formado por categorias fundamentais denominadas *moves* (movimentos), e subcategorias, por vezes optativas entre si, denominadas *steps* (passos). Trata-se, segundo o autor, de uma proposta descritiva de categorias que podem ocorrer dentro de um determinado gênero; não representando, de modo algum, um modelo rígido, cristalizado.

Swales, em trabalhos posteriores, rediscute a centralidade do propósito comunicativo, apontando algumas fragilidades desse conceito, baseando-se principalmente na maleabilidade dos gêneros, na multiplicidade de objetivos que podem apresentar, nas variações transculturais de nomenclatura e no próprio fato de que os propósitos nem sempre são claros.

O próprio autor chama a atenção para o fato de que há situações em que podem ocorrer divergências sobre a identificação dos propósitos até entre os membros especialistas de uma dada comunidade discursiva. Além disso, há gêneros que têm o mesmo propósito e que são diferentes em termos de aspectos formais, de organização textual, assim como há textos idênticos ou quase idênticos com

propósitos comunicativos bem diversos. Essas considerações, no entanto, não fizeram com que a concepção de propósito comunicativo tenha perdido sua importância e que se possa limitar a análise às características formais dos gêneros.

Quando Swales fala da dificuldade de operacionalização do conceito, o que está considerando como especialmente problemático é tomar o propósito comunicativo como um instrumento primário de categorização dos gêneros. O analista não pode simplesmente lançar mão apenas do propósito comunicativo para decidir de forma rápida e fácil quais textos pertencem a esse ou àquele gênero. Assim, propõe para o analista um procedimento alternativo, no sentido de auxiliá-lo no processo de identificação. Foge ao escopo deste trabalho explicitar tal procedimento. O que importa aqui destacar é a relevância do propósito comunicativo, que se mantém como um conceito viável e útil como categoria de análise.

Swales revisita também o conceito de comunidade discursiva, que admite ser problemático, embora potencialmente muito útil para diversos campos de pesquisa. Entre as várias críticas feitas por outros autores, o conceito seria vago, de difícil definição ou intrinsecamente idealista e utópico. O autor argumenta que nem todas as comunidades são comunidades discursivas, assim como nem todos os discursos podem ser encaixados numa determinada comunidade. Para ele, mesmo uma comunidade supostamente unida por um mesmo tópico de interesse (por exemplo, uma sociedade internacional de estudos bakhtinianos) pode não ser, de fato, uma comunidade discursiva devido aos propósitos e perspectivas completamente diferentes de seus membros[7].

Swales, então, em 1998, propõe o conceito de *comunidade discursiva de lugar* como um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e que têm uma noção estável, embora em evolução, dos objetivos propostos pelo seu grupo. “Essa comunidade desenvolve uma gama de gêneros para orientar e monitorar os objetivos e as propostas do grupo. Desenvolve também um léxico específico e tem uma visão completa de seus valores de trabalho” (SWALES, 1998, p.204).

Em suma, com essas reformulações, Swales reforçou a importância de seus conceitos como objeto de reflexão e demonstrou que, por mais que os estudos de gênero tenham avançado teoricamente, não se pode pensar em classificações

[7] Cf. Swales, 1998.

estáveis e definitivas, nem fechar a discussão em torno de critérios definidores de gênero.

Já o conceito de gênero proposto por Miller tem como base as noções de *recorrência* e *ação retórica.* Para a autora, gênero representa "ação retórica tipificada*"* (MILLER, 1994, p. 24), funcionando como resposta a situações recorrentes e definidas socialmente. O gênero espelha a experiência de seus usuários – e um texto é a materialização dessa experiência, por meio da ação efetuada, de sua forma e sua substância.[8] Ela afirma que o gênero tem as seguintes características: refere-se a categorias do discurso que são convencionais por derivarem de ação retórica tipificada; é interpretável por meio das regras que o regulam; é distinto em termos de forma, mas é uma fusão entre forma e substância; constitui a cultura; é mediador entre o público e o privado (MILLER, 1994, p. 36)

Assim como Miller, Bazerman também concebe gênero com ação social, observando as regularidades nas propriedades das situações recorrentes que originam as recorrências na forma e no conteúdo do ato de comunicação. Para ele, "uma forma textual que não é reconhecida como sendo de um tipo, tendo determinada força, não teria status nem valor social como gênero. Um gênero existe apenas à medida que seus usuários o reconhecem e o distinguem*"* (BAZERMAN, 1994, p. 81). Nesse sentido, para o autor, só os indivíduos envolvidos na situação podem interpretar certas situações e respostas como recorrentes e, então, verificar semelhanças significativas e específicas entre elas. Assim, Bazerman entende gêneros como

> ação tipificada pela qual podemos tornar nossas intenções e sentidos inteligíveis para os outros. São fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividade socialmente organizada [...] emergem nos processos sociais em que pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos. (BAZERMAN, 2006, p. 31)

Em relação à metodologia proposta pela perspectiva retórica, de forma geral, faz-se necessário, o exame dos seguintes aspectos: exame das regularidades aparentes em um conjunto de textos representativos de certo gênero; exame das

[8]Conforme Carvalho (2005, p. 133), Miller utiliza o termo *substância* em vez de *conteúdo,* numa referência à Retórica de Aristóteles.

regularidades observáveis nos processos de produção e recepção dos textos e exame das regularidades de papéis sociais desempenhados por produtores e consumidores na recepção de textos. Assim, as regularidades identificadas possibilitam a configuração de um padrão retórico organizacional do gênero.

Em suma, a perspectiva retórica objetiva analisar os gêneros textuais, considerando-os como *ações sociais* as quais materializam uma classe de eventos, possuem traços prototípicos e lógica inata, e determinam usos linguísticos específicos de acordo com a comunidade discursiva. Pode-se verificar que a teoria de gênero como ação social, quando apoiada numa metodologia consistente, permite que pesquisadores desenvolvam estudos bastante relevantes na área do gênero, pondo em evidência aspectos que traduzem relações entre a manifestação concreta do texto e as interações sociais.

Algumas das noções apresentadas são parcialmente contempladas nas análises posteriores, em especial, a noção de propósito comunicativo que, por seu caráter de aplicação pedagógica, fornece subsídio para a formulação de categoria de análise da presente pesquisa.

2.1.2.3 Abordagem interacionista sociodiscursiva

Apresentando uma visão psicossociológica dos gêneros, o ISD – interacionismo sociodiscursivo – traz como principais representantes os nomes de Bronckart, Schneuwly e Dolz, os quais formam a conhecida escola de Genebra em estudos de Gênero. Esses autores seguem uma linha alimentada pela perspectiva Vygotskyana socioconstrutivista e tem forte preocupação com o ensino de Língua Materna.

É comum encontrar entre linguistas a posição de que interpretar o ISD em termos teóricos é difícil, já que a teoria estabelece um diálogo intenso com outras disciplinas das ciências humanas, fazendo com que termos, conceitos e concepções não apresentem homogeneidade, além de a teoria estar permanentemente em construção, exigindo, nesse sentido, um conhecimento extensivo dos textos subjacentes aos atuais. Isso, no entanto, não impede que se verifique uma visão mais ou menos comum de gênero representante dessa perspectiva.

A hipótese inicial do grupo era a de que *tipos de textos* diferentes corresponderiam a *tipos de discursos* diferentes e, nesse sentido, de que os gêneros poderiam ser identificados e classificados com base nos *tipos de discurso* (interativo, teórico, relato interativo, narração), isto é, com base em sua materialidade linguística. Obviamente, isso não foi comprovado pelas pesquisas e hoje os autores, em especial Bronckart (2003), defendem a posição de que tipo de discurso e tipo de sequência não são critérios suficientes para classificar gêneros, mas que são aspectos que precisam ser ensinados e aprendidos e merecem ser objeto de pesquisa; abandonaram, portanto, qualquer projeto de identificação-definição-classificação dos textos com base exclusivamente nas propriedades internas.

Uma distinção conceitual importante na teoria do ISD diz respeito à diferença entre *atividade* e *ação*. O termo *atividade* é utilizado para "designar uma leitura do agir que implica as dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas por um coletivo organizado*"* (BRONCKART, 1996, p.12). Cada atividade é constituída de *ações*, condutas que podem ser atribuídas a um agente particular, motivadas e orientadas por objetivos que implicam a representação e a antecipação de seus efeitos na atividade social.

De acordo com essa perspectiva, no decorrer da história, no quadro das *atividades sociais*, foram e são produzidas determinadas formas comunicativas que, estabilizando-se de maneira mais ou menos forte, formam os *gêneros de textos*. Para Bronckart, os gêneros de textos constituem-se como pré-construtos, isto é, construtos existentes antes de nossas ações, necessários para sua realização. Os gêneros são objeto de avaliações sociais permanentes, o que acaba por constituí-los, em determinado estado sincrônico de uma sociedade, como uma espécie de *reservatório de modelos de referência*, dos quais todo produtor deve se servir para realizar "ações de linguagem" (BRONCKART, 1996, p. 18). Nesse enfoque, emerge o conceito de contexto de produção, definido por Bronckart como "conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado" (BRONCKART, 2003, p. 93).

Já Schneuwly embasa sua definição de gênero na perspectiva vygostskiana e marxista, ressaltando a ideia de que a atividade humana é tripolar, envolvendo um sujeito que age sobre objetos ou situações, utilizando objetos específicos, socialmente elaborados, que são *ferramentas* para a ação,

determinando o comportamento do indivíduo, guiando, aperfeiçoando e diferenciando sua percepção em relação à situação em que se encontra. Assim, o autor considera que os gêneros constituem-se como *ferramentas semióticas complexas* que permitem a realização de ações de linguagem, participando das *atividades sociais* de linguagem. Segundo ele, "há um sujeito, o falante enunciador, que age linguageiramente (falar/escrever) em uma situação definida por uma série de parâmetros com a ajuda de uma ferramenta que aqui é o gênero, uma ferramenta semiótica complexa*"* (SCHNEUWLY, 1994, p.160).

Um aspecto importante, mencionado nessa perspectiva, em especial por Bronckart (2003), diz respeito ao fato de que, apesar de um gênero sempre ser escolhido com base nos conhecimentos adquiridos sobre situações sociais diversas, nunca há uma reprodução exata do modelo, já que as situações de ação de linguagem, pelo menos em parte, são sempre diferentes, e o produtor acaba adaptando o gênero aos valores particulares da situação em que se encontra. Essa adaptação traz consequências sobre sua organização interna, sobre mecanismos enunciativos e sobre os mecanismos de textualização, gerando um estilo particular, o que pode contribuir para a modificação do gênero. Nesse sentido, para Bronckart, é pelo acúmulo dos processos individuais que os gêneros se modificam continuamente e assumem um estatuto fundamentalmente dinâmico e histórico.

Os modelos de análise empregados pelos autores dessa perspectiva têm como base o conceito de *ação.* Os autores, de forma geral, consideram que a forma de atingir os objetivos da *ação* se constituem como tarefas a serem realizadas por meio de determinadas *operações*, não inatas, mas apreendidas no decorrer da história dos agentes, no quadro das diferentes atividades e avaliações sociais de que participam.

Ainda que cada autor apresente especificidades em seus modelos de análises de textos, é possível verificar aspectos paralelos entre eles, ou melhor, entre as *operações* – assim denominadas por Schneuwly e os *níveis de análise* - denominados por Bronckart, tais como: 1) Representação da situação - levantamento sobre o contexto físico da ação, contexto sócio-subjetivo, conhecimento de mundo; 2) Adoção do gênero – levantamento sobre conhecimentos construídos sobre o gênero em questão; 3) Infraestrutura textual – identificação dos tipos de discurso, dos tipos de sequência, da organização global e local dos

conteúdos; 3) Textualização – identificação da relação entre os segmentos, dos mecanismos enunciativos, das modalizações, da seleção de itens lexicais.

Os autores salientam que as operações/os níveis propostos não podem ser vistos como modelos lineares, embora sua exposição linear sugira essa interpretação. As operações não se sucedem umas às outras numa ordem única, mas estão, sim, em contínua interação.

Schneuwly e Dolz, preocupados em oferecer elementos concretos para o ensino, oferecem um aparato metodológico que ficou conhecido como o *ensino por sequências didáticas*, aplicado inicialmente em trabalho de gêneros orais mais elaborados. A proposta parte da ideia de que é possível e desejável ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e da escrita de forma modular, ou seja, por etapas e com tarefas específicas. Os autores definem a "sequência didática como um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual ou escrito*"* (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97). De forma resumida, pode-se dizer que a estrutura de base de uma sequência didática envolve quatro fases: *Apresentação da situação* (escolha do gênero a ser produzido, caracterização das contexto de produção, pesquisa sobre o conteúdo/tema a ser desenvolvido, leitura e análise do gênero escolhido...); *Primeira produção* (escrita individual ou coletiva; avaliação formativa pelo professor); *Os módulos* (ajustes sucessivos até a versão final, conforme as necessidades dos alunos; avaliação, crítica e posicionamento sobre a produção, tomada de consciência sobre todas as aquisições feitas durante os diferentes módulos); *Produção final* (aplicação dos conhecimentos adquiridos durante os módulos; domínio do aprendizado – o aluno sabe o que fez, por que fez e como fez, avaliação somativa e não formativa por parte do professor). Esses procedimentos podem e devem ser adaptados conforme as características do gênero em estudo e as necessidades dos alunos. Assim, para os autores, as sequências didáticas "visam ao aperfeiçoamento das práticas de escrita e de produção oral e estão principalmente centrada na aquisição de procedimentos e de práticas". (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 114).

Para concluir a abordagem interacionista sociodiscursiva, pode-se afirmar que, de forma geral, essa perspectiva objetiva integrar parâmetros psicossociais e linguístico-discursivos, com vistas a examinar as relações que as ações de linguagem mantêm com o contexto social em que se inscrevem. Busca descrever as características enunciativo-discursivas do funcionamento dos gêneros do discurso e

selecionar, planejar e projetar conteúdos de ensino/aprendizagem que estejam de acordo com as capacidades de linguagem que possam ser aplicadas nas práticas didáticas.

Noções referentes a essa abordagem, principalmente relacionadas a condições de produção, de Bronckart e a sequências didáticas, de Schneuwly são, ainda que de forma indireta, contempladas nas categorias de análise da presente pesquisa, conforme será visto mais adiante.

2.1.2.4 Abordagem dialógica

Essa abordagem tem como nome central o precursor da teoria de gênero no campo da linguagem, Mikhail Bakhtin. Apesar de sua teoria representar um modelo base para as demais, traz em seu escopo aspectos específicos e centrais muitas vezes obscurecidos ou, até mesmo, negligenciados pelas outras abordagens. Dentre esses aspectos, pode-se citar o próprio conceito de gênero que aqui é embasado na concepção dialógica da linguagem e que em nenhum momento pode ser compreendido dissociado das noções de interação verbal, comunicação discursiva, atividade humana e em especial, a de enunciado, conceitos esses que serão aprofundados mais adiante.

Para Bakhtin, a "língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, os quais refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo por sua construção composicional" (BAKHTIN, 2003, p.261). Esses elementos estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. "Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominamos gêneros do discurso" (BAKHTIN, 2003, p.262).

Nessa perspectiva, a noção de gênero como tipo de enunciado não equivale à das sequências textuais proposta por outros teóricos da área, nem é o resultado de uma taxionomia ou princípio de classificação científica, mas uma

tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes. Há a negação de que os gêneros sejam apenas uma forma e que possam ser distinguidos pelas suas propriedades formais, pois, nessa perspectiva, não é a forma em si que cria e define o gênero.

Outro aspecto relevante é a correlação entre os gêneros e as esferas da atividades (esfera científica, jornalística, religiosa...). É somente numa situação de interação que se pode apreender a constituição e o funcionamento dos gêneros. Assim, o que constitui um gênero é a sua ligação com uma situação social de interação, e não as suas propriedades formais. Cada esfera, de acordo com sua função socioideológica particular e suas condições concretas específicas, cria, na situação de interação, gêneros discursivos próprios que vão se constituindo e se estabilizando historicamente, a partir de novas situações de interação verbal.

Para Bakhtin, os gêneros estão sempre se atualizando, ou seja, há um movimento contínuo entre a unidade e a continuidade, entre o dado e o criado: "o gênero sempre é e não é ao mesmo tempo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo" (BAKHTIN, 1997, p.106). O autor ressalta a relativa estabilização dos gêneros, o seu caráter de processo ligado à atividade humana, já que ao mesmo tempo em que se constituem forças reguladoras para a construção, acabamento e interpretação dos enunciados também se renovam a cada novo evento de interação social.

Bakhtin considera que a construção de um enunciado não pode ser considerada como uso e combinação livre das formas da língua; é necessário o domínio dos gêneros. Tanto as formas da língua como os gêneros são necessários à interação, apesar de os gêneros, em comparação com as unidades da língua serem mais flexíveis e plásticos. O autor ainda afirma que "As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, evidentemente, não por palavras isoladas)" (BAKHTIN, 2003, p. 283)

Assim como o enunciado, os gêneros são também constituídos pelo tema, pelo estilo e pela estrutura composicional. O conteúdo temático diz respeito à

abordagem dos objetos (temas) que passam pelo processo de valoração de uma determinada esfera em determinado tempo e contexto (dito de outro modo, é o que pode tornar-se dizível por meio dos gêneros); o estilo está relacionado à seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais utilizados para compor o gênero (é derivado da posição enunciativa do locutor, entre outros elementos), e a construção composicional concerne às formas de composição e acabamento dos enunciados, ou seja, ao arranjo esquemático em que o conteúdo temático se assenta e aos modos discursivos de organização textual.

Ao tratar da extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e da dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado, Bakhtin estabelece a diferença entre os gêneros discursivos primários (simples) e os secundários (complexos). Estes "surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc; aqueles se formam nas condições da comunicação discursiva imediata e acabam sendo reelaborados e incorporados pelos mais complexos (secundários*)"* (BAKHTIN, 2003, p.262-64).

De forma geral, pode-se afirmar que a abordagem *dialógica,* por sua vez, objetiva compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Bakhtin (2003) apresenta os gêneros do discurso enquanto enunciados relativamente estabilizados, tipificados ideológica e dialogicamente nas diversas situações sociais de interação.

Cabe ressaltar que a abordagem dialógica está na base das demais vertentes sobre gêneros em Linguística Aplicada – Semiótica, Retórica, Interacionista sociodiscursiva, entre outras que estão emergindo neste campo de discussão – colaborando para a compreensão da relação dialogizante entre sociedade e linguagem e para o papel dos gêneros do discurso nessa inter-relação. A abordagem dialógica, por seu caráter amplo, articulado e profundo, é considerada central na presente pesquisa e, por isso, logo após o quadro 1, apresenta-se seção exclusiva referente a tal abordagem, visando a, principalmente, verticalizar conceitos, princípios e algumas noções consideradas fundamentais a sua efetiva compreensão. Fica evidente, portanto, que as demais abordagens, anteriormente mencionadas, apenas dão subsídios para a formulação de categorias de análise,

até porque a abordagem dialógica, como se sabe, em sua essência, não tem pretensão de aplicação pedagógica, como visa à presente pesquisa.

2.1.2.5 Síntese de algumas perspectivas para o estudo dos gêneros

	Semiótica	**Retórica**	**Interacionista sociodiscursiva**	**Dialógica**
Autores	Hasan, Martin, Kress, Ventola, Fowler, Fairclough	Swales, Miller, Bazerman, Bhatia e Freedman. (Escola norte-americana)	Bronckart, Schneuwly e Dolz, (Escola de Genebra)	Mikhail Bakhtin
Teoria base	Gramática sistêmico-funcional de Halliday	Estudos retóricos de Toulmin e Perelman & Olbrechyts; Estudos etnográficos; Estudos bakhtinianos	Teoria de Vygotsky e de Bakhtin	Teoria Dialógica
Noções/Conceitos específicos	**Hasan:**Configuração Contextual (CC): campo, relação, modo**;** Estrutura Potencial de Gênero (EPG); Metafunções da linguagem **Martin:** Contexto de cultura e Contexto de situação; Modo, Registro, Campo; Metafunções da linguagem **Fairclough:** ACD, Prática textual, Prática discursiva, Prática social; Relações de poder; Metafunções da linguagem	**Swales:** propósito comunicativo, comunidade discursiva, modelo CARS **Miller:** ação social, recorrência, ação retórica **Bazerman**: ação tipificada, agência, conjunto de gêneros, sistema de gêneros, sistema de atividades	**Bronckart, Schneuwly e Dolz:** ISD, atividade/ação, ferramenta/instrumento sequência didática	**Bakhtin:** interação verbal, atividade humana, esfera de atividade, conteúdo temático, estilo, estrutura composicional, gêneros primários, gêneros secundários
Conceito de gênero	**Hasan** defende a idéia de que existem princípios de coerência subjacentes à sociedade, para orientar a seleção e a organização dos significados relevantes em uma	**Swales:** compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos.	**Bronckart:** constituem-se como pré-construtos, isto é, construtos existentes antes de nossas ações, necessários para sua realização... como espécie de	**Bakhtin:** são tipos relativamente estáveis de enunciado; são tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais

	comunidade", os quais são "expressos por meio de padrões de uso da linguagem" **Martin:** define-se como um sistema estruturado em partes, com meios específicos para fins específicos. **Fairclough**: designa-se um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com, e parcialmente realiza um tipo de atividade socialmente aprovado...	**Miller:** é ação retórica tipificada, funcionando como resposta a situações recorrentes e definidas socialmente. **Bazerman**: é ação tipificada pela qual podemos tornar nossas intenções e sentidos inteligíveis para os outros.	reservatório de modelos de referência, dos quais todo produtor deve se servir para realizar *ações de linguagem*. **Schneuwly e Dolz:** constituem-se ferramentas semióticas complexas que permitem a realização de ações de linguagem, participando das atividades sociais de linguagem	relativamente estáveis; são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem.
Objetivo da análise	Compreender a relação bidirecional entre discurso e estruturação social, enfatizando a linguagem como prática social de significação, que estrutura experiências diárias, constrói e reconstrói relações interpessoais e se manifesta na forma de textos sócio-situados.	Compreender os gêneros textuais, considerando-os como *ações sociais* que materializam uma classe de eventos e compartilham propósitos comunicativos dentro de uma comunidade discursiva.	Integrar parâmetros psicossociais e linguístico-discursivos, visando a examinar as relações que as ações de linguagem mantêm com o contexto social e descrever as características enunciativodiscursivas do funcionamento dos gêneros, para planejar e projetar conteúdos de ensino/aprendizagem aplicáveis às práticas didáticas.	Compreender a constituição e o funcionamento dos gêneros a partir de sua relação com a situação social de interação e a esfera social de atividade. Nessa compreensão, o sujeito se revela como produtor de linguagem, de enunciados e de discursos.

Quadro 1 - Resumo de abordagens sobre gênero nos estudos da linguagem

2.1.3 A abordagem dialógica como base para a análise dos gêneros empresariais

Dentre as diversas perspectivas para o estudo dos gêneros encontrados na literatura da área, algumas das quais explanadas na seção anterior, toma-se

como teoria nuclear para sustentação das reflexões que serão aqui levantadas a proposta de Bakhtin com sua concepção dialógica de linguagem. Isso, no entanto, não quer dizer que noções e conceitos provenientes de outras vertentes não sejam contemplados na análise, o que deverá ser devidamente justificado e fundamentado no decorrer do trabalho.

O motivo que levou à escolha de tal abordagem, em detrimento de outras, se deve principalmente à compreensão de gênero a partir de uma concepção de língua/linguagem de caráter social, histórico e ideológico, em que gênero não pode ser dissociado de noções como interação verbal, dialogismo, atividade humana, esfera de atividade, discurso e enunciado. Assim, o que efetivamente constitui um gênero, nessa perspectiva, é a sua ligação com uma situação social de interação, é a construção do projeto enunciativo do locutor, é a relação entre locutor e interlocutor e não as suas propriedades formais, o que, nas demais abordagens, parece estar recebendo maior ênfase.

Torna-se, então, oportuno neste momento fundamentar de forma mais verticalizada aqueles conceitos que estão na base da teoria dialógica e que são imprescindíveis para a compreensão de gênero nessa perspectiva, o que permitirá não só apreender o conceito de gênero discursivo, como ter subsídios para análise e reflexão do objeto de estudo em questão: os gêneros da esfera empresarial.

2.1.3.1 A concepção de língua e linguagem

Nos estudos do Círculo bakhtiniano, as noções de língua e linguagem não são desenvolvidas linearmente, elas emergem em diferentes textos e épocas o que acaba por exigir do leitor um desdobramento na busca de pontos de articulação que permitam a construção de uma concepção de base unificada. Nessas condições, o que se apresenta aqui é a tentativa de articular diferentes noções da teoria no intuito de melhor compreender a concepção de língua e linguagem em tal perspectiva, já que há uma multiplicidade de olhares e consequentemente de respostas a esse tema.

Para o Círculo, a linguagem permeia toda a vida social e exerce um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, está boa parte das reflexões sobre a teoria da linguagem e

do dialogismo e nela fica evidente que a ênfase recai na complexidade das manifestações da linguagem em situações sociais concretas e não na *langue (Saussure)*, sistema abstrato, com suas características formais passíveis de serem repetidas. Os autores criticam as duas principais orientações do pensamento linguístico e filosófico da época que denominaram de *subjetivismo individualista* e *objetivismo abstrato,* afirmando que a linguagem não pode ser reduzida à enunciação monológica, à expressão do pensamento, nem a um sistema abstrato de formas como respectivamente a consideram. Para Bakhtin/Volochínov, a compreensão da natureza da linguagem não reside no meio dessas duas orientações, ela está além. Nesse sentido, visando a superar dialeticamente essas posições dicotômicas, a proposta reside em romper com o dualismo linguístico/social e instaurar um olhar para a tensão verbal/social/ideológico, pondo em evidência a noção de *interação verbal*.

A noção de interação é a base do arcabouço teórico da teoria de Bakhtin. A função da linguagem não é só de expressão do pensamento ou de instrumento de comunicação, mas também de interação. A respeito disso, afirmam os autores

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico da sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua... A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 123)

Nessa perspectiva, chama-se enunciação o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados. A palavra dirige-se a um interlocutor real e se orienta em função desse. A palavra comporta duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém. Ela é a ponte que liga locutor e interlocutor, ela serve de expressão a um em relação ao outro e em relação à coletividade. “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apóia sobre meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 113).

E os signos, sob esse enfoque, existem também somente na interação verbal e são sempre ideológicos - apresentam índice de valor - e dialógicos –

pressupõem o outro (atitude ativa responsiva). No dicionário, há potencialidades, virtualidades que, em uso, são dialogizadas e ideologizadas. Nesse sentido, Bakhtin é "precursor de uma teoria enunciativo-discursiva que considera a linguagem como atividade instituída em um processo concreto em que o signo se instaura ideológica e dialogicamente" (DI FANTI, 2003, p.99).

A linguagem exerce um papel relevante na vida social, tanto na organização política e econômica como na formação dos sistemas ideológicos e, acrescenta-se aqui, na consciência de cada indivíduo. A formação da consciência, da mesma maneira que a linguagem, não pode derivar da natureza, pois sua essência é social e ideológica, adquirindo forma e existência nos signos criados por um grupo organizado, no curso de suas relações sociais. Para Bakhtin/Volochínov

> A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seus desenvolvimentos, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante etc constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 35-36).

Na concepção bakhtiniana, a linguagem não é privilégio do verbal: todas as manifestações que têm a interferência do homem constituem-se como linguagem, enunciado, texto, no entanto, nessa perspectiva, é dada à palavra maior relevância pelo fato de estar sempre ela orientada socialmente para um interlocutor e, por isso, ser considerada como *fenômeno ideológico por excelência* (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006, p.36). A palavra aglutina o verbal e o não-verbal e, ao receber acento de valor, constitui-se como enunciado[9], o qual é visto como unidade real da comunicação verbal, uma unidade complexa de observação da língua em situação concreta. No enunciado, é possível verificar uma parte mais estável, denominada significação, que se indissocia de outra mais instável, o tema. A significação é representada pela materialidade linguística da produção enunciativa; o tema configura-se como uma dimensão variável, pois é único e não-reiterável e compõe-se por aspectos verbais e não-verbais. Enquanto os aspectos verbais são

[9] A noção de enunciado será ampliada em seção posterior.

recuperados pela significação, os aspectos não-verbais são recuperados, via entonação expressiva, pela dimensão histórico-social. Ambos são interdependentes na enunciação, no entanto cada palavra tem significado diferente de acordo com a apreciação valorativa que recebe na situação de enunciação em que é produzida. Nesse sentido, a relação tema/significação não pode ser vista de forma dicotômica, já que a significação no enunciado constitui-se indissociavelmente do seu tema e vice-versa.

Bakhtin concebe a linguagem como uma criação coletiva integrante de um diálogo cumulativo entre o *eu* e o *outro*, entre muitos *eus* e muitos *outros*. Assim, a noção de dialogismo é a que melhor resume e sustenta a teoria bakhtiniana, constituindo-se em "um princípio, uma propriedade polivalente que se instaura a partir da constante comunicação com o outro, cujo processo não comporta observações estanques..." e mais adiante acrescenta "o princípio dialógico traz em seu escopo uma abordagem da 'não-finalização' e do 'vir-a-ser', configurando, com isso, um princípio da 'inconclusibilidade', da preservação da heterogeneidade, da diferença, da alteridade". Dessa forma, a concepção de linguagem, "configura-se como uma recusa a qualquer forma fechada de tratar das questões da língua, pois sendo o dialogismo constitutivo, a interação com o outro é um pressuposto*"* (DI FANTI, 2003, p.97)

Na obra *Problemas da Poética de Dostoievsky* (1997) também se encontram reflexões sobre o dialogismo. Ao referir-se sobre seu objeto de estudo, Bakhtin traz à tona as divergências entre as *relações dialógicas e lógicas*. O autor afirma que seu objeto de estudo é o discurso e não a língua e nesse sentido seu interesse está nas análises efetuadas a partir de relações dialógicas, no plano do discurso e não por análises linguísticas, no plano da língua, ainda que essas não possam ser ignoradas. Segundo Bakhtin, "as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irredutíveis a estas e têm especificidade própria" (BAKHTIN, 1997, p.184). Fica evidente aí que o estudo da língua como relação lógica carece de abordagem enunciativa e o estudo do discurso a partir das relações dialógicas é irredutível à logicidade. Fica evidente também que, sob essa perspectiva, as relações dialógicas são apreendidas discursivamente na língua enquanto fenômeno integral concreto, sem que se desconsidere as relações lógicas. Assim, a tensão entre ambas mostra que a linguagem somente tem vida na comunicação dialógica, comunicação de sentidos,

que constitui seu campo de existência. Na verdade, as considerações sobre relações dialógicas e lógicas vêm reiterar o princípio dialógico da linguagem que possui, em sua essência, um caráter social, um eterno compartilhar, excluindo qualquer possibilidade de caráter individualista ou mecânico. O dialogismo se constitui na língua como um processo interacional, um fenômeno social, realizado na enunciação, descartando limitação ou redução de sentidos.

Em *Estética da Criação Verbal*, em especial, no texto, *Os gêneros do discurso,* Bakhtin trata do dialogismo, relacionando-o à noção de enunciado. Para o autor, em um mesmo enunciado, há cruzamento de vozes discursivas em concorrência o que significa que o sujeito constitui-se heterogeneamente. Nas palavras do autor, "O falante não é o Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens, ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez... Em realidade, repetimos, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam". (Bakhtin, 2003, p. 300) Assim, o discurso é o ponto de intersecção em que se encontram diferentes opiniões, diferentes sentidos. O enunciado representa uma reação-resposta a algo em uma dada situação e manifesta as relações do locutor com os enunciados do outro, sendo que o outro não é apenas o interlocutor imediato ou possível, mas são as outras vozes discursivas, as outras opiniões, os outros argumentos... que vêm habitar, de diferentes maneiras, o discurso a ser produzido.

Outro princípio constitutivo da linguagem abordado, em especial, no ensaio *O discurso no romance* (Bakhtin, 1993[1934-1935]), é o plurilinguismo, também denominado heteroglossia que, assim como o dialogismo, contempla a dinamicidade da linguagem. O plurilinguismo refere-se à plurivocidade, à tessitura de vozes sociais que constitui o espaço enunciativo-discursivo. Nesse sentido, o plurilinguismo pressupõe uma variedade de línguas/linguagens e, com isso, diferentes estruturas enunciativas que se confrontam tendo em vista a diversidade de coerções nas relações sociais. Essa noção recusa qualquer preponderância linguística excludente e instaura a discursividade, rompendo com uma visão hegemônica de linguagem. O plurilinguismo traz a tona o caráter plural da linguagem, configurando a comunhão entre as diferentes línguas sociais e rechaçando a centralização, a objetividade e a estabilidade da língua.

Nesse enfoque, emerge em meio às reflexões bakhtinianas outra noção que vem complementar esse caráter elástico da linguagem: a tensão entre vozes

sociais, ou seja, os movimentos de centralização e de descentralização, os quais ele chama de forças centrípetas e forças centrífugas da linguagem. Enquanto as forças centrípetas se empenham em manter a unidade e procuram resistir às divergências, as forças centrífugas se empenham em manter as variedades, as diferenças. “A língua é ideologicamente saturada, ou seja, constitui-se como uma concepção de mundo e um modo de ter atitudes ativas, responsivas, em cada esfera da atividade humana. Nessa perspectiva, a língua alterna-se em movimentos dialógicos que indissocia forças centralizadoras e descentralizadoras na enunciação do sujeito”. (DI FANTI, 2003, p.103).

A língua se constitui e evolui historicamente na comunicação discursiva, acompanhando e refletindo a evolução das relações sociais, logo um estudo que visa a compreender e estudar os enunciados e suas formas típicas relativamente estáveis – os gêneros do discurso – como o presente trabalho, não pode deixar de considerar a situação social que os provoca, de examinar as relações dialógicas que tomam forma e sentido, e evidenciar o modo como os sujeitos se constituem e mostram inventividade em suas práticas de linguagem, aqui, em específico, nas práticas linguageiras que emergem na esfera da atividade empresarial.

2.1.3.2 O enunciado

Segundo Bakhtin, a língua efetua-se em forma de enunciados, os quais não estão situados no nível do sistema linguístico, mas no nível das relações de sentido, ou seja, no nível do discurso. O enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, dado que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade humana. Cada enunciado é sempre novo e irrepetível, representando um novo acontecimento, uma nova postura ativa do falante dentro de uma ou outra esfera de objetos e sentidos. E, ao mesmo tempo que é um elemento inalienável e singular, representa apenas um elo na imensa cadeia discursiva, porque não é o primeiro nem o último dessa rede: ao mesmo tempo que responde a enunciados anteriores, também antecipa outros que o seguem nessa cadeia. “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2003, p.272). Assim sendo, se por um lado os enunciados representam

unidades concretas e únicas da comunicação discursiva, por outro não podem deixar de se tocar nessa cadeia, pois estão vinculados uns aos outros por relações dialógicas e de sentido.

Um enunciado ao mesmo tempo que não pode ser visto isoladamente, fora de sua relação com outros enunciados, não pode ser também analisado fora de sua situação social, pois o discurso, como fenômeno da comunicação social, é construído pelas relações sociais que o suscitaram. Existe um tal vínculo entre enunciado e situação social que essa, ao se integrar ao enunciado, torna-se parte dele, representando fator indispensável a sua compreensão. Todo enunciado necessita de uma língua que o realiza, mas, como um todo de sentido, o enunciado não se limita a essa dimensão linguística; há outros aspectos constitutivos do enunciado indispensáveis a sua compreensão, os quais estão relacionados a sua dimensão extraverbal e social. Não se pode compreender o sentido do enunciado se não se reconhece, para além da sua dimensão verbal, essa outra dimensão extraverbal e social. Para Bakhtin, o fato de a situação social determinar o enunciado, de se integrar a ele como um elemento indispensável a sua constituição semântica, não deve levar a crer que o discurso e o enunciado reflitam passivamente a situação extraverbal ou que eles sejam expressão de algo já acabado. O enunciado representa uma solução valorativa, criando sempre algo de novo e irrepetível. Nas palavras do autor " O enunciado nunca é simples reflexo ou expressão de algo já existente fora dele, dado e pronto. O enunciado sempre cria algo, que, antes dele, nunca existiria, algo novo e irreprodutível, algo que está sempre relacionado com um valor (a verdade, o bem, a beleza, etc.)" (BAKHTIN, 2003, p. 326)

Dentre as características constitutivas do enunciado, que lhe conferem o estatuto de unidade real da comunicação discursiva e que o diferenciam das unidades da língua, a oração, estão: a alternância dos sujeitos discursivos, a conclusibilidade do enunciado e a expressividade do enunciado.

Alternância dos sujeitos discursivos. Cada enunciado é delimitado pela alternância dos sujeitos discursivos. Como já dito, todo enunciado possui um início e um fim absolutos que o delimitam de outros enunciados: os anteriores e os enunciados-resposta. A fronteira entre eles é delimitada pela troca desses sujeitos. O falante, ao concluir o que deseja dizer (*dixi* conclusivo), finaliza o seu enunciado e, assim, cede a palavra ao outro para dar lugar a sua compreensão ativa, a sua

postura de resposta que pode ser imediata ou não. A troca dos sujeitos discursivos emoldura o enunciado, estabelece suas fronteiras e concede corporeidade específica a ele.

Em função das condições da comunicação e das funções ideológicas da linguagem, a alternância dos sujeitos discursivos adota formas variadas. Nos diálogos face a face, ela é mais evidente: embora as réplicas estejam relacionadas entre si e orientadas para a reação resposta ativa do interlocutor, cada réplica tem seu acabamento específico ao expressar determinada posição do falante, que possibilita a tomada de palavra pelo interlocutor. O mesmo processo é percebido nos enunciados pertencentes às esferas de comunicação mais complexas. Como elos da comunicação discursiva, eles estabelecem relações dialógicas com outros enunciados, dentro de determinada esfera de objetos e estão separados, como as réplicas do diálogo, entre si pela troca dos sujeitos discursivos. Para o autor,

> todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. (BAKHTIN, 2003, p. 275)

Nessa primeira característica do enunciado, já fica evidente a distinção entre as unidades da língua e a unidade do discurso: o enunciado. A oração e a palavra – em sua forma abstrata e sem acento de valor – não se delimitam pela alternância dos falantes, não têm contato direto com a realidade, com a situação extraverbal, não possuem plenitude de sentido nem mantêm relação com os enunciados alheios, diferentemente do enunciado o qual abarca de forma efetiva todos esses aspectos.

Conclusibilidade do enunciado. O acabamento do enunciado relaciona-se à alternância dos sujeitos discursivos considerando, porém, do ponto de vista interior do enunciado. A alternância constitui-se pelo fato de que o falante, em determinado momento e em condições dadas, pronunciou tudo o que desejava, de

tal forma que o interlocutor, ao ouvir ou ler o enunciado, percebe o *dixi* conclusivo do falante. A conclusibilidade é necessária para que se possa responder ao enunciado.

Segundo Bakhtin, a inteireza acabada do enunciado, que assegura a possibilidade de resposta, de compreensão responsiva, é determinada por três elementos ou fatores que asseguram esse caráter de um todo concluso de sentido do enunciado: 1) exauribilidade do objeto e do sentido; 2) projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; 3) formas típicas composicionais e de gênero do acabamento.

A possibilidade de desenvolver mais o sentido do objeto é diferente nas diversas esferas da comunicação discursiva: pode ser quase completa nas esferas da vida cotidiana, em certas esferas oficiais, nas perguntas e respostas de caráter fático entre outras, mas pode não ter a mesma completude como acontece, por exemplo, nas esferas da criação, nas ciências, por exemplo, onde o sentido se constrói na relação com outros enunciados. Sabe-se que um objeto é inesgotável, mas ao se tornar tema do enunciado, como por exemplo um trabalho científico, adquire caráter conclusivo, de acabamento relativo, conforme as condições da situação, os objetivos do autor, isto é, torna-se conclusiva no "âmbito de uma ideia definida do autor" (BAKHTIN, 2003, p. 281).

Quanto ao segundo fator, a intencionalidade ou vontade discursiva do falante, Bakhtin afirma que, em todo enunciado, seja ele uma resposta da vida cotidiana ou um romance ou tese, sente-se a vontade discursiva do falante a qual determina seu volume e seus limites. Mediante a interpretação da vontade discursiva, da intencionalidade, mede-se o caráter de conclusibilidade do enunciado. A vontade discursiva representa o momento subjetivo do enunciado e determina, dentro de condições específicas da comunicação discursiva, seus limites e sua capacidade de esgotar o sentido do objeto.

> Imaginamos o que o falante quer dizer, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado. Essa idéia determina tanto a própria escolha do objeto em certas condições de comunicação discursiva, na relação necessária com os enunciados antecedentes) quanto os seus limites e a sua exauribilidade semântico-objetal... os participantes imediatos da comunicação, que se orientam na situação e nos enunciados antecedentes, abrangem fácil e rapidamente a intenção discursiva, a vontade discursiva do falante, e desde o início do discurso percebem o todo do enunciado em desdobramento. (BAKHTIN, 2003, p.281)

O último fator – as formas típicas, genéricas e composicionais do enunciado – é o elemento mais importante no que se refere à conclusibilidade. É a percepção sobre a forma do enunciado total, quer dizer, do gênero do discurso, que orienta o falante na construção do processo discursivo, na seleção dos recursos linguísticos, da forma composicional e do conteúdo temático e orienta também o leitor na interpretação da consideração do acabamento do enunciado, da previsão do seu volume, de sua extensão e de sua atitude valorativa. Os gêneros discursivos têm papel fundamental na construção e no acabamento dos enunciados.

> Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

Considerando o critério da conclusibilidade de forma geral, torna-se pertinente mais uma consideração em relação à distinção entre o enunciado e a oração. A oração, unidade da língua, possui conclusibilidade gramatical; não possui plenitude de sentido, nem capacidade de determinar diretamente a postura de resposta. É o enunciado que se institui como um novo elemento na cadeia contínua da comunicação discursiva, que provoca uma reação-resposta e é capaz de promover o sentido em sua plenitude. A oração representa uma potencialidade de sentido que só pode se materializar nas relações discursivas, entre sujeitos, ou seja, no enunciado.

Expressividade do enunciado. Todo enunciado tem a propriedade de ser expressivo, isto é, tem a instância de revelar a posição valorativa do falante. Não há enunciado neutro, embora cada enunciado possua peso e significação diferente nas diversas esferas da comunicação discursiva.

O caráter expressivo do discurso é uma característica própria do enunciado e não pode ser considerado propriedade da língua, pois, na língua, há somente formas linguísticas que carecem de uma atitude emotivo-valorativa. A oração adquire matiz expressivo somente no enunciado de forma que uma mesma oração, uma mesma palavra, pode ter sentidos bem distintos, dependendo da situação concreta em que é produzida. Assim, o aspecto emotivo-valorativo, a

expressividade do enunciado, manifesta-se apenas no uso ativo das unidades da língua, em enunciados concretos da comunicação discursiva. A atitude emotivo-valorativa se expressa na seleção dos recursos linguísticos (estilo), na seleção dos procedimentos composicionais (composição) e na entonação do enunciado.

Em relação à entonação, pode-se dizer que ela estabelece o vínculo entre o "enunciado" e o seu "contexto", situando-se nos limites da parte verbal e extraverbal, não existindo, portanto, no sistema da língua. Bakhtin afirma que

> um dos meios de expressão da relação emocionalmente valorativa do falante com o objeto da sua fala é a entonação expressiva que soa nitidamente na execução oral. A entonação expressiva é um traço constitutivo do enunciado. No sistema da língua, isto é, fora do enunciado, ela não existe. Tanto a palavra quanto a oração enquanto *unidades da língua* são desprovidas de entonação expressiva. Se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra mas um enunciado acabado expresso por uma palavra... (BAKHTIN, 2003, p. 290)

Nesse sentido, uma palavra ou oração, quando proferidas com determinada entonação expressiva, representam enunciados de uma só palavra ou uma só oração, em relação aos quais se pode tomar uma atitude de resposta.

Quanto ao processo de construção composicional do enunciado, pode-se verificar que ele mesmo já é expressivo, pois, ao construir o discurso, já existe uma intenção discursiva individual como também um plano genérico. A seleção dos recursos linguísticos não é tomada pelo sistema da língua, em sua forma neutra, mas a partir de outros enunciados vinculados ao mesmo gênero, pois é no gênero que a palavra adquire certa especificidade típica, que não lhe pertence propriamente. A expressividade da palavra no gênero pode ser considerada como a sua "auréola estilística que não pertence à palavra vista no sisterma da língua, mas ao gênero em que ela costuma funcionar, é o eco da totalidade do gênero que ecoa na palavra" (BAKHTIN, 2003, p. 293)

A palavra alheia também serve de orientação no processo de construção do enunciado. Nas diferentes esferas sociais e em diferentes épocas, há ideias que se destacam por estarem vinculadas a personalidades ou grupos sociais de prestígio

asquais são assimiladas e reacentuadas pelo indivíduo no seu processo de formação discursiva. Nas palavras de Bakhtin,

> em cada época , em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem...Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros... Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2003, p. 294-5)

Além da palavra alheia, tem-se de considerar também, para compreender a expressividade do enunciado, a atitude do falante a respeito do interlocutor, o seu *endereçamento*. O enunciado, ao se constituir em meio aos enunciados alheios, encontra-se sempre orientado para a compreensão-resposta ativa do interlocutor, logo, desde o início, leva em conta, embora não existente, mas pré-figurado, a reação reposta do ouvinte/ leitor no seu processo de construção de sentido. Assim, mais uma especificidade do enunciado que o distingue da unidade da língua pode ser evidenciada. O enunciado, seja ele uma réplica ou um romance, possui sempre autor e destinatário e revela uma posição frente à realidade e aos outros participantes da comunicação discursiva. A oração é sempre impessoal, não tem autor, não se encontra destinada à atitude valorativa do interlocutor e não tem contato com a realidade.

> À diferença das unidades significativas da língua – palavras e orações – que são impessoais, de ninguém e a ninguém estão endereçadas, o enunciado tem autor e destinatário. Esse destinatário pode ser um participante-interlocutor direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade...um povo, os contemporâneos... Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. (BAKHTIN, 2003, p.301)

A língua possui uma série de recursos que exprimem o direcionamento formal como, por exemplo, os pronomes pessoais, os elementos verbais, os padrões oracionais entre outros, mas estes só atingem direcionamento real no todo do enunciado concreto. A expressão desse direcionamento real nunca se esgota nesses recursos gramaticais; pelo contrário, eles podem nem existir. *"*A escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada*"* (BAKHTIN, 2003, p. 306).

Em síntese, todo enunciado é expressivo, pois evidencia uma atitude de valor diante do objeto do discurso, diante do falante, diante dos enunciados alheios e diante dos outros participantes do processo da comunicação discursiva. Cabe salientar, por fim, que se as duas primeiras características – a alternância dos sujeitos e a conclusividade – evidenciam o caráter singular do enunciado, esta última – a expressividade – configura a sua condição de elo na cadeia da comunicação discursiva.

A presente pesquisa tomará como base para as suas análises essa perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem, a qual defende a ideia de que é somente através da situação concreta da enunciação que se pode chegar ao real sentido das construções linguísticas. Um trabalho voltado para a unidade da língua – a oração – não dá conta de um estudo profundo e completo em termos de linguagem, é preciso tomar como unidade de análise, o enunciado em seu sentido pleno, como aqui evidenciado. O conceito de enunciado juntamente com as noções *intencionalidade* ou *vontade discursiva*, *endereçamento* e *expressividade,* tem forte repercussão no presente estudo, representando princípios de base para análises e reflexões posteriores.

2.1.3.3 O gênero discursivo

Para Bakhtin, conforme já dito, a língua efetua-se em forma de enunciados os quais são sempre únicos e concretos e refletem as características de um campo discursivo. Esses enunciados, embora sejam particulares e individuais, possuem formas típicas que estruturam a totalidade discursiva e orientam a construção e a compreensão do enunciado. Nas palavras de Bakhtin, "cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora

seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso*"* (BAKHTIN, 2003, 262).

Em *Os Gêneros do discurso: o problema e sua definição* (2003), Bakhtin inicia seu estudo, ressaltando que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua e que, portanto, não é de admirar que se tenha tanta diversidade nesse uso e uma consequente variedade de gêneros que se afiguram incalculáveis. A grande heterogeneidade dos gêneros poderia gerar a ideia de que seria impossível um plano único de estudo para os gêneros, mas, segundo ele, isso se deve ao fato de que a questão geral dos gêneros discursivos nunca ser verdadeiramente estudada. Os gêneros do discurso, desde a Antiguidade, sempre foram estudados apenas do ponto de vista artístico-literário "e não como determinados tipos de enunciados, que são diferentes de outros tipos, mas têm com estes uma natureza *verbal* (linguística) comum" (BAKHTIN, 2003, p.263). Considerando essa riqueza e variedade de gêneros, o autor propõe, conforme já tangenciado, a divisão deles em dois grandes grupos: gêneros primários – aqueles que fazem parte da esfera cotidiana da linguagem e que podem ser controlados diretamente na situação discursiva e os gêneros secundários – aqueles que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e organizado e são predominantemente escritos. Os gêneros secundários acabam, de certo modo, suplantando os primários, considerando que estes fazem parte de uma troca verbal espontânea, e que aqueles representam uma intervenção nessa situação, pois se apresentam de modo mais complexo e, geralmente, escritos. Os gêneros primários seriam instrumentos de criação dos gêneros secundários.

Para Bakhtin, a comunicação sempre se efetua através de gêneros discursivos, ou seja, todos os enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo, sendo, portanto, rico o repertório de gêneros discursivos – orais e escritos – que cada indivíduo possui. "Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero" (BAKHTIN, 2003, p. 282). Na prática, empregam-se os gêneros de forma segura e habilidosa, mas, em termos teóricos, pode-se desconhecer inteiramente sua existência, ou seja, não se tem consciência deles.

Os gêneros discursivos, segundo o autor, são adquiridos quase da mesma forma que é adquirida a Língua Materna, ou seja, através de enunciações concretas que são ouvidas e reproduzidas na comunicação discursiva. Assimilam-se

as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. Tanto as formas da língua como as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à consciência em conjunto. Aprender a falar significa aprender a construir enunciados e construí-los em determinada forma genérica.

> Esses gêneros do discurso nos são dados quase da mesma maneira que nos é dada a Língua Materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo teórico da gramática. A Língua Materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam... As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. (BAKHTIN, 2003, p. 283)

As formas de gênero, em relação às formas da língua, segundo o autor, são bem mais flexíveis, plásticas e livres, mas isso não significa que têm livre criação por parte do falante. O uso criativo de determinado gênero, normalmente mais propício à esfera cotidiana ou à esfera artística, não significa a criação de um novo gênero. Todo gênero possui finalidades específicas de forma que o uso criativo reflete uma possibilidade já inscrita no próprio funcionamento do gênero, ou seja, faz parte de seus objetivos mais amplos.

> Paralelamente a semelhantes gêneros padronizados, existiam e existem, é claro, gêneros mais livres e mais criativos de comunicação discursiva oral: os gêneros das conversas de salão sobre temas do cotidiano, sociais, estéticos e similares, os gêneros das conversas à mesa, das conversas íntimo-amistosas, íntimo-familiares... A maioria desses gêneros se presta a uma reformulação livre e criadora (à semelhança dos gêneros artísticos, e alguns talvez até em maior grau), no entanto o uso criativamente livre não é uma nova criação de gênero – é preciso dominar bem os gêneros para empregá-los livremente. (BAKHTIN, 2003, p. 284)

Para Bakhtin, quanto mais se dominam os gêneros discursivos mais livremente se pode empregá-los, mais nitidamente se pode perceber a nossa individualidade e mais sutilmente se pode refletir sobre a situação singular da comunicação, realizando-se de forma mais completa o projeto discursivo.

Conforme já mencionado, cada enunciado, visto sob a ótica do acontecimento é único e caracteriza-se por três momentos constitutivos vinculados que, por um processo de abstração, podem ser decompostos em: *tema* que diz respeito aos objetos, sentidos, conteúdos, gerados numa esfera discursiva com suas realidades socioculturais, o *estilo* que diz respeito à seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais da língua e *construção composicional* que diz respeito a procedimentos, relações e organização do discurso. Entretanto, como elo da "comunicação discursiva e acontecimento da interação verbal em um tipo particular de situação social, ele é construído, inscreve-se em uma formulação genérica específica e partilha características de gênero comuns aos outros enunciados daquela situação de interação. Por isso, Bakhtin define também os gêneros como *tipos* temáticos, estilísticos e composicionais dos enunciados singulares". (RODRIGUES, 2005, p. 167).

Assim, todo gênero tem conteúdo temático orientado pelas características de sua esfera social, a qual tem sempre seus objetos de discurso e sua função sócio-ideológica específica. Ainda que o objeto por natureza seja inesgotável, quando se converte em tema do enunciado, adquire um sentido particular, um caráter relativamente concluído, de acordo com as condições determinadas. Os gêneros não são indiferentes às especificidades da sua esfera, muito pelo contrário, eles revelam, desvendam essas especificidades, ou ainda, os gêneros orientam em maior ou menor grau, o tratamento do sentido do objeto.

Em relação à construção composicional, pode-se dizer que é a noção acerca da forma do enunciado total, da sua organização, disposição, combinação, acabamento e a percepção frente aos participantes da comunicação discursiva que faz o discurso ser colocado em determinadas formas composicionais e estilísticas. Para Bakhtin, uma das causas de se ter subestimado o gênero como a unidade do discurso deve-se justamente a sua heterogeneidade no que se refere a sua dimensão, extensão e composição.

Quanto ao estilo, terceira característica constitutiva do gênero, pode-se afirmar que ele também nunca pode ser compreendido fora de sua natureza genérica. Os estilos individuais, bem como os de língua, são estilos genéricos de determinadas esferas da atividade e comunicação humana. Onde há um estilo há também um gênero, pois o estilo de um enunciado é o do gênero no qual o enunciado se encontra construído. Nas palavras de Bakhtin,

> Uma determinada função (científica, técnica, publicística, oficial, cotidiana) e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis. O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento. (BAKHTIN, 2003, p.266)

Apesar de todo enunciado ser individual e poder revelar aspectos da individualidade do falante, o mesmo não acontece com o gênero discursivo. Nem todos os gêneros são capazes de refletir um estilo particular de forma evidente. As condições mais produtivas se encontram em esferas mais plásticas, como a esfera literária, na qual um estilo individual faz parte dos propósitos do gênero, sendo uma das funções da comunicação artística. Os gêneros menos produtivos para o reflexo da individualidade da linguagem relacionam-se com aqueles que requerem pouca plasticidade, como nas instruções de trabalho, em documentos oficiais, nas ordens militares, etc. Neles só podem se mostrar os aspectos mais superficiais, quase biológicos da individualidade. “Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artístico-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objeto seu, mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar” (BAKHTIN, 2003, p. 266).

Nos diferentes gêneros do discurso, a orientação dialógica com relação aos discursos alheios se manifesta de forma heterogênea e variada. Em alguns gêneros, a palavra do outro pode ser um elemento indispensável, um argumento de autoridade, que se destaca explicitamente em muitos gêneros, enquanto, em outros, essa relação se manifesta de forma difusa, revelando-se em determinados aspectos do estilo e da composição. Além disso, a forma e o grau da orientação dialógica com a palavra alheia nos gêneros estão efetivamente relacionados com as especificidades de cada esfera. Na esfera literária, há, por exemplo, um tratamento mais livre da palavra do outro; já na esfera científica, há uma maior apropriação do discurso alheio, revelando muitas vezes de forma explícita, como nas citações que marcam a autoria do enunciado.

A percepção que o falante tem da compreensão-resposta do destinatário não determina apenas o estilo e a composição do enunciado, mas também

determina o próprio gênero. O gênero tem não apenas seu propósito discursivo típico, sua concepção determinada de autor, mas também de destinatário. "Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero" (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Outro aspecto importante diz respeito à constituição e à transformação dos gêneros condicionadas às mudanças sociais. Cada gênero tem seu campo predominante de existência, onde é insubstituível e não suprime os já existentes. Bakhtin aprofunda essa questão analisando principalmente o romance e as particularidades fundamentais que distinguem esse gênero de outros gêneros literários. Assim como o romance dialógico não acaba nem limita a existência de outras variantes do romance, pode-se afirmar que também o telefonema não substitui a conversa, o e-mail não substitui a carta, o blog não exclui o diário. Cada novo gênero aumenta e influencia os gêneros de uma determinada esfera, e o seu desaparecimento se dá pela ausência das condições sociocomunicativas que o engendraram. Não se trata de uma relação de substituição, e, sim, do aparecimento de gêneros a partir das novas necessidades de interlocução. Segundo Bakhtin,

> Ao nascer, um novo gênero nunca supre nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes [...] o surgimento do romance polifônico não suprime nem limita em absolutamente nada a evolução subsequente e produtiva das formas monológicas de romance (do romance biográfico, histórico, de costumes, romance-epopeia, etc.), pois sempre haverão de perdurar e ampliar-se campos da existência humana e da natureza que requerem precisamente formas objetificadas e concludentes, ou seja, formas monológicas de conhecimento artístico. (BAKHTIN, 1997, p. 273-274)

Outra característica da vida dos gêneros relaciona-se a sua constante renovação, ou seja, o seu movimento entre o novo e o velho, entre a unidade e a continuidade, entre o dado e o criado. Ao mesmo tempo que para o falante o gênero se constitui como força reguladora para a construção e acabamento do enunciado e, para o interlocutor, como horizonte de expectativa, o gênero também se renova a cada nova situação de enunciação. Para Bakhtin, o gênero não é uma forma abstrata, mas concreta e histórica, visto a partir de situações da vida social

relativamente estável, ou seja, dentro dos diferentes variedades de intercâmbio comunicativo social.

Nesse sentido, gênero como *tipo reativamente estável* corre o risco de provocar uma visão reducionista quando desvinculado do conjunto das ideias do Círculo, já que a noção de *tipo* corresponde normalmente à noção de forma, de classificação, assim com caráter teórico abstrato. Para Bakhtin, gênero e enunciado possuem uma natureza verbal comum, ou seja, os gêneros são históricos e mantêm uma relação constitutiva com a realidade extraverbal, refletindo o vínculo entre a língua e a vida. De acordo com Bakhtin,

> O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, 2003, p. 265)

Assim, os gêneros do discurso e os enunciados, na teoria bakhtiana, têm um papel importante na vida da sociedade e da língua. O enunciado, o gênero e a língua representam os diferentes meios de interação sociodiscursiva. As formas da língua, no entanto, por serem mais cristalizadas, não são capazes de refletir, de forma imediata e flexível, as transformações da vida social; as formas genéricas do enunciado, por seu papel e lugar no conjunto da vida socioideológica é que expressam de modo mais sensível, imediato e flexível, todas as essas mudanças. São as formas do enunciado, e não as formas da língua, que têm o papel mais importante na consciência e na compreensão da realidade. Nesse sentido, os gêneros acumulam formas de conceber e de julgar o mundo, pois são eles que respondem às condições específicas de uma dada esfera.

> Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos. (BAKHTIN, 2003, p. 268)

É por acreditar que: 1) a comunicação humana se realiza efetivamente através de gêneros discursivos, os quais representam uma espécie de conhecimento que orienta a construção e a compreensão da linguagem; 2) os gêneros são históricos, flexíveis e refletem de forma imediata as transformações da vida social; 3) o conhecimento e o domínio dos gêneros discursivos permitem realizar o projeto discursivo de forma mais eficiente e completa, que se optou por esta perspectiva teórica para a análise e descrição do funcionamento dos novos gêneros discursivos que estão emergindo na esfera de atividade empresarial. Desvendar o funcionamento de gêneros nessa perspectiva significa penetrar numa dimensão que foge ao formalismo, significa invadir a realidade do contexto extraverbal do discurso e evidenciar o quanto a língua e a vida são realidades inter-relacionadas. É a análise das formas do discurso, em seu contexto de produção, e não a análise das formas da língua, que revelam a consciência e a compreensão de uma realidade e é, portanto, nessa perspectiva, que a presente pesquisa propõe seu desenvolvimento.

2.1.3.4 A esfera

Em breve revisão das obras bakhtianas, pôde-se verificar que o conceito de esfera, ora denominado esfera de atividade, ora esfera ideológica, ora esfera da comunicação social, emerge já nas primeiras produções do círculo, em especial, em *O discurso na vida e o discurso na arte* (1926), de Bakhtin/Volochínov e em *O método formal no estudo literário: uma introdução à poética sociológica* (1928), de Bakhtin/ Medvedev. Uma reflexão mais aprofundada sobre o tema é apresentada em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), de Bakhtin/ Voloshinov. O propósito primeiro em desenvolver esse conceito era a necessidade de explicar a natureza e as especificidades das produções literárias. Bakhtin estudou a obra de Dostoievsky e mostrou o quanto suas personagens não eram inventadas nem copiadas, mas apreendidas a partir da realidade de sua época. Para ele, o romancista "não copiou nem expôs esses protótipos, mas os reelaborou de maneira livremente artística, convertendo-os em imagens artísticas vivas das idéias" (BAKHTIN, 1997, p.90). Bakhtin denomina polifonia essa característica marcante do autor em que as vozes não se sujeitam a um narrador, mas relacionam-se umas às outras em condições de

igualdade, estando em constante interação dialógica. Assim, para o autor, a obra literária, como produto ideológico, não é nem cópia do real nem criação, mas um todo próprio de refração da realidade social, segundo a lógica específica do campo artístico.

A posição de Bakhtin sobre esfera é construída a partir do diálogo com duas correntes teóricas: o formalismo russo e o marxismo. Em relação à primeira corrente, Bakhtin se posiciona contrário à ideia da existência de um núcleo imanente dos estudos literários, no qual não haveria influência das transformações socioeconômicas nem de outros campos ideológicos. Em relação à segunda, o autor busca superar a visão determinista e mecanicista proveniente da ortodoxia marxista de que os fatos da base socioeconômica têm influência ímpar nas produções discursivo-ideológicas.

Assim, a noção de esfera da comunicação discursiva é compreendida como um nível específico de coerções que, sem desconsiderar a influência da instância socioeconômica, constitui as produções ideológicas, segundo a lógica particular de cada campo. Nas palavras do autor,

> cada campo de criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua própria maneira. Cada campo dispõe de sua própria função no conjunto da vida social. É seu caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma definição geral. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 33)

Bakhtin, ao mesmo tempo que enfatiza as especificidades coercivas de cada esfera, também chama a atenção, em meio as suas reflexões, do quanto as esferas são assentadas a partir da constituição semiótica do signo linguístico. A presença da palavra em todos os campos ideológicos – ciência, arte, religião – confere a ela um valor especial e indispensável no que diz respeito aos estudos das diversas esferas de atividade humana.

> A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social... (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 2006, 36)

> Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação.
> Todas as propriedades da palavra que acabamos de examinar – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, 38 e 39)

É na interação verbal que a língua, os signos ideológicos, a intersubjetividade se materializam e é nela também que se articulam os fatores externos e internos à esfera. Ao tratar da interação verbal, na obra *Marxismo e filosofia da linguagem,* o Círculo apresenta uma distinção entre a ideologia do cotidiano e os sistemas ou esferas ideológicas constituídas. A ideologia do cotidiano relaciona-se à "palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 123). Representa o ponto de partida para a constituição das esferas ideológicas, mas também sofre sua influência. Na obra, os autores fazem distinção entre o nível inferior e o nível superior da ideologia do cotidiano. No primeiro, o fator biográfico e o biológico têm papel preponderante, sendo constituído pelas "atividades mentais e pensamentos confusos e informes que se acendem e apagam na nossa alma, assim como as palavras fortuitas e inúteis" (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.124). No nível superior da ideologia do cotidiano, há o contato direto com os sistemas ou esferas ideológicas e, por isso, é mais suscetível a sua influência. Tem um caráter maior de responsabilidade e de criatividade. Segundo Grillo (2006), "o nível superior realiza-se sob a forma de tipos de discursos da vida cotidiana ou gêneros cotidianos tais como a ordem, o pedido, as conversas de operário à hora do almoço, as conversas de salão, etc." (GRILLO, 2006, 145).

Já os sistemas ou esferas ideológicas constituídas dizem respeito aos domínios que possuem seu próprio material ideológico, com signos e símbolos que lhe são específicos e que não são aplicáveis a outros domínios. Constituídos "da moral social, da ciência, da arte, da religião, cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano, exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão assim normalmente o tom a essa ideologia" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.

123). Para Bakhtin e o Círculo, ambos sistemas estão em relação dialética. Sobre tal tema, lembram-se as palavras de Miotello (2008) que diz: “De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social” (MIOTELLO, 2008, p. 169).

De forma geral, verifica-se, então, que Bakhtin/Volochinov, ao estabelecer a distinção e a relação entre as interações que ocorrem na ideologia do cotidiano, e aquelas que ocorrem nos sistemas ideológicos constituídos, fundamentam a sua teorização das esferas de atividade.

Em *Questões de literatura e de estética* (Bakhtin, 1993[1934-1935]), o autor examina o papel do discurso alheio não só no romance como nos vários domínios da vida e da criação ideológica, ou seja, nas diversas esferas de atividade humana. Segundo ele, a palavra alheia tem papel fundamental na formação ideológica do homem e pode se apresentar como palavra autoritária ou como palavra interiormente persuasiva. A palavra autoritária é encontrada *a priori* unida à autoridade, é a palavra dos pais, do professor, do padre, relacionada às diversas esferas ideológicas – a família, a escola, a igreja. Está associada à norma, à lei, por isso é impossível confrontá-la ou contestá-la. Não permite o diálogo: “... o discurso autoritário exige o nosso reconhecimento incondicional e não absolutamente uma compreensão e assimilação livre em nossas próprias palavras [...] entra em nossa consciência verbal como uma massa compacta e indivisível, é preciso confirmá-la por inteiro ou recusá-la na íntegra...*”* (BAKHTIN, 1993, p. 144).

A palavra interiormente persuasiva constitui-se como “metade nossa e metade do outrem, é a palavra semi-alheia propriamente dita, e sua produtividade criativa consiste precisamente em que ela desperta nosso pensamento e nossa palavra autônoma” (BAKHTIN, 1993, p.145). Ela está entrelaçada com as palavras do homem em formação e é fundamental para o seu processo de independência. Não se trata de imitação ou réplica de outros discursos, mas envolve um confronto de contextos, num processo criativo de transformação do discurso alheio e de diálogo interno. Mais adiante da obra, o autor examina a presença e o papel da palavra alheia em diversas esferas – jurídica, científica, religiosa e política, evidenciando o quanto as esferas são determinantes para a compreensão da presença e do tratamento dado à palavra alheia.

Dando continuidade à revisão sobre a noção de esfera, chega-se finalmente à obra *Estética da Criação Verbal* (1970), em especial em *Os Gêneros do discurso: o problema e sua definição*, onde Bakhtin volta a tratar dessa noção. Ele introduz o capítulo afirmando que "cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominaremos gêneros do discurso" (BAKHTIN, 2003, p.261). Esse conceito inicial já permite inferir dois aspectos importantes sobre esfera que vão acompanhar as reflexões no decorrer de todo o capítulo: primeiro, o quanto a esfera – campo de utilização da língua – é fator determinante na formação dos gêneros; segundo, o quanto é relativa a estabilidade dos gêneros, justamente em função de os gêneros estarem condicionados às transformações das esferas.

Bakhtin critica a forma pobre e superficial com que os linguistas costumam classificar os estilos da língua, infringindo o requisito lógico principal de uma classificação, a sua unidade de fundamento. Para ele, essa dificuldade *é "*resultado direto da incompreensão da natureza de gênero dos estilos de linguagem e da ausência de uma classificação bem pensada dos gêneros discursivos por campos de atividade" (BAKHTIN, 2003, p. 267). Assim, o autor, a partir de sua concepção sócio-histórica de gênero, propõe as diferentes esferas sociais como um princípio de organização dos gêneros do discurso. Essa proposta de organização, embasada no princípio das esferas sociais, trabalha com a noção de gênero concreto, histórico, considerando inclusive a impossibilidade de uma classificação exaustiva, em decorrência da variedade de atividades humanas e consequentemente dos gêneros discursivos.

Segundo Bakhtin, os gêneros do discurso correspondem a situações de interação típicas da comunicação discursiva de uma determinada esfera social. Uma função determinada sob condições próprias, condicionadas pela esfera da comunicação discursiva, geram os gêneros discursivos. As diferentes esferas sociais constituem historicamente seus gêneros, elas têm seu repertório de gêneros que se diferencia e cresce à medida que se desenvolve e se complexifica a própria esfera. Assim, cada gênero tem determinada orientação etiológica, determinado objetivo discursivo, sua própria concepção de autor e de destinatário. Cada gênero reflete, através do tema, estilo e composição, as condições e finalidades da esfera a qual pertence. E são várias as passagens da obra em que o autor evidencia a relação entre os elementos constitutivos do enunciado e a esfera social, apontando o quanto

esses elementos são condicionados pelas características da esfera e o quanto refletem essas características. A citação abaixo são exemplos dessa posição.

> No fundo os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos. (BAKHTIN, 2003, p. 266)

> ...a exauribilidade semântico-objetal do tema do enunciado – é profundamente diverso nos diferentes campos da comunicação discursiva... O objeto é objetivamente inexaurível, mas ao se tornar tema do enunciado (por exemplo, um trabalho científico) ele ganha uma relativa conclusibilidade em determinadas condições, em certa situação do problema, em um dado material, em determinados objetivos colocados pelo autor, isto é, já no âmbito de uma ideia definida do autor. (BAKHTIN, 2003, p. 281)

> Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero. (BAKHTIN, 2003, p. 301)

Ainda a respeito de esfera, duas observações cabem ser mencionadas. Primeiramente o fato de que, apesar de reconhecer-se que cada domínio ideológico tem sua especificidade, não se pode pensar as esferas como um espaço isolado, delimitado e sem fronteiras. Não há espaço cultural sem intersecções. As esferas não são instâncias físicas ou geográficas, mas ideológico-discursivas. As diferentes esferas representam a concretização de uma das formas ou variedades de intercâmbio comunicativo social que geram os gêneros discursivos. A segunda observação, superficialmente já mencionada, refere-se ao fato de que não é possível um agrupamento estável, definitivo e exaustivo dos gêneros não só em razão da riqueza inesgotável das possibilidades da atividade humana, mas também pelo fato de que as esferas se desenvolvem, se modificam, se complexificam de acordo com as circunstâncias sócio-históricas. É necessário considerar que a individuação das esferas sócio-ideológicas é um processo histórico que vai se diferençando de forma gradual e que isso se reflete na formação e funcionamento dos gêneros.

Em resumo, esfera representa um espaço social capaz de traduzir, refratar as demandas externas em razão da relação entre os agentes, as instituições e as obras de um determinado campo de produção cultural. Constitui-se em importante fator para se pensar as especificidades das produções ideológicas de um determinado campo de comunicação discursiva, tornando-se indispensável para o estudo e a classificação dos gêneros discursivos. A noção de esfera assume, na presente pesquisa, papel fundamental, já que permite uma compreensão mais ampla da produção ideológica do campo em estudo, o empresarial, e representa o princípio de organização dos gêneros discursivos que aí circulam.

Cabe dizer que os conceitos e as noções levantados aqui – língua/linguagem, enunciado, esfera de atividade e principalmente gênero discursivo configuram-se apenas como um recorte da teoria base da pesquisa, ou seja, explicitam apenas seus princípios básicos. Tais conceitos e noções são retomados, reexemplificados e significativamente expandidos e ampliados no decorrer do estudo, acompanhando e sustentando análises e reflexões. Chama-se a atenção, em especial, para uma reflexão apresentada no capítulo 4, Análise e Discussão dos Resultados, onde se confrontam as noções de gênero discursivo e gênero textual, e a partir daí se explicitam e se justificam os motivos pelos quais se optou pelo tratamento de Gênero Discursivo, obviamante vinculado à dimensão da base epistemológica da teoria base. Noções referentes à dimensão verbal e extraverbal da linguagem, proposta por Bakhtin, também são aprofundadas mais adiante, em especial no capítulo 3, quando fundamentam-se instâncias e categorias de análise. As explanações aqui levantadas ressurgem e se ampliam ao longo do trabalho, esclarecendo e justificando escolhas e percursos de cunho teórico e metodológico.

2.2 ESFERA EMPRESARIAL

Considerando a estreita relação entre as esferas sociais e a formação e funcionamento dos gêneros do discurso, torna-se necessário, neste momento, evidenciar algumas especificidades da esfera em estudo na presente pesquisa, a esfera empresarial. Uma revisão da literatura da área aponta que são inúmeros os estudos e trabalhos referentes à área empresarial, envolvendo diferentes perspectivas sobre essa realidade: gestão, administração empreendedorismo.

Dessa forma, foi necessário optar por alguns aspectos que se acredita serem relevantes para as posteriores reflexões e análises. Assim, no primeiro momento, procura-se evidenciar o conceito de empresa, seus tipos e suas estruturas; no segundo, elucidam-se alguns aspectos que dizem respeito às relações entre seus componentes e, por fim, caracteriza-se a natureza e a importância da comunicação na esfera empresarial. Acredita-se que conhecer princípios básicos relativos à organização, às relações interpessoais e à significação de linguagem nesse campo de atividade, sob a perspectiva de teorias da área específica, contribui efetivamente para reflexões mais fundamentadas sobre a esfera em estudo e, consequentemente, sobre os gêneros que aí se formulam e circulam.

2.2.1 Conceito e organização

Em relação aos conceitos de empresa, parte-se inicialmente de conceitos do senso comum, ou seja, de definições encontradas em dicionários – comuns e eletrônicos – e, em seguida, mencionam-se conceitos provenientes de autores da área específica de administração e gestão empresarial.

Segundo Ferreira (1996),

> **Empresa** (ê). S.f. 1. aquilo que se empreende; empreendimento. 2. Organização particular, governamental, ou de economia mista, que produz e/ou oferece bens e serviços, com vistas, em geral, à obtenção de lucros. 3. Empresa(2) como organização jurídica; firma, sociedade. (FERREIRA, 1996, p. 242)

Para Amora (1999),

> **Empresa** (ê) *sf* 1. Associação para explorar uma atividade econômica; 2. empreendimento. *Pl* empresas (ê). *Cf* empresa e empresas, do *v* empresar. (AMORA, 1999, p. 242)

De acordo com a wikipédia, enciclopédia online,

> Empresa é um conjunto organizado de meios com vista a exercer uma actividade particular, pública, ou de economia mista, que produz e oferece bens e/ou serviços, com o objetivo de atender a alguma necessidade humana. O lucro, na visão moderna das empresas privadas, é consequência do processo produtivo e o retorno esperado pelos investidores. As empresas de titularidade do Poder Público têm a finalidade de obter rentabilidade social. As empresas podem ser individuais ou coletivas, dependendo do número de sócios que as compõem.[10]

Para Torquato (1986), professor adjunto da Universidade de São Paulo e consultor de Marketing Institucional e de Comunicação,

> Empresa é uma 'unidade sócio-econômica voltada para a produção de um bem de consumo ou serviço'. Representa um sistema que reúne capital, trabalho, normas, políticas e natureza técnica. Para o autor, no que tange ao aspecto econômico, a relação de troca possibilitada pela produção de bens e serviço é o que permite à empresa condições de se viabilizar; já no aspecto social, uma empresa tem não apenas o objetivo de gerar bens econômicos, mas também de desempenhar papel significativo na sociedade, gerando empregos e aprimorando os avanços tecnológicos. (TORQUATO, 1986, 13)

É comum encontrar também, na literatura da área, o conceito de empresa vinculado a diferentes abordagens: abordagem sistêmica, abordagem econômica, abordagem jurídica, etc. De acordo com a Teoria de Sistema, empresa é um sistema integrado por diversas partes relacionadas entre si, que trabalham em harmonia umas com as outras, com a finalidade de alcançar uma série de objetivos, tanto da organização como de seus participantes. A Teoria Geral dos Sistemas (TGS) surgiu com os trabalhos do biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, publicados entre 1950 e 1968. Segundo a TGS, os sistemas vivos, sejam indivíduos ou organizações, são analisados como sistemas abertos, mantendo um contínuo intercâmbio de matéria/energia/informação com o ambiente. Empresa aqui é vista como um "sistema organizador e transformador de inputs trazidos do ambiente em outputs para o mesmo ambiente" (AIROLDI et al., 1989, p. 73).

Segundo a abordagem jurídica, empresa é a organização destinada a realizar um fim determinado, econômico ou não mediante a utilização permanente

[10] Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Empresa> Acesso em: 20 mai. 2010.

de pessoal e sob a direção e retribuição do organizador. Nessa perspectiva, “Empresas são organizações nas quais há um certo número de empregados, desenvolvendo uma atividade comum, sob a autoridade de um chefe investido no poder de direção” (GOMES/GOTTSCHALK, 1998, p.18). A ênfase nessa abordagem não é o aspecto econômico, mas são as relações interpessoais que se desenvolvem no seio da empresa.

No enfoque econômico, empresa é um organismo econômico*,* isto é, se assenta sobre uma organização fundada em princípios técnicos e leis econômicas. Objetivamente considerada, apresenta-se como uma combinação de elementos pessoais e reais, colocados em função de um resultado econômico e realizada em vista de um intento especulativo de uma pessoa, que se chama empresário. “Como criação de atividade organizativa do empresário e como fruto de sua idéia, a empresa é necessariamente aferrada à sua pessoa, dele recebendo os impulsos para seu eficiente funcionamento*”*. (FERRI apud REQUIÃO, 1998, p. 50). Observa-se, pois, que do conceito econômico destaca-se a figura do empresário, desenvolvendo relação íntima com a empresa, resguardada a esta a face de organização, com fim de lucro e atuação no mercado.

As reflexões e citações acima evidenciam o quanto o conceito de empresa é amplo e apresenta nuances diferentes, de acordo com a perspectiva enfocada. Na percepção do senso-comum, representa apenas um agrupamento ou organização que tem como objetivo central atividade econômica, o lucro. Já, na percepção de especialistas da área, o conceito toma acepções mais específicas. O lucro não mais emerge como finalidade central, torna-se elemento pressuposto. A ênfase recai em aspectos relacionados ao funcionamento do sistema, ou seja, nas relações interpessoais, nas relações de poder e de troca, nas leis que comandam a empresa e na repercussão que essa tem na vida política e econômica da sociedade. Evidentemente que essas diferenças conceituais estão relacionadas à realidade de seus enunciadores, ou seja, provêm de sujeitos que ocupam posições diferentes na esfera em estudo. Acredita-se que as empresas a serem visitadas nesta investigação tenham uma identidade base, ou seja, todas percebam-se como uma organização que visa a atingir objetivos comuns, mas, certamente, que cada uma delas apresenta suas peculiaridades em termos de valores, identidade e ideologia, peculiaridades essas que deverão ser desvendadas e analisadas em capítulo posterior, em especial, no capítulo *Análise e discussão dos resultados*.

De forma geral, a literatura da área apresenta uma diversidade de classificações para as empresas, levando em conta aspectos como ramo de atividade, tamanho, número de proprietários, fim (lucrativo/não-lucrativo), etc. Eis algumas considerações.

Em relação ao ramo de atividade, as empresas geralmente são classificadas em industriais, comerciais e prestadoras de serviços. As industriais são as que produzem bens de consumo ou bens de produção, mediante a transformação de matérias-primas em mercadorias ou produtos acabados. As que produzem bens de consumo oferecem seus produtos aos consumidores finais, enquanto as que bens de produção são geralmente fornecedoras de outras empresas industriais ou comerciais. As empresas industriais abrangem desde os pequenos artesanatos até as grandes fábricas. As empresas comerciais são as que vendem mercadorias ou produtos acabados diretamente ao consumidor (comércio varejista) ou ainda aquelas que compram do produtor para vender ao varejista (comércio atacadista). As empresas prestadoras de serviço são aquelas que oferecem trabalhos especializados, como transporte, educação, saúde, comunicação, lazer, serviços de manutenção, etc. Não produzem mercadorias, mas atividades profissionalizadas. [11]

No que diz respeito ao tamanho, as empresas são classificadas em tamanho grande, médio e pequeno porte. O critério utilizado para essa classificação está relacionado com o número de empregados, o volume de vendas, o volume de depósitos, etc. Governo, banco e entidades de classe utilizam critérios variados para classificar as empresas de acordo com o seu tamanho, para efeito de registro, isenções, apoio técnico, obtenção de crédito. O SEBRAE[12] utiliza a classificação pelo número de empregados. O parâmetro utilizado é o seguinte: Pequena empresa: Indústria – 20 a 99 empregados, Comércio e serviços – 10 a 49 empregados; Média empresa: Indústria – 100 a 499 empregados, Comércio e serviços – 50 a 99 empregados; Grande empresa: Indústria – 500 ou mais, Comércio e serviços – 100 ou mais.[13]

---

[11]Fonte de pesquisa: Chiavenato, I. *Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo, Saraiva, 2008.

[12] SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

[13] Dados do SEBRAE citados por Chiavenato, I. *Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo, Saraiva, 2008.

Quanto ao número de proprietários, as empresas apresentam as seguintes modalidades: Empresa Individual, Sociedade Limitada, Sociedade em nome Coletivo, Sociedade Anônima (SA), Sociedade em Comandita Simples, Sociedade em Comandita por Ações. Empresa individual é aquela em que há apenas um proprietário e o patrimônio particular se confunde com o da empresa; Sociedade Limitada é aquela que conta com a responsabilidade limitada dos sócios – restrita ao valor das cotas e é a modalidade mais comum adotada pelas pequenas empresas. Sociedade em Nome Coletivo é a constituída somente por pessoas físicas, sendo que todos os sócios respondem solidária e ilimitadamente pelas obrigações sociais. Sociedade em Comandita Simples é aquela que possui dois tipos de sócios comanditados: pessoas físicas, responsáveis solidária e ilimitadamente pelas obrigações sociais e os comanditários, obrigados somente pelo valor de sua quota. Sociedade Anônima é aquela que tem o capital dividido em ações, e a responsabilidade dos sócios ou acionistas é limitada ao preço de emissão das ações subscritas ou adquiridas. Sociedade em Comandita por Ações é a que tem o capital dividido em ações, regendo-se pelas normas relativas às sociedades anônimas. [14]

No que se refere ao seu fim, lucrativo ou não-lucrativo, cabe salientar que há entidades de direito privado, dotada de personalidade jurídica que efetivamente não possuem fins lucrativos. São associações de natureza religiosa, cultural, esportiva, filantrópica, etc, que têm objetivos e ideais sociais comuns. Há empresas, no entanto, que se declaram sem fim lucrativo e isso não implica que elas não criem lucros, mas que esses lucros não são redistribuídos pelo(s) dono(s) da empresa. A empresa pode aplicar esses lucros para poder suportar os custos da sua atividade, e o restante (o chamado lucro) pode ser aplicado na expansão da sua atividade ou no aumento de sua eficiência.[15]

Foi possível constatar que a literatura da área não apresenta uniformidade em termos de nomenclaturas e conceitos no que tange a essas classificações, no entanto a análise dessas diferenças não faz parte da alçada do presente estudo.

---

[14] Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/faq/criacao_empresa/legalizacao/tipos_empresas> Acesso em: 20 abr. 2011.

[15] Disponível em:<http://www.sebraesp.com.br/faq/criacao_empresa/legalizacao/tipos_empresas> Acesso em: 15 abr. 2011.

Cabe salientar que a relevância dessas considerações na pesquisa reside no fato de representar suporte para, em momento posterior, classificar as empresas visitadas e delimitar o campo de estudo. Além disso, acredita-se que fornecerão, ainda que de forma indireta, subsídios para se pensar nas especificidades da esfera empresarial em termos de valores, identidade e ideologia.

2.2.2 Relações interpessoais na empresa

Uma empresa, sem dúvida, representa a união e a participação de vários componentes com vistas a alcançar objetivos. Essa participação pode ser direta ou indireta, mas todas são fundamentais para o seu pleno funcionamento. De forma geral, a literatura da área apresenta como principais componentes da empresa: o *acionista,* que é o investidor ou proprietário que investe na empresa e espera dela um retorno; o *empregado* que é o administrador, gerente, funcionário, operário que trabalha no empreendimento em troca de um salário ou participação nos resultados; o *cliente,* que adquire os produtos /serviços produzidos pelo negócio e que espera satisfação no seu uso ou consumo; o *fornecedor,* que é o provedor das entradas (insumo), ou seja, aquele que fornece matéria-prima tecnologia ou serviço ao negócio em troca de determinado lucro ou ganho e a *sociedade* que pode ser a comunidade ou o governo que cria condições favoráveis ao negócio em troca de impostos ou contribuições.

Todos esses componentes têm de ser atendidos pelo empreendimento para que a empresa seja considerada de bom desempenho, no entanto sabe-se que é o cliente que vai ser o determinante crítico do sucesso da empresa, à medida que ela consegue atender às suas necessidades e aspirações. Nesse sentido, os parceiros devem estar permanentemente engajados no processo de servir ao cliente e serão bem-sucedidos à medida que consigam satisfazê-lo.

Apesar de o cliente ser o componente que vai apontar o sucesso da empresa, de ser ele o alvo final da organização, percebe-se que atualmente tem sido concedido um olhar especial ao componente empregado – aqui incluindo o administrador, gerente, funcionário, operário – pois ele é o centro das relações, é o que interage com os demais componentes da empresa, sejam fornecedores, consumidores dos seus produtos e serviços. Para Nacfur, 2003

> Executivos de algumas empresas acreditam na falácia de que o cliente interno é menos importante que o externo. As análises organizacionais e de mercado tem demonstrado justamente o contrário. Os estudos têm mostrado que, embora o cliente externo seja o alvo, o cliente interno é o instrumento para que o alvo seja plenamente atingido. (NACFUR, 2003, p.1)[16]

Ou ainda nas palavras de Yu, 2000,

> [...] O vínculo estreito entre a satisfação dos funcionários e a satisfação dos clientes cria uma relação de co-responsabilidade entre empresa e os funcionários. Em função disso, a medida da satisfação dos funcionários proporciona um importante indicador dos esforços da empresa no sentido de melhorar a satisfação dos clientes e o desempenho operacional (YU, 2000, p. 2)[17]

Hoje a tendência é de se humanizar as empresas no sentido de respeitar o funcionário e mostrar o quanto ele é importante e necessário como profissional. E antes disso, evidenciar que é um ser humano com capacidades que, agregadas à produção da empresa, permitirão formar uma equipe coesa em que o maior beneficiado será ele mesmo, com melhoria em sua qualidade de vida, relacionamentos com os pares e, principalmente, com o cliente que sentirá isso quando adquirir o produto ou serviço da empresa. Vergara e Branco (2001) conceituam empresa humanizada como

> [...] aquela que [...] agrega outros valores que não somente a maximização do retorno para os acionistas [...] empresas que, no âmbito interno, promovem a melhoria na qualidade de vida e de trabalho, visando à construção de relações mais democráticas e justas, mitigam as desigualdades e diferenças de raça, sexo ou credo [e não apenas em tais aspectos], além de contribuírem para o desenvolvimento e crescimento das pessoas. (VERGARA/ BRANCO, 2001, p. 20)

A necessidade de as empresas primarem por uma atuação ética tem sido também aspecto bastante valorizado e divulgado na área de gestão em função,

---

[16] Disponível em: <http://www22.sede.embrapa.br/ouvidoria/ClienteInternoVersusClienteExterno.htm> Acesso em: 20 abr. 2011.

[17] Disponível em: <http://www22.sede.embrapa.br/ouvidoria/ClienteInternoVersusClienteExterno.htm> Acesso em: 20 abr. 2011.

justamente, da intricada teia de relacionamentos entre os componentes que integra a vida da empresa. Para Zoboli, 2002,

> [...] uma vez que a empresa, enquanto uma organização social, deve dar conta de funções que a sociedade dela espera e exige assumindo suas responsabilidades neste âmbito, ela está obrigada a tomar decisões com implicações éticas [...] Daí ser possível afirmar que a empresa que busca somente os resultados ou as vantagens imediatas é suicida, a responsabilidade a largo prazo é uma necessidade de sobrevivência e neste aspecto a ética constitui um fator importante para os ganhos. Por si só, a ética não é condição para um bom negócio, mas o propicia. (ZOBOLI, 2002, p. 8)

A ética das organizações tem sido considerada fator importantíssimo para a sobrevivência das empresas, tanto das pequenas quanto das de grande porte. Utilizar a ética representa melhoria de sua imagem e, consequente, crescimento da relação entre sócio, funcionário, cliente, fornecedor e sociedade. Se a empresa agir dentro dos padrões éticos, ela só tende a crescer, gerando benefícios não só próprios, mas para toda a sociedade.

E, nessa perspectiva, é relevante o número de empresas que vem investindo fortemente naquilo que hoje se denomina responsabilidade social. Realizar ações socialmente responsáveis, como fazer doações, desenvolver projetos culturais, educacionais e ambientais, etc contribui à boa imagem da empresa para todos os seus públicos. Para acionistas e investidores, por exemplo, uma gestão de responsabilidade social representa melhor acesso a novos empreendimentos; para o público interno, gera uma melhoria no recrutamento e na manutenção de talentos, pois as pessoas se identificam com uma marca que é positiva, que é socialmente responsável; para os consumidores, ocorre uma identificação com o valor social agregado ao produto, o que valoriza a marca e fideliza o consumidor, que passa a querer participar e contribuir de alguma forma, e para os fornecedores desencadeia o interesse de tornarem-se parceiros de empresas socialmente responsáveis em projetos bem sucedidos. E dentre essas iniciativas sociais chama a atenção, na atualidade, o fator ecológico que vem adquirindo grande importância dentro do cenário mundial, visto que está ligado à sobrevivência das próximas gerações. Para Nassar & Figueiredo, as empresas começam a fazer esforços para serem reconhecidas como *limpas*. “Estar no campo ‘limpo’ ou no campo ‘sujo’ começa a significar mais ou menos mercado*”* (NASSAR/ FIGUEIREDO, 1995, p. 57).

Resta ainda enfatizar o quanto as empresas vêm investindo também na qualidade das relações entre seus componentes, ou seja, nas relações interpessoais. Para muitos especialistas da área, vive-se hoje na era emocional em que o sucesso não está mais condicionado à capacidade de raciocínio lógico e às habilidades matemáticas e espaciais de uma pessoa, mas à sua capacidade de relacionamento humano, a sua capacidade de controlar impulsos, motivar a si mesmo, persistir mediante frustrações, etc. Nessa perspectiva, pessoas com qualidades de relacionamento humano, como afabilidade, compreensão, gentileza têm mais chances de obter o sucesso para si e esse é o perfil do funcionário almejado pelas empresas.

Atualmente as exigências são de que o funcionário, em qualquer nível da organização, seja um mentor, treinador, conselheiro, aliado, amigo e sempre com foco nos interesses da empresa e nos interesses das pessoas que o cercam. São exigidos também competências em comunicação oral e escrita, capacidade de escutar, negociar, administrar conflitos, estabelecer estratégias e táticas e influenciar positivamente o comportamento das pessoas com quem trabalha. A inteligência emocional é um fator crucial para o sucesso, já que as emoções são fontes de poder pessoal mais poderosa do que o poder de posição. Os sentimentos proporcionam informações vitais que permitem o crescimento humano em todos os sentidos. De acordo com Goleman,[18] a competência emocional *é uma capacidade adquirida, baseada na inteligência emocional, que resulta num desempenho destacado no trabalho*. Nesse sentido, tem sido requisito fortemente exigido pelas empresas e desejado pelos funcionários que almejam ascensão pessoal e profissional.

Investigar, nas empresas visitadas, a forma como os componentes – em todos os seus níveis – se relacionam em termos de hierarquia e ética é de fundamental importância para um trabalho voltado à descrição de gêneros discursivos como este. As considerações precedentes representam subsídios para as análises vindouras, ou ainda, são informações gerais, atuais, importantes que provavelmente irão repercutir na forma de enxergar o objeto de estudo, os gêneros discursivos. Elas representam ponto de partida para as análises e certamente suas

[18] Famoso psicólogo de Havard e autor do livro **Inteligência Emocional**, referência mundial nos anos 90.

nuances serão confirmadas, ampliadas ou ressignificadas a partir do contato com cada realidade específica.

2.2.3 Comunicação empresarial

A empresa é efetivamente um sistema em que componentes se relacionam mutuamente. Assim, os limites da empresa são definidos, de um lado, pelos componentes administrativos, necessários à geração de bens e serviços; por outro pelas influências recebidas do meio ambiente em que está inserida. Segundo Torquato (1986) é o processo comunicacional que garantirá a integração entre as partes. Para ele, uma empresa se organiza, se desenvolve e sobrevive graças ao sistema de comunicação que cria e mantém. Devido à sua importância e seu papel na empresa, o autor considera que a comunicação gera um poder expressivo que legitima outros poderes existentes na organização tais como o remunerativo, o normativo e o coercitivo.

Para Torquato,

> Se alguns poderes legitimam a empresa, a comunicação exerce igualmente um certo e grande poder... A comunicação, que, enquanto processo, transfere simbolicamente ideias entre interlocutores, é capaz de, pelo simples fato de existir, gerar influências. E mais: exerce, em sua plenitude, um poder que preferimos designar expressivo, legitimando outros poderes existentes na organização, como o poder remunerativo, o poder normativo e o poder coercitivo. É oportuno lembrar que as normas, o processo de decodificação recompensas e os sistemas de coerção existentes nas organizações, para se legitimarem passam, antes, por processos de codificação e, recebem tratamento ao nível do código linguístico, assumindo ao final, a forma de um discurso que pode gerar maior ou menor aceitação pelos empregados. (TORQUATO, 1986, p.17).

Torquato apresenta mais adiante, em sua obra, o conceito de comunicação empresarial como “um processo amplo que objetiva provocar atitudes voluntárias por parte dos públicos para os quais a empresa se dirige. Engloba, portanto, todos os tipos de informações empresariais [...] é semelhante a todo processo de doutrinamento, de educação e até de propaganda, assumindo características essencialmente persuasórias”. (TORQUATO, 1986, p. 61).

Sobre comunicação empresarial, Nassar & Figueiredo (1995) afirmam que "a comunicação empresarial é hoje tão fundamental que deveria envolver diretamente os presidentes das empresas. Isso porque comunicação empresarial é a somatória de todas as atividades de comunicação de uma empresa" (NASSAR/ FIGUEIREDO, 1995, p. 19).

A comunicação empresarial adquiriu tamanha importância que, atualmente, existem empresas especializadas, denominadas assessorias de comunicação, as quais, conforme Kopplin & Ferraretto (2000), quando contratadas, coordenam as atividades de comunicação do assessorado com seus diferentes públicos, utilizando iniciativas das áreas de Jornalismo (Assessoria de Imprensa), Relações Públicas e Publicidade/ Propaganda. Os autores discriminam, em sua obra, as iniciativas e as funções de cada uma das áreas.

O Jornalismo, também denominado de *Assessoria de Imprensa,* engloba a "administração de informações jornalísticas e o seu fluxo das fontes para os veículos de comunicação e vice-versa". De forma resumida, suas atividades compreendem a "confecção de releases, press-kits, house organs e boletins, agendamento de entrevistas e organização de coletivas de imprensa" Relações Públicas ocupa-se da "criação, planejamento e execução de programas de integração interna e externa". Dentre suas atividades, estão "organização de festividades, concursos e pesquisas para identificar opiniões, hábitos e atitudes dos diferentes públicos". Publicidade/Propaganda "cria e executa peças publicitárias e de propaganda, bem como a escolha dos veículos e das agências de intermediação" (KOPPLIN/ FERRARETO, 2000, p.11)

A Comunicação Empresarial, juntamente com a Propaganda Institucional, tem um papel de destaque na construção de uma imagem positiva da empresa. A imagem de uma empresa depende da forma como ela é percebida e essa percepção, por sua vez, depende da forma como ela se comunica.

A empresa constrói sua imagem através do contato com diversos públicos: com o consumidor, com seus próprios funcionários, com a sociedade em geral, com o governo, com os políticos, com empresários do ramo, etc. É a somatória da imagem dos produtos da empresa – de sua qualidade, de seu preço, de sua durabilidade – mais a imagem do respeito com o seu consumidor, mais a imagem da empresa em relação ao meio ambiente e ao social e mais outros tantos aspectos simbólicos que a comunicação e as ações das empresas vão se

estabelecendo com os mais diversos públicos ao longo de sua história, que vai formar a imagem mãe da empresa. As comunicações, em suas diversas interações, ao mesmo tempo que passam mensagens específicas, adicionam os seus princípios e os seus valores, que vão construindo a imagem mãe da empresa.

Essa imagem, no entanto, não é estática ou permanente, é dinâmica, plástica, podendo hoje ser altamente positiva e amanhã iniciar seu processo de degradação. Por isso, a grande necessidade de o serviço de comunicação da empresa estar permanentemente avaliando os diferentes efeitos das interações, mantendo uma comunicação competente com todos os seus públicos. Nas palavras de Nassar e Figueiredo (1995), "De nada adianta uma excelente propaganda, realizada pelos mais brilhantes gurus do mercado publicitário, se o lado cidadão, ético da empresa vai muito mal. Ou ainda[...] se os produtos estão mal das pernas e os consumidores insatisfeitos com o atendimento, com a assistência técnica". (NASSAR/ FIGUEIREDO, 1995, p. 23). A boa imagem da empresa é efeito da comunicação estabelecida com o conjunto de seus públicos, envolvendo uma diversidade de fatores relacionados à realidade da empresa.

Têm recebido atenção especial dos agentes responsáveis pela comunicação as interações internas da organização. O quadro-mural, os jornaizinhos e até a produção de revistas, videojornais e boletins são exemplos de recursos adotados pelas empresas com o intuito de atingir os diferentes públicos internos e satisfazer interesses e necessidades de seu pessoal. E, nesse sentido, são realizados, principalmente em empresas de grande porte, pesquisas de cunho quantitativo e qualitativo com o objetivo de verificar a eficiência e a credibilidade dos veículos de comunicação que circulam internamente na empresa. Segundo Gottardello, citado por Nassar e Figueiredo, "checar a qualidade das informações que estão sendo veiculadas aos funcionários é um dos pontos básicos de qualquer política empresarial voltada para a melhoria do desempenho". (GOTTARDELLO apud NASSAR / FIGUEIREDO, 1995, p. 29)

Investir na qualidade da comunicação interna da empresa não representa apenas a busca de integração e motivação de seu pessoal, mas também a busca de que as novas informações, ou ainda, de que as constantes mudanças e evoluções do mercado sejam rapidamente assimiladas por ele. Nassar e Figueiredo (1995) chamam a atenção para uma série de palavras e expressões – *Benchmarketing, reengenharia, ISO, alianças estratégicas, Kan-ban, etc.* – que *não*

estão nos dicionários, mas que são de indispensável compreensão para o bom funcionamento organizacional, pois representam novas abordagens e processos de trabalho que surgem para substituir práticas, máquinas e postos de trabalho dentro do ambiente empresarial. “São palavras e expressões que, para serem compreendidas, aceitas e transformadas em atividades dentro das linhas de produção, escritórios, pontos de venda e de atendimento, representam um monumental esforço de comunicação empresarial interna*”* (NASSAR/ FIGUEIREDO, 1995, p.30-31)

No que diz respeito à comunicação da empresa com o seu consumidor, chama a atenção a criação de duas novas formas adotadas atualmente nas empresas: o ombudsman e o SAC. A primeira é a pessoa paga pela empresa para defender e representar, dentro da própria empresa, os interesses dos consumidores; a segunda forma diz respeito ao Serviço de Atendimento ao Cliente, serviço este que visa a tomar ciência das reclamações e necessidades de consumidores por meio de contato direto, via telefone ou pelo endereço postal. Mais uma vez tomando as palavras de Nassar e Figueiredo (1995) “Veja que, em tempos de concorrência, o importante não é só vender, mas ter uma comunicação que mantenha o consumidor satisfeito...” O autor continua dizendo que “As empresas estão aprendendo que, tão importante quanto aparecer bem, é saber escutar e interpretar o que os consumidores estão tentando lhes falar. Ainda que eles estejam à beira de um ataque de nervos” (NASSAR/ FIGUEIREDO, 1995, p. 49)

Acredita-se que ainda merecem ser comentados, nesta seção, dois aspectos que dizem respeito à comunicação das empresas e que são temas bastante presentes na literatura da área. Primeiro, a importância do domínio linguístico para os profissionais da área empresarial e, segundo, o efeito dos avanços tecnológicos nas relações comunicativas da empresa.

Sem intenção de aprofundar os tópicos, percebe-se que é unânime e recorrente a posição de que um profissional, para obter sucesso, deve dominar habilidades linguísticas. Conforme Lacombe e Heilborn (2008), “Uma pesquisa entre os assinantes da Harvard Business Review colocou a capacidade de comunicar como o principal requisito a ser examinado para se promover um executivo. Um artigo da revista dizia: qual é o maior problema que os homens de negócio têm que enfrentar atualmente? A resposta é: As pessoas não sabem escrever! O que eles aprendem nas escolas atualmente?” (LACOMBE/HEILBORN, 2008, p. 211).

A presente pesquisa vem, ainda que indiretamente, responder a essa pergunta. Hoje o processo de ensino de Língua Materna está pautado no domínio do código linguístico e sabe-se que um trabalho voltado exclusivamente para o sistema e suas regras não é capaz de formar indivíduos competentes em termos de produção e recepção de textos. O domínio de outros conhecimentos e habilidades são imprescindíveis nesse processo. Dentre eles, está o conhecimento do contexto comunicativo em suas diversas formas de interação. Não basta ensinar língua, é necessário ensinar texto e contexto, é necessário embasar o ensino sob a perspectiva de gênero em que linguagem e atividade são realidades imbricadas, em que ensinar língua significa ensinar o aluno a agir naquela língua. É de extrema importância que a perspectiva de gênero faça parte da realidade do ensino de Língua Materna para que resultados significativos sejam alcançados.

Ainda em relação à linguagem, especialistas da área empresarial chamam a atenção da importância de profissionais da área dominarem os termos específicos da profissão, os jargões, os quais concedem precisão e economia na linguagem. Para os autores citados "Embora maus profissionais escondam suas fraquezas atrás de linguagens herméticas e, às vezes, sem sentido, a necessidade de palavras específicas e bem definidas, para cada profissão, é amplamente reconhecida como instrumento poderoso de comunicação, pela precisão e capacidade de síntese que proporcionam*".* Para o autor*, "o domínio dos termos técnicos da especialidade é indispensável a qualquer profissional de bom nível"*. (LACOMBE/ HEILBORN, 2008, p. 212).

Cabe mencionar que é frequente, na literatura da área, menção às características da boa comunicação no ambiente empresarial, principalmente referentes à produção de textos escritos. Dentre as principais características estão: objetividade, clareza, simplicidade, precisão, correção e concisão. Normalmente, esses aspectos vêm acompanhados de dicas relativas a boas atitudes que o produtor do texto deve seguir como, por exemplo: revisar o texto, colocar-se no lugar do receptor, submeter o texto à leitura de outras pessoas, antes da emissão, etc**.** Chama a atenção que alguns autores, ainda que poucos, fazem menção a aspectos discursivos da linguagem. Mencionam a necessidade de levar em conta o perfil do interlocutor e as condições de produção de modo geral. Segundo Medeiros e Hernandes (1999), "A comunicação é influenciada sobretudo pela oportunidade, pelo momento (quando) em que dizemos algo. O sucesso da comunicação depende de

adaptar as tentativas de intercomunicação à ocasião, situação, ao tema, às pessoas envolvidas, a um tom previamente escolhido". (MEDEIROS/HERNANDES, 1999, p. 220). Outros autores chamam a atenção do quanto as interpretações estão vinculadas à subjetividade ou, utilizando a expressão da própria obra citada adiante, ao quadro pessoal de referências:

> Uma das principais barreiras psicológicas é a tendência que as pessoas têm para julgar, avaliar, aprovar ou reprovar qualquer declaração ouvida e interpretá-la dentro do seu quadro de referências, formado pelos seus valores, experiências e preconceitos. A forma de evitar essa distorção na comunicação é ver a idéia sob o ponto de vista da outra pessoa, sentir como ela é sensibilizada pela ideia, atingir seu quadro de referências. (LACOMBE/HEILBORN, 2008, p. 215-216)

Ainda que o conteúdo da citação acima possa gerar controvérsias, interessante observar que, em meio às reflexões de especialistas da área, são destacados outros aspectos, além do linguístico, como responsáveis por problemas comunicacionais. Há a percepção de que comunicar-se de forma eficiente envolve uma série de fatores, tais como psíquicos, sociais, ideológicos entre outros e é nesse sentido que cada vez mais a linguística tem se aproximado de outras ciências com o intuito de compreender de forma mais profunda o complexo processo comunicacional.

É evidente que a área empresarial, como todas as áreas da atividade humana, também sofreu os impactos das novas tecnologias. Dentre essas inovações, tem papel fundamental, na vida das organizações, a Internet, que é palco de grande parte das negociações, abolindo fronteiras geográficas, prazos de entrega, intermediários e papeladas administrativas. Segundo Freoa (2010),

> Os negócios estão mudando e vão mudar ainda mais nos próximos anos. Essas mudanças serão cada vez mais rápidas e intensas e, em seu cerne, encontra-se a Internet. Em pouco tempo, além de computadores, o uso cada vez mais comum de dispositivos digitais de acesso à Internet possibilitará que a rede esteja presente na vida cotidiana dos negócios. Conhecer e usar esse novo meio de comunicação é essencial para a sobrevivência de qualquer organização. Terão sucesso as que souberem utilizar as ferramentas digitais para reinventar sua maneira de operar e fazer negócios. (FREOA, 2010, p.3)[19]

[19] Disponível em: <http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/> Acesso em: 20 mar. 2011.

Ainda segundo o autor, as experiências práticas já demonstram que a Internet está diminuindo os custos das transações, transformando as relações das empresas com seus clientes. As mudanças são muito intensas, pois transformam a maneira como clientes, fornecedores e companhias interagem entre si, provocando mais competição entre vendedores e mais acesso de clientes em potencial aos fornecedores. A Internet exige uma visão estratégica, pois tem potencial de transformar o próprio modelo de negócios. É, portanto, fundamental que a direção de uma empresa compreenda a potencialidade da Internet e defina uma estratégia para seu uso.

Ainda em relação à repercussão das tecnologias no meio empresarial, cabe ressaltar aqui o trabalho de Palmas (2004), o qual apresenta uma análise sistemática do comportamento empresarial no que se refere à produção textual. Segundo a autora, na esfera empresarial, os modos de comunicar passaram por um processo de virtualização em que a manifestação discursiva é pautada na rapidez, objetividade, clareza, relevância e criatividade. Dentre os resultados de sua investigação destacam-se: a percepção de uma prática empresarial pautada numa convergência das manifestações orais e escrita, bastante próximas de um *continuum linguístico*, conceito este proposto por Marcuschi (2002), supremacia na utilização do e-mail como forma de comunicação interna e externa e encapsulamento de alguns gêneros como memorandos, ofícios, requerimentos pelo e-mail na atividade profissional. Segundo a autora,

> [...] a diferença pode ser sentida na quantidade de papel sobre as mesas. Quase não existe papel circulando nessas empresas. Exceto boletins periódicos, atas e comunicações envolvendo órgãos públicos, grande parte do texto escrito circula através da rede, a intranet. Esses textos têm como principais características a informalidade, brevidade e a manutenção de um mesmo tópico para cada mensagem. O e-mail é a forma de comunicação por excelência nas duas instituições privadas. (PALMAS, 2004, p. 143)

A pesquisa citada traz uma série de reflexões sobre os gêneros textuais que sofreram impacto com a revolução tecnológica, além de propor consideráveis questionamentos no que se refere ao processo ensino-aprendizagem de Língua Materna, em cursos profissionalizantes.

As considerações feitas nessa seção representam uma pequena parte das inúmeras reflexões encontradas na literatura de gestão empresarial. Acredita-se

que tomar conhecimento de algumas características dessa esfera, em termos de organização, valores, identidade, ideologia é de fundamental importância para as análises posteriores, já que fornecerão subsídios para verificar o quanto as especificidades de uma esfera são determinantes na formação e na recepção dos gêneros discursivos.

2.3 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Neste subcapítulo, procura-se, inicialmente, resgatar e relatar a trajetória e os desafios da Educação Profissional no Brasil ao longo de sua história, para, em seguida, contextualizar as mudanças significativas e o crescimento vertiginoso desse segmento da educação, nas últimas décadas em nosso País. Por fim, apontam-se algumas informações a respeito da Instituição - sede da pesquisa - cuja realidade motivou o desenvolvimento deste estudo e para a qual serão direcionados, em primeira instância, os resultados.

2.3.1 Percurso histórico

A Educação Profissional no Brasil surgiu no início do século XIX[20], com o objetivo maior de profissionalizar jovens desprovidos de recursos financeiros, em especial, filhos da classe proletária. Mais tarde, esse quadro foi se ampliando e agregando novas nuances ao seu permanente caráter assistencialista.

O grande passo para o crescimento dessa modalidade de ensino, do ponto de vista organizacional, foi dado por Nilo Peçanha, que, ao assumir a Presidência da República, por intermédio do Decreto n.º 7.566, de 23 de setembro de 1909, inaugurou, nas capitais dos Estados, as Escolas de Aprendizagem Artífices. Segundo Fonseca (1961), nas declarações do Decreto, as justificativas para a criação das escolas foi redigida dessa forma:

> Considerando que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos de fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar cidadãos úteis à nação. (FONSECA, 1961 p.163)

Fica evidente, a partir do documento, o caráter assistencialista como motivação na promoção dessa modalidade de ensino no País. Provavelmente, a iniciativa de formar operários ocorreu em decorrência da ação do pensamento europeu proveniente do século XIX, segundo o qual, a sociedade se constituía de duas classes sociais opostas: burgueses e trabalhadores, que possuíam papéis diferentes e para os quais a escola deveria ser organizada de maneira particular. Nesse sentido, às classes de poder aquisitivo considerável eram reservados os estudos clássicos, o trabalho intelectual era valorizado e reservado às elites; às classes menos favorecidas cabia o trabalho manual, menos valorizado. Sacramentava-se, assim, a velha dualidade do ensino: uma escola para os pobres e uma escola para os ricos; uma escola para aqueles que vão dirigir a sociedade e uma escola para aqueles que vão servir a sociedade. Segundo Souza (2008),

---

[20] Informações com base em FONSECA, C.S. *História do Ensino Industrial no Brasil*. RJ, CBAI, 1961.

> ... no século XIX, uma diferença marcante entre burgueses e operários se dava pelo fato de que os primeiros jamais deveriam sujar as mãos. No Brasil, esse preconceito contra o exercício do trabalho remonta à colonização. Os jesuítas, no seu ensino, davam importância aos aspectos literários, marginalizando as atividades técnicas e artísticas. Firmou-se, também, dentro da sociedade brasileira, a posição de que as áreas de ensino que envolvessem atividades manuais, tradicionalmente funções dos escravos, deveriam ser entregues às camadas mais pobres da população, ficando para os mais abastados o ensino tradicional de cultura humanística e literária. As escolas de Direito, de onde se originavam os dirigentes do país, tornaram-se o sonho dos filhos da aristocracia rural. (SOUZA, 2008, 79)

Foi a partir da década de 20 do século passado, que começou a haver discussões sobre o perfil da Educação Profissional no sentido de expandi-lo a diferentes camadas da população.

Em 1931, foi criado o Conselho Nacional de Educação e efetivada a Reforma Capanema que prevaleceu até 1942, ano em que começou a ser aprovado o conjunto das chamadas *Leis Orgânicas do Ensino*. Apesar das tentativas de mudar a herança dualista do ensino profissionalizante, que fora sempre deixado à margem do sistema educacional, pouco foi modificado. Em seu conteúdo havia de forma explícita que o objetivo do ensino secundário era formar elites condutoras do país e o do ensino profissional era de oferecer formação adequada aos filhos dos operários, aos desvalidos da sorte e aos menos afortunados. Ficava explícito, então, que o caráter determinístico das distintas modalidades de ensino ainda permanecia.

Nos anos 50, um primeiro passo foi dado, no sentido de romper com a rigidez entre as duas versões de ensino e entre os vários campos do próprio ensino profissional. A partir da lei Federal nº 1.076/50 o ensino profissional deixava de ser primário e passava a ser de nível secundário, havendo possibilidade de continuidade de estudos em nível superior, mas para isso era necessário que a área do concluinte fosse diretamente ligada com a opção do candidato e, além disso, era exigida a prestação de exames e provas no sentido de comprovar que o candidato possuía conhecimento indispensável para acompanhamento do curso superior desejado. Apesar de o decreto ser visto por alguns como uma legislação democratizante, no sentido de dar a mesma oportunidade aos pobres e ricos, permitindo a liberdade de ingresso ao ensino superior, isso deixa de existir, no momento em que se restringe a área a ser cursada. Esses dados históricos

permitem concluir que o caráter discriminatório ainda prevalecia nesse segmento da educação.

Foi em 1961 que ocorreu, efetivamente, a equivalência entre todos os cursos do mesmo nível, sem necessidade de exames e provas de conhecimentos específicos, com a promulgação da Lei Federal nº 4.024/61, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Essa primeira LDB equiparou o ensino profissional do ponto de vista da equivalência e da continuidade de estudos, para todos os efeitos, ao ensino acadêmico, "sepultando, pelo menos do ponto de vista formal, a velha dualidade entre ensino para "elites condutoras do país" e ensino para "desvalidos da sorte. Todos os ramos e modalidades de ensino passaram a ser equivalentes, para fins de continuidade de estudos em níveis subsequentes". (SOUZA, 2008, p. 80)

Em 1971, ocorreu a promulgação da Lei 5.692/71 que instaurava a profissionalização compulsória fazendo com que os cursos de 2° grau de todo país passassem a ter caráter profissionalizante. A ideia era de acabar com o ensino elitista e com o preconceito contra o trabalho manual, fazendo da escola uma instituição de sondagem de aptidão. Tal lei, no entanto, foi acusada por vários educadores do país, de ser uma lei autoritária. Nesse sentido, pode-se afirmar que a LDB de 1971 foi uma das legislações mais polêmicas referentes à educação, pois recebeu 362 emendas. A forma de se encarar o curso secundário mudava radicalmente. Para muitos, havia uma preocupação do Governo em sintonizar o sistema de ensino com os princípios da grande empresa capitalista, com vistas à maior eficácia e produtividade. Isso significava que havia uma compatibilização do modelo econômico com o educacional.

De 1971 a 1996 a mudança mais significativa esteve relacionada à inclusão de disciplinas de formação geral, nos cursos profissionalizantes, que, embora com menor evidência, correspondia às mesmas dos cursos de feição propedêutica.

Em 1996, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96 favoreceu a publicação do decreto lei nº 2.208/96, reformulando o ensino técnico, promovendo a separação das disciplinas de formação geral daquelas destinadas à formação técnico-profissional.

Em 2004, por determinação do Decreto 5.154/04, foi reintegrado, mais uma vez, o ensino técnico ao médio e, em 2005, o Decreto 5.458/05 criou o

Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio ao Ensino Médio na Modalidade Educação de Jovens e Adultos - PROEJA.

Hoje, a Educação Profissional técnica de Nível Médio, de forma geral, compreende três modalidades de ensino: a) técnico integrado regular – destinados a egressos do ensino fundamental; b) técnico integrado PROEJA – voltado para jovens e adultos que excederam a faixa etária de escolarização tida como regular; e c) técnico sequencial – direcionado aos egressos do ensino médio. Cabe mencionar que os currículos desses cursos apresentam especificidades distintas: a formação geral fundamenta-se nos PCN para o ensino médio; e a formação profissional, nas Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN, para o Ensino Profissional Técnico de Nível Médio.

Dessa forma, é possível perceber que a Educação Profissional no Brasil sofreu e vem sofrendo mudanças ao longo de sua história, refletindo necessidades e interesses do meio social a que está vinculado. As novas e atuais mudanças passa-se a seguir.

2.3.2 De CEFET a IF

Em 1994, a Lei Federal nº 8.948, de 8 de dezembro, estabeleceu a transformação gradativa das Escolas Técnicas Federais (ETFs) em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), mediante decreto específico para cada instituição e em função de critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação, levando em conta as instalações físicas, os laboratórios e equipamentos adequados, as condições técnico-pedagógicas e administrativas, e os recursos humanos e financeiros necessários ao funcionamento de cada centro. Esta mesma lei também autorizou a transformação das Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs) em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) após processo de avaliação de desempenho desenvolvido pelo Ministério da Educação. A grande mudança com o processo de cefetização foi a de a Instituição ofertar cursos em diversos níveis, como Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Educação Superior (tanto em nível de graduação quanto pós-graduação). Atualmente existem 2 CEFETs (Minas Gerais e Rio de Janeiro) no país, que não aderiram à transformação em Instituto Federal e que pleiteiam a transformação em Universidade Tecnológica Federal, a

exemplo do CEFET-PR, atual UTFPR. Nesse novo contexto, foi extinto o ensino Integrado entre técnico e médio, assim como houve uma redução da oferta de vagas no Ensino Médio. Todas essas reformas desencadearam mudanças substanciais na organização interna das instituições – desde a estrutura curricular, passando pela avaliação, chegando ao financiamento e à gestão. Mudaram os caminhos, os interesses e a normatização, surgindo uma nova instituição.

Com o governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva novas transformações ocorreram, gerando uma série de mudanças significativas nos rumos dados à Educação Profissional. No dia 16 de julho de 2008, foi assinado pelo presidente o Projeto de Lei 3775/2008 que possibilitaria a criação de 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia no país. A matéria seguiu para aprovação no Congresso Nacional e, em 29 de dezembro de 2008, foi sancionada pelo presidente. Os institutos, hoje efetivados, caracterizam-se pela inserção da área de pesquisa e extensão, visando a estimular o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas e estendendo seus benefícios à comunidade. Metade das vagas são destinada à oferta de cursos técnicos de nível médio que hoje voltam à modalidade integrada. Na educação superior, o destaque fica para os cursos de engenharias e de licenciaturas em ciências, física, química, matemática e biologia. Foram incentivadas as licenciaturas de conteúdos específicos da Educação Profissional e tecnológica, como a formação de professores de mecânica, eletricidade e informática. Os institutos federais têm mais autonomia nos limites de sua área de atuação territorial, para criar e extinguir cursos, bem como para registrar diplomas dos cursos por ele oferecidos, mediante autorização do seu Conselho Superior. Cada instituto federal é organizado em estrutura com vários *campi*, com proposta orçamentária anual identificada para cada *campus* e reitoria, equiparando-se com as universidades federais.

Hoje, a Educação Profissional, Científica e Tecnológica cobre todos os estados brasileiros, oferecendo em algumas unidades não só cursos técnicos e superiores de tecnologia, como também licenciaturas, mestrado e doutorado. Além disso, as escolas que compõem essa rede são referência nacional nessa modalidade de ensino, considerando que seus alunos sempre estão entre as primeiras colocações nas avaliações nacionais.

2.3.3 IF-Sul

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, IF-Sul, é uma instituição federal, criada a partir do CEFET-RS, que oferece ensino profissionalizante em nível básico, superior e tecnológico e, hoje, é formado por sete campi: Pelotas, Sapucaia do Sul, Charqueadas, Passo Fundo, Bagé, Camaquã e Venâncio Aires.

A instituição tem quase um século de trajetória. Em 1917, foi concebida como Escola de Artes e Offícios e oferecia Educação Profissional para meninos pobres em prédio construído por doações da comunidade em terreno da prefeitura; em 1930, instituiu-se como Escola Technico Profissional, passando em seguida a denominar-se Instituto Profissional Técnico, cujos cursos compreendiam grupos de ofícios divididos em seções: Madeira, Metal, Artes Construtivas e Decorativas, Trabalho de Couro e Eletro-Chimica. Em 1942, foi criada a Escola Técnica de Pelotas – ETP – a primeira e única instituição do gênero no estado do Rio Grande do Sul, a qual oferecia cursos de curta duração, dentre eles Forja, Serralheria, Fundição, Mecânica de Automóveis, Máquinas e Instalações Elétricas, Telecomunicações, Carpintaria, Artes do Couro, Marcenaria, Alfaiataria, Tipografia e Encadernação. Em 1959, é caracterizada como autarquia Federal e, em 1965, passa a ser denominada Escola Técnica Federal de Pelotas. Reconhecidamente destacada na formação de técnicos industriais, a ETFPEL tornou-se instituição especializada e de referência na oferta de Educação Profissional de nível médio, formando grande número de alunos nas habilitações de Mecânica, Eletrotécnica, Eletrônica, Edificações, Eletromecânica, Telecomunicações, Química e Desenho Industrial. Em 1999, efetivou-se como Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas, CEFET-RS, possibilitando a oferta de cursos superiores de graduação e pós-graduação e o desenvolvimento de projetos de pesquisas e convênios com foco nos avanços tecnológicos. Em 2008, torna-se Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense com natureza jurídica de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação, sendo formado por 7 campi, conforme já mencionado, com sede e foro na cidade de Pelotas.

O IF-Sul, campus Pelotas, local em que será realizada parte da presente pesquisa, tem hoje em funcionamento quinze cursos Técnicos de Nível Médio, em

diferentes modalidades: Comunicação Visual (modalidade subsequente); Design de móveis (modalidade subsequente); Eletrotécnica (modalidades integrada e subsequente); Edificações (modalidades integrada e concomitante); Eletromecânica (modalidade concomitante); Eletrônica (modalidades integrada e concomitante); Mecânica (modalidade subsequente e concomitante); Química (modalidades integrado e subsequente); Telecomunicações (modalidade concomitante); Manut. e Sup. de Informática (modalidade integrado); cinco Cursos Superiores de Tecnologia (Automação Industrial, Saneamento Ambiental, Gestão Ambiental, Sistemas de Telecomunicações, Sistemas para Internet), uma Engenharia (Elétrica), além de cursos de Pós-graduação (Pós-Graduação em Linguagens e Pós-graduação em Educação), Formação Pedagógica e Educação à Distância.

O IF-Sul acompanhou e vem acompanhando as transformações por que passa esse segmento da educação no país, apresentando mudanças significativas em toda a sua organização e estrutura e mantendo sua posição como modelo de referência nacional, em Educação Profissional.

Para finalizar este primeiro capítulo, denominado Princípios Teóricos, cabe dizer que as considerações levantadas aqui sobre os três alicerces da pesquisa: Gênero, Esfera Empresarial, Educação Profissional representam apenas uma amostra, um pequeno recorte de realidades que a princípio parecem distintas, mas que, a partir de agora, começam a se entrecruzar e a evidenciar novos significados, e, consequentemente, a apontar novos caminhos e posturas.

3 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito ao percurso metodológico definido para a presente pesquisa, cabe salientar que sua efetiva escolha e construção só ocorreram a partir do contato direto com o objeto de estudo. Apesar de serem estabelecidas previamente categorias de análise, foi o diálogo constante com o objeto que apontou os caminhos para se compreender melhor a realidade de investigação e alcançar os objetivos da pesquisa. O contato com as teorias permite enxergar o objeto sob diferentes perspectivas e a formar dialogicamente uma visão em relação a ele, mas a construção dos caminhos a serem tomados para uma análise eficiente e satisfatória exige mais do pesquisador, já que cada realidade é única e, ao mesmo tempo, complexa, exigindo atitudes e escolhas de análise peculiares, quase que exclusivas.

E nesse processo de constante diálogo com o objeto de análise, as noções de Bakhtin, em especial a de dialogismo e de responsividade, se fazem presentes. O pesquisador, durante todo o processo de investigação, é convocado a responder permanentemente aos desafios, a agir diante dos fatos, a assumir uma atitude responsiva, estando em diálogo constante com seu objeto de estudo. Ele não é apenas um decodificador, que toma informações, aplica métodos e obtém resultados, ele interage constantemente com uma realidade que lhe é dada, em um processo contínuo de criação e de recriação. Ele está permanentemente perguntando e respondendo ao objeto de estudo que, a principio, é opaco, mas que, aos poucos, vai tomando significação. A pesquisa como um todo representa uma resposta a uma dada realidade viabilizada pelas escolhas teórico-metodológicas adotadas na conduta deste estudo.

O presente estudo, ao procurar integrar o processo de conhecimento, através da interação e da interpretação de fenômenos do mundo real, segue, portanto, uma abordagem de cunho qualitativo. O objeto principal de estudo, os gêneros discursivos, não é uma realidade inerte e neutra, está repleta de significações que precisam ser desveladas, analisadas e interpretadas para que os indivíduos, envolvidos nessa interação, possam desenvolver, de forma eficiente, suas atividades de linguagens e, consequentemente, suas práticas sociais.

Para atingir os objetivos da presente pesquisa, optou-se pela construção de três percursos metodológicos específicos, cada uma deles voltado para alcançar um dos três objetivos definidos previamente, na introdução deste trabalho. Em cada uma das seções seguintes, estão fundamentados os percursos metodológicos vinculados aos objetivos definidos para o estudo.

3.1 INVESTIGAÇÃO DO TRATAMENTO DADO AO ENSINO DE GÊNERO EM INSTITUIÇÃO PROFISSIONALIZANTE

Para atingir o primeiro objetivo da pesquisa, ou seja, verificar se a instituição de ensino profissionalizante em análise contempla a perspectiva de gênero em seu trabalho de produção e recepção de textos e se vem acompanhando as transformações ocorridas na esfera empresarial, área de atuação do futuro profissional, optou-se por três meios de investigação: análise dos planos e programas das disciplinas voltadas à linguagem, entrevista com professores da disciplina de Língua Materna e observação de aula. Acredita-se que somente a partir da articulação desses três formas de investigação é possível desvendar o real tratamento que hoje é concedido ao tema em estudo, já que é bastante comum haver discrepância entre o dizer e o fazer nas diversas práticas da atividade humana.

3.1.1 Ferramentas de investigação: programas e planos de ensino, observação de aulas, entrevista a professores

Em relação à análise dos programas de ensino, a observação se deteve em verificar a variabilidade e a adequabilidade de textos em relação à realidade atual das empresas, ou seja, se há um número significativo de gêneros da esfera empresarial no programa e se esses vêm acompanhando as transformações da realidade empresarial, sendo, assim, modificado e reatualizado constantemente. Nos planos de ensino, a intenção foi verificar quais aspectos são priorizados no objetivo da disciplina e, em especial, no trabalho voltado à produção e recepção de textos, ou seja, se há menção a fatores relacionados às condições de produção e circulação

do gênero em estudo, ou qualquer referência à esfera de atividade, no caso, à esfera empresarial. Foram investigados planos e programa da disciplina de Língua Portuguesa de três cursos técnicos: Química, Eletrônica e Edificações, os quais serão caracterizados mais adiante.

No que diz respeito à observação de sala de aula, atentou-se para a dinâmica utilizada na introdução e no desenvolvimento do conteúdo, principalmente se o professor tem preocupação em contextualizar o gênero em estudo, chamando a atenção sobre as condições que propiciaram e motivaram sua criação, a relação entre seus interlocutores, os aspectos como "onde" e "quando" o gênero circula, etc. Observou-se também se professor apresenta informações relativas à funcionalidade do gênero na esfera em que circula, se chama atenção para os aspectos formais em termos de estruturação de texto, se menciona características da linguagem em termos de adequação, correção, clareza, etc e se, ao propor atividades, leva o aluno a se engajar em uma situação que lhe permita compartilhar significados como uma forma de estar e agir no mundo. Além disso, se há menção às características da esfera em estudo em termos de valores, identidade, hierarquia e relações sociais. Foram observadas as aulas de Língua Materna ministradas nos cursos de Química, Eletrônica e Edificações.

Quanto à entrevista a professores de Língua Materna, procurou-se, através de conversa informal, verificar o trabalho a que se propõe esse profissional em termos de produção e recepção de textos e, principalmente, averiguar o real conhecimento que possui a respeito do tema gênero. Com o intuito de evitar respostas padronizadas e permitir um ambiente descontraído em que pudesse fluir o pensamento do entrevistado, optou-se pela entrevista semi-estruturada, a qual, segundo Boni/Quaresma (2005),

> [...] combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento em que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras... A interação entre o entrevistador e o entrevistado favorece as respostas espontâneas. Elas também são possibilitadoras de uma abertura e proximidade maior entre entrevistado e entrevistador o que permite ao entrevistador tocar em assuntos mais complexos e delicados, ou seja, quanto menos estruturada a entrevista maior será o favorecimento de uma troca mais afetiva entre as duas partes. (BONI/QUARESMA, 2005, p.75)

Assim, lançou-se uma pergunta de cunho bastante abrangente sobre o trabalho desenvolvido com texto em sala de aula, no intuito de que o entrevistado mencionasse ao longo de sua fala os objetivos almejados, a metodologia utilizada, os textos e as fontes de consulta, seu conhecimento sobre a esfera empresarial e fizesse referência à concepção de gênero. Quando o entrevistado não fazia referência a esses aspectos, a pesquisadora criava oportunidade para que fossem mencionados ou, em caso específico, fazia diretamente tais questionamentos. Ocorreram também momentos em que a fala dos informantes provocou o surgimento de outros questionamentos, os quais foram acrescentados para a obtenção efetiva do objetivo a que o instrumento se propunha. Foram entrevistados os três professores, cujas aulas foram previamente observadas. No momento inicial da entrevista, além de serem dadas explicações gerais sobre a pesquisa e esclarecidas dúvidas, os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Autorizado e Esclarecido, documento no qual o sujeito confirma ser voluntário e ter sido informado sobre aspectos relevantes do estudo (Anexo A1). Cabe mencionar que a Escola como Instituição também foi informada sobre a realização da pesquisa, sendo assinado e repassado por um de seus representantes o documento intitulado Termo de Autorização para Desenvolvimento de Pesquisa na Instituição. (Anexo A2)

As entrevistas foram registradas por equipamento de gravação em áudio, transcritas e estão presentes no final da pesquisa (Anexo B1).

A seguir, no quadro 2, apresenta-se o roteiro da entrevista, evidenciando os dados a serem coletados a respeito do perfil do informante, da pergunta norteadora e dos itens que deveriam ser mencionados pelo entrevistado, durante sua resposta ou, em caso de omissão, induzidos ou questionados diretamente ao entrevistado em forma de pergunta.

I DADOS PESSOAIS:

1) Nome:
2) Idade:
3) Tempo de serviço:
4) Formação: ( ) graduação
( ) especialização
( ) mestrado
( ) doutorado

II PERGUNTA NORTEADORA

Fale sobre o seu trabalho com texto em sala de aula.

III ITENS A SEREM MENCIONADOS INFORMALMENTE PELO ENTREVISTADO OU, EM CASO DE OMISSÃO, INDUZIDOS OU QUESTIONADOS FORMALMENTE PELO ENTREVISTADOR

1) Objetivos do trabalho com texto em termos de produção e recepção
2) Forma de escolha dos textos. Fontes de consulta
3) Perspectiva teórico-metodológica utilizada
4) Trabalho interdisciplinar (trabalho articulado entre a disciplina de Língua Portuguesa e as disciplinas técnicas)
5) Conhecimento sobre a realidade comunicacional de empresas
6) Perspectiva de gênero textual/discursivo

Quadro 2 - Roteiro da entrevista a professores de Língua Materna em ensino profissionalizante

Foram selecionados como informantes da pesquisa três professores de Língua Portuguesa que ministram essa disciplina nos cursos referidos. Esses profissionais têm mais de dois anos de experiência com a disciplina e possuem nível de formação variada. O professor do curso de Química possui curso de mestrado na área de Linguística Aplicada e está, no momento, desenvolvendo estudos em nível de doutorado em Educação. O professor de Edificações possui especialização em Literatura e está desenvolvendo estudos em nível de mestrado em Linguística Aplicada e o professor de Eletrônica possui apenas graduação.

3.1.2 Cursos técnicos avaliados: Edificações, Química e Eletrônica

A escolha pela análise do ensino de Língua Materna nos cursos de Edificações, Química e Eletrônica se fez principalmente por serem cursos que, durante a trajetória da pesquisadora na instituição, mostraram valorizar a disciplina de Língua Portuguesa, desenvolvendo projetos conjuntos e incluindo a disciplina em seus programas de ensino. A instituição, ao sofrer diversas mudanças em sua

estruturação, nos últimos anos, como a desvinculação entre o ensino médio e o técnico, possibilitou que os cursos técnicos elaborassem sua própria grade curricular e foi, nesse momento, possível perceber que alguns cursos não contemplaram a disciplina enquanto outros a incluíram em vários módulos, buscando desenvolver um trabalho integrado e interdisciplinar.

Hoje os cursos técnicos da instituição, IF-Sul campus Pelotas, oferecem três modalidades de ensino: subsequente, integrado e concomitante. A primeira modalidade é direcionada a alunos que já concluíram o ensino médio, a segunda oferece, de forma conjunta, o ensino médio e o técnico e a terceira modalidade direciona-se a alunos que já estão cursando o segundo ano do ensino médio na Instituição ou em outra e desejam, ao mesmo tempo, uma formação profissionalizante. Os cursos escolhidos para análise dessa investigação oferecem, em todas as modalidades de ensino, a disciplina de Língua Portuguesa em suas grades curriculares.

Em relação ao perfil do profissional da área de Edificações e sua área de atuação, pode-se afirmar que, segundo informações disponíveis no site da Instituição, o curso forma profissionais para executar projetos de edificações conforme normas técnicas de segurança e de acordo com a legislação específica; planejar a execução e elaboração de orçamento de obras; prestar assistência técnica no estudo e no desenvolvimento de projetos e pesquisas tecnológicas na área de edificações; orientar e coordenar a execução de serviços de manutenção de equipamentos e de instalações em edificações; orientar na assistência técnica para compra, venda e utilização de produtos e equipamentos especializados. O técnico em Edificações pode atuar em indústrias de construção civil, empresas de projetos, setor de manutenção de indústria, órgão governamentais, estabelecimentos de ensino, além de poder ser profissional liberal ou pequeno empresário[21].

Quanto ao profissional da área de Química, a Instituição visa a habilitar profissional capaz de desempenhar atividades de analista de laboratórios, de controle de qualidade, de pesquisa e de desenvolvimento de produtos, bem como capaz de identificar, operar, aperfeiçoar e controlar processos químicos e equipamentos industriais, cuja base científico-tecnológica das matérias primas,

[21] Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/portal/index.> Acesso em: 06 mar. 2011.

insumos, produtos e processos sejam a química ou áreas afins. Na área de gestão, poderá coordenar processos químicos, planejar recursos financeiros e humanos, avaliar a produtividade e interpretar a legislação pertinente, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos para que possa enfrentar e superar desafios da vida. Chama a atenção, em meio ao perfil do curso, a necessidade de formar cidadão autônomo, responsável, investigador e com capacidade para integração social, que compreenda o significado das ciências, das artes, das linguagens e das tecnologias. Esse profissional poderá atuar junto a empresas e entidades ligadas à indústria de obtenção, operação, transformação, análise e aplicação química [22]

Já o curso de Eletrônica objetiva formar profissional capacitado para prestar assistência técnica em projetos e pesquisas tecnológicas na área de Eletrônica, bem como prestar manutenção e instalação de equipamentos eletroeletrônicos e microprocessados. Esse profissional deve adquirir uma visão abrangente e sistêmica dos processos industriais e de serviços, a partir de uma formação científica e humanística, que estimule a criatividade, a criticidade e a investigação, compreendendo o significado das ciências, artes, linguagem e tecnologias, enquanto agente de sua própria história. O técnico em Eletrônica atua no projeto, instalação e manutenção de equipamentos e sistemas eletrônicos, respeitando normas técnicas e de segurança. Realiza medições e testes em equipamentos eletrônicos. Atua no controle de qualidade e gestão da produção de equipamentos eletrônicos, bem como em sua administração e comercialização. Sua área de atuação compreende indústrias aeronáuticas, automobilísticas, eletrônicas, de telecomunicações, de computadores; indústrias de produção de material eletrônico, eletrodoméstico e elétrico; empresas de prestação de serviços como radiodifusão, telecomunicações e de energia elétrica; instituições científicas e de pesquisa; empresas de consultoria e assessoramento técnico; estabelecimentos de ensino; empresas que oferecem assistência técnica, como conserto e manutenção de equipamentos; empresas que trabalham com vendas de materiais e equipamentos elétricos, eletrônicos e de telecomunicações; empresas que prestam serviços em equipamentos de medicina.[23]

As informações evidenciadas nesta seção intencionaram contextualizar a área de investigação para melhor compreensão dos dados coletados. Acredita-se

[22] Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/portal/index> Acesso em: 20 abr. 2011.
[23] Disponível em: <http://www.ifsul.edu.br/portal/index.> Acesso em: 20 abr. 2011.

que ao se fazer descrições referentes ao perfil dos sujeitos envolvidos, direta ou indiretamente na pesquisa, assim como trazer à tona informações gerais referentes à realidade e local de investigação, cria-se, ao leitor, condições para melhor apreender as reflexões que serão levantadas posteriormente.

3.2 INVESTIGAÇÃO DOS GÊNEROS DE CIRCULAÇÃO NA ESFERA EMPRESARIAL

Para atingir o segundo objetivo da pesquisa, ou seja, investigar a realidade das empresas que recebem os alunos egressos da instituição e os novos gêneros discursivos que aí vêm se consolidando, tomou-se como ferramenta de análise os seguintes instrumentos: entrevista a funcionário responsável pela empresa e exemplares de material escrito nas empresas. Cabe mencionar que a coleta de material escrito teve como objetivo não só conhecer os novos gêneros de circulação nas empresas como também criar condições para a escolha daquele a ser analisado sob a instância Situacional, Composicional, Axiológica – terceiro objetivo da pesquisa. Foram escolhidas três empresas de médio a grande porte, cada uma delas vinculada a uma das áreas de estudo: Química, Edicações, Eletrônica. Acredita-se que uma análise que toma a materialidade linguística como forma única de análise, ou ainda, como ponto de partida para inferir informações contextuais não permite uma compreensão ampla do funcionamento de um gênero. É necessário adentrar na esfera, desvendar a realidade, em especial, tomar ciência das condições de produção que fazem emergir e consolidar um novo padrão comunicativo para assim, efetivamente, se trabalhar na perspectiva de gênero como atividade discursiva. Gênero não pode ser visto como tipo de texto, mas um conjunto de conhecimentos, criados pelos próprios sujeitos, que orientam suas práticas comunicacionais.

3.2.1 Ferramentas de investigação: entrevista a representante geral da empresa e coleta de material escrito

A fim de realizar pesquisa que efetivamente atendesse a realidade dos alunos da Instituição em termos de atuação profissional, buscaram-se informações a respeito das principais empresas da cidade e fora dela que costumam receber alunos formandos e formados pelo IF-Sul. Assim, através de contato com o setor da escola denominado Coordenação de Serviço de Integração Escola-Empresa (COSIE-E), e com os coordenadores dos cursos em análise, foi possível fazer levantamento das principais empresas que oferecem estágio e frequentemente solicitam indicação de alunos formados pela Instituição.

Formulou-se, então, uma listagem com nomes de empresas e, em seguida, manteve-se contato, pessoalmente ou via telefone. Informava-se rapidamente os objetivos da pesquisa e era, então, marcada data e horário para a visita e entrevista com responsável geral da companhia. Algumas empresas não se dispuseram a contribuir com a pesquisa de imediato, alegando falta de tempo ou de pessoal disponível para conceder a entrevista. Em sua maioria, mostraram-se receosas em disponibilizar e repassar material escrito para fins de pesquisa, aspecto a ser comentado mais adiante.

No primeiro momento das entrevistas, além de esclarecimentos gerais, os entrevistados leram e preencheram o Termo de Consentimento Autorizado Esclarecido, documento escrito que dá informações gerais sobre o estudo e confirma participação voluntária do sujeito na pesquisa. (Anexo A1)

Optou-se aqui também pela entrevista semi-estruturada, a qual combina perguntas abertas e fechadas, permitindo uma interação mais descontraída entre entrevistado e entrevistador. Inicialmente, foram solicitadas informações gerais sobre a empresa e, em seguida, foram lançadas duas perguntas de caráter abrangente. Na primeira – *Fale sobre a empresa* – esperava-se que o entrevistado mencionasse aspectos relacionados à história, aos objetivos, à hierarquia, etc. Na segunda – *Fale sobre a comunicação na empresa* – esperava-se que mencionasse sua importância, eficiência, meios de veiculação e principalmente citasse e discorresse sobre os principais textos escritos de circulação na esfera.

O quadro 3, a seguir, mostra o roteiro da entrevista, evidenciando as perguntas norteadoras e os itens que deveriam ser mencionados pelos entrevistados, a partir das perguntas. Apresenta-se também a listagem de textos sobre os quais se esperava menção e comentários. Da mesma forma que a entrevista anterior, em caso de omissão, o item era questionado de forma direta ao entrevistado. As entrevistas encontram-se, em anexo, no final da pesquisa. (Anexo B2)

Nome:
Empresa:
Cargo:
E-mail:

I- Fale sobre a empresa.

Finalidade
História
Organização
Características (número de funcionários? Grande, médio ou pequeno porte?)

Prioridades
Relações externas/internas
Imagem

II- Fale sobre a comunicação na empresa.

Interna e Externa
Importância
Eficiência
Principais veículos
Informatização
Comunicação oral

III Fale sobre os principais textos de circulação. (Quais destes textos circulam atualmente na empresa?)

Ata
Atestado
Aviso
Bilhete
Carta profissional
Carta comercial
Classificados
Comunicações presenciais
Circulares
E-mail
Informativos impressos
Memorando
Netmeting
Ligações telefônicas
Ofício
Palestra
Parecer
Procedimento
Protocolo
Relatório
Requerimento

Quadro 3 – Roteiro da entrevista a representante de empresas das área de Química, Eletrônica e Edificações

A partir das respostas apresentadas pelos informantes sobre os novos gêneros em circulação, fez-se a solicitação desse material para futura análise e possível aplicação em sala de aula. Adianta-se aqui que o repasse direto não

ocorreu conforme era esperado, pois foi unânime, da parte dos responsáveis pelas empresas, a posição de que qualquer material de circulação interna não poderia ser repassado a terceiros. Apesar de ter sido esclarecido, tanto por documento escrito quanto verbalmente, que a pesquisa não revelaria o nome das empresas nem de seus informantes e que o objetivo maior em ter acesso a esse material seria de cunho pedagógico, ainda assim não foi permitido o repasse. O que as empresas disponibilizaram foram modelos de formulários que circulam nas empresas, sem qualquer produção e circulação efetiva. Essa fase da pesquisa representou seu momento mais difícil. Dessa forma, foi necessário pensar em outro percurso para a coleta de material: contato com pessoas conhecidas, professores, ex-alunos e busca pela Internet. Primando pela ética e ao mesmo tempo levando em conta a necessidade de material fidedigno, optou-se pela coleta de material via Internet, considerando alguns critérios que serão explanados mais adiante.

Durante a entrevista, foi possível perceber a relevância de três gêneros de circulação nas empresas: Projetos, Relatórios e Procedimentos. A escolha pelo gênero Relatório como gênero empresarial a ser analisado sob a perspectiva enunciativo-discursiva – terceiro objetivo da pesquisa – foi determinada por dois motivos: aplicabilidade e relevância no ensino de Língua Materna, já que os alunos costumam produzir Relatórios de Visita Técnica a empresas e Relatório de estágio; e presença de aspectos descritivos e/ou argumentativos no texto em detrimento de propostas padrões, como formulários prontos a serem apenas preenchidos com dados específicos. Já a escolha da modalidade Relatório de Atividade Externa, que inclui aqui Relatório de Viagem, Relatório de Treinamento e de Visita Técnica, deveu-se principalmente à recorrência que essa prática exerce na esfera empresarial. É atividade comum dos funcionários de empresas deslocarem-se de seu local de trabalho para realizar cursos, treinamentos, visitas, com intuito de otimizar, aprimorar suas condições de trabalho e, em consequência, terem de elaborar relatórios como forma de comunicar e justificar a sua participação no evento. Assim, o gênero escolhido para ser analisado sob instância Situacional, Composicional e Axiológica, dentro de uma perspectiva dialógica, foi o Relatório de Atividade Externa. Antes de caracterizar os procedimentos da terceira etapa e definir as categorias de análise, apresenta-se uma breve descrição das empresas visitadas com o intuito de fornecer subsídios para futuras reflexões.

3.2.2 Empresas visitadas: Refinaria de petróleo, Usina de energia elétrica, Empresa de engenharia

A primeira empresa visitada foi uma Refinaria de petróleo, a qual costuma receber com frequência alunos estagiários, como também egressos do curso de Química, para atuarem no quadro funcional. A companhia possui aproximadamente trezentos funcionários e é considerada de pequeno porte em comparação às demais refinarias existentes no país. É hoje uma refinaria privada e uma das mais antigas do Brasil. Suas atividades principais são refino, processamento, comercialização e importação de petróleo, de seus derivados e correlatos. A matéria-prima da Refinaria, o petróleo cru, é recebida através de navios no píer petroleiro, localizado próximo à Empresa. Dos navios, o petróleo é conduzido para a Refinaria por meio de um oleoduto de aproximadamente 4 Km de comprimento, sendo armazenado em seis tanques, com capacidade total de 100 mil m³ de matéria-prima. A Refinaria tem capacidade de processamento de 17 mil barris/d de petróleo, o equivalente a cerca de 2,7 mil m³/d, distribuídos principalmente em gasolina, óleo diesel, bunker, asfalto, GLP e solventes.

Segundo material repassado pela assessora de comunicação, intitulado Manual de Procedimentos Funcionais, espécie de cartilha disponível a todos os funcionários da empresa. A Refinaria prima pela organização, eficiência e máxima comunicação entre seus membros, já que neste material constam as mais diversas informações a respeito do funcionamento da empresa, tais como: missão, valores, deveres e proibições, horário de trabalho, cartão ponto, vestuário, pagamento de salário, documentos, política de segurança, política da saúde ocupacional, política ambiental entre muitos outros, estando, portanto, todos os funcionários em condições de estar a par das informações elementares da empresa.

A infraestrutura da empresa, sem dúvida, surpreende o visitante, tamanho a área disponível, os equipamentos existentes e o sistema de segurança zelado pela empresa. Inicialmente foi repassado um vídeo informativo, denominado briefing, o qual todo visitante é obrigado a assistir antes de visitar as dependências da empresa. Além de repassar informações gerais relativas à história, objetivo e filosofia da companhia, o vídeo orienta sobre a maneira como o visitante deve se comportar no local, primando principalmente pelo respeito às normas de segurança.

Logo em seguida, o visitante é submetido a um teste escrito, cujas perguntas giram predominantemente em torno dessa questão. A entrevista ocorreu em sala especial do setor de Comunicação. Observou-se, até chegar lá, uma empresa com significativo número de funcionários, trabalhando em diferentes ambientes, vinculados às onze coordenadorias existentes, conforme organograma repassado.

A segunda empresa visitada foi uma companhia de produção e distribuição de energia elétrica cuja fonte primária de produção é o carvão mineral, energético encontrado em abundância, na metade sul do estado do Rio Grande do Sul.

Cabe mencionar inicialmente que a escolha da empresa se deu não só por se tratar de uma companhia que recebe um número significativo de alunos do IF-Sul, segundo informações da Instituição de Ensino, como o de seu acesso ter sido viabilizado por professor da Instituição, que mantém relação pessoal com a companhia. Após contato telefônico, marcou-se data e horário da entrevista, a qual ocorreu na cidade de Porto Alegre, sede administrativa da empresa. O prédio, localizado no centro da cidade, com diversos andares, revelou que se tratava de uma empresa de porte grande não só por seu tamanho, como pela quantidade de setores evidenciados no hall de entrada e pelo número de funcionários que nela circulavam. A pesquisadora foi conduzida ao setor de comunicação da empresa e recebida pelo coordenador da Assessoria de Comunicação Social. Na sala, trabalhavam aproximadamente cinco pessoas e a entrevista ocorreu em ambiente separado, espécie de divisória dentro da grande sala. A duração da entrevista foi de aproximadamente 90 minutos e transcorreu de modo bastante informal e descontraído.

Caracterizada como sociedade de economia mista, do Sistema Eletrobrás, a empresa possui em seu quadro funcional 641 empregados, sendo que o ingresso no quadro da Companhia se dá apenas por meio de concurso público. Segundo o entrevistado, a empresa conta hoje com 76 estagiários, muitos deles formandos de escolas de ensino médio profissionalizantes.

A terceira empresa visitada foi uma companhia privada da área da construção civil de nome consolidado na cidade de Pelotas. Considerada de médio porte, ela atende diversas regiões do estado, inclusive a grande Porto Alegre, na construção de novos empreendimentos industriais e comerciais. A companhia vem se destacando ultimamente na construção de apartamentos populares pelo sistema

denominado PAR (Programa de Arrendamento Residencial da Caixa), atendendo à necessidade de moradia da população de baixa renda dos grandes centros urbanos.

A escolha da empresa se deu principalmente pelo grande número alunos egressos do IF-Sul que vão atuar na companhia como técnicos. Segundo informações concedidas pelo COSIE (Coordenação de Serviço de Integração Escola-Empresa), é uma das companhias pelotenses que mais contrata profissionais técnicos do curso de Edificações formados pelo If-Sul. Assim como ocorreu com as outras empresas, o contato se deu via telefone e a receptividade foi bastante satisfatória. A entrevista ocorreu na própria empresa, situada próxima ao centro da cidade. Apesar de o local parecer de grande porte, só se teve acesso ao hall de entrada da companhia e a uma pequena sala lateral, onde ocorreu a entrevista. A conversa durou aproximadamente 30 minutos e não houve a mesma fluidez das entrevistas anteriores, já que as respostas, na maioria das vezes, foram breves e objetivas.

O entrevistado iniciou explanando que a empresa atual é *sequência*[24] de outra companhia da construção civil bastante conhecida na cidade. Na verdade, a antiga atendia outra camada da população, ou seja, dedicava-se à construção de empreendimentos mais requintados; a atual, com outro nome, têm como meta a produção de apartamentos populares construídos em grande quantidade e de forma rápida. O entrevistado citou nome de diversas construções em andamento, em diferentes cidades do estado, tal como: Rio Grande, Santa Maria, Canoas, Novo Hamburgo e Passo Fundo. Segundo ele, a empresa possui aproximadamente 500 funcionários, dentre eles, engenheiros, técnicos, empreiteiros e administrativos.

Ao ser questionado especificamente sobre o técnico de nível médio, o entrevistado mencionou que sua atuação se detém ou como responsável pela compra de material da obra, já que possui conhecimento para tal ou como técnico-administrador da obra, podendo, nesse caso, desenvolver diferentes atividades. Segundo ele, esse profissional tem chances de ocupar funções mais elevadas, inclusive de gerência, de acordo com sua competência e seu desempenho.

Acredita-se que as informações apresentadas nesta seção, referentes à caracterização das ferramentas de análise e dos ambientes visitados, são relevantes no sentido de permitir visualizar os caminhos tomados em direção à

[24] Expressão utilizada pelo entrevistado.

consecução dos objetivos e de dar suporte à compreensão das análises e reflexões posteriores, em especial, relacionadas às especificidades da esfera empresarial e dos gêneros discursivos que nela circulam.

3.3 INVESTIGAÇÃO DO GÊNERO RELATÓRIO DE ATIVIDADE EXTERNA

A fim de atingir o terceiro objetivo da pesquisa, ou seja, compreender, descrever, interpretar gênero de circulação significativa na esfera empresarial – Relatório de Atividade Externa – sob a perspectiva enunciativo-discursiva, foram realizadas entrevistas a produtores/redatores de relatório em empresas, coletados 12 exemplares do gênero e formuladas três categorias de análise. Conforme mencionado anteriormente, a metodologia foi sendo construída no desenrolar do estudo, já que foi o diálogo constante com o objeto que apontou novos caminhos para se compreender melhor a realidade de investigação e alcançar os objetivos da pesquisa. O gênero Relatório de Atividade Externa diz respeito à atividade de produção escrita efetuada por profissionais ocupantes de diferentes funções na empresa, a qual visa a relatar uma atividade desenvolvida fora da companhia, o que pode incluir participação em congressos, cursos, seminários, treinamentos, visitas técnicas a outras empresas do setor. Inclui-se, portanto, aqui, aquelas produções de circulação empresarial que descrevem, avaliam e justificam a participação do funcionário em evento fora da empresa com a intenção de dar retorno a mesma. Especificadamente, o material coletado incluiu produções assim designadas: Relatório de Viagem, Relatório de Treinamento, Relatório de Visita Técnica.

3.3.1 Ferramentas de análise: entrevista a redator/produtor de relatório, coleta de Relatórios de Atividade Externa

Levando em conta a necessidade de informações mais amplas a respeito do gênero escolhido, principalmente em razão da complexidade das categorias definidas para a análise, foram realizadas entrevistas com funcionários de empresas das áreas afins que costumam produzir esse gênero textual. Uma das empresas visitadas anteriormente não se mostrou receptiva a essa segunda etapa, por isso uma das entrevistas a funcionário redator de Relatório de Atividade Externa foi prestada por funcionário de outra empresa da área química[25], a qual costuma também receber alunos formandos e egressos do IF-Sul. Cabe ainda mencionar que uma quarta entrevista complementar foi realizada e faz parte do *corpus* da pesquisa. Essa, por sua vez, foi concedida por ex-aluna da Instituição que atua hoje em empresa também da área de química[26], a qual se dispôs a comentar sobre o gênero e muito falou sobre a relevância do gênero Relatório na empresa em que atua. Todas as quatro entrevistas constam no final da pesquisa. (Anexo B3)

As entrevistas seguiram a mesma sistemática das anteriores, ou seja, inicialmente, foram solicitadas informações gerais sobre o entrevistado e, em seguida, lançadas três perguntas abertas. A primeira – *Fale sobre a produção de relatórios na empresa* – esperava-se menção a aspectos relacionados à importância, circunstâncias de produção, frequência, tipos, etc. A segunda – *Fale sobre o Relatório de Atividade Externa* – esperava-se que o entrevistado fizesse referência a aspectos específicos, principalmente relacionados às condições de produção, recepção e circulação desse gênero. A terceira pergunta – *Comente a importância de se trabalhar relatórios em cursos técnicos profissionalizantes* – esperava-se que finalizasse sua fala, ressaltando a importância desse gênero na empresa e a relevância de ser trabalhado em cursos profissionalizantes, já que todos os entrevistados dessa terceira etapa têm formação de nível técnico, pela Instituição hoje denominada If-Sul.

[25] Empresa de pesquisa da área agropecuária de nível federal
[26] Empresa privada de pequeno porte da área de farmacologia

O quadro 4, a seguir, mostra o roteiro da entrevista, evidenciando as perguntas norteadoras e os itens que deveriam ser mencionados pelos entrevistados, a partir das perguntas. Da mesma forma que as entrevistas anteriores, em caso de omissão, o item era questionado de forma direta ao entrevistado.

Nome:
Curso Técnico:
Formação:
Cargo na empresa:
Tempo de serviço:
E-mail:

1) Fale sobre a produção de relatórios na empresa.

Importância
Motivação/Circunstâncias
Tipos

2) Fale especificadamente sobre o relatório de viagem/ visita técnica/ treinamento.

Elaborador (caracterização)
Receptor (caracterização)
Relação entre elaborador/ receptor (ethos)
Objetivos
Circulação (acesso)
Suporte
Periodicidade
Importância/ Validade
Repercussão para a empresa
Existência de modelos pré-estabelecidos (formulários)
Linguagem
Ideologia

3) Comente a importância de se trabalhar relatórios em cursos técnicos profissionalizantes.

Quadro 4 – Roteiro da entrevista a elaborador de Relatório de Atividade Externa em empresa das áreas de Química, Edificações e Eletrônica

No que diz respeito aos exemplares de Relatórios de Atividade Externa, gênero escolhido a ser analisado sob a perspectiva dialógica, cabe mencionar que foram coletados 12 exemplares – de efetiva circulação em empresas – da Internet, já que, conforme mencionado, as empresas visitadas não se dispuseram a repassar material escrito à pesquisadora. A justificativa dada pelas empresas, na maioria das vezes, era a forte concorrência existente entre as empresas do ramo, sendo, portanto, o sigilo prática inviolável da empresa.

Dos 12 exemplares coletados, todos do ramo empresarial vinculados às áreas de Química, Eletrônica e Edificações, foram escolhidos, por razões de espaço e objetividade, apenas quatro para servirem como exemplificação das análises. Os exemplares encontram-se em anexo (Anexo C) e deles foram omitidas informações de identificação, conforme conduta geral da pesquisa. Cabe mencionar que um dos exemplares é de uma das empresas visitadas, descrita anteriormente, que recebe alunos de diversas áreas do IF-Sul, a qual negou repasse de material escrito no momento da entrevista, mas que dispunha de exemplar na rede. O segundo exemplar é de empresa de pesquisa da área agropecuária, que costuma receber alunos do curso de Química, em que atua um dos informantes – produtor de relatório. O terceiro exemplar refere-se a uma empresa de porte nacional, cujo conteúdo do relatório trata de inovações tecnológicas da área de Eletrônica. E o quarto exemplar, é um relatório de empresa pública federal de gestão e planejamento, o qual aborda tema referente a questões ambientais. Todos os exemplares constam no site da empresa, portanto, consideradas legítimas em termos de produção e circulação. Acredita-se, portanto, darem condições de contemplar os objetivos propostos neste estudo.

Por fim, cabe mencionar que a escolha do gênero Relatório de Atividade Externa em detrimento de outros como Projetos e Procedimentos, também verificados como significativos na empresa, deve-se ao fato de caracterizar-se por produção que exige habilidades amplas do produtor como as de descrição, argumentação, injunção, narração, etc. Além disso, a trabalho com Relatório de Estágio na Instituição, gênero presente em todos programas de Língua Materna dos Cursos Profissionalizantes, é um trabalho que recebe críticas constantes de vários setores da Instituição pelos quais tramita, principalmente devido à dificuldade do aluno em selecionar ideias pertinentes e adequadas e articulá-las com clareza e correção. Oferecer condições de aprimorar habilidade de relatar atividade, seja ela

de estágio, de viagem, de treinamento ou de visita técnica permitirá ao aluno desenvolver mecanismos capazes de produzir diferentes tipos de textos de circulação em sua futura esfera de atuação.

3.3.2 Fundamentação das categorias de análise do gênero Relatório de Atividade Externa

A fim de criar um percurso metodológico que contemplasse a perspectiva socioenunciativa de linguagem, em especial a dimensão verbal e extraverbal do enunciado e, ao mesmo tempo, se caracterizasse como um modelo capaz de ser aplicado em circunstâncias pedagógicas no tratamento de diversos outros gêneros, optou-se pela construção de um caminho próprio, específico, quase que exclusivo de análise.

Para o Círculo, o enunciado se constitui de duas dimensões: verbal e extraverbal. A primeira remete à língua, à materialidade linguística; a segunda, essencial ao sentido, remete ao social, sendo constituída pela situação e pelo seu auditório[27]. Foi, então, na tentativa de contemplar essa premissa que foram construídas as distintas instâncias e categorias de análise. Aspectos relacionados à temporalidade, espacialidade, finalidade, tema e auditório emergem de forma categorizada na Instância aqui denominada de Situacional. Já aspectos relacionados ao verbal, em termos de peculiaridades linguísticas e composicionais, vêm à tona na Instancia denominada Composicional e aspectos relacionados à valoração, juízo de valor, expressividade recebem tratamento em instância específica, denominada Axiológica. Obviamente que essas três instâncias delimitadas, assim como as dimensões verbal e extraverbal da linguagem, não são realidades estanques, são indissociáveis e interdependentes. O que se faz aqui é apenas priorizar, em cada segmento ou instância, um aspecto constitutivo do todo, a fim de poder ir progressivamente avançando na compreensão da significação do objeto de estudo.

Importante mencionar que, por ter a pesquisa caráter pedagógico, visar aplicabilidade em sala de aula, acabou-se estabelecendo diálogo, na construção

[27] Considerações a respeito da dimensão verbal e extraverbal da linguagem são ampliadas e respaldadas mais adiante.

das categorias de análise, com as demais abordagens sobre gênero nos estudos da linguagem, perspectivas essas respaldadas em capítulo anterior. Assim, na Instância Situacional, que tem como objetivo central evidenciar as condições que fazem emergir o gênero em estudo – em termos de finalidade, espaço, tempo, produtor, destinatário, tema – estabeleceu-se um entrecruzamento com a perspectiva Retórica, em especial com a noção de Propósito Comunicativo, de Swales e com a perspectiva Interacionista-sociodiscursiva, em especial com a noção de Condições de Produção, de Bronckart. Na segunda instância, denominada Instância Composicional, a qual visa a ressaltar aspectos linguísticos e textuais recorrentes do gênero em estudo que assumem significação própria decorrente da esfera em questão, acabou-se adotando alguns conceitos da perspectiva Semiótica, em especial a noção de EPG de Hasan e noções associadas à Gramática Sistêmico-Funcional para fins de análise. Na Instância Axiológica, por sua vez, por pretender refletir sobre valorações inerentes à esfera, desvendando marcas reveladoras da identidade, das relações de poder e das representações sociais embutidas na constituição do gênero, trouxe-se à tona alguns princípios da ACD, em especial reflexões relacionadas à dimensão de texto como Prática Social, proposta por Fairclough.

A opção por construir uma metodologia própria para a análise, articulando noções de distintas perspectivas, deve-se a dois motivos. Primeiro, por perceber que a abordagem dialógica, ainda que seja ampla, articulada e abrangente em sua essência teórica, não apresenta um percurso metodológico próprio, voltado para a análise de gêneros em situação escolar. Segundo, e por outro lado, porque as demais abordagens, além de não sustentarem, em termos teóricos, a noção de gênero sob perspectiva enunciativo-discursiva acabam, em termos metodológicos, privilegiando alguns fatores em detrimento de outros. A proposta de Hasan, por exemplo, enfatiza a estrutura organizacional do texto, relacionando-a ao contexto, mas omite menção a aspectos axiológicos, dispensando preocupação em ver o poder da linguagem como constitutivo de valoração, conhecimento, crenças, relações de identidades, não manifestando preocupação com a "conscientização"[28] da linguagem. Reitera-se aqui que a presente pesquisa, de modo geral, visa à construção de um projeto pedagógico a ser implementado no ensino de educação

[28] Termo utilizado por Fairclough, citado por Meurer, 2005.

profissionalizante, por isso as escolhas metodológicas se deram principalmente em decorrência do caráter de aplicabilidade que cada uma das propostas apresenta. Nesse sentido, foram escolhidos elementos que a princípio parecem viabilizar a construção de um projeto pedagógico a ser implementado no ensino de educação profissionalizante.

Apesar de as categorias de análise aqui definidas tomarem emprestadas algumas noções de abordagens teóricas específicas, adotam uma nomenclatura própria, já que não estão vinculadas à essência da teoria, ou seja, a seus princípios epistemológicos. As análises que aqui serão desenvolvidas não se prendem a discussões teórico-metodológicas discutidas entre as perspectivas, como, por exemplo, entre a proposta de Martin, que defende o gênero e Hasan, que defende o registro como ponto de partida para a observação do fenômeno linguístico, ou ainda discussão sobre a centralidade do critério do propósito comunicativo como definidor do gênero, conforme propunha Swales. O que se faz aqui é articular noções, agregar conceitos com o intuito de aprofundar conhecimento sobre o funcionamento do gênero empresarial e assim ter subsídios para uma prática pedagógica mais eficiente e condizente com a realidade da qual se faz parte.

A opção por construir uma proposta metodológica articulando vozes provenientes de diferentes perspectivas pode ser remetida à própria concepção de linguagem proposta por Bakhtin que diz: “Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo: ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições”. (BAKHTIN, 2003, p.297)

3.3.2.1 Instância Situacional

De acordo com a perspectiva dialógica, o enunciado, como um todo de sentido, não se limita apenas a sua dimensão linguística. Para além de uma parte verbal expressa, fazem parte do enunciado, como elementos necessários a sua constituição e a sua compreensão, outros aspectos constitutivos, vinculados à dimensão extraverbal, ou dimensão social constitutiva. Nas palavras de Bakkhtin/Volochinov: “Na vida, o discurso verbal é claramente não auto-suficiente.

Ele nasce de uma situação pragmática extraverbal e mantém a conexão mais próxima possível com esta situação. Além disso, tal discurso é diretamente vinculado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação". (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1976, p. 4). Para o Círculo, a dimensão extraverbal, em seu princípio objetivo e material, é composta pela situação e pelo auditório do enunciado, que constituem sua situação social. Pode-se considerar a situação como a condição, "a circunstância de um acontecimento dado" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1993, p. 237).

Nessas condições, a dimensão extraverbal refere-se ao plano do discurso, situação social em que se dá o enunciado, ou seja, o contexto cultural e semântico-axiológico. O horizonte extraverbal do enunciado, formado pela situação junto com seu auditório, por um processo de abstração, pode ser decomposto em três elementos constitutivos[29]: a) o horizonte espacial e temporal diz respeito ao tempo e ao espaço em que o enunciado foi projetado pelo falante (cronotopos); b) o horizonte temático refere-se ao objeto e ao conteúdo temático do enunciado, ou seja, à finalidade desse projeto discursivo e c) o horizonte axiológico é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento a respeito do que ocorre em relação ao objeto do enunciado. O fato de a situação social determinar o enunciado, de se integrar a ele como um elemento indispensável a sua constituição semântica, não representa, no entanto, que o discurso e o enunciado reflitam passivamente a situação extraverbal ou que eles sejam expressão de algo acabado. O enunciado conclui, acaba uma determinada situação, mas sempre cria algo novo e irrepetível. Nas palavras de Bakhtin e Volochínov (1993), "a expressão verbal, o enunciado, não reflete passivamente a situação. Ele constitui, com efeito, sua solução, realiza sua avaliação, e representa ao mesmo tempo a condição necessária de seu desenvolvimento ideológico vindouro". (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1993, p. 303, tradução da pesquisadora)

Levando em conta a reflexão acima e aliando-a a outras noções do Círculo sobre as particularidades do enunciado[30], em especial, a noção de *projeto discursivo*, que representa o querer-dizer do locutor a partir do qual se dá a

[29] Os elementos constitutivos da dimensão extraverbal emergem em diversas obras do Círculo. A nomeação aqui teve como fonte base *La construcción de la enunciación,* 1993, p. 260.
[30] Aqui especificamente as reflexões sobre enunciado apresentadas em Os gêneros do discurso (Estética da Criação verbal, Bakhtin, 2003, p. 270-306).

construção do enunciado e a escolha do gênero, e a noção de *endereçamento*[31], que defende ser todo enunciado direcionado a um interlocutor, seja ele real ou virtual, determinando seu tom, optou-se pela construção de um percurso metodológico inicial que vem a contemplar a situação de enunciação, ou melhor, o contexto que orienta a produção do gênero, sua situação social, sua dimensão extraverbal.

A presente instância tem como base central a abordagem dialógica, no entanto, não deixa de fazer certa aproximação com noções e reflexões da abordagem Retórica e da abordagem Sociodiscursiva, previamente fundamentada no capítulo anterior. Isso principalmente em função do caráter pedagógico e do desdobramento de categorias de análise relacionada ao contexto de produção, evidenciadas em estudos desenvolvidos segundo essas concepções.

No que diz respeito à abordagem retórica, concorda-se com Swales, quando este afirma que o texto deve ser visto em seu contexto e não pode ser completamente entendido e interpretado apenas por meio de uma análise de elementos linguísticos. Para o autor, "o conhecimento do gênero, que depende de conhecimentos além daqueles relevantes ao próprio texto, é uma ferramenta primordial para quem trabalha com textos em situações profissionais" (HEMAIS & BIASI-RODRIGUES, 2005, p.110). De Swales, toma-se emprestada a noção de Propósito Comunicativo no sentido de considerar que todo gênero tem um ou mais objetivos e é ele que motiva a ação. O próprio conceito de gênero, apresentado pelo autor como "Uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos" (SWALLES, 1990, p. 58), põe em evidência o caráter retórico do gênero.

A presente pesquisa considera o propósito comunicativo critério bastante importante no estudo dos gêneros, mas não concede a ele papel privilegiado, conforme defende o autor, pois acredita-se que o contexto tem abrangência maior, incluindo aspectos como participantes e elementos da situação, sendo o objetivo apenas um desses elementos. Além disso, a presente pesquisa não tem a pretensão de discutir qual critério tem mais peso na definição, estruturação e classificação do gênero, delimitar fronteiras entre os gêneros, tampouco tratar de suas formas híbridas. O objetivo maior do trabalho é avançar de forma mais efetiva na

[31] Dispensa-se aqui ampliação das noções de *projeto discursivo* e *endereçamento,* já que se encontram respaldadas em capítulo anterior, referente aos pressupostos teóricos.

compreensão do funcionamento do gênero, trazendo à tona objetivo ou os objetivos que motivam, na esfera empresarial, na consecução do gênero Relatório de Atividade Externa. Assim, a primeira categoria de análise desta instância é denominada de **Finalidade Comunicativa,** a partir da qual pretende-se verificar não só a que se propõe o gênero como um todo, mas também quais condições, necessidades, circunstâncias o fazem emergir como gênero na esfera empresarial.

As demais categorias desta instância aproximam-se da proposta de Bronckart em especial no que ele denomina de "As condições de produção dos textos". Acredita-se, conforme essa perspectiva, que quando o agente produtor[32] (aqui no caso o funcionário da empresa) engaja-se numa ação de linguagem (produz relatórios), ele mobiliza uma série de representações que se constituem base de orientação para uma série de decisões que serão tomadas na produção de texto. O contexto de produção é definido por Bronckart como "conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado", referindo-se a questões relacionadas a *quem, quando, onde, com que finalidade* o texto é produzido. (BRONCKART, 2003, p. 93). Apesar de o autor apresentar os fatores que exercem influência sobre os textos em dois conjuntos: mundo físico e o mundo sociosubjetivo[33], nesta pesquisa, as considerações não fazem tal distinção, abrangendo ambos os aspectos. Assim, a categoria, aqui denominada, **Conteúdo Temático** visa a colocar em evidência os temas ou assuntos que normalmente trata o gênero em estudo. A categoria **Lugar/meio de produção** faz menção tanto ao lugar físico em que o texto é produzido como a aspectos relacionados à instituição social na qual ele é elaborado. A categoria **Momento de produção** refere-se a todos os aspectos relacionados ao momento e à periodicidade em que o gênero é produzido. As categorias **Locutor e interlocutor,** por sua vez, fazem referência a aspectos relacionados tanto à pessoa física como aos papéis sociais que eles desempenham. A relação entre ambos, no que diz respeito a valores, a normas, a papéis sociais e a regras na interação também são aspectos considerados na análise.

---

[32] Bronckart denomina agente-produtor a entidade emissor-enunciador que, engajada em uma ação de linguagem, mobiliza representações sobre os mundos descritos por Habernas.

[33] Mundo físico: envolve o ato material da enunciação; Mundo social: compreende os conhecimentos coletivos acumulados entre os membros de um grupo, suas normas, valores e regras; Mundo subjetivo: compreende a imagem que o agente-produtor dá de si ao agir, sua auto representação e a imagem que faz do outro.

Cabe mencionar ainda que as representações aqui descritas, principalmente a partir das informações coletadas pela entrevista a funcionários das empresas, não são diretas ou mecânicas; representam uma descrição aproximada da situação de interação, já que cada evento da comunicação é único e traz suas próprias peculiaridades de significação.

Em síntese, a instância de análise denominada, nesta pesquisa, de Situacional diz respeito às condições de produção e de recepção dos gêneros em estudo, as quais orientam a ação de linguagem, ou seja, ao conjunto de parâmetros contextuais, que representam informações importantes e influenciam na produção do Relatório de Atividade Externa. O quadro 5 apresenta, de forma resumida e objetiva, as categorias de análise desta instância, evidenciando questionamentos que deverão ser respondidos a partir de observação, análise dos textos e, principalmente, a partir das entrevistas com funcionários das empresas.

INSTÂNCIA SITUACIONAL

CATEGORIAS DE ANÁLISE:
Finalidade comunicativa- Que circunstâncias motivam a produção do gênero na empresa? Que objetivo ou objetivos pretende alcançar?
Conteúdo temático – De que assunto ou tema trata o gênero? Que conhecimentos são necessários e envolvem a situação de interação?
Espaço/Meio de produção – Onde o texto é produzido? Que setor/departamento da empresa envia e qual o recebe? Onde circula e quem tem acesso? Em que suporte é veiculado?
Momento de produção – Quando é produzido? Qual é a duração e a periodicidade de produção?
Locutor – Quem produz? Qual é a sua função na empresa? Que papel social ocupa na interação? Como se constituem suas relações de poder?
Interlocutor – Quem recebe? Qual é a sua função na empresa? Que papel social ocupa na interação? Como se constituem suas relações de poder?

Quadro 5 - Categorias de análise da Instância Situacional

Essas categorias representam ponto de partida para a análise e compreensão dos gêneros em estudo. Outros aspectos poderão vir a ser mencionados de acordo com a situação de interação observada.

Apesar de tomarem emprestados alguns conceitos e reflexões das propostas swalesiana e bronckartiana, as categorias definidas nesta pesquisa não

assumem compromisso de base epistemológica com tais perspectiva teóricas. Na verdade, o que se busca são diferentes percursos capazes de desvendar peculiaridades da esfera em estudo e, em consequência, compreender a linguagem em suas dimensões constitutivas, concretizadas pelo do gênero relatório de Atividade Externa. Assim, procurou-se não apenas responder aos questionamentos, mas efetuar reflexões apoiadas e relacionadas às especificidades da esfera empresarial. Buscou-se não apenas acrescentar informações sobre o contexto, mas incorporá-lo como parte constitutiva da análise. Acredita-se que ao tomar conhecimento dessas informações de nível contextual, é possível construir uma base de orientação para a produção e compreensão do gênero em estudo, e de outros, de efetiva circulação na esfera.

3.3.2.2 Instância Composicional

Nesta instância, a análise recai de forma mais enfática nos aspectos linguísticos e organizacionais do gênero. É a materialidade textual em termos de recorrência que vai revelar padrões comunicacionais e permitir avançar na compreensão do funcionamento do gênero em estudo.

Conforme mencionado, o enunciado, unidade real e concreta da comunicação discursiva, na teoria dialógica, constitui-se da dimensão verbal e da dimensão extraverbal. A extraverbal corresponde ao plano do discurso, à situação social em que se dá o enunciado, ou seja, à circunstância de produção, contexto cultural e semântico-axiológico, o qual se procurou contemplar, ainda que de forma parcial, na instância anterior. Já a dimensão verbal é compreendida como o plano material do enunciado, ou seja, diz respeito ao modo como os recursos linguísticos se organizam e dão forma a um determinado gênero do discurso, aspecto priorizado nesta instância.

São muitas as passagens do Círculo que evidenciam a interdependência entre essas dimensões na enunciação. Em *O Discurso na vida e o Discurso* (1976), Bakhtin e Volochinov afirmam que “o discurso verbal, tomado no seu sentido mais largo como um fenômeno de comunicação cultural, deixa de ser alguma coisa auto-suficiente e não pode mais ser compreendido independentemente da situação social que o engendra”. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1926/1976, p. 3). Além disso, os

autores se empenham em exemplificar, no decorrer de sua reflexões, situações em que ambas dimensões são absolutamente dependentes, no processo de significação.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2006), há toda uma reflexão sobre a intrínseca relação entre partes fixas e variáveis da linguagem, ou seja, entre significação e tema e, nela, os autores chamam a atenção do quanto o elemento linguístico não é descartado e tem importância na constituição do enunciado. Em *Estética da Criação Verbal* (2003), Bakhtin enfatiza o tema, o estilo e a composição como elementos constitutivos do enunciado. O tema refere-se a objetos e sentidos; o estilo, por sua vez, refere-se à seleção dos recursos léxicos, fraseológicos e gramaticais; e a composição corresponde à seleção dos procedimentos composicionais para a organização, disposição e acabamento da totalidade discursiva. Em seu estudo, o autor empenha-se em mostrar o quanto esses elementos estão inter-relacionados e são determinados pela esfera de atividade. Para o autor, "No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos" (BAKHTIN, 2003, p. 266).

A presente instância, partindo dessa reflexão, propõe-se, então, a evidenciar o quanto a composição dos enunciados, em especial os aspectos relacionados ao estilo e à estrutura composicional do gênero Relatório de Atividade Externa, é revelador das especificidades da esfera da qual parte, no caso, da esfera empresarial.

Aqui, também, como na instância de análise anterior, tomam-se emprestados alguns conceitos e noções de outra perspectiva teórica, no caso, da perspectiva semiótica de base sistêmico-funcional, fundamentada em capítulo anterior, a qual aponta e formula percursos capazes de evidenciar a relação bidirecional entre texto e contexto. Cabe frisar que a presente proposta metodológica apenas toma como ponto de partida conceitos dessa perspectiva teórica, não estabelecendo com ela vínculo epistemológico. Faz-se, portanto, algumas adaptações como forma de ir ao encontro dos objetivos a que se propõe a pesquisa

Para descrever os padrões textuais dos gêneros em estudo, toma-se como ponto de partida o conceito de Estrutura Potencial de Gênero, de Ruqayia

Hasan, em especial o modelo de análise proposto por Motta-Roth (2005) para resenha acadêmica. Busca-se detectar que função desempenha cada porção textual, identificando assim generalizações acerca da organização do texto: quais são os movimentos obrigatórios, quais são os opcionais, e sua possível sequência. Dessa forma, as regularidades identificadas possibilitam a configuração de um padrão organizacional para o gênero em estudo.

Hasan defende a ideia de que texto e contexto integram-se no processo de significação, de organização e de construção da experiência humana. A Configuração Contextual ou o contexto de situação envolve tudo o que é relevante para a interação e se define por três variáveis: *campo, relação* e *modo*. O *campo* diz respeito à natureza da prática social, ou seja, ao tipo de ato que está sendo executado e seus objetivos; a relação diz respeito à conexão entre os participantes da situação e o modo refere-se à natureza do meio de transmissão da mensagem. Campo, relação e modo são variáveis responsáveis pela Configuração Contextual (CC) e permitem fazer previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto, isto é, de qualquer texto que possa ser considerado um exemplo 'em potencial' de um gênero específico. Essas três variáveis mantêm reciprocidade com os elementos textuais opcionais e obrigatórios do gênero formulado como uma Estrutura Potencial do Gênero (EPG). Assim, enquanto o texto pode ser previsto a partir de pistas contextuais, o contexto é construído pelo conjunto de textos produzidos, dentro de uma situação específica num contexto da cultura. A EPG se constitui, portanto, na expressão verbal de uma CC, e, como tal, depende de determinado conjunto de valores associados às variáveis de "campo, relação e modo... Seu objetivo é dar conta do leque de opções de estruturas esquemáticas específicas potencialmente disponíveis aos textos de um mesmo gênero, de tal forma que as propriedades cruciais de um gênero possam ser abstraídas e qualquer exemplar desse gênero possa ser representado" (MOTTA-ROTH, 2005, p. 17-19).

O exemplo apresentado abaixo – resenha acadêmica − formulado por Motta-Roth (2005), a partir do constructo teórico de Hasan, evidencia a proposta de análise que se pretende fazer com o gênero Relatório de Atividade Externa, no primeiro segmento de análise desta instância.

EPG do gênero resenha acadêmica

> Movimento 1: APRESENTAR O LIVRO
> Passo 1: Definir o tópico geral do livro [e/ou]
> Passo 2: Informar sobre a audiência virtual e/ou
> Passo 3: Informar sobre o/a autor/a e/ou
> Passo 4: Fazer generalizações e/ou
> Passo 5: Inserir o livro na área
> Movimento 2: ESQUEMATIZAR O LIVRO
> Passo 6: Delinear a organização geral do livro [e/ou]
> Passo 7: Definir o tópico de cada capítulo [e/ou]
> Passo 8: Citar material extratexto
> Movimento 3: RESSALTAR PARTES DO LIVRO
> Passo 9: Avaliar partes específicas
> Movimento 4: FORNECER AVALIAÇÃO FINAL DO LIVRO
> Passo 10A: Recomendar/desqualificar o livro [ou]
> Passo 10B: Recomendar o livro apesar das falhas indicadas (MOTTA-ROTH, 2005, p. 21)

Cada estágio da atividade social representada na EPG é um elemento na estrutura dessa atividade e cada estágio contribui para a realização e finalização dessa atividade. A ordem e a obrigatoriedade dos estágios podem ser afetadas pelas variáveis da Configuração Contextual. Nesse sentido, a proposta tem caráter flexível.

Cabe mencionar que a Configuração Contextual (CC), concebida como situação na qual o gênero se constitui, é contemplada na primeira instância, denominada Situacional. Ali, acredita-se estarem incluídas, ainda que com nomenclaturas diferentes, questões referentes ao campo, relação e modo, variáveis que, para Hasan, definem o contexto de interação. Ainda que a CC seja concebida como uma entidade capaz de fazer previsões sobre os possíveis textos apropriados a um contexto, o enfoque discursivo, categoria de análise para a presente pesquisa, não tem essa pretensão de correspondência fiel, categórica entre texto e contexto. A Instância Situacional, caracterizada no tópico anterior, propõe-se a descrever e a compreender a situação contextual na qual um gênero se constrói e não a se deter na relação recíproca e determinante entre texto e contexto, no sentido de predizer a sequência e a recorrência de elementos textuais opcionais e obrigatórios da EPG. O objetivo não é comprovar que o contexto determina o texto, mas compreender como o texto funciona a partir das condições do contexto. Levando em conta que a

pesquisa tem como pano de fundo a prática na sala de aula, acredita-se desnecessária a preocupação de evidenciar essa correspondência entre CC e EPG.

Considerando também que o objetivo dessa categoria é identificar a natureza retórica[34] das diferentes passagens do texto a fim de estabelecer generalizações acerca da organização textual e que a proposta não corresponde de forma completa à EPG de Hasan, optou-se pela expressão *Descrição dos padrões textuais do gênero Relatório de Atividade Externa,* como a primeira categoria de análise da Instância Composicional.

Com base na proposta de Hasan (1989), também procurou-se caracterizar cada estágio como sendo ou obrigatório - aquele que está presente em todos os exemplares, ou opcional - aquele que pode estar presente ou não no texto. Além disso, pretende-se verificar seu caráter de recursividade, no sentido de ocorrer mais de uma vez no texto e de ordenação fixa/variável remetendo à posição ou ao lugar no qual emerge no texto. Cabe mencionar novamente que não é objetivo da pesquisa exaltar a reciprocidade entre o contexto e o caráter de obrigatoriedade ou opcionalidade, recursividade e ordenação de cada estágio, mas de levantar um leque de possibilidades estruturais capazes de orientar os futuros aprendizes em sua prática comunicacional. A análise intenciona trazer à tona um modelo de referência capaz de instrumentalizar o aprendiz de maneira a levá-lo a interagir de forma adequada em situação semelhante.

Para analisar a materialidade dos textos em estudo, em seus aspectos léxico-gramaticais, tomaram-se emprestadas também noções da perspectiva semiótica, no sentido de evidenciar o quanto as escolhas de formas e estruturas não são aleatórias e têm relação com o contexto de produção, refletindo características da esfera. Não se pretende, no entanto, imprimir caráter determinista entre texto e contexto, nem aprofundar aspectos ideológicos, ou seja, discutir questões referentes a crenças, identidades e relações de poder, esses elementos deverão, sim, tomar maior abrangência no enfoque seguinte. O que se pretende é descrever aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, coesivos e textuais (narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos) que apresentam regularidade e que, nesse sentido, tornam-se reveladores de intenções e das especificidades da esfera, no caso, a

[34] Swales, em seu modelo CARS, apresenta proposta semelhante, na qual utiliza os termos *movimentos* e *passos* para identificar e descrever a natureza retórica das diversas passagens textuais. O termo *retórica* compreende, portanto, essa perspectiva de analisar a organização-padrão dos textos a partir da função (objetivo) de cada porção textual.

empresarial. Nesse contexto, são lançadas duas perguntas norteadoras que deverão ser respondidas de modo a embasar as reflexões e direcionar as análises desta instância: Quais são os aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, coesivos e textuais recorrentes no gênero em estudo? E o que justifica a escolha de tais formas, levando em conta as especificidades da esfera? Nesse sentido, concorda-se com Swales (1998) quando afirma que "o léxico (e aqui amplia-se a sintaxe, a semântica, os articuladores, as sequências textuais) toma significados próprios dentro da comunidade discursiva para expressar ideias relevantes e atingir objetivos específicos". (SWALES, 1998, p. 116)

Em síntese, esta instância apresenta duas categorias de análise: *Descrição dos padrões de organização textual* e *Descrição das regularidades lexicais, gramaticais e textuais do gênero*. Acredita-se que tal estudo é capaz de evidenciar o quanto a língua materializa o mundo, o quanto o texto relaciona o fazer e o dizer, refletindo o caráter dialético entre a situação e sua materialização no léxico, na gramática e em todos os níveis de significação da linguagem. O quadro 6 resume, de forma clara, a proposta desta instância de análise.

INSTÂNCIA COMPOSICIONAL

CATEGORIAS DE ANÁLISE:
Descrição dos padrões de organização textual – Qual é a função desempenhada pelas porções textuais? Quais movimentos e passos são obrigatórios, opcionais, recursivos ou ordenados do gênero em análise?
Descrição das regularidades lexicais, gramaticais e textuais do gênero – Que aspectos lexicais, sintáticos, semânticos, estilísticos, coesivos, textuais (narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos...) são recorrentes no gênero em análise? E que significação essas escolhas assumem em decorrência das especificidades da esfera a que pertencem?

Quadro 6 - Categorias de análise da Instância Composicional

As categorias acima formuladas representam ponto de partida para a análise e compreensão do gênero em estudo e estão efetivamente relacionadas às categorias da instância anterior, o que faz com que, em diversos momentos de análise, sejam retomados aspectos previamente mencionados, estabelecidas relações e fundamentadas reflexões.

As considerações levantadas partem principalmente da observação do material coletado, ou seja, dos exemplares de Relatórios de Atividade Externa, no entanto, a voz dos entrevistados também emerge em diversos momentos, complementando as reflexões.

3.3.2.3 Instância Axiológica

Determinar a dimensão axiológica como categoria de análise pode a princípio causar estranhamento, já que o estudo tem por base a perspectiva enunciativo-discursiva baktiniana, a qual postula que todo signo é ideológico, todo signo apresenta índices de valor de cunho social e está fundado em ato humano. Aqui, no entanto, o que se busca especificamente é penetrar na dimensão valorativa constitutiva da esfera empresarial e trazer à tona as variantes apreciativas, coercitivas e ideológicas[35] do espaço enunciativo em que é produzido o gênero Relatório de Atividade Externa.

Em *O discurso na vida e o discurso na arte* (1976), Bakhtin e Volochinov, ao referirem-se à dimensão extraverbal do enunciado, mencionam o aspecto axiológico como elemento constitutivo dessa dimensão. O horizonte axiológico é a atitude valorativa dos participantes do acontecimento a respeito do que ocorre em relação ao objeto do enunciado, estando efetivamente relacionado à situação social e cultural. A partir dos fragmentos abaixo, retirados do referido texto, é possível elucidar a dimensão a que se quer chegar com a presente instância de análise, denominada axiológica:

> [...] cada enunciado nas atividades da vida é um entimema social objetivo. Ele é como uma "senha" conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social. A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático não compreenderá estes enunciados. (BAKHTIN/ VOLOCHÍNOV, 1976, p.6)

[35] Chama-se a atenção que o termo ideologia, na perspectiva dialógica, não tem sentido restrito ou negativo, não podendo ser, portanto, remetido a um "mascaramento do real", como emerge em algumas teorias. Conforme afirma Faraco (2003), estudioso da ideias do Círculo, ideologia representa "o universo dos produtos de espírito humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção espiritual... e igualmente formas da consciência social". (FARACO, 2003, p.46)

> O fato é que todas as avaliações sociais básicas que derivam diretamente das características distintivas da vida econômica de um grupo social dado, usualmente não são enunciadas: elas estão na carne e sangue de todos os representantes deste grupo; elas organizam o comportamento e as ações; elas se fundiram, por assim dizer, com os objetos e fenômenos aos quais elas correspondem, e por essa razão elas não necessitam de uma formulação verbal especial. (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1976, p.7)

Nessas condições, o que se pretende é adentrar no contexto de valoração da esfera, em sua dimensão social, e trazer à tona as especificidades, as particularidades dessa esfera que, na maioria das vezes, não se configuram explicitamente. Decifrar essa *senha* conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social e/ou evidenciar as avaliações próprias de um determinado grupo social, no caso, sujeitos integrantes e representantes da esfera empresarial, eis a essência desta instância.

Importante, neste momento, retomar a noção de ideologia, apresentada em capítulo anterior, fundamentada principalmente na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2006). Ideologia, para o Círculo, não é concebido como algo subjetivo, interiorizado, com lugar permanente na mente do homem, nem como algo idealista, já pronto e dado. Miotello (2008), ao discutir a noção de ideologia, segundo a perspectiva bakthiniana, afirma:

> Bakhtin e seus companheiros do Círculo não trabalham a questão da ideologia como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da constituição dos signos ou a questão da constituição da subjetividade. Bakhtin mesmo alerta que não aceita ser medíocre dialeticamente, e por isso vai construir o conceito no movimento, sempre se dando entre a instabilidade e a estabilidade e não na estabilização que vem pela aceitação da primazia do sistema e da estrutura; vai construir o conceito na concretude do acontecimento, e não na perspectiva idealista. (MIOTELLO, 2008, p.168)

Nessa perspectiva, a ideologia não pode ser vista como falsa consciência, mascaramento do real ou simplesmente como expressão de uma ideia, mas como expressão de uma tomada de posição determinada. O conceito de ideologia é expresso de forma mais clara e direta no texto *Que é a linguagem* (1993), no qual os autores afirmam: “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se

expressa por meio de palavras [...] ou outras formas sígnicas" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1993, p.107).

Cabe relembrar aqui a noção de ideologia do cotidiano e ideologia constituída discutida pelo Círculo. A primeira é considerada aquela que brota nos encontros causais e fortuitos, sendo vista como acontecimento relativamente instável; a segunda é considerada a ideologia oficial, vista como estrutura ou conteúdo estável. Para o Círculo, ambas estão em relação recíproca e formam o contexto ideológico completo e único. Nesta instância de análise, procura-se evidenciar essa reciprocidade entre o estável e o instável formadora da ideologia da esfera empresarial.

Para Bakhtin/Volochinov qualquer que seja o ato humano, o signo se constitui como uma atitude de um determinado sujeito em relação a algo e que para ser compreendido exige uma atitude dialógica de um outro sujeito, o qual produz signos. Assim, em todo ato humano, há produção de um signo ou de um produto híbrido de signos que possui significado e está fundado na linguagem, de modo que qualquer que seja o ato humano, constitui-se como texto, enunciado e está pronto para ser lido e desvendado. Dessa maneira, as atividades humanas – como a de produzir um relatório em empresa, por exemplo – acontecem em um processo de interação verbal, cujos signos refletem e refratam características histórico-sociais dos indivíduos e da esfera de comunicação em que circulam.

Outra passagem relevante para fins desta reflexão emerge em *Estética da Criação Verbal* (2003), em que Bakhtin enfatiza a inexistência da neutralidade dos discursos e das ideias. O autor afirma que cada enunciado se caracteriza antes de tudo por um determinado conteúdo semântico objetal, ou seja, o primeiro momento está centrado no objeto e seu sentido, o que vem a determinar as peculiaridades estilístico-composicionais. O segundo elemento determinante na composição e no estilo é o elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante. Para Bakhtin, "Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível". (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Levando em conta o conceito de ideologia e considerando que existe uma dimensão social de cunho objetivo e essencial na enunciação, que todo signo reflete e refrata as características sociais e históricas da esfera, e que, portanto, o enunciado nunca é neutro, busca-se extrapolar texto e contexto e trazer para o

centro desta análise aspectos relacionados efetivamente ao social, em especial, desvendar aspectos referentes a juízos de valor[36], identidade, crenças, relações de poder, característicos dessa esfera e veiculados pelo discurso, no caso, através do gênero Relatório de Atividade Externa.

Como nas demais instâncias, também aqui, tomam-se emprestadas noções de outras abordagens sobre gênero nos estudos da linguagem. Neste caso, da proposta da ACD de Fairclough e seu modelo tridimensional de análise, em especial, a dimensão do texto como prática social.

Para Fairclough, gênero designa "um conjunto de convenções relativamente estável que é associado com e parcialmente realiza um tipo de atividade socialmente aprovado, como a conversa informal, a compra de produtos em uma loja. Um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos" (FAIRCLOUGH, 2001, p.161). O que interessa ao autor é desenvolver um aparato teórico-metodológico que possibilite estudar não apenas os textos em si, mas a sua relação com as estruturas sociais.

Em termos teóricos, o autor afirma ter a linguagem poder constitutivo, no sentido de criar, reforçar ou desafiar formas de conhecimento, crenças, relações sociais, identidades ou posições sociais. Nesse sentido, investiga traços e pistas textuais com o objetivo de tornar visível as relações entre linguagem e prática social, muitas vezes naturalizadas e opacas e não percebidas pelos indivíduos. Em termos metodológicos, desenvolve um aparato de análise que agrupa três dimensões: *texto, prática discursiva e prática social*. Na primeira, descreve aspectos relevantes do léxico, gramática e coesão; na segunda, busca interpretar o texto, evidenciando questões relativas à sua produção, distribuição e consumo e na terceira, busca explicar o evento discursivo, focalizando as práticas sociais e pondo em evidência como as estruturas sociais moldam e determinam os textos e como os textos atuam sobre as estruturas sociais. Apesar de o autor trabalhar de forma integrada as três dimensões, o presente estudo, em especial esta terceira instância enfatiza a dimensão *prática social.* O interesse principal é desvendar a linguagem como reveladora de aspectos importantes da vida social, principalmente, da

[36] Reitera-se aqui que a designação juízo de valor não remete à "emoções individuais, mas a atos sociais regulares e essenciais". (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1976, p. 6)

realidade empresarial em termos de representação da realidade, manifestações de identidade e relações de poder, ou ainda, explicar como as produções discursivas são investidas de aspectos sociais ligados a formações ideológicas.

Acredita-se que os produtores de relatórios, funcionários de empresas, ao elaborarem seus textos, estão imbuídos de valores e representações sociais as quais, consciente ou inconscientemente, serão repassados e manifestados em seus textos. Toda e qualquer produção nunca é neutra, traz aspectos ideológicos que são inerentes, constitutivos e parte integrante do texto. Apesar de esses aspectos muitas vezes não estarem explícitos no texto, podem ser pressupostos e inferidos, já que as escolhas feitas, sejam elas lexicais, gramaticais, estruturais ou temáticas, carregam uma intencionalidade e estão repletas de significação. Ou ainda, pela simples distribuição e relação das palavras no texto é possível inferir uma série de significados presentes nos textos. Vale lembrar as palavras de Bakhtin para quem "nenhum enunciado se junta ao outro sem envolver um julgamento de valor."(BAKHTIN, 2006, p. 105)

A partir da análise dos exemplares de relatórios coletados e entrevistas concedidas, juntamente com informações provenientes das análises anteriores em torno da Instância Situacional e Composicional, busca-se responder às perguntas norteadoras apresentadas no quadro 7, que segue.

INSTÂNCIA AXIOLÓGICA

CATEGORIAS DE ANÁLISE:
Representações da esfera – Como o gênero Relatório de Atividade Externa representa a realidade a que está vinculado? Quais aspectos são condicionados pelas especificidades da esfera empresarial? Que valores e ideologias subjazem à materialidade linguística?
Relações e papéis sociais − Que tipo de relação social o gênero relatório reflete ou estabelece? Quais papéis sociais e identidades estão envolvidos nessas produções? Como o gênero em análise contribui para a reprodução, manutenção ou mudança de certas práticas sociais na esfera empresarial?

Quadro 7 - Categorias de análise da Instância Axiológica

Os levantamentos realizados a partir de tal proposta intencionam trazer à tona as particularidades desta esfera, em termos de crenças, valores, ideologia,

hegemonia, identidades, relações e posições sociais..., evidenciando representações construídas e constituídas no discurso.

Esse modelo eclético de análise que se construiu representa apenas um caminho para desvendar e aprofundar o funcionamento desse e de outros gêneros empresariais. Apesar de as três instâncias – Situacional, Composicional, Axiológica – serem descritas separadamente, elas se complementam no decorrer das análises, estando em constante articulação.

Cabe lembrar ainda que essas três instâncias de análise apenas estabelecem ecos com as abordagens semiótica, retórica e interacionista sociodiscursiva, não mantendo com elas vínculo de base epistemológica. A presente pesquisa tem como base central a perspectiva enunciativo-discursiva, na qual a noção de língua/ linguagem está efetivamente relacionada ao princípio de dialogismo/plurilinguismo, e o estudo do gênero não pode ser desvinculado da noção de interação, enunciado, esfera. O apoio em outras perspectivas teóricas implica um diálogo a partir do qual foi possível iluminar o objeto de estudo e construir categorias de análise com fins didáticos, aplicáveis em sala de aula.

Para finalizar, cabe dizer que a construção dessas três instâncias de análise, em sua essência, nada mais representa do que a tentativa de contemplar a perspectiva de linguagem em seus elementos constitutivos: social, verbal e ideológico, visão base da perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Respaldados os encaminhamentos teórico-metodológicos, passa-se agora, em diálogo constante com as partes anteriores, à explicitação dos resultados de investigação, de forma a responder aos objetivos da pesquisa definidos na parte introdutória deste trabalho.

Para isso, este capítulo foi divido em três segmentos em resposta a cada um dos três objetivos propostos. No primeiro segmento, voltado à Escola, evidencia-se a concepção de língua que subjaz ao ensino de Língua Materna, na Instituição profissionalizante, assim como o tratamento que é concedido à perspectiva de gênero nessa modalidade de ensino. Considerações a respeito do quanto a escola vem contemplando, em sua proposta curricular, gêneros da esfera empresarial – área de atuação do futuro profissional – também são levantadas. Os resultados deste segmento tem sustentação em três fontes de análise: planos e programas de ensino de Instituição profissionalizante, observação de aulas e entrevista com professores de Língua Materna da Educação Profissional.

No segundo segmento, voltado à Empresa, traz-se à tona uma série de especificidades da esfera empresarial em termos de organização, hierarquia, valores, relações interpessoais, formas de comunicação e, principalmente, são feitas considerações a respeito dos gêneros de circulação no que diz respeito à sua relevância e ao seu funcionamento. As reflexões apresentadas são respaldadas pela voz de representantes de empresas a partir de entrevistas realizadas e pela análise de material coletado.

No terceiro segmento, voltado ao Ensino, apresenta-se uma análise, sob enfoque discursivo, de um gênero de significativa circulação na esfera empresarial, Relatório de Atividade Externa, a partir de três instâncias de análise: Situacional, Composicional e Axiológica, as quais procuram dar conta da dimensão verbal e extraverbal da linguagem. Entrevistas com elaboradores de relatórios em empresas, assim como exemplares desse gênero, representam o *corpus* deste segmento.

De forma geral, o presente capítulo vem confirmar, em seu primeiro segmento, o pressuposto de que a Escola, em especial a Educação Profissional, não vem contemplando a perspectiva enunciativo-discursiva da língua, nem

efetivando um trabalho sob o enfoque de gênero discursivo, além de não acompanhar, em sua proposta curricular, as transformações ocorridas na esfera empresarial, área de atuação do futuro profissional. Confirmado o pressuposto, defende-se a seguinte tese: A escola só efetivará um trabalho sob a perspectiva de gênero discursivo quando compreender que o gênero precisa ser visto sob a esfera da atividade, espaço de refração da realidade. Nesse sentido, o segundo segmento se propõe a trazer à tona especificidades da esfera em estudo e o terceiro a concretizar uma análise efetiva sob a perspectiva de gênero discursivo o que significa partir de aspectos sócio-históricos da situação enunciativa e da vontade enunciativa do locutor, próprios da esfera em questão, para, a partir daí, buscar as marcas linguísticas que refletem os aspectos de tal situação.

4.1 A PERSPECTIVA DE GÊNERO NA INSTITUIÇÃO PROFISSIONALIZANTE

A fim de alcançar o primeiro objetivo da pesquisa, ou seja, verificar se o trabalho de produção e recepção de textos em instituições de educação profissionalizante vem contemplando a perspectiva de gênero e acompanhando as transformações da esfera empresarial, foram analisados planos e programas de ensino, observadas aulas e entrevistados professores de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação Tecnológica Sul-rio-grandense. Averiguar o real tratamento dado à concepção de gênero torna-se relevante, pois representa proposta de ensino de línguas dos PCNs (1999)[37] – documento oficial de orientação a profissionais da educação no país. Os Parâmetros Curriculares Nacionais tanto de Língua Portuguesa como de línguas estrangeiras concebem os gêneros como objeto de ensino, destacando sua importância no trabalho de leitura e de produção de texto. E, nesse sentido, esta primeira análise representa não apenas um diagnóstico do real tratamento concedido a essa perspectiva, mas também subsídios para ampliação, aprimoramento e aplicação mais eficaz dessa proposta de ensino, em contexto escolar.

[37] Incluem-se aqui as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio,* (PCNs +), documento elaborado em 2002 pelo Ministério da Educação e pela secretaria de Educação Básica, com objetivo de prestar informações complementares aos PCNs de 1999.

Antes, porém, de passar aos resultados de análise, cabe reiterar o que a presente pesquisa concebe como tratamento, segundo a perspectiva de gênero e, em especial, diferençar gênero discursivo de gênero textual, já que há uma pluralidade de teorias e interpretações no tratamento de tal objeto de estudo.

Gênero é atividade social mediada pela linguagem que apresenta relativa recorrência em termos de forma e de conteúdo. Nessa ótica, a conversa informal na cantina da escola, a compra de um produto em uma loja, a consulta médica, a elaboração de um poema ou artigo científico são exemplos de gênero. Gênero representa esse conjunto de convenções relativamente estáveis que orienta, associa e realiza uma atividade social. Implica não somente um modo de dizer, mas de processos que envolvem agentes, meios de produção e de recepção de textos.

É possível compreender gênero tomando enfoques distintos. Quando o estudo centra-se na descrição da materialidade linguística, tem-se gênero textual; quando a preocupação centra-se em estudar essa atividade a partir das condições de produção de determinada esfera, tem-se gênero discursivo. São, portanto, os percursos metodológicos que se diferenciam. Enquanto o primeiro toma como ponto de partida a descrição das propriedades materiais para a compreensão do objeto, da atividade linguageira, o segundo parte da descrição das situações de enunciação em seus aspectos socio-históricos para significá-lo. Assim, por priorizar a descrição da composição e da materialidade das produções linguageiras, os textos, a primeira perspectiva acaba por utilizar noções da Linguística Textual, enquanto a segunda vertente, ao preocupar-se em ressaltar as marcas que decorrem das significações do discurso, apoia-se nas teorias de base enunciativo-discursivas. O que efetivamente pretende a perspectiva de gênero discursivo é ir além do texto, é buscar aquilo que o texto produz ao se manifestar em uma situação comunicativa, abrangendo sua significação e seu tema.

O próprio conceito de texto como *entidade física, produção linguística de um ou mais indivíduos* e de discurso como o *conjunto de significados que condiciona, atualiza* o texto parecem favorecer a compreensão dos distintos enfoques de análise. Uma análise que pretende dar conta dos efeitos de sentido não pode se limitar ao texto, deve ir além, adentrar ao contexto de situação, às condições de produção, à esfera da atividade para tornar-se efetivamente uma proposta de gênero discursivo. É a dimensão social, histórica, cultural e ideológica respaldando as descrições textuais.

Outro aspecto que permite distinguir tais vertentes diz respeito à motivação do analista frente ao objeto de investigação, ou seja, quando a preocupação reside na identificação e classificação dos gêneros, a tendência é tomar a materialidade linguística como ponto de partida da análise e aí tem-se, consequentemente, uma análise de gênero textual. Quando a preocupação reside em significar a atividade linguística a partir de aspectos sociais, históricos, ideológicos da situação de produção em termos de valoração, tema, sentido, salientando marcas linguísticas que refletem os aspectos da situação, tem-se, então, a perspectiva denominada gênero discursivo. A análise das condições de produção deve não apenas estar ao lado da análise linguística, mas deve orientá-la no sentido de buscar encontrar pistas, marcas da língua, deixadas pelo autor no texto, que refletem a situação de produção. Rojo (2005), ao discutir a diferença entre ambas as perspectivas, afirma:

> [...] o gênero textual nunca é visto como um universal *concreto*[38]decorrente das relações sociais e regulador das interações e discurso configurados em enunciados ou textos, mas como uma designação convencionada, uma "noção" que recobre uma família de similaridades e que se encontra "representada" no conhecimento dos agentes como um modelo canônico. (ROJO, 2005, p. 194)

Sobre gênero discursivo, a autora diz ainda:

> [...] aqueles que adotam a perspectiva de gênero do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos socio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e, a partir desta análise, buscarão as marcas lingüísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação. Isso configura não uma análise exaustiva das propriedades do texto e de suas formas de composição (gramática) – buscando as invariantes do gênero – mas uma descrição do texto/enunciado pertencente ao gênero ligada, sobretudo às maneiras (inclusive linguísticas) de configurar a significação. Assim, talvez o analista possa chegar a certas regularidades do gênero, mas estas serão devidas não às formas fixas da língua, mas às regularidades e similaridades das relações sociais numa esfera de comunicação específica. (ROJO, 2005, p. 199)

[38] Ênfase da autora em decorrência da correlação que, previamente, em seu texto, estabeleceu entre gênero e a proposta marxista.

O clássico conceito de gênero como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p.262) talvez não seja o conceito mais adequado para se trazer à memória quando se pensa na distinção entre gênero discursivo e textual, pois o termo *tipos* parece remeter à noção de forma e acaba diluindo a dimensão da própria noção de enunciado. Não é à toa que o autor, após elucidar esse conceito em sua obra, traz toda uma reflexão e uma ampliação de seu conceito de enunciado. Passagens, no decorrer do texto, como em “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268) e tantos outras vão esclarecendo a verdadeira concepção de gênero, não só por evidenciar o quanto o gênero está interrelacionado com o social e com a história, mas por considerá-lo como reflexo e constituição desses aspectos.

Outra reflexão bastante acurada entre gênero discursivo e textual emerge em Sobral (2005). Para o autor, a noção de gênero discursivo está “marcada principalmente pela ênfase na atividade autoral de mobilização de recursos com vistas à realização de um dado projeto enunciativo do locutor a partir das relações deste com o interlocutor, o que envolve o embate entre uma dada entonação avaliativa e uma dada resposta ativa” (SOBRAL, 2005, p. 1). Nesse sentido, não se pode pensar em gênero discursivo, levando em conta apenas aspectos relacionados a tema, estilo e composição, é necessário correlacionar gênero e esfera de atividade e, principalmente, considerar a organização de uma arquitetônica centrada na relação entre interlocutores e entre estes e o objeto do discurso.

Sobral (2005), em sua reflexão, traz ainda uma série de elementos comuns às várias teorizações sobre gênero textual e discursivo. Para ele, ambas perspectivas, de modo geral, defendem que: 1) os gêneros são assimilados naturalmente, sem que sejam explicitados; 2) a assimilação dos gêneros é fundamental à socialização e à aceitação dos sujeitos nos ambientes socio-históricos em que vivem; 3) os gêneros são dinâmicos, flexíveis, em constante transformação e quanto maior a prática de seu uso, mais implícito é esse saber. O que diferencia efetivamente as concepções diz respeito ao *tratamento* concedido ao gênero, ao que ele designa de *trato genérico* em oposição ao *trato textual*. No primeiro, o gênero é concebido como formas de inserção do discurso em lugares sócio-históricos; no segundo, como formas específicas de materialização dessa inserção, o que leva o autor a destacar que não há uma correlação entre um dado

tipo de textualização e um dado gênero. O autor não dispensa o trato textual, mas, para ele, o trato textual deve estar inserido no trato genérico. Texto e contexto não podem ser concebidos de forma separada, são instâncias que se pressupõem mutuamente. Segundo Sobral (2007) “Nenhum estudo discursivo tem portanto legitimidade se não considerar seu objeto uma unidade que articula os aspectos linguístico-textuais, que envolvem enunciados, e os aspectos socio-histórico-ideológicos de seu objeto, que envolvem a enunciação e, portanto, a situação de enunciação, em seus aspectos de produção, circulação e recepção”. (SOBRAL, 2007, p. 2109)

Levando em conta essas noções, que são essenciais para a análise, cabe verificar como, então, são contempladas no ensino de educação profissionalizante. Como é trabalhado efetivamente o ensino de produção e recepção de textos? Que perspectiva de língua subjaz a esse ensino? Segue-se uma perspectiva de texto ou de gênero? A perspectiva de gênero discursivo é contemplada? Há preocupação de mencionar as condições de produção, de recepção e de circulação dos textos e ainda de seus efeitos de sentido em termos socio-histórico-ideológicos?

Acredita-se que um profissional mesmo que não tenha domínio pleno dos conceitos das atuais abordagens lingüísticas, é capaz intuitivamente de trazer informações importantes sobre as condições enunciativas das produções trabalhadas, buscando principalmente dar significado aos textos lidos e produzidos em sala de aula. É nesse sentido que se buscou articular uma análise entre os planos e programas de ensino, prática de sala de aula e fala do professor.

Com o intuito de facilitar a organização do trabalho, fez-se a divisão deste primeiro segmento em três seções, cada qual referente a um instrumento de análise: planos e programas, prática de sala de aula e voz do professor. Cada uma dessas seções, por sua vez, apresenta resultados referentes a cada um dos cursos em análise: Edificações, Química e Eletrônica.

4.1.1 Os planos e programas de ensino

O acesso aos planos de ensino (documento que registra a proposta pedagógica em termos de atuação concreta do professor em sala de aula, de

organização e funcionamento da disciplina) e aos programas de ensino (material em que consta a ementa e o rol de conteúdos a serem desenvolvidos) não foi um processo que transcorreu de modo fácil e rápido. Primeiramente tentou-se viabilizar o *corpus* por intermédio dos próprios professores com os quais seria mais adiante realizada a entrevista, no entanto foi unânime da parte desses a posição de que a escola já tem por tradição seguir uma dinâmica própria e trabalhar conteúdos específicos nos cursos técnicos, dispensando assim a necessidade de elaboração, em todo semestre, de tal material. De forma geral, os professores afirmaram que costumam iniciar fazendo uma espécie de diagnóstico das dificuldades e interesses da turma para, então, selecionar os tópicos a serem trabalhados durante o semestre. O Relatório de Estágio, o Curriculum Vitae e a Palestra (produção oral), segundo esses professores, são, no entanto, componentes trabalhados quase que de forma obrigatória em todos os cursos que oferecem a disciplina de Língua Materna em sua grade curricular.

Num segundo momento, a solicitação do material foi feita à Coordenadoria de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – COLINC – da qual a disciplina de Língua Materna faz parte juntamente com as disciplinas de língua estrangeira (Inglês, Espanhol), Arte, Educação Física e Informática. O coordenador repassou uma pasta com planos e programas de ensino, na qual continha material relativo às diferentes disciplinas, mencionadas nas diversas modalidades de ensino, oferecidas pela escola (médio, integrado, modular: subsequente, concomitante). Apesar de haver material em quantidade, os planos e os programas da disciplina de linguagens nos cursos de Edificações, Química e Eletrônica do sistema modular não estavam disponíveis conforme se esperava. Foram tomados apenas três planos de ensino da modalidade em estudo, um referente a cada curso, os quais, apesar de não constarem data, aparentavam ser os mais atuais, já que, em seu conteúdo, havia referência aos PCNs, conforme análise evidenciada mais adiante.

Num terceiro momento, manteve-se contato com a Supervisão Escolar para obtenção de mais material, principalmente dos programas de ensino, os quais ainda não eram de conhecimento do pesquisador. O setor repassou inicialmente a matriz curricular, documento que cita as disciplinas dos cursos e sua respectiva carga horária. Nesse material, pode-se verificar que o curso de Edificações possui, em sua grade curricular, uma disciplina de linguagem, denominada Redação

Técnica, a qual dispõe de 02 horas-aula por semana, totalizando uma carga horária de 40 horas. O curso de Química também possui apenas uma disciplina, denominada Português, com 02 horas-aula por semana, totalizando 36 horas-aula. O curso de Eletrônica oferece três disciplinas, denominadas Comunicação e Expressão I, II e III, sendo 02 horas-aula por semana nas duas primeiras e 01 hora-aula na terceira disciplina, totalizando 100 horas-aula no curso. A análise desse material permitiu confirmar a voz dos professores, evocada no momento da solicitação de material, quanto à pequena carga horária dispensada às disciplinas, principalmente, às duas primeiras, e, nesse sentido, revelando a pouca representatividade por ela desfrutada, já que mais de 80% das outras disciplinas oferecidas no curso têm carga horária superior às mencionadas.

Em momento posterior, a pesquisadora foi chamada à Instituição para receber, via Supervisão Escolar, o material solicitado, e foram entregues os programas de ensino das disciplinas de linguagem dos cursos em estudo. Segundo os supervisores, os programas foram elaborados no ano de 2006 e estão em vigor até o momento. A justificativa dada pela Coordenadoria de Linguagens e pela Supervisão Escolar em função da demora e do restrito material disponível foi a de que os programas, desde a data mencionada, ou seja 2006, não sofreram alterações e os planos não costumam ser entregues por todos os professores. Houve, num determinado momento, por parte da pesquisadora, a tentativa de alterar o instrumento de análise da pesquisa, substituindo os programas de ensino pelos diários de classe – material em que o professor registra notas, faltas e conteúdos ministrados na disciplina – os quais são entregues, no caso da Instituição, no departamento denominado Registros Acadêmicos. Isso, no entanto, não teve sucesso, já que grande parte dos professores repassam apenas notas e frequência dos alunos via sistema online, dispensando menção aos conteúdos trabalhados. A análise, portanto, será apenas de restrito material disponível, mas o qual é capaz de revelar uma série de conclusões pertinentes ao ensino de língua materna, em cursos técnicos modulares da Instituição.

Em relação ao plano de ensino da disciplina denominada Redação Técnica, ministrada no módulo II, do Curso de Edificações – o qual é formado pelos itens: Dados de Identificação, Objetivos, Conteúdos, Relação com as demais disciplinas, Cronograma, Metodologia, Avaliação, Bibliografia – foi possível perceber que, em termos de objetivos, a disciplina propõe-se a seguir o conteúdo proposto

pelos PCNs. Os cinco objetivos citados no plano de ensino remetem, quase que de forma íntegra, às competências e às habilidades listadas na parte introdutória dos Parâmetros Curriculares, referentes à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. O quadro 8 permite visualizar de forma clara essa associação.

Objetivos da disciplina Redação Técnica do Curso de Edificações	**Competências e habilidades propostas pelos PCNs (p. 29 e 30)**
• Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade.	• Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.
• Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando os textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.	• Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens verbal, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).
• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.	• Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.
• Respeitar e preservar as diferentes manifestações da linguagem utilizada por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização.	• Respeitar e preservar as manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do patrimônio nacional e internacional, com as suas diferentes visões de mundo; e construir categorias de diferenciação, apreciação e criação.
• Compreender e usar a Língua Portuguesa como Língua Materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.	• Compreender e usar a Língua Portuguesa como Língua Materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade.

Quadro 8 - Quadro comparativo entre os objetivos da disciplina de Redação Técnica do Curso de Edificações e as competências e habilidades propostas pelos PCN´s

O quadro comparativo revela que o plano de ensino da disciplina Redação Técnica do curso de Edificações ao mesmo tempo que *condiz* com o atual referencial da educação - PCNs, não traz metas específicas de caráter local. E, segundo os próprios PCNs,

> os objetivos constituem o ponto de partida para se refletir sobre qual é a formação que se pretende que os alunos obtenham, que a escola deseja proporcionar e tem possibilidades de realizar, sendo nesse sentido pontos de referência que devem orientar a atuação em todas as áreas ao longo da escolaridade obrigatória... As capacidades expressas nos Objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais são propostas como referenciais gerais e demandam adequações a serem realizadas nos níveis de concretização curricular das secretarias estaduais, bem como das escolas a fim de atender as demandas específicas de cada localidade. Essa adequação pode ser feita a redefinição e o reequacionamento de prioridades, desenvolvendo alguns aspectos e acrescentando outros que não estejam explícitos. (PCN, 1999, p. 14)

Nesse sentido, verifica-se que, de forma geral, a disciplina não centra seus objetivos em torno de uma proposta voltada para o ensino profissionalizante, em especial para a realidade da esfera empresarial da qual o aluno fará parte em momento posterior. A esfera como espaço capaz de traduzir e refratar uma realidade específica, no caso a empresarial, não representa aspecto privilegiado na proposta de ensino da Instituição. Obviamente que os objetivos listados no plano de ensino trazem em sua essência uma concepção de língua em consonância com as atuais abordagens da linguística principalmente com uma proposta de ensino de base interativa, já que reproduzem quase que literalmente a proposta dos PCNs. Fazem referência à linguagem como *meio de organização cognitiva da realidade* e apresentam proposta voltada à análise do *texto com seu contexto de acordo com as condições de produção e recepção*, o que remete, sem dúvida, a uma perspectiva de ensino voltada para o trabalho com gêneros discursivos. Isso, no entanto, não garante que essas abordagens sejam contempladas, já que o plano, em nenhum momento, evidencia características da esfera em estudo e da realidade local como forma de significar a prática pedagógica.

Em relação aos conteúdos listados no plano de ensino, verificou-se que eles priorizam aspectos formais e textuais e não fazem menção, em nenhum momento, a aspectos contextuais e de gênero. Além disso, não estão em consonância com os conteúdos apresentados no programa de ensino da disciplina,

conforme será evidenciado mais adiante. A seguir, no quadro 9, estão os conteúdos listados no plano de ensino da disciplina Redação Técnica do curso de Edificações:

CONTEÚDOS
- Leitura e interpretação - Adequação vocabular - Dificuldade da língua - Coesão e coerência no processamento do texto - Produção e autocorreção de textos - Elaboração de documentos e textos técnicos - Apresentação oral de trabalhos

Quadro 9 - Plano de ensino da disciplina de Redação Técnica do curso de Edificações

Ainda em relação ao plano de ensino, chamou a atenção um item denominado *Relação da disciplina com as demais*, em que foi possível verificar a voz dos PCNs ecoando em meio a voz do professor. A noção de que a linguagem tem como principal razão a produção de sentido e a noção de que ela representa meio capaz de integrar diferentes áreas de conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, remetem, sem dúvida, à proposta base dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Em relação ao programa de ensino da disciplina citada, elaborado no ano de 2006 e, segundo informação dada pela instituição, em vigor até o momento, pôde-se verificar, em sua estrutura, quatro partes distintas: Dados informativos sobre a disciplina, Ementa, Conteúdos e Referências Bibliográficas. Na ementa, chamou a atenção a presença de itens relativos à compreensão de textos persuasivos e literários e à produção de textos narrativos, descritivos e dissertativos, além do item Estudos de Literatura. Em relação aos conteúdos arrolados, observou-se a presença de diversos gêneros, assim denominados: Currículo, Carta Comercial, Memorial, Palestra e Relatório, além do item Redação repetido três vezes, ao longo da listagem, remetendo a diferentes qualidades do texto. No quadro 10, visualiza-se a ementa e os conteúdos da disciplina Redação Técnica do curso de Edificações:

Ementa: Leitura e compreensão de textos informativos, persuasivos, literários e técnico-científicos. Produção de textos narrativos, descritivos, dissertativos e técnico-científicos. Estudos de conteúdo gramaticais. Semântica. Oralidade. Estudos de Literatura.

Conteúdos • Expressão oral (desembaraço, domínio de assunto, sequência lógica de idéias e correção); • Componentes de um currículo (dados de identificação, resumo das qualificações, formação escolar e experiência profissional); • Redação (correção e paralelismo); • Componentes de uma carta proposta comercial (data, endereçamento, vocativo, texto, fecho e assinatura); • Redação (correção, coesão, coerência, concisão); • Componentes de um memorial (objetivo, histórico, descrição do objeto, apresentação da proposta, conclusão e anexos); • Componentes de uma palestra (introdução, desenvolvimento e conclusão); • Componentes de um relatório (dados de identificação, relato de atividade, dificuldades encontradas, sugestões e conclusão); • Redação (correção, coesão, coerência e conclusão).

Quadro 10 - Programa de ensino da disciplina de Redação Técnica do curso de Edificações

A análise dos quadros acima evidencia a falta de articulação entre a ementa e os conteúdos arrolados. A ementa, além de trazer uma diversidade de tipos e sequências textuais, tanto em termos de produção como de recepção, menciona aspectos relativos à gramática e à literatura, os quais não são especificados no item Conteúdos. Além disso, observou-se que, nesse item, os gêneros ou textos arrolados vêm precedidos do termo *componentes* e, logo em seguida, tais elementos são especificados entre parênteses o que sugere que o ensino na Instituição se propõe a privilegiar aspectos formais e estruturais dos textos, em detrimento de aspectos relativos ao contexto de produção.

Cabe ainda salientar que o item denominado bibliografia é somente mencionado no plano de ensino e nele há referência apenas a gramáticas e livros didáticos o que *não* permite inferir o caráter teórico-metodológico que embasa a proposta pedagógica da disciplina.

Considerações referentes aos demais itens: dados informativos da disciplina (programa de ensino), cronograma, metodologia e avaliação (plano de

ensino) são aqui dispensadas, já que não revelaram informações relevantes que venham ao encontro do objetivo a que a presente análise se propõe.

O plano de ensino, da disciplina denominada Português, ministrada no módulo II, do Curso de Química, revelou grande semelhança com o proposto pelo curso de Edificações recém analisado. A maior parte dos itens apresenta as mesmas informações, exceto a primeira parte do plano, referente aos dados do curso. Isso vem demonstrar, pelo menos em termos de documentação, a inexistência de uma proposta pedagógica voltada a atender as especificidades do curso. Obviamente que um plano de ensino não representa de forma plena a realidade do ensino de uma Instituição, já que, de forma geral, é frequente a dissonância entre o dizer e o fazer nas práticas humanas e certamente nas práticas escolares. Nesse sentido, é que se optou por uma análise que permitisse verificar de modo mais abrangente o real tratamento dado ao ensino de Língua Materna em instituição profissionalizante, considerando além dos planos e programas, a observação de aulas e a entrevista aos professores conforme será, ao longo da análise, contemplado. Sabe-se que, na realidade, os planos de ensino representam uma prática mais de cobrança aos professores do que em uma prática de reflexão sobre o ensino, não significando, portanto, material fiel de uma dada realidade.

Em relação ao programa de ensino do Curso de Química, pôde-se perceber que sua estrutura é a mesma do modelo anterior analisado, contendo as quatro partes, já citadas. Nesse programa, não consta a ementa, nem as referências bibliográficas. O item *Conteúdos* aparece dividido em duas unidades, sendo que a primeira abrange leitura e produção de textos técnicos em geral, e a segunda refere-se especificamente à elaboração do Relatório de Estágio. No quadro 11, visualiza-se o item *Conteúdos* do programa de ensino da disciplina Português do curso de Química:

Conteúdos
UNIDADE I
1.1. Leitura compreensiva, interpretativa e crítica de textos legais e normas vigentes que regulamentam o CFQ, CRQ´s e profissionais de Química
1.2. Leitura e interpretação de textos técnicos
1.3. Seminários para análise e discussão do elenco de textos
1.4. Produção escrita de relatórios, documentos e textos técnicos
1.5. Práticas de autocorreção de textos
UNIDADE II
2.1. Estratégias para elaboração do relatório de estágio curricular
2.1.1. Adequação da linguagem
2.1.2. Convenções ortográficas
2.1.3. Morfossintaxe
2.1.4. Pontuação
2.1.5. Estrutura interna e externa
2.2. Elaboração do relatório curricular de estágio
2.3. Correção do relatório curricular de estágio

Quadro 11 - Programa de ensino da disciplina Português do curso de Química

Observa-se que, de forma geral, o programa apresenta proposta voltada para a realidade do curso. Além de fazer referência à leitura e à compreensão de textos da área, visa a explorar a criticidade do aluno frente a esses textos. Chama a atenção o trabalho voltado para textos legais e normas vigentes que fazem parte do CFQ (Conselho Federal de Química) e do CRQ (Conselho Regional de Química), órgãos que têm por objetivo, em nível nacional e regional, respectivamente, garantir à comunidade a adequada utilização da atividade química, regulamentando as atribuições profissionais definidas em lei, os julgamentos em última instância do exercício da profissão e do registro de empresas com serviços, produtos e atividades na área da química. Apesar de não haver uma especificação maior desses textos e dos textos denominados técnicos, mencionados no programa (itens 1.2 e 1.4), pode-se verificar que a proposta está relativamente voltada para atender a realidade em questão, ainda que se tratem de textos normativos, que regulam e organizam condutas da área de Química.

Chama a atenção também a ênfase dada ao Relatório de Estágio. A segunda unidade é toda voltada ao seu estudo, prevendo não só capacitar o aluno no desenvolvimento de estratégias linguísticas/textuais para sua produção, como

também dar oportunidade a ele de elaborar e reelaborar o relatório, visando a seu completo domínio. Nesse sentido, ao fazer referência à atuação concreta do professor em sala de aula (item 2.3.), tal programa traz em sua proposta algumas marcas características de um plano de ensino.

Em relação ao item bibliografia, verificou-se que é somente mencionado no plano de ensino e nele há referência apenas a gramáticas e a livros didáticos. Os outros itens expressos no plano de ensino como Cronograma, Metodologia e Avaliação evidenciaram as mesmas informações do plano anterior e nesse sentido também não revelaram informações que venham ao encontro do objetivo a que se propõe nesta análise.

A análise dos planos de ensino das disciplinas Comunicação e Expressão I, II e III, ministradas nos módulos I, II e IV do Curso de Eletrônica permitiu verificar que, de forma geral, a proposta pedagógica é a mesma para as três disciplinas do curso. Os planos têm, nos módulos, objetivo geral e objetivos específicos idênticos, os quais se revelaram bem amplos, abrangendo aspectos voltados para uma visão de língua de base sistêmica e instrumental predominantemente. No quadro 12, visualizam-se os objetivos das disciplinas Comunicação e Expressão I, II e III, do curso de Eletrônica:

OBJETIVOS Geral A disciplina visa proporcionar a reflexão sobre língua portuguesa e sua adequada utilização, favorecendo a construção do pensamento e do posicionamento crítico. Ainda, facilitar a inserção do aluno no mercado de trabalho e na sociedade. Específicos O aluno deverá - expressar-se oralmente, observando o padrão culto da língua e empregando, sempre que necessário, a terminologia técnica adequada; - dominar os elementos linguísticos e paralinguísticos necessários às atividades de apresentação e de avaliação; - produzir textos coerentes e no formato exigido pelos projetos desenvolvidos; - ler, interpretar e compreender textos com linguagens específicas do curso; - participar das atividades curriculares, observando a pontualidade, a organização e o respeito; - desenvolver técnicas de pesquisa; - utilizar as normas da ABNT na confecção e apresentação de trabalhos;

Quadro 12 - Plano de ensino das disciplinas de Comunicação e Expressão I, II, III do curso de Eletrônica (Parte 1)

Uma análise mais acurada permite verificar que os objetivos, de modo geral, priorizam aspectos voltados à forma (reflexão e adequada utilização da língua, construção do pensamento, domínio de elementos linguísticos segundo o padrão culto da língua, produção de textos no formato exigido, utilização das normas da ABNT) como meio principal de facilitar a inserção do aluno no mercado de trabalho e na sociedade. Não há em nenhum momento referência a uma proposta voltada para elementos relacionados ao contexto de produção. A linguagem não emerge como constitutiva das atividades sociais nem há menção aos papéis sociais e às relações interpessoais estabelecidas em processos específicos de produção e recepção de textos. A noção de gênero como um agir linguístico que apresenta elementos recorrentes de forma e de conteúdo por meio do qual as pessoas tentam alcançar objetivos não emerge em meio à proposta de ensino da disciplina.

Em relação aos Conteúdos, verifica-se que são mencionados itens de cunho bastante abrangente, não havendo referência a gêneros específicos a serem trabalhados, conforme mostra o quadro 13.

Conteúdos: - Elaboração de apresentações técnicas e de projetos de pesquisa; - Técnicas de expressão oral; - Leitura e interpretação de textos; - Produção textual; - ABNT.

Quadro 13 - Plano de ensino das disciplinas Comunicação e Expressão I, II, III do curso de Eletrônica (parte 2)

Cabe mencionar que no item Conteúdos do plano de Ensino da disciplina Comunicação e Expressão III, módulo IV, foi acrescentado o Relatório de Estágio aos itens acima citados, o que não aparece na disciplina dos módulos I e II. Verificou-se também que os conteúdos acima citados não correspondem aos listados no programa de ensino, como será visto a seguir.

Sobre os programas de ensino das disciplinas em análise, datados do ano de 2006, foi possível verificar uma proposta de ensino organizada e sistematizada, na qual são priorizados conteúdos diferenciados nos diversos módulos. A seguir, no quadro 14, vemos a ementa e os conteúdos das três disciplinas de Comunicação e Expressão, oferecidas pelo curso de Eletrônica.

Comunicação e Expressão I

Ementa: Desenvolvimento de técnicas de pesquisa, elaboração de artigos técnicos e resumos utilizando normas da ABNT. Leitura, interpretação oral. Revisão gramatical.

Conteúdos:

1. Técnicas de pesquisa;
2. Fichas de registro de pesquisa;
3. Resumo;
4. Técnicas de apresentação com Power Point;
5. Artigo técnico;
6. ABNT;
7. Ortografia;
8. Pontuação;
9. Acentuação
10. Crase;
11. Porquês;
12. Leitura;
13. Interpretação;
14. Produção textual;
15. Técnicas de apresentação oral.

Comunicação e Expressão II

Ementa: Leitura, identificação, compreensão e produção de textos informativos e técnicos. Domínio de elementos paralinguísticos como recursos de apoio em apresentações orais. Utilização de recursos de língua, concordância verbo-nominal e colocação pronominal.

Conteúdos

1. Pesquisa; ficha de pesquisa;
2. Descrição técnica;
3. Leitura e interpretação;
4. Normas para elaboração de projetos;
5. Confecção de slides;
6. Artigo Técnico;
7. Fechamento – Resumo de leitura técnica;
8. Dificuldades da língua;
9. Oralidade;
10. Dinâmica de grupo;
11. Produção textual;
12. Tipologia textual.

Comunicação e Expressão III

Ementa: Produção de currículos, relatórios e cartas técnicas. Trabalho com oralidade visando preparar para entrevistas. Revisão de aspectos gramaticais. Ambiguidade como defeito textual.

Conteúdos

1. Curriculum vitae
2. Carta de apresentação;
3. Carta autobiográfica
4. Relatório de estágio
5. Entrevista
6. Revisão gramatical
7. Leitura e interpretação de textos;
8. Revisão de aspectos gramaticais e semânticos;
9. Ambigüidade;
10. Expressão oral.

Quadro 14 - Programas de ensino das disciplinas de Comunicação e Expressão I, II, III do curso de Eletrônica

A análise dos programas acima permitiu verificar que a primeira disciplina do curso de Eletrônica enfatiza estudos relacionados à área da pesquisa: Resumo, Artigo, Técnicas de pesquisa, Fichas de registro, além de explorar aspectos linguísticos e voltados à oralidade. Chama a atenção a proposta *Técnicas de*

apresentação com Power Point, a qual não costuma constar nos programas de Língua Materna da Instituição. O segundo programa traz como conteúdo inovador a Descrição técnica, o Projeto de pesquisa e a Confecção de slides. Aqui, o que chama a atenção é a presença do item Tipologia Textual, no entanto, este não vem especificado no programa. Já na terceira disciplina do curso, a proposta volta-se para o estudo de textos específicos dos cursos técnicos, como o Relatório de Estágio e aqueles que visam a dar subsídios à inserção do aluno no mercado de trabalho como o Curriculum Vitae, a Carta de Apresentação, a Carta Autobiográfica e a Entrevista. Aqui também há menção ao estudo de aspectos linguísticos e ao trabalho com a oralidade como nos dois anteriores. Sem dúvida, os programas de ensino do curso de Eletrônica são bastante amplos e voltados para atender de forma efetiva a realidade do aluno e do futuro profissional. O curso, além de oferecer uma carga horária significativa, procura arrolar, em seu programa, uma diversidade de textos voltados para atender suas especificidades, ainda que não sejam, em sua totalidade, textos que efetivamente circulem em ambiente empresarial.

Em relação às referências bibliográficas, verificou-se que elas só são mencionadas no plano de ensino e nelas são citadas apenas três obras: duas gramáticas de cunho tradicional e uma obra sobre normas técnicas para elaboração de trabalhos científicos, o que vem a confirmar uma posição de caráter mais formal e sistêmico frente ao ensino de língua no curso em análise. Os demais itens que constam no plano de ensino (cronograma, metodologia e avaliação) não revelaram informações relevantes à proposta de análise.

O estudo dos planos e programas de ensino das disciplinas de Língua Materna dos cursos técnicos de Edificações, Química e Eletrônica permitiu verificar que, de forma geral, a proposta pedagógica que embasa o atual ensino da instituição, em termos documentais, não tem como centralidade a perspectiva de base enunciativo-discursiva, em especial, o estudo de gênero como propõe o atual referencial da educação no país, os PCNs. Os planos de ensino, principalmente em seus objetivos, revelaram ou uma perspectiva voltada para o ensino de cunho instrumental e estruturalista ou mostraram reprodução dos objetivos do PCNs, sem levar em conta a realidade local.

Seguir uma perspectiva de língua com base enunciativa e de gênero é perceber a língua como atividade social. Nesse sentido, ensinar uma língua é ensinar a agir naquela língua e aprender uma língua é aprender maneiras de

participar de ações de uma comunidade. Tomar como base essa perspectiva é acreditar que a comunicação ocorre efetivamente por meio de gêneros, ou seja, por meio de um conjunto de elementos recorrentes com relativa plasticidade em termos de forma e de conteúdo, por meio do qual as pessoas tentam alcançar objetivos. Nas palavras de Motta-Roth (2006), gênero são "formas recorrentes e significativas de agir em conjunto, que põem alguma ordem no contexto da vida em coletividade, ... a ponto de tornar-se um fenômeno estruturador da cultura" (MOTTA-ROTH, 2006, p. 26) e essa abordagem não emerge em meio à proposta pedagógica de base documental da Instituição.

Isso não representa, em hipótese alguma, que a Instituição não ofereça um ensino que prime por qualidade. Há uma série de outros fatores, dispensáveis de serem listados aqui, que interferem de forma mais efetiva no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, esse modo de conceber a linguagem pode ser intuitivamente contemplado pelo professor na prática de sala de aula, o que será mais adiante verificado. Assumir uma postura de ensino de base enunciativa e nos atuais estudos de gênero, como pretende a presente pesquisa, não representa abandonar ou substituir outras formas de conceber a linguagem, mas acrescentar uma novo olhar sobre as produções lingüísticas, de modo a contribuir para que se avance na sua compreensão.

Em relação aos programas de ensino, ainda que sem consonância com os planos, verificou-se que apresentam propostas voltadas às especificidades da área. Há referência a uma diversidade de textos que visam a preparar o aluno para atender a realidade do curso e a dar condições a ele de ingressar no mercado de trabalho. Textos específicos da área, ou seja, que costumam circular efetivamente na esfera empresarial, no entanto, não são representativos nos programas. Cabe mencionar ainda que o fato de haver, nos programas, menção a um número significativo de textos (Curriculum Vitae, Relatório de estágio, Artigo, Resumo) em detrimento de aspectos gramaticais e linguísticos pode representar um indício de que a concepção de gênero pode ser facilmente viabilizada como base no ensino de Língua Materna na Instituição.

Para finalizar, cabe dizer que a análise evidenciou um aspecto de suma importância no contexto escolar: a necessidade de sistematizar as práticas pedagógicas. Sistematizar no sentido não só de ter ciência dos processos vividos, mas também de registrar dados que possibilitem, num momento futuro, subsídios

para intervenções significativas no processo de ensino. Acredita-se que os planos e programas de ensino deveriam ser documentos ressignificados na esfera escolar no sentido de não representarem apenas uma comprovação do trabalho do professor, mas um exercício de permanente interpretação crítica dos processos vividos e de base para a troca de saberes e melhorias na qualidade de ensino.

4.1.2 A prática de sala de aula

No que diz respeito à observação de sala de aula, cabe mencionar inicialmente que foi solicitada aos professores a assistência de aulas que tivessem como proposta o texto. Assim, observou-se no curso de Edificações, na disciplina denominada Redação Técnica, o trabalho como o Relatório de Estágio. No curso de Química, na disciplina denominada Português, observou-se o tratamento dado ao *Curriculum Vitae* e no Curso de Eletrônica, na disciplina Comunicação e Expressão I, o trabalho observado foi de leitura de texto, espécie de artigo de opinião, sobre Ética e de produção de texto argumentativo.

Os professores tomaram conhecimento dos objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Autorizado Esclarecido (Anexo A1), o qual visa a esclarecer possíveis dúvidas a respeito da pesquisa e garantir aos informantes sigilo total de identificação, assim como liberdade para interromper, se desejarem, sua participação durante o evento científico. A instituição, representada pela diretora geral, também concedeu Termo de Autorização (Anexo A2), para o desenvolvimento de pesquisa no âmbito da escola.

O contato com os professores se deu via Instituição e, de forma geral, eles se mostraram receptivos à proposta, colocando-se à disposição para eventuais esclarecimentos.

A primeira aula observada foi a do curso de Edificações quando foi trabalhado o Relatório de Estágio. A disciplina, denominada Redação Técnica, como todas as outras do curso, foi ministrada no prédio de Edificações, espaço próprio e reservado onde há a coordenadoria do curso, algumas salas de aula e espaços próprios para o desenvolvimento de atividades práticas. Ao entrar no prédio, pôde-se perceber logo que o ambiente diferenciava do resto da Instituição, pois, para se chegar à sala de aula, era necessário passar por um espaço, espécie

de galpão, onde encontrava-se a estocagem de diversos tipos de material da construção civil como tijolos, cimento, telhas, pás, tintas e outros. Além disso, ao longo desse enorme pavilhão, chamou a atenção que vários muros estavam sendo levantados. Segundo o professor, que acompanhou a pesquisadora no trajeto, os muros ali levantados pelos alunos são destruídos no final de cada semestre para serem erguidos novamente no semestre seguinte pelos novos alunos. Assim, o ambiente, diferentemente da parte central da escola, não era configurado pela sequência de salas de aula equipadas por cadeiras, mesas e quadro, mas por espaços abertos e amplos, repletos de instrumentos e ferramentas da construção civil, o que gerava a impressão de ser local de constante movimento e agitação.

A sala de aula, ao fundo de um corredor, espaço relativamente pequeno em comparação ao todo do prédio, contrastava com o restante do ambiente não só por seu tamanho, mas principalmente por seu estilo antigo. Composta por poltronas arredondadas, fixas e de madeira distribuídas em desníveis e por um estrado abaixo do quadro, espaço reservado ao professor, a sala lembrava um pequeno auditório antigo, esquecido pelo tempo, o que revelava espaço não tão privilegiado quanto o restante dos ambientes.

A turma observada foi do curso noturno e era composta de 14 alunos, conforme informação do professor, no entanto somente 11 estavam presentes. Pertencentes à classe média e média-baixa, conforme informações dadas pela escola, os alunos, em sua maioria, são trabalhadores durante o dia das mais diversas áreas, e, por isso, têm autorização de entrarem em sala de aula após o sinal. Desse modo, o professor iniciou propriamente a aula depois do previsto, mantendo conversa informal com os alunos nos momentos iniciais. Os alunos foram chegando aos poucos e tiveram, durante a aula, liberdade de entrar e sair várias vezes. Já de início, percebeu-se a boa relação entre os alunos e entre aluno e professor o que favoreceu um ambiente amigável e descontraído no decorrer da aula. Como cada período tem duração de 45 minutos, a aula foi de aproximadamente 90 minutos.

O professor informou, inicialmente, que, naquele dia, trabalhariam o Relatório de Estágio e, em seguida, fez menção de como se daria a dinâmica da aula. A turma deveria ser dividida em grupos e cada um dos grupos receberia, segundo o professor, um “Kit”, envelope contendo diversos materiais: um texto, espécie de crônica, a ser lido e comentado pelo grupo; um documento intitulado,

Relatório de Estágio: Dicas de como construir, a ser explanado pelo professor; um exemplo de relatório de estágio, escrito por aluno do semestre anterior, a ser analisado a partir das dicas apresentadas no material anterior e uma folha em branco para serem transcritas as observações referentes ao relatório analisado. Com essa dinâmica, a aula teria quatro momentos, cada um deles referente aos quatro materiais recebidos.

A leitura de um texto de Hélio Consolaro foi feita em voz alta por um aluno e logo após comentada. Foram levantadas questões referentes à necessidade de o profissional estar em constante atualização, bem como de fazer uso adequado da linguagem oral e escrita no ambiente de serviço para fins de promoção social e profissional. Percebeu-se que o texto serviu como proposta motivadora da aula. Houve pouca manifestação dos alunos e o maior tempo desse primeiro momento foi tomado pela voz do professor.

Logo em seguida, o professor tomou o material intitulado *Relatório de Estágio: Dicas de como construir*, material padrão elaborado por professores da Coordenadoria de Linguagens, que visa a orientar todos os cursos da Instituição na elaboração do relatório de estágio. De forma geral, a análise desse material mostrou que a maior parte das informações contidas remetem a dois aspectos: estrutural e formal. Em relação aos elementos estruturais, o documento informa o que deve ser mencionado em cada uma das cinco partes do modelo de relatório proposto pela escola: Identificação, Relato das atividades, Relacionamento e conhecimento, Sugestões e Validade. No que diz respeito aos elementos formais, propriamente linguísticos, o texto chama a atenção sobre a importância de aspectos relacionados à clareza, objetividade, coesão e coerência. Também faz menção ao tempo verbal a ser utilizado no relato das atividades, ao uso adequado de sinais de pontuação, em especial, ao ponto e vírgula, no relato das sucessivas atividades desenvolvidas no estágio e chama a atenção acerca da importância do uso de articuladores para efeitos de clareza.

O texto não traz o conceito do gênero Relatório nem informações a respeito de suas condições de produção e de circulação na esfera escolar e empresarial. A voz do professor emergiu em vários momentos da leitura, complementando as informações do material, e quatro pontos merecem destaque. *Conceito de relatório*: o professor, antes da leitura, apresentou de forma sucinta o conceito de relatório como “um texto que deve relatar, contar as atividades

desenvolvidas no estágio" e que, apesar de seguir uma sequência, "não deve ser escrito em itens". *Pessoa verbal*: o professor justificou o emprego de primeira pessoa em função da necessidade de o leitor "enxergar o autor do texto", ou seja, de ser estabelecida proximidade entre ambos. *Tempo verbal*: o professor trouxe à tona noções diferenciais entre o pretérito perfeito e o imperfeito (atividade conclusa, inconclusa) na tentativa de auxiliar o aluno na escolha do tempo verbal a ser empregado no relato de diferentes atividades desenvolvidas no estágio. *Elementos estruturais*: o professor deu sugestões do que poderia ser informado e mencionado em cada uma das partes do relatório no que se refere à introdução, desenvolvimento e conclusão. Outros comentários foram acrescidos à leitura do texto, no entanto, não foram caracterizados como um desdobramento que mereça ser destacado aqui.

O terceiro momento da aula consolidou-se na análise dos relatórios de estágio, elaborados por alunos do semestre anterior, material também contido no envelope. O professor solicitou que cada grupo lesse o relatório presente e, levando em conta as dicas e sugestões comentadas anteriormente, fizesse anotações pertinentes na folha em branco para serem comentadas em momento subsequente. Este terceiro momento, de duração mais longa, considerando os momentos anteriores, teve aproximadamente 30 minutos, sendo que foi interrompido, com a autorização do professor, por alguns minutos por um aluno que informou as notas de uma outra disciplina do curso aos alunos da turma. O professor foi solicitado várias vezes para atendimento nos grupos, os quais pareciam inicialmente não ter compreendido de forma plena a proposta de atividade. Observou-se que outras informações sobre o relatório foram prestadas, mas em função dos ruídos provocados pelo trabalho em grupo não puderam ser ouvidas e consequentemente aqui transcritas.

A aproximadamente quinze minutos para o final da aula, deu-se início ao quarto momento, o qual se propunha à discussão no grande grupo dos comentários feitos a partir da análise do exemplar de relatório em estudo. Em função do pouco tempo que ainda restava, apenas um grupo se manifestou oralmente e os comentários giraram em torno da falta de clareza de algumas passagens do relatório, as quais foram lidas por um componente do grupo. A falta de clareza foi atribuída principalmente à falta de pontuação adequada o que, segundo a aluna, tornou o texto cansativo e sem harmonia. A aluna comentou também aspectos que, segundo o material de apoio, poderiam ser mencionados, mas que não o foram, tais

como: modo de obtenção à vaga de estágio na empresa e primeiras impressões percebidas ao ingressar nela. Ao dar o sinal, o professor combinou com a turma de dar continuidade ao trabalho na semana seguinte. Os envelopes, incluindo todo o material e o comentário da análise dos relatórios, foram entregues ao professor. Abaixo, evidenciam-se os comentários dos quatro grupos formados em sala de aula:

> Estagiário utilizou excessivo número de parágrafos, com uma introdução muito extensa em que citava com ênfase as atividades da empresa ao invés de citar suas atividades pessoais. Observa-se também, através de alguns "links" deixados, o estagiário deveria ter agrupado estas frases, pois são continuidade uma da outra. Utilizou pouco a primeira pessoa do singular, deixando de especificar suas atividades profissionais. Aprovado! (Comentário sobre Relatório de Estágio- Grupo 1)

> Considerando que o relatório não apresentou clareza nos pormenores, faltando descrever suas atividades detalhadamente; e objetividade pelo qual ele foi muito superficial não se aprofundando no assunto em foco, assim como não especificou de maneira correta as modificações feitas no projeto, também não utilizando pontuação inadequada deixando assim o texto cansativo e sem harmonia. O aluno não descreveu seu momento inicial e nem conseguiu engressar na empresa, comentando apenas onde foi. (Comentário escrito sobre Relatório de Estágio – Grupo 2)

> Foi respeitado o uso da primeira pessoa do singular, a utilização do pretérito perfeito foi bem empregada. Não foi informado o modo como ocorreu sua instalação na empresa. Não demonstrou o desenvolvimento detalhado de cada atividade exercido na empresa. A estrutura dos parágrafos foi bem organizada, proporcionando bom entendimento do texto, mas estando sem as atividades especificadas, o texto não ficou coeso por falta de informações. (Comentário escrito sobre Relatório de Estágio – Grupo 3)

> Analisou-se o relatório para ver se o texto estava coeso, claro, objetivo e correto, segundo com a linguagem culta padrão. Para analisar o relatório usamos algumas dicas de como construí-lo.
> Ao examinar o relatório constatou-se que em determinados momentos o autor não fez uso da primeira pessoa do singular que é indicada no ítem 2 das dicas. Também percebemos que em alguns momentos a pessoa foi redundante, usando muitas repetições.
> Além disso, foram encontradas algumas frases soltas, que poderiam se unir a outras formando assim um parágrafo só.
> O relatório ficou bom, e foi executado num local apropriado. Apenas encontramos os detalhes acima citados que poderiam ser melhor elaborados.
> Portanto o relatório foi reprovado por falta de detalhamento nos por menores das tarefas executadas. (Comentário sobre Relatório de Estágio – grupo 4)

Muitas observações poderiam ser levantadas a respeito dos textos acima, no entanto, não se pode perder de vista o objetivo desta primeira parte do trabalho, qual seja o de verificar o tratamento dado ao trabalho com texto, em especial se a perspectiva de gênero é contemplada nas aulas de Língua Materna do ensino profissionalizante. Este último material revelou que os alunos não concebem o texto como um gênero, uma atividade mediada pela linguagem com vistas a atingir determinado fim. O ponto de vista do aluno não se centrou em questões referentes ao contexto de produção, a aspectos históricos, sociais e ideológicos relacionados ao autor e receptor. As considerações feitas relacionaram-se a aspectos formais e estruturais, em detrimento de aspectos relacionados aos efeitos de sentido que o texto poderia produzir no meio social em que costuma circular. O texto foi concebido como um produto estanque de seu contexto de produção, em que apenas deveriam ser observados elementos formais e estruturais, se acordados ou não com as informações recebidas previamente para a análise.

Levando em conta a aula de forma geral – o material concedido aos alunos, a voz do professor durante a explanação e a produção escrita dos alunos – pode-se afirmar que a perspectiva de gênero discursivo não foi contemplada na aula observada. Conforme já dito, ainda que uma determinada abordagem linguística não seja conhecida ou trabalhada de forma sistematizada pelo professor, ela pode ser ou tangenciada informalmente ou ainda trabalhada intuitivamente por ele. Isso ocorreu de forma muito restrita na aula observada. A concepção de língua predominante foi de cunho estrutural, no sentido de privilegiar informações relativas ao que dizer em cada uma das partes do texto em estudo e que elementos linguísticos deveriam ser utilizados para que a produção se efetivasse de forma clara e correta.

Uma concepção de língua com base numa perspectiva de interação e diálogo e um ensino voltado para o estudo de gênero, em especial o discursivo, costuma priorizar aspectos relacionados à significação, trazendo à tona aspectos contextuais para compreender o textual, ou ainda, buscando aquilo que está por *trás* do texto e essa perspectiva não emergiu durante o desenvolvimento da aula observada.

A segunda aula assistida foi no curso de Química e a proposta de trabalho com texto deu-se em torno do *Curriculum Vitae*. A disciplina denominada Português é desenvolvida no módulo II do curso, o qual tem a duração total de quatro módulos. Como no caso anterior, a aula ocorreu no próprio prédio do curso

onde está a Coordenadoria, as salas de aula e os diversos laboratórios de análises químicas. Ao percorrer os corredores do prédio, percebe-se que ali é local em que se zela por assepsia e higiene. Nos corredores, alunos e professores transitam em jalecos brancos; no ar, sente-se um aroma que lembra produtos e soluções químicas; nas salas de aula, há pias e armários repletos de vidrarias das mais diversas formas e, nos laboratórios, avistam-se equipamentos dos mais diversos como microscópios, estufas, eletrônicos e outros.

A turma observada, pertencente ao turno da noite, era composta de 18 alunos conforme informação do professor, no entanto estavam presentes, naquele dia, apenas 16. A grande maioria deles jovens, aparentando ter aproximadamente vinte anos, são trabalhadores diurnos e têm formação média completa, conforme exigência do curso. De forma geral, a turma mostrou-se bastante tranquila e interessada durante todo o transcorrer da aula. Eram poucas as conversas colaterais, e o silêncio era interrompido esporadicamente por perguntas bastante pertinentes, o que revelava a constante atenção dos alunos à voz da professora.

A professora solicitou que a turma se dispusesse em círculo e iniciou a aula informando que naquele dia iria ser trabalhado o currículo, lançando a seguinte pergunta motivadora: Quem já fez um currículo e como o fez? Não foram muitas as manifestações e, de forma geral, consistiam em afirmar que haviam recorrido a Internet para consulta, onde é possível se deparar com uma infinidade de modelos. Enfatizaram as partes que compõem um currículo e um aluno comentou que empresas têm ultimamente disponibilizado modelos padrão para serem preenchidos pelos candidatos interessados.

A professora, em seguida, tomou a palavra e conceituou currículo como “um documento que informa a vida profissional de uma pessoa” e dentre suas características principais mencionou que deve “ser ele simples, conter todas as partes, ser bem escrito e organizado”. Nessa fala inicial, diferenciou ainda esse tipo de produção de outros já estudados durante o semestre como a Carta de Apresentação e o Memorial Descritivo, enfatizando principalmente aspectos estruturais e estilísticos. Em relação ao primeiro, chamou a atenção da estrutura específica da carta (data, vocativo, assinatura...) e de sua função de acompanhar o currículo, e, em relação ao memorial, salientou a estrutura narrativa e o estilo subjetivo próprio desse documento, o qual é solicitado em situações específicas.

Num segundo momento, a professora entregou um material aos alunos intitulado *Como fazer um Curriculum Vitae*. Fez leitura oral, seguida de comentários. Em relação ao material, pôde-se verificar que ele era constituído de duas partes básicas: a primeira, com duas páginas, continha informações básicas sobre o currículo, como conceito, finalidade, tipos, estilo, e a segunda, com três páginas, apresentava três modelos de currículo. A análise do material revelou que, diferentemente do material observado anteriormente sobre Relatório de Estágio, repassado aos alunos do curso de Edificações, este tangenciava informações relativas ao contexto de produção. Verificaram-se informações relativas

A) À finalidade do texto

"Tem como finalidade fornecer dados e informações pessoais quanto à escolaridade, à experiência profissional e aos planos de trabalho"

"Destina-se a apresentar dados e informações pessoais de forma sintética e ordenada, nos mais diversos casos: solicitação de emprego, concessão de bolsas de auxílios, inscrição, auxílio a projetos etc."

B) Ao perfil do locutor

"esse tipo de profissional precisa mostrar desde o início sua capacidade para o que se propõe a fazer".

C) A aspectos que dizem respeito à forma e ao estilo de linguagem

"... deve apresentar dados objetivos, isto é, deve ser livre de todo comentário pessoal ou de críticas e julgamentos de valores ..."

"Frases e o uso da primeira pessoa são mais diretas e convincentes. Recomenda-se o uso da primeira pessoa. Por exemplo: Implantei, construí, vendi, organizei, etc."

" Com relação às datas, devem sempre ser colocadas de forma cronológica inversa, iniciando-se com o mais recente."

"A apresentação concisa e seletiva de informações e dados deve ser inteligíveis por si."

"O último passo para elaboração de um *currículum* é a sua redação. Ela deve ser clara, objetiva e respeitar a norma culta do idioma em que é redigido."

D) A aspectos relacionados à funcionalidade

"As seções que tratam de escolaridade e experiência constituem as partes essenciais do *curriculum*, visto que as pessoas são basicamente avaliadas

quanto a esses dois aspectos. Se um deles não é tão rico, deve-se compensar o fato com o outro."

"Deve-se ter cuidado todo especial na seleção de pessoas indicadas como fontes de referências, quer pelo grau de amizade, quer pela confiabilidade."

"O primeiro passo para a redação do *curriculum* é deduzir quais as prováveis exigências do cargo pretendido (dados e qualificações pertinentes ao caso), e, se possível, um contato com os órgãos, entidade ou empresa a fim de obter esclarecimentos e informações necessárias."

Chamam a atenção as passagens recém citadas, as quais estabelecem contraste entre o primeiro passo e o último a ser seguido na elaboração do currículo, remetendo respectivamente ao conhecimento das exigências da empresa e à preocupação com a redação, ficando evidente que o material privilegia o contexto em detrimento de aspectos formais. Ou ainda, fica subentendido que é o conhecimento da situação que vai determinar *o que* e *como* dizer. É o contexto antecedendo e justificando as escolhas formais e temáticas da produção do currículo.

Em relação à voz da professora, pôde-se verificar, no transcorrer da aula, uma série de considerações complementares que dizem respeito ao contexto de produção e de circulação do currículo. Assim, ao mencionar a necessidade de ele ser objetivo, a professora trouxe à tona especificidades da esfera empresarial, em especial ao fato de o ambiente ser altamente dinâmico, em que todas as ações, inclusive relacionadas à seleção de pessoal, primam pela rapidez e agilidade. Ao justificar a importância de o currículo apresentar correção e clareza, evidenciou o fato de serem esses os elementos que vão construir no imaginário do recrutador a imagem do candidato. Sugeriu a necessidade de o material ser revisado por pessoa experiente antes de ser enviado à empresa. Foram várias as vezes também em que a professora enfatizou a necessidade de o candidato conhecer a filosofia da empresa e fazer a escolha de informações a partir daquela realidade, citando, por exemplo, que, em algumas delas, o trabalho voluntário é valorizado e que, por isso, o documento deve ser flexível o suficiente e nele poderem ser acrescentados itens específicos. A importância de o currículo ser entregue em mãos, o que pode gerar um efeito de sentido de maior comprometimento e interesse pela vaga na empresa também foi mencionado.

No que diz respeito à análise dos três modelos, foram evidenciados os itens recorrentes, no caso, obrigatórios, como dados de identificação, formação acadêmica, experiência profissional, atividades complementares, e os itens considerados opcionais como objetivo e informações adicionais, os quais, segundo a professora, podem ser de extrema importância na hora da escolha do candidato. Foi chamada a atenção também para a uma série de aspectos relativos à forma como ordem na citação da experiência profissional, a qual deve ser sempre em forma decrescente e, além disso, foram mencionados tipo de papel, tipo e tamanho de letra e espaçamento adequados.

Após a explanação da professora, os alunos foram solicitados a produzirem os seus próprios currículos e a professora fez atendimento individualizado. A proposta foi de o trabalho ser iniciado em sala de aula, em forma de rascunho, e finalizado em casa para ser entregue à professora na aula seguinte como parte da avaliação do período. Os alunos mostraram-se empenhados na realização da tarefa. Cabe mencionar que não foram mencionadas informações a respeito do possível interlocutor do currículo nem particularidades da área empresarial de possível circulação do gênero em questão.

A análise dos currículos elaborados pelos alunos e repassados à pesquisadora posteriormente revelou que, de forma geral, os alunos não tiveram dificuldade em sua elaboração. Os modelos apresentados seguiram o padrão; não havendo, portanto, aqui necessidade de transcrevê-los como exemplo. Chamou atenção, apenas, o fato de serem poucas as informações contidas no material o que é justificado, obviamente, pela pouca experiência de vida acadêmica e profissional desses jovens, os quais são, em sua maioria, recém formados no ensino médio.

Em síntese, a aula observada, tanto na voz do professor quanto no material entregue aos alunos, foi contemplada com informações contextuais a respeito da produção do Curriculum Vitae. Ainda que não tenha sido mencionado o termo gênero, as considerações feitas não se detiveram apenas em evidenciar características de um modelo a ser copiado ou seguido pelo aluno, elas orientaram o aluno a perceber que uma produção linguística, no caso, a do currículo está interrelacionada com uma série de fatores situacionais, e que, portanto, as escolhas feitas não são aleatórias, são motivadas com vistas a atingir determinados fins. Sabe-se que menção às características e ao papel do produtor e do receptor do texto e da relação social entre ambos, em termos de valores e hierarquia teria,

numa perspectiva de gênero, maior amplitude. Considerações a respeito do caráter social, histórico e ideológico da atividade linguística também emergiriam com mais frequência. Isso, no entanto, não impede de afirmar que a aula observada revelou alguns indícios e aproximações com uma abordagem de ensino de base enunciativa, da qual faz parte a perspectiva de gênero.

Na verdade, tomar como base uma abordagem de gênero não significa apenas acrescentar informações contextuais sobre o texto em questão, mas buscar aquilo que subjaz à relação entre texto e contexto, fazendo emergir, a partir daí, significados recorrentes e próprios de uma determinada esfera e isso requer reflexões mais abrangentes e descrições mais amplas do que as levantadas na aula observada.

A terceira aula assistida foi da disciplina de Comunicação e Expressão I, do Curso de Eletrônica, cuja proposta consistia em trabalhar um texto retirado da revista Veja de 2002, de Stephen Kanitz, intitulado *A Importância da Ética*. O objetivo, conforme afirmou a professora, era de discutir o tema e oferecer subsídios para a produção de um texto argumentativo. A aula ocorreu em sala própria do curso onde havia, além de classes, cadeiras e quadro de giz, a disponibilidade de computadores para os alunos. Ao se transitar pelos corredores do prédio, também foi possível perceber o quanto o curso disponibiliza de laboratórios próprios para a análise de equipamentos eletrônicos.

A turma observada era composta de 12 alunos, e todos estavam presentes, conforme informação do professor. Em geral, mostraram-se tranquilos, dispostos e bastante participativos. O professor iniciou a aula lançando a pergunta geradora “O que é ética?” e, à medida que os alunos respondiam, anotava no quadro. Expressões como “cumprimento de deveres”, “moral”, “fazer o que é certo para si e para o próximo”, “modo de viver bem na sociedade” foram algumas das expressões citadas. Logo após, ocorreu um grande debate sobre ética e sua relação com a família, a escola, o trabalho e a comunidade, em que os alunos se mostraram bastante envolvidos com o tema. Muitos casos específicos de falta de ética da atualidade e noticiados pela mídia foram mencionados e discutidos pela turma.

Após essa discussão, a professora entregou aos alunos o texto escrito sobre ética, e a leitura foi feita por um dos alunos. Apesar de não mencionado pela professora, tratava-se de uma espécie de artigo de opinião, já que há a exposição

do posicionamento do autor sobre um tema atual e o texto é de circulação jornalística. Considerações sobre o contexto de produção em termos de autor, destinatário, esfera de circulação, finalidade do gênero não foram mencionados. A leitura do texto foi articulada e complementada com diversos comentários pertinentes ao assunto. Em seguida, a turma foi dividida em grupos e cada um deles deveria produzir um texto argumentativo a ser entregue, no final da aula, à professora para avaliação. Não houve, em nenhum momento, referência específica à ética no ambiente empresarial, assim como o professor não teceu comentários às características do gênero lido, no caso artigo de opinião, nem a respeito do texto a ser elaborado pelos alunos, denominado pelo professor apenas de argumentativo.

A análise das produções permitiu verificar que, de forma geral, os alunos produziram textos argumentativos, ou seja, posicionaram-se de maneira crítica frente ao assunto, intencionando convencer o leitor através de argumentos. A seguir, alguns fragmentos introdutórios dos textos elaborados pelos alunos

> De certa forma a ética faz muita falta nos dias atuais. Após os anos cinquenta com o avanço da ciência e tecnologia, também nasceu a desmoralização humana... (Redação de aluno)

> Nos dias de hoje, a moral e a ética estão se perdendo. Cada dia temos mais corrupção na política, mais escândalos nos jornais... (Redação de aluno)

> Hoje em dia vivemos em um mundo cada vez mais solitário, onde as pessoas se preocupam apenas com seus próprios interesses. Elas acabam se esquecendo da importância da ética em nossas vidas, ou seja dos valores morais dos quais todos têm que seguir para termos uma vida em harmonia. (Redação de aluno)

> A pergunta que todos estão se fazendo é onde foi parar a ética? Antigamente a ética era como uma matéria que a gente aprende na escola... (Redação de aluno)

Na análise dos textos produzidos pelos alunos, conforme excertos acima, chamou a atenção o fato de grande parte dos alunos introduzirem seu texto de maneira semelhante. A maioria estabeleceu uma comparação entre épocas, enfatizando o fato de a ética não ocorrer nos tempos atuais conforme prevalecia em períodos mais remotos. Em conversa informal com a professora, tomou-se a

informação de que, durante o semestre, noções de texto argumentativo, principalmente, sobre formas de introduzir um texto desse estilo, foram trabalhadas. De modo geral, os textos apresentaram linguagem e estrutura específicas do texto argumentativo e, nesse sentido, acredita-se que foram trabalhados em sala de aula aspectos recorrentes dessa espécie textual tanto em termos de forma, conteúdo e estilo. Essas noções, no entanto, não foram mencionadas durante o transcorrer da aula observada.

Ainda que o texto argumentativo não seja considerado um gênero textual e sim um tipo ou sequência textual [39], acredita-se que toda e qualquer proposta de produção textual em sala de aula, seja ela sustentada por qualquer abordagem teórica, deve vir acompanhada de informações sobre seu contexto de produção, pois é ele que vai determinar *o que* e *como* escrever. Para que escrever? Quem vai ler? Onde vai circular? De que modo se escreve? Que papéis e relações sociais estão envolvidos? São aspectos indispensáveis no momento da produção e devem vir à tona toda vez que o professor fizer proposta de atividade escrita aos alunos. Referência a esses aspectos, no entanto, não foram evidenciadas na aula observada. Neste momento, lembra-se aqui, em especial, as palavras de Bakhtin (2003) quando diz "A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, *a qual é a força e a influência deles no enunciado* – disso dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado". (BAKHTIN, 2003, p. 301, grifo da pesquisadora). Nesse sentido, pode-se afirmar categoricamente que a perspectiva de língua sob o enfoque dialógico – especificamente a pressuposição do outro – não emergiu, já que o professor, em nenhum momento da aula, fez referência ao destinatário ou ao provável destinatário da produção proposta.

Em síntese, o segundo instrumento de análise revelou que a perspectiva de gênero discursivo não é contemplada no trabalho de leitura e produção de textos em sala de aula dos cursos avaliados. Ainda que informações contextuais estivessem presentes – de forma restrita – na fala do professor de Edificações e de – forma considerável – na fala do professor de Química, não se pode dizer que o

[39] Segundo Marcuschi (2008) tipo textual "designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como narração, argumentação, exposição, descrição, injunção". (MARCUSCHI, 2008, p. 154)

trabalho desenvolvido em sala de aula tenha seguido uma abordagem enunciativo-discursiva e de gênero. As considerações feitas não se centralizaram em despertar no aluno a consciência crítica dos aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem em situação específica. Tanto o relatório, quanto o currículo e o artigo de opinião não foram concebidos como ação ou atividade, como um agir linguístico que visa a atingir um objetivo. As especificidades da esfera em que são produzidos, as condições de produção, recepção e circulação dos gêneros em estudo foram relativamente abordadas nos trabalhos com Curriculum Vitae e Relatório de Estágio. Menção às características recorrentes em termos de tema, forma e estilo como marcas que refletem a situação de enunciação, em termos ideológicos, históricos e sociais seriam mais frequentes e sustentariam mais as reflexões levantadas, caso a proposta seguisse uma abordagem de gênero discursivo.

Isso, no entanto, não quer dizer que as aulas não tenham sido interessantes e produtivas. Ficou evidente que houve crescimento em termos de conhecimento, já que os alunos assimilaram informações que lhe pareciam desconhecidas, fizeram questionamentos, interagiram, leram e produziram textos, aprimorando competências. O que se percebe é que, de forma geral, os textos trabalhados foram percebidos como uma produção isolada de seu contexto, um artefato pronto que existe de forma independente e como modelo – no caso do Relatório de Estágio e do Currículo Vitae – a ser seguido. Conceber o texto sob a perspectiva dialógica, em que ele é visto como o resultado de relações sociais, como uma voz que sucede e antecede outras, como atividade linguística que visa atingir determinados fins não foi perspectiva contemplada nas aulas de Língua Portuguesa de cursos profissionalizantes da instituição observada. Dar subsídios para que o ensino de Língua Materna em instituição profissionalizante, se sustente em uma abordagem enunciativa e de gênero, como pretende a presente pesquisa, não significa substituir e/ou abandonar abordagens anteriores, mas acrescentar formas de conceber o texto no sentido de avançar no seu processo de compreensão e de significação.

4.1.3 A voz do professor

A entrevista é, sem dúvida, um instrumento de análise que permite adentrar-se em um campo ímpar de investigação, o imaginário dos indivíduos. Ao mesmo tempo que pode parecer revelar apenas um discurso artificial, devido à forte preocupação do sujeito com a construção de sua própria imagem, ela traz em sua natureza condições que são muito mais reveladoras da maneira como o sujeito compreende uma realidade. A escolha das palavras, a coerência do discurso, o silenciamento, a entonação do entrevistado e a própria situação de não planejamento e improvisação são aspectos e circunstâncias que dão condições para ir além do que é dito. A palavra, ou ainda, a linguagem é, sim, constitutiva do sujeito, portanto, reveladora de seu modo de compreender suas experiências, seus mundos, seus atos.

O material coletado, sem dúvida, está repleto de significações importantes sobre o ensino de Língua Materna. Ele convida a refletir sobre uma série de conceitos da Linguística Aplicada, relacionados à identidade do professor, ao ethos, à heteroglossia dialogizada e a tantos outros da área, no entanto, não se pode perder de vista o objetivo central desta primeira parte da pesquisa, que é o de verificar a concepção de língua que subjaz ao ensino de Língua Materna em instituições profissionalizantes, em especial, verificar se a perspectiva de gênero, sistemática ou assistematicamente, é contemplada nesse ensino. Analisar programas e observar aula não é suficiente para a compreensão profunda de uma realidade social, é necessário significar crenças, valores e motivações que induzem a uma determinada prática. Nesse sentido, concorda-se com Patton (1990) quando diz que "Não podemos observar como as pessoas se organizaram e os sentidos que dão aos eventos que ocorrem ao seu redor. Nós temos que perguntar às pessoas sobre essas questões". (PATTON, 1990 apud NOVAIS, 2008, p.278).

A partir da questão norteadora "Fale sobre o seu trabalho com texto em sala de aula", procurou-se inferir da voz do professor aspectos relacionados ao objetivo da disciplina, à proposta teórico-metodológica de ensino, ao conhecimento que esse profissional tem da realidade do curso e da empresa a que o aluno tem e terá vínculo, assim como seu conhecimento sobre gênero, na tentativa de averiguar qual perspectiva de língua subjaz efetivamente no ensino de Língua Materna na

Instituição. As entrevistas, na íntegra, estão anexadas ao final da pesquisa (Anexo B1).

A primeira entrevista, realizada com o professor da disciplina de Redação Técnica do curso de Edificações, ocorreu em sala reservada da Coordenadoria de Linguagens, na própria Instituição de Ensino, e o professor mostrou-se bastante à vontade, parecendo não se incomodar com o equipamento de gravação. Vale lembrar que esse professor é efetivo da escola, tem mais de dois anos de experiência com a disciplina e está realizando estudos em nível de mestrado.

De forma geral, o professor mostrou ter uma visão ampla e madura de seu trabalho com a disciplina, já que relatou a dinâmica que costuma desenvolver durante o semestre, citando as diferentes etapas que segue, inclusive os textos com os quais normalmente trabalha. Mencionou que as escolhas feitas, as quais são restritas em função do número reduzido de aulas, visam a culminar com o trabalho principal da disciplina que é o Relatório de Estágio. Teve-se a impressão de ser um profissional preocupado com o desenvolvimento de um trabalho articulado e sequencial. Além disso, chamou a atenção o fato de seu discurso ser frequentemente entremeado com expressões que revelaram sua motivação ao trabalho desenvolvido, principalmente quando se referia à participação dos alunos em atividades que exploram a oralidade, proposta pedagógica também privilegiada pelo professor.

Embora o professor não tenha mencionado de forma explícita a abordagem teórico-metodológica que embasa seu trabalho, pôde-se perceber, em sua fala, uma multiplicidade de vozes oriundas de diferentes correntes linguísticas. De forma geral, emergiu a voz da Linguística Textual, da Sociolinguística e de uma visão, ainda que justificada pelo professor, mais estruturalista, com preocupação a aspectos relacionados à forma.

Em relação à Linguística Textual, ficou evidente, na voz do professor, uma proximidade com a concepção de texto proposta por essa teoria, segundo a qual texto é considerado “toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano - uma música, um filme, uma escultura” ou ainda “unidade de manifestação da linguagem através da qual o homem se comunica” (KOCH, 2003, p. 14). Essa proximidade foi visível em diversas passagens, entre elas a mencionada abaixo.

> P2: Então, essa discussão ela é levada com eles, ah... praticamente no primeiro encontro ah,ah, ah... quais as possibilidades de texto, para que que serve um texto, o quê que é ler, o que é o leitor, o que que é escrever, ah... então nos primeiros encontros, eu trabalho isso aí, trabalho um conceito de texto, pra quê? Pra que eles percebam as possibilidades e as relações do leitor com o seu texto não tão apenas no texto escrito [...] que eles possam perceber que, ah... que uma casa também é um texto. Alunos de edificações têm que saber ler casas [...] eu passo para exercícios de leitura... esses exercícios de leitura vão para as diversas possibilidades de leitura. Sejam as leituras de pessoas, leituras de espaços, leituras de situações, leituras de afetos, ih, ih,ih, esse é um trabalho que eu faço com eles, que eu provoco esse exercício do leitor, mais ah... mais... digamos, assim, mais expandido. (Anexo B1)

Em relação à Sociolinguística, percebeu-se, na voz do professor, principalmente a preocupação em sensibilizar o aluno para a adequação da linguagem às diferentes circunstâncias do processo de comunicação.

> P2: [...] eles normalmente ficam nessa mediação entre o engenheiro e o arquiteto e o trabalhador mais braçal, né, então isso é uma jogada interessante, eles têm que perceber que eles têm que conversar com quem tem um nível de linguagem mais técnico, mais apurado, mas ao mesmo tempo conversam com aquele, aquela pessoa que, ah, ah... só tem a prática e, na prática, eles têm , eles têm um outro vocabulário que não é o técnico, tá, aquela questão da bitorneira (betoneira) que eu te falei [...] Enfim, e isso é um exemplo, várias outras situações de linguagem, que eu chamo a atenção, pra ah, que eles tenham esse comportamento ajustado a situações do trabalho. (Anexo B1)

No que diz respeito à preocupação com os aspectos mais formais do texto, dentro de uma perspectiva de língua como sistema de regras, o professor afirmou tratar dessas questões como auxiliares de um plano mais amplo que é o sentido, mostrando estar, dessa forma, em consonância com as atuais abordagens linguísticas.

> P2 [...] depois eu costumo trabalhar, o quê? Ah, ah... Um texto escrito da forma tradicional, né, mas buscando trabalhar ah, ah... mais a questão ah... de sentido porque na verdade, pra esse trabalho ele precisa trabalhar forma, eu não tenho como fugir disso é a redação técnica né, ... tem que trabalhar a estrutura do texto a forma do texto, mas ah, ah... eu quero deixar bastante claro pra eles que é importante ah..., não apenas a forma pela forma, mas, a forma pelo sentido não é? Então o modo de construir de articular o texto para que ele signifique pra que possa, ah..., fazer sentido pra quem o escreve e pra quem tá lendo, [...] então... né, eu passo a questão dos verbos, não é, passo pela questão de pontuação, ah, ah... todas as questões gramaticais, todas não sei! Algumas questões gramaticais que eu julgo que são importantes para produção textual [...] (Anexo B1)

No que tange aos objetivos de ensino e à concepção de língua a que o professor se propõe, ficou evidente em sua voz a postura de um ensino de base instrumental. O professor foi categórico em afirmar que concebe a língua como instrumento de comunicação. Considerando, no entanto, as três grandes concepções de língua que embasam o ensino, difundidas pela literatura da área de linguagens e apresentadas, em especial, por Koch (2003) e Travaglia (2002): língua como expressão do pensamento, língua como instrumento de comunicação e língua como forma de interação[40], é possível afirmar que, em meio ao discurso do professor, emergiu também a perspectiva de cunho interacionista, ou seja, a instrumentalização a que o professor se propõe tem por fim a atuação eficaz do indivíduo no processo de interação, representando meio para consecução de objetivos específicos no contexto social em especial o profissional. Mais uma vez o discurso do professor revela-se heterogêneo, filiado a diferentes concepções de língua/linguagem.

> P2:... Minha concepção de língua é o instrumento né, língua é instrumento, poderia se categorizá-la de diversas maneiras, mas ah.. no momento de tentar ensinar a língua vamos dizer assim, né, como professor de línguas, eu ah, ah, ah... sinto a língua como um ... instrumento, instrumento de trabalho pra mim e pra eles, instrumento de comunicação, instrumento de transmissão de pensamentos, de reflexão, língua como esse, esse instrumento precisa ah... como violão, tem que afinar o violão pra tocar bonito, então, é isso aí, que dizer, tu tem que tá buscando ajustar ah... de acordo com as situações [...]eu tenho uma frase que eu uso em todos os curso, né, que... que diz o seguinte: o melhor técnico não é aquele que executa com qualidade as práticas e os procedimentos das técnicas mas, que também sabe contar, né, então, eu acho isso muito importante que eles não só, ah... sejam profissionais competentes do ponto de vista da técnica, mas que também tenham instrumentos pra poder contar o que fazem... (Anexo B1)

[40] A literatura da área aponta três grandes concepções de língua que contribuíram na definição dos conteúdos e dos métodos a serem adotados na escola. São elas: **concepção tradicional de língua, concepção estrutural** e **concepção interacionista** (KOCH, 2003). A primeira considera a linguagem *expressão do pensamento,* logo, se as pessoas não se expressam bem é porque não pensam, ou não pensam bem, não conseguem organizar as ideias, segundo uma lógica. "A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece" (TRAVAGLIA, 2002, p.21). Na segunda, a linguagem é *instrumento de comunicação* e "a língua é uma *estrutura* disponível ao uso dos falantes, mas sobre a qual possuem reduzida atuação" (KOCH, 2003, p. 35). Nessa perspectiva, "a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor" (TRAVAGLIA, 2002, p.22). A terceira considera a língua um "lugar de interação de sujeitos ativos" (KOCH, 2003, p. 38) ou ainda de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores em uma dada situação comunicativa e em um contexto sócio, histórico, ideológico.

No que se refere ao conhecimento do professor sobre a esfera empresarial a qual recebe alunos egressos do curso de Edificações, o professor foi categórico em afirmar que não tem conhecimento da realidade comunicacional desse campo e dos textos que lá circulam. A escolha dos textos se dá em função dos temas que podem ser de interesse da classe, no caso relacionados à construção civil e, na maioria das vezes, esses textos são retirados da Internet. Além disso, afirmou que o contato com professores da área técnica é restrito em função do número de aulas e da diversidade de cursos que esse professor tem que atender. Esse fato, segundo ele, é a razão que impede o desenvolvimento de um trabalho integrado e interdisciplinar.

> P2: ... Eu não sei te dizer assim, em que medida, os egressos da edificações vão trabalhar o texto fora, né, trabalhar com o texto. Eles produzem relatórios? Produzem. Isso é um tipo de texto, eles têm que produzir orçamentos, é um tipo de texto... Agora a partir disso, não sei mesmo o que, o quê? Leitura, eu acho que eles não têm leituras, as leituras deles assim... é mais pesquisando pela internet, materiais e tal, né, talvez o texto publicitário, sei lá alguma coisa assim,ah,ah... mas, isso eu não sei te dizer.
> [...]
> ... a maior quantidade de lixo que é gerada vem da construção civil, então sempre procuro algum texto que possa contribuir pra que eles pensem um pouco sobre a profissão.
> E: Aí tu vais pra internet?
> P2: Aí eu vou pra internet, busco material na internet, ah,ah... busco alguma coisa atual.
> [...]
> Eles têm numa estantezinha na entrada com, ah... catálogos de matérias, tipo essas coisas hidráulicas, assim né, canos, torneiras, tal, tal, isso tem, agora revistas...técnicas, eu nunca vi, pode ser até que tenha, mas, eu também vou lá uma vez por semana, assim, não... dificilmente fico lá, ah,ah... às vezes eu fico um pouco conversando e tal, mas também é aquela coisa, tu sai de lá já pra ir pro outro... essa nossa situação da Colinc (Coordenadoria de linguagens da Instituição) que sai de um lugar e pra outro não nos permite muito...
> E: Sim.
> P2: Um convívio maior com o curso, até pra ver essas coisas... (Anexo B1)

O último aspecto levantado na entrevista referiu-se ao conhecimento desse profissional sobre a questão do gênero. Foi a ele questionado diretamente o que vinha a sua mente quando tal termo é mencionado. O discurso do professor revelou, de forma geral, ter esse profissional conhecimento de tal abordagem teórica, já que diversos termos e expressões próprias dessa teoria foram recorrentemente mencionados. *Modos de dizer*, *tipos de escrita*, “modos de enunciar que têm certas características comuns”, foram algumas das expressões

citadas e remetem, sem dúvida, ao tão conhecido “tipos relativamente estáveis de enunciados” de Bakhtin. O discurso do professor revelou que sua concepção de gênero está efetivamente relacionada a aspectos formais do texto, omitindo qualquer relação desse aspecto ao contexto de produção em termos de valoração, tema e sentido.

> P2: ... O que que eu entendo quando tu me pergunta gênero? É, é, ah... eu ainda tenho uma categoria, né, um pouco fechada em relação a isso, eu ainda vejo o gênero mais ligado à forma do que ao conteúdo, ah, ah... acho que o conteúdo hoje, a produção textual, ah... usa o conteúdo pra romper certas fronteiras, mas eu ainda, ainda nessa etapa de estudos que eu estou, eu ainda vejo o gênero mais ligado à forma mesmo do que ao conteúdo, ih,ih,ih... então, ah, digamos assim, uma afiliação a certas, a certos modos de dizer né, que vão definindo o tipo de escrita, de enunciação vamos pensar assim, modos de enunciar que têm certas características comuns e que vão agrupando em gêneros né, mas em relação a esse trabalho assim é, talvez seja isso até esse exercício que ah, ah... nos formata a um modelo de relatório que saiu daqui que não dá, não permite tu ampliar muito... (Anexo B1)

A segunda entrevista foi realizada com professor do curso de Química, cuja aula observada deu-se em torno do Currículum Vitae. A conversa ocorreu em sala reservada da Coordenadoria de Linguagens, em ambiente tranquilo e descontraído. Diferentemente do professor do curso de Edificações, este professor foi bem mais objetivo e sucinto em suas respostas, o que fez com que a duração da entrevista fosse menor que a anterior. Esse professor não faz parte do quadro efetivo da escola, no entanto, tem mais de dois anos de experiência com essa modalidade de ensino, já que está em sua segunda contratação pela Instituição. Como já mencionado, esse profissional possui mestrado na área de Linguística Aplicada e, no momento, está desenvolvendo estudos de doutoramento na área de Educação.

O discurso do professor revelou que o profissional tem domínio geral da dinâmica de seu trabalho, já que descreveu cada uma das etapas trabalhadas durante o semestre. Mencionou, de forma bastante enfática, sua preocupação com o trabalho de leitura e produção textual. De forma geral, a impressão foi a de ser um profissional preocupado com crescimento pessoal e social de seu aluno e comprometido com a qualidade de ensino.

Em relação à proposta teórico-metodológica que embasa seu trabalho, foi possível perceber que o professor privilegia questões ligadas à Linguística Textual. Foram vários os momentos que fez menção à importância de trabalhar o texto em

termos de produção e recepção, em especial aos aspectos de coesão e coerência. Para o professor, esses aspectos são primordiais e estão na base de todo o seu trabalho, no desenvolver do semestre.

> P1:...Bom, eu tenho uma preocupação assim ah, ah...significativa com essas questões da escrita, né, em ver como é que o texto tá organizado, tanto em termos de forma, como em termos de conteúdo, pois acho que o texto tem que caminhar, né, nessas duas linhas: forma e conteúdo [...]eu normalmente inicio a minha aula na... aqui no IF com dois textos, ah...ah... que eu chamo reflexões de texto um e reflexões de texto dois. Então, na reflexão de texto um, eu levo um texto com problemas de forma no sentido de estrutura, como, por exemplo, os parágrafos fragmentados, forma nesse sentido [...] no segundo momento eu trago um texto com problemas de estrutura no conteúdo, de organização do conteúdo para eles perceberem que o texto tem que ter uma unidade, unidade temática e uma unidade estrutural...

> [...] aí o terceiro encontro eu trago uma temática, do interesse deles, e peço para que eles ah, ah.. produzam um texto em cima daquela temática e, a partir de então, da... daquelas, ah,ah, ah... daqueles problemas que eu vou detectando na escrita deles é que eu vou direcionando o meu trabalho com textos [...] então é, assim, que eu direciono o meu trabalho com textos, dentro de determinados momentos eu trabalho com ah,ah... o princípio explícito da coesão, princípio explícito da coerência, como é que se organiza um parágrafo argumentativo, por exemplo, qual é a estrutura que tem que ter, até por que eles precisam desse conhecimento, né, Fernanda, porque tem o relatório, então eles têm que ter toda uma, uma estrutura formal... (Anexo B1)

Em termos de concepção de língua e objetivos com a disciplina, o professor mencionou seguir uma perspectiva de cunho interacionista, visando levar seu aluno a desenvolver habilidades capazes de atuar no meio social de forma eficiente. A expressão *instrumento* também emergiu em meio ao seu discurso e foi utilizada também no sentido de representar ferramenta a serviço do indivíduo em suas diversas formas de interação.

> P1:..Bom, eu acho que a concepção de língua que deve estar por... por trás, né, de uma abordagem, né, da leitura e da escrita é uma concepção de língua INTERACIONISTA, ... eu acho que a língua ela tem que tá...estar a serviço, né, a serviço, né, do indivíduo, né, então, eu acho que tem que ser, a gente tem que buscar uma comunicação, ah,ah... que seja clara, ela tem que ser um instrumento que possibilite o desenvolvimento do indivíduo, eh,eh,eh... eu acho que a leitura e a escrita ela, ela tem muito esse compromisso, né, de desenvolver essa ah,ah,... essa INTERAÇÃO, né. (Anexo B1)

O discurso do professor deixou evidente também que são poucos os trabalhos desenvolvidos de forma interdisciplinar, assim como é restrito seu conhecimento sobre as especificidades da esfera empresarial que recebe os alunos da área de Química. Afirmou sentir necessidade de maior aproximação em busca de melhoria na qualidade de ensino, mas impossibilitado por uma série de questões de nível pessoal e funcional da escola. Interessante observar o fato mencionado pelo professor em relação ao seu trabalho desenvolvido no curso de Eletrônica e de Eletrotécnica, onde atua também como professor de Português Instrumental. Para ele, o trabalho é mais satisfatório em função de possuir familiares atuantes na área o que propicia maior conhecimento da realidade da qual esses alunos farão parte. Os excertos abaixo confirmam a posição levantada pelo professor:

> P1: ... nós trabalhamos com três tipos de relatório um deles, né, ah... é interdisciplinar com uma professora que dá a disciplina de prática de química, eles fizeram um relatório foi o que, na verdade, aconteceu, eles fizeram um relatório com base na aula que a professora ministrou.
> [...]
> E: Tu achas que deveria ter um diálogo maior?
> P1: SIM, sem dúvida, eu acho, isso é difícil pra mim, ah,ah... essa comunicação, porque não sei se é o espaço de tempo ou talvez a falta de afinidade entre as áreas mas... é bem... ah, ah, ah... eu pelo menos sinto dificuldade nessa relação interdisciplinar, ou talvez pela minha falta de tempo também, não sei não sei, né.
> [...]
> E: E, assim, especificamente a empresa, tu conhece um pouco quais são as empresas que recebem esses alunos de química em Pelotas e quê...?
> P1: NÃO!
> E: E que textos circulam nessa empresa, também não?
> P1: Não. A empresa que eu conheço que recebe alunos nossos, aqui do IF é a CGTEE que recebe muitos alunos tanto da área de eletrotécnica, ah,ah,ah... quanto da área de eletrônica.
> E: E tu achas que seria interessante para os alunos...?
> P1: SEM DÚVIDA, tanto é que como eu tenho acesso a FGTE ah,ah... parte de textos que são exigidos lá... ah,ah,ah... eu tenho acesso, então é mais fácil para trabalhar principalmente com o curso de eletrotécnica ...
> [...]
> E: Tu achas que lá naquele curso há mais proximidade, então?
> - Sim, há mais proximidade por eu ter acesso direto (huhu) a uma empresa, né, que absorve muita mão de obra daqui, e o quanto isso facilita e acredito que até a qualidade do... né ,da aula.
> - Esse teu acesso? Como é que tu disseste que é esse teu acesso?
> - Não, eu não disse, é o meu filho que trabalha lá. (Anexo B1)

No que tange ao conhecimento do professor sobre a perspectiva de gênero, ficou evidente que o profissional tem familiaridade com tal área de estudo, já que várias expressões relacionadas a essa abordagem foram mencionadas. “Prática social”, “esfera da sociedade”, “função social”, “tipologia textual” foram

alguns dos termos utilizados pelo professor ao explanar sobre tal tema. A necessidade de trabalhar uma variedade de gêneros na escola, posição recomendada pelos atuais PCNs e por muitos pesquisadores, dentre eles MARCUSCHI (2008) e SCHNEUWLY e DOLZ (2004), também foi defendida pelo professor, o que evidenciou seu entrosamento com as atuais tendências de ensino de Língua Materna. Apesar de seu discurso ser entremeado de hesitações e pausas, e discorrido de forma breve e relativamente superficial, o professor trouxe à tona a noção de gênero como prática social, enfatizando sua relação com as características da esfera da qual faz parte.

> P2... Bom, ah, ah... deixa eu, eu organizar assim... bom é, acho que hoje, hoje em dia nós estamos, temos diversos tipos, né, há diversos tipos de gêneros textuais, gêneros discursivos, mas me sinto mais a vontade em falar nos gêneros, ah, ah... textuais e acho que num, aqui nessa, não só mas, hoje a gente precisa trabalhar, né, o ensino da escrita com essa diversidade de gêneros textuais que, que existem, até porque o gênero ele está relacionado a uma prática social , então se a gente trabalhar somente as tipologias, né, parece que é uma coisa mais seca eh,eh,eh... acho que tanto o ensino da leitura, quanto o ensino da escrita ele tem que ser embasado nesses diferentes tipos de, de gêneros que circulam hoje, né, na esfera da sociedade, acho que ... é,é, como eu te disse eu entendo gênero que ele tem uma função social, uma prática social então, essa é uma das formas, dos caminhos para que a gente tenha um leitor mais proficiente, né um escritor mais competente. (Anexo B1)

A terceira entrevista ocorreu com o professor do curso de Eletrônica que desenvolveu, na aula observada previamente, um trabalho de leitura e produção de texto sobre o tema Ética. A conversa ocorreu no mesmo local das entrevistas anteriores, em ambiente informal e tranquilo. As respostas foram bastante diretas e objetivas e a entrevista transcorreu em tempo menor que as duas anteriores. O professor, em seu discurso, evidenciou sua preocupação em preparar o aluno para atender as demandas do mercado de trabalho. Esse professor é substituto na escola, possui em torno de quatro anos de atuação no curso de Eletrônica, estando em sua segunda contratação pela Instituição. É formado em Letras e não possui estudos em nível de pós-graduação. De forma geral, o professor revelou-se um profissional resguardado em suas respostas, ou ainda, um pouco receoso em suas manifestações.

Em relação à proposta teórico-metodológica que segue em seu trabalho de sala de aula, o professor foi categórico em dizer que não seguia nenhuma

perspectiva específica, justificando essa posição pela falta de integração existente entre professores da área técnica e de cultura geral.

> E: E existe alguma perspectiva, assim teórica, algum modelo teórico que tu sigas, digamos assim, pro ensino de língua, uma visão, uma postura, digamos teórica, metodológica?
> P3: NÃO.
> E: Não existe uma coisa definida?
> P3: Não existe, até porque eu acho que tudo muito estanque, né, eu acho que não só aqui na coordenadoria, como no curso a gente tinha que ter um..
> E: Uma maior integração?
> P3: Uma maior integração, eu acho que seria muito mais fácil de até, né, pra trabalhar interdisciplinarmente, acho que ficaria bem mais coerente. (Anexo B1)

No entanto, quando inicialmente o professor foi solicitado que falasse sobre seu trabalho com texto na sala de aula, foi possível inferir que uma perspectiva de cunho formalista mais tradicional, aliada a uma superficial perspectiva textual estavam na base de sua proposta pedagógica. Enfatizou a importância do trabalho com leitura e produção textual, manifestando a preocupação em oferecer um ensino que contemplasse a diversidade de tipos textuais, ao mesmo tempo que deixava transparecer a ênfase dada aos aspectos formais do texto. Em seu discurso, diferentemente dos outros proferidos, não ecoaram vozes relacionadas às abordagens da Linguística Textual e da Sociolinguística.

> P3:... Eu não tenho um critério único para escolher textos, até porque eu acho que o curso técnico não pode visar só o técnico, então eu trabalho textos que visem um pouquinho, que se direcionem pro lado mais técnico, mas eu também busco textos literários, como também gosto de trabalhar com fábulas ah... gosto de trabalhar, às vezes, com anedotas, dependendo do meu objetivo né... e mesmo textos literários, por exemplo, eu já trabalhei com Mário Quintana pra trabalhar o uso do diminutivo ... gosto muito de Marta Medeiros que é um literário bem moderno, também atual e ela sempre tem temas interessantes inclusive sobre trabalho, né... sobre trabalho, sobre vida, é o que eu prefiro aí dá pra pegar os aspectos gramaticais que eles têm mais dificuldade, anedota eu gosto muito pra trabalhar pontuação... e de jornal eu gosto também, gosto de trazer noticiário até para eles reconhecerem a ocorrência de erros né... de reconhecer, identificar propagandas. (Anexo B1)

No que diz respeito à concepção de língua subjacente ao trabalho do professor, ficou evidente uma postura de língua como instrumento de comunicação.

O professor disse ter preocupação em repassar ao aluno conhecimento da língua para que esse possa atender as demandas empresariais e ainda mencionou a expressão “consciência linguística” como forma de organização escrita e falada do pensamento, o que parece remeter a uma visão de língua ainda mais tradicional, em que o sucesso da comunicação está efetivamente relacionado à capacidade de se organizar psicologicamente. A visão de língua como interação, como diálogo entre interlocutores em que efeitos de sentido são construídos dentro de um contexto específico não foi evidenciada.

> P3:...Meu objetivo é que eles tenham condições de atender qualquer demanda que eles tenham no mercado de trabalho assim, ah,ah,ah... com um mínimo, né, de consciência linguística, sabendo se organizar tanto por escrito como falando ou... atendimento a clientes, ou até na entrevista mesmo que também eu trabalho no quarto módulo, faço com que eles mesmos criem perguntas com nomes de empresa, depois troco, simulo entrevistas o meu objetivo basicamente é esse, que eles tenham o mínimo de conhecimento. (Anexo B1)

Ao ser questionado sobre a esfera empresarial em que os alunos egressos do curso vão atuar, o professor afirmou não ter conhecimento de tal área nem dos textos que lá circulam. Além disso, afirmou que o trabalho integrado com as disciplinas técnicas ocorre de forma restrita, cabendo ao professor de língua apenas a função de corrigir erros gramaticais.

> E: Há textos técnicos assim no programa? O que conta assim de textos que circulem na empresa?
> P3: Ah, ah,ah... não há, não há circulação na empresa. De empresa eu tenho algum texto técnico que eu trabalho, até porque eu comprei livros de eletrônica e de outros cursos que eu trabalho, mas aí é técnico demais não é muita coisa que eu ache que vá circular na empresa, só porque...
> [...]
> E: E há algum trabalho assim, interdisciplinar entre língua e disciplinas técnicas?
> P3: Ah... dependendo do professor que está na área técnica do módulo, sim.
> E: E aí como é que fica qual é o papel do professor de língua?
> P3: Bom, ah... uma coisa que eu trabalho em qualquer curso técnico no primeiro módulo é a confecção de slides, embora eles tenham quem trabalhe o slide em si, mas não dentro da visão linguística.. então eu trabalho, eh,eh... já fiz inclusive avaliação deles escolherem um assunto qualquer... eles não sabem quase nada ainda, eu já vejo um assunto mais lido e eles apresentam no slide que é para eles habituarem, paralelismo, né, construção frasal, o slide como apoio... (Anexo B1)

Quando questionado sobre o trabalho desenvolvido sob a perspectiva de gêneros, o professor inicialmente citou os tipos de textos trabalhados durante o semestre. Em momento posterior, quando questionado diretamente sobre tal área de conhecimento, afirmou não seguir essa abordagem em função de priorizar em seu trabalho aspectos formais da língua. Vozes provenientes das atuais abordagens da linguística – textuais , enunciativo-discursivas e, em especial, as relacionadas à teoria de gênero não ecoaram em nenhum momento de seu discurso.

> E: Ah, tá e tu não sabes me dizer quais são os gêneros trabalhados no curso?
> P3: Geralmente, no A4 a gente trabalha relatório de estágio, se trabalha currículo, ah,ah..., carta de apresentação
> [...]
> E: Bom e sobre assim, ah, a questão de gênero, gênero discursivo, gênero textual essa noção (ruídos, termo deduzido), assim, faz parte ela, ela chega a digamos assim, essa noção de ser trabalhada em sala de aula, ou tu tens outra noção, perspectiva assim, digamos teórica, metodológica de gênero?
> P3: No primeiro módulo não muito, no primeiro módulo eu tento marcar realmente as dificuldades. As dificuldades, de fazer um diagnóstico e poder trabalhar mais especificamente a língua.
> E: E como a perspectiva de gênero é trabalhada no outro módulo?
> P3: Eu não trabalho. (Anexo B1)

Enfim, esse terceiro instrumento de análise procurou compreender os sentidos contidos no discurso dos professores de forma a responder qual é a concepção de língua que subjaz em suas propostas de ensino e que conhecimento têm esses profissionais sobre a teoria de gênero. De forma geral, pode-se afirmar que essa perspectiva ecoou apenas no discurso do professor do curso 1, de Edificações, e do professor do curso 2, de Química, no entanto, de modo bastante superficial. Ambos fizeram referência a termos e expressões que fazem parte dessa área de conhecimento, mas as reflexões não foram sustentadas de forma a evidenciar seu domínio. Considerações a respeito do interlocutor, das condições de produção na construção do sentido, de aspectos relativos ao caráter socio-histórico-ideológico da enunciação não formam abordadas. De forma geral, a concepção de língua subjacente ao ensino de Língua Materna na Instituição é de cunho instrumentalista, ou seja, os professores veem a língua como uma ferramenta que deve ser dominada pelo aluno como meio de promover sua ascensão social e profissional. E para isso, os professores evocaram, em seus discursos, vozes provenientes principalmente da Linguística Textual, enfatizando a necessidade de se

trabalhar a variedade de textos, de tratar questões de forma e de sentido (professor do curso 1, de Edificações), ou forma e conteúdo (professor do curso 2 , de Química), ou ainda mais especificamente de questões relacionadas à coesão e à coerência. O texto é, para os três professores entrevistados, o objeto de ensino das aulas de Língua Materna, ainda que os dois primeiros afirmem privilegiar aspectos relacionados ao sentido/conteúdo e o terceiro afirma dar ênfase aos aspectos relativos à forma. Aliás, ficou evidente, em todos os discursos, que aspectos gramaticais têm espaço na disciplina e que recebem tratamento especial, a partir do diagnóstico dos textos produzidos em sala de aula. Não são, no entanto, os textos vistos sob o prisma de representarem escolhas capazes de revelar especificidades do contexto de produção. Vozes da Sociolinguística também ecoaram nos discursos dos professores, de modo bastante evidente no discurso do professor do curso 1, de Edificações, e de forma tangencial no discurso do professor do curso 2, de Química. Nesse sentido, concorda-se com Benites (2006) ao afirmar que o professor de Língua Portuguesa é visto como

> portador de um discurso heterogêneo, ele é constituído por outros discursos, sobre os quais, na maioria das vezes, não tem o menor controle. Identificando-se com diferentes domínios do saber, os professores sujeitos demonstram filiações a diferentes Formações Discursivas, marcadas histórica e ideologicamente ora pela escola tradicional, ora pela estrutural ou por uma concepção interacionista. (BENITES, 2006, p.19)

Há ainda três aspectos oriundos desse terceiro instrumento de análise que merecem destaque, já que foram mencionados de forma unânime. Primeiro: escola não tem por tradição desenvolver um projeto pedagógico interdisciplinar, de forma a integrar a disciplina de Língua Materna e as disciplinas técnicas; segundo: o professor de linguagem desconhece a realidade comunicacional das empresas das quais seus alunos farão parte, assim como os novos gêneros que lá circulam; terceiro: a disciplina, em consequência dos aspectos anteriores, não tem representatividade frente às outras disciplinas do curso, sendo a ela dispensada uma carga horária mínima, na qual os professores não conseguem desenvolver um trabalho de qualidade desejável. Nesse sentido, a presente pesquisa tem a pretensão de dar subsídios para que ocorram mudanças efetivas na Instituição,

seja para fins de reforma curricular, seja para criação de projetos pedagógicos, ou ainda, para elaboração de material didático, conforme será tratado posteriormente.

4.1.4 ESCOLA: reflexões gerais

A análise dos três instrumentos da pesquisa – planos/ programas, aula e entrevista – revelou que, predominantemente, o ensino de Língua Materna na instituição profissionalizante tem como base uma proposta de cunho instrumental dentro de uma concepção de língua estruturalista. A perspectiva de gênero sob a visão enunciativo-discursiva de linguagem, ainda que tenha ecoado nos instrumentos de análise, não recebeu um tratamento efetivo de modo que se possa afirmar que sustente significativamente a proposta pedagógica da Instituição.

Nos planos de ensino, em especial, na explicitação dos objetivos, o que se verificou ou foram propostas que priorizam aspectos voltados à forma como meio principal de facilitar a inserção do aluno no mercado de trabalho e na sociedade ou foi a remissão de forma íntegra aos PCNs, desconsiderando aspectos da realidade local. Já os programas de ensino, ainda que não articulados com os planos, fazem referência a uma série de textos voltados para atender a realidade do curso profissionalizante (Relatório de atividade, Relatório de estágio) para preparar o profissional a ingressar no mercado de trabalho (Curriculum Vitae, Memorial Descritivo, Entrevista) e a outros de caráter técnico-científico (Resumo, Artigo Técnico, Projetos, Confecção de slides). Apenas, no curso de Química, o programa faz menção a texto específico da área (textos legais e normas vigentes que regulamentam o CFQ, CRQ), ainda que não sejam de circulação em empresas. Chama, no entanto, a atenção, nos programas de ensino, a preponderância de propostas textuais (listagem de textos), em detrimento de aspectos gramaticais, o que viabilizaria um ensino voltado para a perspectiva de gênero.

Um aspecto importante, detectado a partir desse instrumento, foi a constatação de que a elaboração de planos e programas não é uma prática recorrente na Instituição. Sistematizar diretrizes e ações do ensino é processo indispensável na esfera escolar, pois permite não só o registro e a uniformização da proposta curricular como a reflexão e a significação da prática do professor, ou ainda, propicia ao professor a consciência dos processos vividos para buscar

constantemente intervenções significativas no processo de ensino. É um exercício de permanente interpretação crítica e de base para a troca de saberes e melhorias na qualidade de ensino.

Nas aulas observadas, segundo instrumento de análise, emergiram algumas informações de caráter contextual, ou seja, considerações de como os textos funcionam na esfera em que circulam. Isso, no entanto não foi significativo, já que, predominantemente, aspectos formais dos textos trabalhados foram enfatizados. Essa visão de estudo do texto foi também privilegiada no material repassado aos alunos, assim como nas atividades produzidas por eles, visão esta que, diga-se de passagem, não remete apenas a aspectos gramaticais, mas também a elementos relacionados à micro e à macro estrutura do texto, ou ainda, a sua coesão e coerência. De forma geral, uma abordagem de cunho estruturalista aliada aos estudos da Linguística Textual e com referência a Sociolinguística é a base do ensino das aulas de Língua Materna na Instituição.

Cabe ainda dizer que, embora a visão interacionista de ensino de língua e a abordagem de gênero não tenham sido contempladas de forma significativa nas aulas observadas, isso não significa, conforme já dito, que as aulas tenham deixado a desejar em termos de qualidade. Informações linguísticas foram acrescidas e habilidades de leitura e produção foram aprimoradas, em um clima de interação e crescimento pessoal. Propor a introdução de forma efetiva de uma nova abordagem de ensino de língua, como pretende a presente pesquisa, não implica suprimir outras abordagens, mas acrescentar uma nova forma de conceber o texto no intuito de avançar em seu processo de compreensão.

O terceiro instrumento, a voz do professor através de entrevista, revelou, de forma geral, ecos provenientes das modernas abordagens linguísticas. Proposta de ensino voltada a privilegiar aspectos da significação em detrimento de aspectos da forma, ampliação do conceito de texto, domínio de noções relacionadas à abordagem de gênero emergiram no discurso dos professores. Vozes da Sociolinguística e da Linguística Textual se fizeram bastante presentes em seus discursos. Todos os entrevistados afirmaram também trabalhar aspectos gramaticais a partir de produções escritas dos alunos. De forma geral, o discurso do professor se mostrou bastante heterogêneo, remetendo a uma diversidade de propostas de ensino de línguas. Visão de texto, no entanto, como atividade social mediada pela linguagem em que aspectos de forma e de conteúdo são recorrentes,

revelando ações e relações de uma comunidade, não ecoou na voz desses profissionais. Chamou a atenção o fato de os discursos estarem efetivamente relacionados ao grau de formação dos professores, ou seja, professor com formação mais avançada traz de modo mais contundente, em seu discurso, vozes das atuais abordagens da linguística, confirmando, nesse sentido, as palavras de Magalhães e Machado (2009) ao afirmarem que "os discursos dos professores apresentam especificidades próprias de acordo com o nível de formação a que estão filiados". Segundo as autoras, "estes professores [professores com formação de mestrado ou doutorado entrevistados] por possuírem uma bagagem mais ampla de leitura e por terem oportunidades frequentes de se questionar sobre o significado de ser professor de Língua Materna apresentam um discurso mais refletido e consistente" do que os professores com formação em nível de especialização, cujo discurso revelou predominantemente "preocupação em buscar fórmulas de ensino capazes de suprimir as deficiências do ensino de Língua Materna e de não ensinar gramática pela gramática" (MAGALHÃES /MACHADO, 2009, p. 10-11).

Outro aspecto ainda relevante na voz do professor diz respeito ao fato de esses profissionais afirmarem que a disciplina de Língua Materna tem pouca relevância e representatividade nos cursos técnicos da instituição, principalmente em função da pouca carga horária dispensada à disciplina, o que impede, segundo eles, o desenvolvimento de uma prática mais satisfatória e interdisciplinar. Além disso, foi unânime a posição de desconhecerem as especificidades da esfera empresarial da qual seus alunos farão parte.

Em síntese, o resultado dessa primeira parte da pesquisa mostrou que mudanças significativas, em diferentes instâncias, fazem-se necessárias para que o ensino de Língua Materna em instituição profissionalizante avance em termos de qualidade e representatividade. E, nesse sentido, oferecer um ensino de cunho enunciativo-discursivo, com base nos atuais estudos de gênero pode ser um caminho em direção a melhorias no ensino de Língua Materna. Seguir essa perspectiva significa conceber a linguagem como atividade, como prática social com vistas a atingir objetivos; significa perceber os textos como produções que apresentam recorrências em termos de forma e de conteúdo reveladoras de seu contexto de produção. Nessa perspectiva, o ensino se centraliza em despertar no aluno a consciência crítica dos aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem

em situação específica, levando-o a refletir sobre o caráter histórico, cultural, social e ideológico da atividade linguística.

Que atividade social é realizada quando se produz determinado gênero? Que circunstâncias desencadearam sua produção? Que características apresentam produtor e destinatário? Que papel desempenham os interlocutores e que relação é estabelecida entre ambos? Quando é produzido? Qual tema, estrutura composicional e estilo são recorrentes e como variam? Que escolhas linguísticas são feitas para atingir o objetivo a que se propõe? Que efeitos de sentido são produzidos, considerando aspectos sociais e ideológicos? O que existe por trás do texto e que por ele é revelado? Essas são algumas das reflexões levantadas quando se propõe a analisar um texto sob a perspectiva de gênero.

Nas palavras de Rojo (2005), "aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros do discurso partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos socio-históricos da situação enunciativa, privilegiando a vontade enunciativa do locutor ... e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos", buscando sempre "as marcas lingüísticas que refletem, no enunciado/ texto, esses aspectos da situação" (ROJO, 2005, p. 199). Assim, tomar como base uma abordagem de gênero discursivo significa buscar aquilo que está por *trás* da relação texto e contexto, configurando significados recorrentes e próprios de uma determinada esfera de comunicação. Isso, sem dúvida, requer descrições mais abrangentes, reflexões e considerações mais acuradas sobre o gênero em questão e sobre a esfera na qual ele circula. O próximo capítulo propõe-se a desenvolver análise nessa direção.

4.2 ESPECIFICIDADES E GÊNEROS DE CIRCULAÇÃO DA ESFERA EMPRESARIAL

A fim de atingir o segundo objetivo, ou seja, investigar as particularidades das empresas que recebem os alunos egressos da Instituição e os novos gêneros discursivos escritos que vêm se consolidando nessa esfera, foram visitadas três empresas. Cada uma delas está relacionada a uma área de ensino técnico selecionada para a pesquisa: Edificações, Química e Eletrônica.

Conforme já mencionado anteriormente, buscou-se a indicação das empresas na própria Instituição de ensino (IF-Sul), através do setor denominado COSIE (Coordenação de Serviço de Integração Escola-Empresa) e através do contato com os próprios coordenadores dos cursos em análise. Foi repassada uma listagem de nomes de empresas que costumam oferecer estágios aos alunos dos referidos cursos e frequentemente solicitam nome de alunos formados para serem admitidos nas companhias. Após contato pessoal ou telefônico, foram marcadas as entrevistas, as quais ocorreram na própria empresa, em data e horário previamente definidos. Algumas das empresas contactadas não se dispuseram a participar da pesquisa, e, na maioria das vezes, justificavam sua omissão à falta de tempo para desenvolver tal atividade.

A partir das respostas apresentadas pelos informantes sobre os novos gêneros em circulação, fez-se a solicitação desse material para futura análise e aplicação em sala de aula. O repasse, no entanto, não ocorreu conforme era esperado, pois foi unânime da parte das empresas a posição de que qualquer material de circulação interna não pode ser repassado a terceiros. Apesar de ter sido esclarecido, tanto por documento escrito quanto verbalmente, que a pesquisa não revelaria o nome das empresas nem de seus informantes e que o objetivo maior em ter acesso a esse material seria de cunho pedagógico, ainda assim não foi permitido o repasse. Cabe mencionar que, em todos os contatos, questionou-se o motivo para tal omissão, ou seja, o motivo pelo qual a empresa não repassa material de circulação interna e, na maioria das vezes, a resposta foi a da forte concorrência existente entre empresas do ramo e, nesse sentido, ser o sigilo conduta de praxe na esfera empresarial.

Passa-se, então, ao resultado da análise das entrevistas prestadas por representantes de empresas, no intuito de conhecer as particularidades da realidade comunicacional dessa esfera, suas especificidades e funcionamento e tomar conhecimento dos novos gêneros que nela circulam. A análise está dividida em três partes, cada uma delas referente a uma área empresarial.

4.2.1 Empresa da área Química: Refinaria de petróleo

A primeira empresa visitada, conforme já mencionado, foi uma Refinaria de Petróleo a qual costuma contratar alunos estagiários, como também egressos do curso de Química para atuarem no quadro funcional. De acordo com informações prestadas pela assessora de comunicação, a companhia tem em torno de trezentos funcionários e é considerada de pequeno porte. É atualmente uma refinaria privada e uma das mais antigas do Brasil. Dentre suas atividades principais estão o refino, o processamento, a comercialização e importação de petróleo, seus derivados e correlatos.

Através da leitura de material repassado pela assessora de comunicação, intitulado Manual de Procedimentos Funcionais, pôde-se verificar que a Refinaria prima pela organização, eficiência e máxima comunicação entre seus membros, já que neste material constam as mais diversas informações a respeito do funcionamento da empresa.

Representada pela assessora de comunicação, a empresa mostrou-se, desde o início, receptiva à participação na pesquisa. Através de contato telefônico, em que foi esclarecido o objetivo do estudo, marcou-se a entrevista, a qual ocorreu no próprio local em que funciona a companhia. Inicialmente foi repassado à pesquisadora um *briefing* - vídeo com informações gerais sobre empresa e com orientações sobre o modo como o visitante deve se comportar durante a visita. A entrevista ocorreu em sala especial do setor de Comunicação e caracterizou-se por ser uma entrevista semiestrutural, ou seja, por apresentar questões abertas (*Fale sobre a empresa* e *Fale sobre a comunicação na empresa)*, no intuito de que se assemelhasse a uma conversa informal e se desenvolvesse em ambiente de descontração e espontaneidade. Durante a explanação da entrevistada, foram lançadas perguntas mais específicas, consideradas pertinentes para o alcance do objetivo proposto. No final, conversou-se especificadamente sobre os textos de circulação na empresa e inclusive, a partir de uma listagem previamente organizada, verificaram-se quais circulam nessa esfera de atividade. A entrevista foi registrada em equipamento de gravação de áudio e aparece transcrita, em anexo, no final desta pesquisa. (Anexo B2)

Em relação ao primeiro questionamento, a entrevistada fez referência à história, objetivos, valores da empresa. Além disso, mencionou de forma detalhada aspectos relacionados à prospecção, importação, armazenamento, processos de refinamento do petróleo e de distribuição de seus derivados.

Em meio ao discurso da entrevista, ficou evidente principalmente a preocupação com três aspectos: política de segurança, saúde ocupacional e meio ambiente. Em relação às normas de segurança, a entrevistada mencionou diversas vezes que se trata de uma prioridade da companhia desenvolver programas específicos de combate a incêndios e enfrentamento de situações de emergência. Todas as unidades da refinaria são permanentemente monitoradas para identificar e responder a qualquer anormalidade, durante o funcionamento da empresa. Além disso, toda a equipe da Refinaria passa por treinamentos e capacitações periódicas de atualização com as melhores técnicas e práticas de operação, manutenção e combate a situações de emergência. Foram mencionadas, diversas vezes, as normas de comportamento dos funcionários e visitantes dentro da empresa.

Sobre a política de saúde ocupacional, verificou-se, na voz da entrevistada, que a empresa tem forte preocupação em detectar e controlar doenças relacionadas com o trabalho específico e, nesse sentido, adota uma série de programas de controle e prevenção que passam a ser realizados através da convocação ativa dos empregados enquadrados nas diversas situações de risco.

A política ambiental revelou-se também ser, na voz da entrevistada, assunto de grande preocupação. Além de atender à legislação vigente aplicáveis às suas atividades, procura desenvolver a implantação de programas de gerenciamento ambiental em todos os níveis hierárquicos da organização. Segundo a entrevistada, a empresa já obteve o certificado da ISO 14001, que é uma norma internacional de certificação às empresas que têm cuidados ambientais, e está buscando certificação no Sistema de Gestão Integrada que compreende Qualidade, Meio-Ambiente, Segurança e Saúde Ambiental. Chamou a atenção o fato de a empresa dispor de um serviço chamado Telefone Verde, próprio para atender exclusivamente às reclamações da comunidade vizinha, relacionadas ao meio ambiente. A atendente registra a reclamação e tem até 48h para dar uma posição sobre o problema.

Outro aspecto questionado foi em relação à forma de ingresso à empresa, principalmente de técnicos de escolas profissionalizantes. Segundo a entrevistada, é realizada, duas vezes por ano, com data específica, seleção de alunos de escolas

técnicas para realizarem estágios na companhia. Além disso, a empresa tem um programa de *trainees*, espécie de concurso com prova escrita e entrevista, que seleciona pessoal para atuar como operadores de refino. Muitos dos selecionados são egressos de escolas profissionalizantes de Ensino Médio e, segundo ela, podem aí iniciar suas atividades e ascender profissionalmente, tendo condições de ocupar diferentes posições na companhia, já que são constantemente avaliados e remanejados.

Em relação ao segundo questionamento: *Fale sobre a comunicação na empresa*, a entrevistada iniciou fazendo a diferença entre comunicação interna e externa. Sobre a primeira, falou sobre o jornal Correio da Refinaria, o qual circula de dois em dois meses na empresa e aborda diferentes assuntos. Mencionou os quadros de avisos que estão distribuídos em locais estratégicos da empresa. Esses constam de cinco subdivisões: Saúde, Recursos Humanos, Segurança, Sindicato e Meio ambiente. Em seguida, mencionou o sistema Intranet, no qual estão disponibilizados os textos de circulação na empresa. Dentre eles, citou: convocação de reunião, ata, requisição de material, informes, instruções e relatórios. Comentou sucintamente o objetivo e o funcionamento desses textos na empresa. Sobre a comunicação externa, citou folder, vídeos (briefing), imprensa local para divulgação de notícias, telefonemas e palestras e sobre esses gêneros teceu alguns comentários gerais. Salientou o fato de serem frequentes as reuniões de coordenadoria e entre as coordenadorias e nelas haver a necessidade de os presentes defenderem suas posições e seus projetos, fazendo com que a linguagem seja um fator indispensável para atingir metas e garantir sucesso.

Segundo a informante, grande parte da documentação citada é produzida a partir de formulários já prontos, os quais foram criados pela própria empresa para atender suas necessidades. Para a informante, a existência de formulários é uma necessidade das organizações empresarias em função de cada vez mais elas buscarem a otimização de suas atividades, tornando-se também fator importante para a busca de certificados de qualidade de serviços.

Outro aspecto que chamou a atenção foi o fato de grande parte da comunicação circular on-line. Atas, requisições, atestados, memorandos informes e outros ficam à disposição no sistema intranet da empresa para que todos tomem conhecimento do que está se passando na companhia. Inclusive, a ata de reunião, depois de elaborada é disponibilizada em rede para que todos possam ter

conhecimento da forma como foram registradas as deliberações e assim tomar posição antes de assinar. Segundo a informante, como nem todos os funcionários tem a sua disposição computadores, principalmente aqueles de atividade braçal, é preocupação do setor levar as principais notícias da empresa até eles, por isso a existência de quadros murais e informes em pontos estratégicos da empresa.

Quando questionada sobre eficiência e/ou problemas de comunicação na empresa, a informante foi categórica em afirmar que os principais fatores de interferência estão relacionados à falta de clareza, correção e argumentação das produções. Segundo ela, todo documento que apresenta problemas de linguagem volta ao seu produtor para ser reescrito. Salientou que apresentar justificativas pertinentes e argumentos fundamentados são fatores determinantes na consecução de objetivos dentro da empresa.

O quadro 15 diz respeito à listagem de textos previamente organizada pela pesquisadora e questionada oralmente durante a entrevista. O objetivo da listagem foi de trazer à tona possibilidades de produções que no momento poderiam não vir à lembrança da entrevistada. Estão assinalados no quadro apenas os textos de circulação na empresa visitada, segundo a entrevistada.

Artigo	
Ata	√
Atestado	√
Aviso	√
Bilhete	√
Boletim Informativo	√
Briefing	√
Carta Profissional	
Carta Comercial	√
Cartilha	√
Classificados	
Circulares	
Diagnóstico	√
E-mail	√
Folder	√
Informativos Impressos	√
Mala Direta	
Manual	√
Memorando	√
Ofício	√
Palestra	√
Parecer	√
Procedimento	√
Projeto	√
Protocolo	√
Relatório	√
Requerimento	
Telegrama	
Outros	

Quadro 15 - Gêneros discursivos de circulação em empresa da área Química

A informante citou outras produções que circulam com frequência na empresa, dentre as quais chamou a atenção as denominadas Pesquisa de Clima e PDDE (Procedimento de Desenvolvimento para Diretoria Executiva) . A primeira visa a mensurar o nível de satisfação dos funcionários com relação aos aspectos do ambiente organizacional e a maneira como as pessoas interagem uma com as outras, na tentativa de identificar oportunidades de melhoria e de elaborar um plano de ação. A segunda assemelha-se a projetos elaborados por funcionários de diferentes setores da companhia e encaminhados à Diretoria, visando à consecução de atividades diversas e melhorias na qualidade dos serviços prestados pela empresa. Segundo a informante, semanalmente são produzidos e avaliados esses últimos documentos, os quais retornam aos seus emitentes como deferidos,

indeferidos ou com observações a serem novamente redigidos em função da falta de clareza e/ou de justificativas/ informações importantes.

Dentre os textos mencionados e comentados durante a entrevista, ficou evidente que alguns têm mais relevância e circulam com maior intensidade dentro da empresa, dos quais destacam-se os procedimentos (instrução), projetos, relatórios e atas.

Ao ser solicitado material para análise, a entrevistada disse que não dispunha, naquele momento, de tempo para fazer escolha e repasse de material, ficando assim de enviar por email. O que, no entanto, foi repassado posteriormente foram apenas modelos de formulários, sem nenhuma produção efetiva. Ao se insistir pelo material, a entrevistada foi categórica em afirmar que a empresa não poderia repassar tal material em função principalmente da forte concorrência existente no mercado empresarial.

4.2.2 Empresa da área de Eletrônica: Usina de energia elétrica

A segunda empresa visitada, conforme já mencionado, foi uma companhia de exploração e produção de energia elétrica cuja fonte primária de produção é o carvão mineral. Tal escolha se deu principalmente pelo fato de se tratar de uma companhia que recebe um número significativo de alunos do IF-Sul, segundo informações da Instituição de Ensino. A partir de contato telefônico, marcou-se data e horário da entrevista, a qual ocorreu na cidade de Porto Alegre, sede administrativa da empresa. No local, a pesquisadora foi conduzida ao setor de comunicação da empresa e recebida pelo coordenador da Assessoria de Comunicação Social. Muitas informações foram repassadas a partir das duas perguntas básicas − *Fale sobre a empresa* e *Fale sobre a comunicação da empresa* − e a entrevista, na íntegra, aparece transcrita no final da pesquisa. (Anexo B2)

Em relação ao primeiro questionamento, o entrevistado iniciou abordando um pouco da história da empresa. Segundo ele, o empreendimento, até 1997, fazia parte do parque gerador da Companhia Estadual de Energia Elétrica, CEEE. Em 1998, o controle acionário foi transferido para a União e em 2000, a companhia tornou-se uma empresa do Sistema Eletrobrás. Vem atualmente demonstrando

crescimento significativo no ramo, contando com parcerias de cunho internacional e pretende ser, em 2015, a referência nacional de geração de energia térmica.

A companhia é caracterizada como sociedade de economia mista, do Sistema Eletrobrás e possui, em seu quadro funcional, 641 empregados efetivos e 76 estagiários muitos formandos de escolas de Ensino Médio profissionalizantes. Alunos dos cursos de Eletrônica, Eletrotécnica, Química e Mecânica do IF-Sul frequentemente realizam estágio na empresa e um número significativo de funcionários do quadro atual tem formação em escolas profissionalizantes.

A empresa desenvolve um conjunto de programas e projetos sociais que visam a qualificar as relações entre empresa e suas partes interessadas e a promover ações de responsabilidade socioambiental. Segundo o entrevistado, a empresa elabora quadrimestralmente relatórios que avaliam os diversos compartimentos ambientais da companhia, trazendo à tona os impactos ambientais associados ao seu processo produtivo. Disponibiliza em seu site o Relatório de Sustentabilidade, cujo objetivo principal é evidenciar as ações tomadas pela empresa de modo a garantir sua expansão com responsabilidade socioambiental.

Em relação ao segundo questionamento referente à comunicação na empresa, o entrevistado iniciou diferençando a comunicação externa da interna. Segundo ele, a primeira basicamente se dá através de cartas e e-mails e a segunda através de memorandos e emails. Quando questionado sobre o e-mail ser veículo ou tipo de texto, ficou evidente em sua fala que este meio de comunicação ora é tomado como texto, ou seja, uma espécie de mensagem breve, com vocativo e despedida e emprego de linguagem própria e ora é encarado como veículo de comunicação no sentido de ser um meio para serem repassados outros tipos de textos como requisições, formulários... enfim, documentos em geral. O entrevistado citou o nome dos diversos integrantes do setor de comunicação e suas respectivas funções e, dentre os gêneros produzidos por esse setor, está o Release, os Comunicados e o Jornal da empresa que circula apenas on-line.

Assim como na empresa anterior, grande parte da produção escrita interna circula on-line e através do sistema intranet. Nesse sistema, estão disponíveis diversos formulários como atestado, requisição de material, memorando além de artigos técnicos, notícias, banco de dados, aniversariantes do mês, entre outros, tendo apenas os funcionários da empresa acesso ao sistema. O entrevistado

frisou a necessidade de a empresa ter disponível formulários próprios para atender suas necessidades com objetividade e rapidez.

Em relação à importância da linguagem como forma de ascensão profissional dentro da empresa, ficou evidente a posição de que o domínio dessa habilidade é indispensável nesse processo. Segundo o entrevistado, aquele profissional que tem conhecimento técnico, é criativo e domina a linguagem é o que tem mais chance de promoção dentro da empresa.

A listagem de textos abaixo, quadro 16, elaborada previamente pela pesquisadora e comentada durante a entrevista, evidencia os textos que atualmente circulam na empresa visitada. Estão assinalados apenas os textos que costumam ser produzidos e/ou lidos pelos diversos setores da companhia.

Artigo	
Ata	√
Atestado	√
Aviso	
Bilhete	
Boletim Informativo	√
Briefing	
Carta Profissional	√
Carta Comercial	√
Cartilha	√
Classificados	√
Circulares	√
Diagnóstico	
E-mail	√
Folder	√
Informativos Impressos	√
Mala Direta	
Manual	
Memorando	√
Ofício	√
Palestra	√
Parecer	√
Procedimento	√
Projeto	√
Protocolo	√
Relatório	√
Requerimento	√
Telegrama	
Outros	

Quadro 16 - Gêneros discursivos de circulação em empresa da área de Eletrônica

O entrevistado citou como outros textos produzidos pela empresa o release - material produzido pelo setor de Assessoria de Comunicação com o objetivo de divulgar notícias da companhia à imprensa – e editais de licitação- material escrito produzido pela companhia a ser publicado na imprensa para contratação de serviços ou aquisição de produtos.

De forma geral, percebeu-se, em meio à fala do entrevistado, que alguns textos têm maior relevância que outros dentro da empresa, já que foram comentados de forma mais enfática e detalhada. Dentre eles destacou-se o relatório, às vezes também denominado por ele de parecer, o qual configura-se como uma prática de produção escrita dentro da empresa com vistas a justificar as diversas atividade desenvolvidas na companhia. Além do relatório tiveram destaque memorandos, atas e projetos. Segundo o entrevistado, trabalhar de forma mais sistemática esses textos em sala de aula e desenvolver habilidades relacionadas a "argumentação", "desenvoltura" e "posicionamento"[41] pode contribuir significativamente na formação do futuro profissional da área empresarial.

Ao ser solicitado material para análise, ou seja, modelos/exemplares de relatórios, memorandos ou projetos de circulação na empresa, o entrevistado foi categórico em afirmar que é atitude estratégica da empresa não repassar material de circulação interna devido à forte concorrência no setor. Citou, inclusive os nomes dessas concorrentes e comentou o quanto elas tentam se infiltrar e ter acesso a informações referente às negociações da empresa, principalmente relacionadas a exportação de energia. Ainda que se trate de uma empresa pública, há muitos dados confidenciais e sigilosos que não podem ser repassados, segundo o informante.

4.2.3 Empresa da área de Edificações: Empresa de engenharia

A terceira empresa visitada é da área da construção civil e é uma companhia de renome na cidade de Pelotas. É considerada de médio porte, e vem se destacando ultimamente na construção de apartamentos populares pelo sistema denominado PAR (Programa de Arrendamento Residencial da Caixa), o qual visa atender exclusivamente à necessidade de moradia da população de baixa renda dos grandes centros urbanos.

[41] Termos utilizados pelo entrevistado.

Conforme informações concedidas pelo COSIE (Coordenação de Serviço de Integração Escola-Empresa), é uma das empresas pelotenses que mais contrata profissionais técnicos do curso de Edificações formados pelo If-Sul. O contato com a companhia se deu também via telefone e a receptividade foi bastante satisfatória. A entrevista ocorreu na própria empresa, situada próxima ao centro da cidade de Pelotas. Segundo o entrevistado, responsável pela comunicação da empresa, a empresa não possuía um profissional específico da área da Comunicação, mas era ele a pessoa responsável por representar a empresa em tal situação de entrevista. A conversa teve duração menor em relação às outras entrevistas, já que as perguntas foram respondidas de forma bastante objetiva. (Anexo B2)

Em relação ao primeiro questionamento, o entrevistado iniciou abordando que a empresa atual foi originada de outra companhia da construção civil bastante conhecida na cidade em anos anteriores. Na verdade, a antiga atendia uma outra camada da população, ou seja, dedicava-se à construção de empreendimentos mais requintados; a atual, com outro nome, têm como meta a produção de apartamentos populares construídos em grande quantidade e de forma rápida. O entrevistado mencionou o nome de diversos empreendimentos da empresa no município de Pelotas e redondezas. Segundo ele, a companhia possui aproximadamente 500 funcionários, dentre eles, engenheiros, técnicos, empreiteiros e administrativos.

No que diz respeito ao técnico de nível médio, o entrevistado mencionou que sua atuação se detém ou como responsável pela compra de material da obra, já que possui conhecimento para tal ou como técnico-administrador da obra, podendo, nesse caso, desenvolver diferentes atividades. Segundo ele, esse profissional têm chances de ocupar funções mais elevadas, inclusive de gerência, de acordo com sua competência e seu desempenho.

No que tange a programas sociais, mencionou o curso de alfabetização promovido pelo SESI, a funcionários da empresa que não alcançaram a 4ª série do Ensino Fundamental. Segundo ele, oportunizar a capacitação de funcionários faz parte do Programa de Qualidade adotado pela empresa, denominado PBQP-H (Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat). Condutas e procedimentos tomados pela empresa na busca de tal certificação também foram mencionados pelo entrevistado.

Em relação ao segundo questionamento, o entrevistado afirmou categoricamente que a boa comunicação é fator determinante para o bom funcionamento da empresa. Inclusive, chamou a atenção do quanto se faz necessária a clareza e a simplicidade da comunicação entre engenheiros e funcionários de obra, os quais possuem diferentes graus de formação.

Assim como nas empresas anteriores, percebeu-se que há uma preocupação em documentar e arquivar as atividades desenvolvidas na companhia, em função principalmente do Programa de Qualidade. Segundo o entrevistado, a empresa que busca certificação deve desenvolver mecanismos que facilitem o registro de suas atividades, por isso a grande utilização nela também de formulários com vistas a facilitar e otimizar a comunicação no setor.

O quadro 17 refere-se à listagem de textos organizada previamente pela pesquisadora e questionada ao entrevistado durante a conversa. Nele, estão assinalados os textos de circulação na empresa segundo o entrevistado.

Artigo	
Ata	
Atestado	√
Aviso	√
Bilhete	√
Boletim Informativo	√
Briefing	
Carta Profissional	
Carta Comercial	
Cartilha	√
Classificados	
Circulares	√
Diagnóstico	
E-mail	√
Folder	√
Informativos Impressos	√
Mala Direta	
Manual	√
Memorando	√
Ofício	
Palestra	√
Parecer	
Procedimento	√
Projeto	√
Protocolo	√
Relatório	√
Requerimento	√
Telegrama	
Outros	

Quadro 17 - Gêneros discursivos de circulação em empresa da área de Edificações

No decorrer do questionamento, foi possível perceber que o entrevistado tinha desconhecimento de alguns gêneros da listagem acima o que se tentou esclarecer, ainda que, algumas vezes, sem sucesso durante a conversa. Além disso, verificou-se um conhecimento superficial dos textos que normalmente circulam entre profissionais de cargos mais elevados como Projetos, Artigos e Cartas profissionais. Segundo ele, o e-mail é o meio de comunicação mais utilizado entre os funcionários da empresa e entre a empresa e outras empresas do ramo. Quando questionado sobre ser o e-mail suporte ou gênero, o entrevistado mostrou que seu conceito abrangia ambos aspectos, já que fez referência como lócus físico ou virtual que serve de base ou ambiente de fixação e veiculação do gênero ou

atividade social mediada pela linguagem, com relativa recorrência de forma e conteúdo.

O entrevistado citou outros textos produzidos pela empresa que não constavam na listagem tais como o *Diário de Obra* e a *Planilha de Avaliação*. O primeiro diz respeito a um relato produzido diariamente pelo responsável da obra, no qual são registradas diferentes informações como condições climáticas, avanço da obra, ocorrência de acidentes, assiduidade dos funcionários, recebimento de material, etc. Conforme o entrevistado, trata-se de uma espécie de formulário com itens pré-estabelecidos a serem preenchidos, acompanhados também de espaços para o redator complementar com observações pertinentes a cada item. Interessante observar que a atividade de relatar é uma prática que está presente em diferentes ambientes, dentro de uma mesma empresa. O segundo texto diz respeito a uma outra prática efetuada constantemente na empresa, que é a avaliação. Conforme o informante, tanto os fornecedores como os funcionários são constantemente submetidos à avaliação para a qual já existe uma planilha, espécie de formulário, previamente pronto a ser preenchido pelo superior de cada setor. A Planilha de Avaliação, segundo ele, é documento de circulação bastante importante na empresa e tem como objetivo principal manter o controle e a qualidade dos serviços prestados.

Ao ser solicitado material para análise, o entrevistado afirmou que deveria consultar seus superiores antes de efetivar o repasse. Após vários contatos via-e-mail, algum material foi repassado, como modelos de alguns formulários-padrão, sem, no entanto, conter nenhum registro específico das atividades desenvolvidas, o que não permitiu se efetivar como *corpus* da presente pesquisa.

4.2.4 Empresa: reflexões gerais

A visita às empresas e o contato com seus representantes foi, sem dúvida, uma experiência que permitiu ampliar conhecimentos relativos ao campo de atuação dos futuros profissionais. Adentrar em uma esfera e conhecer seus valores, sua forma de organização, seu ritmo, enfim, suas especifidades, faz com que se conceba os gêneros ali produzidos sob outra perspectiva.

A empresa, de forma geral, foi percebida como um sistema, movida pelas partes que a compõem. Desse modo, cada uma delas é fundamental para o sucesso do todo e consequentemente da sua permanência no mercado. A responsabilidade, o empenho, o dinamismo, a objetividade, a competitividade, a superação, a busca constante em acompanhar as transformações do mundo externo são marcas visíveis dessa esfera e foram evidentes na voz dos entrevistados. Ainda que o lucro seja fator indispensável na viabilização do empreendimento, não ecoou em nenhum momento na fala dos entrevistados. Hoje, a sustentabilidade, no sentido amplo e diverso da palavra – ecológico, econômico, social... – é o que parece estar na base das organizações empreendedoras. E são várias as iniciativas, conforme mencionadas e transcritas nos anexos, tomadas pelas empresas nessa direção: busca por certificação, qualificação de funcionários, desenvolvimento de projetos sociais e ambientais, investimentos na qualidade de serviços e segurança do trabalho. Muitas foram as especificidades depreendidas dessa esfera durante a entrevista, em especial a partir do primeiro questionamento realizado, algumas delas certamente emergirão em meio às análises mais adiante apresentadas.

Em relação aos aspectos comunicacionais, foi unânime a posição dos entrevistados de que dominar habilidades linguísticas é fator decisivo na promoção e ascensão na empresa. Ainda que grande parte da comunicação seja efetuada pela Internet, em especial, pela Intranet, e existam formulários já prontos que facilitam e agilizam a passagem de informações, a escrita continua sendo o meio mais comum de comunicação e fonte de decisões importantes dentro do empreendimento. Muitos gêneros de caráter informacional, como requerimentos, ofícios, memorandos... permanecem circulando nas empresas e podem ser considerados como Gêneros Organizacionais ou Informacionais , já que fazem parte da rotina do trabalho e não alteram a cena do trabalho; já outros outros, quando

comentados pela voz do entrevistado, emergiram como produções significativas e de maior complexidade dentro da empresa, exigindo de seu produtor maior envolvimento, posicionamento, por vezes argumentatividade, revelando marcas de sua pessoalidade, os quais podem ser denominados de Gêneros Funcionais. Dentre esses gêneros destacam-se: Projetos, Relatórios, Atas e Procedimentos

Provavelmente cada um dos gêneros levantados e comentados durante a entrevista tenha peculiaridades e uma história a ser contada sobre sua produção, reprodução e efeitos de sentido, no entanto deve-se fazer aqui a escolha de apenas um a ser analisado sob a perspectiva de gênero discursivo. Considerando que a habilidade de relatar tem na Instituição de ensino um papel relevante, já que o Relatório de Estágio consta em todos os programas de Língua Materna da Instituição, e, frequentemente, nas disciplinas técnicas dos cursos, são solicitados relatórios de atividades e de visitas técnicas, optou-se pela análise de tal gênero.

O Relatório de Atividade Externa foi, dentre outros produzidos na empresa (relatório de projeto, relatório de inspeção, relatório de finanças, relatório de sustentabilidade...), aquele que pareceu ser mais abrangente e refletir um comportamento recorrente da esfera, tal qual, a busca constante, no meio externo, por atualização, inovação e aperfeiçoamento, requerendo, nesse caso, posicionamento, avaliação e argumentatividade de seus produtores, além de habilidades como as de narrar, descrever e persuadir. A escolha vai ao encontro também de parte do segundo objetivo da pesquisa, a de possibilitar maior proximidade entre a esfera escolar e a esfera empresarial, de forma a oferecer ensino mais próximo da realidade, na qual ingressarão os futuros profissionais desse segmento da educação.

Um outro aspecto a ser mencionado, e que esteve presente na voz dos entrevistados, foi o fato de o relatório ser gênero produzido por profissionais de diferentes níveis e funções dentro da empresa, fazendo com que a escolha desse gênero tenha maior representatividade, tornando-se material de referência não só ao ensino profissionalizante de nível técnico, mas também ao tecnológico e superior, modalidades também oferecidas na Instituição.

Foi, portanto, nesse momento do estudo, que as palavras de Bakhtin, ao afirmar que "...cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua maneira" (BAKHTIN, 2006, p.33) foram plenamente compreendidas, dado que a esfera empresarial emergiu

como um ambiente específico de coerções segundo uma lógica particular, vindo a confirmar que é a esfera de atividade que dá conta da realidade plural da atividade humana. Além disso, o número significativo de novas e recorrentes práticas comunicacionais evidenciadas nessa esfera também veio reiterar o pensamento do autor, em especial, quando afirma que " A riqueza e a diversidade dos gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gênero de discurso que cresce e diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo" (BAKHTIN, 2003, p.262).

4.3 O GÊNERO RELATÓRIO DE ATIVIDADE E XTERNA

> [...] Quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas. O objeto de trabalho sendo, pelo menos em parte, descrito e explicitado, torna-se acessível a todos nas práticas de aprendizagem de linguagem. (SCHNEUWLY & DOLZ)

O contato com as empresas permitiu verificar que alguns gêneros de circulação demonstram maior relevância e gozam de maior prestígio que outros. Requerimento, Memorando, Carta Comercial são gêneros frequentemente produzidos nas empresas, mas, na maioria das vezes, elaborados a partir de formulários previamente prontos, e sua produção não requer de seu redator uma reflexão mais apurada em termos de posicionamento e argumentos. Dessa forma, conforme já dito, optou-se pela análise do gênero Relatório de Atividade Externa em razão não só dos motivos abordados na seção anterior, mas também por representar gênero ainda pouco explorado como objeto de estudo. Acredita-se que dar ao aluno condições de aprimorar sua habilidade de relatar seja de atividades de estágio, treinamento ou visita técnica permitirá a ele desenvolver mecanismos capazes de produzir gêneros afins em sua futura esfera de atuação, a empresarial. Além disso, tomar como base a análise de produções que efetivamente estão emergindo na esfera empresarial sob a perspectiva de gênero, em especial sob a perspectiva de gênero discursivo, pode fazer diferença significativa para a qualidade de ensino, na educação profissionalizante.

De acordo com os entrevistados, relatar é atividade recorrente e indispensável na empresa, representando não apenas um prestar de contas, mas um refletir sobre o próprio agir e sobre as futuras decisões a serem tomadas pela companhia. Os relatórios que circulam nas empresas são dos mais diversos tipos e recebem diferentes nomenclaturas: relatório de atividade, relatório de treinamento, relatório de visita técnica, relatório de auditoria, relatório de sustentabilidade, relatório financeiro, relatório de projeto, relatório técnico, relatório de pesquisa, entre outros. Aspecto interessante também observado foi o fato de o gênero Relatório estar presente em diferentes segmentos da empresa, ou seja, ser produzido tanto

pelo operário, no caso, o citado Diário da Obra, na empresa de Engenharia, como produzido por representantes elevados da empresa, no caso do Relatório de Sustentabilidade – verdadeiros livros encadernados, com belas imagens, com o objetivo de mostrar para sociedade de forma geral o sucesso da empresa, ou ainda o Relatório de Gestão – descrição das principais atividades da empresa e prestação de contas, também produzido anualmente. Visando objetividade e relevância, optou-se pela análise de relatórios que abrangessem atividades de treinamento ou visita técnica, ou participação em cursos , ou seja, o que normalmente, nas empresas, os funcionários têm produzido em termos de escrita sobre sua participação em eventos realizados externamente à empresa. Acredita-se que a análise do gênero, aqui, denominado de Relatório de Atividade Externa, venha contemplar, ainda que de forma indireta, outras modalidades do gênero Relatório na esfera empresarial.

O estudo a ser apresentado a seguir, conforme já mencionado anteriormente, tomou como base principal a análise de entrevistas a elaboradores de relatórios em empresas e exemplares desse gênero extraídos da Internet. As entrevistas concedidas por representantes das empresas também sustentam as reflexões aqui levantadas. Todo esse material encontra-se nos anexos B e C e dele foi omitido, por questões éticas, o nome dos entrevistados, assim como das empresas visitadas conforme acordado no Termo de Consentimento Autorizado Esclarecido, documento de posse da pesquisadora, assinado pelos entrevistados e apresentados como modelo no anexo A.

Dos 12 exemplares de Relatórios de Atividade Externa, extraídos da Internet, apenas 4 encontram-se em anexo e servem como exemplificação das análises levantadas. Deles também foram omitidos dados de identificação, conforme conduta geral da pesquisa.

4.3.1 Instância Situacional

A presente análise tem como objetivo descrever as condições de produção, recepção e circulação do gênero Relatório de Atividade Externa na esfera de atividade empresarial. Acredita-se que o que constitui um gênero é sua ligação com a situação social e não apenas suas propriedades formais. É a esfera, de acordo com suas especificidades, que vai configurar a formação de novos gêneros

que irão atender as necessidades comunicacionais da área. Assim, verificar as condições que fazem emergir o gênero em termos de finalidade, espaço, tempo, locutor/interlocutor, tema, com intuito de apreender as especificidades da esfera de atividade, no caso, a empresarial, torna-se imprescindível em um trabalho de base enunciativo-discursiva. Ainda que as categorias de análise se prendam a noções´, ou melhor, utilizem designações evidenciadas pelas outras tendências que não a dialógica, em sua essência, o que se busca é contemplar a dimensão extraverbal da linguagem, defendida pelo Círculo bakhtiniano, fundamentada em capítulo anterior. O objetivo é trazer à tona a situação enunciativa e a vontade enunciativa do locutor de forma a evidenciar a esfera de produção do gênero em estudo para depois, em instância posterior, buscar as marcas linguísticas que refletem no enunciado esses aspectos da situação.

As reflexões levantadas resultam não só da observação nas empresas e da análise de material coletado, mas principalmente das entrevistas concedidas pelo pessoal responsável das empresas e pelos produtores de relatórios (Anexos B e C). Além disso, cabe reiterar que as considerações levantadas tomaram emprestados conceitos e noções da proposta retórica de Swales (1990), assim como da proposta sociodiscursiva de Bronckart (2003), fundamentadas em capítulo anterior. Do primeiro autor, toma-se emprestada principalmente a noção de propósito comunicativo, no sentido de considerar que todo gênero tem um ou mais objetivos e é ele que motiva a ação. Além disso, o autor acredita que o conhecimento do gênero, do qual depende de conhecimentos além daqueles relevantes ao próprio texto, é uma ferramenta primordial para quem trabalha com textos em situações profissionais.

De Bronckart (2003), toma-se emprestada a noção de contexto de produção, em especial a crença de que quando o agente produtor se engaja numa ação de linguagem, ele mobiliza uma série de representações – relativas ao momento de produção, lugar de produção, ao locutor e interlocutor – que se constituem como base de orientação para as decisões que serão tomadas em relação à produção de texto. Para o autor, o contexto de produção é definido como o “conjunto dos parâmetros que podem exercer uma influência sobre a forma

como um texto é organizado"[42] (BRONCKART, 2003, p.93). Assim, trazer à tona os objetivos, as circunstâncias que motivaram a produção do gênero em estudo e os parâmetros que influenciam na produção do Relatório de Atividade Externa representa compreender de forma mais consistente o funcionamento do gênero em estudo, em consequência, ter condições de oferecer uma prática pedagógica fundamentada, capaz de orientar os futuros profissionais em suas interações comunicativas. Cabe ainda lembrar que, embora o presente estudo apoie suas categorias de análise em noções propostas por Swales e Bronckart, em função principalmente do caráter de aplicabilidade ao ensino, não se pode perder de vista que o presente estudo tem como base teórica nuclear a perspectiva dialógica de base enunciativo-discursiva, a qual concebe à esfera um papel preponderante na compreensão do gênero. As categorias aqui definidas funcionam como meio capaz de adentrar na esfera de atividade e descrever de forma mais efetiva seu funcionamento. O que, na verdade, a presente instância se propõe é tentar concretizar aquilo que Bakhtin chamou de dimensão extraverbal do enunciado, ou seja, a dimensão social composta pela situação e pelo auditório, noções essas fundamentadas no capitulo anterior. Além disso, vem contemplar também as noções de *projeto discursivo* e *endereçamento*, as quais emergem frequentemente em meio às reflexões bakhtinianas.

Partindo das reflexões apresentadas em capítulo anterior, em especial na seção *Especificidades da esfera empresarial* e das observações feitas a partir do contato direto com empresas das áreas de estudos afins, foi possível verificar que uma empresa é efetivamente um sistema integrado de partes que visa a atingir objetivos em comum. Caracteriza-se por desenvolver uma atividade, produzir e oferecer bens de consumo, atendendo a necessidades humanas. E, apesar de ela hoje possuir um perfil diferente de há algum tempo atrás quando, então, as relações hierárquicas eram mais bem marcadas, as tecnologias de informação inexistiam e os programas de qualidade eram raros, as empresas ainda hoje são movidas pelo lucro. Certamente que o lucro não é hoje fator único e central visado pela empresa,

[42]O contexto de produção, segundo Bronckart, é formado pelo Mundo Físico (lugar de produção, momento de produção, o emissor, o receptor) e pelo Mundo Social (lugar social, posição social do emissor e do receptor, objetivo da interação). O autor faz também referência ao Mundo Subjetivo como aquele que compreende a imagem que o agente-produtor dá de si ao agir, sua auto representação e a imagem que faz do outro. A presente pesquisa apenas se apoia nas noções levantadas para descrever o contexto de produção da empresa em que o gênero relatório, objeto de estudo, é produzido.

mas é indispensável no sentido de garantir a viabilização de sua permanência. Hoje investir na humanização das empresas e na adoção de práticas comunicacionais eficientes são, dentre outros, fatores indispensáveis para a sua manutenção e sucesso. E no que diz respeito às práticas comunicacionais foi unânime, por parte dos produtores de relatórios, afirmar que a comunicação é hoje uma das maiores preocupações das empresas, fazendo com que constantemente estejam desenvolvendo mecanismos capazes de permitir com que as informações atinjam o maior número de funcionários, de forma clara e eficiente. Os excertos abaixo, retirados de entrevistas concedidas pelos funcionários redatores de relatório, confirmam tal posição

> PR3: Uma das dificuldades que nos enfrentamos é isso aqui, o pessoal saber organizar a informação. A tendência é sempre desorganizar, a gente tem que jogar duro assim, tem que saber lidar com a informação. As pessoas se perdem, têm dificuldade de comunicação porque não dizem as mesmas coisas. Por exemplo, o estudante faz uma planta baixa e ele coloca planta baixa 1, planta baixa 2, planta baixa nova, aí tem a super nova, a última, a definitiva. E qual é a última? É a última ou a definitiva? Até agora eles me disseram que a última é a que eles escreveram a palavra "Graças a Deus" porque daí é a última mesmo. (Anexo B3)

> PR3: A comunicação é hoje uma das grandes preocupações das empresas. As empresas crescem de maneira muito rápida e fazer com que as informações cheguem de forma correta aos funcionários é hoje um grande desafio. Existem inclusive projetos que estamos tentar implementar aqui como PMO [Project Management Office] que trata de melhor gerenciamento de projetos, porque a empresa hoje trabalha por projeto, e a base dessa melhoria, digamos assim também tá na comunicação, na boa comunicação, o colega muitas vezes não sabe o que o outro colega está desenvolvendo e isso é um problema ...(Anexo B3)

> PR1: Não tem como fugir, hoje é uma coisa assim, aliás aqueles que melhor se relacionam e se comunicam são os que mais evoluíram dentro da empresa. Tanto oralmente quanto na escrita. Acho que isso aí seria um grande aprendizado. (Anexo B3)

Na busca constante por uma comunicação capaz de informar experiências realizadas e orientar condutas, o relatório ocupa, dentre outras produções escritas, um lugar de destaque, conforme já fundamentado em seção anterior. Segundo a ABNT, o relatório é um documento no qual se expõe minuciosamente o desenvolvimento de "um ato ou de uma incumbência, o desempenho de uma comissão, o andamento de uma investigação, a evolução de

um empreendimento comercial, industrial ou financeiro, etc." (ABNT P-TB-49/67). O contato com as empresas e as entrevistas concedidas revelaram, no entanto, que esse conceito é limitado e restrito, não dá conta da dimensão do que representa efetivamente o relatório na empresa. A finalidade comunicativa do relatório não é apenas expor ou descrever uma atividade, tal produção traz consigo outras intenções comunicativas. Da fala dos entrevistados foi possível depreender outros propósitos comunicativos[43], dentre os quais destacam-se

1) Registrar/documentar uma experiência como forma de organizar um acervo de informações e manter o pessoal informado

> PR1: a empresa só se movimenta por causa de relatório, a gente não consegue verbalizar tudo que faz, não temos nem tempo de nos comunicar com todo mundo, não teríamos tempo de estar fazendo reunião e falando, falando... Acho que tudo, tudo funciona a base de relatório, até para ter uma coisa oficial, se não fica tudo, ... eu fiz, eu fiz, eu fiz, e aí eu saio da empresa e ninguém fica sabendo, o que foi feito... tu tens uma responsabilidade, tá o teu nome ali, tu tá encaminhando aquilo ali, não tem como ser alterado. ... tu crias um acervo de informações também, para aquelas pessoas, que entrarem na empresa, não repetirem os mesmos erros, não fazerem as mesmas pesquisas ou até continuarem aquilo que estava positivo.e ele dá um histórico pra empresa, a empresa fica com tudo documentado, tudo que foi criado, é um forma de tu.. quantificar as tuas atividades... (Anexo B3)

2) Fiscalizar/avaliar atividades com intuito de deliberar atividades afins e dar continuidade ao processo.

> PR2: Aqueles [relatórios] que eu faço pra a empresa X... eu faço uma vistoria técnica da obra. A X tem um setor lá que é de liberação de dinheiro, onde eles fazem então uma medição, a medição é para ver se aquilo que a construtora se comprometeu a executar no sentido quantitativo foi executado. O meu é qualitativo. Pra ver se aquilo que ela se comprometeu a executar está executado de acordo com o que era planejado, no sentido qualitativo, isso é o que eu faço. Então ali aparecem coisas que foram bem feitas, então eu tenho uma lista de verificação, aonde tem todos aqueles itens que eu mandei pra ti... (Anexo B3)

[43] A noção de propósito comunicativo, apesar de sofrer modificações ao longo da teoria, é aspecto significativo na perspectiva de Swales (vide seção 1.1.3.3) e embasa o modelo de análise do autor, denominado CARS, o qual procura explicitar os movimentos retóricos que compõem o gênero. Acredita-se que essa proposta vem contemplada em enfoque posterior, denominado linguístico-textual.

3) Orientar tomadas de decisão

> PR1: Decisões gerenciais são tomadas baseadas nos dados descritos nos relatórios. Portanto, a relevância dos relatórios na empresa pode ser definida como um registro de dados e fatos, que enfatizam o passado, o presente ou até mesmo as tendências para o futuro. Eu acho que é fundamental, porque baseado nele [relatório] tu tem dados, tu tem informações, e tu vai poder fazer as tomadas de decisões. Se tu não tem informações tu vai decidir em cima de quê? É a mesma coisa na questão de um relatório de treinamento, daqui a pouco tu encaminhou algumas pessoas. Aí se tu viu que não houve o aproveitamento, tu não vai mais fazer investimento naquele treinamento ali, de repente tu vai buscar outras pessoa, mais qualificadas, outras instituições, para oferecer a qualificação que tu busca. Na verdade relatórios, dados, informações são importantíssimos para as tomadas de decisões, tu direcionar o caminho da empresa e tudo mais. (Anexo B3)

Conforme os entrevistados, o relatório ocupa papel importante dentre os documentos produzidos pela empresa, estando vinculado à maior parte das atividades desenvolvidas. É percebido como atividade vinculada a ações anteriores e posteriores, ou seja, ao mesmo tempo que resulta de uma experiência vivenciada vai originar outras dentro do processo.

Certamente que outras percepções sobre a finalidade do relatório emergeriam se mais vozes fossem ouvidas, isso não impede, no entanto, de se afirmar, a partir dessa análise, que nele estão embutidas atividades como a de registrar/documentar informações, fiscalizar atividades, orientar tomadas de decisão e não apenas a de expor ou descrever um atividade conforme evidencia grande parte da literatura da área técnica. Produzir relatórios em essência representa significar a atividade, refletir sobre a experiência vivenciada com vistas a contribuir para a viabilização do empreendimento e o sucesso da empresa.

Chama-se ainda a atenção de que as finalidades comunicativas evidenciadas acima foram reconhecidas pelos diversos entrevistados, o que vem a confirmar as palavras de Swales (1990), quando afirma que “um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Tais propósitos são reconhecidos pelos membros

especialistas da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões (*rationale*) para o gênero" (SWALES, 1990, p.58).

No que tange à segunda categoria, referente a temas ou assuntos tratados de forma recorrente no gênero, foi possível verificar que cada área tem suas especificidades temáticas, as quais, por questão de objetividade, não cabem serem aqui citadas, já que remetem a situações particulares, abrangendo conhecimentos específicos. É possível, no entanto, fazer algumas generalizações mais abrangentes relacionadas principalmente àquilo de que normalmente tratam os relatórios. A análise dos exemplares de Relatórios de Atividade Externa revelou que comumentemente emergem, nesse gênero, assuntos relacionados a: conhecimentos e/ou técnicas adquiridos, apresentações de trabalhos/experimentos, contatos estabelecidos, acordos firmados, avaliações/vistorias executadas, entre outros. Alguns relatórios centram–se em apenas um desses aspectos, outros mencionam mais de um de forma concomitante. Nos excertos abaixo, é possível verificar, a partir dos objetivos levantados nos exemplares de relatórios, os assuntos/temas de que tratam essas produções.

> O objetivo da viagem foi **representar o Brasil** no International Workshop: Enhancing Metal in Emerging Markets, realizado em ... (Anexo C4)

> Este relatório trata de uma viagem ao Vale do Iuiu, município de Palmas... onde **participamos ativamente de um Encontro** sobre algodão herbáceo... onde **apresentamos a comparação entre dois sistemas de produção...** (Anexo C2)

> O presente relatório tem por objetivo **apresentar os resultados da missão técnica à Alemanha** realizado por tendo como ponto principal a participação na feira Internacional I.M.B.... (AnexoC1)

> O presente relatório tem como objetivo **evidenciar a participação da empresa** X no evento y evento que permitiu **estabelecer o "networking", abrindo perspectivas importantes de estar em contato direto e efetivo com o que há de mais avançado** no mundo, em termos de avanços tecnológicos de pesquisa e de desenvolvimento... (Anexo C4)

As empresas têm a necessidade de estarem constantemente se atualizando, acompanhando as transformações do mundo externo e introduzindo em suas atividades formas capazes de garantir sua viabilização. Nesse sentido, faz

parte da sua prática a troca de informações, de experiências com o mundo exterior, o que exige, em consequência, a produção de relatórios que visem a registrar, informar e refletir sobre a experiência vivenciada. Portanto, a exposição de conhecimentos adquiridos, a apresentação de técnicas e experimentos realizados, a descrição de espaços visitados e de novos equipamentos , o estabelecimentos de contatos, de acordos e intercâmbios são alguns dos principais assuntos tratados nesse tipo de produção escrita.

No que diz respeito à terceira categoria, espaço de circulação do relatório, foi possível verificar que diferentes instâncias da empresa produzem e recebem relatórios, já que significar e registrar atividades desenvolvidas é prática geral da empresa. Normalmente os relatórios produzidos por um determinado setor são enviados ao superior imediato e circulam dentro desse mesmo setor, podendo, dependendo da circunstância e relevância, serem dirigidos a instâncias mais altas. De acordo com os entrevistados, a maior parte dos relatórios, em especial os de Atividade Externa, são veiculados eletronicamente, via intranet, tendo acesso a ele, pelo menos num primeiro momento, apenas o superior imediato. Os depoimentos abaixo reiteram tal posição.

> PR1:[Sobre quem faz relatório na empresa]. A direção faz relatórios, as gerências fazem relatórios, os responsáveis fazem relatórios, as pessoas diretamente envolvidas no processo fazem relatórios. Porque por exemplo, quando tiver uma falha, qualquer um pode registrar essa falha especifica, tem formulário específico, todos são treinados, orientado a como devem preencher[sobre quem tem acesso aos relatórios] claro, daqui a pouco a pessoa está preenchendo e tem algum colega do lado e que ela pode estar vendo o que ela preencheu, mas não que seja função do colega ver, na verdade é mais a nível gerencial e de responsáveis mesmo. (Anexo B3)

> PR3:Não, a principio as outras pessoas não têm acesso ao relatório. É bem como eu te digo, é pra quem vai avaliar aquele treinamento, avaliar se ele foi eficaz, se ele não foi eficaz... (Anexo B3)

> PR1: Normalmente todo mundo faz, nas diferentes instancias. É claro que os relatórios mais qualificados são dos pesquisadores, que é uma atividade afim. As atividades meio, que são aquelas pessoas da área de administração ou da área de apoio, elas fazem relatórios para te fomentar alguma coisa de base, mas não há necessidade de serem coisas muito elaboradas [...] Até um estagiário, ele vai ter acesso à empresa e tem que fazer um relatório de conclusão final. Mesmo que ele fique um mês lá [...], tem o registro dele no SRH [...], que chamam de gestão de pessoas, recursos humanos. Ele faz uma solicitação para fazer o estágio e depois faz um relatório, de forma simples e objetiva... [Sobre quem recebe o relatório

> de viagem] Sim, depende do tipo de relatório. No caso do relatório de viagem, em alguns casos envio para o meu chefe daqui, mas quando se trata deu uma viagem ao exterior, como a viagem à África, eu tenho que fazer um relatório para o chefe da empresa x em Brasília. [Sobre quem tem acesso ao relatório] Não, não é muito aberto não. Normalmente fica entre o pesquisador, o funcionário e seu chefe. (Anexo B3)

As afirmações mencionadas evidenciam o quanto é abrangente e recorrente a produção do relatório na empresa, já que é realizado *por* e *em* diferentes instâncias da esfera. Tomar conhecimento de aspectos relativos ao espaço e meio de circulação representa expandir representações acerca das condições de produção do gênero em estudo.

Em relação à categoria Momento de produção, que diz respeito à periodicidade da produção de relatórios, foi possível constatar que esse aspecto varia de acordo com o tipo de relatório a ser produzido. Há relatórios que são considerados de rotina e seguem datas e prazos definidos, como no caso de vistorias técnicas, ou de avaliação de pessoal. Outros, porém, como no caso dos Relatórios de Atividade Externa, não apresentam periodicidade definida. Segundo os entrevistados, esses relatórios são produzidos de acordo com a necessidade e o interesse da empresa, apresentando grande variabilidade.

> PR1: O relatório técnico já te falei que é trimestral, tu é obrigado a fazer 4 vezes por ano. Essas viagens mais rotineiras, quando tu vai visitar um produtor, colher alguns experimentos a gente não tem mais relatado, porque espera-se que esteja dentro do planejamento do projeto. Isso às vezes muda de direção para direção. Mas atividades extras que se faz, de outros contatos, de reuniões importantes, assim, de visitas a áreas mais representativas ou viagens mais distantes aí se faz rotineiramente.acho que faço uns 4 relatórios por mês, depende o fomento, fui a Porto Alegre na reunião setorial do arroz, cheguei da reunião e já fiz o relatório pro meu chefe, e coloquei um anexo também o que tinha sido tratado ... pra ter um retorno daquela atividade. Agora fiz outro relatório, fomos a Livramento semana passada, foi em outro momento, aquilo ali nos estávamos participando de um programa de desenvolvimento sustentável da bacia do rio Santa Maria. Então envolve diferentes municípios, ficou sob nossa incumbência determinadas tarefas, ai eu relatei a minha chefia que estávamos comprometidos com varias tarefas. É o tipo de relatório que foi feito porque não tava dentro de uma posição de projetos. Agora ontem o pessoal foi colher em Santa Vitória o arroz não vai ter relatório nenhum [...], porque vai dizer que foi colhido, aí é uma coisa muito simples já está dentro de uma atividade da proposta, mesmo tendo uma viagem não há necessidade de fazer relatório. (Anexo B3)

> PR1: É, esse daí [relatório de viagem/treinamento/ visita técnica] a gente poderia considerar, talvez, a cada 2 meses digamos. Não tem uma periodicidade porque é quando acontece, porque às vezes tu até quer encaminhar uma pessoa para um treinamento e não fecha a turma, aí o treinamento é cancelado, no SEBRAE mesmo tem muito essa situação, no SENAC também acontece muito isso aí, olha, não fechou turma não adianta, não tem o treinamento. .. (Anexo B3)

Na verdade, especificar momento ou ainda a periodicidade da produção do relatório é aspecto bastante complexo, já que cada empresa tem suas normas, regras e condutas próprias. Tomar ciência dessas condições, sem dúvida, está relacionado à inserção e à interação do indivíduo à realidade da empresa da qual fará parte. Nesse sentido, é oportuno afirmar que não se pode ter a pretensão aqui de descrever de forma exaustiva e completa o contexto de produção do gênero em estudo, a intenção é apenas de uma descrição aproximada, já que cada realidade é única e tem suas especificidades de produção. Nesses termos, lembra-se Bronckart (2003) quando afirma que "os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações sociais diversas em que atuamos" (BRONCKART, 2003, p. 43). E é com base nesses conhecimentos que o produtor adota um gênero particular que lhe parece ser o mais adequado a determinada situação. Esse processo, entretanto, quase nunca é uma simples reprodução de modelos de gêneros disponíveis. "Se obrigatoriamente tomamos um modelo preexistente à determinada ação de linguagem, entretanto, quase nunca, o resultado vai ser uma reprodução exata desse modelo. Dado que as situações de ação de linguagem, pelo menos em parte, são sempre diferentes, o produtor vai sempre adaptar o gênero aos valores particulares da situação em que se encontra" (BRONCKART, 2003, p. 57).

No que tange à categoria locutor/interlocutor, é possível afirmar que a produção e recepção desse gênero está presente nos diversos setores da empresa, envolvendo pessoal de diferentes posições, cargos ou funções. É, conforme já dito, na grande maioria das vezes, emitido a alguém de uma instância superior, seguindo, portanto, uma hierarquia determinada pela empresa. Nesse sentido, há, portanto, entre ambos, locutor e interlocutor sempre uma relação distinta de poder. Ao locutor cabe um papel de prestador de contas, de alguém incumbido de determinada tarefa pela qual deve responder; ao interlocutor cabe o papel de avaliador, de alguém que vai julgar a experiência e conceder ou não relevância a ela. Na tentativa de atingir

seus objetivos, o locutor utiliza uma série de recursos e mecanismos linguísticos, estilísticos e pragmáticos de forma a ir ao encontro daquilo que é esperado pelo seu interlocutor. Dentre os aspectos mencionados pelos entrevistados, algumas marcas referentes à relação estabelecida entre locutor e interlocutor do relatório, merecem destaque: utilização de linguagem formal, respeitosa, e com correção, uso de expressões de polidez, preferência pelo uso de terceira pessoa "a empresa/ o grupo" ou pelo uso de primeira pessoa do plural "nós"; pressuposto de que o interlocutor tenha conhecimento de informações técnicas; menção à conduta de disponibilidade para possíveis esclarecimentos. O excerto abaixo reitera a afirmação

> PR1:Tem que ter clareza, né? Tem que ter, como se diz, uma certa hierarquia né, na forma de apresentar os dados, não vai falar de forma vulgar, numa linguagem popular, tu utiliza uma linguagem técnica, mais formal... Existe um formalismo, acho que não tem como fugir disso. Nunca uso a primeira pessoa. O "nós" se usa, fomos a tal objetivo, participamos de tal reunião, sempre na forma, não no singular. E de forma respeitosa ao superior né, prezado senhor, chefe, atenciosamente, cordialmente, coloco-me a disposição para esclarecimento, sempre tem uma finalização e uma proposição em aberto para que a gente possa se manifestar em outro momento. Não se fecha relatório com definitivamente, finalizando ele assim, a gente sempre coloca, pois sempre falta alguma informação, a gente pensa que colocou, mas às vezes não fica claro pra quem tá lendo, e a gente deixa em aberto para que qualquer outro questionamento quase fizer necessário, que se coloque a disposição. Mas não é informal, não é chegar e dizer assim deu certo, valeu, tchau. (Anexo B3)

Permitir ao aluno ter a consciência de que o relatório numa empresa não tem apenas a finalidade de descrever uma atividade, mas, além disso, a de orientar tomadas de decisão importantes dentro de um empreendimento, a de manter seus funcionários bem informados, a de organizar seu acervo histórico , a de fiscalizar e controlar atividades dentro de um processo mais complexo é, sem dúvida, fazer com que o futuro profissional amplie sua visão de atuação e, em consequência, assuma um outro papel diante de sua produção escrita - um papel não apenas de contador ou narrador de um feito, mas de alguém que significa, reflete e se posiciona diante um fazer. Com essa postura, sua conduta não se limitará apenas a descrever de forma pormenorizada os detalhes da atividade, mas a de utilizar mecanismos capazes persuadir seu destinatário e atingir seus objetivos. Conceder informações referentes a *quem, como, quando, onde e por quem* o relatório normalmente é produzido na empresa é permitir ao futuro profissional construir "parâmetros que

podem exercer uma influência sobre a forma como um texto é organizado" (BRONCKART, 2003, p. 93) ou ainda perceber o gênero como *ferramenta semiótica*[44] (SCHNEUWLY, 1994, p.160) capaz de permitir ao indivíduo realizar *ações* de linguagem nas *atividade* sociais de linguagem[45].

O que se pretendeu fazer aqui nesse enfoque parece ir ao encontro do que propõe Motta-Roth (2006) quando afirma que

> o aluno de Língua Materna precisa aprender a agir em diversas situações de interação social, especialmente aquelas em que a interação se dá por intermédio do texto escrito. Sabemos falar português, mas, muitas vezes, não sabemos o que dizer por não sabermos como agir em uma dada situação, que papel é estipulado para nós e para os outros, que tipo de relações estão pressupostas. No caso da língua escrita, a dificuldade fundamental talvez seja de levar o aluno a lembrar ou projetar um contexto em que ele precisa escrever para realizar coisas. O ensino de produção textual em Língua Materna, portanto, deve passar por desconstrução e análise do contexto, da situação comunicativa, para que o aluno possa perceber a configuração social de um momento e como a língua como sistema sócio-semiótico constitui esse momento... Como educadores da linguagem, devemos ampliar a perspectiva do aluno sobre situações vivenciáveis por ele. Em outras palavras, devemos ampliar o leque de possibilidades de experiências, trazendo o mundo para a sala de aula e levando o aluno a vivenciar o mundo "lá fora". (MOTTA-ROTH, 2006, p.498)

Para finalizar, cabe ainda dizer que a descrição e a reflexão realizadas nada mais significa do que a atualização dos princípios bakhtinianos da linguagem, vindo a confirmar, dentre as diversas reflexões do Círculo, a de que "... a enunciação é de natureza social. Ela será determinada pelas condições reais de enunciação em questão, isto, é, antes de tudo pela situação social mais imediata" (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 2006, p. 117-118). Assim, o que se pretendeu foi contemplar, ainda que parcialmente, a dimensão extraverbal da enunciação, proposta pelo Círculo e respaldada em capítulo anterior. Aspectos relacionados ao projeto enunciativo em termos de finalidade, espaço, tempo, tema, endereçamento foram trazidos à tona com intuito de avançar na compreensão do gênero em estudo, Relatório de Atividade Externa. As designações utilizadas, assim como

---

[44] Schneuwly, linguista genebriano, desenvolve, assim como Bronckart, estudos sob a perspectiva do ISD (vide seção 1.1.3.3) O autor de base vygostskiana afirma que a atividade humana é tripolar, envolvendo um sujeito que age sobre objetos e situações, utilizando objetos específicos, socialmente elaborados que são ferramentas para a ação. O autor considera que os "gêneros se constituem verdadeiras ferramentas semióticas complexas que permitem que realizemos ações de linguagem, participando das atividades sociais da linguagem: Visivelmente há um sujeito, o falante enunciador, que age linguajeiramente (falar/escrever) em uma situação definida por uma série de parâmetros com a ajuda de uma ferramenta que aqui é o gênero, uma ferramenta semiótica complexa" (SCHNEUWLY, 1994, p. 160)

[45] A distinção conceitual entre atividade e ação é significativa dentro do quadro do ISD (vide seção 1.1.3.3)

algumas noções retiradas das demais propostas sobre gênero foram utilizadas apenas como apoio, considerando principalmente o caráter didático da pesquisa, em especial sua pretensão de aplicabilidade em sala de aula. Levar para sala de aula nomenclaturas do tipo *projeto enunciativo, endereçamento, visão enunciativo-discursiva* talvez conceda um caráter formal e distante ao estudo, já que são termos que não fazem parte do vocabulário ativo dos estudantes da Educação Profissional e do alunado egresso da educação básica em geral. A essência da análise, no entanto, não perdeu de vista princípios referentes ao dialogismo, às noções de esfera de atividade, gênero discursivo, enunciado, enunciação, projeto enunciativo, endereçamento, próprias da teoria dialógica em sua ampla concepção enunciativo-discursiva da linguagem.

4.3.2 Instância Composicional

Conforme proposto em capítulo anterior, referente à metodologia da pesquisa, este segmento tem como preocupação central pôr em evidência padrões de organização textual e escolhas léxico-gramaticais recorrentes do gênero em estudo, os quais assumem significação própria decorrente da esfera em questão. Em sua essência vem confirmar que “os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2003, p. 261). Considerando que a proposta de Bakhtin não tem a princípio fins pedagógicos, este estudo, conforme já mencionado, apoia-se em alguns conceitos oriundos da perspectiva semiótica de base funcionalista, em especial a de Hasan (1994), no sentido de evidenciar o quanto a materialidade da língua/texto tem relação com seu contexto de produção. Evidenciar a EPG (Estrutura Potencial do Gênero), denominada *Descrição dos padrões de organização textual*, representa trazer à tona elementos estruturais de uma atividade, os quais estão todos engajados para a realização e finalização de uma atividade mais ampla. Em termos pedagógicos, acredita-se que esse exercício de análise contribui significativamente para orientar a seleção e a organização de

padrões de uso da linguagem em esfera específica de atividade, neste caso, a esfera empresarial, da qual os alunos mais adiante farão parte.

Cabe repetir aqui que, na instância anterior, denominada Instância Situacional, procurou-se contemplar o princípio da Configuração Contextual (CC), conceito também apresentado por Hasan. Acredita-se estarem ali incluídos aspectos relacionados a *campo*, *relação* e *modo* propostas pela autora. A razão pela qual não se segue Hasan de modo exaustivo, também justificado anteriormente, diz respeito não só ao fato de se incluir outras especificidades no contexto de situação, mas principalmente ao fato de não se concordar numa correspondência recíproca e fiel entre texto e contexto, como parece propor a autora. A intenção, ao trazer à tona elementos da situação, não é comprovar que o contexto determina o texto, mas de compreender a constituição e o funcionamento do texto a partir de seus elementos contextuais. Além disso, o caráter maior da pesquisa é de cunho pedagógico e, nesse sentido, centralizar-se no estabelecimento da correspondência entre elementos obrigatórios e opcionais do texto com as variáveis do contexto, como propõe a autora, parece ir além desse âmbito. O objetivo central é criar condições de instrumentalizar o aluno de maneira a levá-lo a interagir na sociedade quando situação semelhante ocorrer novamente.

Antes de apresentar a *Descrição dos padrões de organização textual,* primeira categoria de análise, caracterizada previamente, chama-se a atenção dos elementos denominados de paratextuais, os quais referem-se a informações que vão além do texto, ou seja, ampliam e facilitam a compreensão do texto, adicionadas ao seu corpo. Dentre eles, foram verificados, no gênero em estudo: logotipo da empresa, capa, nome do documento, sumário, referências bibliográficas, anexos, fotografias e assinatura. Apenas o nome do documento, no caso, Relatório de Viagem ou Relatório de Visita Técnica foi verificado em todos os exemplares, caracterizado assim como elemento obrigatório do gênero, os demais são opcionais e obviamente vão depender de diversos fatores relacionados ao contexto de produção do gênero.

A *Descrição dos padrões de organização textual* do gênero Relatório de Atividade Externa técnica tomou como base a análise de 12 relatórios, produzidos por empresas das áreas em estudo, os quais representam o *corpus* do presente estudo. Por questões de espaço, apenas 4 foram transcritos e serviram como exemplificação, estando evidenciados e anexados no final do trabalho (Anexo C).

Optou-se pelos termos *movimentos* para referir-se à atividade retórica mais ampla e abrangente do gênero e pelo termo *passos* para referir-se a atividades de caráter mais específico dentro de cada movimento. Cada um deles será caracterizado como sendo ou obrigatório - aquele que está presente em todos os exemplares, ou opcional - aquele que pode estar presente ou não no texto. Além disso, poderá apresentar caráter de recursividade, no sentido de ocorrer mais de uma vez no texto e de ordenação fixa/variável, remetendo à posição ou lugar no qual emerge no texto. Cabe reiterar que não é objetivo da pesquisa exaltar a reciprocidade entre o contexto e o caráter de obrigatoriedade ou opcionalidade, recursividade e ordenação de cada estágio, mas de levantar um leque de possibilidades estruturais capazes de orientar os futuros aprendizes em sua prática comunicacional. Os movimentos e passos elencados foram abstraídos levando-se em conta o corpo do texto (em oposição aos elementos paratextuais) ainda que, muitas vezes, ele, o corpo do texto, tenha sido apresentado em subdivisões com títulos e subtítulos, como Introdução, Aspectos Relevantes, Assuntos Tratados, Recomendações Técnicas, Conclusão.

O quadro 18 apresenta a Descrição dos Padrões de Organização Textual do Gênero Relatório de Atividade Externa, seguido de devidas considerações.

Descrição dos padrões de organização textual do gênero Relatório de Atividade Externa

***Movimento 1**: **SITUAR O EVENTO OU A ATIVIDADE** (viagem, treinamento, visita técnica)*

Passo 1: Informar a finalidade do texto

Passo 2: Mencionar a data e o local da atividade realizada

Passo 3: Informar o objetivo da atividade

Passo 4: Fazer menção a patrocínio ou vínculo a projeto

Passo 5: Citar nomes de participantes/ pessoas envolvidas da empresa

Passo 6: Enfatizar relevância do evento, do local, e/ou de pessoas presentes

Movimento 2**: **DESCREVER AÇÕES REALIZADAS DE FORMA ORDENADA

Passo 7: Explicitar a ordenação/organização do relato

Passo 8: Caracterizar locais visitados/temas proferidos/ nome de palestrantes ou responsáveis

Passo 9: Selecionar e descrever conhecimentos/ técnicas adquiridos de forma fundamentada

Passo 10: Exaltar aspectos inovadores

Passo 11: Fazer referência a esclarecimentos realizados

Movimento 3: AVALIAR O EVENTO OU A ATIVIDADE

Passo 12: Retomar objetivo e informações importantes da atividade

Passo 13: Recomendar, desaconselhar a implementação na empresa dos conhecimentos, métodos ou técnicas adquiridos no evento, apresentando justificativas

Passo 14: Sugerir encaminhamentos efetivos a serem tomados pela empresa após a realização da atividade

Passo 15: Fazer agradecimentos

Passo 16: Disponibilizar material

Quadro 18 - Descrição dos Padrões de Organização Textual do gênero Relatório de Atividade Externa

A seguir, no quadro 19, apresentam-se exemplos retirados do *corpus* da pesquisa como forma de materializar os padrões textuais – movimentos e passos – sistematizados para o gênero em questão.

Movimento 1: SITUAR A ATIVIDADE			
Passo 1*: Informar a finalidade do texto* ***Passo 2****: Mencionar a data e o local da atividade realizada* ***Passo 3****: Informar o objetivo da atividade* ***Passo 4****: Fazer menção a patrocínio ou vínculo a projeto* ***Passo 5****: Citar nomes de participantes/ pessoas envolvidas da empresa* ***Passo 6:****Enfatizar relevância do evento, do local, e/ou de pessoas presentes*	O presente relatório tem por objetivo apresentar os resultados da missão técnica à Alemanha realizada pelos técnicos da Empresa X, Fulano, coordenador da área x e Sicrano, coordenador da área y, no período de 29 de abril a 05 de maio de 2000. A referida missão foi viabilizada pelo projeto X, tendo como ponto principal a participação na Feira Y na cidade de Colônia que é o maior encontro de expositores de equipamentos à indústria... reunindo os maiores fabricantes... A Missão Técnica foi composta por 7 integrantes x, y, z	Entre os dias 11 e 17 de setembro de 2005 viajei a Brasília, onde participei do Congresso de Direito Ambiental no qual foram abordados temas situados na análise da urbanização e as conseqüências no meio ambiente desse fato. A participação nesse evento faz parte da formação em conteúdo de políticas públicas, do projeto *Capacitação em Orçamento e Planejamento, do Programa Formação e Capacitação de Servidores*.	Este relatório trata de uma viagem ao Vale do Iuiu, município de Palmas de Monte Alto, Bahia, período de 8 a 13 de abril de 2002, patrocinada pela EBDA, onde participamos ativamente de um encontro sobre algodão herbáceo, cultivo de sequeiro, realizado na Fazenda Boa Sorte. ... foram cerca de 600 pessoas com destaque para o Excelentíssimo Senhor Secretário da Agricultura do estado da Bahia, Deputado x, deputados estaduais e vários prefeitos dos municípios do Vale do Iuiu.
Movimento 2: DESCREVER AÇÕES REALIZADAS DE FORMA ORDENADA			
Passo 7- Explicitar a ordenação/organização do relato **Passo 8-** Caracterizar locais visitados/temas proferidos/nome de palestrantes ou responsáveis **Passo 9** – Selecionar e ressaltar	Agenda do dia 29/05 – A programação deste dia foi uma visita a Escola Superior Técnica de Niederrhein... A universidade possui capacidade para	O evento teve conferências na parte da manhã, apresentação de trabalhos e painéis na parte da tarde e no período noturno grupos de formação da	A viagem envolveu o período de 8 a 13 de abril de 2002, tendo como dias efetivos o período de 9 a 12/04/02. Nos dias 9 e 10, ocorreu a organização das Estações ou

conhecimentos/técnicas adquiridos de forma fundamentada **Passo 10** – Exaltar aspectos inovadores **Passo 11** – Fazer referência a esclarecimentos realizados	800 alunos simultâneos... Essa entidade foi desenvolvida para atender a necessidade interna... Responsável técnica: Srª. x Durante a visita foi apresentado ao grupo a nova versão do software de modelagem na versão 8.0... O ponto mais interessante da visita não foi o processo em si, nem o nível tecnológico das equipamentos... mas descobrirmos que a grande maioria dos equipamentos constantes nos laboratórios eram fruto de contrato de parceirias que ... Agenda do dia 30/ 05... Agenda do dia 31/05..., Agenda do dia 01/06 ...	rede de planejamento e gestão ambiental e da Carta de Brasília e mini-cursos sobre Recursos Hídricos. Na conferência o primeiro tema foi sobre como ocorreu o processo de urbanização e... A inclusão social também foi um dos temas de conferência no evento, enfocando... Segundo um dos palestrantes, o professor x, “o espaço habitado são reflexos visíveis do pensamento...” Após esse procedimento, foi feita a pergunta Como melhorar o objetivo do programa? Para o ambientalista x, uma boa definição do programa é... Além das conferências houve uma série de apresentações de trabalhos acadêmicos que discorreram sobre... No final do evento foi apresentado uma Carta de Brasília,	estandes técnicos, que foram seis... No dia 11/04, o evento demorou de 10h às 15h, tendo sido ministradas 8 palestras com equivalência a 5 horas de transmissão de informações técnicas sobre a cultura do algodão...Na estação VI, que foi a nossa,ministramos as palestras enfocando os fatores de produção, os princípios mesológicos e evidenciamos o contraste entre uma lavoura onde se realizou o preparo do solo com a subsolagem e adubação, e uma onde não se realizou a descompactação nem a adubação, com diferenças significativas na produtividade ... No dia 12 a palestra foi repetida para um grupo de autoridades, duração de duas horas, destacando-se o Dr x, excelentíssimo Senhor Secretário de Agricultura do Estado da Bahia... vários deputados,

		confeccionada pelos participantes do evento. Foi criada uma rede de planejamento e gestão ambiental, na qual...	prefeitos, vereadores, além de técnicos e produtores, em um total estimado de 600 pessoas...
Movimento 3: AVALIAR O EVENTO/ A ATIVIDADE			
Passo 12- *Retomar objetivo e informações importantes da atividade* **Passo 13-** *Recomendar, desaconselhar a implementação na empresa dos conhecimentos métodos ou técnicas adquiridos no evento, apresentando justificativas* **Passo 14** – *Sugerir encaminhamentos efetivos a serem tomados ou acordados* ***Passo 15****- Disponibilizar material atividade* ***Passo 16****: Fazer agradecimentos*	Ter a oportunidade de participar desta missão foi para nós uma experiência irrefutável uma vez que os conhecimentos adquiridos durante sua realização são totalmente correlatos com as ações rotineiras de trabalho. Estar diante de uma realidade completamente diferente da qual estamos habituados, nos faz perceber do que muito do que nos fascinou é extremamente possível de ser implementado.... Esperamos aplicar os conhecimentos adquiridos neste curto espaço de tempo de modo a incrementar ... Desta forma entendemos que os objetivos propostos para esta missão e	Destaco alguns objetivos alcançados neste encontro, como o estreitamento das relações entre os gestores estaduais que elaboram e executam a política pública de Educação ambiental e ... O II Congresso Internacional em Planejamento e gestão ambiental será em Berlim,na Alemanha, no ano de 2007, na Universidade Técnica de Berlim. Para organizar e preparar o evento,haverá um seminário internacional em 2006, no Rio de Janeiro. Também há um CD com o resumo das apresentações do evento. Quem estiver interessado em adquirir poderá solicitar uma	Em função do excelente resultado obtido na Fazenda Boa Sorte, município de Palmas de Monte Alto, Vale do Iuiu, conclui-se que a validação tecnológica funcionou plenamente e o sistema de produção poderá ser adotado em toda a região de plantio de algodão do Vale Iuiu. Dessa forma, deve-se proceder ações que viabilizem o uso da subsolagem ou escarificação do solo, como medida de aumento de produtividade da cultura. Paralelamente, recomenda-se, com urgência, a reativação das pesquisas com algodão na região, em especial, na Estação Experimental Dep. Gercino Coelho, onde atualmente, tem-se a

	também aos de projeto de cooperação técnica Brasil x Alemanha; fortalecimento da competitividade das empresas de pequeno e médio porte no ramo da indústria têxtil e do vestuário foram alcançados, uma vez que... resultando na melhoria da qualidade dos nossos produtos ofertados e da competitividade das empresas clientes.	cópia desse CD que ficará disponível na Biblioteca x e outra cópia ficará disponível na área econômica e ambiental da ... O conteúdo deste CD está disponível na página x, no menu Y e submenu Zpara quem quiser acessar e conhecer os resumos dos trabalhos apresentados. Para complementar essas informações entrem em contato comigo.	centrevale, envolvendo as áreas do melhoramento genético e manipulação cultural.

Quadro 19 - Exemplificação dos Padrões de Organização Textual do gênero Relatório de Atividade Externa

De forma geral, a análise do *corpus* do trabalho revelou que os 3 movimentos sistematizados acima são estágios obrigatórios e ordenados do gênero em estudo, já que todos eles, no primeiro momento, procuram prestar informações básicas ao leitor sobre a atividade, no segundo momento, descrever de forma detalhada e fundamentada as ações realizadas e, no terceiro momento, avaliar a atividade. Em relação aos passos, pôde-se verificar que nem todos apresentam obrigatoriedade assim como não têm ordem fixa, ou seja, podem antecipar-se ou retardar-se, de forma variada, dentro de cada movimento. Além disso, alguns são recursivos podendo ocorrer mais de uma vez ao longo texto, conforme comentado de modo mais detalhado a seguir.

O movimento 1 representa a parte introdutória do relatório e visa a informar aspectos gerais da atividade, respondendo a questões como *o quê, onde, quando, para quê*, além de pôr em evidencia a relevância do evento. Em alguns

exemplares, esses dados são apresentados também na capa ou na página de apresentação do relatório, em forma de itens.

O passo 1 (Informar a finalidade do texto), conforme analisado, é opcional, já que alguns autores dispensam referência à modalidade textual que está sendo produzido, passando diretamente a explicitar o objetivo da atividade/evento em si. É elemento de ordem fixa, já que, quando aparece, sempre introduz o texto e não é recursivo, já que não se repete ao longo do relato. O passo 2 (Mencionar a data e o local da atividade realizada*)* é obrigatório, recursivo e de ordem variada. Mencionar data e local é fundamental nesse gênero, podendo ser evidenciado no início, meio ou fim da parte introdutória, antes ou depois do objetivo assim como reiterado diversas vezes ao longo do texto. O passo 3 (*Informar o objetivo da atividade)* informa e significa a atividade em si, podendo vir acompanhado de expressões qualificadoras no intuito de adiantar a relevância do evento e imprimir um caráter persuasivo ao texto, como no exemplo citado acima "onde participamos *ativamente* de um encontro sobre algodão herbáceo, cultivo de sequeiro" . É obrigatório e recursivo, podendo ser repetido ao longo do texto, além disso, não tem ordem fixa, podendo antecipar ou suceder os outros passos do movimento. O passo 4 (*Fazer menção a patrocínio ou vínculo a projeto*) é elemento opcional, de ordem variada em relação aos outros passos do movimento e recursivo, podendo ser reiterado no final do texto como forma de agradecimento. O passo 5 (*Citar nomes de participantes/ pessoas envolvidas da empresa)*, considerando o corpo do texto, é opcional, já que muitas vezes o nome dos participantes consta apenas na capa, sendo retomado pelas formas pronominais eu/nós. Apresenta ordem variada em relação aos outros passos e ampla recursividade, evidenciando algumas vezes ações específicas desenvolvidas pelos diversos integrantes da atividade. O passo 6 (*Enfatizar relevância do evento, do local, e/ou de pessoas presentes)* é opcional, já que a relevância do evento ou do local visitado algumas vezes, ainda que poucas, não está explicitado. Por outro lado, quando mencionado, esse aspecto pode ser reiterado diversas vezes e emerge em diferentes momentos/locais do texto, imprimindo caráter persuasivo.

O movimento 2, como parte subsequente da Introdução, descreve de forma detalhada as ações desenvolvidas na atividade ou evento. É um movimento de bastante expressividade, pois nele está contida a mais importante parte do relatório, traduzindo especificidades da atividade. Como o movimento é obrigatório,

e de ordem fixa em relação aos outros movimentos, seus passos têm ampla recursividade, apresentando informações que se repetem ao longo de todo o texto.

O passo 7 (Explicitar a ordenação/organização do relato), estágio inicial do movimento 2, caracteriza-se por evidenciar o modo de organização textual no qual o texto vai ser desenvolvido. Normalmente o critério utilizado é o das datas referentes aos dias de participação no evento. Em alguns exemplares, essas datas vêm explicitadas e distribuídas em títulos ao longo do relato, em outros, as datas são citadas no início desse movimento e desenvolvidas nos parágrafos subsequentes. É estágio obrigatório e ordenado e apresenta caráter recursivo, funcionando, na maioria das vezes, como elemento de reiteração textual.

O passo 8 (Caracterizar locais visitados/temas proferidos/nome de palestrantes ou responsáveis) também foi observado em todos os exemplares, no sentido de que é preocupação do redator fundamentar aspectos relacionados ao local, a temas proferidos e pessoal responsável pela fala/palestra. Os temas proferidos ou as informações técnicas normalmente ocupam um espaço maior e, na maioria das vezes, funcionam como sustentação teórica às considerações levantadas na sequência, têm caráter recursivo e normalmente ocupam espaço após proposta de organização do texto (passo 7).

O passo 9 (Selecionar e ressaltar conhecimentos/técnicas adquiridos de forma fundamentada) é considerado obrigatório ainda que não venha explicitado no texto. O simples fato de ser mencionado no relato alguns temas ou aspectos em detrimento de outros evidencia a relevância dos conhecimentos proferidos ou adquiridos no evento.

Já o passo 10 (Exaltar aspectos inovadores) não é obrigatório, pois chamar a atenção de aspectos inovadores, ainda que apareça na maioria das produções, não foi explicitado em todos os exemplares. O passo 11 (Fazer referência a esclarecimentos realizados) visa a ampliar informações importantes proferidas no evento, no entanto não é obrigatório, ocorrendo em poucos exemplares. Tem caráter recursivo, no sentido de poder ser repetido ao longo do texto e ordenado, ou seja, normalmente emerge no final da atividade relatada.

O movimento 3 remete a aspectos conclusivos do relato e propõe, de modo geral, a avaliação da atividade/evento e consequentes tomadas de decisão. Normalmente os aspectos positivos se sobrepõem aos negativos na tentativa de justificar a participação ou visita no evento.

O passo 12 (Retomar objetivo e informações importantes da atividade), por sua vez, visa a resgatar os objetivos mencionados na parte introdutória do relato para, em seguida, validar a atividade. Ele não é elemento obrigatório, já que não foi constatado em todos os exemplares. Quando mencionado, no entanto, costuma ocupar posição inicial do terceiro movimento. O passo 13 (Recomendar, desaconselhar a implementação na empresa dos conhecimentos métodos ou técnicas adquiridos no evento, apresentando justificativas) representa efetivamente a validação da atividade, portanto é um passo obrigatório ainda que algumas vezes não venha mencionado de forma direta. Representa uma retrospectiva de aspectos positivos/negativos do evento, antecipando o passo 14 (Sugerir encaminhamentos efetivos a serem tomados ou acordados), o qual sugere, de forma efetiva, direcionamentos a serem tomados pela empresa de forma a contribuir para o seu crescimento. Lembrando Hasan, "cada estágio da atividade social representado na EPG é um elemento na estrutura dessa atividade, dado que cada estágio contribui para a realização e finalização dessa atividade" (HASAN, 1994, p. 65). Os passos 15 e 16 (Fazer agradecimentos e disponibilizar material) não são obrigatórios, no entanto, quando presentes, costumam emergir em repetidos momentos e diversos locais do relato concedendo a eles um caráter de recursividade e mobilidade.

Dispensa-se aqui a esquematização dos estágios através de símbolos conforme proposta de Hasan. Tal sistematização, além de imprimir um caráter prescritivo ao estudo, transcende ao objetivo maior desta pesquisa, o qual não pretende estabelecer correspondência entre elementos obrigatórios, opcionais, recursivos e ordenados e a materialização textual, e sim levantar modelo de referência capaz de orientar os alunos em suas atividades comunicacionais. Tal posição parece poder ser sustentada pela própria definição de gênero proposta por Bakhtin "tipos relativamente estáveis de enunciados" e pela proposta enunciativo-discursiva, base do presente estudo.

Assim, a caracterização dos movimentos e passos acima descritos não tem pretensão de classificação exaustiva em termos de obrigatoriedade, opcionalidade, recursividade e ordenação. O que pretende este estudo, conforme mencionado, é levantar padrões de estruturação textual de forma a dar subsídios ao aprendiz para as futuras situações de interação. Nas palavras de Schneuwly e Dolz (2004)

> [...] Quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas. O objeto de trabalho sendo, pelo menos em parte, descrito e explicitado, torna-se acessível a todos nas práticas de aprendizagem de linguagem. (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004, p. 39)

No que diz respeito à segunda categoria de análise desta instância, categoria denominada *Descrição das regularidades lexicais, gramaticais e textuais do gênero,* o que se pretende é fazer um levantamento dos aspectos citados em termos de recorrência, e estabelecer relação com o contexto de situação, levando em conta especialmente o quanto as escolhas estão vinculadas às intenções comunicativas. A análise também apenas se apoia em algumas noções da abordagem semiótica de base funcionalista, já que não propõe, em sua essência, demonstrar que o contexto determina o texto, mas de pôr em evidência que certas escolhas são mais frequentes em função do contexto de produção. Apresenta, portanto, caráter probabilístico e não determinístico, como parece objetivar a referida teoria.

Um dos aspectos gramaticais que merece destaque aqui diz respeito à opção pelo uso do tratamento em primeira pessoa (singular ou plural). Dos 12 relatórios que formam o *corpus* da presente pesquisa, apenas dois utilizam o tratamento em terceira pessoa, ou melhor, formas impessoais de tratamento, como por exemplo, a utilização da partícula *se* como indeterminação do sujeito, ainda assim, cabe mencionar, que um deles acaba por substituir esse tratamento no final do relato, quando, então, há a avaliação e posicionamento do redator em relação ao evento ou à atividade. O tratamento em primeira pessoa é marcado principalmente nos verbos e pronomes oblíquos, em detrimento dos pronomes pessoais retos, os quais pouco são explicitados no texto. Os exemplos abaixo ratificam a observação.

> Entre os dias 11 e 17 de setembro de 2006 viajei a Brasília onde participei do evento... (Anexo C3)

> Durante a primeira semana de junho (02 a 05 de junho) estivemos em São Paulo, capital, participando das discussões... (Relatório não anexado)

> Este relatório trata de uma viagem ao Vale do Iuiu, município de Palmas de Monte Alto, Bahia, período de 8 a 13 de abril de 2002, patrocinada pela EBDA, onde participamos ativamente de um encontro ...(Anexo C 2)

> Durante a visita ao laboratório foi apresentada ao grupo a nova versão do software... De uma forma geral notou-se que...[Conclusão] Ter oportunidade de participar desta missão foi para nós uma experiência... (Anexo C 1)

Ainda que os Manuais de redação técnica defendam a impessoalidade de tratamento nos textos da área empresarial o que se observa nesse tipo de relatório é, sim, um tratamento pessoal e de maior proximidade. Isso, provavelmente, está relacionado à especificidade dessa produção, Relatório de Atividade Externa, que permite ao redator expor visão pessoal sobre a experiência vivenciada. Pode-se afirmar que seria esse até um aspecto a contribuir positivamente para a repercussão do texto, pois permite um maior comprometimento do sujeito com a atividade realizada e uma posição mais fundamentada em relação à tomada de decisão a ser realizada pela empresa. Tal ponto de vista é reafirmado na voz do profissional da empresa redator de relatórios, para quem

> PR3:...a forma da redação é livre, mas a experiência mostra que devemos atribuir a forma de tratamento correta; Sempre que possível utilizar a primeira pessoa do plural - "nós", já que a empresa tem que ser encarada como uma equipe, um grupo, um grupo de pessoas que trabalham em conjunto...(Anexo B3)

Em relação ao tempo/modo verbal, há predominantemente no relato das atividades, a utilização do pretérito perfeito do indicativo, já que remete às diversas ações iniciadas e finalizadas num passado próximo, anterior à enunciação do texto.

> A conferência sobre pegada ecológica e sustentabilidade humana abordou o conceito... Outra conferência importante foi proferida por x, o qual relatou... Além das conferências houve uma série de apresentações... No final foi criada uma rede de planejamento e gestão ambiental... (Anexo C 3)

> A viagem envolveu o período de 8 a 13 de abril de 2002... englobando a organização de estandes técnicos que foram seis... No dia 11/04, o evento demorou das 10h às 15h e foram apresentadas... Na estação VI, que foi a nossa, ministramos as palestras enfocando os fatores de produção... (Anexo C2)

É frequente, no entanto, o uso do presente do indicativo quando então há remissão a informações gerais de conhecimento técnico. Nesse caso, o emprego do tempo presente refere-se a verdades gerais, atemporais, que independem da relação com o momento da enunciação.

> O grande destaque dessa versão é a integração de câmaras com leitura corporal em duas (2D) e três dimensões (3D)...Uma câmara de vídeo capta esta imagem a qual é selecionada e transmitida de forma congelada a um software que reconhece as medidas pelas diferenças de extremidades entre pontos do sistema. Essas medidas são lançadas... e servem como parâmetro para a confecção de roupas.(AnexoC1)

> Segundo o palestrante x a humanidade apresenta três posturas diante das mudanças ambientais (que a mídia chama de mudanças climáticas): Para uns é mais uma forma de negócio; para outros, é a oportunidade de apresentar soluções tecnológicas e autoritárias; para quem compartilha com a EA, é construir soluções democráticas, fazendo... (Anexo C3)

O uso do tempo presente do indicativo emerge também de forma significativa no terceiro movimento, estágio em que há a avaliação e consequente tomada de decisão. Nesse caso, remete também a uma verdade, porém de cunho recém constatado, mais específico, quase que opinativo.

> Estar diante de uma realidade completamente diferente da qual estamos habituados, nos faz perceber do que muito do que nos fascinou é extremamente possível de ser implementado... Estamos certos de que ao voltarmos teremos uma visão mais empreendedora, uma vez que essa oportunidade nos desenvolveu não apenas tecnicamente mas também como pessoas que somos.(Anexo C1)

> Para a efetiva implementação desse programa, o qual se sabe se dá de forma lenta e gradual, é necessário que seja definida e atendida a sua missão e visão de futuro ou de onde se quer chegar e ...(Anexo C2)

No que diz respeito a aspectos relacionados à organização textual, em especial, ao modo como ocorre a manutenção e a progressão das ideias do texto, tomou-se como base a análise de dois mecanismos: a *referenciação* com foco em como se dá a retomada de referentes e a *progressão temática* com foco na relação estabelecida entre o tema e o rema. O primeiro centra-se principalmente em noções

e conceitos da Linguística Textual, em especial os apresentados por Koch (1990); o segundo apoia-se em noções e conceitos da teoria funcionalista de Halliday e Hasan (1976).

A referenciação ou a coesão referencial diz respeito ao processo pelo qual um componente textual só pode ser interpretado e compreendido, se remetido a outro. O primeiro denomina-se *forma referencial*; o segundo, *elemento de referência ou referente textual*. A coesão referencial pode ser obtida por *substituição* – pronomes, verbos, advérbios, numerais... ou por *reiteração* – repetição lexical, sinonímia, hiperonímia, hiponímia, nomes genéricos e outros... Outro mecanismo coesivo, assim como a referenciação, é a sequenciação, o qual se faz também algumas considerações. Segundo Koch (1990) esse fenômeno "diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmo sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que faz o texto progredir" (KOCH, 1990, p.49).

A progressão temática, ao trazer à tona a organização e a hierarquização das unidades semânticas, utiliza as noções de tema (que diz respeito à informação deduzível, conhecida, dada) e rema (que diz respeito à informação nova, desconhecida, não-deduzível)[46]. Dentre as diversas propostas apresentadas pela Escola Funcionalista de Praga sobre o assunto, destaca-se a de Danes (1974), que apresenta cinco tipos de progressão temática: *Linear,* quando o rema de um enunciado passa a tema do enunciado seguinte e o rema deste a tema do seguinte sucessivamente; Tema *Constante*, em que, a um mesmo tema são acrescentadas novas informações remáticas; *Tema Derivado*, quando de um "hipertema" se derivam temas parciais; *Rema Subdividido*, quando há o desenvolvimento das partes de um rema superordenado e *Salto Temático*, quando há omissão de um segmento intermediário da cadeia de progressão temática, deduzível facilmente do contexto.

[46] Na literatura da área de base funcionalista, é possível verificar perspectivas diferentes no tratamento dos conceitos de tema e rema. Para alguns teóricos, tema é visto como tudo aquilo que se toma como base da comunicação, aquilo do que se fala, enquanto o rema remete ao cerne da contribuição, aquilo que se diz sobre o tema, não existindo, pois, coincidência necessária entre tema e dado, rema e novo. Para outros autores, o tema é a informação deduzível, dada, e o rema é a informação nova, desconhecida, não-deduzível. A presente pesquisa não discute as diferentes perspectivas, apoiando-se apenas nos últimos conceitos mencionados e que estão evidenciados no corpo do texto.

Levando em conta as noções acima, tentou-se verificar, no gênero em estudo, os mecanismos recorrentes em termos de referenciação e progressão temática. Em termos de progressão foi possível verificar que, no gênero Relatório de Atividade Externa, há, no primeiro movimento, a tendência de se recorrer à progressão temática linear, na qual o rema de um enunciado passa a ser tema do enunciado seguinte sucessivamente. Os exemplos abaixo reiteram a afirmação:

> O presente relatório tem por objetivo apresentar os resultados da missão técnica à Alemanha realizada pelos técnicos da Empresa X, Fulano, coordenador da área x e Sicrano, coordenador da área y, no período de 29 de abril a 05 de maio de 2000. (Anexo C 1)

> Entre os dias 11 e 17 de setembro de 2005 viajei a Brasília, onde participei do Congresso de Direito Ambiental no qual os temas foram mais situados na análise da urbanização e as consequências no meio ambiente desse fato. A participação nesse evento faz parte da formação em conteúdo de políticas públicas, do projeto *Capacitação em Orçamento e Planejamento, do Programa Formação e Capacitação de Servidores.* (Anexo C 3)

Assim, no primeiro exemplo, o rema *missão técnica à Alemanha,* torna-se tema de *realizada pelos técnicos da Empresa X*; *técnicos da empresa x*, que é rema num primeiro momento passa a ser tema de *coordenador da área* e assim sucessivamente. No segundo exemplo, o rema Congresso de Direito Ambiental torna-se tema do sintagma posterior “os temas foram mais situados na análise da urbanização e as consequências do meio ambiente”, retomado pela forma pronominal *no qual* e funcionando com o adjunto adverbial de lugar. As informações são acrescentadas linearmente, estabelecendo uma determinada relação e ampliando as informações referentes ao tema central. No primeiro exemplo acima, a conexão é estabelecida sem a presença de elementos referenciais, diferentemente do segundo exemplo, em que o redator utiliza a pronominalização (a pró-forma *no qual* remete a *Congresso de Direito Ambiental*) e da hiponímia (*evento* que retoma *Congresso de Direito Ambiental*).

Cabe mencionar que a intenção da análise não é identificar e classificar mecanismos de progressão textual presentes no gênero. Acredita-se que a proposta serve como ponto de apoio para se compreender melhor o seu funcionamento. Na prática, os padrões apresentados se mesclam e emergem de

forma eclética. Pretender rigor na sistematização da forma de progressão de um texto é contar com um caráter artificial da língua, o qual não existe.

Já no segundo movimento, referente ao desenvolvimento do relatório, foi possível observar que, na organização textual, ocorre um mecanismo de progressão distinto do primeiro, além de serem muito mais amplos os mecanismos coesivos de referenciação utilizados. Assim a partir de um rema ordenado, ou um hipertema, mencionado no início do segmento, derivam-se temas parciais que vão compor de forma geral e total o movimento. Os exemplos que seguem ratificam a observação:

> O evento teve conferências na parte da manhã, apresentação de trabalhos e painéis na parte da tarde e no período noturno grupos de formação da rede de planejamento e gestão ambiental e da Carta de Brasília e mini-cursos sobre Recursos Hídricos.
> Na conferência o primeiro tema foi sobre como ocorreu o processo de urbanização e...
> Além das conferências houve uma série de apresentações de trabalhos acadêmicos que discorreram sobre...
> No final do evento foi apresentado uma Carta de Brasília, confeccionada pelos participantes do evento. Foi criada uma rede de planejamento e gestão ambiental, na qual... (Anexo C3)

> A viagem envolveu o período de 8 a 13 de abril de 2002, tendo como dias efetivos o período de 9 a 12/04/02.
> Nos dias 9 e 10, ocorreu a organização das Estações ou estandes técnicos, que foram seis...
> No dia 11/04, o evento demorou de 10h às 15h, tendo sido ministradas 8 palestras com equivalência a 5 horas de transmissão de informações técnicas sobre a cultura do algodão... Na estação VI, que foi a nossa, ministramos as palestras enfocando os fatores de produção, os princípios mesológicos e evidenciamos o contraste entre.....
> No dia 12, a palestra foi repetida para um grupo de autoridades, duração de duas horas, destacando-se o Dr x, excelentíssimo Senhor Secretário de Agricultura do Estado da Bahia... (Anexo C2)

No primeiro exemplo, os remas citados de forma ordenada "conferências na parte da manhã", "apresentação de trabalhos e painéis na parte da tarde" e "grupos de formação da rede de planejamento e gestão ambiental e elaboração da Carta de Brasília na parte da noite" tornam-se temas desenvolvidos nos parágrafos posteriores. No exemplo seguinte, o hipertema "período de 8 a 13 de abril de 2002" é dividido e desenvolvido em temas parciais formando os parágrafos seguintes. No que diz respeito à coesão, foram constatados diversos elementos de referenciação obtida tanto pelo processo de reiteração (pronome, numeral, advérbios) como pelo de substituição (sinonímia, hiperonímia, expressões nominais). Chama-se a atenção

para as diversas e variadas formas lexicais utilizadas para reiterar o tema central do relatório: visita, missão, evento, encontro, curso, atividade, congresso, entre outras.

Quanto ao terceiro movimento, verificou-se que nele a progressão ocorre linearmente. Os enunciados em geral remetem ao tema central mencionado inicialmente no segmento e ao longo ele é retomado por diferentes mecanismos de coesão de nível referencial. Nesse movimento, o que mais chamou a atenção foi o estabelecimento de relações coesivas através do mecanismo da sequenciação, ou seja, as informações novas são normalmente acrescidas às velhas por conectores interfrásticos, desencadeando uma relação de sentido. Dentre essas relações de sentido, foram verificadas, predominantemente, as de explicação ou justificativa e de conclusão. Para Koch (1990), esses conectores são também chamados de operadores argumentativos, já que estabelecem relações pragmáticas, retóricas ou argumentativas. Os exemplos abaixo confirmam as reflexões levantadas:

> Ter a oportunidade de participar desta missão foi para nós uma experiência irrefutável uma vez que os conhecimentos adquiridos durante sua realização são totalmente correlatos com as ações rotineiras de trabalho. Estar diante de uma realidade completamente diferente da qual estamos habituados, nos faz perceber do que muito do que nos fascinou é extremamente possível de ser implementado. Esperamos aplicar os conhecimentos adquiridos neste curto espaço de tempo de modo a incrementar ... *Desta forma* entendemos que os objetivos propostos para esta missão e também aos de projeto de cooperação técnica Brasil x Alemanha foram alcançados, uma vez que resultando na melhoria da qualidade dos nossos produtos ofertados e da competitividade das empresas clientes. (Anexo C1)

> Em função do excelente resultado obtido na Fazenda Boa Sorte, município de Palmas de Monte Alto, Vale do Iuiu, conclui-se que a validação tecnológica funcionou plenamente e o sistema de produção poderá ser adotado em toda a região de plantio de algodão do Vale Iuiu. Dessa forma, deve-se proceder ações que viabilizem o uso da subsolagem ou escarificação do solo, como medida de aumento de produtividade da cultura. Paralelamente, recomenda-se, com urgência, a reativação das pesquisas com algodão na região, em especial, na Estação Experimental Dep. Gercino Coelho, onde atualmente, tem-se a centrevale, envolvendo as áreas do melhoramento genético e manipulação cultural. (Anexo C2)

No primeiro exemplo, observa-se mais de uma vez a relação explicativa mencionada de forma explícita no texto. A relação de sentido conclusiva também se faz presente mais de uma vez ainda, que de forma indireta, já que seria perfeitamente aceitável um nexo conclusivo no início do segundo período. No

segundo exemplo, a relação de causa e consequência está evidente na introdução do segmento, ainda que expressa por termo não conjuntivo, e a relação de conclusão vem logo em seguida expressa pelo conector *Dessa forma*. Conectores aditivos, assim como expressões lexicais, com valor semelhante estão presentes de forma significativa nesse movimento, funcionando não apenas para somar ideias, mas principalmente com a função de argumentar a favor de uma determinada conclusão, como em "...esta oportunidade nos desenvolveu *não apenas* tecnicamente, *mas também* como pessoas... Para finalizar, chama-se a atenção para o fato de Fávero (1991), em sua proposta de coesão textual, afirmar que "a relação de causalidade é expressa pelas construções que a gramática chama de causais, conclusivas e consecutivas", o que vem a evidenciar que os diferentes mecanismos lógicos estão entrelaçados no sentido de buscar alcançar um objetivo no caso de argumentação e consequente persuasão. (FÁVERO, 1991, p.26)

Cabe repetir que a intenção da análise não é identificar e classificar mecanismos de progressão textual presentes no gênero. Acredita-se que a proposta serve como ponto de apoio para se compreender melhor o funcionamento do texto. Na prática, os padrões apresentados se mesclam e emergem de forma eclética.

Dando continuidade à reflexão do quanto as escolhas lexicais, gramaticais e textuais refletem o contexto de produção, passa-se agora a analisar a diversidade de tipos/sequências textuais presentes no gênero em estudo, com o intuito de evidenciar não só os propósitos comunicativos filiados às sequências, mas também os recursos da língua utilizados para alcançar tais fins.

Segundo Marcuschi (2008), "tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção" (MARCUSCHI, 2008, p. 154). [47]

[47] Citação já mencionada no trabalho com fins específicos.

Considerando tais conceitos e seus desdobramentos na literatura, pode-se afirmar que são diversos os tipos textuais ou as sequências tipológicas presentes no gênero em estudo, assim como há estreita relação entre os tipos textuais e os movimentos previamente sistematizados.

O movimento 1 tem como objetivo situar o evento/atividade, e nesse sentido presta informações gerais sobre *o que, quem, quando, onde e para que* foi realizada tal atividade. Além disso, há predominância de verbos no tempo passado e eles expressam, na maioria das vezes, sentido de ação, o que faz com que se possa caracterizar o movimento como mais próximo do narrativo. O excerto abaixo elucida tal reflexão.

> Entre os dias 11 e 17 de setembro de 2005 viajei a Brasília, onde participei do Congresso de Direito Ambiental no qual foram abordados temas mais situados na análise da urbanização e as consequências no meio ambiente desse fato. A participação nesse evento faz parte da formação em conteúdo de políticas públicas, do projeto *Capacitação em Orçamento e Planejamento, do Programa Formação e Capacitação de Servidores*. (Anexo C 3)

Os verbos *viajar, participar, abordar* e outros que estão presentes na parte inicial dos demais exemplares como *apresentar, viabilizar, reunir, compor, patrocinar, realizar e ir* comprovam a predominância de verbos de movimento, de ação, numa sequência narrativa. Levando em conta a teoria funcionalista, em especial a metafunção experiencial da língua e o sistema de Transitividade, esses verbos fazem parte do processo *material* que, de acordo com Eggins (1994) é "o processo do 'fazer', o qual expressa ações ou eventos do mundo físico em que alguma entidade faz alguma coisa empreendendo alguma ação" (EGGINS, 1994, p. 230). Como o objetivo deste movimento é *Situar a atividade*, justifica-se a predominância desse tipo de processo, o qual vincula-se à metafunção experiencial da língua que defende o fato de que ela, a língua, sempre revela a experiência do mundo do falante.

Ainda que, nesse movimento, predominem elementos objetivos, foi possível verificar algumas marcas de subjetividade, principalmente através do uso de alguns advérbios e adjetivos, presentes nos relatórios. Essas marcas, sem dúvida, dão pistas ao leitor do encaminhamento argumentativo em termos de positividade ou negatividade, que será tomado pelo texto em relação à atividade

desenvolvida. Nos fragmentos abaixo, os termos *maior*, *maiores, mundiais*, *todo* e *ativamente* reiteram a afirmação.

> a participação na Feira Y na cidade de Colônia que é o maior encontro de expositores de equipamentos à indústria reunindo os maiores fabricantes mundiais com todo o seu aparato tecnológico disponível. (Anexo C 1)

> Este relatório trata de uma viagem ao Vale do Iuiu, município de Palmas de Monte Alto, Bahia, período de 8 a 13 de abril de 2002, patrocinada pela EBDA, onde participamos ativamente de um encontro sobre algodão herbáceo... (Anexo C 2)

O movimento 2, inicialmente, caracteriza-se pela continuidade da narração, ou seja, o redator permanece contando a sua experiência e criando no destinatário uma espécie de expectativa em relação ao acontecimento, à atividade, para depois, então, mais adiante apresentar um fim, uma resolução. Nesse movimento, o tema central (atividade/evento) é inicialmente subdivido em partes, as quais são retomadas ao longo do texto, topicalizando os diferentes parágrafos. Nessas partes, a análise revelou que é comum emergir a sequência textual da descrição, em função de haver foco na percepção do espaço da atividade e nele predominar, como é característico dessa sequência, a utilização de verbos de não-mudança[48], e no presente. A sequência textual expositiva é também verificada nesse segmento, pois, em algumas passagens, o foco remete à compreensão de conceitos de caráter geral, neste caso, relacionados ao conhecimento técnico e expressos por verbos de não-mudança, em especial pelo verbo *ser* no presente. O primeiro segmento abaixo exemplifica a presença de aspecto descritivo, enquanto o segundo, o expositivo.

> Agenda do dia 29/05 – A programação deste dia foi uma visita a Escola Superior Técnica de Niederrhein. A universidade possui capacidade para 800 alunos simultâneos... Essa entidade foi desenvolvida para atender a necessidade interna da Alemanha. Atualmente a universidade está preparando pessoas para atuarem em outros países. A empresa x atua há 25 anos no mercado de confecções e faz parte de uma holding que possui empresas em diversos países. (Anexo C1)

[48] Os verbos no presente do indicativo ora caracterizam o ambiente visitado, ora fazem atribuições a conhecimentos, conceitos ou verdades de valor universal.

> Durante a visita foi apresentado ao grupo a nova versão do software de modelagem na versão 8.0. O grande destaque dessa versão é a integração com câmaras de leitura corporal. A pessoa que vai ter suas medidas reconhecidas pelo sistema é posicionada em um local pré-determinado e através de um jogo de espelhos manipula-se a imagem obtida até que se *obtenha* imagens paralelas. Uma câmara de vídeo capta esta imagem a qual é selecionada e transmitida... (Anexo C1)

Os verbos no presente do Indicativo ora caracterizam o ambiente visitado ora fazem atribuições a conhecimentos, conceitos ou verdades de caráter geral. Frequentemente, nesse movimento, está o verbo *ser* o qual, segundo a teoria funcionalista, é considerado relacional por estabelecer relação de atribuição entre segmentos do discurso, configurando mais uma vez a metafunção experiencial da língua.

A análise do movimento 3 revela a avaliação da atividade/evento, momento em que há a retomada dos aspectos principais e o fechamento da narração. Nesse momento, é possível verificar passagens de cunho argumentativo e injuntivo. Argumentativo no sentido de que se percebe a intenção de convencimento do produtor do relatório em relação ao seu interlocutor, ou seja, o foco centra-se em levantar um julgamento e fazer com que o interlocutor compactue com essa mesma posição apontada. Injuntivo, no sentido de que há um planejamento de comportamento futuro, ou ainda, a regulação de ações a serem tomadas não só pelo autor do relatório, mas por todo o grupo, no caso, a empresa.

O uso repetido de advérbios intensificadores e adjetivos, assim como o de articuladores causativos/explicativos, vistos no exemplo abaixo, reiteram a presença de aspectos argumentativos no gênero em estudo.

> Ter a oportunidade de participar desta missão foi para nós uma experiência irrefutável uma vez que os conhecimentos adquiridos durante sua realização são totalmente correlatos com as ações rotineiras de trabalho. Estar diante de uma realidade completamente diferente da qual estamos habituados, nos faz perceber do que muito do que nos fascinou é extremamente possível de ser implementado. (Anexo C 1)

> Em função do excelente resultado obtido na Fazenda Boa Sorte, município de Palmas de Monte Alto, Vale do Iuiu, conclui-se que a validação tecnológica funcionou plenamente e o sistema de produção poderá ser adotado em toda a região de plantio de algodão do Vale Iuiu. (Anexo C 2)

O emprego de verbos que expressam planejamento de comportamento futuro, ou ainda, sugerem ações temporalmente subsequentes à atividade confirmam o caráter injuntivo do gênero Relatório de Atividade Externa.

> Dessa forma, deve-se proceder ações que viabilizem o uso da subsolagem ou escarificação do solo, como medida de aumento de produtividade da cultura. Paralelamente, recomenda-se, com urgência, a reativação das pesquisas com algodão na região... (Anexo C 2)

> Esperamos aplicar os conhecimentos adquiridos neste curto espaço de tempo de modo a incrementar qualitativamente as ações... (Anexo C 1)

Os verbos *perceber, fascinar, recomendar, concluir* e tantos outros verificados no terceiro movimento do gênero em estudo são classificados, segundo a teoria funcionalista, como processos mentais, os quais lidam com a apreciação humana do mundo. São verbos que não tratam de ações, mas de reações mentais, de pensamentos, sentimentos e percepções. Nas palavras de Halliday (1985), são processos do sentir, os quais incluem processos de percepção, de afeição e de cognição. Dessa forma, a escolha predominante de processos mentais vai ao encontro do propósito comunicativo *Avaliar o evento/atividade,* terceiro movimento do gênero em estudo.

Para finalizar, retomam-se as palavras de Marcuschi (2008), para quem "Todos os textos realizam um gênero e todos os gêneros realizam sequências tipológicas diversificadas. Por isso mesmo, os gêneros são em geral tipologicamente heterogêneos" (MARCUSCHI, 2008, p. 160).

Muitos outros aspectos relacionados à instância composicional poderiam ser levantados, no entanto não se pode perder de vista que o objetivo maior da presente pesquisa tem cunho didático-pedagógico. Nesse sentido, acredita-se que as escolhas de análise realizadas representam reflexões significativas a serem exploradas no ensino de gênero da educação profissionalizante.

Cabe ainda ressaltar que o professor em sala de aula, ao propor atividade semelhante à realizada, em termos de descrição de padrões textuais e gramaticais de gênero, propicia ao aluno condições de desenvolver mecanismos capazes de serem utilizados em diversos outros gêneros da atividade humana. A figura do professor, nessa situação, é de provocador e promissor de habilidades a serem

seguidas vida à fora, mas, certamente vai ser o contato com textos reais de circulação que o aluno vai se exercitar e consequentemente internalizar novos mecanismos linguageiros. Nas palavras de Leffa (2006), "o professor pode desempenhar um papel importante como incentivador, mas é no manuseio com o objeto que a aprendizagem ocorre". (LEFFA, 2006, p.193)

4.3.3 Instância Axiológica

A presente instância tem como objetivo ir além das categorias texto e contexto e trazer para o centro da análise aspectos relacionados ao social. Visa a estabelecer relação entre formas discursivas e estruturas sociais, no sentido de evidenciar o quanto o discurso traz embutido em suas manifestações linguísticas aspectos relacionados a valores, crenças, identidades, relações sociais. Objetivamente, busc compreender como o gênero em estudo, Relatório de Atividade Externa, é "*condicionado* à esfera e refrata essa realidade em termos de ideologia,[49] concebida como modo específico de ver, definir e lidar com a realidade. Toda e qualquer produção nunca é neutra, traz aspectos ideológicos que lhe são inerentes e constitutivos. Ainda que alguns desses aspectos não estejam explícitos na materialidade linguística, podem ser pressupostos e inferidos, já que as escolhas feitas carregam uma intenção, estando, portanto, repletas de significação. Dessa forma, nesse segmento, busca-se efetivamente desvendar crenças e valores sociais que estão presentes na constituição do gênero em estudo, pois acredita-se que seus produtores estão imbuídos de representações, as quais, conscientes ou inconscientes, são repassadas e manifestadas em suas produções.

Para o Círculo, toda palavra utilizada em uma dada interação possui expressividade, valoração, constituindo-se como enunciado, cuja dimensão axiológica expressa juízo de valor e posições ideológicas de sujeitos do discurso.

[49] O termo ideologia, neste enfoque, não tem conotação negativa. É concebido como conjunto de significações/construções da realidade edificadas nas práticas discursivas, ou melhor, diz respeito a um modo próprio de conceber uma realidade. Nesse sentido, toma acepção um pouco distinta, mas não contrária à concebida por Bakhtin, para quem todo o signo é ideológico e expressa sempre uma posição avaliativa. *O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico* (Bakhtin, 2006, p.32). Assim, especificadamente, o que se busca é perceber como a classe empresarial tira do signo seu caráter plurivalente, ocultando traços ideológicos, transformando-o em monovalente para fins específicos.

Em todo ato humano, há produção de um signo ou de um produto híbrido de signos que possui significado e está fundado na linguagem, de modo que qualquer que seja a atividade, constitui-se como texto, enunciado e está pronto para ser lido e desvendado. Dessa maneira, as atividades humanas – como a de produzir um relatório em empresa, por exemplo – acontecem em um processo de interação verbal, cujos signos refletem e refratam características histórico-sociais dos indivíduos e da esfera de comunicação em que circulam. Para Bakhtin, "Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível" (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Levando em conta que todo signo reflete e refrata as características sociais e históricas da esfera e que o enunciado nunca é neutro, busca-se extrapolar texto e contexto e trazer para o centro da análise aspectos relacionados ao social, em especial, desvendar aspectos referentes a valores, identidade, relações de poder, característicos dessa esfera e expressos pelo gênero Relatório de Atividade Externa.

Conforme explicitado no capítulo da metodologia, tal enfoque toma algumas noções da proposta de Fairclough emprestadas. Em termos teóricos, no fato de conceder à linguagem poder constitutivo de criar, reforçar ou desafiar formas de conhecimento, crenças, relações sociais, identidades ou posições sociais. Em temos metodológicos, no fato de a análise aqui utilizar parte do modelo tridimensional[50] proposto pelo autor, em especial a dimensão denominada *prática social,* a qual busca explicar o evento discursivo, pondo em evidência como as estruturas sociais moldam e determinam os textos e como os textos atuam sobre as estruturas sociais. Cabe ainda mencionar que as reflexões levantadas tomaram como material de análise não só os exemplares de relatórios de Atividade Externa coletados para fins desta pesquisa, como também as entrevistas concedidas por responsáveis e produtores desse gênero nas empresas visitadas.

Apesar de as três empresas possuírem cada uma delas especificidades próprias, referentes às suas distintas áreas de atuação, pode-se perceber que, de

[50] Conforme já mencionado em capítulo anterior, o modelo tridimensional examina os eventos discursivos sob três dimensões de análise: texto, prática discursiva e prática social. Ainda que sejam consideradas categorias interconectadas, privilegiou-se a dimensão prática social no sentido de evidenciar o quanto as condutas se imbricam com os textos. Acredita-se que as demais dimensões tenham sido contempladas nos enfoques anteriores.

modo geral, trazem características comuns, principalmente por se tratarem de espaços/ambientes que apresentam um modo próprio de refratar a realidade, fazendo com que suas produções sofram coerções específicas e adquiram um valor relativo no domínio em que são elaboradas.

A análise dos conceitos de empresa e de suas especificidades, levantada no primeiro capítulo da pesquisa, articulada à análise dos relatórios e das entrevistas, permitiu verificar a existência de uma série de valores que marcam a forma de pensar e conduzir as práticas dessa esfera. Esses valores, embutidos nos discursos, são marcas de sua identidade e é o que torna a esfera distinta das demais. Aqui serão levantados alguns desses aspectos, considerando que foram os de maior frequência e recorrência nos distintos discursos analisados. Acredita-se que trazer à tona esses aspectos permite compreender, de forma mais profunda, o funcionamento do gênero e, em termos pedagógicos, conceder ao aluno uma visão mais ampla de atuação, orientando-o no sentido daquilo "que pode e deve ser dito" (PÊCHEUX, 1982 apud FAIRCLOUGH, 2001, p. 52).

Um primeiro aspecto representativo que caracteriza o pensar e o agir dos integrantes dessa esfera, evidenciando uma marca valorativa, diz respeito à busca constante pela inovação, produtividade e competitividade. É prática dos integrantes dessa esfera buscar, além de seu espaço físico, novas formas de conduta de modo a tornar a empresa mais produtiva e competitiva no mercado. Buscar o novo, refletir sobre ele, transformá-lo e devolvê-lo ao ambiente são atividades rotineiras e indispensáveis nessa esfera, manifestadas pelo discurso e realizadas por diferentes gêneros, dentre os quais destaca-se o Relatório de Atividade Externa. O conceito de empresa mencionado por Airoldi (1989), previamente apresentado nesta pesquisa, parece vir ao encontro dessa posição. Para ele, empresa é definido como "sistema organizador e transformador de *inputs* trazidos do ambiente em *outputs* para o mesmo ambiente" (AIROLDI, 1989, p. 65). Esse modo de pensar e agir é aspecto constitutivo da empresa, é o que a move, caracteriza sua identidade e está presente de forma significativa nos discursos analisados.

Ora, sabe-se que mais do que em qualquer outra esfera, a competitividade assume um papel relevante e, nesse sentido, é a busca constante pelo novo que vai gerar maior produtividade à empresa, tornando-a mais competitiva. Assumir essa postura não representa uma opção a seu integrante, mas uma necessidade, pois dela depende o sucesso da empresa e/ou sua permanência

no empreendimento. Não cabe discutir aqui se essa conduta é ou não correta, se é ou não eficaz e, sim, evidenciar que ela é constitutiva do discurso empresarial, marca de sua identidade e motivadora para a execução de várias outras práticas, dentre elas, a elaboração do gênero Relatório de Atividade Externa, objeto deste estudo. Os excertos abaixo, retirados tanto das entrevistas quanto dos exemplares dos relatórios, refletem essa especificidade da esfera, pondo em evidência seu caráter constitutivo e revelando seu modo próprio de ver e lidar com a realidade:

> PR1: ...é depende do evento, se é um congresso, vai ter palestras, vão ter informações que podem qualificar os teus trabalhos, tu vai estar lidando com pessoas renomadas da área, então tu tens condições de crescer cientificamente. Se ela olhar tua área de expedição, então tu vais coletar sementes, tu vai ter informações, tu vai poder trazer germoplasma, coisas diferentes que tu não costumas plantar aqui. (Anexo B 3)

> Estar diante de uma realidade diferente da qual estamos habituados, nos faz perceber do que muito do que nos fascinou é extremamente possível de ser implementado e que certamente contribuirá na operacionalização de projetos, na análise e emissão de pareceres técnicos e na nossa maneira de pensar. (Anexo C 1)

> A participação da empresa x ajuda a estabelecer o "networking" e abre perspectivas importantes de estar em contato direto e efetivo com o que há de mais avançado no mundo, em termos de avanços tecnológicos de pesquisa e de tecnologias ditas limpas...bem como a potencialidade que se apresenta em termos de projetos conjuntos futuros, com a participação da empresa na área de pesquisa e desenvolvimento. (Anexo C 4)

Ora, essa constante busca pelo novo, por maiores avanços técnicos e maior produtividade está imbricada a um outro aspecto marcante da identidade da empresa, que é a busca pelo lucro. Ainda que hoje, no discurso empresarial, esse fator não figure como meta principal, sabe-se que ele é indispensável à viabilização e consequente permanência do empreendimento no mercado. Talvez o conceito de lucro é que tenha tomado uma outra concepção. Antes, ele era visto exclusivamente como exploração e enriquecimento do proprietário. Hoje, no entanto, representa ganho suficiente para investimentos e capitalização da empresa. Nesse sentido, como diz o senso comum, o lucro é, sim, o sangue da empresa. Mesmo as empresas públicas têm preocupação com o lucro, no sentido de promover e garantir a rentabilidade social, ou seja, as empresas estatais estão constantemente

controlando, ainda que de forma indireta e a longo prazo, os ganhos da sociedade em termos econômicos. Conforme afirmado por um dos entrevistados, vinculado à empresa pública da área agropecuária, “o investimento que o governo faz em pesquisa na agricultura, hoje, reflete em maior produtividade amanhã, gerando lucro para o produtor, para o governo e para a sociedade”. Segundo ele, “ nós temos dados, números que comprovam a rentabilidade para a sociedade e que as nossas pesquisas dão certo e o quanto todos ganham com elas”. (Anexo B3).

Esse marca da esfera empresarial, diferentemente da anterior, não costuma emergir de forma explícita nos relatórios de Atividade Externa. Na maioria das empresas, há produções específicas que comprovam seus lucros e seus rendimentos , como os relatórios financeiros ou balanços. Algumas passagens no material analisado, no entanto, revelaram ser o lucro fator valorativo na empresa e preocupação constante e propulsora de suas práticas, representando marca de identidade dessa esfera. Os excertos abaixo são exemplos dessa posição.

> O Encontro do algodão, configurado no V Dia de Campo, foi extremamente proveitoso para todos os presentes , evidenciando que com o uso de tecnologias apropriadas, pode-se produzir algodão de sequeiro no Vale do Iuiu, com boa produtividade , acima de 180@/há (algodão em caroço), com custo de produção baixo, de R$ 1.400,00/ha (U$ 560.00) e lucro razoável de cerca de R$ 600,00/hectare, sem a verticalização do produto, que pode elevar renda para R$ 900,00/há, em um período de cinco meses... (Anexo C2)

> Outra área que também apresenta inúmeros modelos de passadoria foi o de camisaria, este que por tratar de um produto menos denso possui equipamentos mais simples, que os de paletó, e por sua vez preços mais baixos, por isso são realmente bastante indicados para grandes produtores com uma relação custo benefício, segundo nossa avaliação, mais apropriado a nossa realidade. (Anexo C1)

Na tentativa de obter maior produtividade, competitividade e lucratividade – aspectos percebidos como propulsores de diversas práticas na esfera – as empresas vêm desenvolvendo diferentes estratégias capazes de seduzir seu público e legitimar a imagem positiva de seu empreendimento, e esse caráter se faz evidente no *corpus* desta pesquisa. Diferentemente de tempos anteriores, quando se utilizavam de assistencialismo ou filantropia, hoje, as empresas recorrem a estratégias mais sutis, fazendo com que o consumidor/cliente se identifique com ela e a perceba como organização preocupada em resgatar valores éticos e morais, ou

ainda, engajada com questões sociais e culturais. Segundo Perez/Junqueira (2002), “os consumidores em condições iguais de preço e qualidade preferem adquirir produtos de empresas que buscam a melhoria da sociedade por meio da melhoria das pessoas” (PEREZ/JUNQUEIRA, 2002, p. 258). Esse caráter inovador da empresa, denominado Responsabilidade Social de Empresas (RSE), pode ser definido, com base na literatura da área, como um conjunto de técnicas gerenciais que visam a contribuir para o desenvolvimento econômico da empresa, melhorando simultaneamente a qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo. Na verdade, sabe-se que representa um conjunto de técnicas gerenciais que busca garantir a sobrevivência da organização no mercado, maximizando seus resultados financeiros. A análise das entrevistas, assim como a análise do material coletado, revelaram que esses valores e crenças estão embutidos no discurso da esfera empresarial, representando especificidade de sua identidade. Dentre os aspectos relativos à responsabilidade social da empresa, verificados nos discursos analisados, percebeu-se que a preocupação reside em três dimensões principais: meio ambiente, funcionário e consumidor, discutidos a seguir.

A preocupação com o meio ambiente transpareceu de forma significativa nos discursos analisados, sejam orais – as entrevistas, ou escritos – exemplares de relatórios. Esse aspecto, no entanto, não emergiu em nenhum momento, pelo menos na voz dos entrevistados, como estratégia corporativa, mas como uma necessidade ou obrigação da empresa frente à sociedade e aos órgãos públicos até porque trata-se de um tema de abrangência mundial, na atualidade, com repercussão nos discursos e nas práticas das diversas esferas de atividade social, desde a escolar até a religiosa.

O mundo nunca se sentiu tão ameaçado e nunca se falou tanto em mudanças climáticas, camada de ozônio, impacto ambiental, tsunamis, etc. E as empresas, nesse contexto, emergem como grandes vilãs desse prejuízo o que faz com que venham adotando medidas cada vez mais contundentes com intuito de reverter tal imagem. Além de diversas novas práticas assumidas pela empresa para reduzir os impactos ambientais, soma-se a isso o aparecimento de novos gêneros que surgem com a finalidade principal de demonstrar dados que a comprovem como empresa responsável, como é o caso, por exemplo, do Relatório de Sustentabilidade, citado anteriormente nesta pesquisa. Ora, sabe-se que esse

comprometimento com a preservação do meio ambiente não só contribui para a imagem positiva da empresa, mas também concede a ela uma série de benefícios: reduz custos através da racionalização dos processos produtivos, incentiva a entrada da empresa em novos mercados, facilita crédito, melhora sua posição, além de torná-la mais rentável e competitiva, já que os consumidores, hoje, mais conscientes, costumam optar por empresas comprometidas ecologicamente. Dessa forma, adotar essa postura significa acompanhar as necessidades exteriores em busca, mais uma vez, de permanência no mercado. Longe de afirmar, ingenuamente, que as empresas têm hoje comportamento benevolente ou ainda que esse comportamento reflete apenas e exclusivamente interesses econômicos. Não cabe fazer julgamentos. O que interessa evidenciar é como as estruturas sociais influenciam as produções e como essas refletem as especificidades da esfera. Os discursos analisados nesta pesquisa revelaram-se imbuídos de marcas que evidenciam a adoção dessa nova postura. Os excertos abaixo são apenas alguns desses exemplos:

> R1: Nós já fomos certificados na ISO 14001, que é uma norma internacional, que certifica as empresas que têm todos os cuidados ambientais, e agora nós estamos buscando uma certificação no sistema de gestão integrada, que compreende qualidade no meio ambiente, segurança e saúde ocupacional. Então assim normas de segurança, saúde e meio ambiente é MUITO exigido, entendeu. A gente tem muitos olhares pra dentro de uma empresa como a nossa, a gente é muito cobrado pelos órgãos ambientais. A gente tem um telefone verde, que é um telefone exclusivo pra atendimento de demandas da comunidade relacionadas ao meio ambiente. O telefone verde está localizado na sala do meio ambiente, do lado dele tem um formulário. A atendente registra quem é que atendeu o telefone, que horas eram, o nome da pessoa, qual é o endereço dela e o que ela está reclamando. A gente tem 48 horas pra ver se é procedente a reclamação, se não é. Se a reclamação é procedente a gente abre uma não conformidade, ou seja, vai investigar. (Anexo B2)

> Para expandir e consolidar a geração térmica no Brasil, utilizando-se o carvão mineral, seja o nacional ou importado, dentro de uma visão estratégica de médio e longo prazo, de sustentabilidade ambiental é mister que ações sejam tomadas, visando a continuidade e o sucesso dessa política a longo prazo. (Anexo C4)

> Participar deste evento teve o objetivo de atualizar nossos conhecimentos sobre as principais questões relacionadas ao meio ambiente, através de estudiosos com uma profunda militância na área do Brasil e no mundo. Dessa forma, procuramos entender e aprofundar conceitos, incorporando temas mais novos que foram debatidos e fundamentados pelos palestrantes como equidade intergeracional, custos e serviços ambientais, compensação ambiental, desenvolvimento socioambiental, biodiversidade, etc. (Anexo C3)

Outro fator relacionado à Responsabilidade Social, bastante recorrente nas entrevistas prestadas, diz respeito à preocupação com as condições de trabalho do empregado. Esse aspecto não emergiu nos exemplares dos Relatórios de Atividade Externa, objeto de estudo da pesquisa, no entanto acredita-se ser importante ser discutido neste enfoque, já que foi abordado com veemência pelos entrevistados responsáveis pela empresa, estando, portanto, relacionado efetivamente aos valores e crenças dessa esfera, caracterizando, assim, marca de sua identidade.

Denominado na literatura da área como Responsabilidade Social Interna, esse aspecto refere-se às práticas de responsabilização da empresa que afetam diretamente seus empregados, em termos de saúde, segurança no trabalho, promoção, aprendizado, respeito às diferenças, enfim, tudo aquilo relacionado à qualidade de vida do trabalhador. Ora, sabe-se também que essas iniciativas não ocorrem em decorrência de uma nova postura de bondade do empresariado, mas por se constituírem em uma nova exigência e vantagem do mercado. Exigência, no sentido de que se o empresariado não acompanhar o movimento da realidade, ou seja, as tendências do mercado, determinadas pelas condições históricas do capitalismo, corre o risco de induzir sua empresa ao fracasso. Vantagem, no sentido de que funcionários satisfeitos assumem uma postura de pertencimento e orgulho da organização e, em conseqüência, elevam a produtividade da empresa. Por isso, essa nova postura vem ganhando maior espaço e visibilidade, já que colabora diretamente na construção de uma imagem positiva e favorável da empresa. Foi unânime, por parte dos entrevistados responsáveis pela empresa, menção direta ou

indireta a aspectos relacionados à preocupação com seu empregado. Os exemplos abaixo reiteram a afirmação.

> R1: A gente se preocupa com o bem estar dos nossos funcionários... a gente tem uma sala de lazer com mesa de ping pong, pembolim, que eles podem ficar ali na hora do intervalo, do almoço, hã, brincando, jogando, vendo televisão, têm os sofás pode dar uma cochilada, né? (Anexo B2)

> R2:...e teve também um curso de alfabetização do SESI né, pra quem não tinha até quarta série, então, foram encaminhados seis funcionários na época aqui, até eles tão se formando agora essa semana, aqui nesse curso como existe uma política de qualidade eles [funcionários, no caso pedreiros ou auxiliares de obra] têm que sabe ler e escrever; (Anexo B2)

> PR1: A gente tem essa questão do treinamento, que é a questão da QUALIFICAÇÃO, mesmo que seja uma pessoa da limpeza, é uma pessoa diferenciada de um outro local, porque ela tem um treinamento, ela tem uma qualificação, ela é tratada de igual para igual... tem a questão da preocupação da saúde do trabalhador, a gente tem ginástica laboral, eles têm intervalo de lanche, a gente procura trazer muito a questão da família também, a gente não desenvolve coisas só para os funcionários, tipo, comemorar o dia internacional da mulher, tem empresas que dão alguma coisa pro seu cliente, mas para o seu funcionário? Ele é valorizado? Dia do farmacêutico, dia do químico, dia internacional da mulher, dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, dia do amigo. É um monte coisa assim, é confraternizações, ter uma equipe unida, equipe motivada. A gente tem uma infra estrutura muito boa, que muitas empresas não oferecem a infra estrutura que agente tem, com condições adequadas de climatização, de sonorização. Então, acho que tudo isso aí contribui. (Anexo B3)

Um outro aspecto referente à questão da Responsabilidade Social, diz respeito à preocupação da empresa com seu público externo: consumidor, fornecedor e sociedade em geral. Tem sido prática das empresas a implementação de programas que venham a sanar ou minimizar problemas sociais relacionados a injustiças e exclusão social. No que se refere às práticas de auxílio direto da empresa à comunidade, as empresas têm contratado pessoas socialmente excluídas como, por exemplo, os indivíduos com baixos níveis de escolarização e os portadores de deficiências. A empresa responsável tem buscado incentivar o lazer, a cultura, através da concessão de patrocínios. Em relação aos consumidores e fornecedores, dentro do aspecto corporativo, as empresas ditas cidadãs buscam a intensa colaboração com seus parceiros e clientes, através da implementação de

medida que diminuem custos, aumentam a qualidade e segurança dos produtos e serviços, sempre atuando com ética, competência e seriedade.

As empresas, em face à enorme concorrência do mercado, são impelidas a buscarem constantemente um diferencial em suas atividades, e ações desse tipo nada mais significam que tentativas nessa direção. Satisfazer seus clientes não basta, é necessário mostrar que seu comprometimento vai além disso, sua preocupação está também na reversão dos problemas e injustiças sociais. Essa estratégia, na verdade, representa a tentativa de mostrar um diferencial em relação às demais empresas concorrentes. Nesse sentido, parece que tais práticas são significativas até não serem adotadas de modo generalizado pelas outras organizações. Provavelmente, quando a maioria das empresas, em cada segmento, tiver adotado essa postura, talvez isso deixe de ser um diferencial de uma ou algumas empresas e a vantagem obtida em função dessas ações se reduza até a sua extinção, iniciando-se aí o processo em busca de um novo diferencial estratégico. Lembra-se de Bakhtin, ao afirmar que "A cada etapa do desenvolvimento da sociedade, encontram-se grupos de objetos particulares e limitados que se tornam objeto de atenção do corpo social e que, por causa disso, tomam um valor particular" (BAKHTIN, 2006, p. 44). A visita às empresas revelou que ter um diferencial em prol do social faz parte da conduta estratégica das empresas, atualmente, já que foi recorrente a atitude dos entrevistados de não apenas fazerem menção a esse aspecto, mas também mostrarem à pesquisadora, durante a entrevista, o site da empresa, no qual é possível visualizar essas iniciativas de responsabilidade e comprometimento com o social. Os fragmentos a seguir, retirados das entrevistas prestadas, são apenas algumas das passagens dos discursos analisados, que reiteram essa posição da empresa:

> R3:Olha só aqui [o site da empresa] tu tens o que se pode chamar de política social a gente tem um monte de aspectos sociais paralelos a gente, já patrocinou muito projeto social quando a empresa tem lucro, ela patrocina, quando ela não tem lucro ela não pode patrocina, né? É o tribunal de contas. Oh, isso aqui era um projeto que envolvia a questão ambiental, a questão de sustentabilidade, a questão de inclusão social né com crianças carentes, ao invés do cara tá aí, se marginalizando na rua, ele tava praticando esporte e ao mesmo tempo, tendo uma carga de conhecimento, pra lidar com a água, a questão ambiental né, a gente tem muita responsabilidade, a nossa empresa ela pega o carvão e transforma em energia e isso gera um passivo ambiental, então nós temos que ter responsabilidade ao lidar com isso né, e o diálogo com a população é muito importante (Anexo B2)

> PR1: Acho que [o relatório] é uma forma de convencimento, quantifica em números, os benefícios, e quanto aumentou a produtividade, o quanto deu retorno à sociedade, quanto minimizou o uso de determinado agrotóxico para a saúde humana melhorar e tal, isso tudo fica registrado é uma forma de tu transferires essa informação para sociedade e trazeres a sociedade pra ti, para tua aprovação, na verdade, pelo relatório, tu tem uma forma, tu consegue, como se diz, consegue interagir com a sociedade. (Anexo B3)

> R3: Pra tu vê como é que ela [a empresa] tem preocupação com a ética, tá... nós também temos uma política pra questão de gênero aqui dentro né?. Tem bastante mulher trabalhando aqui, entendeu ocupando diferentes cargos até acho que podia ter mais né, particularmente eu acho que a próxima diretoria nomeada, já vai tá mais equilibrada também, entendeu? (Anexo B2)

> PR1:A nossa preocupação aqui na empresa é garantir que o cliente, o médico, vai receber aquilo que ele pediu, e todo mundo trabalha pra que isso aconteça da melhor maneira, sem falha, sem erros, para que a empresa cada vez cresça mais, e trazer benefícios para a sociedade, pros médicos, pros pacientes, pra sociedade com um todo. A preocupação mesmo é essa, segurança do medicamento, o medicamento tem que ser aquilo que o cliente, que o medico pediu, sem mais nem menos, é aquilo ali. (Anexo B3)

Um último aspecto a ser mencionado (ainda que muitos outros pudessem ser considerados) diz respeito à questão do sigilo empresarial. Conforme foi mencionado anteriormente, as empresas, de modo unânime, não repassaram material escrito de circulação à pesquisadora, e seus responsáveis foram categóricos em afirmar que é praxe não disponibilizar qualquer documentação de conteúdo interno. Quando questionados de forma mais direta sobre tal omissão, alguns foram transparentes em afirmar que tal conduta se devia principalmente à concorrência do mercado. Não expor informações de circulação da empresa representa impedir que a empresa concorrente tenha acesso a informações sobre seus problemas, seus objetivos, suas tomadas de decisão, seus clientes, seus preços, enfim impedir qualquer atitude que possa vir a prejudicá-la. Esse posicionamento é marca de identidade da empresa, revela-se como uma crença e repercute nas relações internas e externas da esfera. Representa quase que um código de ética que determina como deve ser a conduta individual e coletiva de seus integrantes, no intuito de preservar o empreendimento. Tal posicionamento está efetivamente relacionado ao caráter de competitividade e lucro, mencionada no início da reflexão, mola propulsora das práticas dessa esfera, característica de sociedades capitalistas. Os fragmentos de entrevista a seguir, ainda que concedidos

por responsável de empresa pública, reiteram essa marca de identidade própria da esfera, ao mesmo tempo que justifica sua omissão no repasse de material para a pesquisa.

> E: Não daria pra eu conseguir outros desses [relatórios] de viagem?
> R3: Não, porque a empresa, isso aqui é uma empresa que tem, concorrência, né? Que trabalha com estratégias, né? Estratégias e concorrência de mercado. Aquilo que não tá publicado é estratégico a gente não pode ou é público ou não é público. Só o que tá no site que é público; se não vai lá o concorrente chupa a informação e passa por cima da gente; [...]

> R3: [Sobre o sigilo dos relatórios] se eu mandei alguns técnicos nossos pra ele fazer, fazer por exemplo uma reunião com a empresa mãe pra discutir essa questão, por exemplo, de uma nova usina teoricamente que pudesse ser feita naquela região, pra vender energia pro Uruguai, esse relatório vai estar aí, mas ele não vai ser um relatório pra publicar até por que existe uma coisa aqui né, no nosso código de ética ali [apontando para o computador] que tu vais encontrar que nós não podemos dar, fornecer dados que sejam sigilosos ou confidenciais da empresa, e que venha a causar prejuízo pra empresa porque tu disputa mercado, né? Queres ver uma coisa: nós temos um concorrente que é o Eike Batista, o Eike Batista, o ex-marido da Luma de Oliveira. Ele é concorrente nosso; Se a gente não existisse, o preço dele, pro consumidor final, pra quem acende a luz em casa e liga a TV seria muito mais caro. Como o governo concorre com ele, o preço dele tem que ser mais perto duma relação mais estável do mercado né outro nosso concorrente aqui é uma empresa x esses caras chegam a rondar os nossos técnicos aqui, pra levar o cara embora, pra oferecer dinheiro pro cara sair daqui, entendeu [...]

> R3: [Sobre um exemplar de relatório da empresa disponível na Internet] Se a empresa fosse minha, não deixaria fazer relatório de viagem de empregado pública, mas aí a lei obriga que alguma informação a gente tem que dar pro público, pra saber aonde tá indo o dinheiro público, né? Isso é dinheiro público, então a gente é obrigada a publicar , mas se eu sou o dono da empresa, eu não deixo publicar essas informações também, porque se o cara sai e é publicado que o cara está viajando para a Alemanha, o concorrente vai pensar ..o que que ele foi fazer lá... ta indo lá comprar, tecnologia?... Não, não dá , não dá...; (Anexo B2)

Refletir sobre aspectos relativos à dimensão axiológica, trazendo à tona marcas que evidenciam atitudes valorativas, juízos de valor, próprios dessa esfera, como pretendeu a presente instância, representa ir além da relação texto e contexto e adentrar em um âmbito de reflexão mais complexo de significação. Representa perceber e compreender aquilo que está por *trás* da produção e aquilo que motiva sua atualização. Fazer tal análise de modo a introduzir no trabalho com texto em sala de aula, significa promover o que Fairclough chama de *conscientização* quanto

à linguagem, em especial, quanto ao seu poder de constituir formas de conhecimento, crenças, relações e identidades.

Uma noção que se faz fundamental no tratamento desse enfoque, de caráter ideológico, é a noção de *habitus*, de Bourdieu (1990). Segundo o autor, *habitus* são "valores, formas de percepções dominantes incorporados pelo indivíduo e por meio dos quais ele percebe o mundo social" ... ou ainda, "sistema de esquemas de percepções a apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que os indivíduos adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social" [...] (BOURDIEU, 1990, p. 158). Ora, dar condições ao aluno de perceber e compreender o quanto nossa maneira de pensar e agir é determinada pelo meio no qual estamos inseridos; o quanto nossas produções refletem e refratam a realidade; o quanto os discursos naturalizam as relações, impedindo mudanças e mantendo posições hegemônicas significa, verdadeiramente, caminhar no sentido de torná-lo não só um analista do discurso, mas principalmente um ser pensante capaz de fazer escolhas de seu papel como profissional e cidadão, assumindo uma posição consciente de mantenedor ou transformador da realidade social.

4.3.4 Ensino: Reflexões gerais

A análise do gênero Relatório de Atividade Externa, sob as três instâncias delimitadas – Situacional, Composicional, Axiológica – procurou contemplar as dimensões verbal e extraverbal da linguagem evidenciadas por Bakhtin. Considerações sobre o horizonte espacial, temporal e temático emergiram em meio às reflexões da Instância Situacional, enquanto o horizonte valorativo recebeu tratamento em instância específica, no caso, denominada Axiológica. Considerações a respeito da dimensão verbal, por sua vez, foram elucidadas sob a instância denominada de Composicional. Ainda que delimitadas, sabe-se que são instâncias indissociáveis, representando apenas percursos capazes de avançar na compreensão do gênero Relatório de Atividade Externa e contemplar a visão de linguagem em sua dimensão mais ampla.

A intenção, ao delimitar e definir tais instâncias e categorias de análise, foi também a de construir e viabilizar um percurso metodológico capaz de ser

aplicado no tratamento e ensino de gênero na Educação Profissional. Para isso, procurou-se não perder de vista a perspectiva enunciativo-discursiva da língua em especial a noção de gênero discursivo, a qual prima por partir sempre de aspectos relacionados à situação de enunciação para, então, buscar as marcas linguísticas que refletem no enunciado esses aspectos da situação. Seguiu-se um caminho "top-down" e não "bottom-up", este ainda predominante nas práticas de ensino na atualidade. Buscou-se apresentar uma nova postura diante do trabalho com texto/enunciado em sala de aula, a partir de descrição de regularidades, não só de formas fixas da língua, mas principalmente das regularidades e similaridades das relações sociais, numa esfera de comunicação específica, no caso, a empresarial. Acredita-se que a análise efetuada vem contemplar a perspectiva social, histórica e ideológica da língua, defendida por Bakhtin e, ainda, que sua pretensão não seja voltada ao ensino, isso não impede que seus preceitos sirvam de base para o desenvolvimento de práticas pedagógicas. Assim, a seguir, não perdendo de vista a perspectiva enunciativo-discursiva, defendida nesta pesquisa, mas aliando a conceitos e noções de abordagens mais voltadas ao ensino, busca-se criar um caminho de forma a pôr em prática os conhecimentos aqui levantados. Apresentam-se reflexões a respeito de como transmutar conhecimentos de uma esfera, no caso a empresarial, para outra, a escolar e, além disso, traz-se à tona uma série de levantamentos e propostas capazes de dar subsídios à promoção de mudanças curriculares, ao desenvolvimento de projetos pedagógicos e à elaboração de material didático, o que vem a contemplar, assim, parte do terceiro objetivo do estudo, evidenciado na parte introdutória da pesquisa.

5 ENCAMINHAMENTOS: PENSANDO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICAE SUGERINDO PRÁTICAS DE ENSINO

O futuro não é o lugar para onde estamos indo, mas o lugar que estamos criando. O caminho para ele não é encontrado, mas construído, e o ato de fazê-lo muda tanto a realidade quanto o destino.
John Schaor

Uma última reflexão a ser realizada na presente pesquisa diz respeito às possibilidades de transpor didaticamente os conhecimentos levantados para a prática da sala de aula. Ter conhecimento sobre o funcionamento da esfera empresarial, dos novos gêneros que aí estão emergindo, suas condições de produção e circulação, assim como ter domínio das atuais propostas teórico-metodológicas de ensino de língua não garante uma prática pedagógica eficaz. É necessário pensar também em elementos mais concretos, na tentativa de viabilizar uma proposta pedagógica de sala de aula capaz de atender, de forma mais efetiva, as necessidades dos alunos prestes a ingressar no mercado de trabalho.

Nessas condições, com base em conceitos como Transposição Didática, de Chevallard (1985) e Sequência Didática, de Dolz e Schneuwly (2004), tenta-se refletir e delimitar de forma mais contundente o tratamento a ser dado no ensino de gênero da Educação Profissional, de modo a fornecer subsídios para a promoção de mudanças curriculares, desenvolvimento de projetos de ensino e elaboração de material didático, conforme evidenciado nos objetivos desta pesquisa.

A transposição didática[51] é, sem dúvida, uma noção de grande relevância quando se pensa em questões práticas relacionadas ao processo ensino-aprendizagem, principalmente porque faz refletir sobre a transmutação de saberes científico-teóricos em conteúdos a serem ensinados em sala de aula. Importante ressaltar que muitos dos saberes levantados em uma pesquisa, como a presente, são saberes reais e úteis em um contexto específico de situação, no caso, aqui, em contexto empresarial, área de atuação do futuro profissional, mas precisam ser transformados em conhecimentos a serem ensinados na esfera escolar. O contexto

[51] Considerando o objetivo do presente estudo e primando pela objetividade da pesquisa, dispensou-se a explicitação de conceitos e princípios teóricos relativos à Transposição Didática. As reflexões aqui apresentadas têm como base as leituras de Chevallard (1985) e Petitjean (1998).

escolar tem especificidades próprias e é com base nelas que se deve fundamentar uma proposta pedagógica. Deve-se, sem dúvida, considerar, na elaboração e consecução de propostas de ensino da Educação Profissional muitos outros fatores vinculados à realidade e às necessidade do aluno, do curso técnico em questão, da Instituição de forma geral e, a partir daí, consolidar um caminho eficiente capaz de atender plenamente os objetivos a que a disciplina de Língua Materna se propõe a alcançar. Lembra-se as palavras de Garcia-Debanc (1998) quando diz que diz "enquanto a universidade e os laboratórios produzem os saberes, as empresas os empregam e a escola os transmite, os reconstrói" (GARCIA-DEBANC, 1998, p. 17). É pensando nessa transmissão e reconstrução, a partir das especificidades da esfera escolar, que as reflexões a seguir são direcionadas.

No que diz respeito às sequências didáticas de Dolz e Schneuwly (2004)[52], pode-se afirmar que tal proposta contribuiu para as reflexões do presente estudo, no sentido de fornecer uma série de passos e procedimentos organizados de forma sistemática em torno do estudo de um gênero. As reflexões e encaminhamentos realizados, no entanto, apenas se apoiam na proposta dos autores, a qual fornece subsídios para levantamentos, escolhas de gênero e dão condições para a montagem de um projeto de ensino a ser desenvolvido na disciplina de Língua Materna da Educação Profissional, não mantendo, portanto, com ela vínculo de base epistemológica.

Reitera-se que os levantamentos e as propostas a serem apresentados a seguir dão subsídios para uma prática pedagógica com base na perspectiva de gênero, em especial daqueles gêneros de efetiva circulação na esfera empresarial. Todavia, não representam uma proposta fechada, configuram-se como um caminho capaz de orientar profissionais dessa modalidade de ensino na consecução de objetivos específicos vinculados à perspectiva de gênero.

Primando pela objetividade deste estudo, foram delimitados três aspectos para os quais são pensadas possibilidades pedagógicas: proposta curricular, projeto de ensino e material didático. Tais aspectos são tratados distintamente a seguir.

---

[52] Considerações a respeito da proposta teórico-metodológica de Dolz e Schneuwly (2004) estão presentes no capítulo 2 desta pesquisa, em especial, na seção intitulada Abordagens contemporâneas sobre gênero nos estudos da linguagem.

5.1 PROPOSTA CURRICULAR – POSSIBILIDADES

Entende-se como proposta curricular especificamente o conjunto de parâmetros que orientam o ensino de Língua Materna, em termos teórico-metodológicos e em termos de conteúdos a serem desenvolvidos, dando suporte à organização e à fundamentação dos planos e programas de ensino.

O ensino de Língua Materna na Educação Profissional pode e deve ser pautado sob a perspectiva de gênero, já que tal proposta dá conta de inúmeras práticas sociodiscursivas formuladas a partir das especificidades de uma determinada esfera de atividade. Em outras palavras, considerando que a Educação Profissional visa a preparar alunos para ingressar no mercado de trabalho, em especial na esfera empresarial, ter conhecimento das práticas discursivas que nela se formam e circulam torna-se fundamental, permitindo ampliar a visão de atuação do aluno e levando-o a compreender a relação entre texto, contexto e sociedade. Ensinar língua, nessa perspectiva, é ensinar a agir naquela língua. Lembra-se aqui as palavras pontuais de Antunes (2002) para quem o ensino pautado nos gêneros favorece o aluno em vários aspectos: 1) apreensão de fatos linguístico-comunicativos contextualizados; 2) ampliação de sua competência linguístico-comunicativa, no que diz respeito à produção e recepção de textos (orais e escritos) funcionais no âmbito social; 3) compreensão da natureza do texto, de modo a perceber-lhe a adequação vocabular e sequencial; 4) correlação entre os aspectos textuais e pragmáticos em que se realiza o ato comunicativo; 5) ampliação dos parâmetros linguísticos, de indicativos da realização linguística ideal. (ANTUNES, 2002, p. 71). E a presente pesquisa nada mais é do que a concretização de uma proposta teórico-metodológica que vem viabilizar um ensino pautado na perspectiva de gênero, em especial, na perspectiva de gênero discursivo de base enunciativo-discursiva.

Defendida a proposta de base teórico metodológica, cabe, então, fazer levantamentos que podem servir de base para a formulação de propostas curriculares em especial de planos e programas de ensino na Educação Profissional.

O primeiro levantamento, apresentado no quadro 20, diz respeito aos gêneros de circulação na esfera empresarial, considerando as três áreas investigadas: Química, Edificações, Eletrônica e seu grau de recorrência.

À esquerda do quadro estão arrolados os gêneros da listagem previamente elaborada para a presente pesquisa,[53] além dos gêneros citados pelos representantes das empresas, durante a entrevista, e que não constavam na listagem. A recorrência dos gêneros está evidenciada de acordo com a legenda definida logo abaixo do quadro.

Gêneros de efetiva circulação na esfera empresarial	Gêneros de circulação em empresa da área de Química	Gêneros de circulação em empresa da área de Eletrônica	Gêneros de circulação em empresa da área de Edificações
Ata	√	√	√
Atestado	√	√	√
Aviso	√		√
Bilhete	√		√
Boletim Informativo	√	√	√
Briefing	√		
Carta profissional		√	√
Carta comercial	√	√	
Cartilha	√	√	√
Classificados		√	
Circulares		√	√
Diagnóstico	√		
Diário de obra			√
Edital		√	
E-mail	√	√	√
Folder	√	√	√
Informativos impressos	√	√	√
Manual	√		√
Memorando	√	√	√
Ofício	√	√	
Palestra	√	√	√
Parecer	√	√	
Pesquisa de clima	√		
Planilha de avaliação			√
Procedimento	√	√	√
Projeto	√	√	√
Protocolo	√	√	√
Registro de ocorrência	√		
Relatório	√	√	√
Release		√	
Requerimento		√	√

Quadro 20 - Relação dos gêneros que circulam em empresas das áreas de Química, Eletrônica e Edificações e seu grau de recorrência

Legenda:

Gênero de circulação em apenas 1 das empresas visitadas
Gênero de circulação em 2 das empresas visitadas
Gênero de circulação nas 3 empresas visitadas

[53] Foram retirados da listagem os gêneros Artigo, Mala direta e Telegrama, já que, segundo os entrevistados, não são gêneros de circulação nas empresas visitadas.

No quadro apresentado, é possível visualizar os gêneros que costumam circular nas empresas das áreas avaliadas e seu grau de recorrência. Tal levantamento representa possibilidades de ensino da Educação Profissional, já que dão subsídios para a elaboração de planos e programas de ensino. Cabe ressaltar algumas peculiaridades constatadas durante o estudo, pertinentes de serem mencionadas e reiteradas nesta seção. Primeiramente, o fato de algumas dessas produções fazerem parte da rotina do trabalho, possibilitando a sucessão das ações. São produções que dão continuidade às atividades já definidas e muitas vezes encontram-se já formuladas, como manuais de instrução, procedimentos, folders, ou ainda, pré-prontas, como requerimentos, ofícios ou memorandos – produções padronizadas a serem preenchidas em formulários, o que se denominou aqui de Gêneros Organizacionais. Outras produções, porém, propõem ou alteram rotinas de trabalho sem fazer parte delas, ou melhor, caracterizam-se por serem anteriores ou posteriores à cena de trabalho, como projetos, relatórios, pareceres, circulares, exigindo, na maioria das vezes, maior articulação das ideias: descrições minuciosas, encadeamentos específicos, posicionamentos, argumentos, etc, denominados aqui de Gêneros Funcionais. Um outro aspecto importante de ser destacado diz respeito ao fato de que muitos gêneros apresentam desdobramentos dentro de uma empresa, de acordo com a realidade da qual fazem parte. Surgem com o intuito de atender necessidades específicas do ramo ou da atividade, tal como foi visto com o relatório, a partir do qual foram verificados diversas modalidades: relatório de atividade, relatório financeiro, relatório de visita técnica, relatório de projeto, relatório de auditoria, relatório de sustentabilidade, etc.

Assim, considerando que a realidade de cada empresa é única, o que a escola deve e pode fazer, ao pensar em sua proposta curricular, em especial na escolha de gêneros da esfera empresarial, é levar em conta a relevância das modalidades para sua área específica de atuação, consultando, por exemplo, o levantamento acima, e, além disso, dar prioridade àqueles que exigem maior articulação de ideias, descrições mais detalhadas e posicionamentos, já que esses permitem o desenvolvimento de habilidades mais amplas, garantindo a produção de gêneros representativos e principalmente de seus desdobramentos.

Outro levantamento pertinente de se fazer aqui é evidenciar a interface entre os gêneros que realmente circulam nas empresa e os gêneros objeto de estudo do programas de Língua Materna dos cursos de Química, Eletrônica e

Edificações da Instituição em análise. No quadro 21, é possível visualizar tal relação. Em destaque, à direita, são evidenciados apenas os gêneros concomitantes, ou seja, de circulação empresarial contemplados no programa de ensino da Instituição.

Gêneros de efetiva circulação na esfera empresarial	Gêneros arrolados no programa de Língua Materna dos cursos de Química, Edificações e Eletrônica	Gêneros de circulação na esfera empresarial contemplados em programas de cursos da Educação Profissional
Ata		
Atestado		
Aviso		
Bilhete		
Boletim Informativo		
Briefing		
Carta profissional		
Carta comercial		
Cartilha		
Classificados	Artigo	
Circulares	Apresentação em Power-Point	
Diagnóstico	Carta autobiográfica	
Diário de obra	Slides	
Edital	Carta de apresentação	Carta comercial
E-mail	Curriculum vitae	Palestra
Folder	Descrição técnica	Projeto de ensino
Informativos Impressos	Carta comercial	Relatório de estágio
Manual	Fichas de registro de pesquisa	
Memorando	Memorial descritivo	
Ofício	Palestra	
Palestra	Projeto de pesquisa	
Parecer	Relatório de estágio	
Pesquisa de clima	Resumo	
Planilha de avaliação		
Procedimento		
Projeto		
Protocolo		
Registro de ocorrência		
Relatório		
Release		
Requerimento		

Quadro 21 - Relação entre os gêneros de circulação na esfera empresarial e os gêneros arrolados no programa de Língua Materna de Instituição profissionalizante

O confronto exposto revela o descompasso existente entre os gêneros ensinados na escola e os que efetivamente fazem parte da prática profissional das empresas. Dentre os gêneros arrolados, apenas 4 são concomitantes, ainda assim, alguns trazem especificidades das esferas das quais fazem parte, como o Relatório de Estágio e o Projeto de Pesquisa, caracterizados, neste caso, para atender a realidade da escola.

Um último levantamento que se acredita ser pertinente fazer diz respeito às diversas possibilidades de gêneros a serem trabalhadas na disciplina de Língua Materna da Educação Profissional. Cabe enfatizar que durante o processo de pesquisa, tomou-se conhecimento, através da literatura da área [54] de outros gêneros possíveis de serem trabalhados na Educação Profissional, os quais não constavam na listagem da entrevista, não foram mencionados pelos entrevistados, nem estavam arrolados nos programas. Considerando que o objetivo desta seção é dar subsídios para a elaboração de propostas curriculares, acredita-se que tal levantamento, apresentado no quadro 22, pode contribuir no momento de se fazer escolhas.

anúncio, apresentação em power point, artigo, ata, atestado, audioconferência, aviso, balanços, bilhete, boletim informativo, boleto, briefing, bula, carta autobiográfica, carta de apresentação, carta profissional, carta comercial, cartilha, catálogos, certificado de garantia, classificados, circular, conferência, contrato, controle de estoque, cronograma de trabalho, copyright, curriculum vitae, declaração, debate deliberativo, descrição técnica, diagnóstico, diário, edital, e-mail, entrevista, estatuto, ficha de registro de pesquisa, folder, glossário, gráfico, guia, informativo, instruções de montagem, instruções de uso, mala direta, manual, memorando, memorial descritivo, monografia, nota de compra/venda, nota de serviço, nota promissória, notificação, ofício, organograma, palestra, panfleto, parecer, pesquisa de clima, planilha de avaliação, procedimento, procuração, prospecto, protocolo, projeto, recibo, referência bibliográfica, regimento, registro de ocorrência, regulamento, relatório, release, requerimento, resumo, roteiro, rótulo, sindicância, slogan, tabela, telefonema, telegrama, tomada de notas, etc

Quadro 22 - Possibilidades de gêneros para o ensino de Língua Materna da Educação Profissional

Deve-se considerar o fato de que, embora a presente pesquisa defenda um ensino voltado para a inclusão de gêneros da esfera da empresarial no ensino

[54] Fontes: Marcuschi (2008), Costa (2009), Dolz e Schneuwly (2004), PCNs (1999)

da Educação Profissional, isso não significa dizer que a escola tenha de abdicar do trabalho com gêneros propriamente escolares e de outros que venham atender suas próprias necessidades. O que se intencionou, ao fazer esses levantamentos, foi de fornecer subsídios para que as escolhas possam ser adequadas e pertinentes às necessidades da realidade escolar atual.

Outro levantamento importante a ser realizado – mas que no momento vai além dos objetivos propostos para a pesquisa, diz respeito aos gêneros trabalhados nas disciplinas especificamente técnicas. Sem dúvida, trabalhar de forma interdisciplinar deve ser aspecto privilegiado no ensino de Língua Materna, na Educação Profissional.

Para finalizar este primeiro segmento, cabe dizer que o que efetivamente se defende é um trabalho com base no ensino de gêneros de significativa representatividade para o aluno, de modo a propiciar ampliação da visão de sua atuação e diminuir a artificialidade com que comumentemente os gêneros vêm sendo trabalhados em sala de aula. Ou ainda, como diz Motta-Roth "o que devemos fazer [educadores da linguagem] é ampliar o leque de possibilidades de experiências, trazendo o mundo para a sala de aula e levando o aluno a vivenciar o mundo lá fora". (MOTTA-ROTH, 2006, p. 498)

5.2 PROJETO DE ENSINO – POSSIBILIDADES

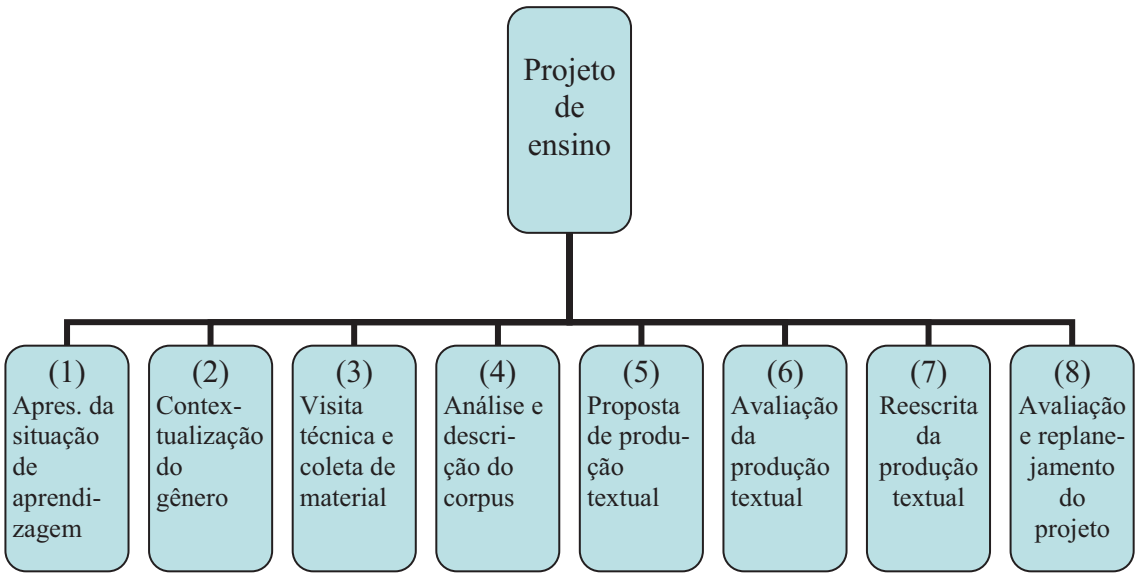
Neste segmento, o objetivo é sistematizar uma proposta pedagógica a servir de modelo para o trabalho com gênero na Educação Profissional. Toma-se emprestada a noção de sequência didática, definida por Dolz e Schneuwly (2004), como "um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito" (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Nesse sentido, a intenção especificadamente é organizar, a partir dos conhecimentos e reflexões levantados na pesquisa, uma metodologia capaz de orientar professores no tratamento de ensino de gêneros e de propiciar aos alunos um caminho capaz de levá-los a apreender e apropriar-se do gênero em estudo, ou ainda mais, de instrumentalizá-los no sentido de desenvolver habilidades capazes de compreender outros gêneros que ainda não dominem ou conheçam. Gênero, portanto, neste segmento e com base na proposta dos autores citados, é visto como

uma *ferramenta*, isto é, um instrumento com o qual é possível exercer uma ação linguística sobre a realidade.

Vale ressaltar que a metodologia criada e sistematizada apenas toma emprestadas algumas noções da proposta das sequências didáticas dos referidos autores, já que foram incluídas etapas mais amplas, referentes a atividades de recepção e produção, desde sua escolha até a avaliação e reescrita das produções, recebendo o nome de Projeto de Ensino para o Tratamento de Gêneros na Educação Profissional. Abaixo, apresenta-se esquematicamente cada etapa do projeto e, na sequência, são discriminadas e descritas as atividades a serem desenvolvidas em cada uma dessas etapas.

5.2.1 Esquema das etapas

Projeto de Ensino para o Tratamento de Gêneros na Educação Profissionalizante



5.2.2 Discriminação das etapas

1ª Etapa – Apresentação da situação de aprendizagem:

(a) Explanação sobre a noção de língua sob a perspectiva enunciativo-discursiva e sobre a noção de gênero como objeto de estudo;

(b) Apresentação e discussão das possibilidades de gênero a serem trabalhadas durante o semestre, de acordo com o programa previamente planejado por professores de Língua Materna, professores da área técnica e coordenadores pedagógicos;

(c) Seleção dos gêneros a serem trabalhados durante o semestre.

2ª Etapa – Contextualização do gênero escolhido como objeto de estudo:

(a) Caracterização da esfera de produção: escolar ou empresarial...;

(b) Discussão geral sobre o contexto produção do gênero e levantamento de hipóteses referentes aos seguintes aspectos: finalidade comunicativa, interlocução, temas/assuntos tratados, espaço de circulação, momento de produção, organização e seleção de informações, linguagem, relações de poder, valores, ideologia...;

(c) Elaboração do roteiro de visita a local de produção do gênero e de entrevista a responsável pela elaboração do gênero objeto de estudo;

(d) Pesquisa complementar sobre o gênero em estudo, permitindo o levantamento de informações adicionais sobre ele.

3ª Etapa – Visita técnica ao local de produção do gênero e coleta de material:

(a) Contato com a empresa ou instituição produtora do gênero em estudo a ser visitada;

(b) Visita ao local e entrevista com o responsável pela elaboração do gênero objeto de estudo;

(c) Coleta de material.

4ª Etapa – Análise e descrição do corpus:

(a) Discussão em sala de aula sobre as condições de produção do gênero: confirmação ou rejeição das hipóteses levantadas em módulo anterior;

(b) Escolha e delimitação do corpus;

(c)Descrição do gênero sob três aspectos:

(1) Aspectos situacionais

O que é? Que circunstâncias motivam a produção do gênero? Para que serve? Que objetivo(s) pretende(m) alcançar? Quais gêneros o procedem e o sucedem? Quem produz? Quem recebe? Que relação existe entre os interlocutores? Que função exercem? Que papéis assumem na esfera de produção?

De que assunto(s) trata(m) o gênero? Que informações são imprescindíveis? Qual é a relevância do gênero na esfera? Quando e onde (setor) é normalmente produzido? Quem tem acesso? Qual é a periodicidade de produção? Como é veiculado? Qual é o suporte utilizado?

(2) Aspectos composicionais

Como é organizado/estruturado? Quais são suas partes? Quais são os elementos textuais e os paratextuais? Qual é a sua EPG – movimentos e passos opcionais e obrigatórios? Quais aspectos gramaticais são recorrentes – formas de tratamento, tempo e modo verbal, voz verbal, pessoalidade/impessoalidade...? Qual registro é utilizado? Quais tipos textuais estão presentes e qual é o predominante: narrativo, descritivo, injuntivo, persuasivo...? Quais recursos coesivos – micro e macro-são utilizados? Quais escolhas lexicais revelam especificidades da esfera? Em termos estilísticos que aspectos são recorrentes e revelam marcas da esfera e do autor? Quais modalizadores estão presentes no gênero?

(3) Aspectos ideológicos

Como o gênero representa a realidade a que está vinculado? Que valores e ideologias subjazem à materialidade linguística? Qual é a relação de poder existente entre o produtor e o receptor do gênero? O que pode e não pode ser dito? Que aspectos refletem especificidades da esfera - tamanho, porte, tipo, ramo...?

5ª Etapa – Proposta de produção textual:

(a) Simulação de situação de produção;

(b) Definição das condições de produção do gênero: objetivos, interlocução, tema, veiculação...;

(c) Elaboração do gênero pelos alunos.

6ª Etapa – Avaliação da produção textual:

(a) Verificação da capacidade de apreensão e apropriação do gênero pelo aluno;

(b) Verificação de aspectos textuais: organização e hierarquização das informações, coesão (micro e macro), coerência, sequências tipológicas...;

(c) Verificação de aspectos gramaticais (ortografia, concordâncias, regências...) e lexicais (adequação, precisão...);

(d) Verificação da adequação de aspectos discursivos relacionados ao contexto de produção previamente determinados.

7ª Etapa – Reescrita da produção textual:

(a) Reprodução coletiva;

(b) Reprodução individual.

8ª Etapa – Avaliação e replanejamento do projeto:

(a) Aspectos positivos;

(b) Aspectos negativos;

(c) Reformulação e aperfeiçoamento do projeto.

5.2.3 Descrição das etapas

A proposta acima representa uma possibilidade pedagógica a ser implementada no ensino de Língua Materna da Educação Profissional, em especial no tratamento de gênero. Obviamente que apresenta caráter flexível e aberto, no sentido de permitir inclusão, exclusão ou adaptação dos procedimentos formulados. Algumas considerações fazem-se necessárias a respeito de cada etapa.

Em relação à primeira, cabe dizer que acredita-se ser de fundamental importância tentar modificar, desde o início dos trabalhos, a visão formalista de língua que ainda hoje acompanha os alunos de diversos níveis de ensino. Adotar

uma perspectiva de base enunciativa, na qual a língua é vista como atividade, interação, como um constante diálogo que vai adquirindo formas relativamente estáveis nas diferentes esferas de atividade social, torna-se fundamental. Provavelmente, nesta primeira etapa, os alunos não consigam de imediato abstrair tal perspectiva, nem modificar de forma plena sua concepção de língua. Isso ocorrerá provavelmente somente no final do projeto, no entanto essa explanação inicial torna-se importante no sentido de direcionar reflexões e instigar novo posicionamento frente à disciplina. Logo em seguida, considerando a realidade do curso, das disciplinas técnicas e do ramo ou setor produtivo do qual os alunos farão parte, inicia-se a discussão sobre os gêneros a serem objetos de estudo durante o semestre. Oportunizar uma visão geral dos diversos gêneros propostos no programa de ensino, como forma de orientar os alunos em suas escolhas, também parece ser necessário, já que alguns gêneros podem ser por eles desconhecidos. Definido o gênero objeto de estudo, encerra-se a primeira etapa do projeto.

A segunda etapa tem como objetivo contextualizar o gênero selecionado e, por isso, faz-se necessário, inicialmente, conhecer e caracterizar a esfera de produção. Nesse sentido, serão levantadas hipóteses quanto a diferentes aspectos relacionados ao contexto de produção, tais como: circunstâncias que motivam a produção, perfil dos interlocutores, temas recorrentes, espaço e periodicidade de circulação, linguagem utilizada, organização textual, tipologia textual, valores, ideologia, marcas de identidade da esfera, etc. Importante também é situar o aluno no *continuum linguístico*[55], trazendo à tona os diversos gêneros que circulam na esfera, como estão interligados, e quais antecedem e sucedem o gênero escolhido. Logo em seguida, ou concomitantemente a essa explanação oral, será elaborado o roteiro de visita ao local de produção, assim como as perguntas que deverão ser feitas ao entrevistado, produtor do gênero em estudo. Os alunos deverão durante essa etapa, realizar pesquisa complementar, trazendo para a sala de aula todo tipo de informação que possa contribuir para o domínio do gênero. Importante, nesta etapa, é o aluno ter em mente uma série de representações relacionadas à organização, à produção e à circulação do gênero− as quais serão confirmadas ou refutadas posteriormente − além de estar motivado e preparado para a realização da visita.

---

[55] Marcuschi, 2008, p. 196.

A terceira etapa centra-se na visita ao local de produção do gênero, a fim de realizar a entrevista e coletar material. Deverá ter sido feito previamente contato com a empresa ou instituição de modo a esclarecer os objetivos, formalizar documentação necessária (consentimentos, atestados...) e combinar agendamento. Os alunos poderão utilizar equipamento de gravação em áudio e/ou vídeo para registrar a entrevista e deverão se embasar no material elaborado em sala de aula para fazer os questionamentos. Acredita-se que, além de aspectos relacionados ao gênero em estudo, outras informações deverão vir à tona referentes à comunicação de modo geral, importância, funcionamentos, eficiência, novos gêneros em circulação. É indispensável nesse momento que os alunos tirem o máximo de proveito da visita no sentido de esclarecer dúvidas e curiosidades. Após a entrevista, será feita a solicitação e coleta de material relativo ao gênero em estudo.

A quarta etapa diz respeito ao momento de análise e descrição do material coletado. Primeiramente, será retomada a entrevista e, a partir dela, feita discussão de caráter geral e de aspectos específicos referentes à dimensão situacional e ideológica, previamente definidos, quando, então, serão confirmadas ou rejeitadas as hipóteses levantadas anteriormente em sala de aula. Cabe, nesse momento, fazer uma reflexão comparativa entre as representações contextuais levantadas nos distintos momentos do estudo, discutir e redimensionar conceito de língua e introduzir a noção de gênero. Num segundo momento, então, a atenção será direcionada aos exemplares coletados do gênero, sobre os quais recairão predominantemente a análise de aspectos composicionais, previamente definidos. É fundamental nesse momento de análise comparativa, dar atenção a fatores estáveis e instáveis do gênero presentes nos diversos exemplares coletados. Obviamente também que aspectos situacionais e ideológicos emergirão em meio as reflexões de caráter composicional, complementando às reflexões levantadas e o conhecimento sobre a esfera de produção. Acredita-se que, nessa etapa, os alunos terão redefinido o contexto de produção e disponibilizarão de um conjunto de parâmetros que servirão de base para as decisões que serão tomadas em relação à produção do gênero em estudo: próximo passo. Pertinente, nesse momento, serem registradas informações e reflexões levantadas no estudo, as quais servirão de subsídios para a elaboração de material didático a ser desenvolvido em outro projeto, posteriormente.

Os alunos, imbuídos de informações contextuais e motivados com a elaboração de material escrito, darão início à quinta etapa, denominada de produção textual. O professor organizará previamente uma proposta de trabalho, na qual deverão estar definidos aspectos como objetivos, interlocutores, tema, local e características do local de produção, circulação, linguagem, etc. E os alunos deverão, a partir dos novos parâmetros definidos e com base na análise dos exemplares analisados, produzir o gênero em estudo.

A sexta etapa diz respeito à correção e à avaliação dos textos produzidos pelos alunos. O professor deve inicialmente verificar o grau de apreensão do gênero pelo aluno no sentido de constatar se o material produzido se caracteriza efetivamente como o gênero em estudo. Deverá, para isso, levar em conta a organização, seleção e hierarquização das informações, a organização estrutural do texto, a interlocução, a linguagem utilizada em termos de adequação e propriedade para depois considerar aspectos relativos à ortografia e à gramática. O professor deverá selecionar um dos textos produzidos e, a partir dele, fazer considerações coletivamente. A fim de não provocar constrangimento ao aluno autor do texto, o professor poderá tomar exemplar produzido por aluno de outra turma e, além disso, não mencionar qualquer dado referente ao autor. Poderão também serem feitos recortes de diferentes produções para serem comentados coletivamente. Conforme as condições, seria interessante escanear os textos a serem comentados, apresentando-o originalmente e projetando-o de forma de todos pudessem visualizar a produção. O professor deve dar oportunidade de os alunos fazerem a análise, os comentários, não só de aspectos negativos, mas também dos positivos. Os aspectos negativos devem ser comentados, mas também, a partir deles, devem ser apresentadas soluções, maneiras de superar problemas. Exercícios de substituição, transformação, alteração de ordem, encaixes devem acompanhar a análise. Os alunos deverão desenvolver uma linguagem comum para falar sobre o gênero e adquirir formas de observá-lo, sob vários pontos de vista.

A sétima etapa é o momento da reescritura do texto. Acredita-se que primeiramente deve-se fazer uma reescrita coletiva. Assim, o texto selecionado e comentado oralmente pelo grupo deve ser reelaborado coletivamente no quadro-negro, de forma a torná-lo adequado ao objetivo da proposta de acordo com as características do gênero. Num segundo momento, cada aluno receberá sua produção devidamente comentada pelo professor e, a partir daí, dará início a

reescrita individual, que deverá ser feita em aula, com o auxílio do professor. A nova produção deverá ser entregue ao professor, juntamente com a primeira versão, a fim de que ele possa verificar se os comentários, sugestões e as devidas retificações foram compreendidas e efetuadas pelo aluno. O professor poderá, durante essa etapa, desenvolver atividades específicas que vão ao encontro das dificuldades diagnosticas durante a correção, por exemplo, realizar exercícios que permitam o aluno desenvolver várias maneiras de introduzir ou concluir gênero, transformar sequência descritiva em argumentativa, utilizar adequadamente nexos e elementos coesivos, empregar termos modalizadores, analisar a propriedade e adequação vocabular, superar problemas ortográficos e gramaticais específicos. O conhecimento da língua emergiria, então, em segundo plano, como ferramenta capaz de ir ao encontro de objetivos mais amplos.

A oitava e última etapa refere-se à avaliação do projeto. Deverá ser alvo de crítica cada uma das etapas desenvolvidas e acima discriminadas, em seus aspectos positivos e negativos. O projeto deverá ser reelaborado por escrito e, em seguida, deverá ser definido o gênero a ser explorado na sequência.

Para finalizar, cabe dizer que o projeto delineado representa uma possibilidade a ser desenvolvida no ensino de gênero da Educação Profissional. A viabilidade das etapas vai depender de uma série de circunstâncias e de interesses do grupo, devendo, portanto, o projeto apresentar flexibilidade. Chama-se a atenção de que, na Educação Profissional, é frequente a realização de visitas técnicas, a partir da qual os alunos têm oportunidade de se deparar com uma nova realidade, vinculada à área de atuação do futuro profissional. O presente projeto representaria uma continuidade ou parte desse projeto maior, agora, no entanto, com olhos voltados a uma outra realidade: a comunicação, a linguagem e as formas relativamente estáveis que, em determinada esfera, se formam e circulam.

5.3 MATERIAL DIDÁTICO – POSSIBILIDADES

Foi possível verificar, através de consulta e investigação da literatura da área e inclusive de rastreamento pela Internet, a pouca disponibilidade de material didático direcionado à Educação Profissional, em especial ao ensino e tratamento de gênero. O material disponível, na maioria das vezes, trabalha com gêneros

cristalizados como ofício, requerimento, memorando..., sob uma perspectiva de língua instrumentalista.

Cabe ressaltar que a Revista Ret-Sus, vinculada à Rede de Escolas Técnicas do Sistema Único de Saúde, órgão governamental, em publicação recente, traz em um de seus artigos reflexão profícua a respeito da grande escassez de material didático voltado para a Educação Profissional no país, em especial quando comparado à grande disponibilidade de livros didáticos da Educação Básica, distribuídos gratuitamente pelo governo federal por meio do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Os autores apresentam razões de ordem social e histórica para justificar tal discrepância, além de chamar a atenção do quanto os docentes dessa modalidade de ensino têm por hábito a elaboração de apostilas para uso próprio, o que acaba impedindo, na verdade, a democratização do conhecimento produzido em escala nacional. A novidade anunciada no artigo é que o governo já reconheceu essa lacuna e está adotando uma política de apoio aos novos autores que são estimulados a apresentarem propostas de publicação ao MEC que, a partir de uma avaliação, libera recursos necessários à edição. Muito provavelmente, nesse processo, as propostas voltadas às áreas técnicas tenham prioridade frente às propostas de cultura geral como a do presente estudo, o que nos impele de forma mais contundente a agregar maneiras de evidenciar o quanto a linguagem está imbricada às práticas sociais e o quanto seu domínio é imprescindível para o alcance de objetivos da vida em sociedade. É o momento, então, de evidenciar a relevância dos estudos da linguagem e buscar efetivamente um espaço mais significativo para a disciplina no cenário da Educação Profissional do País.

O que se apresenta a seguir representa apenas o esboço de uma proposta capaz de orientar a produção de material didático voltado ao estudo de gêneros da Educação Profissional. A proposta, em sua essência, visa à materialização do projeto desenvolvido na etapa anterior, configurando-se como suporte para registro da experiência vivenciada pelos alunos. Parte-se do pressuposto de que é de fundamental importância criar um mecanismo capaz de registrar informações, significar experiências e, fundamentalmente, construir um acervo material, capaz de orientar estudos, pesquisas futuras e democratizar o conhecimento nessa modalidade de ensino.

Os itens arrolados no quadro 23 representam aspectos a serem ampliados, significados e respaldados, ou ainda, tomados como ponto de partida para elaboração de material didático, o qual poderá tomar a forma de apostilas, manuais ou livros didáticos. Noções relacionadas a gênero discursivo, esfera de atividade, enunciado sob enfoque enunciativo-discursivo, obviamente, deverão embasar as reflexões levantadas de forma a sustentar todo o desenvolvimento do material. Cabe ainda ressaltar que, como a intenção é atender as necessidades da Educação Profissional, muitos dos gêneros a serem explorados provavelmente não estejam vinculados à esfera empresarial, devendo, portanto, receber tratamento específico, respaldado pela esfera da qual fazem parte. A seguir, visualizam-se itens que deverão ser contemplados na elaboração de material didático da Educação Profissional.

Gênero

Parte I

Conceito

Finalidades e circunstâncias de produção

Relevância

Gêneros anteriores/posteriores

Modalidades

Circulação

Periodicidade

Interlocução

Características da linguagem

Parte II

Exemplares

Parte III

EPG (Estrutura Potencial do Gênero)

Sequências textuais

Coesão/coerência

Tema e rema

Tratamento

Tempo verbal

Pessoa do discurso

Modalizadores

Parte IV

Proposta(s) de produção escrita

Quadro 23 - Esquema de orientação para a confecção de material didático

De forma geral, a proposta se sustenta em quatro segmentos distintos. No primeiro, a intenção é evidenciar a dimensão contextual, discursiva, axiológica do gênero, trazendo à tona informações referentes às condições de produção e à esfera de atividade. No segundo, a ideia é explicitar, ou melhor, apresentar modelos concretos dos gêneros em circulação para, então, no terceiro, poderem ser considerados aspectos relacionados a sua composição, em especial, sob enfoque

linguístico e textual. Obviamente que muitas das informações deverão ser relativizadas, justificando o caráter estável e instável do gênero. No quarto segmento, deve ser apresentada uma proposta de produção do gênero, na qual deve vir explicitado um contexto de produção, de modo que o aluno crie em sua mente um conjunto de representações que constituem base de orientação para as decisões, que serão tomadas na construção do seu texto.

De forma geral, o projeto apresentado configura-se como o início de uma caminhada cujo primeiro passo encontra-se apenas delineado. Provavelmente, muitas reformulações e muitos ajustes deverão ser efetuados, até a consolidação final da proposta.

Para finalizar, cabe dizer que as reflexões levantadas em termos de proposta curricular, projeto pedagógico e material didático representam uma tentativa de redimensionar o ensino de Língua Materna da Educação Profissional com base nas atuais abordagens linguísticas, em especial, implementar um ensino de base enunciativo-discursiva, contemplando a dimensão verbal e extraverbal da linguagem. Procurou-se de forma geral pensar em modos viáveis de transmutação e transposição de conhecimentos, de mediação entre teoria e prática, ciência e ensino na tentativa concretizar conceitos, buscar melhorias na qualidade de ensino e, fundamentalmente, propiciar condições para que seja reconhecida a relevância do ensino de Língua Materna na Educação Profissional.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa torna-se relevante quando afeta positivamente a vida das pessoas nos planos individual e coletivo e/ou possibilita a realização de ações ou tarefas antes ainda não pensadas ou difíceis de serem viabilizadas. Garantir, no entanto, a plena efetivação e o sucesso de um estudo, em especial voltado ao ensino, é um ato demasiadamente pretensioso, já que, na prática, emerge uma série de aspectos circunstanciais, de caráter social, cultural , sistêmico, econômico, que impossibilita, muitas vezes, a concretização da situação idealizada pelo professor-pesquisador. Contando com isso, a pretensão não foi a de encontrar verdades e/ou solucionar problemas de forma definitiva, mas a de apresentar *reflexões, análises e possibilidades* capazes de contribuir, de maneira substantiva, para o ensino de língua como atividade interativa em uma dada realidade – a Educação Profissional.

Um aspecto importante de ser mencionado, no início dessas considerações finais, diz respeito à motivação que levou ao desenvolvimento deste estudo em específico, e que, por sua vez, está diretamente relacionado a uma realidade vivenciada pela própria pesquisadora: a pouca representatividade dispensada à disciplina de Língua Materna em instituição profissionalizante. O professor de português ainda é visto, nesse contexto, como mero corretor de textos, como aquele que tem domínio pleno de regras gramaticais e ortográficas e, em consequência, a disciplina tem se configurado apenas como auxiliar das demais, dentro de uma visão instrumental e sistêmica. Redimensionar essa postura e introduzir uma abordagem de base interativa, na qual a língua é concebida como prática social, como atividade entrelaçada à vida em sociedade, faz-se demais necessária. Assim, em busca de mudanças, o primeiro passo dado foi o de realizar um estudo piloto e fazer ouvir o aluno egresso da Instituição e atuante no mercado de trabalho. Foi a voz desses sujeitos, entre outros instrumentos, que reiteraram a relevância da comunicação no setor produtivo, evidenciaram novas práticas comunicacionais nessa esfera, apontando alguns caminhos a serem tomados como forma de alterar essa imagem e reverter tal situação. Ainda que apenas tangenciado na pesquisa, foi o estudo piloto que delineou objetivos, apontou percursos teóricos e metodológicos e significou conceitos das atuais

abordagens linguísticas, em especial, a de gênero discursivo, quando, então, ainda configuravam-se abstratos.

Foi a partir dessa experiência também que se levantou o pressuposto do presente estudo, o de que a escola não havia compreendido de forma efetiva a perspectiva enunciativo-discursiva que concebe a língua como atividade interativa de caráter histórico, social, ideológico, não contemplava um ensino de gênero discursivo, assim como não vinha acompanhando e introduzindo em sua prática as transformações da esfera empresarial, área de atuação do aluno egresso da Instituição, aspectos esses responsáveis pela manutenção da pouca representatividade da disciplina. Assim, adentrou-se, num primeiro momento, na Escola e, a partir da investigação de planos e programas de ensino, observação de aulas e entrevista com professores, confirmou-se o pressuposto levantado, além de se trazer à tona uma série de reflexões relevantes antes passadas despercebidas no que tange ao ensino de Língua Materna da Educação Profissional. Em um segundo momento, fez-se necessário adentrar à Empresa, conhecer suas especificidades, seu funcionamento, seus gêneros de circulação, e, em um processo de amadurecimento teórico e prático, construiu-se a tese da pesquisa, a de que a escola só efetivará um ensino de base enunciativo-discursivo quando compreender que o gênero precisa ser visto sob a esfera de atividade, espaço de refração da realidade; quando tomar como ponto de partida, em suas análises, a situação de enunciação, para a partir daí buscar as marcas que refletem no enunciado esses aspectos da situação.

Assim, em um terceiro momento, fez-se necessário voltar-se ao Ensino e concretizar uma análise efetivamente de base discursiva, a partir de um gênero de real circulação na empresa. Pôr em prática conceitos, aliar pesquisa e ensino, criar um metodologia capaz de dar conta da dimensão verbal e extraverbal da linguagem como forma de dar subsídios a profissionais da área a adotar uma nova postura de ensino mais significativa foi o que se tentou concretizar nesse segmento. A voz de produtores/elaboradores do gênero eleito, Relatório de Atividade Externa, aliada à análise de exemplares de efetiva circulação, sob enfoque Situacional, Composicional e Axiológico, permitiu avançar substancialmente na compreensão do gênero em estudo e do funcionamento dos gêneros em geral, assim como viabilizou o levantamento concreto de possibilidades a serem implementadas no ensino de Língua Materna da Educação Profissional, em especial a aspectos

relacionados a mudanças curriculares, desenvolvimento de projetos pedagógicos e elaboração de material didático. Essa, portanto, foi resumidamente a trajetória percorrida pela presente pesquisa, a qual, conforme visto, pode ser configurada em três principais segmentos: ESCOLA, EMPRESA, ENSINO.

No que tange aos resultados do primeiro segmento da pesquisa, a ESCOLA, cabe dizer que, a intenção ao investigar o real tratamento concedido ao estudo de gêneros, foi também a de apreender a concepção de língua que verdadeiramente subjaz ao ensino de Língua Materna nessa modalidade de ensino. E, nesse sentido, foi possível verificar que, dentre as três concepções de língua respaldadas pela literatura – Tradicional, Estrutural e Interacionista – foi a concepção estrutural que, de forma geral, caracterizou o ensino da instituição profissionalizante. Ainda que tenham ecoado vozes das atuais abordagens lingüísticas, nas entrevistas e nos planos e programas de ensino, o que se evidenciou foi uma visão de linguagem como instrumento de comunicação, uma visão de língua como estrutura disponível ao uso dos falantes a ser dominada como forma de promoção profissional e social, e uma visão de gênero como famílias de textos que apresentam similaridades. Recortes provenientes das entrevistas, da prática de sala de aula, do planos e programas, apresentados no corpo do trabalho, respaldam e fundamentam a leitura que se fez dessa realidade. Reitera-se que um estudo de base interativa, em especial enunciativo-discursivo, só é legítimo quando concebe a linguagem como criação coletiva integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, entre muitos “eus” e muitos “outros”; quando compreende a língua como constitutiva das atividades sociais, um lugar de interação, cujos sentidos são produzidos por interlocutores, numa dada situação comunicativa e em um dado contexto social, histórico, ideológico; e quando vê gênero como enunciados relativamente estáveis, como forma recorrente e significativa de agir em conjunto, portanto, como fenômeno estruturador da cultura. Enfim, uma prática de ensino de gênero voltada à perspectiva discursiva somente se efetiva quando põe em evidência a situação de enunciação em seus aspectos de produção, circulação e recepção; quando toma como ponto de partida a análise dos aspectos socio-históricos da situação, privilegiando a vontade enunciativa do locutor em termos de finalidade e de apreciação valorativa sobre interlocutores e temas para, a partir daí, avaliar a materialidade linguística. E o que se viu verdadeiramente foi

um estilo muito mais “bottom-up”, de descrição paralela e exaustiva do texto do que um estilo “top down”, da situação ao texto.

Transmutar papéis sociais, ou seja, passar da posição de professora à posição de pesquisadora na própria Instituição de Ensino, sem dúvida, foi uma experiência enriquecedora, que possibilitou percepções ímpares. Primeiramente, cabe frisar o descompasso existente entre o saber teórico e o saber prático. Nos instrumentos de análise, em especial, na voz dos professores, o texto configurou-se como objeto de estudo, o sentido pareceu ter preponderância sobre aspectos referentes à forma e noções relacionadas à Linguística Textual, à Sociolinguística e a Teorias de Gênero foram recorrentes, isso, no entanto, não garantiu uma prática condizente com a proposta apresentada. Existe um espaço de transmutação entre o saber científico e o prático que urge investigações mais aprofundadas. Outro aspecto observado e importante de ser mencionado, diz respeito à inexistência da conduta dos professores em registrar, avaliar e significar sua prática de sala de aula. A sistematização de diretrizes teóricas e metodológicas é um processo indispensável no ensino, pois permite não só o registro e a uniformização das práticas, mas essencialmente a consciência dos processos vivenciados e a busca constante de intervenções significativas no processo ensino-aprendizagem. Estar permanentemente avaliando, interpretando e reconstruindo ações é um exercício base quando se prima por ensino significativo e de qualidade. Muitos outros aspectos foram constatados durante essa primeira experiência: a ausência de um trabalho interdisciplinar entre área de linguagens e área técnica; o desconhecimento, por parte dos professores de Língua Materna da realidade comunicacional e dos gêneros da esfera empresarial e principalmente o desconhecimento da noção de esfera de atividade como espaço de refração da realidade e como ponto de partida para a análise e compreensão textual. Tais levantamentos configuraram-se como justificativa para a pouca representatividade da disciplina na educação profissionalizante, mas, ao mesmo tempo, apontaram caminhos e percursos a serem tomados em direção a uma prática mais significativa nessa modalidade de ensino.

Em relação ao segundo segmento da pesquisa – a Empresa – cabe dizer que o contato efetuado com essa realidade foi uma experiência que permitiu não só ampliar conhecimentos a respeito do campo de atuação dos futuros profissionais, mas principalmente compreender os gêneros ali produzidos sob outra perspectiva. As palavras de Bakhtin ao afirmar que “a riqueza e a diversidade dos

gêneros são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana" (BAKHTIN, 2003, p.262) foram plenamente compreendidas, dado o número significativo de novas e recorrentes práticas comunicacionais evidenciadas nessa esfera, as quais, por sua vez, apresentam-se descritas no corpo do trabalho. Além de descrever e discutir particularidades da esfera em termos de organização, estrutura e valores e de fazer levantamentos a respeito dos gêneros de efetiva circulação na empresa, foi possível verificar duas categorias de gênero, denominadas, para fins deste estudo, de gêneros organizacionais e gêneros funcionais. Os primeiros são aqueles que fazem parte da rotina de trabalho, possibilitando a sucessão e organização de ações, costumam circular pela Intranet, são predominantemente informativos e produzidos a partir de formulários pré-prontos como, por exemplo, requerimentos, ofícios, memorandos...; os segundos dizem respeito àqueles gêneros que propõem, alteram ou relatam ações, exigindo de seus produtores maior articulação de ideias, posicionamentos e argumentação. São exemplos desse grupo: projetos, relatórios, atas, circulares, etc. Tal categorização deu subsídios para que se fizesse a escolha do gênero a ser analisado, no caso, o Relatório de Atividade Externa. O aspecto, no entanto, mais importante apreendido nesse segmento também vem reiterar a voz de Bakhtin ao defender que "cada campo da criatividade ideológica tem seu próprio modo de orientação para a realidade e refrata a realidade a sua maneira". A noção de esfera de atividade como um ambiente específico de coerções, segundo uma lógica particular, foi efetivamente comprovado. Sustentabilidade, empreendedorismo, qualidade total, responsabilidade social... emergiram com uma acepção singular nessa esfera, condicionada por seu espaço ideológico, confirmando, assim, que é a esfera que dá conta da realidade plural da atividade humana e é ela, em seu sentido amplo, que deve ser tomada como ponto de partida quando se dispõe a efetivar um trabalho de base enunciativo-discursivo.

E dentre as várias particularidades da esfera empresarial, evidenciadas pela voz de seus representantes, cabe ressaltar a ênfase dada, de forma unânime, à importância e à necessidade de uma comunicação eficiente nessa esfera, além de menção a uma série de estratégias e mecanismos adotados pelo setor produtivo, em busca de superar problemas comunicacionais e garantir o selo de qualidade total. Investigar essa realidade pode trazer contribuições significativas às diversas esferas acadêmica, escolar e empresarial. Aprofundar reflexões a respeito da

influência das tecnologias nas práticas comunicacionais dessa esfera, assim como o desdobramento e o surgimento de novos gêneros a partir de condições específicas também configuram-se como temas merecedores de maior reflexão.

Já em relação ao terceiro momento da pesquisa – o Ensino – o que realmente se efetivou foi a concretização de uma série de conceitos levantados no decorrer da pesquisa e aplicados em um gênero de efetiva circulação na empresa, visando, em sentido amplo, dar conta do caráter histórico, social, verbal, cognitivo e ideológico, constitutivo da linguagem. A formulação de instâncias de análise de cunho Situacional, Composicional e Axiológico permitiu não só avançar na compreensão do gênero Relatório de Atividade Externa, mas também construir um percurso metodológico capaz de orientar o estudo e a análise de outros gêneros da área. Em relação às categorias filiadas a tais instâncias - finalidade, tema, interlocução, regularidades linguísticas e textuais, representações, relações e papéis sociais, o que verdadeiramente se objetivou foi dar conta da dimensão verbal e extraverbal postulada pela teoria bakhtiniana. Obviamente que as análises efetuadas representam apenas a leitura particular de uma dada realidade, motivada por preocupações específicas. Se as escolhas teóricas e metodológicas fossem distintas, outras leituras emergiriam dessa mesma realidade. Não se pode perder de vista que cada sujeito, aqui, no caso, o professor pesquisador, relaciona-se singularmente com a esfera na qual atua e traz nessa relação a sua própria história. As reflexões levantadas não só neste segmento como nos outros estão, portanto, entremeadas de subjetividade e representam apenas uma leitura construída a partir de uma posição enunciativa, com vistas a atingir objetivos específicos.

No que diz respeito ao segmento complementar, referente à Transposição Didática, além de levantamentos concretos sobre possibilidades a serem desenvolvidas no ensino de Língua Materna de Instituição profissionalizante, um aspecto surtiu questionamento, sugerindo reflexões mais acuradas. Ainda que a Educação Profissional tenha como objetivo maior a preparação de sujeitos para o setor produtivo, até que ponto a escola deve priorizar em seu ensino aspectos relacionados a essa esfera empresarial, em detrimento das necessidades de sua própria, a esfera escolar. Ou ainda mais, até que ponto deve-se abrir mão da formação cultural do aluno em prol de sua formação tecnicista e profissional, centralizando metas voltadas, exclusivamente, ao ingresso do aluno no mercado de

trabalhado. Tal tema merece ser questionado, ampliado e principalmente delimitado em estudos posteriores.

Resumidamente, cabe dizer que os três momentos da pesquisa: Escola, Empresa e Ensino representam um ciclo a ser permanentemente considerado, refletido e significado quando se pensa em qualidade do ensino na modalidade profissionalizante. E, nesse sentido, acredita-se que o presente estudo é efetivamente representativo, uma vez que articulou vozes provenientes das três realidades envolvidas no processo: a voz do aluno egresso da Instituição profissional, a do representante da empresa e a do professor de Língua Materna, cobrindo assim a rede de interlocução necessária a uma compreensão mais plena do fenômeno em estudo. Em termos de originalidade, pode-se dizer que seu diferencial reside em trazer para o centro de investigação uma modalidade de ensino ainda pouco explorada nos meios acadêmicos – a Educação Profissional – sobretudo no que diz respeito a possibilidades de introduzir um tratamento discursivo no ensino de gêneros da esfera empresarial.

Para finalizar, reitera-se que a presente tese nada mais é do que um enunciado que responde e, ao mesmo tempo, antecipa outros enunciados na vasta e ininterrupta cadeia da comunicação humana. Os sentidos aqui levantados não são estáveis nem permanentes, mas relativos e dinâmicos. Espera-se verdadeiramente que sejam provocativos e, sobretudo, que não representem o fechamento de um dizer que um dia foi proclamado, mas que contemplem a *grande temporalidade* defendida por Bakhtin, ou seja, “ao diálogo infinito e inacabável em que nenhum sentido morre” (BAKHTIN, 2003, p.409).

REFERÊNCIAS

AIROLDI, G.; BRUNETTI, G.; CODA, V. *Lezione di economia aziendale*. Bologna: Il Mulino, 1989.

AMORA, A. S. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1999.

ANTUNES, M. I. Língua, gêneros textuais e ensino: considerações teóricas e implicações pedagógicas. *Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação*, Florianópolis: v. 20, n. 1, p. 65-75, jan.-jun. 2002.

ARISTÓTELES, *A arte retórica e a arte poética*. Trad. Pinto de Carvalho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normas ABNT sobre documentação*. Rio de Janeiro: 1998. [ABNT P-TB-49/67]

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*: A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoi Bernardini *et al*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

_____. *Questões de literatura e de estética*: A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoi Bernardini *et al*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V.N. *Discurso na Vida e Discurso na Arte (sobre a poética sociológica).* Trad. De Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926/1976. (Mimeo)

_____. Que es el lenguage? Trad. do italiano por Ariel Bignami. In: SILVESTRI, A.; BLNCK, G. *Bajtín e Vigotsky:* la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Anthropos, 1993.

_____. La construccion de la enunciaión. Trad. do italiano por Ariel Bignami. In: SILVESTRI, A.; BLNCK, G. *Bajtín e Vigotsky:* la organización semiótica de la conciencia. Barcelona: Anthropos, 1993.

_____*. Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAZERMAN, C. Systems of genres and the Enactment of social intentions. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (orgs.). *Genre and the new rhetoric.* London: Taylor & Francis, 1994.

_____ . *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006.

BENITES, S. A. L. O professor de português e seu discurso. In: LEFFA, V. (Org.) *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2006.

BONI,V.; QUARESMA, S. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v. 2, 2005. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 20 março .2010.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa* para o *ensino médio.* Brasília: MEC/ SEMTEC, 1999.

BREURE, L. Development of the genre concept. Disponível em: <www.cs.uu.nl/people/leen/GenreDev/GenreDevelopment.htm.> Acesso em: 11 outubro. 2008.

BRONCKART, J. P. *Genres de textes, types de discours et opérations psycholinguisiques.* Voies livres, n. 78, 1996.

_____. *Atividade de linguagem, textos e discursos:* por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. : A.R. Machado. São Paulo: EDUC, 2003.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CHEVALLARD, Y. *La transposition didactique*. Du savoir savant au savoir enseigné. Grenoble: La Pensée Sauvage, 1985.

CHIAVENATO, I. *Empreendedorismo:* Dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2008.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DANES, F. *Papers on Functional Sentence Perspective*. Praga: The Hague, 1974.

DOLZ, J. NOVERRAZ, N e SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DI FANTI**,** M.G.C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos**.** *Revista Veredas,* Juiz de Fora, UFJF, v. 7, n.1-2, p. 95-111, jan.-dez., 2003.

EGGINS, S. *An introduction to systemic functional Linguistics.* London: Printer Publishers, 1994.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Trad.: I. Magalhães *et al*. Brasília: UnB, 2001.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo:* as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARIA, M.C.B. *Aristóteles:* a plenitude como horizonte do ser. São Paulo: Moderna, 1994.

FÁVERO, L. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

FONSECA, C. S. *História do ensino industrial no Brasil***.** Rio de Janeiro: CBAI, 1961.

FREOA, W. *A comunicação nas empresas na era da cibercultura*. Disponível em: <http://www.unibero.edu.br/download/revistaeletronica/> Acesso em: 20 mar. 2011.

GARCIA-DEBANC, C. Transpositions didactiques et chaîne de reformulation des savoirs: le cas des connecteurs*. Pratiques*, n. 97-98, p. 133-152, jun. 1998.

GOMES, O.; GOTTSCHALK, E. *Curso de direito do trabalho*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

GRILLO, S. V. C. Esfera e campo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin:* outros conceitos-chaves*.* São Paulo: Contexto, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HASAN, R. *Language, Context, and Text: Aspects of Language in a Social-semiotic Perspective*. Oxford: OUP, 1989.

_____. Situation and the Definition of Genres. In: Grimshaw, A. D. (org.) *What´s going on here? Complementary Studies of Professional Talk.* Norwood: Ablex, 1994.

HEMAIS, B; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

HUGO, V. *Do grotesco e do sublime:* tradução do prefácio de Cromwel. Trad. de Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 2002.

KOCH, V. G. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

KOPPLIN, E.; FERRARETO, L. A. *Assessoria de imprensa:* teoria e prática. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

LACOMBE, F. J.; HEILBORN, G. L. *Administração:* princípios e tendências. São Paulo: Saraiva, 2008.

LEFFA, V. J. (Org.). *A interação na aprendizagem das línguas*. Pelotas: Educat, 2006.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.

MAGALHÃES, F. P.; MACHADO, I. B. *A multiplicidade de vozes no discurso do professor de língua.* Aracaju: GPHELB, 2009.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1998.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão***.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTIN, J. R. *English Text Systems and Structure.* Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MEDEIROS, J.B.; HERNANDES, S. *Manual da secretária*. São Paulo: Atlas, 1999.

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates*. São Paulo, Parábola Editorial, 2005. p.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A.; MEDWAY, P. (Orgs.). *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor e Francis, 1994.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin:* conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTTA-ROTH, D. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. *Linguagem em (Dis)curso*. Florianópolis, v. 6, n. 3, set.-dez. 2006.

MOTTA-ROTH, D; HEBERLE, V. O conceito de Estrutura Potencial do Gênero de Ruqayia Hasan. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 12-28.

NACFUR, A.; LIGOCKI, M. *Cliente interno versus cliente externo.* Disponível em: <http://www22.sede.embrapa.br/ouvidoria/ClienteInternoVersusClienteExterno.htm> Acesso em: 20 abr. 2011.

NASSAR, P.; FIGUEIREDO, R. *O que é comunicação empresarial?* São Paulo: Brasiliense, 1995.

NOVAIS, E. L. *A construção discursiva da (in)disciplina na perspectiva bakhtiniana: vozes, discursos e alteridade no contexto escolar*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2008. 239f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ, 2008.

PALMAS, C. M. D. *Os gêneros textuais na atividade empresarial da era digital.* Recife: UFPE, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

PEREZ, C.; JUNQUEIRA, L. *Voluntariado e a gestão das políticas sociais*. São Paulo: Futura, 2002.

PETITJEAN, A. La transposition didactique en français, *Pratiques*, n. 97-98, p. 7-34, jun. 1998.

REQUIÃO, R. *Curso de Direito Comercial*. São Paulo: Malheiros, 1998.

RODRIGUES, R.H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

ROJO, R. Gêneros discursivos e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.)*Gêneros: Teorias, Métodos, Debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHNEUWLY, B. Genres et types de discours: considérations psychologiques et ontogénetiques. In: REUTER,Y. (org.). Les *interactions lecture-ecriture:* actes du colloque de l' Université Charles-de- Gaulle III. Neuchâtel: Peter Lang, 1994.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. *Tipos de empresas.* Disponível em: <http://www.sebraesp.com.br/faq/criacao_empresa/legalizacao/tipos_empresas> Acesso em: 15 abr. 2011.

SOBRAL, A.U. *Gêneros textuais ou tipos de textualização?* Santa Maria, UFSM, RS, 2005. Comunicação apresentada no III SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais.

_____. *Um diálogo bakhtiniano com L. A. Marcuschi.* Tubarão, Unisul. 2007. Comunicação apresentada no IV SIGET - Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais.

SOUZA, E. G. *Gêneros textuais na perspectiva da educação profissional.* Recife: UFPE, 2008. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SWALES, J. M. *Genre Analysis:* English in academic and research settings. Cambridge: CUP, 1990.

_____. *Other Floors, Other Voices: a Textography of a Small University Building.* Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. Trad. Elisa Angotti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TORQUATO, F. G. *Comunicação empresarial, comunicação institucional:* conceitos, estratégias, sistemas, estruturas, planejamento e técnicas. São Paulo: Summus, 1986.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação:* uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2002.

VERGARA, S. C.; BRANCO, P. D. Empresa humanizada: a organização necessária e possível*. Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, FGV, 2001. p. 37-43.

VIAN JR, O; LIMA-LOPES, R. A perspectiva teleológica de Martin para a análise de gêneros textuais. In: BONINI, A; MOTTA- ROTH, D; MEURER. J.L. (Orgs.) *Gêneros: Teorias, Métodos, Debates.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 29-45.

WODAK, R. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, Unisul, v. 4, 2004. p. 223-243.

ZOBOLI, E. L. *Reflexão: a ética nas organizações*. São Paulo: Instituto Ethos, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – DOCUMENTOS E AUTORIZAÇÕES

1- MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO AUTORIZADO ESCLARECIDO

Dados de identificação
Título do projeto: Os gêneros discursivos na esfera empresarial
Pesquisador: Fernanda Pizarro de Magalhães
Instituição a que pertence o pesquisador responsável: UCPEL/IF-Sul
Telefone para contato: #3228 1575
Nome do voluntário:
Empresa a que pertence o voluntário:
Telefone para contato:
NATUREZA DA PESQUISA

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa Os gêneros discursivos na esfera empresarial. O motivo que nos leva a desenvolver tal estudo reside no fato de verificarmos através de entrevistas com alunos egressos de instituições profissionalizantes que há um certo descompasso entre o ensino de Língua Materna e a realidade das empresas, principalmente no que tange ao trabalho com textos. Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo investigar ambas as realidades - escola e empresa – no intuito de redimensionar a prática pedagógica em instituições profissionalizantes de forma a atender as reais necessidades do mercado de trabalho. Na escola, cabe investigar como vem sendo desenvolvido o ensino de Língua Materna em especial no trato com a produção e recepção de textos e para isso será necessário ter acesso aos programas de ensino, entrevistar professores e observar aulas. Na empresa, cabe verificar as transformações que vêm ocorrendo principalmente em termos de comunicação escrita e para isso será necessário coletar e analisar os novos textos que emergem nessa esfera assim como entrevistar profissionais da área para possível descrição e sistematização do funcionamento dos novos gêneros da esfera empresarial. forma
breve e em linguagem acessível os motivos, importância, etc

Você, participante, será esclarecido sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar . Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. O pequisador irá tratar a sua identidade e a identidade de sua empresa com padrões profissionais de sigilo. Os resultados serão enviados para você e eles poderão ser publicados e apresentados em evento científico, mas seu nome e o da empresa ou material que indique a sua participação não será revelado. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas e e outra será fornecida a você e à empresa. A participação no estudo não acarretará custos assim como não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.
DECLARAÇÃO:
Eu, _____, fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e mudar minha decisão se assim o desejar. O pesquisador _____ certificou-me de que todos os dados referentes a minha identificação serão confidenciais. Também sei que não receberei pagamento pela participação. Assim, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento informado e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.
Nome / Assinatura do Participante / Data
Nome / Assinatura do Pesquisador / Data
Nome / Assinatura do Orientador / Data

2- DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE PESQUISA- ESCOLA

Eu, _____, chefe do setor _____ autorizo a pesquisadora Fernanda Pizarro de Magalhães a desenvolver, na referida Instituição, o projeto de pesquisa intitulado Os gêneros discursivos da esfera empresarial . Para isso, poderá ter acesso aos programas de ensino da disciplina de língua portuguesa da Instituição, entrevistar professores da área, assim como assistir suas aulas, desde que consentidas pelo professor titular da disciplina.

Pelotas, _____ de _____ de 2010.

_____

3- DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO DE PESQUISA - EMPRESA

Eu, _____, chefe do setor _____ da empresa _____ autorizo a pesquisadora Fernanda Pizarro de Magalhães, vinculada a UCPEL/IF-Sul a desenvolver na referida empresa, o projeto de pesquisa intitulado Os gêneros discursivos da esfera empresarial na referida organização. Para isso, poderá visitar as dependências da companhia, entrevistar funcionários e tomar conhecimento dos novos textos que nela circulam.
Pelotas, _____ de _____ de 2010.

_____

ANEXO B – ENTREVISTAS

1- ENTREVISTA COM PROFESSORES DE LÍNGUA MATERNA DE INSTITUIÇÃO PROFISSIONALIZANTE

Entrevista/professor 1 - Química
E: Então... fala um pouquinho sobre o teu trabalho com texto em sala de aula.
P1: Bom, eu tenho uma preocupação assim, ah, significativa com essas questões da escrita, né... em ver como é que o texto está organizado, tanto em termos de forma, como em termos de conteúdo, pois acho que o texto tem que caminhar (né) nessas duas linhas: forma e conteúdo. Então, eu sempre inicia, que dizer, eu sempre, eu normalmente inicio a minha aula na..., aqui no IF com dois textos, ah... que eu chamo reflexões de texto um e reflexões de texto dois. Então, na reflexão de texto um, eu levo um texto com problemas de forma no sentido de estrutura, como por exemplo, os parágrafos fragmentados, forma nesse sentido, né, não aspectos... então parágrafo fragmentado, aí nós fizemos uma análise, ah, com a turma nesse primeiro momento, no segundo momento eu trago um texto com problemas de estrutura no conteúdo, de organização do conteúdo para eles perceberem que o texto tem que ter uma unidade, unidade temática e uma unidade estrutural.
E: Então assim, coesão e coerência seria assim, no primeiro texto mais aspectos...
P1: No primeiro texto a relação de coesão.
E: Micro?
P1: É micro, exatamente. Aí, no segundo texto...
E: Mais a coerência?
P1: Isso, aí o terceiro encontro eu trago uma temática, do interesse deles, e peço para que eles (hã) produzam um texto em cima daquela temática e a partir daí, então, daquelas, (hã) daqueles problemas que eu vou detectando na escrita deles é que eu vou direcionando o meu trabalho com textos. Eu preciso priorizar a questões, aqui questões, por exemplo, da coesão eu preciso privilegiar (ruído, dedução da palavra) que aspectos da coerência precisam ser trabalhados, então é assim que eu direciono o meu trabalho com textos, dentro de determinados momentos eu trabalho com ah... o princípio explícito da coesão, princípio explícito da coerência, como é que se organiza um parágrafo argumentativo, por exemplo, qual é a estrutura que tem que ter, até por que eles precisam desse conhecimento, né, Fernanda, porque tem o relatório, então eles têm que ter toda uma, uma estrutura formal, mas eu trabalho...
E: Tá, mas, a escolha, como que tu faz a escolha desses teus textos?
P1: Dos gêneros?
E: É, em geral dos textos que tu trabalhas tanto técnicos, quanto os outros.
P1: Bom, eu, depende do curso, né, as temáticas ... dos textos eu escolho de acordo com os cursos, por exemplo, o curso de química eu vou procurar trazer um texto que seja do interesse deles, né , por exemplo, quando eu fui trabalhar o relatório, aí eu trabalhei três tipos de relatório, então, um relatório de estágio e os outros dois, ah, modelos de relatório (termo incompreensível)... então o que, que eu levei, eu levei, por exemplo, uma um relatório em que abordasse uma experiência de química..
E: Uma atividade?
P1: Uma atividade de química, isso, eles estavam analisando uma experiência fazendo uma experiência. No texto, do curso de edificações eu procuro trabalhar com projetos, com plantas, agora mesmo eles trabalharam com texto descritivo é porque eles precisam.
E: E tu buscas na internet ou tu pegas em revistas do curso, ou alguma coisa assim?
P1: Não, eu busco na internet, é eu busco na internet. É como eu estava te dizendo trabalhar com textos descritivos, porque no semestre que vem eles precisam elaborar o memorial descritivo, para um professor específico do curso, então eu trabalho nesse semestre do curso com o texto descritivo eh,eh, eh, a descrição técnica é, aí eles vão fazer a descrição de uma planta, é nesse sentido que eu vou... No curso de eletrotécnica, eu procuro textos que sejam do interesse... deles a temática dos textos são selecionadas de acordo com o interesse... eh,eh,eh... do... o tema de interesse do curso.
E: Tà. E digamos assim, existe algum trabalho interdisciplinar, entre algum professor assim, tu trabalhas com outro professor de química que vocês desenvolvam juntos concomitante um trabalho que passa por ele e por ti?
P1: Esse, ah... um relatório que eu te disse, nos trabalhamos com três tipos de relatório um deles, né ah,..., é interdisciplinar com uma professora que dá a disciplina de prática de química, eles fizeram um relatório foi o que na verdade aconteceu, eles fizeram um relatório com base na aula que a professora ministrou.
E: ih, ih... mas, não é muito tu achas?
P1: Não, não é muito não.
E: Tu achas que deveria ter um diálogo maior?
P1: SIM, sem dúvida, eu acho isso é difícil pra mim, ... essa comunicação, porque não sei se é o espaço de tempo ou talvez a falta de afinidade é entre as áreas mas, é bem ah,ah... eu pelo menos sinto dificuldade nessa relação interdisciplinar, ou talvez pela minha falta de tempo também, não sei não sei, né.

E: E assim especificamente a empresa, tu conhece um pouco quais são as empresas que recebem esses alunos de química em Pelotas e quê...
P2: Não!
E: E que textos circulam nessa empresa, também não?
P1: Não. A empresa que eu conheço que recebe alunos nossos, aqui do IF é a CGTEE que recebe muitos alunos tanto da área de eletrotécnica...ih...ih... quanto da área de eletrônica.
E: Os de química, os que tu trabalhas tu não tens essa...
P1: Mas, eu trabalho com a eletrotécnica.
E: Sim, também, também, mas os de química?
P1: Não, não de química não.
E: Ah... E tu achas que seria interessante para os alunos?
P1: SEM DÚVIDA, tanto é que como eu tenho acesso a CGTEE ...eh,eh... hã, parte de textos que são exigidos lá ...eh,eh... eu tenho acesso, então é mais fácil para trabalhar principalmente com o curso de eletrotécnica ..
E: Eletrotécnica?
P1: E de eletrônica, até porque a gente ouve assim, os comentários...
E: Esse de eletrônica qual é o módulo que tu trabalhas?
P1: Eu tenho o três e o quatro, ... eletrotécnica tenho o um, o cinco e o seis.
E: Ah,ah... Tu achas que lá naquele curso há mais proximidade então?
P1: Sim, há mais proximidade por eu ter acesso direto a uma empresa, né, que absorve muita mão de obra daqui, e o quanto isso facilita e acredito que até a qualidade né ,da aula.
E: Esse teu acesso? Como é que tu disseste que é esse...
P1: Não, eu não disse, é o meu marido que trabalha lá.(Tonalidade baixa)
E: Ah, tá.
P1: Então eu ouço as queixas.
E: Ah,ah... que interessante!
P1: É...
E: Tá e qual assim a tua concepção de língua, assim, o teu objetivo, ah... no trabalho de leitura e de recepção, e de produção de texto digamos assim?
P1: Bom, eu acho que a concepção de língua que deve estar por, por trás, né, de uma abordagem, né, da leitura e da escrita é uma concepção de língua interacionista, (huhu) eu acho que a língua ela tem que estar a serviço, né, a serviço, né, do indivíduo, né,então, eu acho que tem que ser... a gente tem que buscar uma comunicação, (huhu) que seja clara, ... ela tem que ser um instrumento que possibilite o desenvolvimento do indivíduo, (huhu), eu acho que a leitura e a escrita ela, ela tem muito esse compromisso, né, de desenvolver essa (huhu) essa interação, né?
E: E especificamente gênero? Assim, o que tu tens a me dizer sobre gênero? O que que tu sabes sobre a perspectiva de gênero, ou textual ou discursivo?
P1: Bom, ah, ah, deixa eu, eu organizar assim bom, é acho que hoje, hoje em dia nós estamos, temos diversos tipos, né, há diversos tipos de gêneros textuais, gêneros discursivos, mas, me sinto mais a vontade em falar nos gêneros, ah,ah... textuais e acho que aqui nessa, não só aqui, mas,hoje a gente precisa trabalhar, né, o ensino da escrita com essa diversidade de gêneros textuais que existem, até porque o gênero ele está relacionado a uma prática social, então se a gente trabalhar somente as tipologias, né, parece que é uma coisa mais seca ... acho que tanto o ensino da leitura, quanto o ensino da escrita ele tem que ser embasado nesses diferentes tipos de, de gêneros que circulam hoje, né, na esfera da sociedade, acho que é, é, como eu te disse eu entendo gênero... que ele tem uma função social, uma prática social então... essa é uma das formas, dos caminhos para que a gente tenha um leitor mais proficiente,né, ah,ah, ah... um escritor mais competente. Só que são duas aulas por semana, né Fernanda, então duas aulas por semana é difícil...
E: É difícil...
P1: Ainda tem mais a questão da literarura ah,ah,... porque faz parte do programa também...
E: DA LITERATURA?
P1: Sim, porque tem os conteúdos literários também, por exemplo, no curso integrado... tem.
E: Ah, sim.
P1: É, então, e a gente não pode desconsiderar porque o ensino é um curso técnico, eu entendo assim, é um curso técnico, mas ao mesmo tempo ele é integrado, esse nosso aluno ele vai fazer um ENEN, pelo menos a gente acredita que sim, né? eh,eh, ... e aí ele também, precisa de determinados conteúdos pra que ele possa avançar ih, ih... Eu não sei se a perspectiva da escola é que o aluno permaneça sempre um técnico, entendesse? Ah,ah... Mas, eu não consigo enxergar assim, eu tenho desejo que o meu aluno avance ... Sim desejo que ele vá adiante nos estudos. É ... e se é integrado a gente não pode esquecer desses aspectos.
E: Então tá, muito obrigada.
P1: De nada, espero que eu tenha contribuído.
Entrevista/professor 2 - Edificações
E: Eu vou registrar justamente, porque eu não consigo anotar todos... então, eu acho mais fácil.
P2: Claro, tá bem! Não tem importância, a gente vai conversando...
E: Isso, ... então fala um pouquinho sobre o teu trabalho com texto em sala de aula.
P2: Bom, ah,ah,ah... nesse curso de edificações?
E: Isso, no curso de edificações.
P2: Com aquele grupo que tu já assististe a aula?
E: É.

P2: Ah... eu te diria assim, como a gente tem apenas um semestre, eu tenho que condensar todo o tipo de informações que eu julgue que são importantes, ... pros alunos, ah... e, as atividades são muito, muito recortadas, muito objetivas assim, e muito específicas na tentativa de fazer com que eles vão percebendo algum, algum crescimento pessoal a princípio (termo deduzido)... Então, ah, uma das primeiras questões que eu coloco é o quê, que é texto? O que significa trabalhar com texto, o quê, que se entende por texto... Então, essa discussão ela é levada com eles, ah... praticamente no primeiro encontro ah,ah, ah... quais as possibilidades de texto, para quê, que serve um texto, o quê, que é ler, o que é o leitor, o que que é escrever, ah, então nos primeiros encontros, eu trabalho isso aí,trabalho um conceito de texto, pra quê? Pra que eles percebam as possibilidades e as relações do leitor com o seu texto não tão apenas no texto escrito ... Esse é um primeiro movimento, fazer com que eles, ah... ampliem digamos assim, a visão que eles têm até aquele momento de texto, que a visão hã do texto de jornal, o texto de revista, texto escrito, que eles posam perceber que, ah.. que uma casa também é um texto. Alunos de edificações têm que saber ler casas, então num primeiro momento esse é um dos primeiros trabalhos que eu faço, ah... discutindo essa questão do conceito de texto, a partir desse contexto discutir, da... da... compreensão deles dessa ampliação do conceito de texto de que, ah, é possível ler uma casa também, eu passo para exercícios de leitura... esses exercícios de leitura vão pra,nas diversas possibilidades de leitura. Sejam as leituras de pessoas, leituras de espaços, leituras de situações, leituras de afetos, ih,ih,ih... esse é um trabalho que eu faço com eles, que eu provoco esse exercício do leitor, mais ah... mais, digamos assim, mais expandido. Ah... depois eu costumo trabalhar, o quê? Ah...um texto escrito da forma tradicional, né, mas buscando trabalhar mais a questão hã, de sentido porque na verdade, pra esse trabalho ele precisa trabalhar forma, eu não tenho como fugir disso é a redação técnica né, ... tem que trabalhar a estrutura do texto a forma do texto, mas, ah, eu quero deixar bastante claro pra eles que é importante, ah, não apenas a forma pela forma, mas, a forma pelo sentido não é, então o modo de construir de articular o texto para que ele signifique pra que possa, hã, fazer sentido pra quem o escreve e pra quem tá lendo, então, ah, então tem alguns, um ou dois textos que eu trabalho normalmente um texto literário e um não literário um texto que seja, mais, ah, mais da área, sei lá alguma coisa de jornal, então, onde eu busque trabalhar as questões de estrutura e dentro desse trabalho, né, eu passo a questão dos verbos, não é... passo pela questão de pontuação, ah, todas as questões gramaticais, todas não sei! Algumas questões gramaticais que eu julgo que são importantes para produção textual ... eu faço dentro desses dois trabalhos, é um super é um exercício super condensado, assim pra poder fazer com que eles, ah, se relembrem de certas situações, um dos textos que eu trabalho, que tem a questão do paralelismo, por exemplo, que eu acho interessante que é um, um recortezinho do livro que é (termo inaudível), um parágrafo.

E: Recorte de quê?

P2: Do livro do Vitor Ramil.

E: Ah! Do Vitor Ramil.

P2: Que é muito perfeitinho aquele texto, muito interessante e que, onde ele brinca com a pontuação, ou seja, ele tira a pontuação do texto, põe o texto sem pontuação, é um exercício muito divertido assim, muito interessante pra eles enxergarem essa questão estrutural do texto (huhu) e aspectos gramaticais tipo: paralelismo, né hã, pontuação mesmo que é uma coisa que é bem evidente ali ... ele usa sequências, de ah, de... de pensamentos separadas por ponto e vírgula e tal, então, a partir dessa leitura, desses dois textos que eu trabalho, esse do Vitor e sempre algum outro de jornal, ou alguma coisa, um informativo sobre ah, sei lá, alguma coisa que eu tiro da internet, esses dias, eh,eh... com essa turma eu tirei, eu fiz um trabalho sobre um texto, ah, dava conta do lixo, ah, como é que se chama? O lixo das... o lixo de edificações assim, que é maior, da construção exatamente, que a quantidade de lixo é a maior quantidade de lixo que é gerada, vem da construção civil, então sempre procuro algum texto que possa contribuir pra que eles pensem um pouco sobre a profissão.

E: Aí tu vais pra internet?

P2: Aí eu vou pra internet, busco material na internet ah,ah,ah... busco alguma coisa atual.

E: Alguma coisa assim, do próprio curso não. Assim, revistas é difícil?

P2: Olha nunca trabalhei, Fernanda, eu vou mais pra internet mesmo, até porque esse curso especificamente, eles ah...eles são muito, muito chão de obra assim, muito mão na massa, eles gostam muito dessa coisa de fazer as casinhas aquelas, então, eles são encantados com isso e acho que eles não estão muito na leitura não, mas de todo modo...

E: Eles têm assinatura de revistas, não sabes?

P2: Acho que não! Eu não sei te responder, mas eu acho que não, porque eu nunca vi, assim.

E: Ah, ah...nunca viste?

P2: O que... o que eu já vi... eu já vi disponível? Eles têm numa estantezinha na entrada com hã catálogos de matérias, tipo ah, essas coisas hidráulicas, assim né, canos, torneiras, tal, tal, isso tem, agora revistas..

E: Técnicas?

P2: Técnicas, eu nunca vi, pode ser até que tenha, mas, eu também vou lá uma vez por semana, assim, não, ah, dificilmente fico lá, ih,ih,ih... às vezes eu fico um pouco conversando e tal, mas também é aquela coisa, tu sai de lá já pra ir pro outro... essa nossa situação da COLINC, que sai de um lugar e pra outro... Não nos permite muito...

E: Sim

P2: Um convívio maior com o curso, até pra ver essas coisas. Mas, então eu te dizia assim, que ah... esse trabalho de leitura e escrita ele, no curso ele vai resultar ah, eu diria assim, prioritariamente na elaboração do relatório de estágio, o que é hã o texto, que todos os estudantes têm que ... que fazer pra se formarem e tal. Então, desses exercícios preliminares de leitura, escrita, texto, o foco na produção ...ah... escrita, é na produção do relatório, é isso aí, eles vão né, claro o relatório tem muito de forma que eles têm que se adaptar a aquele

tipo de texto conhecer, e aprender a escrever daquele modo e tal. E o trabalho que eu faço de escrita com eles é esse, né, de escrita é esse, de certo modo eu trabalho a leitura, eu trabalho a escrita ...ah... trabalho a produção do texto oral, que não deixa de ser também, quando eles apresentam os trabalhos que eles, ah... e é isso né, basicamente eu trabalho sem texto (termo deduzido).
E: Com outros textos, ah... aqueles outros carta de apresentação, currículo, isso aí faz parte também, ou não?
P2: Não, não, não aquilo ali, eu não trabalho, até porque não dá tempo..
E: Sim.
P2: A gente não tem muito tempo pra trabalhar, e priorizei esses aspectos que eu acho que são fundamentais em leitura e escrita, e depois da produção do texto do relatório, que é isso, a gente não tem muito tempo pra trabalhar esses outros textos. E eu acredito que eles também... não sentem necessidade desse tipo de texto.
E: É...
P2: Porque nem dentro do próprio curso, me foi solicitado que se trabalhasse isso. Normalmente nos conselhos de classe tem aquele..
E: Isso o que tu diz?
P2: Esse tipo de texto, de carta de apresentação de tal..
E: Ah, tá...
P2: Esse tipo de texto, ah... onde... que a gente trabalhava em outros cursos, lá, nunca foi pedido. Então, não sei se isso chega... se seria importante pra eles trabalhar esses textos ou não. Eu usei esse critério escolher o quê? De fazê-los refletir sobre o ato de leitura e de produção de texto, não é, ah... e de produzir um texto, nessa etapa inicial assim também, eu costumo trabalhar a questão de vocabulário, a necessidade deles ah... de serem permeáveis ao vocabulário específico, do curso, né, ih,ih,...e aí entra, eu até esqueci, eu pulei essa etapa, normalmente depois quando eu trabalho esse exercício de leitura, ah... o que que é lê, o que que é texto, barara, quem é o leitor e tal. Eu costumo chamar a atenção deles, e trabalho especificamente vocabulário geral e específico, passando por essa necessidade deles se tornarem permeáveis ao vocabulário do curso pra se apropriarem do vocabulário técnico, né, ah,ah, ah... porque eles têm que dar conta, desse vocabulário, não só profissionalmente, mas já no relatório ah,ah... porque o relatório é um texto, que ele é lido por quatro instâncias diferentes, né então, eles já têm que ter esse vocabulário técnico, ah..., aperfeiçoado, mas, ao mesmo tempo, não pode ser excessivamente, excessivamente técnicos, pra ah, que as outras instâncias de leitura possam também conhecer o texto e saber as atividades. Quem lê o relatório técnico? O CIEE – que é a coordenadoria de integração empresa escola, né, ah, a nossa coordenadoria de linguagens, a supervisão que vai apreciar se as disciplinas que estão sendo ministradas no curso estão de acordo e tal e a coordenadoria do curso, que dizer, na verdade vocabulário técnico mesmo é apreciado pela coordenadoria de do curso, que os demais, não. Mas, eu tenho esse exercício de vocabulário específico, esse é um outro exercício que a gente faz também.
E: Falaste também do vocabulário, da linguagem né, o operário, da construção,né, essa discussão tu também procuras fazer em sala de aula?
P2: TAMBÉM. Procuro fazer em sala de aula, ah... essa discussão tem, tenho levado praticamente com todos os cursos, mas esse de edificações, eu acho que é um curso muito né, muito muito próprio pra se levar essa discussão. Porque quando eles se formam, eles vão trabalhar realmente na obra, e o contato a maioria deles né, vão trabalhar na obra o contato deles frequentemente, é maior com o pessoal que tá trabalhando com os pedreiros, com os assistentes, e tudo, do que com os engenheiros ou os arquitetos e eles mas, eles normalmente ficam nessa mediação entre o engenheiro e o arquiteto e o trabalhador mais braçal né, então isso é uma jogada interessante, eles têm que perceber que eles têm que conversar com quem tem um nível de linguagem mais técnico, mais apurado, mas ao mesmo tempo conversam com aquele ... aquela pessoa que ah, só tem a prática e na pratica eles têm , eles têm um outro vocabulário que não é o técnico, tá aquela questão da bitorneira que eu te falei ah,ah... que é uma coisa muito bizarra e é uma palavra frequentemente, tu pega o Diário popular, domingo, vais encontra ali, aluga-se bitorneira ... é uma coisa maluca né mas é uma palavra que ah,ah... circula. Enfim, e isso é um exemplo, várias outras situações de linguagem, que eu chamo a atenção, pra ah, que eles tenham esse comportamento ajustado a situações do trabalho.
E: E tu achas que os professores técnicos têm conhecimento da realidade das empresas?
P2: Nesse curso de edificações eu acredito que sim, acredito que sim, porque muitos deles estão em relação direta com as empresas, ah... alguns até têm sua construtora trabalham com a construção e tal então... eu acredito que eles têm, acredito que eles têm sim. Eu não sei te dizer assim, em que medida, os egressos da edificações vão trabalhar o texto fora né, trabalhar com o texto. Eles produzem relatórios? Produzem, isso é um tipo de texto, eles têm que produzir orçamentos, é um tipo de texto.
E: Sim.
P2: Agora a partir disso, não sei mesmo o que quê? Leitura, eu acho que eles não têm leituras, as leituras deles assim, é mais pesquisando pela internet, materiais e tal,né, talvez o texto publicitário, sei lá alguma coisa assim,ah,ah... mas, isso eu não sei te dizer.
E: A oralidade, então tu achas que teria mais espaço até que a escrita?
P2: Eu acho que sim, eu acredito que sim, é. Até isso é uma coisa assim, que eu não te contei, o trabalho com oralidade que eu faço né, ele é é feito desse modo, eles apresentam ah... quinze minutos de fala, de algum assunto relacionado ao curso, que seja do interesse deles, que é já para trabalharem também a questão do vocabulário técnico, né então, é bárbaro assim, já teve por exemplo, alunos que, que trabalham na construção civil, tem um rapaz que trabalha com madeiras, só telhados, ele constrói todo o madeiramento do telhado. A aula do cara foi um show assim, quinze minutos dele, BAH!! ficou todo mundo olhando, porque, ele deu uma aula pro os próprios colegas sobre aquilo ali né, bárbaro o cara tem toda prática, ele fotografou as obras que ele fez e tal e levou pra aula, muito legal. E outros falam sobre tinta, alguns que tão ainda numa, não tão bem definidos o que

que vão fazer né, então ficam pesquisando, tipo novas tecnologias, telhados verdes, tem um cara que levou um monte, uma pesquisa grande com material sobre telhados verdes,e hã alguns estão muito encantados com Dubai né... então, falam sobre as construções de Dubai e tal pesquisa é mais ou menos nessa área. E eles apresentam pros colegas, tem... tem... é muito interessante isso pra gente também, né, Fernanda, porque alguns vão trazer lá os recortes da sua própria realidade, nunca esqueço de uma palestra de uma menina de Santa Vitória, que hã trouxe o processo artesanal de produção de tijolos, né, porque na terra que o pai tem pra fora eles fazem os tijolos, com casca de arroz e barro e ela trouxe um tijolo pra aula, UM TIJOLÃO pra aula assim, (risadas) pra mostra e ninguém dos alunos conhecia, então ela fotografou também como é que eles fazem os tijolos, de onde tiram o barro, um negócio muito legal, um resgate daquela ah,...ah... construção mais tradicional e tal é bacana ih, ih... é um momento também que eles têm de contarem até sobre a sua própria vida, no caso essa menina, lá na campanha e tal, eles fazem assim, ou esse outro rapaz que trabalha com telhados é o dia a dia dele, e ele veio contar o que faz é muito legal.
E: Ih, assim o, qual é a tua concepção assim, de língua tá e, acho que tu já falaste um pouco, mas eu gostaria que ficasse mais claro um pouco e teu objetivo em termos de leitura e produção ah,ah... pra falar essa questão da reflexão, sobre né, o texto (ruido - termo deduzido) mas eu gostaria assim que tu né...
P2: ... minha concepção de língua?
E: É
P2: Minha concepção de língua é o instrumento né... língua é instrumento, poderia se categorizá-la de diversas maneiras, mas ah, no momento de tentar ensinar a língua vamos dizer assim, né, como professor de línguas, eu ah... sinto a língua mais do quê, do que reflito sobre isso como um instrumento, não é, um instrumento, instrumento de trabalho pra mim e pra eles, instrumento de comunicação, instrumento de transmissão de pensamentos, de reflexão, língua como esse, esse instrumento precisa ah, como violão tem que afinar o violão pra tocar bonito, então é isso ai, que dizer, tu tem que tá buscando ajustar, de acordo com as situações... nesse sentido né, ah... e a tua pergunta era mais a respeito de?
E: Teu objetivo também, em termos produção de recepção?
P2: Então, ah, os objetivos que eu tenho aqui com essa disciplina são esses, de fazê-los assim, em primeiro lugar ah... mais permeáveis ao mundo das palavras, junto com o mundo da leitura, não é, junto com o mundo do trabalho ali deles, eu... eu tenho uma frase que eu uso em todos os curso né quê, que diz o seguinte: o melhor técnico não é aquele que executa com qualidade às práticas e os procedimentos das técnicas mas, que também sabe conta, né então, eu acho isso muito importante que eles não só, ah, sejam profissionais competentes do ponto de vista da técnica, mas que também tenham instrumentos pra poder contar o que fazem ih,ih.... Que é isso que se faz no relatório eh,eh,eh... acredito que na vida profissional também, tu tens instrumentos, ferramentas pra conseguir falar sobre a tua prática. Seja através do texto escrito, seja uma apresentação de eh,eh... de, uma apresentação oral não, sobre trabalho, então, o meu objetivo é esse que eles aprendam né, em primeiro lugar se tornem permeáveis a esse mundo de palavras que existe no mundo profissional e que é um outro universo fora do , do dia-a-dia, hã do vocabulário geral digamos assim, e que eles aprendam a utilizar, esse mundo de palavras, pra quê? Pra se capacitarem mais profissionalmente, também, meu objetivo é esse, eu quero que quando eles terminarem o curso de um semestre comigo, eles tenham condições de fazer o relatório que é o objetivo mais, digamos assim, mais a curto prazo, mas que também a médio e a longo prazo eles tenham outros objetivos de linguagem para conseguir ser melhores (ser melhores), né como eu costumo a dizer também, mobilidade profissional né, acho que muito da mobilidade do profissional tá ligada a questão da linguagem
E: Tá e sobre gênero o que que tu entende assim, como tu definiria o gênero discursivo,o gênero textual, como é que tu compreende assim,essa essa palavra?
P2: Gênero como modalidade de discurso, é isso? Como modo de...?
E: É.. o que que tu entendes, o que vem a tua cabeça quando se fala sobre gênero?
P2: O que que eu entendo quando tu me pergunta gênero? É é ah, eu ainda tenho uma categoria né, um pouco fechada em relação a isso, eu ainda vejo o gênero mais ligado à forma do que a conteúdo, ah acho que o conteúdo hoje, a produção textual, ah, usa o conteúdo pra romper certas fronteiras, mas eu ainda, ainda nessa etapa de estudos que eu estou, eu ainda vejo o gênero mais ligado à forma mesmo do que ao conteúdo eh,eh... então, hã digamos assim, uma afiliação a certas, ah, a certos modos de dizer né, que vão definindo o tipo de escrita, de enunciação vamos pensar assim,modos de enunciar que tem certos características comuns e que vão agrupando em gêneros né, ah,ah... mas em relação a esse trabalho assim é, talvez seja isso até esse exercício que ah... nos formata a um modelo de relatório que saiu daqui que não dá, não permite tu ampliar muito. Com a comunicação visual eu trabalhava ah... currículo, eu sempre, ah, estimulava ousadia na forma do currículo, então ah, ah... por exemplo, teve gente que fez um, um tipo um carnezinho redondo assim, currículo brincando quanto à forma, não deixava de ser um currículo quanto ao gênero, mas tinha um brinquedo quanto à forma, mas esse curso é um curso que permite brincar, eles estão mais ligados a essas questões..
E: Sim, ah,ah...
P2: Era uma poesia concreta...ah,ah... o currículo que me foi apresentado uma vez, belíssimo, genial, mas ainda dentro dessa categoria currículo, ah,ah... mas o relatório, não tem como ousar, o relatório, porque ele tem um padrão definido pela comissão de relatórios do Instituto que diz que tem que ser aquilo ali né, então...talvez isso enquadre um pouco ...
E: Então tá, professor, acho que era isso.
P2: Então tá, Fernanda.
E: Muito obrigada.
P2: Espero que eu tenha contribuído.

Entrevista/professor 3 – Eletrônica
E: Então... fala um pouquinho então sobre o teu trabalho com texto na sala de aula.
P3: Eu não tenho um critério único para escolher textos, até porque eu acho que o curso técnico não pode visar só o técnico, então eu trabalho textos que visem um pouquinho, que se direcione pro lado mais técnico, mas eu também busco textos literários, como também gosto de trabalhar com fábulas, ah, gosto de trabalhar às vezes com anedotas, dependendo do meu objetivo né... por exemplo, eu já trabalhei com Mário Quintana pra trabalhar o uso do diminutivo que eles usam isso de uma maneira absurda assim, desvalorizando até o trabalho deles então não sei se tu conheces, trabalhei dois textos do Mário Quintana já com eles assim, eu gosto muito de Marta Medeiros que é um literário bem moderno, também atual e ela sempre tem temas interessantes inclusive sobre trabalho, né ...sobre trabalho, sobre vida é o que eu prefiro aí dá pra pegar os aspectos gramaticais que eles têm mais dificuldade, anedota eu gosto muito pra trabalhar pontuação, que também é uma coisa que eu vejo assim (ruído)... é de jornal eu gosto também, gosto de trazer noticiário até para eles reconhecerem a ocorrência de erros né ...de (ruído), reconhecer, identificar propagandas.
E: Ah... sobre textos técnicos assim do programa? Textos que circulem na empresa...
P3: Hum não há, não há circulação na empresa. De empresa eu tenho algum texto técnico que eu trabalho, até porque eu comprei livros de eletrônica e de outros cursos que eu trabalho, mas aí é técnico demais não é muita coisa que eu ache que vá circular na empresa, só porque..
E: Daí relatórios essas coisas assim, relatório de estágio faz?
P3: Sim, mas isso ai no módulo quatro que eu não tenho agora.
E: E tu não sabes me dizer quais são os gêneros que tem lá no A4, que são trabalhados?
P3: Geralmente, no A4 a gente trabalha relatório de estágio, se trabalha currículo, ah, carta de apresentação...
E: Quem é que trabalha com, qual é o professor que tem A4 na eletrônica, não sabes?
P3: Hum, não sei te dizer.
E: E há algum trabalho assim, interdisciplinar entre língua e disciplinas técnicas?
P3: Ah, dependendo do professor que está na área técnica do módulo, sim.
E: E aí como é que fica qual é o papel do professor de língua?
P3: Bom ah... uma coisa que eu trabalho em qualquer curso técnico no primeiro módulo é a confecção de slides, embora eles tenham quem trabalhe o slide em si, mas não dentro da VISÃO linguística, então eu trabalho já fiz inclusive avaliação deles escolherem um assunto qualquer ... eles não sabem quase nada ainda, eu já vejo um assunto mais lido e eles apresentam no slide que é para eles habituar, paralelismo, né construção frasal, o slide como apoio, não como...
E: O slide é o Power point?
P3: O Power point eh,eh,eh como apoio, não só como..
E: Selecionar é isso? Como montar o quê?
P3: Montar, o paralelismo, ah, ah a construção de frases curtas, eu já fiz uma avaliação na primeira etapa e se der vou fazer na segunda também.
E: Mas, normalmente não há um trabalho integrado entre...
P3: Existe, existe o professor Téo mesmo faz, cobra na matéria, na disciplina dele que eu não sei qual é ... e a gente faz avaliação junto (hum) também aí gente avalia essa parte da oralidade, que é uma coisa que eu trabalho também sempre no primeiro módulo...
E: A oralidade?
P3: A oralidade.
E: Eles têm que apresentar palestras?
P3: Tem que apresentar.
E: São temas escolhidos por eles?
P3: Sim. Os trabalhos, né, aí também um tipo (ruído, inferiu-se a palavras)de postural, né, de gestual, de vícios de linguagem, de dicção, clareza, esse é um trabalho bastante complexo assim...
E: Bom e sobre assim ah... a questão de gênero, gênero discursivo, gênero textual essa noção (ruido, termo deduzido) assim faz parte ela, ela chega a digamos assim, essa noção de ser trabalhada em sala de aula, ou tu tens essa noção, perspectiva assim, digamos teórica, metodológica de gênero?
P3: No primeiro módulo não muito, no primeiro módulo eu tento marcar realmente as dificuldades.
E: Ta, então, qual é teu objetivo geral com a disciplina?
P3:Meu objetivo é que eles tenham condições de atender qualquer demanda que eles tenham no mercado de trabalho assim, com um mínimo, né, de consciência linguística, sabendo se organizar tanto por escrito como falando ou atendimento a clientes, ou até na entrevista mesmo que também eu trabalho no quarto módulo (pronúncia baixa, termo deduzido), faço com que eles mesmo criem perguntas com nomes de empresa, depois troco, simulo entrevistas o meu objetivo basicamente é esse, que eles tenham o mínimo de conhecimento.
E: E existe alguma perspectiva, assim teórica, algum modelo teórico que tu sigas, digamos assim, pro ensino de língua, uma visão, uma postura, digamos teórica, metodológica?
P3: Não.
E: Não existe uma coisa definida.
P3: Não existe até porque eu acho que tudo muito estanque, né, eu acho que não só aqui na coordenadoria, como no curso a gente tinha que ter um..
E: Uma maior integração?
P3: Uma maior integração, eu acho que seria muito mais fácil de até, né, pra trabalhar interdisciplinarmente, acho que ficaria bem mais coerente.
E: Ah, então tá, tá ótimo.

P3: Só isso?
E: É, então, tá ótimo, muito obrigada ... hoje às 7 horas eu vou ali olhar...
P3: Hoje é sobre ética.
E: Que bom, muito obrigada!

2 - ENTREVISTA COM REPRESENTANTES DE EMPRESAS DAS ÁREAS DE QUÍMICA, EDIFICAÇÕES E ELETRÔNICA

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – Empresa da área de Química
E: Então, tu poderias falar um pouquinho sobre a empresa, história, número de funcionários, o que, que ela faz?
R1: Tá bom é uma refinaria; refinaria de petróleo, tem 73 anos foi fundada em 37 e foi a primeira refinaria de petróleo do Brasil. Ela pertenceu ao grupo Ipiranga até 2006. Então ela era uma empresa FAMILIAR (né), que vinha de uma tradição de famílias, (cinco) famílias controladoras; em 2006 ela foi vendida e hoje ela é controlada em partes iguais pelo grupo Ultra, Brasquem e Petrobras. Então eles têm o controle acionário em partes iguais, nós temos praticamente trezentos funcionários e a nossa atividade fim é produzir derivados de petróleo; então; a gente compra a matéria prima, compramos o petróleo pelo preço do (...) barril que é um valor que oscila muito, que a gente vê no noticiário, o valor do dólar e o preço do barril do petróleo.
E: Tá e esse petróleo ele vem de onde? De vários lugares ou?
R1: Vem da Arábia, vem da Argélia, vem da Argentina, vem do próprio Brasil, ele é IMPORTADO (né) e ele pode vim de vários lugares dependendo do preço; então tem uma área, que uma área de planejamento estratégico, QUE FAZ SÓ COMPRA DE PETRÓLEO fica buscando onde é que tem (né).
E: Preço melhor.
R1: Aproveitando o preço do dólar, se o dólar deu uma caída, e esse petróleo chega pra nós geralmente de 15 em 15 dias, ele vem de navio (né) descarrega no pier petroleiro, ai é bombeado pra dentro de um tanque de 30 milhões de litros e ai dali ele entra nas unidades de processo. Uma refinaria ela tem as mesmas unidades, o mesmo PROCESSO das demais refinarias. O Brasil hoje tem treze refinarias, onze são da Petrobras, a nossa que é particular e tem mais uma particular no Rio de Janeiro que é a refinaria de Manguinhos do grupo Peixoto e Castro. Então o Brasil tem treze refinarias, a nossa foi a primeira, depois que foi criada a nossa, foi criada, a nossa foi criada em 37 e em 53 foi criada a Petrobras, e ai a Petrobras criou o monopólio do petróleo, então, a Petrobras determinou que refinarias que já existiam poderiam continuar existindo, mas não podiam aumentar a capacidade de produção. Então a gente ficou congelado e por isso, que nós somos uma refinaria pequena.
E: Sim perto das outras.
R1: Perto das DEMAIS refinarias da Petrobras (né), tanto que só tem refinaria da Petrobras e a nossa praticamente; só duas privadas.
E: Sim.
R1: Então, o nosso negócio é esse: a gente compra petróleo e produz derivados; gasolina, óleo diesel óleo combustível, asfalto, solventes especiais. Ai a gente vende pra quem?
E: Pra quem?
R1: Nós temos POUCOS clientes; os nossos clientes são as DISTRIBUIDORAS, porque existe uma cadeia no petróleo é: a prospecção que é quem prospecta, tira do fundo do mar, a Petrobras FAZ ISSO.
E: Isso.
R1: E a gente também pode importar, depois tem as refinarias que refinam, ai a refinaria vende pra DISTRIBUIDORA , o que, que a distribuidora faz, a distribuidora compra, ai ela tem a logística de transportar pelo Brasil inteiro e entregar pro Posto de gasolina...
E: Posto de gasolina.
R1: ai a gente vai no posto de gasolina e compra (né), então é uma cadeia, nós não vendemos pro consumidor final.
E: Pro consumidor final não tá.
R1: A gente só vende pras distribuidoras
E: Tá pras disribuídoras.
R1: E distribuidoras não são muitas no máximo dez que existe no Brasil.
E: No Brasil dez?
R1: Sim. Mais ou menos é a própria Petrobras, a própria Ipiranga uma distribuidora, a Shell, a Esso, a Atlantic já foi vendida a Esso também já foi vendida e algumas outras distribuidoras pequenas mas, não têm muitas.
E: Tá, mas, hã uma dúvida assim de leiga no assunto, mas isso ai no caso pro diesel, pra gasolina..
R1: Sim
E: E pros outros derivados ?
R1: A não! ai são produtos especiais, ai têm algumas empresas químicas
e petroquímicas
E: Ata.
R1: que compram.... né. Que compra, por exemplo, uns solventes especiais, que vão ser usado pela Natura, pela Basf ...

E:Sim. Uh,uh
R1: Ai são algumas empresas petroquímicas
E: Ai é direto , no caso assim, a comercialização ou também vai, ou existe uma distribuidora que vai fazer assim ...
R1: Não! Não. A distribuidora compra pra botar no posto de gasolina
E: De gasolina, uh,uh
R1: E algumas EMPRESAS de químicas (né) compram os solventes especiais pra REVENDER pra outras indústrias a gente não vende direto também...
E: ah,ah
R1: Pra nenhuma empresa.
E: Pra nenhuma empresa.
R1: Não a gente tem um círculo bem restrito de clientes né.
E: uh,uh
R1: Então esse é o nosso negócio, é um negócio que tem bastante vulnerabilidade no que diz respeito ao câmbio (né), tá ligado diretamente ao preço do petróleo, ao preço do barril de petróleo e ao valor do dólar (né). Que o barril do petróleo é setenta dólares hoje (né), mas, ele já teve trinta e oito (né), ele já teve a cem.
E: ah,ah
R1: Então, oscila muito né.... então o nosso negócio é esse
E: Sim. Tá esse é o objetivo de vocês comercial, mas que filosofia a empresa tem assim, o que que ela prega em termos de valores, nessa preocupação com o meio ambiente
R1: A gente tem assim , a gente tem toda a questão de uma política, uma, uma visão do que a empresa quer ser, os objetivos (né) a gente tem tudo isso escrito no manual que o funcionário recebe e que nesse manual ele diz qual é a nossa visão, qual é a nossa missão
E: Ah ótimo!
R1: Como é que eu tenho que me COMPORTAR aqui dentro
E: Isso.
R1: qual a minha política de segurança, qual é a minha política de saúde, qual é a minha política de meio ambiente, como é que eu devo me PORTAR aqui e até como eu devo me vestir, que a gente tem algumas regras, por exemplo, aqui não é permitido manga cavada, não é permitido sandálias dedos de fora, nem no verão (né), não é permitido bermuda, saia só abaixo do joelho...
E: ah,ah
R1: E se tu for pra planta industrial, tu é obrigado a trabalhar de manga comprida e de botina (né).
E:uh,uh
R1: Então, tem toda uma questão de segurança
E: Segurança.
R1: porque a gente trabalha dentro de uma refinaria. Então, por exemplo, quando a gente recebe algum visitante é um, é um, é um pouco difícil o entendimento, tu pega uma turma de gurizada eles não podem vir de tênis, tem que ser sapato de couro, porque tu ta dentro de uma refinaria (né), então, tu não pode fazer visita de sapato, de tênis, tu não pode fazer visita de bermuda, às vezes um calor vem um fornecedor aqui, ele não PASSA da portaria, ele não entra se estiver de bermuda tem que ir embora, então, alguns já sabem e já carregam uma calça no carro, ah vou lá na refinaria
E: ah,ah
R1: tenho que botar uma calça, não entra, nem moto boy não entra aqui de manga curta, são regras de segurança, então, a gente tem toda essa política. Nós já fomos certificados na ISO 14001, que é uma norma internacional, que certifica as empresas que têm todos os cuidados ambientais, e agora nós tamo buscando uma certificação no sistema de gestão integrada, que compreende qualidade, ah meio ambiente e segurança e saúde ocupacional.
E: uh,uh
R1: Então, estamos trabalhando todo mundo nessa questão...
E: uh,uh interessante
R1: Então assim, normas de segurança, saúde e meio ambiente é MUITO exigido, entendeu. A gente tem muitos olhares pra dentro de uma empresa como a nossa, entendeu, então a gente é muito cobrado pelos órgãos ambientais
E: Sim.
R1: pela própria comunidade, a gente teve que estabelecer uma política de boa vizinhança
E: ah, ah
R1: porque a gente está instalado dentro da cidade, isso quando a gente foi fundado isso aqui era um banhado que foi aterrado e não tinha um vizinho, não tinham as exigências ambientais que hoje existem (né).
E: uh, uh
R1: Então, o que que acontece? A gente não tinha nenhum vizinho, ai os fundadores na época, a vamo criar um bairro aqui no lado pros funcionários morarem, ótimo! Criaram o bairro esse que a gente tem aqui do lado, ai os funcionários começaram a morar, hoje é uma ENCRENCA, tu tem funcionário que hoje não é mais funcionário que mora ali, graças a Deus, eles depois foram melhorando de vida foram vendendo, hoje deve ter
E: 8:40
R1: muito poucos que moram ali, mas eu tenho um bairro acolado na empresa, com janela aqui pra dentro...Não é, hoje a gente sabe que existem os distritos industriais, áreas especificas só pras industrias, né, então, isso também é uma questão limitante.

E: uh,uh! E vocês têm assim, algum fluxograma alguma coisa assim, que pudesse visualizar, hã, a relação assim herárquica dos funcionários?
R1: Tem um organograma.
E: uh,uh! Se depois tu puderes me passar
R1: Tá.
E: só pra eu poder conhecer como é que funciona o todo assim, hã, assim a função de cada um também
R1: É tem! A gente tem uma diretora superintendente que é uma mulher.
E: uh,uh!
R1: Depois a gente tem treze gerências, não é, ai tem gerencia de segurança, hã, saúde, meio ambiente, qualidade, planejamento, TI (tecnologia da informação), engenharia, manutenção, produção, operações, hã, materiais que é compras,
E: Ah,ah!
R1: setor que faz todas as compras, então a gente tem, eu tenho um organograma.
E: Hã interessante! Porque quem é de fora às vezes tem dificuldade de entender como é que a coisa funciona, né
R1: É.
E: ...as relações entre as partes,
R1: Tem.
E: então, se tu pudesse me mostra nem é fluxograma é organograma
R1: É organograma
E: organograma pra eu poder me situar. E esse estagiário, assim que vem, esse funcionário, não sei se depois com o tempo ele é admitido se vocês têm assim, pessoal efetivo que vem do IF, das escolas técnicas.
R1: Tem.
E:uh,uh!
R1: A gente tem seleções de estágio né, duas vez por ano, tem uma data específica pra fazer a seleção, e a gente tem também um programa de treineis.
E: Hum!
R1: Que a gente seleciona operadoras de refino.
E: Hum!
R1: E ai tem uma prova, tem que se inscrever, tem que passar por uma prova, uma prova escrita, depois tem que passar por uma prova, uma entrevista pessoal.
E: uh,uh!
R1: têm umas, várias etapas, mas a gente selecionou agora a bem pouco tempo, acho que se foram vinte e oito treineis que entraram, todos pra operador de refino, muitos eram estudantes de escola técnica.
E: De escola, de nível médio?
R1: De nível médio.
E: uh,uh!
R1: Muitos eram...
E: Muito bem! E eles atuam em diferentes setores aqui no caso, ou existe um único setor, assim só mão de obra, ou eles acabam digamos assim, ocupando os lugares mais elevados?
R1: Não eles podem fazer uma carreira,
E: Eles podem construir uma carreira
R1: eles começam como operador de refino.
E: uh,uh!
R1: e depois eles têm toda uma carreira, tem todo um plano de carreira, né. Existe um plano de carreira, existem avaliações de desempenho anuais, tua chefia de avalia anualmente existe um formulário onde cada funcionário é avaliado anualmente em dez requisitos, né, desde participação, trabalho em equipe, criatividade, inovação.
E: Então, ele pode entrar aqui com o nível médio e ir ascendendo.
R1: Pode, pode ir ascendendo.
E: Pra diferentes posições aqui dentro.
R1: Pode, pode.
E: Bom então, hã, depois eu até vou te pedir esse material que tu disseste tanto o organograma, tu disseste que tem tipo uma cartilha, não tem?
R1: Tem.
E: É
R1: Isso eu posso te dar;
E: Hã! Então ta;
R1:o organograma e a cartilha eu posso te dar.
E: Hã! Então ta.
E: Bom então, vamos falar um pouquinho sobre a pode ser?
E: (deixa eu ver se isso aqui ta funcionando mesmo, acho que ta)
R1: (Senão a gente perde toda a conversa)
E: E assim sobre a comunicação, assim, o que que tu tens pra me dizer sobre essa comunicação, tanto interna quanto externa assim?
R1: Tá assim, comunicação interna ta: A gente tem um jornal interno;
E: hum!
R1: que circula de dois em dois meses, que se chama o “Correio da Refinaria”.

E: uh,uh
R1: Então a gente tem esse jornal, né, a gente tem um sistema de quadro de aviso, que estão localizados em pontos estratégicos; um é aqui no escritório e outro é na portaria lá da planta, num, bem onde os funcionários batem ponto e onde eles vão pra uma sala de lazer.
E: Hum!
R1: Porque a gente tem uma sala de lazer;
E: uh,uh
R1: Com mesa de ping pong, pembolim, que eles podem ficar ali na hora do intervalo, do almoço, hã, brincando, jogando, vendo televisão, têm os sofás pode dar uma cochilada né.
E: uh,uh
R1: Porque muita gente fica aqui o dia inteiro e a gente tem também os funcionários que trabalham em turno; turnos de 6hr, porque a nossa empresa não para NUNCA.
E: Hum!
R1: Ela é 24 horas. Então, a gente tem o funcionário que chega a meia-noite, entra a meia-noite e sai às seis, ele pode chegar umas onze e pouco e ficar ali na sala até chegar o horário dele trabalhar, né. Então a gente tem: quadros de aviso dois, ta, e nesse quadro de avisos a gente fez uma divisão de notícias, então a gente tem gestão a vista, saúde, segurança, meio ambiente, Rh e sindicato. As noticias do sindicato também são (barulho)
E:ah,ah
R1: Depois a gente tem um sistema de intranet, né.
E: Hum
R1: Depois a gente tem um sistema de e-mail, né, que a gente manda muita comunicação por e-mail.
E: E essa comunicação varia, por exemplo, o e-mail no caso é um suporte pode ser? Ou é por e-mail direto são recados; ou existe por exemplo, documentos, por exemplo, sei lá um requerimento que ele vai via e-mail também? Atas, sei lá, esse outro tipo de ...(termo incompreensível)
R1: Também vão, por exemplo, convocação de reunião é feira por e-mail;
E: Ah, tá!
R1: Não existe nenhuma reunião aqui, que não seja gerada uma ata.
E: Ata!
R1: Todas reuniões têm atas.
E: Tá e essa ata circula por e-mail?
R1:Circula por e-mail entre TODOS os integrantes;
E: Ata
R1: antes de ter o texto final.
E: Hum! Que interessante, ah,ah.
R1: (ta... vocês falem mais baixo gurias, um pouquinho tá).
R1: Circula por, por, e-mail, entre todos que tiverem, participaram para que eles possam dar uma olhadinha vê se eles têm algum item que não estava de acordo ta.
E: Ta.
R1: Então, a gente tem esse sistema de atas, tem o sistema de ah... desenvolveu um help desk, tu tens que fazer aberturas de chamado pra atendimento, então se tu precisa fazer um atendimento,pra estalar alguma coisa no teu computador, né.
E: Hum!
R1: Abri algum documento, pra imprimir alguma coisa, tudo tu tem um, um sistema de abertura de chamado, assim também é uma área de manutenção, existe uma, uma, um documento que se chama uma REQUISIÇÃO de serviço de manutenção.
E:Hum!
R1: Então também é um documento aonde eu vou requisita, uma troca de uma lâmpada, uma troca de uma cadeira, né.
E: uh,uh
R1: Então, tudo tem uma norma entendesse, tem um formulário específico.
E: ah,ah! Hã é um formulário?
R1: É um formulário
E: é um formulário preenchido?
R1: Preenchido.
E: E também circula via e-mail? Ou não? Ou, ou
R1: Não ele pode circular via e-mail ou pode circular,
E: Impresso.
R1: fisicamente também.
E: Ata! uh,uh!
R1: Desde que ele chegue lá,
E: Tá!
R1: Tá, então, eu tenho isso pra área de TI, eu tenho isso pra área de manutenção.
E: uh,uh
R1: Eu tenho também pra parte de correios, se eu quero mandar um documento, tem que anexar nesse documento se ele vai por sedex, se ele vai pelo correio, tem que especificar aonde que ele vai, o meu centro de custo...
E: Interessante, ah,ah.

R1: E assim também pras compras, por exemplo, eu tenho um período que é durante o mês, né, eu tenho até o dia 15 de cada mês, pra fazer minha solicitação, via sistema via e-mail do que que eu preciso de material pro meu uso; então, eu vou pedir cola, caneta, tesoura, papel, hã pasta de arquivo, arquivo morto, vou pedir tudo por aqui, tem que pedir com 15 dias de antecedência, até 15 dias, ai o que que a empresa faz, ela junta todos os pedidos,
E: uh,uh
R1: e compra papel pra todo mundo, pro mês seguinte.
E: uh,uh. Como é que tu chamas esse documento, esse, esse tem algum nome específico?
R1: A gente chama esse do de matérias..
E: É de materiais.
R1: Parceria; a gente chama; compra através da parceria porque daí tu não tem o material estocado, entendeu.
E: E e também em formulários, assim tem pra tu preencher é só colocar..
R1: Tem
E: Ata é tipo um formulário.
R1: : É um formulário on-line né, ali tem TUDO.
E: Ta, ta.
R1: Ai tu vê tudo que tem; ali tem régua, tem..
E: Ata, ele só assinala
R1: O que tu quer...
E: Tá outros textos?
R1: Outros textos assim têm algumas, alguns comunicados oficiais da empresa, que são feitos através de informes;
E: Hum!!
R1: que o que vai nos quadro de aviso
E: uh,uh
R1: Né. Tem reunião, muita reunião... Reunião presencial tem bastante... né, também é um meio que a gente usa bastante de comunicação.
E: E esses informes quem é que faz, assim, normalmente.
R1: Todos saem daqui da comunicação.
E: Há! Saem daqui da comunicação.
R1: TODOS, ta então, qualquer área pode dizer há, informa pra mim que vai ter uma parada de manutenção no dia tanto, do dia 10 ao dia 20 de dezembro; e que nesse período pode acontecer ruído, pode acontece entrada e saída de equipamentos grandes, ai a gente comunica; por exemplo, hoje me pediram comunique que vai faltar água das 10h às 11h da manhã, porque vai entra em manutenção, a gente comunica.
E: Tá e isso seria; tu denomina informes?
R1: Informes.
E: uh,uh também via e-mail?
R1 Via e-mail E quadro de aviso
E: E quadro de aviso.
R1: Porque eu não tenho cem por cento do meu pessoal com máquinas né...
E: Há sim!
R1: Digamos que eu tenha cinqüenta por cento das pessoas, tenha maquina,
E: Sim, os outros estão trabalhando em (termo incompreensível)
R1: Os outros estão trabalhando em postos de trabalho, que eles não têm esse, esse..
E: Esse (termo incompreensível). E assim, por exemplo, hã, algum funcionário, que talvez não passe por aqui, talvez não seja, mas assim que tenha que fazer relatórios, não? Assim, o que que ele fez, desenvolveu em uma determinada semana, hã se existe, existe isso?
R1: Existe, existe ele tem que fazer, hã, relatório, prestação de contas, tu tem que fazer, se tu vai fazer uma viagem, tu tem que ter um dinheiro, tu vai precisar de um dinheiro pra viajar, ai então, tu tem que fazer uma solicitação de ADIANTAMENTO de viagem, ai depois tu tem que fazer uma PRESTAÇÃO de contas;
E: uh,uh
R1: Tu tem que fazer, hã, acompanhamento di turno, quando tu troca o turno tu tem que deixar um relatório escrito pra quem ta entrando depois de ti.
E: Tá e isso aí são formulários também, ou não?
R1: Não isso é tudo formulário pronto.
E: São formulários prontos.
R1: Específico são INSTRUÇÕES né,
E: Já tem tudo prontinho?
R1: Tudo prontinho.
E: Ata!
R1: São, ainda mais uma empresa que ta buscando cerificação né, tu tem que te instrução de como opera tal máquina, ta escrito ali a instrução, entendeu? Se tu sai e outro colega entra no teu lugar ta escrito...
E: uh,uh
R1: Instruções de como fazer a atividade, instruções de admissão, instruções de demissão, não pode tá na CABEÇA da pessoa;
E: Sim, já existe um um texto mais ou menos pronto, pra ele só preencher com os dados dele, alguma coisa específica é isso?

R1: É não, não pra ele saber fazer né;
E: A instrução tu diz lá pra ele até hã
R1: executa.
E: Executa.
R1: Sim... Existe uma série de documentos;
E: Executa máquinas, executa seria isso?
R1: Tudo, tudo.
E: Existe já pronto?
R1: Existe procedimento, existe instrução.
E: Hum! uh,uh. Mas, a maioria então dos textos, no caso que circulam, são a partir de formulários já existe um modelo,
R1: Sim.
E: E ai o funcionário preenche.
R1: É...Já existe, existe inclusive dentro das máquinas existe um diretório de B formulários, ai tu encontra todos os formulários ali.
E: Hum.
R1: Então, ali tem um formulário de prestação de contas, de requisição de serviço...
E: uh,uh
R1: adiantamento...
E: Mais algum outro tipo de texto, que circule que tu.
R1: Acho que internamente.
E: E externamente vocês fazem assim, folders ii.
R1: Externamente a gente faz, hã, folder né, pros visitantes, vídeo que foi como o que tu viu, que é uma forma que a gente utiliza bastante também, a gente utiliza muito a mídia né, a própria imprensa pra divulgar alguma informação externa, a gente tem um telefone verde, que é um telefone exclusivo pra atendimento de demandas da comunidade relacionadas ao meio ambiente.
E: Hã! Que interessante!
R1: Então, a gente fez toda uma divulgação, qualquer pessoa da comunidade que ligar, hã eu to sentindo um cheiro horrível, eu acho que vem ai da refinaria, a porta de entrada dessa ligação vai ser a central telefônica, tudo tem uma porta de entrada, as pessoas entram tudo, tudo entra por um lugar só né;
E: ah,ah
R1: Então, por exemplo, alguém telefonou pra cá, ela vai ligar pro PABX 32338000, vai atender aquele mocinha que tu viu lá;
E: Sim.
R1: Aquela mocinha, alguém vai, diz pra ela assim: Hã to achando uma fumaça, o que que é essa fumaça preta que ta saindo ai? Ela automaticamente vai pegar a ligação daquela pessoa e vai transferir pro telefone verde. O telefone verde está localizado na sala do meio ambiente, do lado dele tem um formulário, né, ai a pessoa que atendeu, quando o telefone verde toca, a gente já sabe que é problema.
E: uh,uh
R1: Entendeu, realmente deve ter tido alguma coisa, hã, alguma distúrbio operacional que gerou algum cheiro, que gerou alguma fumaça, alguma coisa, ai quando toca o telefone verde ali tem: quem é que atendeu o telefone, que horas eram, o nome da pessoa, qual é o endereço dela e o que que ela ta reclamando. Há reclamando de fumaça, hã fuligem, né, ai a gente pega e tem 48 horas pra dar um retorno pra ela.
E: Hum!! Que interessante!
R1: A gente tem 48 horas pra ver se é procedente a reclamação, se não é. Se a reclamação é procedente a gente abre uma não conformidade, ou seja, vai investiga, né;
E:uh,uh
R1: e tem que dá um retorno e tem que registra nesse papel que a pessoa recebeu o retorno... Então isso tem uma pasta com todas essas
E: ah,ah! Tem o material escrito.
R1: Escrito e uma pastinha com todos os registros disso aqui, por exemplo, 2010 a última reclamação foi essa aqui óh dia 28;
E: ah,ah
R1: de agosto
E: ah,ah, reclamou do cheiro de gás próximo a sua residência .
R1: Reclamou o cheiro, quem a cadastrou foi o fulano, era uma reclamação, endereço, a data, o telefone, a hora, o VENTO que tava, pra gente ter certeza que é nosso, porque às vezes é da industrias de fertilizante.
E: uh,uh.
R1: Se foi por telefone se foi pessoalmente, o que que eles fizeram, o parecer da área envolvida ó , inspecionamos não sendo constatada nenhuma normalidade e tentaram falar com ele e não conseguiram.
E: uh,uh. Muito legal!
R1: Oh, a gente separa todas, levanta tudo aqui, todas as..
E: Tá então, folder, vídeo, né, o telefone verde, essas malas diretas não né? Vocês é mais pra comércio né?
R1: É mala direta a gente não usa;
E: O que mais? Bom aqui eu tenho aqui, hã, por exemplo, eu listei aqui vou te perguntar se tem.
R1: Ta.
E: E artigo, vocês artigo cientifico?

R1: Não
E: Alguma coisa assim, não. Ata tu me dissesse que sim.
R1: Tem
E: Atestado?
R1: Tem (expressou dúvida)
E: Dentro desses formulários, acho que vocês devem ter.
R1: Existe porque tu tem que dar um atestado, que a pessoa tava trabalhando,
E: Isso!
R1: Tu tem atestado médico.
E: uh,uh
R1: Tem.
E: Aviso? Isso vocês têm, até na, na
R1: Sim é.
E: Hã! Boletim informativo?
R1: Tem também.
E: Hã briefing?
R1: Tem briefing;
E: Como é que, uh..
R1: A gente chama de briefing, aquilo que tu assistiu lá aquele vídeo é um briefing;
E: É pois é! Eu vi
R1: tanto que aquela sala ta escrito briefing.
E: É isso eu vi ali, ah,ah
R1: Aquilo ali é um resumo básico, do que tu tem que sabe pra ta entrando em uma refinaria, aquilo ali QUALQUER UM que entra aqui tem que passar por aquilo ali, só que tu não vai passar todas às vezes, daqui a seis meses, se tu vier amanhã de novo tu não precisa assisti;
E: Sim.
R1: ele tem validade por seis meses, porque tu ta cadastrada no sistema que tu veio aqui hoje que tu assistiu, até seis meses tu não precisa ver de novo;
E: uh,uh
R1: se tu vier daqui a um ano, tu vai ver de novo.
E: ah,ah, ta. Carta comercial?
R1: Tem, né hã vai, são correspondências endereçadas pra AFEPAM, solicitando documentos ou falando alguma coisa, tem. Têm publicações legais que a gente é obrigado a fazer, publica balanço, publica..
E: Há eu vi, acho que no site, ali tem é aquilo ali que tu estas falando?
R1: É aquilo ali, licença.
E: Cartilha tu disse que tem.
R1: Tem.
E: Hã circulares?
R1: Não tem. Tem, a gente não chama de circulares mais, é um informe esse.
E: uh,uh. Classificados?
R1: Tem dentro do mural, dentro dos informes também tem.
E: Ata! Diagnóstico?
R1: Diagnóstico tem, a área de RH faz alguns diagnósticos assim di, di, numa SELEÇÃO... né;
E: De perfil assim, de candidatos tu diz?
R1:De perfil é, a gente, a própria área de produção, também faz algum, alguma coisa nesse sentido.
E: O e-mail também dependente o e-mail, porque as vez o e-mail pode ser só o veículo né, o suporte;
R1: Sim.
E: mas, às vezes também se usa o e-mail.
R1: É, é não e diagnóstico é feito muito, feito MUITO né, tu vai fazer, vai chama uma consultoria ela vai te dar um diagnóstico do que, como é que tu esta e onde é que tu, o que que tu tem que fazer pra conseguir uma certificação; o diagnóstico é usado a gente..
E: Tá mas, ai vocês recebem esse diagnóstico? Vocês não produzem o diagnóstico ou depende da atividades?
R1: também produz, produz tanto faz, das duas formas, outra coisa, cada um que vem de um treinamento, tem que fazer um relatório do que aprendeu nesse treinamento,
E: Ata!!
R1: e tem que compartilhar com os outros. Eu vou fazer um curso de operador de solda;
E: Tá!!
R1: na volta eu tenho que fazer um relatório se o curso foi bom, se não foi bom, se valeu a pena, se foi organizado, se valeu o investimento.
E: O que que aprendeu, quais foram as novidades.
R1: Exatamente.
E: uh,uh
(...) Andréa (alguém da empresa a chama)
(...) Oi ta bom, ta. (a entrevistada responde)
R1: Quero vê se eu se esqueci de alguma coisa aqui, eu vo da uma olhadinha (30:38). Olha aqui ó, então tem, por exemplo, solicitação de estágio tem um documento, requisição de pessoal tem um formulário, autorização de ausência;

E: uh,uh
R1: movimentação funcional, se eu vou promover alguém, atestado di, di solicitação de ATS que é adicional por tempo de serviço, se eu quero solicitar um treinamento.
E: uh,uh
R1: Tem, tem ene.
E: ah, ah. Vários tipos de textos que circulam bastante,
R1: tem
E: cada um com um objetivo né, uh,uh. A maioria deles, não acho que a maioria não, tu disseste que a maioria deles já tem um formulário pronto né?
R1: Já.
E: Que tu disseste? Uh,uh. E a maioria também circula na internet assim, no sistema,
R1: uh,uh
E: mas, também alguns vão impressos, circulam.
R1: Sim.
E: Hã manual tu já disseste, memorando?
R1: Memorando ainda tem.
E: Isso aqui tem ligações telefônicas, OFÍCIO?
R1: Tem.
E: Palestras? Como é? Costumam haver conferências, palestras no caso assim, oral? Tô dizendo.
R1:Sim, tem semana, semana interna de prevenção de acidentes, é uma semana inteira de palestras, têm palestras motivacionais, entendeu? Têm palestras com outros profissionais de outras empresas que trabalham com o mesmo atividade que a gente, ai se eles têm alguma coisa eles vem.
E: uh,uh. Procedimento existe algum?
R1: Vários. Mas, muitos muitos, porque dentro da ISSO 14001, tudo é um procedimento né, então, tem um procedimento de comunicação, tem um procedimento de medição, tem um procedimento de segurança, de tudo tem procedimento foi aquilo que eu te disse, tu chega lá na sala de controle tem uma pasta desse tamanho, de procedimento, tudo ESCRITO.
E: Tá tudo escrito.
R1:Tem um procedimento se tu vai..
E: Também é com hã?
R1: papel
E: é papel?
R1: Esse é papel
E: uh,uh mas, é também formulário?
R1: Tudo formulário.
E: No caso, o funcionário só preenche alguns dados específicos? O texto mesmo já tá (termo incompreensível)
R1: Ele não tem que preencher nada, um procedimento é um documento que diz como ele deve PROCEDER;
E: Hã!! É uma instrução!
R1: uma instrução.
E: Ata!
R1: Entendeu?
E: Tá não o ato de um procedimento, mas, é uma coisa que já vem antes já ta pronta.
R1: Então, por exemplo, eu vou trabalha em espaço confinado, ou seja, eu tenho que ta usando tal roupa, tal coisa, eu tenho que passar no ambulatório médico, eu tenho que medir a minha pressão antes, eu tenho que ter uma APT, que é um documento que me autoriza, tem que ta assinado por a mais b.
E: uh,uh
R1: Têm vários.
E: Projetos?
R1: Também.
E: Vocês desenvolvem projetos?
R1: Vários. Cada um tem seus objetivos, cada área tem seus objetivos pra atingir durante o ano, objetivos e metas, ai desenvolve um projeto pra apresentar pra diretoria. Eu, por exemplo, agora montei um projeto da festa de final de ano, montei um projeto, o que é que eu quero, qual o objetivo, como é que eu vou alcançar, quanto que vai custa, o que que eu espero, como é que eu vou fazer pra chegar lá... Tudo tem um projeto;
E: Tem um projeto.
R1: tem o projeto de uma obra, ai tem todas as etapas.
E: E existe um, um documento específico?
R1: Existe.
E: Ou criaste? Não já existe um modelinho.
R1: Existe um modelo pra apresenta projeto, existe um documento também pra ti aprovar coisas com a diretoria que se chama: PDDE, PDDE é procedimento di, procedimento pra diretoria, hã... procedimento pra diretoria executiva. Ali é um modelo,tu tem o que que tu que, por exemplo, eu quero pinta a nova logomarca da refinaria no tanque sessenta, que é aquele tanque de maior visibilidade que a gente tem, quem vem lá da barra, quero pinta a logomarca nova naquele tanque, então eu tenho que manda ou quero manda faze as agendas, ta no meu caso.
E: Hum
R1: Eu quero produzir agenda 2011;

E: Isso.
R1:então eu tenho que faze esse PDDE dizendo que: eu proponha a produção de trezentas agendas, que o conceito da agenda vai ser todo ecológico,ela vai ser feita em papel reciclado, que nós vamos usar imagens de projetos, que nós estamos apoiando, como o projeto de botos do museu, projeto pescar, que ela vai ter tantas páginas, que ela vai custar hã, que eu fiz o orçamento com TRÊS fornecedores ta, ai tão lá os três orçamentos;
E: uh,uh
R1: Qual que eu recomendo;
E:ah,ah
R1: né, e ai a diretoria se reúne, eu tenho que manda esse PDDE sempre até quarta-feira, toda sexta-feira tem uma pasta de PDDES, a diretoria senta e avalia todos os PDDES; Há a Andréa que faze isso, ali eles botam aprovado ou não, ou então, melhorar a discrição que dizer que não se convenceram.
E:ah, ah. Que não foi muito convincente.
R1: Não se convenceram daquilo ali, ai volta tu faz de novo.
E: uh,uh, Interessante.
R1: Então, tem o formulário né, um PDDE, que tu tem que faze pra tudo...Tem que faze.
E: Sim é tipo um projeto né?
R1: É não deixa de se um projeto, porque pra faze um PDDE pra uma agenda e calendário, pô! Eu levei meses até chega, até ter três fornecedor já o layout junto, vou te uma prova, uma prova virtual, TUDO.
E: Que legal! Eu vejo assim que a comunicação funciona bem assim, né, eu acho que, que ta tudo muito bem organizado, assim como tu dizes, existem já formulários pra todo o tipo que se quer alcançar já tem um modelo,
R1: Hã com certeza!
E: pra que a coisa funcione bem né!
R1: Tem, tem pra tudo tu sabe o que que tu tem que faze;
E: uh,uh
R1: O que que tu tem que usa.
E: uh,uh. Muito bem e normalmente ela é eficiente assim, essa comunicação, assim, por exemplo, o que que às vezes gera um problema de comunicação? O que que tu achas assim, que a coisa não dá certo em função de quê?
R1: Eu acho que problema... De comunicação.
E: Por exemplo, quando tu falaste ai desse documento que não foi aceito, né, por exemplo, se não convenceu né, o superior, tu achas que esse funcionário ele, ele utilizasse uma linguagem mais cuidada, a descrição dele fosse mais minuciosa, os argumentos mais fundamentados.
R1: Eu acho que isso ai, o problema de comunicação surge quando falta ARGUMENTAÇÃO, entendeu? Tem que argumenta mais, tem que te, justifica mais, embasa melhor a tua escolha,
E: uh,uh
R1: Ai...
E: Tu acha então, a linguagem fundamental numa empresa?
R1: Assim, e outra coisa aqui se a gente fizer um documento e tiver erros de português, ele volta.
E: Ah é?
R1: Ele volta não, ele não passa, ele chega na diretoria e volta todinho rabiscado, tem que sabe escreve.
E: Primam pela, pela correção, pela clareza.
R1: Pela clareza, pela correção, tem que sabe. E tem um sistema de atas a gente tem reuniões uma vez por mês de todos os coordenadores, somos quatorze, né, e uma vez por mês a gente tem uma reunião com os quatorze, todos sentados numa mesa;
E: uh,uh
R1: de diferentes áreas eu sou de comunicação, do RH, TI, produção, laboratório, segurança, engenharia, hã saúde, segurança, meio ambiente cada um tem sua responsabilidade, e cada um tem que apresenta, são duas, duas manhãs inteiras das nove horas ao meio-dia, numa manhã apresenta....
Obs:(fim da gravação)
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – Empresa da área de Edificações
E: ... Tá e aqui na empresa, por exemplo, ele só fica como técnico ou ele tem chance, assim, o aluno que vem pra cá é admitido, ele tem como subir assim na hierarquia da empresa?
R2: Sim. Sim.
E: De ascender?
R2: Tem, tem.
E: uh,uh
R2: Porque ele entra como técnico, claro tem a parte da obra, mas tem a parte de compras também, que como eles têm já algum conhecimento, pra eles vão adquiri o conhecimento da parte de material que eles vão fazer as compras;
E: ah,ah
R2: o pessoal que faz compras aqui geralmente é técnico.
E: uh,uh
R2: Então, nós temos TRÊS aqui que faz as compras, são técnico em edificações; tem uma que foi pra obra também, né , na parte de administração da obra,
E: Hum!
R2: ai lá tem a experiência do RH, do material também que ela faz o pedido, de conferir o material também, né, então, é um administrativo de obra.

E: Então, ele não fica só, ele tem chance de progredir;
R2: Sim.Sim.
E: dentro da empresa, mesmo só com o curso técnico.
R2: Só com o curso técnico sim.
E: Ta e a empresa assim de vocês, tu poderia falar um pouquinho assim, o que, que ela realmente faz, se ela tem hã, qual é a filosofia da empresa.
R2: È a Labore Engenharia ela é desde 2000 que ela foi fundada, ela como se diz assim, sequência da Theo Bonow e Cia, que era uma empresa de porte de edifícios mais requintados, ai com essa situação do par ,né, projeto de habitação residencial, e agora minha casa minha vida que habitação populacional, ai surgiu os apartamentos que são as obras de maior rapidez na construção, maior movimento rápido né.
E: uh,uh
R2: Então, a Labore se, se enganchou nessa ai, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e a grande Porto Alegre, Canoas, Novo Hamburgo.
E: Há! Também atende essas áreas?
R2: Sim. Já tivemos ... em Passo Fundo que foi mais longe, né, mas agora ficou nessa região aqui, no TRIÂNGULO.
E: uh,uh. Quantos funcionários mais ou menos vocês têm?
R2: Atualmente nós tamo em torno de quinhentos, direto.
E: Eu não sabia! Que era...
R2: É que lá na grande Porto Alegre...
E: então é o que, uma empresa de médio porte? Como é que...
R2: Aé, de médio porte pra grande.
E: ah,ah
R2: Porque aqui, aqui nós temos, obra ali perto do Foro, do Big ali, né
E: Hã! Tudo é vocês ali?
R2: é ali foi entregue cento e oitenta apartamentos no final do ano passado, no inicio do ano, e agora ta sendo entregue mais cento e oitenta, ta em fase de termino pra entrega até o fim do ano, mais cento e oitenta e tem lá em Santa Maria também dois conjunto de sessenta, apartamentos, também nessa linha também tão terminando agora, e aqui também a gente ta iniciando, que dizer já ta a uns cinco meses, na Fernando Osório, lá na entrada, no trevo , perto do trevo de acesso; lá são dois conjuntos de duzentos e quarenta apartamento.
E: Meu Deus!
R2: É obra grande, né! E o prazo é curto pra faze, normalmente é um ano, um ano e quatro meses, né, então, tem que se tocado... é toma e toma.
E: Que legal! Parabéns; eu não, eu não, sabia assim, que era, que vocês tinham crescido tanto, é o proprietário é o Théo Bonow ?
R2: Théo Bonow.
E: uh,uh
R2: E lá em Porto Alegre, tem em torno de oito obras assim, também tem as, os edifícios normais (3:10);
E: Em Porto Alegre?
R2: É, por exemplo, a gente fez aquele lá na Quinze de Novembro, né, o Guarani, Edifício Guarani. É um edifício BOM né, de classe média e tal, depois lá em Canoas tem aquele grande, que ta sendo construído também, o Montreal né; então, essas são as obras mais particulares assim, direto.
E: uh,uh
R2: E depois, tem essas populares que é Minha Casa Minha Vida, que é o MAIOR leque de abrangência; que lá em Porto Alegre tem em torno de;
E: uh,uh. Que legal!
R2: sete obras né. Tem na grande Porto alegre, lá na Restinga, e no Lomba do Pinheiro, no Bairro, tem lá em Canoas também, Novo Hamburgo lá tem.
E:uh,uh
R2: E assim mesmo, tem mais mão de obra direta, que são empreiteiros, né, daqui a pouco tem mais cem funcionário, trabalhando na, na parte de empreitada de algum tipo de serviço.
E: Sim. Que daí, no caso, é contratado pra determinada atividade depois;
R2: E ai na verdade o que, que abrange? Mão de obra direta, mais os quinhentos nosso, mais cem, então, já ta em torno de seiscentos funcionários interligado né. É muito movimento.
E: E tem assim, um organograma assim, no caso assim, tem a mão de obra, depois mais ou menos a hierarquia, tu saberias mais ou menos me dizer assim, se existe um, alguma coisa já definida, tem o técnico, depois tem o ...
R2: É normalmente, nós tamo procurando assim, o administrativo de obra ser um técnico em edificações, porque ele já vai ter conhecimento maior da obra, também do material.
E: Sim.
R2: Então, tamo dando preferência pra técnico pra essa parte. E ai tem claro! o encarregado, tem engenheiro, tem o estagiário de engenharia também que acompanha as obras, que existe um programa de qualidade que tem que se monitorado, né.
E: Há! Vocês têm aqueles..?
R2: Programa da qualidade.
E: Hã, ta! Não é a ISO, não?
R2: Não, é PBQP-H – Programa da Qualidade do Habitat. Tem tudo certificado, exposto no banner.
E: ah,ah, até assim...

R2: Então, existe todo um controle de mão de obra, qualidade de mão de obra, qualidade de material, tudo né, controlado, e ai tem as planilhas que tem que ser feita. Então, normalmente tem o estagiário da engenharia pra fazer esse acompanhamento de planilhas e também do material né.
E:uh,uh
R2: Tem que te, cópias de provas de concretos, de blocos, do cimento, hã da argamassa, tudo tem que te seu, seu acompanhamento ali prova de tanta em tanta quantidade.
E: Mas, assim o que, que eu ia te pergunta, dentro da empresa hã, vocês trabalham assim, tu achas assim que a linguagem ela é importante?
R2: Há! Com certeza! Aqui teve um curso de alfabetização do SESI né, pra quem não tinha até quarta série, então, foram encaminhados seis funcionários na época aqui, até eles tão se formando agora essa semana, aqui nesse curso.
E: Há! Que legal! Uh,uh
R2: Na verdade foram seis, prevaleceram três, três terminaram chegaram até o final,
E: ah,ah
R2: um desistiu, os outros dois foram demitidos nesse período, e ai não continuaram.
E: E já eram pessoas com que idade mais ou menos?
R2: Há, tem um com cinqüenta e cinco, outro com cinqüenta, nessa faixa ai; dos quarenta aos sessenta mais ou menos, ai aqueles seis tiveram oportunidade né.
E: uh,uh
R2: E assim mesmo, claro a empresa procura emprega, existe, como existe uma política de qualidade tem que sabe ler e escrever;
E: Sim.
R2: automaticamente.
E: E aqui dentro assim, não direto com a mão de obra, mas assim, dentro da empresa hã, vocês costumam fazer projetos, hã não sei assim pra alguma novidade que vocês queiram implementa; Que tipos de textos vocês utilizam aqui entre os funcionários, não digo lá da obra, mas aqui como é que são feito os projetos?
R2: Há! o projeto tem que tem, o arquiteto, no caso, pra parte de OBRAS.
E: uh,uh!
R2:Tem o arquiteto...
E: Vocês têm essas reuniões né? Não tem reuniões assim, eu não sei se vocês têm o costume de apresenta projetos; olha nós queremos implementa agora tal projeto, né.
R2: Assim, a gente faz também a reunião na obra, com o técnico de segurança, com RH, também esclarecendo as normas da empresa, as normas de segurança, então, periodicamente tem reunião com o pessoal, né.
E: uh,uh
R2: Se reúne numa obra um dia, e tem com a parte administrativa também, com o administrativo de obra, com o encarregado de obra, o engenheiro também; periodicamente tem alguma reunião pra atualizar, né, que às vezes como se torna uma rotina, às vezes o administrativo lá, alguma coisa ele não consegue manda fica meio na dúvida. E ai tem sempre essa fase de treinamento constante né, que tem.
E: uh,uh. E ai, no caso, tu achas assim, hã a linguagem é importante nas reuniões assim, quem se manifesta, quem hã coloca, é mais criativo, quem é mais articulado em relação a linguagem, tu achas que isso faz diferença na empresa?
R2: Há! Faz sim! Quem vai se manifesta né, tem que sabe coloca numa linguagem bem simples que seja entendida, tanto quem vai coloca o objetivo da reunião ou do que a empresa que e espera, como quem vai também responde; é importante o entendimento na linguagem simples e ;
E: ah,ah. Claro!
R2: adequada pro tipo de pessoas que vão, o alvo né.
E: Então, tu achas que a linguagem faz a diferença?
R2: Faz, faz, sim.
E: Aquele que se expressa melhor, tem mais chance de subir na empresa.
R2: Sim, sim, na própria entrevista, aqui em Pelotas, por exemplo, todos que são admitidos, PASSAM por aqui, então normalmente ele tem aquele contato direto na hora da admissão, é colocado, que a empresa tem um plano de, um programa de qualidade, que tem uma exigência de saber ler e escrever, também toda a orientação pra faltas e atestados e tudo mais né. Dele procura sempre se comunica bem com o encarregado né, se vai falta, se vai ter atestado, se vai te, sempre aquela comunicação né, e na obra quando a gente vai fazer reunião também, a gente sempre coloca; cada um deve tratar o outro como gosta de ser tratado; na linguagem popular, se eu tratar mal o retorno pode não ser bom né, então, sempre na melhor forma de tratamento pessoal,
E: ah,ah
R2: e a gente também tem apostila né, claro! Como tem um programa da qualidade, tem um livro ali do programa da qualidade pra te orientação de quem ta lá no canteiro, tanto o encarregado, o engenheiro, o administrativo de obra, ele tem um manual pra se guia né, do que, que ele tem que ir fazendo; diariamente ou periodicamente.
E: Como é que vocês chamam essa, esse texto?
R2: Na própria seleção de pessoal
E: tem algum tipo, algum nome pra esse material assim, especifico?
R2: Seria o manual da qualidade né.
E: Ah... não...
R2: Ali tem, todos os itens de controle e planilha que tem que ser preenchidos periodicamente.

E: eu até tenho aqui, por exemplo, que o meu objetivo é justamente hã, leva pra sala de aula, aqueles textos que circulam na empresa, né. Então, eu até tenho assim, fiz uma listagem, nãos sei se, vocês tem sistema intranet aqui, que vocês, a comunicação se dá mais via e-mail, ou ela é mais hã...
R2: Há, tem muita coisa que a gente passa por e-mail né, pra eles, eles passam de volta pra cá, mais MSN também tem conversa constante eu, por exemplo, eu tenho RH lá em Canoas, então, o nosso contato é direto e diário ou por telefone ou no MSN aqui.
E: Tá mais ai só, quem é que tem acesso a esses textos, os funcionários assim hã...
R2: Ai seria a parte administrativa,
E: administrativa?
R2: sim,
E: Ta.
R2: escritório e administrativo de obra.
E: uh,uh. E usam bastante?
R2: Há se usa; o MSN e e-mail;
E: O e-mail.
R2: é constante. É porque até a, enviam às vezes cópia de nota, e outras coisa vai via e-mail, via fax, então é o meio mais usado.
E: Por exemplo, ata vocês fazem? Ata de reunião?
R2: Não. Não se faz.
E: Não, ta.
R2: Quando tem o treinamento, por exemplo, que é o treinamento da política da qualidade tem uma lista de presença, né, se tem uma reunião assim, normalmente, quando é uma reunião localizada na obra com o encarregado administrativo, se faz uma lista de presença ali.
E: uh,uh
R2: E ai se destaca mais ou menos assim;
E: Mas, aquele texto assim: no dia tal, se reuniu na...
R2: não, não
E: não, não, aquele texto vocês não fazem.
R2: esse tipo de ata assim, não.
E: Ta. Avisos? Vocês têm assim, afixados em lugares próprios pra informes?
R2: Sim, na obra tem mural, cada obra tem o seu mural pra colocar os avisos, por exemplo, se vai ter um feriado se...
E: Vai faltar alguém.
R2: tem a política da qualidade, tem outros avisos, se vai te auditoria também, quando tem, agora mesmo nós temos a auditoria externa que vem auditor pra...
E: Hum!
R2: certifica, RECERTIFICA né, o nível de qualidade.
E: Hum!
R2: Então, normalmente vai te um aviso né, se tem feriado também ai o pessoal é avisado;
E: Ta.
R2: preenche a relação e assina;
E: uh,uh
R2: então, todas as obras têm um muralzinho pra aviso, quando precisa eles colocam os avisos ali no mural, ou uma mensagem uma coisa.
E: Sim. Hã boletim informativo, acho que seria, não sei se vai pra cada um assim, hã...
R2: Não, normalmente vai pro administrativo, pra ele faze lá, ou coloca no mural né, se tem avisos.
E: Carta comercial, carta profissional vocês costumam fazer algum tipo de carta?
R2: Carta Comercial? Eu acho que não sei, porque aqui nós temos os modelos, no caso, de compras né; já existe as ordens de compra né,e tem (termo incompreensível)
E: E mais formulários assim, que vão preenchendo, ou não?
R2: É. A gente tem um formulário também, um protocolo de entrega de documento, que quando nós mudamos pra obra, ou vem da obra tem que vi protocolado ali, o que ta vindo né, por exemplo, vem carteira profissional, registro de funcionário, é contracheque, atestados médico, ai vem discriminado...
E: Há, eu botei aqui protocolo
R2:e a mesma coisa é a parte de nota fiscal também,então, é preenchida uma relação das notas fiscais que vem da obra, pra cá pro escritório;
E: uh,uh
R2: então, na verdade não seria bem uma carta, mas é o protocolo de envio de documentos;
E: uh,uh
R2: um pra RH que seria a parte de documentação pro RH, e um de notas fiscais.
E: Mas assim, de empresa para empresa vocês costumam se comunicar com outras empresas, por exemplo, assim prum fornecedor?
R2: Normalmente é por e-mail;
E: Por e-mail. Mas, ai esse e-mail é aquele hã, que o e-mail ele pode ser também, só o veículo,
R2: ah,ah
E: ou existe algum tipo de texto dentro do e-mail próprio.
R2: tipo modelo, não.

E: é!
R2: Modelo não.
E: Não.
R2: Não, normalmente se coloca o assunto e já, se é pedido de orçamento ou o que, que é.
E: Solicitamos a vossa senhoria, não, alguma coisa assim, ao senhor hã,
R2: É é assim nesse estilo; bem simples
E: Não existe uma coisa mais formal?
R2: Não, formal não.
E: uh,uh. Circulares?
R2: Porque aqui também existe muita cotação de preço às vezes pelo telefone, né, então, é o contanto mais rápido e direto.
E: Ata! Então o teu aqui é o telefone, uh,uh o telefone...
R2: E ai claro, sempre alguma, REGISTRO, ai é o e-mail que vai porque ai tem a cópia ali tem registrado.
E: Mala direta vocês tem? Assim ai é com o consumidor, ou não.
R2: Não, mala direta não. Aqui a gente ou usa ônibus, malote direto né, via ônibus, ou sedex.
E: E folder vocês tem da empresa?
R2: Não.
E: Folder não.
R2: Só quando tem as obras no caso, que ai sai os folders.
E: Isso! Ta mais ai vocês tem...
R2: Aqui, por exemplo, quando sai as obras, ai normalmente tem os folderzinho, com explicação com modelo de obra, do apartamento; esse ai é o que foi entregue, ta sendo entregue agora no fim do ano.
E: Vou até ficar com ele, pode ser?
R2: Pode se.
E: Hum! O que mais aqui? Memorando vocês fazem?
R2: Não.
E: Não.
R2:Na verdade memorando até se faz, mas é a parte de segurança do trabalho, tem uma empresa que presta serviço, então, quando ele vai na obra ele faz o memorando lá, do que, do que que ta em conformidade, se tem alguma orientação, ai sim tem, mas diretamente não;
E: Ta.
R2: mas a prestadora de serviço faz o memorando, no caso, orientações do que que tem, então.
E: Oficio?
R2: Oficio, também não tem muito, não.
E: Palestra?
R2: Seria formulários e...
E: É assim, não, se, se os funcionários participam, seguidamente de palestra, vão assistir palestras, ou vocês, entre vocês, vocês vão tem um determinado tempo (15:34)...
R2: Há! Quando, quando vem o convite, por exemplo, pra uma palestra da área trabalhista, às vezes da contabilidade, de programa da qualidade também às vezes;
E: Isso.
R2: tem alguma atualização, ai o pessoal vai sim.
E: Ata!!
R2: ai normalmente, também tem um registro né, de que participou;
E: Ta.
R2: que ai é anexada no próprio, existe também uma planilha informatizada que a gente lança ali, os treinamentos que tem né, como a política da qualidade recebe na entrada; e outros treinamentos que tiver externo ou interno que tenha também é registrado.
E: Isso ai, conta tudo no currículo da pessoa?
R2: Isso. Conforme a função e o treinamento que tem que ter, né.
E: uh,uh, Projetos?
R2: Projeto assim, planejamento, ou...
E: É e agora temos o projeto de fazer sei lá, projeto de economia de gastos, por exemplo, então o que, que nós vamos fazer pra economizar gastos, sei lá to só pensando, né então, existe um projeto ai com objetivos né, que assim, nas outras empresas vi que eles trabalham bastante com projetos, então eles determinam; olha agora, a gente tem que diminuir gastos, quero fazer um projeto pra agendas da empresa, então tudo é por meio de projetos, eu não sei se aqui existe isso.
R2: Aqui eu não sei se seria um projeto, mas existe os orçamentos, então, pra fazer compra, pelo programa de qualidade tem que te três orçamentos.
E: ah,ah
R2: Não sei, se encaixa num projeto mas;
E: Mas, ai tudo bem! Mas, não existe um documento, assim, FORMAL; com esses três orçamentos?
R2: É o que estabelece a própria, o próprio programa de qualidade estabelece isso, né. Pra nós compra, nós vamos ter três orçamento pra se encaixa, o melhor produto e o melhor preço; se a marca difere o preço, ai tem que te uma análise ali da...
E: Tá, mas esses três orçamentos, como é que eles são repassados pro chefe, tipo assim, é solto ou tem um todo, uma estrutura de texto, de introdução, de desenvolvimento, não é só repassado?

R2: Não, é só repassado;
E: Ah, sim.
R2: com o modelo próprio, porque ele normalmente vai ter o cabeçalho, com os dados da empresa, e a obra a que vai se destina;
E: Na própria empresa?
R2: e o fornecedor, né, existe também um cadastro de fornecedor, que é analisado também se ta atendendo as necessidades da empresa, existe uma avaliação também periódica, tanto dos fornecedores, como dos funcionários, né, tem um questionário pra responder.
E: uh,uh. Nas outras empresas, assim eu vi, eu notei, e eu acho que vai ser esse, assim, o caminho do meu trabalho, que o relatório e os projetos eram assim, os textos mais importantes, porque o meu objetivo é depois levar, lá pra sala de aula, né;
R2: Sim.
E: assim o que, que se passa, como que é a comunicação da empresa, pra depois poder fazer; eu não sei se tu concordas, assim, que o projeto, o RELATÓRIO, eles relatam assim, como é que eles significam a própria atividade, eles dão pareceres, existe a cobrança de algum relatório aqui na empresa, um hábito de fazer relatório?
R2: Bom, na obra tem o diário de obra, né;
E: Diário de obra? Ata.
R2: que é obrigatório, então, ali vai consta quem falto, como é que tava o dia, qual é a produtividade do dia, se é alvenaria, se é reboco, o que que conseguiu avança, se ta dentro do cronograma previsto dentro do andamento da obra.
E: Ata. Mas, isso ai é um formulário ou a pessoa tem que redigir um texto, como é que é?
R2: Não, é um formulário.
E: É formulário.
R2:Tem que escreve também, né, claro que já tem alguns itens ali definidos; alvenaria,
E: Tá.
R2: se alcançou a meta, quantos metros foi o reboco e tal, mas tem muita coisa que tem que ANOTA, se teve alguma coisa fora do normal,ai tem que registra, diário de obras;
E: Diário de obras.
R2: tudo que aconteceu na obra naquele dia, né;
E: Ta.
R2: especificamente.
E: Ta, esse quem faz é o, quem é que faz esse diário de obra?
R2: Esse, o encarregado de obra.
E: É o encarregado.
R2: Ele vai circula, faltou tantas pessoas no dia, há o tempo tava chovendo não rendeu a produção, né; mas, até, por exemplo, se houve acidente, tem que registra no diário de obra, se houver acidente num dia, é um registro diário ali;
E: Tá.
R2: material que chegou também.
E: E assim, se um funcionário ele vai faze um treinamento, ele tem que dá retorno de, fazer algum relatório o que, que ele aprendeu, o que não aprendeu, o que, que ele achou.
R2: Ele vai no mínimo, apresenta o certificado pra, pra incluir no currículo dele.
E: Só o certificado, a empresa não exige assim, hã que ele se posicione, em relação ao curso, não?
R2: Não, porque normalmente se tem um curso já é específico na área profissional, por exemplo, se é um pedreiro que vai aprender alguma,
E: Isso, alguma técnica nova.
R2: atividade especial, ai, por exemplo, aqui agora mesmo foi, veio da IFsul lá, pra esse curso de, de casas antigas né; de...
E: Restaura.
R2: restauro né.
E: Hum.
R2: queriam abri o curso, então teve vários que foram lá se inscreve, né
E: Há!
R2: Então claro, a empresa também apóia ali, tem que preenche o relatório, aquele que vem uma cartinha.
E: Qual? Esse relatório é daqui no caso?
R2: Na verdade vem uma cartinha lá,
E: Ata!
R2: pra comprova que ele tem já ou que ta trabalhando na área da construção,
E: Hum!
R2: pra faze esse curso, ai agora, sei lá depois, acho que ele vai se selecionado, alguma coisa assim.
E: Isso.
R2: Então, tem uns quantos que fizeram a inscrição, ai.
E: E depois esse que volta ele não tem que escreve nada, assim, pra justifica o curso, o que, que ele aprendeu, o que, que foi bom.
R2: Não. Isso normalmente não, ai claro, se tiver um serviço naquela área, ele vai se o cara pra faze né, porque aqui já foi feito em 2004 eu acho, o restauro da casa João Simões Lopes ali, na, na Dom Pedro, né;

E: Isso.
R2: então tinha um pessoal trabalhando lá, que já foi mais capacitado e tal, né; então tem. Eles fazem. E normalmente, tem os cursos de segurança do trabalho também, que tem que participa né, tem RNRN10, RNRN18, pra, pra eletricista, que tem que faze um curso, então, normalmente eles vão fazer o curso e o certificado é o que comprova.
E: Só certificado?
R2: e depois eles aplicarem,
E: Ah, ta.
R2: o que vão aprendendo.
E: Não existe assim, algum texto que circule na empresa, que ele tenha que se posiciona, que ele tenha que dá um parecer mais...
R2: Não, não.
E: que ele tenha que pensar sobre o que, que ele fez e coloca no papel;
R2: Não, não, assim desse tipo não.
E: uh,uh. Então ta, projetos? Tem alguns, mas não são muitos também, que tu disseste os projetos.
R2: É os projetos é sempre esses treinamento periódico pra quem entra na empresa, pra conhecer, pra aplicar o programa da qualidade né, esse é o projeto.
E: uh,uh
R2: Claro pra treinamento também, só que ai depende, por exemplo, se é da segurança do trabalho, depende da empresa prestadora de serviço, pra RN10 pros eletricista, tem um projeto de fazer esse curso, ai depende deles te formado a turma e faze o curso.
E: Então assim, se eu entendi não há muita produção escrita aqui dos funcionários, assim,
R2: Não... em termos de textos, não. Se usa os formulários que tem padrão, por exemplo, se tem uma avaliação do pessoal que é admitido nos trinta dia; hã tem uma avaliação se ele ta de acordo; existe um avaliação pra aquele que entro na empresa, se ele... Vamos ver o que tem aqui, contrato de trabalho e tal, atestado médico, deixa eu ver se tem uma avaliação pra mim te mostrar aqui. Então, os textos que tem, mais ou menos é isso é pra se preenchido os dados,
E: Ah, tá!
R2: numa avaliação de trinta dias, lá o encarregado vai dize, se o cara ta bom, se é assíduo no horário, se é...
E: uh,uh
R2: e quando existe treinamento também, tem essa lista a política da qualidade, ai, por exemplo, os funcionários que entraram em uma semana,se coloca todos, eles assinam e receberam, eles recebem o formulário lá, com a política e o objetivo da empresa, ta pronto e essa avaliação se repete depois, no contrato final, noventa dias também...
E: uh,uh
R2: e vai fecha. Mas assim, formulário que exija, que eles leiam muito não tem;
E: É que ele tenha que escreve assim...
R2: Não, ai não tem mesmo.
E: E não digo assim um funcionário, mas alguém aqui da empresa assim, algum setor administrativo, não tem? Eu não to falando mais daquele funcionário que fica lá na obra, mas aquele funcionário, hã, não sei um, um engenheiro?
R2: Tu ia dizer tipo ata né, de algum acontecimento da empresa, não tem.
E: Não tem também.
R2: Não tem não.
E: ah,ah
R2: Dos acontecimentos, do desenvolvimento da empresa, não, não tem.
E: Então ta, era mais ou menos isso que eu queria saber.
R2: Era isso.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – ÁREA DE ELETRÔNICA
E: Poderias falar um pouco sobre a empresa?
R3: Assim, a empresa x ela foi criada em 1997 tá, então vamos fazer um exercício de história aqui, e tu lembra que naquele tempo o Britto foi governador do Estado né, Antonio Britto e a forma assim, de gestão do Estado dele, ele tinha uma dívida imobiliária pra pagar pra União né uma dívida história da União esse acerto de contas ele fez transferindo pra ela, um patrimônio do Estado; então, o que, que foi feito naquela época a CEEE, a empresa não existia, existia era a parte TERMOELÉTRICA da CEEE; a CEEE foi transformada, tu lembra, foi transformada em três empresa, tem uma distribuidora, tem uma geradora né, e a essa regional que fornece pra, pro público né...
E: Hum!
R3: e a parte termoelétrica, as Usinas termoelétricas elas foram entregues pra União, foi constituído uma empresa chamada CGTA - Companhia de Geração Térmica, Térmica de Energia Elétrica - ela foi constituída então, botou esse patrimônio ali pra dentro, e entregaram pra União, como pagamento..
E: Pagamento, uh,uh
R3: da dívida mobiliária do Estado, chamava-se dívida mobiliária isso aí, e estou te dando assim rapidamente
E: Claro! Sim,sim depois ah,ah

R3: E a União o que, que fez? Imediatamente, botou aquela empresa no PND – Plano Nacional de Desestatização – o presidente da república era o Fernando Henrique Cardoso, e a concepção que tinha aquele governo era de vender as empresas públicas, que achavam que não tinha que te, o Estado não tinha que né, não tinha que te empresas né. Buenas, eu não vou fazer nenhum exercício, de se isso é bom ou é mau;
E: hahaha
R3: eu tenho minha opinião a respeito né;
E: sim, mas, ah,ah
R3: mas, isso não interessa no caso, vou te dizer assim, o que, que aconteceu tecnicamente.
E: Claro!
R3: E essa empresa, então foi pro PND pra se vendida, ia ser leiloada, ta, não apareceu nenhum interessado em compra, e essa empresa então, ela foi desvalorizando assim, ela tinha prejuízo né, porque ela imagina assim, esses funcionários aqui,
E: Como é que era o nome da empresa?
R3: Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica, só que a Companhia de Geração Térmica de Energia Elétrica;
E: Era esse nome também?
R3: era esse nome;
E: Ata!! Ta, ta, ta...
R3: não tinha Eletrobrás, esse Eletrobrás entrou na frente agora, esse ano.
E: ata entendi!
R3:Ta! o que, que aconteceu? Isso em 97, ai o que, que aconteceu? 98, 99, 2000, 2001, né, e terminou o governo Fernando Henrique Cardoso e a empresa não foi vendida, mas ela foi desvalorizando, porque ela, funcionários estavam desgostosos, não acontecia nada, ela sabe;
E: Sim, não tava
R3: imagina né, as pessoas numa expectativa de perder seus empregos,
E: ah,ah. Sim.
R3: de se vendido, existia muito boato e tal, mas nada acontecia, a empresa não era vendida, a empresa tinha um prejuízo lá de cerca de 200 milhões, de prejuízo acumulado e o governo mudo, em 2002 teve eleições, o Lula ganhou a eleição em 2003 assumiu a presidência e MUDOU o cenário; diz não esse governo não vai vende empresas né, vai recuperá-las e deu um prazo, um plano de gestão pra a empresa, pra ela se recupera, e ela se recupero né, tanto que ela começo, já no primeiro ano ela já reverteu o prejuízo e teve um saldo positivo, ela teve três, quatro, hã três, quatro anos consecutivos, ela teve o saldo, o resultado positivo crescente.
E: Positivo ah,ah.
R3: E começo a se realinha, né, hã, PRODUZI entro num leilão de energia, vendeu energia, arrumou um parceiro né, um parceiro chinês pra construir uma Usina Nova, pra fornece essa energia que ela vendeu em leilão, e em função de construir uma usina desse porte, a empresa amargou alguns prejuízos nesses anos, mas é uma energia contratada a (termo incompreensível), viabilizada só com aquela usina nos próximos vinte e cinco anos né, um projeto ai de , que consumiu um bilhão e trezentos milhões de reais, pra construir uma usina nova são trezentos e cinqüentas mega watts né; totalmente vendidos, então... a empresa se recuperou, ponto. Agora vamos fazer outro exercício, em 2003 nós tivemos um marco regulatório e uma mudança profunda no sistema de energia no país, de distribuição ta, por quê? A Dilma era, não é a toa que ela ganhou a eleição né, ela era ministra de Minas e Energia e propôs e o governo aprovou , e levou adiante de produzir um marco regulatório no sistema energético nacional; já existia essa vontade antes né, essa, tudo apontava que isso pudesse acontece, nós íamos ter que fazer no país, depois daquele apagão violento que teve;
E: uh,uh
R3: ainda era o Fernando Henrique o presidente, eles começaram a muda, não tiveram tempo de muda tudo né, e ai mudo o governo, e a Dilma, super competente, ela apresentou uma nova proposta, marco regulatório, nós vamos fazer diferente, vamos pensar diferente a questão da energia. Como é que funcionava leilão antigamente, como é que vendia energia? A gente construía uma usina, eu e tu aqui, e ai a gente ia bate na porta do governo pra compra essa energia, porque o país começa a crescer a se desenvolve, então, uma serie de NEGOCIATAS se trava por trás disso né.
E: Sim.
R3: Como é que funcionou a partir desse marco regulatório, isso é só um exemplo que eu estou te dando, é o governo faz o planejamento, o país vai, ta crescendo a taxas de tanto por cento ao ano; então, significa que nos próximos vinte anos, nós vamos ter um crescimento de tanto, pra atingi esse crescimento precisa te energia, pra pode movimenta a industria né, as casas, móveis...
E: Sim.
R3: tudo que se vai construir; então, hã com base nisso, nós temos que faze leilão de energia, nós temos que te USINAS, nós temos que te HIDRELÉTRICAS pra construir as usinas, essas, pra produzir essa energia; o modelo brasileiro é o modelo hidrelétrico, o que, que é modelo hidrelétrico? Porque o Brasil é o país do mundo, que tem a maior quantidade de manancial de água né; maior quantidade de água do planeta ta aqui né, então, nós não temos problemas de, de construir hidrelétrica;
E: uh,uh
R3: ocorre que nós temos, existe assim, uma hidrelétrica quando se constrói ela, ela tem um impacto no meio ambiente; além do que, mesmo um país rico em água como o nosso, ta sujeito a te problema de seca, hoje nós temos seca no Amazonas imagina só; uma coisa fantástica isso né, lugar que já teve água a trinta metros de altura, hoje tá seco.

E: uh,uh
R3: rachado né, então, nós temos que te, um, projeta energia com equilíbrio, tantos por cento de hidrelétrica que é o nosso referencial maior, então, é a maior parte, nós temos que desenvolver energias alternativas, energia limpa, temos que te várias alternativas, a eólica, a nuclear, hã e a energia térmica tradicional que é a nossa, ai entra a nossa empresa.
E: Hum!
R3: ela começa a faze parte daquele esqueminha que eu tava te mostrando ali;
E: Sim daquelas várias ali.
R3: daquelas áreas aqui, Oh...
E: uh,uh
R3: E essa aqui é uma termoelétrica nuclear, essa aqui, a nossa é uma (termo incompreensível) por que, que ela é assim? Guria assim ó, desculpa o guria né.
E: Sim.
R3: Mas, é assim o, o carvão do Brasil noventa e seis por cento dele ta no Sul do país, noventa e três no Rio Grande do Sul, o carvão aqui da metade sul do estado, nós temos carvão ali, se nós gastássemos de forma irresponsável, sem medi as conseqüência, nós temos carvão ali pruns quatrocentos e cinqüenta anos mais ou menos.
E: Há! Bastante né!
R3: É.
E: Eu não sabia disso,
R3: Portanto...
E: Claro.
R3: Nós temos que considera, não só a energia, e o cara, há porque o carvão polui; não, não polui se for bem utilizado, com os recursos que se tem, pode ser uma energia limpa. E nós temos que vê o seguinte, a metade sul do estado a quinze anos, nos últimos quinze anos, foi a região do país que MENOS cresceu, o crescimento foi negativo.
E: Assim.
R3: É a região mais pobre DO PAÍS, se tu pega assim, o buraco mais pobre lá do interior do Piauí, a metade sul do estado nos últimos quinze anos, cresceu MENOS, o crescimento foi negativo.
E: Meu Deus!
R3: É um empobrecimento extraordinário, ó! Ele ta sentado em cima du, duma mina de carvão, SÓ! Que é uma riqueza; então, vamos investir ali, porque daí, com isso, nós vamos gera energia a partir de mais uma matriz, não só a matriz hidrelétrica né,
E: uh,uh
R3: mas, nós vamos também, gerar empregos, vamos ter um processo de inclusão social em toda aquela região e tal, então, foi o que, que se fez? O plano pra a empresa aí, começa agora a junta o quebra cabeça, aí a empresa nesse marco regulatório, nesse novo início, tinha lá uma fatia, olha temos que, um dos pedaços que foi leiloado foi uma energia térmica, é pro, a começa abastece em 2011, era 2010 depois mudou os prazo né, 2011 durante vinte e cinco anos tantos mega por ano, e foi pro leilão isso, a empresa foi pro leilão, arrumo parceiro, que daí vem essa história a gente não constrói primeiro uma usina e depois sai a vende né, a gente arruma os parceiros e faz o projeto. Bom, pra pode vende energia, produzi e vende energia durante vinte e cinco anos, a tantos mega por ano, não é, quanto é que vai custa uma usina desse tamanho, então, a gente faz o orçamento...
E: ah,ah
R3: Vamos procurar parceiro, precisa de um banco pra financiar, precisa de uma construtora, de um empreiteiro, junta tudo, olha a gente, vamos pro leilão, fazemos um pré-acordo, se a gente ganha o leilão, montamos uma empresa, se a gente não ganha o leilão, o projeto. E foi o que a gente fez com os chineses, né; com a tecnologia dos chineses e com o financiamento dum banco chinês também ta, e a gente monto uma parceira fomos pro leilão e fomos bem sucedidos, ganhamos o leilão, aquela fatia ficou da gente. Que foi essa usina que a gente agora, essa aqui que agora a gente vai inaugura ela;
E: Hum!
R3: no final desse mês agora, ela começa a entra em operação...
E: Que fica em?
R3: lá em Candiota.
E: Em Candiota também
R3: Em cima do
E: mas, e o – ata;
R3: dos quatrocentos e cinqüenta anos de carvão;
E: Ata.
R3: Que dize, a nossa usina já existia né;
E: Já existia? agora vocês;
R3: ai nós fizemos essa nova aqui do lado,
E; ta, ta.
R3: pra aproveita a mesma correia, o mesmo pátio, carvão e tudo;
E: Claro...
R3: tudo isso ai, influi no orçamento pra pode dá o preço e entra no leilão pra ganha.
E: Sim.

R3: Buenas, ai a empresa começa a vê o que ela tem então, esse parque térmico aqui, que é a usina Presidente (termo incompreensíovel) em Candiota né, que agora tem a três do lado ali...
E: Tá que é essa aí?
R3: tem, tem...
E: Tá.
R3: tem a usina térmica de São Jerônimo, a termoelétrica de São Jerônimo, ela gera vinte megawatts, aqui tem quatrocentos e quarenta e seis mais os trezentos e cinqüenta, agora da nova né;
E: uh.uh
R3: que é uma usina inteira nova;
E: Tá.
R3: Essa aqui tem vinte megawatts, essa aqui de São Jerônimo, essa usina pra tu te idéia, ela tem cinqüenta e cinco anos, ela é a usina mais antiga em funcionamento no país; existe mais antiga que ela mas, virou museu, essa ainda está funcionando;
E: uh,uh
R3: nós temos uma usina a óleo na entrada da cidade, ali na Lutero (termo incompreensível), bem na curva ali com...
E: uh,uh
R3: terminando ali a Freeway e começando a Castelo Branco na curva, a usina ta ali, essa usina ela é a óleo, ela é muito cara; quem paga essa usina aqui é o governo federa, tem vinte e quatro mega, porque ela é uma reserva fria que a gente chama, na na realidade ela não abastece nada, ela fica paradinha, ela funciona todos os dias, os empregados que tão lá, vão lá e ensaiam o funcionamento dela, todos os dias por quê? Porque quando precisa de energia, como aconteceu naquele apagão FAMOSO; tu lembra que só o Rio Grande do Sul não teve apagão? Não teve apagão porque a gente tinha a termoelétrica pra segura né, as termoelétrica ficam aqui no Sul; ligou à termoelétrica abasteceu o Rio Grande do Sul;
E: Entendi.
R3: Santa Catarina, o Sul do Paraná, e essa aqui entro em funcionamento também, ela entra na hora, mas, é uma se o megawatt hora custa R$ 120,00; nessa aqui custa R$ 380,00 é óleo diesel, imagina quanto que custa isso né,
E: Então, ela só fica...
R3: ela é uma reserva fria que a gente chama;
E: é uma reserva.
R3: o governo nos paga pra fica ali, pronto pra funciona quando necessário.
E: E só abastece aqui o...
R3: É ai abastece ela né. Nós temos um projeto pra essa usina ai, que foi desenvolvido já a alguns anos com, com um grupo de trabalho que incluiu a prefeitura de Porto Alegre através do DMLU e a Eletrobrás, o grupo técnico da Eletrobrás financiou tudo, custou quase trinta milhões de reais isso tudo; pra viabiliza a essa usina funciona também com o lixo;
E: Hum!
R3: ta e o estudo técnico foi muito bom, é problemas assim, de relacionamento político é que não, não fizeram essa, esse projeto funciona porque depois mudou a Prefeitura, quem entro não tava com vontade de fazer esse projeto então, talvez agora a gente retome ele né, com essas novas configurações das forças políticas se retome esse projeto;
E: ah,ah
R3: porque isso aqui é o seguinte; com setecentos e noventa toneladas de lixo, Porto Alegre recolhe ai, em torno quase novecentas toneladas; setecentos e noventa toneladas aqui nessa usina você consegue abastece a iluminação pública da cidade;
E: Imagina.
R3: e esse lixo, deixa de ser colocado dentro de uma mina;
E: uh,uh
R3: a mina de carvão aqui perto, aqui de Arroio dos Ratos, o que que acontece ali? Fica aquela cava no chão, aquela mina de profundidade, diferente dessas aqui, que são minas de superfície né, a mina de profundidade fica aquele buracão logo abaixo né, o que se faz? Bota lixo lá pra dentro, pra obtura o buraco, ai fica complicado, então, agora se teria uma outra finalidade;
E: Sim.
R3: ou seja, se transformar em energia; e a cadeia toda de produção desse, desse, dessa é dessa produção de energia ela envolve assim, um monte de catadores, ou seja, tu ta gerando emprego; o resultado desse lixo ai é um fertilizante que se coloca pra no adubo né, então agrega renda, tu vai te mais gente, vai gera mais posto de trabalho, claro como é uma energia que passa por mais de um processo de transformação até chega lá né, o processo de transformação mais barato que tem é o da água, porque ela cai dentro de uma durbina é uma transformação né,
E: uh,uh
R3: vira energia né? Quando tu pega o carvão queima ele, pra acende uma caldeira, pra caldeira gera o vapor, são dois processos de transformação; no lixo já são três, então, cada vez tu vai ficando, mais caro né, só que pro, pro resultado pro meio ambiente, o resultado social que ele vai dá ele ta baratíssimo;
E:uh,uh
R3: isso é só o governo que pode faze né, não vai se uma empresa privada;
E: Sim.

R3: eu e tu aqui vamos ser sócios, há nós vamos querer o mais barato né, com o melhor resultado e não gera emprego e menos impacto no meio ambiente né, como é uma empresa do governo ela arca também com esta, esta despesa porque ela tem outros objetivos.
E: Sim.
R3: também que é o bem estar né.
E: ah,ah
R3: Tá,então, essa é uma função nossa, talvez a gente consiga até quero te mostra uma coisa, quero vê só um pouquinho se eu tenho aqui, que vê uma coisa que a gente produz lá no nosso, nosso carvão, tu sabe o que que é isso aqui óh? Isso aqui é um tijolo feito de carvão, de cinza de carvão.
E: Há!!!
R3: Um dos subprodutos que nós tiramos lá, da queima do carvão;
E: e dá pra fazer?
R3: é cinza, e ai a gente montou uma fábrica de artefato de, tem calçamento, tijolo,
E: Há!
R3: divisória, laje, tenho vigas;
E: Mais!
R3: tudo, e sabe essa cinza aqui ela é colocada de volta na cava da mina, que essa mina é a céu aberto ta; ai a gente bota ela de volta ali pra reconstitui o solo; planta em cima a gente tem uma serie de, de aqui, nós temos o material também algum lugar aqui do site, DO SITE né, quando tu chega aqui em sustentabilidade, tu vai acha aqui sustentabilidade ambiental ó; alguns projetos que a gente tem,
E: Hum! Há eu vi ali.
R3: de reconstituição do solo né,
E: uh,uh
R3: Bah! Aquilo fica bonitinho vira um pasto em cima, daqui a pouco começa a crescer árvore. Só que a cinza ela é, é que nem gelo a água é um copo quando tu congela ela;
E: Sim exato, uh,uh
R3: é, é dois copos né,?
E: uh,uh
R3: a cinza é a mesma coisa, quando tu tira o carvão numa quantidade, queima e vira cinza; se tu pega toda aquela cinza e bota de volta ali, tu vai te uma montanha, não mais um buraco, mas uma montanha,ta,
E: Sim. Uh,uh
R3: Então, parte dessa cinza ela é vendida em leilões, que a gente tem frequentemente a venda; e é muita cinza, sobra cinza pra indústria de cimento, pra indústria do asfalto, né, que compra;
E: uh,uh (entrevistadora fala, mas está muito baixo)
R3: o que, o que a gente ta propondo aqui? Desenvolver um parque industrial naquela região. Cerâmica, tijolos e tal; então, nós já conseguimos legalizar, esse tijolo HOJE, ele já é aprovado pela Caixa Federal, ele tem já um certificado aqui da CIANTEC; ele é termoacústico ta, ele não precisa, se tu tem que faze uma parede com dois tijolos, com esse aqui tu faz com um só, ele tem uma finalidade termoacústica impermeável,
E: Muito bem!
R3: tem um monte de vantagens né, ele tem, já se desenvolveu uma cola especial, pra não usa cimento inclusive, só usa pra reboco, uma cola que com bisnaga o cara xiiiiiii, bota em volta assim, com aplicador e quando senta ele vira um, endurece total né, então, tudo isso já foi feito esse é, mas ele é muito caro.
E: Há é caro?
R3: É bem mais caro, é cerca de vinte por cento mais caro, porque ele tem todo um entorno social e a empresa tem que banca, então, pra faze em escala industrial seria muito caro, o que, que nós queremos faze com isso né? Ainda é mais barato construí uma casa com tijolo de barro;
E: uh,uh
R3: se eu tenho dinheiro sobrando, eu não vou construí com tijolo de barro, porque o tijolo de barro tem que tira saibro de algum lugar, tem que gasta água, tem que queima, poluí e esse aqui não, esse processo de endurecimento aqui é uma forma, que o camarada mistura areia, a cinza e cal, por isso que o nome é cinzacal, só mistura aquilo dentro da forma e deixa a céu aberto, em poucos dias aquilo endureceu ficou assim; (o entrevistado bate no tijolo)
E: uh,uh
R3: sem mais nada né, então...
E: E por que ele é mais caro?
R3: por causa da tecnologia que envolve.
E: Ata!!
R3: essa tecnologia, ainda é muito incipiente,
E: Assim !
R3: ela ainda é uma coisa preservada;
E: uh,uh
R3: mas é um investimento que o governo ta fazendo...
E: Interessante.
R3: Bueno! Vamos lá, o que mais que a gente pode comenta a nosso respeito; bueno! A empresa então, aqui ó vendeu... lá trás ela vendeu, em 2005 em dezembro de 2005 ela vendeu o leilão, em 2006 ela começou a fazer a contratação, a constituição, a formalização de todos esses parceiros de forma é, pra pode empreende aquele

negócio, uma usina pra construí leva uns trinta meses né, ainda é mais fácil do que construí uma hidrelétrica que leva cinco anos, né.
E: ah,ah
R3: Então, hã, é uma empresa federal, tem que pega dinheiro do exterior, tem que trazer um parceiro que é internacional, então tudo isso pra uma empresa pública, se pra empresa privada já é complicado, do ponto de vista legal, pra empresa pública é mais complicado ainda, tem que te autorização do Congresso, tem que passa por comissões no Senado né, por aprovação, todo esse, todo esse procedimento demando ai uns quinze meses; 2006 todo foi isso, daí lá pela metade de 2007 a gente assinou o contrato tudo direitinho,
E: uh,uh
R3: e em 2008 começamos a construí a usina né, final de 2007, a pedra fundamental foi lançada em 2006 né, então, o presidente Lula lançou a pedra fundamental e, mas, a obra mesmo fisicamente falando começou só em 2007 e ela agora ta pra se inaugurada;
E: Ta.
R3: no dia 1º de janeiro ela vai ta entregando comercialmente, ela já ta entregando, mas não ainda comercialmente, mas ela ta comercialmente entregando o primeiro megawatt hora.
E: E ela ficou cem por cento do governo, ela não, vocês são todos assim, funcionários hã...
R3: Sim. Cem por cento do governo, o ingresso aqui é por concurso público;
E: Ata!
R3: Tudo certinho, embora em regime CLT, o ingresso é por concurso público, alguns funcionários como é o meu caso, NÃO eu tenho um contrato de gestão, eu entrei porque o governo me recruto mas, eu tenho um prazo pra saí ;
E: Ah, tá! Um prazo, um contrato.
R3: é
E: uh,uh
R3: tem um prazo pra saí,
E: Ta.
E: que já foi prorrogado né... não existia aqui departamento de marketing, nem departamento de comunicação, não existia;
E: Sim.
R3: a gente é que criou, fizemos já o primeiro concurso público, um dia isso aqui vai ta só tomado por funcionários concursados, entendeu,
E: Hum!
R3: que é o que a gente deseja, né?
E: ah,ah
R3: que é o mais correto, né.
E: Claro.
R3: ta.
E: que jóia.
R3: Então, a empresa vai se consolidando, vai passando o tempo ela vai se consolidando, já sonhamos em ter uma sede própria aqui em Porto Alegre, a gente não tem, imagina uma empresa que tem mais ativos que a Petrobras como a Eletrobrás, ela não tem um prédio próprio como sede, e nós também não temos né, esse prédio aqui é alugado;
E: Hum.
R3: aquele lá e esse aqui, até a gente já fez proposta pra compra isso aqui né;
E: uh,uh
R3: pra pode adaptar as nossas necessidade.
E: E esses assim, no caso, esses alunos que saem lá do IF, como é que eles fazem ingresso é também com concurso agora? Ou...
R3: É com concurso ou então, eles vão ingressa também numa forma temporária né,
E: Hum!
R3: contrato temporário, ou eles trabalham através das terceirizadas, todas as empresas que trabalham pra nós; nós temos lá, nós temos seiscentos empregados, seiscentos e cinqüenta empregados na empresa ta;
E: Lá em Candiota, tu dizes?
R3: em toda a empresa;
E: Há, em todas as três.
R3: Toda a empresa, ta?.
E: uh,uh
R3: Essa, esses nossos seiscentos e cinqüenta empregados, não conseguem toca essas empresas todas, elas precisam sublocar serviços que nós não temos especialidade, então ...
E: Como por exemplo, assim que...
R3: a gente contrata por licitação empresas.
E: Mas, é mão de obra mesmo ?
R3: De mão de obra, exatamente é;
E: de trabalha não,
R3: então,
E: com equipamentos
R3: nessas empresas, quando uma empresa dessas, ganha uma licitação, ela recruta gente pra trabalha;

E: Ata.
R3: ai recruta entre, esses é alunos né,
E: ah,ah
R3: ta; é assim que funciona.
E: Mas, esses alunos é só um contrato mesmo ou eles têm alguma chance de fica?
R3: Não, daí eles, eles ficam trabalhando pra empresa, enquanto aquela empresa contratada está prestando serviço pra nós, esse camarada ta empregado...
E: Sim, mas só por esse, pra entra mesmo só por concurso depois;
R3: Por concurso público depois.
E: e normalmente assim, que cargo são assim?
R3: Há! Desde operador de, de lá do chão de fábrica, até, até cargo de gerência,
E: Até isso.
R3: administrador, engenheiro, aqui tem concurso pra, teve concurso pra jornalista agora né;
E: Tá
R3: tinha uma vaga já passo, uma pessoa conseguiu o primeiro lugar, nós temos concurso pra administrador, pra engenharia, TODAS; engenheiro de minas, pra, pra,
E: Engenharia elétrica.
R3: engenharia elétrica, eletrônica, hã QUÍMICO,
E: ah,ah, Há então ta.
R3: bah! Nós temos muito químico aqui,
E: Sim..
R3: Temos bastante engenheiro químico, porque a gente trabalha,
E: Então, é bem a área ali, que eu atendo ali no meu (termo incompreensível) é eletrônica, eletrotécnica, química.
R3: e por que engenheiro químico? Porque que tu, tu tem que cuida da água;
E: Sim, tem toda parte ambiental
R3: tem as misturas que se faz no carvão, há é, é...
E: uh,uh
R3: ta,em linhas gerais é isso. O que, que eu vou te oferecer aqui,
E: Hum!
R3: esse aqui é o código de há! Esquecendo um detalhe fundamental deixa eu pega o material inteiro que agora tu vai entende....
(a gravação começa a ficar longe o entrevistado se movimenta, pergunta pra alguém quem teria trancado uma determinada porta e convida a entrevistadora a se dirigir até um determinado lugar, existem vozes ao fundo muito baixas, logo após, o entrevistado começa a falar claramente)
R3: Olha só aqui tu tens, há a gente paralela a isso a gente tem um monte de aspectos sócias que envolve né,
E: Há! Interessante.
R3: a gente, já patrocino muito projeto social a empresa...
E: Há, tem até no site.
R3: quando a empresa tem lucro, ela patrocina, quando ela não tem lucro ela não pode patrocina né, o tribunal de contas
E: Sim.
R3: até ta correto, quando ele chega e diz: como é que vocês tem prejuízo e vão ta patrocinando coisa.
E: Sim.
R3: né, então, a gente, aqui, por exemplo, tem um projeto...
E: Há!
R3: isso aqui era um projeto que envolvia a questão ambiental, a questão de sustentabilidade, a questão de inclusão social né,
E: uh,uh
R3: com crianças carentes, invés do cara ta ai, se marginalizando na rua;
E: uh,uh, ótimo.
R3: ele tava praticando esporte e ao mesmo tempo, tendo uma carga de conhecimento, pra lida com a água, a questão ambiental né, a gente tem que te muita responsabilidade, a nossa empresa ela pega o carvão e transforma em energia e isso gera um passivo ambiental, então nós temos que te responsabilidade ao lida com isso né, e ao dialoga com a população, olha porque que às vezes a gente ta poluindo e o que, que a gente faz pra compensa isso, e quais os métodos que a gente usa pra poluí o mínimo possível e ainda compensa o que se faz né,
E: uh,uh
R3: então, tudo isso é discutido num projeto desses, essa era a nossa marca né,
E: ah,ah
R3: era essa aqui a logomarca da empresa, aqui era o selo da empresa.
E: Agora é essa aqui.
R3: A Eletrobrás começo a modifica cada empresa do seu grupo aqui a do seu sistema, tinha uma, uma política diferente da outra, então ela começo a unifica com o tempo e cumino com o uso da marca, agora TODOS nós somos Eletrobrás.
E: Eletrobrás, antes era da CEEE que tu disseste né, que isso aqui, quando...
R3: Nós fomos, nós fomos da CEEE

E: Isso
R3: mas isso aqui, quando ela saiu da CEEE ela teve, ela montou esse, registro dessa marca aqui.
E: Quando saiu?
R3: Quando saiu da CEEE, é, inclusive depois eu entrei em 2003 aqui e fui o responsável pelo, pelo registro e consolidação dessa marca;
E: Esse logotipo.
R3: e depois, e depois por destruí-la né, também que é o pior trabalho né,(ha,ha)
E: ha, ha, ha
R3: porque daí tinha que translada daqui prá cá né,
E: Háaa!
R3: ta.
E: ah,ah
R3: e ficou bom né?
E: ah,ah
R3: Aqui tu vai te alguma, algum dado da empresa, né ó, histórico;
E: Essa ai é até 2006 que tu disseste?
R3: Ficou hã, ela fico até agora assim.
E: Até agora, esse aqui ta entrando agora, com a
R3: Em março, em março de 2010 ela mudou;
E: Há! Foi agora esse ano.
R3: Mudou, ta?.
E: Tá.
R3: Aqui tu tens os dados técnicos, ó, total assim, totalmente técnicos a respeito dessa usina nova.
E: Tá.
R3: tudo, tu vai entende aqui;
E: Da nova?
R3: da nova.
E: Ta, só um pouquinho, esse ai é de 2006 até 2010, e entrou...
R3: 2003 a 2010.
E: 2003 e esse aqui é a partir, ta.
R3: De 2010;
E: Antes ela era então, da, da CEEE.
R3: Não, não antes ela era independente, antes de 2000, antes de 1997, ela era uma parte da CEEE, de 1997 até hoje, ela é do governo Federal;
E: Ah, tá, mas...
R3: Mas, ela tava autônoma, solta, assim lá dentro, da Eletrobrás de 97 a 2010, em 2010 ela...
E: Ata.
R3: ela passo a integra, inclusive, o mesmo guarda-chuva;
E:Esse grupo ata;
R3: é por quê?
E: ela cresceu tanto que, que acabo...
R3: todas elas, a Chester é uma empresa independente também, mas ligada no sistema, comandada pela Eletrobrás; mas cada uma tinha a sua logomarca, a sua política de trabalho; então, às vezes uma concorre com a outra;
E: Hum! Tá, ta entendi.
R3: Numa licitação lá na África do Sul, eu me lembro uma vez pra construí uma, uma termoelétrica lá Furnas e Chester, entraram na licitação internacional, e a Eletrobrás interviu, NÃO, vamos entra juntas e não concorre uma com a outra, ai a Eletrobrás mudou as marcas todas e virou tudo uma coisa só, cada empresa continua com o seu presidente e suas diretorias mas, como uma, se comportam como uma subsidiária do grupo Eletrobrás, e não mais como uma empresa autônoma;
E: Sim.
R3: então, essa aqui ela, pela empresa, e esse é o material que eu vou te passa. Código de ética...
E: Sim.
R3: porque a Eletrobrás agora, tem ações na bolsa né, Nova York, então tem que se comporta assim.
E: Hum!
R3: Essa aqui, é a política de sustentabilidade das empresas;
E: Tá.
R3: ta, ela ta aqui, isso aqui todos os empregados receberam no seu contrachequezinho, veio junto ó, ta ó; tudo aqui,
E: Sim.
R3: e aqui, o nosso relatório de sustentabilidade;
E: Hum!
R3: ..., então, o balanço tu pega aqui e...
E: tem, tem bastante texto;
R3: é, é tem .
E: Tá.

R3: pra tu vê como é que ela ta ó, ó, ela tem o selo de (termo incompreensível) ela ganhou esse selo né, ou seja, nós também temos uma política pras questão de gênero aqui dentro né.
E: Gênero, feminino e masculino?
R3: É tem bastante mulher trabalhando aqui, entendeu;
E: ah,ah, eu vi ali no...
R3: em cargos aqui é tem bastante
E: tá.
R3: ... é absolutamente necessário isso né, até acho que podia ter mais né, particularmente eu acho que a próxima diretoria nomeada, já tem que ta mais equilibrada também, entendeu?
E: Tá certo.
R3: Tá. Buenas! O que mais que eu vou te dizer aqui, aqui são as nossas unidades, tu vai encontra aqui né,
E: uh,uh
R3: se quiser programa uma visita com unidade, ta aqui as regras, né;
E: uh,uh
R3: aqui é o nosso esquema de comunicação, com toda a nossa política de comunicação, aqui é o nosso programa de pesquisa e desenvolvimento né, P e D, aqui tu vai encontra a questão das gestão de pessoas, né, o ingresso na empresa como é que se dá, quais os benefícios que o empregado tem, um credenciamento pra fornecedores e os nossos acordos coletivos também, ta. Porque aqui o camarada é concursado, mas ele é contratado em regime CLT, né, ele, ele até pode perder o emprego,
E: Não tem estabilidade?
R3: não, fundo de garantia né,
E: uh,uh
R3: aqui é o nosso planejamento estratégico, eu tenho muito orgulho disso aqui, porque eu passei ANOS trabalhando nisso aqui, agora ele tem uma equipe que cuida mas, na época não, era, a nossa equipe era duas pessoas só, era muito complicado, era difícil né, ter;
E: uh,uh
R3: a empresa participa do pacto, pacto global, aqui é o nosso manual de organização interna, tu pode, tu pode procura alguma informação por aqui e aqui como é que funciona a contratação de serviços da empresa, tudo é por licitação; Lei 8666, não se pode compra um parafuso aqui, que não seja,
E: ah,ah, por licitação.
R3: por licitação, por tomada de preço, alguma coisa prevista na lei, somos auditados aqui numa auditoria interna, mais um auditoria independente contratada, hã e, ainda recebemos aqui toda aquela fiscalização da Controladoria Geral da União da CGU e do TCU que é o Tribunal de Contas da União, ou seja, ninguém pode faze nada errado, se não, dá problema.
E: É tudo controlado, é eu vi que vocês têm essa preocupação em mostra esses dados, né. Porque ta tudo ai, ta tudo ai...
R3: É nós temos uma ouvidoria aqui, também;
E: é tem.
R3: aqui o empregado ele se dirige pra ouvidoria se ele tiver algum, alguma dúvida ou quiser algum esclarecimento, direto com a ouvidoria e é protegido, sigilo total, nem o presidente pode violar esse sigilo ai.
E: uh,uh; ah,ah
R3: Ta bom... se tu quiser saber sobre o projeto Candiota III ta aqui;
E: Ata, e nessas hã sedes assim, nessas hã, vocês têm hã, eu não sei se tu tens esse conhecimento sobre a comunicação ali nessas empresas, por exemplo, assim; esse funcionário ele precisa faze algum relatório que vai pra;
R3: Sim.
E: de viagens, era isso mais ou menos que eu queria...
R3: Nós temos aqui relatórios de viagem, mas esses dados eu não posso te abri eles, tu pode procura por aqui;
E: Porque eu tenho até aqui ó, eu, eu consegui esse aqui, porque na verdade como eu quero ir lá pra sala de aula,
R3: Sim.
E: meu lugar é lá, então hã, eu queria muda o programa, porque ainda tem assim ó, por exemplo, tem ata, requerimento, né;
R3: tem.
E: lá no meu programa, eu queria sabe se ainda isso lá na empresa, é isso que eu,
R3: Bem como é que nós funcionamos aqui;
E: Hum.
R3: a empresa aqui se comunica com o mundo exterior através de cartas né,
E: Hum!
R3: e e-mails né, e se comunica internamente através de memorandos;
E: Hum!
R3: e correio eletrônico também;
E; uh,uh
R3: esse, é fundamentalmente é isso.
E: Memorando e carta?
R3: é, memorando e correio eletrônico internamente;
E: uh,uh

R3: ta.
E: Aqui, tu diz aqui na, na...
R3: É. Não toda a empresa.
E:Ata!
R3: Quando eu quero conversa com alguém de Candiota, se é um assunto, hã, rápido eu falo com ele através do correio eletrônico, do e-mail;
E: do e-mail.
R3: mas, oficialmente eu preciso faze uma, uma coisa de responsabilidade, uma requisição de compra, ou eu preciso informa pra ele alguma medida administrativa é através de memorando;
E: Há! É o memorando
R3: se eu vou...
E: é tipo fichário, assim um, já é um, já tem um esquema pronto assim,
R3: prontinho,
E: é um...
R3: não já existe um padrão,
E: Há um padrão!
R3: existe um padrão.
E: Sim.
R3: A empresa toda padronizada, tá?.
E: Sim.
R3: E o modelo, isso é o nosso meio de comunicação interno ele funciona assim, né, claro nós temos outros veículos, ai não são meios assim oficiais né, esse, esse é o meio administrativo, como é que um empregado da empresa se comunica?
E: Isso.
R3: tem que deixa o registro, então, se um assunto que não envolve despesa ou alguma, de importância administrativa relativamente baixa, e-mail resolve.
E: E o texto não, o texto é o e-mail padrão...
R3: é o padrão;
E: o e-mail pode ser o veículo ou pode ser ... (não foi possível entender toda a frase)
R3: é o padrão, até tem gente, isso é isso, a gente não consegue controla, isso ainda vem com aquela linguagem da internet também;
E: Ata!
R3: o tbm ou invés de também,
E: sei, sei, sei
R3: porque se eu quero faze uma consulta rápida, diz assim, cara medi a fachada pra eu sabe, qual é o tamanho que eu vou botar a placa ai é e-mail.
E: Informal é o, é o, ...
R3: Agora, quando eu disser pra ele assim, está autorizado a compra pelo valor tal, ai vai ter que se por memorando e não tem abreviatura;
E: Há!!
R3: porque daí, tem que ta o registro da responsabilidade do assunto.
E: Sim.
R3: A comunicação com o mundo exterior, ela também se dá por e-mail, quando é alguma coisa rápida;
E: Sim
R3: o camarada diz vem cá, quando é que vocês vão abri um, o concurso público, ta previsto para o dia tal; agora se o cara diz assim, quero sabe em que lugar eu fiquei? Ai é uma carta, que daí eu tenho que dá uma informação oficial pra ele.
E: Isso também já tem pronto? É um?
R3: Isso tudo tem padrão pronto já, cada empregado tem o seu aqui, até a colocação da logomarca;
E: Hum!
R3: a disposição dela ali, é, inclusive isso quem cuida somos nós aqui na comunicação, qualquer tipo de documento aqui , tem que obedece um padrão da proporcionalidade, tem que te a logomarca num tamanho proporcional, isso ai a gente faz esse controle aqui, e junto com a secretaria geral, que é o órgão que faz a comunicação com o mundo exterior oficialmente, porque nós temos outras formas de comunicação aqui, ai é da área da comunicação social da empresa que é aqui, como é que a gente fala? nós temos aqui a área de marketing, IMPRENSA o jornalista aqui, o chefe aqui é o Guaraci, entendeu, tem uma outra jornalista ali que acompanha, que agora também ta cobrindo matéria, então como é que ela se comunica, ela manda pros veículos ela manda relise;
E: Hum!
R3: o nosso (termo incompreensível) aqui, olha a empresa vai inaugura tal coisa ela já pimba, informa pros veículos de comunicação, esta é uma informação oficial da empresa, mas é um meio padrão da linguagem da imprensa, então, ela se comunica através de relise né,
E: uh,uh
R3: manda o relise, mas às vezes é uma coisa muito grave, agora não vamos inaugura, se o Lula disser que vai estar presente na inauguração da usina, disse: olha eu confirmo que estarei presente; vai ser difícil porque agora no fim do ano ele deve ta assim;
E: Sim.

R3: ai, nós vamos manda um relise, mas é possível que nosso presidente da Companhia de uma entrevista coletiva, ai é uma outra forma de comunicação que a gente tem também, através da entrevista coletiva.
E: uh,uh
R3: Tá.
E: uh,uh
R3: E são as formas de comunicação.
E: Ta essa então com o externo né? Essa seria externa
R3: Isso com o mundo externo.
E: Ta, aqui dentro mais tu disseste, então, o memorando, correio eletrônico;
R3: É. Nos temos , por exemplo, o nosso jornal também interno aqui o "Boletim" né,
E: uh,uh
R3: nós temos aqui, no nosso site e na, na intranet;
G: Tudo bom? (aparece outro funcionário nesse momento, será usada a letra G para identificá-lo, pois é a inicial de seu nome)
R3: (o entrevistado apresenta a entrevistadora)
E: Oi ! Tudo bem?
R3: Esse aqui, aqui, esse aqui, por exemplo, é a intranet esse aqui é o acesso da empresa através dos empregados, você não consegue acessa isso lá no mundo exterior;
E: Ata, ta, ta, ta.
R3: você acessa a internet, mas nós temos aqui um padrão de linguagem interno, então, o que, que tem aqui? Por exemplo, funcionário chegou atrasado, precisa de um abono de ponto...
E: Hum!
R3: ele precisa de uma autorização pra faze hora extra, ta aqui ó;
E: Ah, tá!
R3:ele que sabe sobre os detalhes do acordo coletivo que a empresa assino ta aqui;
E: Hum!
R3: é artigos técnicos né, o engenheiro lá ta explicando o que, que é o processo de desuforização da usina nova, ele pode botar um artigo técnico, banco de dados, download desses documentos que tu ta te referindo;
E: Sim.
R3: há, como é que é agora o formulário pra requisição de materiais, com a nova logomarca, pin! Tá ali no download né, ele vai lá e baixa o formulário;
E: Sim.
R3: Tá. Fórum de discussão, galeria de imagens e tal, e aqui ó, aniversariante do dia, a política ambiental que se, a gente tem que faze o empregado se convence disso, discuti com ele, ele é um agente da empresa lá no mundo exterior ele, então, política ambiental ta aqui, que é a historia da nossa responsabilidade;
E: Sim
R3: e aqui são as notícias ó, internas;
E: Há!
R3: a semana de prevenção de acidentes que começo, então, a noticia do dia 6, o código de ética com filmezinho lá do presidente da Holde (termo deduzível) lá da Eletrobrás, ó, ele falando sobre esse material que eu te dei,
E: uh,uh
R3: ta o filmezinho dele aqui, a eleição que vai te na CIPA – Comissão Interna de Prestação
E: Ta.
R3: Numa linguagem jornalística, ai, a área da imprensa;
E: ah,ah
R3: Sim. Aqui é tudo, e aqui a gente tem uma outra;
E: Isso ai é só interno que tu disseste?
R3: isso é interno. Nós temos as notícias muitas dessas aqui também pro mundo exterior, mas ai ta lá no, no site;
E: No site;
R3: no site geral;
E: ai é a intranet né, que...
R3: aqui é a intranet só interna aqui;
E: uh,uh
R3: nós temos a clipage de noticias ó, o que é clipage de notícias? Nós temos aqui dois estagiários de jornalismo que ficam lendo jornal, ouvindo rádio e vendo TV, o dia todo, pegando e capturando as noticias e botando aqui ó; então, aqui ó, noticias do dia 7, o camarada clica aqui ó, isso ele já faz de manhã cedo, ele chega antes de abri o setor, ele já ta sentado aqui com os jornais na mão e a tesoura;
E: Mas, noticias variadas assim, ou alguma coisa ... Há!
R3: Não, noticias que tenham a ver com a empresa ou com a Eletrobrás;
G: Setor energético.
R3: Setor energético;
E: Ata!
R3: então, quando você clica aqui, ta super lenta a nossa rede hoje, (comentou sobre a operadora do sinal da internet);
G: Ta.

R3: o Juarez me disse que ta com problema na, na OI. Aqui ó, quando clica aqui ele abre assim, uma página com os recortes de jornal;
E: uh,uh
R3: então, saiu lá uma notícia sobre a empresa no jornal, olha empresa x está, aqui ó, quero te mostra como é que funciona ó, clipage, assessoria de comunicação...
E: uh,uh
R3: é. Companhia tal – extrato de elementos contratuais - ta aqui, ta aqui esse aqui são os editais, tem uma outra lista que a gente clica na clipage e... Tá aqui né ? é entra lá né, é mas, eu vou fecha aqui porque esse troço ta muito lento. (o entrevistado conversa com G)
R3: Entra as notícias recortadinhas do jornal, com a foto do dia e tudo,
E: Que legal!
R3: é uma outra forma de comunicação;
E: Sim, pra ficarem bem atualizados né, por dentro.
R3: é.
E: ta assim ó, hã, por exemplo, assim o que, que vocês acham assim, uma pergunta bem né, hã, especial hã, como assim, as aulas de Língua Portuguesa lá dos cursos técnicos né, poderia mudar no sentido assim de melhorar, não sei se vocês também têm esse contato com essas, com esse pessoal;
R3: Não temos.
E: não tem né?
R3: Não. Não, o que, que esse pessoal deve, ajuda a faze aqui dentro, é a questão de monta editais de compra né, edita, monta, faze texto pra isso, de conteúdo técnico pra isso aí, o que mais que eles podem se? Eles pode ser diretor de gestão de contrato ...
R3: Gestor de contrato;
G: (como não foi possível entender o que havia sido falado antes, o entendimento da continuação da fala foi prejudicado.)
R3: Né, porque assim, porque existe linguagem jargão né, que é; existia eu tava estudando o que é um, é quase um dialeto aqui na, na, nos portos aqui em Buenos Aires e Montevidéu, né tava estudando aquilo ali, e se usa muito aquela coisa do jargão de acordo com a afinidade, principalmente profissional ou social;
E: Claro, ah,ah
R3: ora, isso que tu ta falando é uma espécie de jargão que se usa aqui, porque assim pra escreve pareceres nós temos já um padrão técnico e uma linguagem adequada ta;
R3: O gestor do contrato mando um parecer;
E: o que, que é esse parecer ele é parecer de quê?
R3: geralmente assim, tu tem um gestor de contrato né, o Marco é o gestor de contrato relativo à publicidade, por exemplo, (difícil compreensão os dois entrevistados falaram ao mesmo tempo)
R3: é, é, é...
G: é somos nós dois;
R3: é nós dois, eu sou gestor, por exemplo, eu tenho que fazer, fazer relatório.
G: tem que faze relatório e parecer;
E: É.
R3: não, não tem, mas a gente aqui ó, isso aqui; nós vamos publica isso aqui, Planejamento Estratégico Sistema Eletrobrás, então, nós temos que faze um orçamento disso aqui, disse olha quanto é que vai custa pra...
R3: publica isso ai;
R3: pra faze, há vai custa três milhões de reais nesse padrão, digamos, um de nós dois aqui que é o gestor do contrato da onde vai sai esse dinheiro pra paga essa conta, vai te que faze um parecer, parecer ele já diz o que, que é; parece que é assim né;
E: Sim.
R3: olha vai ser papel tal,
E: Claro;
R3: vai ser em papel tal, parara, parara (não é possível identificar o que o entrevistado G está falando)
R3: consultando o mercado, descobrimos que esse preço ta dentro da média praticada por ali, por aqui, como é que é;
E: Ta, entendi ah,ah
G: ele dá o parecer;
R3: o uso da logomarca ta adequado, ele se presta pra essa finalidade ta, e ai o camarada bota o nome dele lá, o seu registro na empresa aqui de empregado e assina e ele assumiu a responsabilidade sobre o que ta escrito ali, e ai vai lá pra, pros contrato;
E: pra cima;
R3: é.
E: pra se avaliado no caso se;
R3: exatamente, se vai faze ou não;
E: Ta, mas aquele funcionário lá, o meu aluno, ele que tipo de relatório tem que faze? Ele não tem que faze relatório de; claro que tu me disse assim ó, o meu aluno ele pode com o tempo ocupar diferentes
R3: Sim.
E: cargos né, ele pode chegar até a um cargo alto que tu disseste, pode?
R3: Pode.
E: Independente se ele saiu lá do IF

R3: ele pode se gerente, pode;
E: ele aqui conforme for,
R3: um dia ele ser gerente de algum projeto, ou chefe de divisão, de departamento;
E: ta, é isso, isso é uma coisa, uma informação importante pra mim;
R3: o diretor, o diretor técnico da empresa hoje aqui, tu vai pega o nome dele aqui é o Luis Henrique Schinnor , ele é EMPREGADO da empresa ele não veio de fora, ele não é nomeado pelo governo por fora;
E: ah,ah
R3: ele foi nomeado pelo governo, que é o sócio da, majoritário da empresa, um cargo de confiança, mas ele é EMPREGADO de carreira da empresa, ele começou lá no chão da fábrica;
E: Há! Isso si é uma informação muito importante pra mim;
R3: foi! Ele começou lá no chão da fábrica, ele é o diretor hoje aqui.
E: ah,ah
R3: do dando como exemplo pra ela, do aluno dela, que o diretor técnico da empresa hoje, é um empregado de carreira da empresa;
E: Não, isso é importante pra mim, quero sabe se o meu aluno, vamos supor ele vai te, ele vai fica sempre no mesmo setor, ou ele tem condições depois de promove dentro da empresa;
R3: tem, tem.
G: é eu não sei quem foi, talvez deva ter ido pra China, agora treinar algum aluno de vocês lá, eu não sei;
R3: foram cinqüenta
G: foram cinqüenta técnico médios;
R3: cinqüenta técnicos foram pra China pra aprende usa, a fazer funciona essa usina nova que eu tava de mostrando ali;
G: ficaram sessenta dias na China, deve ter algum de lá;
E: ah,ah
G:porque esse pessoal concursado agora, grande parte, acho que 80% deles foram formados naquela região lá ou Pelotas, ou
E: ah,ah
R3: teve, teve uma menina que é a coisa mais incrível, uma MENINA que é técnica em mecânica de motores né, que uma moça, que nunca tinha ido pra uma praia em Santa Catarina, tiro o passaporte pra viaja pra China.
G: ali o pessoal ... o curso técnico é da, daquela região lá;
E: que bom né ! Isso é uma coisa ah,ah
R3: fico dois mês na China, imagina
G: deve ter, deve ter nessa relação de empregados;
R3: deve ter
G: vários ex-alunos nossos,
R3: possivelmente tenha mesmo,
E: ah,ah.
R3: é o antigo CEFET,
E: é.
G: é, é, então;
R3: imagina,
G: deve ter um montão de gente lá; imagino que sim; vocês fazem o quê? Mecânica elétrica né?
E: tem, tem Eletrônica, Eletrotécnica, Química;
R3: tudo, tudo, Química;
G: deve ter, deve ter, então, desse pessoal ai tu vai te, chefe de setor, tu vai te divisão de departamento;
R3: chefe de divisão de departamento, assessor,
E: ta, ah,ah
R3: hã, tudo; coordenador de projeto;
G: o antigo, o antigo chefe da usina era técnico, como é o, o coisa;
R3: é exatamente o Cesar;
G: o Cesar, agora é o engenheiro que é o (os dois falam ao mesmo tempo, não é possível compreender)
R3: é, agora o chefe da usina é um engenheiro químico, mas antes dele, durante seis ou sete anos foi um técnico de nível médio que foi o chefe da usina;
E: ótimo;
G: não sei aonde ele se formo,
R3: é porque ele foi indicado pelos empregados e a diretoria, aceito a indicação e invés de bota um engenheiro de chefe, boto um técnico.
G: agora é um engenheiro;
E: e vocês acham assim que a comunicação é importante pra essa promoção assim, hã;
G: Há, eu acho que é fundamental, se o cara souber escrever bem ele leva uma grande vantagem;
R3: é muito importante;
E: escrito e oral também, tu achas que?
G: claro escrito e oral é uma grande vantagem né;
E: ah,ah
G: porque uma coisa é tu faze um bom relatório, entende;
E: é.
G: se minucioso, ter detalhes, escrever bem, e até ti articula bem, né;

E: ah,ah
G: outra coisa é o cara fazer três linhas do negócio lá, que precisa ter muito mais coisa né,
P3: é
E: O que, que conta então a linguagem;
G: é
R3: muito importante, ele tem que te desenvoltura, conhecimento, bastante vocabulário;
G: é conhecimento, cada vez mais né, no mundo cada vez mais, né?
R3: vocabulário e sabe se colocar né; ele tem que sabe se colocar...
E: uh,uh; argumenta, defende suas...
R3: te visão, tem que te visão;
G: na verdade né, tu sai um pouco da questão, eu não sei que qual é, o que vocês dão de, nas aulas de vocês de enfim, de português coisa e tal, mas tu sai um pouco da cartinha formal, da questão do ofício do que mais tem, do requerimento; do que sei lá;
E: requerimento, ah,ah
G: e tu entra num outro patamar, outro patamar né,
E: pois é isso que eu quero, pois, o meu objetivo do meu trabalho, é justamente trazer um pouco dessa realidade pra;
G: tu entra no patamar do relatório,
E: ah,ah
G: da questão de tu da parecer né;
E: uh,uh
G: daí tu tem que te conhecimento técnico, tem que te linguagem, tem que te conteúdo, quer dizer...
E: ta.
G: tu foge a questão da formalidade, da questão da cartinha e do oficio,
E: exatamente, pois é justamente
G: que é um negócio padrão, tu faz isso ainda, entende, tu faze isso ainda né, mas tu faz outras coisas que tem uma exigência maior né;
R3: hoje de manhã, hoje de manhã, eu tava numa reunião aqui em cima, que é exatamente sobre os curso de treinamento, planejamento pro ano que vem, tinha dezoito pessoas na reunião e um deles era o chefe da oficina aqui, nós temos uma oficina aqui de altíssimo nível né, fica em São Leopoldo, que abre esses motores gigantescos e tudo né, o pessoal até inventa peça, entendeu, o camarada que ta ali criativo, ele inventa uma peça, uma ferramenta pra pode abri um motor que é importado e a mais de trinta anos o fabricante já não existe mais, então, ele inventa um extrator, ele já é um cara criativo né;
E: Sim.
E: quando tu vê que esse cara ta aqui numa reunião, porque ele é chefe hoje lá;
E: hã!
R3: e ai a desenvoltura dele de conversa ali com o engenheiro, com o pós-graduação, com o contador, com o mestrado e a desenvoltura dele conversa com aquele pessoal ali, sobre as necessidades do setor dele pra treinamento pros empregados, tu vê que esse cara tem um conteúdo, ele não é só um cara que sabe mexe no motor, ele é um cara que sabe se comunica também;
E: ah,ah
R3: e isso ai é uma coisa interessante da gente vê como é que funciona lá, essas...
E: com certeza.
R3: e não é a toa que é chefe lá né...
E: Que bom!!
R3: que juntou as duas coisa, ta bom?
E: Não, ta muito bom essa informação.
G: é, é eu acho que esse negócio, quanto mais, quanto mais tu consegui entende, abri essa possibilidade do cara, ter uma visão melhor entende, se comunica melhor, formata melhor, ter mais conteúdo, melhor ti tem que...
E: Claro.
G: é aquele negócio né, o cara tem que escreve e escreve e escreve, tu vai aprende escreve escrevendo, né?
E: Escrevendo.
G: Se não, não adianta né, bota idéia, eu tinha um professor de redação que me ensinou, quando eu comecei a trabalhar no jornalismo, coisa e tal, disse o seguinte - como é que tu faz uma matéria – tu bota , não importa a forma, claro depois de um tempo eles dão técnicas pra fazer isso, mas não importa tu bota lá, um troço que não precisa ter inicio, meio e fim, não necessariamente nessa ordem, tu bota tudo pra dentro depois tu vai cortando e vai ajeitando as coisas, claro depois tu tem a técnica, tu tem o lead da matéria;
E: uh,uh
G: depois que tu faz o resumo lá em cima, tu tem técnica, tu desenvolve a matéria, coisa e tal;
E: mas, é uma habilidade que tem que ser aprimorada né?
R3: É.
G: mas tu tem que aprimora, tu tem que faze isso ai, que dizer, uma coisa é como eu falei, é pedir um relatório pra um cara que tenha mais capacidade de escrever;
E: ah,ah – então, o relatório é um texto importante é justamente o que eu quero levar;
G: é hoje é, hoje é.
E: porque lá no IF o que, que eles trabalham de relatório? Só o de estágio né, eu justamente quero trazer esses outros relatórios;

G: pede pro Dilmar te passar uns relatórios;
E: Isso! É mas, eu até acessei assim, na internet esse relatório de viagem aqui, não sei se vocês ...
G: também é
R3: é, é
G: é relatório de viagem.
E: ah,ah
G: é isso ai é uma forma de comunicação interna da empresa, se a empresa, o princípio é o seguinte, se a empresa gasta um dinheiro pra um empregado viaja, se desloca daqui;
G: isso aqui ele tem que fazer sempre;
E: Exato ele tem que?
G: ele tem que faze uma prestação de conta,
E: ata! ah,ah
G: ele tem dar um relato do que ele foi fazer lá, até vamos poder consultar, um colega dele pegamos, vamos consulta, bom ele foi lá...
E: ah,ah exatamente.
G: naquele dia falou sobre isso aqui, coisa e tal;
R3: e registra aqui;
G: é uma coisa bem; não é uma, não é três linhas entende?
E: Não, não, pois é.
G: ele tem que desenvolve mais;
E: e vocês não teriam como me consegui mais desses assim, esse estilo?
R3: são documentos internos;
G: são documentos internos, tu não vai
E: pois é...
R3: tu vai consegui, tudo aquilo que tu consegui acessa no site, é o que tá disponível, fora daquilo não dá;
G: é, é
E: Há!!! Não dá, não daria pra eu consegui outros desses de viagem?
R3: não porque daí, porque a empresa, isso aqui é uma empresa que tem,
G: concorrência né,
R3: que trabalha com estratégias né,
G: estratégias e concorrência de mercado;
R3: aquilo que não ta publicado é estratégico é a gente não pode
G: ou é público ou não é público (não foi possível identificar a fala da entrevistadora nesse trecho);
G: só o que ta no site que é público;
R3: É.
E: SIM.
R3: porque assim ó, isso é difícil, às vezes o entendimento, o TCU pede uma coisa pra gente, não isso aqui é estratégia da empresa, isso aqui só sobre sigilo pra entregar, por que senão nós vamos...
E: e porque esse tá aqui e lá, eu não;
R3: é, mas esse não tem problema, mas esse ta disponível;
E: Ta e não tem outros desses aqui não?
R3: se tiver ali,
G: se tiver ali pode pegar;
E: é.
E: Ata!!
G: mas, não vai te ali, por exemplo, qual é a estratégia nossa, num curso que foi feito pra possibilidade de uma nova usina, por exemplo,
R3: uma nova usina;
G: vende, vende energia pro Uruguai;
R3: pra vende energia pra um outro país, é isso não vai ta detalhado ali
G: isso não vai estar detalhado aqui,
R3: isso vai ta num relatório, num sumário executivo entregue fechado pra diretoria né, porque isso é estratégia pra empresa, se não vai lá o concorrente chupa a informação e passa por cima da gente;
G: se eu mandei alguns técnicos nossos pra ele fazer, fazer por exemplo uma reunião com a Eletrobrás, pra discutir essa questão, por exemplo, de uma nova usina teoricamente que pudesse ser feita naquela região, pra vende energia pro Uruguai, esse relatório vai ta ai, mas ele não vai ser um relatório pra publicar
R3: é, é não, isso não;
E: Hum! Então tem outros relatórios que não?
R3: vai, vai ta
G: esse relatório tá em um local sigiloso, ele vai, vai andar aqui dentro, mas pra rua não vai;
R3: até por que existe uma coisa aqui né, no nosso código de ética ali tu vai encontra, nós não podemos da, fornecer dados que sejam sigilosos ou confidenciais da empresa, e que venha a causar prejuízo pra empresa né;
G: porque tu disputa mercado né;
E: Há, pois é, isso ai que eu, eu achei que não houvesse essa disputa de ...
R3: não existe, se a gente vende leilão e energia;
G: nós disputamos mercado com as grandes né;
E: Mas, dentre aquelas ali que vocês,

R3: Não, não
E: não?
R3: que vê uma coisa nó temos um concorrente que é...
G: o Eike Batista;
R3: é o Eike Batista é nosso concorrente;
G: Concorrente.
E: Qual?
R3: o Eike Batista o ex-marido da Luma de Oliveira;
G: o Eike Batista, vai vai abri duas, duas hidrelétricas, é duas termoelétricas na;
E: Particulares, são privadas?
G: iniciativa privada;
R3: iniciativa privada
G: ele é concorrente nosso;
R3: é concorrente nosso;
E: Há!!!
R3: se a gente não existisse, o preço dele, pro consumidor final, pra quem acende a luz em casa e liga a TV;
E: mais caro, sim.
R3: como o governo concorre com ele, o preço dele tem que ser mais perto do, duma relação mais estável do mercado né, outro nosso concorrente aqui é uma empresa a Tectbelga , por exemplo, que é uma empresa...
G: nem sei da onde é que ela é hoje.
R3: Belga né, a capital é Belga, Belga e Alemão;
G: Belga e Alemão;
R3: são nossos concorrentes, são donos da maior usina termoelétrica do país, fica aqui em Santa Catarina;
G: ali na mesma estrada ali; Tubarão ali;
E: Ata, agora que eu to entendendo;
R3: é a Carlos, usina Carlos Lacerda
G: Carlos Lacerda;
R3: esses caras querem, esses caras chegam a rondar os nossos técnicos aqui, pra leva o cara embora, pra oferece dinheiro pro cara saí daqui, entendeu; tem muito cara que se aposenta na FURNAS, que é uma, Furnas eu participei uma vez duma discussão num planejamento estratégico, que isso dá pra comenta, porque isso saiu publicamente, que tinha um consultor ali de uma outra empresa, que tava ali e eles não queriam que o consultor tivesse na sala, porque o consultor não era empregado e o cara da Sheby não, não esse consultor aqui não, porque esse consultor aqui, ele é de uma empresa privada, ele não tem compromisso;
E: sim
R3:e eles tavam tratando de uma concorrência pra construir uma termoelétrica lá no Chile, ia entra numa concorrência internacional, ai o consultor ta ali, ouvindo tudo, ouve sabe todos os segredos de como vai montar aquele preço, né , e leva direitinho lá na tractibel, lá na concorrente que também constrói, né ai não dá né;
G: é esse negocio ai, mas tem vários relatórios ali de viagem, coisa e tal ...
E: ta.
R3: é isso tu puxa dali;
G: do site tu puxa tudo;
E: do, no site tem esse estilo assim de viagem e tem mais ai no site?
R3: alguns têm;
G: alguns têm;
E: há! não sabia!
R3: eu nem sei onde é que tá isso, ta aqui em gestão de pessoas, não, ta em algum lugar aqui, mas eu não sei onde é que ta;
G: Vocês tão mudando o currículo?
E: é eu to fazendo na verdade um trabalho
G: de adaptação;
E:de pós-graduação e o meu objetivo é justamente trazer né, alguma coisa voltada bem por ensino, então, eu já fui em algumas empresas, mas eu tenho essa dificuldade o pessoal não passa material ha,há, ainda mais privada né;
R3: não, mas não passa mesmo;
E: ali na Refinaria Rio-Grandense também;
R3: é não passa mesmo;
E: hã? (o entrevistado G falou algo antes da entrevistadora fazer a pergunta)
G: Petrobras é mais fechada ainda;
E: é.
G: mais fechada;
E: na verdade, ela não é da Petrobras, ela é particular;
G: particular;
E: é privada, então,
G: exato
E: eles não...
R3: é mas, eles não dão mesmo, é que nós somos obrigadas a fornecer, se a empresa fosse minha, não deixaria fazer relatório de viagem de empregado pública, mas ai a lei obriga que alguma informação a gente tem que dá

pro público, pra saber aonde ta indo o dinheiro público né, isso é dinheiro público, então a gente é obrigada a publicar , mas se eu sou o dono da empresa, eu não deixo publicar essas informações também, porque se o cara sai do edital empregado, viajando, há ta na Alemanha, o que que ele ta fazendo lá né?
R3: é ta indo lá compra, tecnologia pra concorre né, não da, não da;
E: Há, tu diz o outro,
R3: é o concorrente;
E; ah,ah
R3: porque isso, isso...
E: ta e que outros tipos de relatório, além de viagem, assim relatório disso, relatório daquilo;
R3: relatório de reunião;
E: uh,uh
R3: né;
G: atas;
R3: atas
E: há eu tenho aqui uma listinha ata vocês fazem?
R3: sim, me dá tua lista aqui, que eu já te digo;
E: atestado?
R3: sim.
E: eu botei alguns, avisos?
R3: avisos, sim;
E: bilhete?
G: bilhete não;
R3: não por que;
E: é mais o e-mail né;
R3: é, é e-mail, porque; carta profissional né;
E: sim
R3: que é uma carta oficial, carta comercial;
E: classificados?
R3: classificados a gente tem porquê, não é , não é classificado, é que a gente faz anúncios de licitações,
E: Hum!
R3: de compra de material a gente faz por edital, então seriam editais;
E: uh,uh
G: olha isso aqui tu pode dá pra ela também, isso é o plano estratégico, tem uma carta do presidente, desse pra ela isso aqui, o plano estratégico?
R3: não, não;
G: isso aqui é o plano estratégico que é feito por funcionário também;
E: ah,ah
G: e essa aqui é uma carta do presidente;
R3: é isso tu pode levar mesmo;
G: pode leva o plano estratégico da pode leva;
R3: Eletrobrás;
G: Eletrobrás;
E: ah,ah ótimo muito brigada!
R3: o que mais que tem ali, vamos vê: circulares sim; comunicações presenciais também, que é o nosso registro de ponto que é esse aqui;
E: o e-mail, é que o e-mail às vezes pode ser só o suporte, ou pode ser os dois né, no caso, vocês usam o e-mail pra aquele, aquele;
R3: a gente também usa pra comunicação, é a gente usa como meio de comunicação oficial também;
E: informativos impressos? Não é esses ai tem.
R3: também,
G: sim,
R3: memorando é muito importante é a nossa forma, que eu te expliquei, oficial de, de comunicação interna;
G: comunicação interna da empresa;
E: uh,uh
R3: ta,o que, que ali;
G: passasse pra ela os informativos?
R3: não, eu ia pega na hora que tu tava chegando, que é um outro veículo;
E: ta isso aqui deve ter... Claro;
R3: ligações telefônicas sim; ofícios sim, as nossas, as nossas cartas são ofícios né;
E: uh,uh
R3: ta fazemos, temos palestras, pareceres, procedimentos, protocolo e relatório.
E: e relatório;
R3: Tá
E: requerimento?
R3: requerimento também, é uma forma como alguém pode requerer alguma coisa, é uma carta requerimento ele se;
E: mas, normalmente é interna isso ai ta no intra?

R3: não
E: não? Tem também externo assim?
R3: se eu vou pedir alguma coisa, vou pedi pra consolida as minhas horas extras, eu estou requerendo isso lá, mas ai dentro de um memorando;
E: ta,mas é interno?
R3: é interno, mas tem requerimento externo, um alguém que precisa requerer o camarada que saber, qual foi a colocação dele num processo de licitação;
E: Sim.
R3: a pontuação, ele vai REQUERER esta informação, então, tem interna e tem externa, tá?;
E: ta! Mas, esse ai hã, o externo ta no site alguma coisa assim, que tenha que, não?
R3: não, isso ai já é padrão de carta;
E: ata! É um formulário
R3: esses aqui são os nossos boletins;
G: os boletins;
E: ta.
R3: que é a forma eletrônica de distribuição de noticias, isso aqui é um, ainda é a logomarca antiga ó;
E: uh,uh
R3: é um material que a gente tem aqui, uma campanha interna pra usar as EPIS (equipamento de proteção individual) né;
E: hum!
R3: proteção; luvas, capacetes;
E; uh,uh
R3: pra, pra o camarada preserva a sua vida;
E: Claro,claro, ah,ah
R3: e a sua integridade física;
E: ah,ah
E: ta tu poderias me dar o teu e-mail qualquer coisa eu te;
R3: Não foi possível entender o sobrenome;
E: põe aqui pra mim, então;
R3: eu vou botar tudo em letra maiúscula;
E: ta, não tem problema
R3: mas, tu sabe que é em minúscula;
E: então, tem outros relatórios ai dentro, que eu posso;
R3: tem. Há! Vou te dar o da empresa, não o meu;
E: não tem problema assim, se eu tiver alguma...
R3: não.
E: e eu nunca assim, não poderia ter contato com essa pessoa aqui pra ela me dizer, como é que ela faz, o que, que ela se preocupa com o relatório alguma coisa assim;
R3: quem é esse ai?
E: não sei é;
R3: há ele, ele é um excelente engenheiro e tudo, mas ele é extremamente mal humorado, não vai querer fala contigo (ha,há); o Vocarelli (termo incompreensível) imagina a gente apelidou ele de zangado;
E: ta e assim, mais adiante,
R3: e o Gilmar não é aqui é lá;
E: agora eu to, que na verdade eu vou coleta material e tudo e não teria assim;
G: vai ser bom tu, tu entrevista acho que um técnico né; pega um ou dois técnicos tal;
E: ta e aonde?
G: lá em Candiota daí;
E: há lá em Candiota.
G: mais fácil tu ir em Candiota, do que aqui;
E: e com quem eu posso fala em Candiota?
R3: com o chefe da usina.
G: é; ou fala com a gente que, que a gente faz a mediação pra ti depois;
R3: é também;
G: olha quero dois técnicos estudados, que estudaram contigo
E: isso que eu fosse ali uma horinha e ele me dissesse, olha, porque eu acho que vou aprofundar mesmo meu estudo em relatório;
R3: ai tu manda um e-mail pra cá ó;
G: manda um e-mail pra nós;
E: mando um e-mail e tu faz..
R3: e a gente faz ou telefona...
E: há!! Então tá.
G: ai tu pega dois, dois ex estudante lá e fala com eles;
E: e vocês conseguem contactar com eles e ai marcar um horário?
G: claro;
R3: sim;
E: há ! que bom!

G: é mais fácil tu ir de Pelotas lá, do que tu vir a Porto Alegre;
E: Sim;
G: de Pelotas ali, dá 150 km
R3: isso aqui é teu, esse material pesado ai;
E: Olha muito obrigada!!

3 - ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS PRODUTORES DE RELATÓRIOS DE EMPRESAS DAS ÁREAS QUÍMICA, EDIFICAÇÕES E ELETRÔNICA

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – Empresa da área de Química
E: Eu gostaria de saber inicialmente se na empresa onde tu trabalhas são produzidos relatórios?
PR1: Sim.
E: E quais são os tipos, tu poderias me falar os tipos de relatórios?
PR1: Bom, a Empresa X trabalha com captação de recursos, ela é via projetos, então a gente só consegue executar atividades de pesquisas mediante elaboração de projetos técnicos. Para estes projetos existe uma verba, que é elencada para pesquisa anualmente, faz parte do plano anual de trabalho. Então essas verbas, ah... são distribuídas em função das propostas dos projetos. Existem algumas linhas temáticas que são definidas pela diretoria, então ah... , tu tens que aprender alguns itens que são básicos naqueles anos, por exemplo, uma demanda em pesquisa em cana de açúcar, uma demanda maior pra isso, então sai em editais, por exemplo em aquecimento global, que tá bombando na empresa,ah... em mudanças climáticas, e seus efeitos na produção de alimentos. Então se tu tens uma cultura, um projeto que tu vá fazer na frente alguma atividade que esteja envolvida tu entra linha temática, existe um montante X de recursos, que é definido anualmente pela diretoria, então tu submete esse projeto e concorre com vários outros, nem todos os projetos são aprovados. A unidade daqui é uma das que tem o maior índice de aprovação de projetos, a gente tem uma eficiência de 60% do que é enviado e a gente é aprovado. Então existem macro programas, que são os editais, então a gente faz os projetos, propõe o que quer, com bastante clareza, justificando objetivos gerais e específicos, as metas, todas tem que ser quantificadas. Não existe meta, meta é o que eu tu vai realizar e em qual tempo, isso é uma meta para a Empresa x, e também o fundamento da metodologia que tu vais utilizar, tá? Os resultados esperados, os impactos, sociais, econômicos, ambientais que tu pode ter com aquela proposta, e aí um orçamento. Então, os projetos, por exemplo, o melhoramento de arroz aprovou um projeto que gira em torno de 2mil de reais, que são destinados à pesquisa, e a gente compra equipamentos, viaja, faz um monte coisas. Em função desse monte de recursos, temos que prestar contas, e o primeiro tipo de relatório é o relatório técnico, então existe um acompanhamento, os projetos são normalmente de 3 anos, pode ter de 2 ou até de 4, mas normalmente 3, e a gente faz um acompanhamento trimestral mediante relatórios técnicos. Então nesses relatórios já existem padrões de relatórios técnicos... então, o projeto é assim, é o líder do projeto, e depois é dividido não em subprojetos, que chamamos de planos de ações, e o líder de ação não precisa ser necessariamente o líder do projeto, depois cada plano de ação tem determinadas atividades, que são as mais pontuais, então, pode ser responsável por plano de ação ou atividades, e todas esses pesquisadores fazem relatórios e encaminham para o líder, que gerenciam o projeto. O primeiro plano de ação é chamado (incompreensível) plano de gestão do projeto, ele faz uma gestão do projeto, com reuniões técnicas, com workshops, monitoramente de tudo que está acontecendo, se alguém não está acompanhando é porque ele não está fazendo aquele experimento, porque ele deixou de fazer naquele ano, por que não foi implantado... Então, mediante esses relatório, nós temos mais ou menos um atingimento de metas trimestrais. A cada 3 meses a gente envia relatório para os líderes dos projetos que conseqüentemente enviam para os gestores dos macro programas, e aí eles vão te dizendo olha, esses recursos vão continuar sendo destinados, caso tu cancele algumas atividades teu orçamento é cortado para aquela atividade , então, tu tem que prestar contas e existem modelos prontos para isso.
E: Mas isso aí também se chama relatório de projeto?
PR1: Sim, de acompanhamento de projetos.
E: Ah tá, mas existem outros?
PR1: Existem outros, este é o relatório de acompanhamento de projetos que é o que realmente a gente...
E: Ele é o mais frequente e é o mais significativo na empresa? Já que a empresa de vocês é uma empresa de pesquisa? É isso?
PR1: Exatamente, porque a gente tem que estar sempre buscando os resultados e ver se está atingindo as metas, ah...quando o projetos é mal gestionado ele perde, não vai ser aprovado, não vai ser dado continuidade. Muitas vezes os projetos que tem 3 anos eles são submetidos a novo edital para ser dado continuidade, se a meta a que ele propôs não foi atingida... em torno 50% da meta, os gestores vão chegar lá e vão dizer que o projeto tem problema de liderança, ou de metodologia, porque não está atingindo as metas, então a gente perde recurso...
E: E esse projeto, esse relatório de projeto é só um formulário que tem que preencher com números, e com dados assim ou com 'xizinho', ou vocês tem que redigir um texto, existe uma parte desse projeto que tem texto?
PR1: Tem, tem campos né... ele todo, esses sistemas nós chamamos assim, é um sistema único da empresa, ele é todo informatizado, ele é, inclusive, disponibilizado de forma online, todo mundo tem acesso. Se eu estou

escrevendo o meu texto na minha máquina, uma pessoa lá de Roraima pode estar acessando o relatório do projeto e vendo o que eu estou digitando naquele momento, é tudo simultâneo, e é interdependente o nosso sistema. Assim... por exemplo, se eu sou responsável por uma atividade, que é a parte mais básica, eu faço o relatório da minha atividade e clico num campo que dou o ok que, de minha parte, está completo, e isso é enviado pro líder do plano de ação, que por sua vez também tem que dar o aval. Ele tem que dar a concordância dele, porque se não ninguém, entendesse, vai sendo acessa por diferentes instancias, pra gente não chegar e dizer assim ah, o líder do projeto ele botou (incompreensível) dizendo o que ele achava, desconsiderou o que eu lá embaixo fiz né, então não é assim , se eu chegar e disser que a minha atividade não foi executada porque eu não recebi os recursos, pode o líder lá querer mascarar, dizer não o fulano não fez porque ele foi negligente, tem que ter a concordância, então eles são aprovados em diferentes esferas , então por isso que ele é meio pesado de rodar, às vezes demora pra salvar e tal, é como se tivesse fazendo um... acessando ... páginas do que, como posso te dizer, paginas do Google assim, às vezes demorar a entrar e tal, e se chama IDEAD, um programa super moderno.
E: E tu acha que a comunicação funciona bem assim?
PR1: Olha, eh... Não sei né, porque ele se chama IDEAD mas não é ideal, porque ele é lento, ele fica pesado, às vezes congestiona o sistema, e quando chega esses relatório finais de trimestre, tá todo mundo acessando, é que nem página de internet, fica trancando e tal.
E: Mas tudo bem, mas é por uma causa né, digamos assim mecânica, técnica tá... Mas digamos em termos de clareza, de fundamentação, as coisas fluem bem tu achas? Em nível da informação mesmo.
PR1: Tem coisas né ... eu percebo assim: quando a coisa é muito pontual, ela vira muito número, tu tens quantidade mas não tem qualidade. Eu sou muito mais do que se expressa em qualidade, então, por exemplo esse sistema é muito interessante porque a qualquer momento o presidente da empresa pode perguntar assim: quantos experimentos tem de arroz no Brasil? Ele tem um campo lá, ele vai ter um gráfico, ele vai ter um panorama da empresa, do que está acontecendo oficialmente, porque ele está todo quantificado, mas não qualificado. Então em alguns campos que permitem às vezes 200 caracteres, não é muito, esse aqui é o tradicional que a gente fazia relatórios, com 100 páginas de relatórios, descrevendo e tal, esse aqui permite muito mais qualidade, muito mais informação, esse ai tem um campo limitado, que tu diz ali, descreve brevemente o que tu tá fazendo, mas não te dá muita informação, porque justamente se tu dá muita informação ele se torna muito pesado, ele tem um limite de informação, mas ele agiliza um muito, ele te planifica muito, pra um sistema de gerenciamento em termos de universo todo da empresa, que são 40 unidades de pesquisa, com cada um tendo vários projetos. O diretor sabe tudo o que está acontecendo aqui na empresa x de Pelotas , lá na Empresa x de Petrolina, em Roraima, no Acre... Então ele acessa todas essas informações porque ela está toda disponível, ah... mas em termos de qualidade eu particularmente acho que é mais fácil o relatório escrito, convencional, que tu não tens limite e paginas, que tu pode colocar gráficos, que tu pode expressar melhor as tuas informações.
E: Tá, ah... então outros tipos de projetos, além de relatório de projetos, tu poderias me citar alguns outros, falaste anteriormente em relatórios viagens né?
PR1: É, relatórios de viagens, em alguns momento foram exigidos relatórios de viagens técnicas na ... região, no estado aqui. Estes não são mais necessários, tu fazes o relatório caso seja interessante informar.
E: Sim, vocês fazem muitas viagens né?
PR1: Então, antigamente a gente fazia relatório de toda a viagem que fazia, se é Canguçu a gente chegava e dizia: número de participantes, qual era o objetivo do relatório, o objetivo da viagem, e descrevia o que tinha ocorrido.
E: Em fora de texto?
PR1: Em forma de texto, fazia uma descrição rapidamente, e normalmente se dizia qual era objetivo, se tinha sido cumprido ah...uma coisa muito simples. Pra viagens no exterior existem campos, campos não, existem documentos né, que a gente precisa preencher todos os formulários, existem padrões da empresa, e aí sim, tu tens que fazer a solicitação, o Ministério da Agricultura vai aprovar, tem que sair no Diário Oficial a tua saída, e depois que tu retornas... aí a gente tem que fazer um relatório técnico.
E: Mas só para o exterior, ou uma viagem assim, um curso mais ah...?
PR1: Não, o oficial só exterior, aqui o curso a gente vai na necessidade, ao menos que seja um curso que eu solicite, faça um relatório, que tu dê uma palestra. Aí tu fazes um relatório, e apresenta uma palestra técnica, que foi apreendido lá o exterior, ou nesta viagem, ou participação em um congresso, mas não é necessário nesse momento, com essa direção que tem. Varia muito de gerência para gerência, alguns exigem, outros não.
E: E além dos de viagens, mais algum? Outros... relatórios de projetos, relatórios de viagens, só me cita alguns outros exemplos de relatórios.
PR1: Relatórios de estágios, de pessoas que fazem estágios curriculares na universidade, para cumprir determinadas horas.
E: De auditorias, não?
PR1: Sim, se faz relatórios quando tem sindicância, problemas de roubo, problemas de negligência, de furto, que querem imputar alguma culpa, se faz também...se faz um levantamento, um dossiê de provas, existe... são comissões que são formadas, a gente chama de ordem e serviço, uma OS, é composta por alguns membros, podem ser pesquisadores, funcionares de apoio, administrativos, sob a presidência de um, aí ele é oficializado, aí ele tem um prazo para fazer aquela sindicância, toda auditoria, então levanta os dados e depois faz o relatório?
E: Mais algum? Não precisa explicar, mas só citar. Algum ligado ao meio-ambiente, sustentabilidade?
PR1: Mas todos as pesquisas são assim, existe pesquisas mais agrícolas e outras mais ambientais.

E: E aqueles ligados por exemplo a qualidade de serviços ... ISO?
PR1: Sim, quaisquer credenciamento de algum laboratório, tu tens que obrigatoriamente fazer um relatório das atividades que são realizadas ali para ter o credenciamento. Aí vêm os auditores e fiscalizam e encaminham. Então a auditoria também é um relatório que é feito internamente por pessoas externas à empresa, até pra saber se os bens patrimoniais estão todos lá. É tudo vistoriado, tem o nome do responsável, onde está localizado, isso aí também é feito um relatório quando não encontrado, as pessoas tem que se justificar...
E: Pelo que tu estás falando, então, o relatório é assim um tipo de documento, um tipo de produção, né... bastante relevante na empresa?
PR1: Sim, totalmente, a empresa só se movimenta por causa de relatório, a gente não consegue verbalizar tudo que faz, não temos nem tempo de nos comunicar com todo mundo, não teríamos tempo de estar fazendo reunião e falando, falando... Acho que tudo, tudo funciona a base de relatório, até para ter uma coisa oficial, se não fica tudo, aah... eu fiz, eu fiz, eu fiz... Aí eu saio da empresa e ninguém fica sabendo, o que foi...
E: Então, assim, ele é importante, porque registra, neh, as atividades. O que mais? Queria que tu falasses por que é importante o relatório, além do registro?
PR1: Registrar e oficiar seriam mais ou menos sinônimos né... fica um documento, no qual tu tens uma responsabilidade... tá o teu nome ali... tu tá encaminhando aquilo ali, não tem como ser alterado. Tu crias um acervo de informações também para aquelas pessoas, que entrarem na empresa, não repetirem os mesmos erros, não fazerem as mesmas pesquisas ou até continuarem aquilo que estava positivo, porque se não tu não tem histórico para a coisa, se não daqui a trinta anos vai alguém querer fazer pesquisa com o arroz que a gente já fez, né? Acho que isso aí é bom, é uma coisa que tem que ser me manter, um relatório ele informa.. um presente, e ele dá um histórico pra empresa. A empresa fica com tudo documentado, tudo que foi criado, é um forma de tu... quantificares as tuas atividades, para poder ter convencimento do governo federal da importância da empresa, se não tu não tem. Por que vai dizer assim oh, aquela revista, agora o Globo Rural, ali dizer, que esse arroz, que controla o arroz vermelho, pode reduzir uma perda de 200 milhões de reais ao ano, que o que causa o arroz vermelho. Então, são números, se o governo chegar e disser: vou investir em um projeto, que vai um dar retorno, com o milho, 200 milhões ao ano, se tu tens no relatório, um dado desse aí, que tu consegue controlar. Acho que é uma forma de convencimento, quantifica em números, os benefícios, e quanto aumentou a produtividade, o quanto deu retorno à sociedade, quanto minimizou o uso de determinado agrotóxico para a saúde humana melhorar e tal, isso tudo fica registrado... é uma forma de tu transferires essa informação para sociedade e trazeres a sociedade pra ti, para tua aprovação, na verdade, pelo relatório, tu tem uma forma..tu consegue, como se diz, consegue ...interagir com a sociedade.
E: E até se justificar né? Nesse âmbito social...
PR1: Sim, Por que colocar tantos milhões, se ela não está dando retorno?
E: Até por que a nossa empresa é pública.
PR1: A empresa é publica, ela não tem fins lucrativo, na Empresa, ela tem fins sociais, e essa fim social tem que ser dado, social tanto para o agricultor quanto ao ambiente, ou aqueles que convivem nesse ambiente.
E: Tu achas que é importante o relatório, por que a partir dele vão ser tomadas decisões? Ele orienta tomadas de decisões, digamos assim...?
PR1: Com certeza, com certeza, por isso que eu te falei o histórico, no momento que tu tens vários relatório.. ruins, o que o gestor vai te dizer? O líder está mal, esse grupo de pesquisa está com problemas, ou eles estão mal liderados, ou eles não tem recursos, ou eles estão perdidos na metodologia..
E: Ou até a própria idéia que (incompreensível) não tem fundamento...
PR1: Isso que eu digo, é a metodologia, a metodologia inadequada, eles estão pensando que com aquela metodologia eles vão conseguir diferenciar algum experimento, mas não estão conseguindo, ta dando tudo igual... depois estão com poucos recursos, para... né? Não tem equipamento, existem maneiras do ser humano interar, positivamente ou negativamente. Então, o histórico, a freqüência do histórico, não precisa ser em um único relatório, às vezes um relatório... ligado à agricultura é dependente de condições climáticas, as vezes ocorre um intempérie, tu perde teu experimento... tu tinhas bom gerenciamento... tu tinhas recursos, tu tinhas equipamentos, uma metodologia adequada, mas ocorreu uma condição climática desfavorável e tu perdeste o experimento, isso ocorre, mas é uma vez na vida, tu não vai fazer dez anos e fazer a mesma coisa, se tu ficar dez anos com resultados negativos, as pessoas vai disser: Opa! Tem gente mal aí na foto, então, tu pega não aprova mais recurso, ou tu muda o líder, muda .. o grupo faz um interferência, então para gestão de coisas, de pessoas, isso é importante. Outro relatório que a gente faz é de acompanhamento... acompanhamento,ou ainda, sistema de avaliação e acompanhamento de desempenho. Isso é uma coisa pessoal, é uma maneira de monitorar as pessoas, para ver se ela está cumprido com as atividades, isso é chamado de SAAD...ah... todos os funcionários tem que prestar, quando sai, anota. Então, no inicio do ano, agora em março a gente fez uma previsão das atividades que tem, a gente lista lá, uma serie de coisas que a gente se propõe a fazer, isso é o meu relatório. Então nesse sistema de acompanhamento, eu coloco lá... que vou publicar um artigo em uma revista internacional, que eu vou participar em dez linhas de campo, que eu vou lançar uma cultivar de arroz nova, que eu vou.. sei lá.. que eu vou participar de um congresso, então todas essas atividades são listadas, e cada atividade dessa tem um determinado impacto, e esse impacto é mensurado por número, então, o que é mais difícil hoje é publicar em uma revista internacional, então, um papper que eu realize, como autor principal lá, eu foi ganhar lá 1000 pontos. Se agora se eu for participar num dia de campo, apresentando a tecnologia, aqui em Jaguarão, eu vou ganhar 50 contos, são coisas bem distintas, então baseado nesse... nessa proposta que eu faço para SAAD, depois no final do ano, eu sou avaliado, em função do meu desempenho, e essa minha avaliação. Eu posso dizer assim: eu propus lançar uma cultivar, mas lancei duas, eu tenho um numero a mais. Isso te dá um numero de ponto, isso é uma forma de fazer também um relatório, é um relatório isso aí... só que é

um relatório numérico, por atividades, e essas atividade te dão pontos... aí, então gente ranqueia, a empresa ranqueia quem são os melhores pesquisadores, e quem são os piores. Aqueles que não fazem nada ficam com a pontuação lá em baixo, e aqueles que fazem um monte ficam com a pontuação lá em cima. Tá, então, aí é feito, um processo oficial, é encaminhado um relatório, é quando chegam recursos, promoção, mudança de referencias, ou premiações por equipes, ou premiações individuais, aqueles que estão ranqueados com melhor desempenho, eles são promovidos, então já fica fechado isso ai no relatório anual de acompanhamento individual de pessoas, todos os funcionários fazem isso. Quando vejo o pessoal do campo lá dizendo ah... quantos hectares tu vai cuidar de arroz, ai o cara fala vou ficar com 10 hectares, ai tens ali uma forma de dizer também tem 10 atividade mesmo que ele tenha um numero que diga, cuidei de 10 hectares e até cada hectar vai ganhar 100 pontos, então ele teria mil no total. Mas eu, chefe desse funcionário, posso dizer assim, mas ele dos 10 hectares, como que foi a eficiência dele? Ele teve atingimento dez? Eu posso dar uma nota menor pra ele... Se nesses 10 hectares ele perdeu 2, eu posso dar 8 pra ele. Ele também sofre uma avaliação em diferentes instancias, até chegar num escore final. Então é um modelo assim que tem seus defeitos mas é uma forma de monitorar, é um relatório, relatório de gerenciamento de pessoas, tu fazes o acompanhamento e depois fica tudo fácil, se tu estás trabalhando direitinho tu recebe um monte de promoção, quem não faz nada também aparece... é um relatório de gestão.
E: Agora vamos falar um pouquinho mais sobre o relatório, especificamente, sobre o relatório de viagem, de treinamento ou de visita técnica. Quando alguém sai para um curso, sai para um congresso, ou vai fazer uma vistoria, ou um acompanhamento no campo, ou uma viagem para conhecer uma empresa, para saber como ela é, como ela está funcionado. Vamos pensar especificamente neste relatório. Tu já falaste um pouquinho sobre os objetivos, mas tu poderias, de repente, especificar mais os objetivos desse relatório?
PR1: Do de viagem?
E: É, ou de viagem, ou pra curso, ou pra treinamento ou pra visita técnica. Um pouquinho mais...
PR1: Por exemplo, se for de interesse da chefia tu não precisa se justificar muito, pois tu estás a mando deles. Eles tão te mandando. E tu só vai fazer o relatório, se foi cumprido a atividade tal, tal e tal, se não foi cumprido... Mas quando é do teu interesse, se tu queres participar de um evento internacional, por exemplo, aí tu tens que realmente enaltecer aquele evento como se fosse a 8ª maravilha do mundo. Dizer que vão estar presentes os maiores cientistas, que soluções poderão ser trazidas para pesquisas na unidade. Então tu tens que ter um convencimento (incompreensível) daquele objetivo para tu fazer aquela viagem. Aí então a argumentação é maior.
E: Então, se tu fosses participar de um curso, por escolha tua e tu fizeste um projeto para ir aquele curso, provavelmente fizesse o pedido e fosse, mas ai tu achastes que o curso não foi bom, entendesse?
PR1: Se eu fui proponente eu jamais vou poder dizer isso aí.
E: Tu não vai dizer que foi ruim, mas tu não vai enaltecer?
PR1: Exatamente, até porque como eu disse pra ti, os relatórios servem de histórico (...).
E: Se pro exemplo daqui a um ano o teu colega quiser ir nesse mesmo congresso, tem que ficar registrado de uma forma ou de outra que não vale a pena.
PR1: Sim, exatamente.
E: E tu vai deixar de emitir essa informação só porque tu propuseste?
PR1: Não (...) tem que ser colocado (incompreensível).
E: Fala um pouquinho mais dos objetivos do teu relatório de viagem, de treinamento, visita técnica.
PR1: ... Depende do evento, se é um congresso, vai ter palestras, vão ter informações que podem qualificar os teus trabalhos...tu vai estar lidando com pessoas renomadas da área, então tu tens condições de crescer ... cientificamente ... Se ela olhar tua área de expedição, então tu vais coletar sementes, tu vai ter informações, tu vai poder trazer germoplasma, coisas diferentes que tu não podes plantar aqui. Ai é outro tipo de ...
E: Então, eu poderia dizer que esses relatórios de viagem, de treinamento ou de visita técnica (...) tem também o objetivo de conhecer outra empresa para ver como é... e conhecer o que é novo, o que pode ser diferente, e trazer essa novidade para tua empresa?
PR1: Sim, trazer informações.
E: No sentido de contribuir para o crescimento da tua empresa. Eu preciso ter contato com outras teorias, com outros pesquisadores, pode ser? Com outras empresas para ver como funcionam, para justamente poder dar esse retorno. Posso pensar assim...?
PR1: Pode, mas tu estás no enfoque de qualificar a tua unidade, mas a gente também viaja com o objetivo de fomentar informações para outros... Então quando eu fui para a África eu levei outro tipo de informações, pois eu estava em um nível de conhecimento superior a aqueles povos que estavam lá em treinamento. Praticamente eu não trouxe retorno pra minha, o único retorno é a empresa ser reconhecia como uma grande empresa em nível mundial que estaria dando assistência a outra...
E: Sim, não só receber, mas também fornecer...
PR1: A Embrapa hoje tem os chamados LABEX, são os laboratórios no exterior. Esses laboratórios tem 2 ou 3 pessoas que ficam na frança, nos Estados Unidos, na África, tem laboratório em Uganda... que não são laboratórios, são escritórios. E ela lá fica uma base da Embrapa no exterior fazendo uma ponte entre o que tem de demandas e o que tem de carências. Então atua nas duas vias, por exemplo, se o LABEX na frança, temos mais a crescer, nos vamos tirar mais informações lá da frança do que dar, depende da atividade. Já na África é só demanda, porque pouca coisa extrai do conhecimento deles, porque eles tão bem mais atrasados. Mas eles precisam (incompreensível)...

E: Tá... Na tua empresa, quem é que faz esse tipo de relatório? É só assim cargos mais elevados ou por exemplo um técnico, ele faz também um relatório de um treinamento, de uma viagem, de um experimento? Ele tem que fazer relatórios, o técnico?
PR1: Normalmente todo mundo faz, nas diferentes instancias. É claro que os relatórios mais qualificados são dos pesquisadores, que é uma atividade fim. As atividades meio, que são aquelas pessoas da área de administração ou da área de apoio, elas fazem relatórios para te fomentar alguma coisa de base, mas não há necessidade de serem coisas muito elaboradas. Mas normalmente a Embrapa ela é dirigida pelos pesquisadores. Então acho que as diferentes instâncias estão outra instancia... Até um estagiário, ele vai ter acesso a empresa e tem que fazer um relatório de conclusão final. Mesmo que ele fique um mês lá (...), tem o registro dele no SRH (...), que chamam de gestão de pessoas, recursos humanos. Ele faz uma solicitação para fazer o estágio e depois faz um relatório, de forma fala simples e objetiva...
E: Então não existe uma pessoa que recebe relatórios, existem varias em diferentes instancias...
PR1: Sim, depende do tipo de relatório. No caso do relatório de viagem, em alguns casos envio para o meu chefe daqui, mas quando se trata deu uma viagem ao exterior, como a viagem à África, eu tenho que fazer um relatório para o chefe da Embrapa em Brasília.
E: Sempre uma instancia superior?
PR1: Sim, como eu te disse, um relatório patrimonial é um relatório operacional. Todo ano se faz um levantamento de patrimônio... Onde está a escrivaninha do Ariano? Qual é o n° do patrimônio dele? É N° 70.520, então eles vão lá no funcionário e verificam se aquela mesa tá lá comigo. Aquele microscópio tá lá no laboratório? Tá, então ai é feito o relatório, não são os pesquisadores mas são feitos relatórios para atividade meio, não são de pesquisa, mas para gerenciamento ew administrativo da empresa, para saber se tá tudo bem, (...) relatórios de levantamento patrimonial é um exemplo, que é bem simples, bem matemática. Tem ou não tem.
E: Agora vamos pensar assim: nesse relatório de, de treinamento ou de visita técnica, quando tu fazes tu manda para um chefe teu, para um superior. Tu poderias me dizer se tem mais gente que tem acesso a esse relatório? Ele fica online, os outros funcionários tem na internet acesso a eles ou tu manda pro teu chefe, teu superior, e ai depois tu vai colocar em discussão, se houver umas idéia interessante?
PR1: Não, não é muito aberto não. Normalmente fica entre o pesquisador, o funcionário e seu chefe.
E: Pode ter uma repercussão maior, mas no primeiro momento passa para a instancia superior e ali vai ser avaliado...?
PR1: Isso, normalmente é mais fechado até.
E: Então pensando nesse de viagem, de treinamento ou de visita técnica, o que tu te preocupas assim, tu vais te dirigir a teu superior, tu tem alguma preocupação com a linguagem?
PR1: Claro.
E: Que preocupação tu tem com a linguagem?
PR1: ... Tem que ter clareza né? Tem que ter, como se diz, uma certa hierarquia né, na forma de apresentar os dados, não vai falar de forma vulgar, numa linguagem popular, tu utiliza uma linguagem técnica, mais formal... Existe um formalismo, acho que não tem como...
E: Tu prefere usar assim a empresa, eu, a primeira pessoa...
PR1: Nunca uso a primeira pessoa
E: Do singular, nós tu usa?
PR1: O nós se usa, fomos a tal objetivo, participamos de tal reunião, sempre na forma, não no singular. E de forma respeitosa ao superior né, prezado senhor, chefe, atenciosamente, cordialmente, coloco-me a disposição para esclarecimento, sempre tem uma finalização e uma proposição em aberto para que a gente possa se manifestar em outro momento. Não se fecha relatório com definitivamente, finalizando ele assim, a gente sempre coloca, pois sempre falta alguma informação, a gente pensa que colocou, mas as vezes não fica claro pra quem ta lendo, e a gente deixa em aberto para que qualquer outro questionamento quase fizer necessário, que se coloque a disposição... Mas é informal, não via chegar e dizer assim deu certo, valeu, tchau...
E: E tu parte do pressuposto que os conhecimentos técnicos o teu chefe domine bem, ali o que tu ta usando ali tu não precisa explicar...?
PR1: É, chefe é sempre graduado, doutores... Acho que quem faz o relatório para alguém faz para um superior, sempre...
E: Na relação de superioridade, não é inferioridade, mas em uma hierarquia...
PR1: É, hierarquicamente a pessoa tem qualificação para estar naquela posto...
E: E tu te coloca sempre como uma posição abaixo assim...
PR1: Sim, respeitosa...
E: Uma certa distancia, uma certa formalidade e, principalmente, a clareza da informação. Correção também, lingüística...
PR1: Sim, isso é importantíssimo.
E: Tu poderias me dizer quando é reproduzido e se há uma certa periodicidade assim, quantos relatorio de viagens vocês costumam fazer? Por ano, por mês, mais ou menos assim, é freqüente?
PR1: o relatório técnico já te falei que é trimestral, tu é obrigado a fazer 4 vezes por ano.
E: Mas esse de viagem, de treinamento ou de visita técnica... É que agora vocês pararam de fazer esse que vocês faziam né? Pois tu disse que de acordo com a direção eles pedem mais ou menos.
PR1: Essas viagens mais rotineiras, quando tu vai visitar um produtor, colher alguns experimentos a gente não tem mais relatado, porque espera-se que esteja dentro do planejamento do projeto. Mas atividades extras que se faz, de outros contatos, de reuniões assim, ai se faz rotineiramente...
E: Pelo menos 2, 3 por mês? Só pra ter uma idéia da quantidade desses treinamentos, dessas viagens...

PR1: Por pesquisador?
E: É, por pesquisador.
PR1: Ah, sim, acho que faço uns 4 relatórios, depende o fomento, fui a porto alegre na reunião setorial do arroz, cheguei da reunião e já fiz o relatório pro meu chefe, e coloquei um anexo também o que tinha sido tratado (incompreensível) pra ter um retorno daquela atividade. Agora fiz outro relatório, fomos a Livramento semana passada, foi em outro momento, aquilo ali nos estávamos participando de um programa de desenvolvimento sustentável da bacia do rio Santa Maria. Então envolve diferentes municípios, ficou sob nossa incumbência determinadas tarefas, ai eu relatei a minha chefia que estávamos comprometidos com varias tarefas. É o tipo de relatório que foi feito porque não tava dentro de uma posição de projetos. Agora ontem o pessoal foi colher em Santa Vitória o arroz não vai ter relatório nenhum (...), porque vai dizer que foi colhido, aí é uma coisa muito simples já esta dentro de uma atividade da proposta, mesmo tendo uma viagem não há necessidade de fazer relatório.
E: Tá, então vai variar de situação para situação, mas é um tipo de relatório que se faz com bastante freqüência na empresa.
PR1: É.
E: Então, para terminar, tu que tem um cargo, um curso superior, fizesse um curso técnico, tu achas assim, que seria interessante se trabalhar esse tipo de relatórios já nos cursos técnicos? Nas aulas de língua português, preparar o aluno para relatar atividades, não especificamente cada um, mas para que ele consiga saber o que é um relatório, como que se desenvolve um relatório, tu achas que seria interessante?
PR1: Muito interessante, isso aí é um aprendizado que tu vai levar para o resto da tua vida. Isso aí durante toda atividade profissional tu vai trabalhar com a linguagem.
E: Tu tem que te posicionar, refletir sobre a tua própria...
PR1: Não tem como fugir, hoje é uma coisa assim, alias aqueles que melhor se relacionam são os que mais evoluíram dentro da empresa... Tanto oralmente quanto na escrita. Acho que isso ai seria um grande aprendizado.
E: Que serve para diferentes áreas, atividades... Relatar, colocar no papel, uma experiência vivenciada...
PR1: Além do mais a linguagem é o convencimento. É como eu disse, os relatórios se bem alimentados tu consegue uma viagem pro exterior, se bem argumentados tu consegue recursos e alimentar teus próprios projetos. Outro pode ter até uma idéia melhor, mas mal argumentado não leva a nada. Se tu não tiver uma forma de se expressar ou de externalizar tudo aquilo que tu imaginas tu não consegue. Realmente tu não consegue atingir todos os teus objetivos. Hoje a linguagem é fundamental.
E: Não só no projeto, mas no relatório também, na hora de justificar, de dizer que existe uma idéia nova, tu vivenciasse, conhecesse uma outra sistemática e tu achas que é interessante ser implementada na tua empresa... Argumentação também, então faz ai a diferença
PR1: Com certeza, relatório é... Só queria te dizer, em algum momento me dissesse que se a gente abrir esse relatório em diferentes instâncias, a Embrapa tem uma preocupação muito grande com propriedade intelectual. Existem setores dentro da empresa, com advogados dentro da empresa, que eles fazem exatamente a questão da propriedade intelectual, o que pode ser patenteado, o que é sigiloso, que não deve ser levado sem formulação de forma publica. Então os relatório eu imagino que eles nessa primeira instância eles tem de ser mais sigilosos, pois de repente estas trazendo alguma informação, alguma idéia, que de pra ficar num determinado ambiente restrito pra que essas informações em termos de concorrência de outras empresas não vazem, justamente esse também é uma função dos relatórios, ficar mais essa informação, esse conhecimento, e ter também nessa primeira instancia um filtro, daquilo que a pessoa ta fazendo, daquelas idéias, caso for importante, que isso vá pra frente, se a Embrapa possa, venha a patentear, ela depois pode inclusive transferir essa tecnologia, ai leva pra áfrica, que ai já ta tudo definido q é de conhecimento da Embrapa, que é de autoria, essa questão de direito autoral pesa muito ai.
E: Sigilo então.
PR1: Nesse primeiro momento é o sigilo.
E: então tá, muito obrigada!
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – Empresa da área de Edificações
E: Fala um pouquinho sobre a empresa e sobre as produções escritas, relatórios...
PR2: Aqui no nosso escritório nos temos hoje uma base de 30 projetos em andamento, desses 30 projetos a gente normalmente tão entrando 4 novos por mês, e estamos entregando 4 por mês maios ou menos. A muitos desses projetos são uma repetição, porque as construtoras não costumam para essas obras mais populares fazer um projeto diferente, tem pequenas variação, mas normalmente projetos da construtora X é sempre aquele. Então muitas vezes a gente tem que trocar só o selo, na verdade trocar o nome da obra. Claro que quando a gente faz essa repetição do projeto a gente fica com a responsabilidade técnica, então eles nos pagam por isso. Não quer dizer que o projeto é o mesmo que eles não vão pagar mais, em toda obra eles pagam. Tem uma escala, na medida que eles vão aumentando o numero de repetições vão pagando menos, ai chega uma hora que tem um valor mínimo que eles pagam.
E: Por projeto?
PR2: Por projeto. Então o nosso serviço é projeto. Bom, claro que com isso, para ter esses 30 projetos em andamento, nos temos maios ou menos umas 15 construtoras que são nossas clientes. E inclusive umas das coisas muito importantes assim, que é uma limitação de todos os estudantes, que é uma visão organizacional de como armazenar informações. Nós temos um problema muito serio em relação a isso. Tínhamos né, hoje o pessoal entra aqui, porque, os estudantes fazem uma planta baixam, por exemplo, e eles colocam planta baixa 1, planta baixa 2, planta baixa nova, ai tem a super nova, a ultima, a definitiva... E qual é a ultima? É a ultma ou a

definitiva? Até agora eles me disseram que a ultima é a que eles escreveram a palvara “Graças a Déus” (risos) porque daí é a ultima mesmo.
E: ... Porque passa, são vários, são refeitos...
PR2: É, na verdade, a planta é a mesma, só que tem uma que vale. Então a gente faz aqui algumas auditorias nos projetos, durante a execução, quando aparece ali um nome ali que não ta, a planta tem que ter um numero e aquele numero pra ela tem que ter um significado. E isso é um dificuldade dos alunos lá da escola, dos alunos da arquitetura, dos alunos da engenharia, uma dificuldade de todo mundo, organização da informação. Ai tu imagina aqui, a gente já fez aqui, olha, nos já fizemos uns 150 projetos e conjuntos habitacionais, com 15 construtoras, então são, em media 10 projetos por construtora, ai tu imagina a dificuldade que é organizar essa informação, para que qualquer pessoa possa ir lá e achar a informação.
E: E tu imagina assim alguma sistemática?
PR2: Sim, a gente tem a sistemática, a gente tem... Por exemplo, eu posso até te mostrar isso...
E: Mas é uma questão de língua né? Bem de linguagem de se acertar o que significa cada coisa...
PR2: Então eu tenho aqui o arquivo de projeto, aqui estão as construtoras... Dentro de cada construtora... Aqui eu tenho os que estão em andamento e os que estão encerrados. Ai dentro dos que tão em andamento tem o nome das obras, ai dentro das obras tem toda uma relação de plantas. Ai dentro de uma obra eu tenho projeto hidráulico, projeto elétrico, projeto estrutural... É uma árvore na verdade.
E: Sim, são janelas né?
PR2: Então uma das dificuldades que nos enfrentamos é isso aqui, o pessoal saber organizar isso, a tendência é sempre desorganizar, a gente tem que jogar duro assim, tem q saber lidar com a informação.
E: E que essa informação seja facilmente processada né? Que dizer, tu tá falando num...
PR2: Achar! Principalmente achar.
E: Achar!
PR2: Liga pro pessoal da construtora, eu quero que vocês achem um problema numa planta, pois quero um esclarecimento, qualquer pessoa tem que achar...
E: Tem uma dúvida lá, e tem que ter fácil acesso...
PR2: Só que essa planta tá num arquivo de projeto, tá dentro de uma construtora, tá dentro de uma obra, e tá dentro de um tipo de projeto, que pode ser hidráulico, elétrico... E aí a pessoa tem que em segundos achar aquela planta. Imagina se alguém liga pra mim perguntando sobre determinado projeto e eu não tenha acesso a informação rápida pra discutir com ele. Eu abro o computador aqui em segundos e acho o que ele ta falando lá por telefone. Então, não sei se vai ser útil pra ti isso que to dizendo...
E: Não, é útil sim...
PR2: Então, a gente tem um relacionamento com 15 empresas. Cada empresa tem uma forma de agir, então a gente tem que se adaptar nessa forma de agir. Tem empresas que a gente resolve todos os problemas muito rapidamente, porque elas têm gente especifica pra resolver aquilo. Outras empresas é o mesmo problema e elas não têm ninguém pra resolver e daí a gente fica atrás, tentando resolver e não consegue... E também essas obras que a gente projeta a gente visita. Então eu tenho uma quantidade enorme de fotos de obras, de problemas de obras, a gente faz 2 visitas por mês em cada obra em andamento. Então eu viajo, eu tenho obra em lá em Santo Ângelo, em Passo Fundo, Porto Alegre, Canoas, praticamente em tudo que é cidade do RS.
E: E tu já tens o nome da tua empresa? Já tá tudo formado?
PR2: Sim, sim... Te dou um cartão.
E: E quando tu falas gente tu diz...
PR2: Aqui nós temos 10 pessoas... A nossa empresa ela tem... Nós somos 10 pessoas, 4 engenheiros e 6 técnicos em edificações. Essa é a nossa força de trabalho. Sendo que desses 6 nós temos 2 estudantes de engenharia, são técnicos, e 2 são estudantes de arquitetura...
E: E lá do IF?
PR2: Sim sim... E dois são técnicos... É bastante gente.
E: Sim, e tu me mostraste relatórios que tu fazes lá pra Caixa, que não tem nada haver com a tua empresa, ou tem haver?
PR2: Tem, a minha empresa faz esse serviço também. Os relatórios que a gente faz pra caixa é um outro serviço, um outro projeto...
E: que não tem haver com essas empresas né, que tu falastes...?
PR2: Não, é nas mesmas empresas. Muitas vezes eu já aproveito aquela visita que a gente já faz, eu já aproveito a para fazer a vistoria pra mandar lá pra Caixa. Mas são serviços diferentes.
E: E vocês fazem aqui na empresa de vocês, vocês fazem relatórios também?
PR2: Isso.
E: E tu acha que elaborar relatório, é uma atividade que poderia ser trabalhada de forma mais detalhada, mais especifica no curso? Tu acha que ia adiantar, por exemplo, um técnico sair...
PR2: Ah acho que sim... Porque hoje tem uma dificuldade tremenda de expressão. Tu pega assim um engenheiro...
E: Muito técnico né? Muito matemático...
PR2: Muito técnico não, muito NADA!... Eles não tem capacidade de se expressar, eles não tem nenhuma... Eu acredito até que nós estamos colhendo os frutos da televisão. Outro dia eu tava conversando com a psicóloga, e ela tava me dizendo que o pessoal que faz psiquiatria eles tem o que eles chamam de uma ... Um expressão neutra. Tu ta falando com a pessoa e a pessoa não esboça nenhum sentimento ali. Ela não expressa se tá se agradando ou se não tá se agradando né.
E: Interessante isso.

PR2: E tem um nome técnico, o paciente tá ali falando... Todos os psiquiatras são assim. O paciente tá falando e eles ficam com aquela situação, não expressão emoções. Porque normalmente tu tem o feedback da pessoa que tu tá conversando...
E: Claro, e isso te ajuda muito né. Tu continuar a conversa, tu mudar de assunto...
PR2: E dentro da psicologia tem duas correntes, tem uns que acham que tem que interagir com o paciente, e tem outros que acham que não...
E: Essa neutralidade...
PR2: Eu não lembro, é uma neutralidade na verdade... Mas tem um nome, é face, facil... Uma coisa assim, é um nome, é tipo assim, o cara tá ali como se fosse uma estátua, não se meche, não expressa sentimento pela face. E ai eu digo que hoje os engenheiros são assim, meio resultado da televisão, uma atitude passiva, tu fala com ocara e ele não se emociona, ele não reage frente aquela situação, parece que não é com ele, ele não se indigna? E às vezes a gente tem que sacudir, a gente fica meio, pô será que to ficando velho? De vez enquando tu tem que pegar a pessoa e dizer 'vem cá tche, pô te indigna com esse troço...'
E: Interessante ter essa observação.
PR2: É uma observação terrível. E o nosso mercado tá muito em expansão, então por exemplo, gente que não estaria no mercado competitivo e está no mercado porque não tem opção. A empresa não tem opção, tem que contratar... Não tem engenheiros.
E: Com essa crise toda não tem engenheiros, não tem profissionais mesmo?
PR2: Não tem engenheiros. A construção civil tá com muita demanda e não tem engenheiros...
E: Mas... Não, eu digo assim, um pais que fala da crise, da falta de emprego, de repente é uma área promissora né.
PR2: Muito, muito... Hoje tu vê assim, um pedreiro é comum ganhar 3mil, e tu vê, tem muito professor que não ganha...
E: Porque justamente não tem, tá faltando.
PR2: Mestre de obra bom, hoje em dia, ganha 5 ou 6 mil. Hoje tem engenheiro ganhando 10mil, isso é uma coisa que nem tinha...
E: Porque teve uma fase da engenharia civil que não tinha espaço né? Que não tinha espaço, agora acho que tá mudando...
PR2: Pela minha experiência, pelo ano 2001 e 2002 o pessoal mudou. Começaram essas obras mais populares assim... Na realidade assim, tem o efeito Brasil, a possibilidade de financiamento, o governo possibilitou financiamento, e esse financiamento que as pessoas tão pagando tá começando a voltar. O Brasil tinha o BNH, o que aconteceu? O próprio povo quebrou o BNH. O governo fazia um conjunto habitacional, entregava e ai os cara começavam a reclamar que tinha defeito de construção, entravam na justiça e não pagavam mais. Aquela falta de pagamento, aquela inadimplência, impediu que o banco seguisse, então eles quebraram o banco. Quando o Fernando Henrique criou esse programa chamado PAR – Programa de Arrendamento Residencial – é assim, tu não é proprietário do imóvel, a Caixa alua pra ti. Se tu pagar um determinado número de anos, a Caixa dá pra ti. O que eles fizeram? Eles incorporaram a lei do inquilinato aos financiamentos habitacionais. É a lei mais dura que tem, é a única que faz tirar o imóvel de um avalista. Tanto que quando a gente é avalista de aluguel eles pedem que tu tenha dois imóveis, pois se não eles te tiram o único que tu tem. É uma lei duríssima. Então, o que aconteceu? Com isso não houve mais inadimplência, e o sistema, o dinheiro tá voltando, as pessoas tão pagando, pois se a pessoa não paga ela sai, ela perde...
E: Ah ela perde, o que ela não perdia antes, ela não corria esse risco, então ela não pagava.
PR2: Ela não pagava, agora se ela não paga ela sai, ela sai sumariamente.
E: Ah, interessante as estratégias...
PR2: Não tem choro, ela sai sumariamente. Então, com isso, tudo que a gente é da engenharia quer é que o sistema seja auto-sustentável, ou seja, as pessoas pagando esses financiamento, que é o que tá começando a acontecer, o governo sempre tenha dinheiro de maneira contínua para continuar financiando.
E: Interessante. Então tem retorno né?
PR2: Tem retorno. Fora isso, o pais tá num crescimento grande, tem muito dinheiro do fundo de amparo ao trabalhador, ai mais pessoas estão empregadas, ai tem mais dinheiro no fundo de garantia, então tudo isso tá ajudando muito. Bom, então assim, hoje, o que eu tava te dizendo, o efeito Brasil, o fato do governo federal tá emprestando dinheiro para financiamento habitacional. Aqui no RS, particularmente aqui em Pelotas, Rio Grande, nós temos o efeito Rio Grande, que é um fenômeno muito maior, pois tem uma quantidade enorme aqui de construções, devido a questão do porto. Tem uma perspectiva que... não sei se são 10 anos, Rio Grande vai dobrar de tamanho...
E: Ah é, eu sempre ouvi que Rio Grande ia passar de Pelotas (risos), mas eu sempre que vou lá eu não tenho essa impressão. Mas eu acho que, realmente, agora, isso vai mudar.
PR2: É, vai dobrar de tamanho.
E: E tem espaço pra ela crescer, a cidade?
PR2: É assim, na verdade muita gente vai morar aqui, Porque assim, o que são 60km? Se tu olhar São Paulo...
E: Sim, com certeza, Porto Alegre ali as pessoas vão...
PR2: Essa ligação aqui não é a toa. Então a engenharia civil, alem do efeito brasil , que é uma coisa nacional, pra nos ela vait er esse efeito rio grande, eu é muito poderoso. Fora isso, agora nos próximos anos, nos vamos TR o efeito copa do mundo.
E: Vai ter repercussão tu achas, na construção, na área aqui?
PR2: Porto Alegre né. Porque por exemplo sabe, na grande Porto Alegre, eles já estão reformando o Beira-Rio, estão fazendo um estádio novo pro Grêmio, eles vão ter que mexer em infraestrutura de transporte, vão ter que

mexer em aeroporto. Ai imagina só, se já não tem gente... Então nos vamos ter agora nesses próximos 4 anos uma inflação grande na construção, porque não tem gente. Ai as pessoas vão ta mais valorizadas e tal...
E: Não, ai é bom porque eu to com um filho de 14 anos, e de repente é uma área promissora pra esses jovens...
PR2: Muito promissora!
E: Que bom essa tua visão positiva das coisas, que eu acho bem interessante.
PR2: Não, tu quer visão negativa tu entrevista gente de dentro das escolas. Não to dizendo nem da nossa, tu quer visão negativa tu entrevista da escola, tu quer visão positiva tu entrevista... Porque infelizmente a gente dentro da escola acaba perdendo uma boa parte de contato com o mundo.
E: Acho que tu tens muita razão. E a minha pesquisa é justamente isso ai. Só pra ti resumir a minha pesquisa, na verdade eu to indo pras empresas, pra justamente trazer pras aulas de língua portuguesa um pouco dessa realidade, porque é uma disciplina que tá a anos trabalhando com regrinhas, com normas da gramática... Acho que seria interessante pros cursos trabalhar dentro de uma filosofia, atender as necessidades das empresas. Que tipo de texto eles circulam? Tu já me falaste do projeto. O que é um projeto? O que é um relatório? E não mais trabalhar com aquelas cartinhas, aqueles requerimentos que ainda fazem parte... Então é isso que eu quero. E eu quando converso com as pessoas, eu tenho entrado em outro mundo, que eu não conhecia, e que eu acho que todos os professores, mesmo de línguas, não só da área técnica, deveriam trabalhar.
PR2: Na verdade o seguinte, vou te dizer assim... Os professores de construção civil não tão tendo noção do que tá acontecendo no mercado. Não tem a menor idéia, eu sei porque eu converso com eles, porque são meus colegas, porque as vezes por amizade, janta juntos, aquela lamúria, o pessoal se queixando... Claro, porque o que acontece? A pessoa trabalha ali dentro, o salário dela tá ali...
E: É sempre o mesmo (risos)...
PR2: Praticamente o mesmo, não muda, pra ela o mundo não muda. Pra ela o mundo não muda, mas o mundo muda!
E: Exatamente! E nos temos essa tarefa de preparar os jovens não para ser professor na maioria das vezes, mas pra entrarem nas empresas, para servir a sociedade. E eu acho que realmente a escola se fecha muito.
PR2: Demais, demais... Uma coisa interessante que tá acontecendo aqui em Pelotas, por exemplo, quando um dia o Ricardo Ramos me falou, ele fez empreendimentos em vários locais, ai um dia ele experimentou fazer um no Fragata, ele tinha medo, pois o Fragata, havia aqui em Pelotas uma idéia que se tu construíste aqui no Fragata não iria vender, não iria ser valorizado. Bom ai ele fez um PAR no Fragata e vendeu tudo, rapidíssimo. Ai se deram conta, tanto que hoje ele tá fazendo lá no Fragata mil apartamento, mil... Uma coisa impressionante, lá no fim, em frente ao campo do farroupilha, em uma rua pra dentro, mil apartamentos... Ai se deu conta que fragata tem uma população ativa, grande...
E: Que não sai dali né?
PR2: Que não quer sair dali, por quê? Porque tem uma boa infrastrutura, tem supermercado...
E: Tem comércio...
PR2: Sim... Tem linha de ônibus, tem uma avenida grande que faz contato com o centro a hora que o cara quer... E tá se quebrando em Pelotas o zoneamento, no sentido de te dizer... Quando eu fiz essa casa aqui, eu trabalhava em uma imobiliária, e o pessoal dizia 'bah, tu vai te meter lá na vila carpena?', havia um preconceito em relação a zona aqui em Pelotas, mora em determinados lugares é como se fosse de segunda classe. Hoje não tem mais isso, acabou, o pessoal ta fazendo conjuntos habitacionais em tudo que é lugar, e não tem mais isso, acabou o zoneamento, tá acabando o preconceito. Até o contrario, o pessoal a um tempo atrás queria morar na Dom Joaquim, e agora ta virando uma rua comercial tá ruim de morar na Dom Joaquim...
E: É mesmo, barulho né, movimento...
PR2: E isso ai vai quebrando aquela idéia de zoneamento, de que é nobre morar em tal lugar. Tu quer coisa mais terrível que morar na Osório? Morar na Andrade Neves? Transito horrível, então os conceitos vão se alterando.
E: E aqui, não sei, eu que escuto, por curiosidade, aquela zona do fórum, do BIG, aquela ali foi a que mais valorizou?
PR2: É, é, a Labora, que é o Theo Bonow, fez 2 conjuntos habitacionais lá atrás, não sei se tu consegues localizar...
E: Sim, sim, já avistei assim, de longe...
PR2: Olha é num campo, é lá atrás do big, é bem pra lá...
(pausa)
PR2: Tu deu aula de português pro pessoal da edificações?
E: Não, não, nunca dei pra edificações, mas tenho vontade.
PR2: Porque uma coisa que eles fazem, já fizeram uma época, era os professores de português pedir relatório pelas visitas em obras. Porque os professores tem levado os alunos nas obras, como tem bastante obras, eles levam, ai seria bom que pudesse na volta o aluno fazer, receber um formato de relatório e aprendera fazer o relatório.
E: Com certeza, é justamente esse tipo de texto que eu quero introduzir no programa de língua portuguesa.
PR2: Porque acontece assim, eu insistia muito com eles, a gente ia numa obra né, o 'ah que tu achaste da obra?', e ele 'achei legal'... Como que um técnico em edificações vai numa obra e acha a obra legal? Tem que achar outras coisas né... Olha, é um sistema industrializado, que tem muita máquina... Tinha uma disciplina que eu dava, que era gerenciamento, onde eu tentava colocar pra eles a linguagem adequada, 'ah achei legal', achei legal é pra leigo (risos)...
E: Com certeza!

PR2: Claro, tem que dizer 'não, essa obra aqui parece ser uma obra bem construída, enfim, as alvenarias parece estar sendo bem executadas, os concretos estão lisos..." enfim, tu tem que dizer alguma coisa que seja técnico, consistente, e não ficar com termos como se tivesse na Rádio Alegria.
E: Pois é, eu acho que a disciplina de língua portuguesa tem que ter esse objetivo. Por exemplo, esse relatório que tu fazes, esse teu mesmo, qual seria o teu objetivo maior?
PR2: Aqueles que eu faço pra Caixa, eu faço uma vistoria técnica da obra. A Caixa tem um setor lá que é de liberação de dinheiro, onde eles fazem então uma medição, a medição é para ver se aquilo que a construtora se comprometeu a executar no sentido quantitativo. O meu é qualitativo. Pra ver se aquilo que ela se comprometeu a executar está executado de acordo com o que era planejado, no sentido qualitativo, isso é o que eu faço. Então ali aparece coisas que foram bem feitas, então eu tenho uma lista de verificação, aonde tem todos aqueles itens que eu mandei pra ti. Então ali tem como que tem que ser a junta a alvenaria, como que tem q ser a verga, tem todos os procedimentos ali. Pra que também a pessoa quê está construindo saiba como ela vai ser avaliada, de que forma ela vai ser avaliada.
E: Tá, mas e esse aí é só números, itens, ou também tem o...
PR2: Tem, tem, mas normalmente são fotos com uma explicação, com uma pequena explicação...
E: Mas tem um texto?
PR2: Mas tem um texto.
E: E existe um outro tipo de relatório além desse? Na área de edificações, de forma geral, ou aqui, levando em conta os teus serviços que tu faz lá na Caixa e aqui na tua empresa, se existem variedades...?
PR2: Olha, normalmente a gente segue um relatório padrão, que é o relatório padrão da Caixa,pois hoje todas as obras são financiadas. Já me aconteceu aqui no nossos escritório de fazer algum um tipo de relatório, mas ai pra justiça, quando tem conflito. Por exemplo, o pessoal faz uma construção e alguém faz uma construção do lado, e aí há um dano naquela construção antiga, e ai há uma disputa judicial. Ai eles contratam a gente como perito, pode ser do réu, ou de quem tá acionando, que eu não lembro o nome técnico, e tu pode ser o perito do juiz, perito que o juiz nomeia pra desempatar. Ai sim é um tipo de parecer técnico que tu tem que dar, normalmente com prazos definidos, vem ai um e dá o parecer, ai é um bate-rebate, dos tais dos quesitos...
E: Sim, mas ai tem que ter bastante argumentos né?
PR2: Aí sim tem que ter bastante argumentos, é bem difícil de fazer, tanto que não faço mais. Paga muito mal, é muito bom de fazer, porque tem uma vibração, tem uma disputa que se estabelece. Eu fiz um aqui e gostei muito de fazer, o juiz gostou muito também da minha argumentação (risos), mas não remunera direito.
E: Sim, não vale a pena fazer, pois desgasta muito.
PR2: Não vale a pena fazer...
E: Mas claro, só seria num nível assim, para engenheiro, um técnico jamais vai fazer?
PR2: Não, eu acho que não vai fazer. Então aqui, nos temos aqui praticamente os relatórios da Caixa, que são padrão, tem esse tipo das ações judiciais, e depois tem um outro tipo de relatório que é quando dá um problema numa obra e daí chamam a gente para fazer uma vistoria e dar um parecer sobre aquilo ali, que ai é o laudo.
E: mas tu não faz parte daquela... tu é uma pessoa neutra?
PR2: Neutra... E uma coisa também que talvez tu pudesse aproveitar ai, existe na construção, em toda obra que a gente faz, a gente faz um memorial descritivo. Isso talvez pode ser uma coisa que talvez tu possa explorar.
E: Até na sala de aula né?
PR2: É, e isso tu consegue com os próprios professores de Edificações. O que acontece, quando a gente faz uma obra, o projeto, ela tem uma parte gráfica, que são os desenhos, e a parte escrita, que a gente chama de memorial descritivo. Esses memorial descritivo, em obras mais simples, ele tem uma especificação de serviços e uma especificação de materiais. A especificação de materiais, ela descreve quais os materiais que serão utilizados na obra, e a especificação de serviço diz como esses matérias serão aplicados na obra. Então por exemplo, na sala, no dormitório eu vou usar um piso flutuante, um piso de cerâmica, e na descrição de serviço diz como que deve ser assentado esse piso cerâmico, descreve a forma de execução, a maneira correta de execução do piso. Então, em obras mais simples o memorial é feito simultaneamente a descrição do tipo de material e já o serviço que vai ser feito. Em obras maiores tem um documento só de especificação de material, e um outro documento que é especificação de serviço, ai é separado, ai se chama especificação de material e especificação de serviço.
E: Tá, mas só um pouquinho, isso que tu tá falando é o memorial descritivo?
PR2: É o memorial descritivo. É que quando a gente chama memorial descritivo é um documento só, simultâneo, material e serviço, tudo junto. Em obras maiores, eles não chamam memorial descritivo, chamam especificação de material e especificação de serviço, que na verdade é o memorial descritivo, é a parte escrita do projeto. Isso seria bem rico pra ti, seria bem interessante...
E: Seria bem interessante mesmo. E o técnico normalmente numa empresa faz isso?
PR2: Faz isso, e lá no projeto final de avaliação do curso de edificações, que tem um projeto que os alunos fazem no final do curso, onde eles têm que fazer o projeto final de uma casa. E uma das partes desse projeto é o memorial descritivo.
E: É uma parte do projeto?
PR2: Uma parte do projeto, isso lá tem bastante... se tu chegar lá e pedir 'eu quero que vocês me consigam um memorial descritivo de um projeto final de avaliação' eles vão te conseguir. E ali é bom porque tem de uma casa, então é uma linguagem assim, e é feita pelos alunos.
E: E provavelmente às vezes os professores fiquem né, um pouco surpreso com o português, com a linguagem, então de repente se o professor tivesse junto na hora de fazer aquele trabalho final seria bem produtivo, enriquecedor pro aluno.

PR2: Sim, sim, isso é uma coisa que tu podes pedir lá, o memorial descritivo.
E: Assim ó, quando tu fazes esse teu relatório, pra quem tu envias ele? Para um chefe, um superior?
PR2: É, quando eu faço o relatório, tem aquela situação da Caixa, sou contratado pela empresa. Alguns relatórios eu mando pra empresa, porque ela me pediu. Teve um caso aqui de uma empresa que construiu um edifício, e do lado tinha uma chaminé antiga. Até é aqui na Antonio do Anjos, ali onde era o Lang, tem uma chaminé antiga, atrás do edifício, já caíram resíduos daquela chaminé nos apartamentos, então me pediram um laudo. A construtora me pediu um laudo sobre a chaminé, querem saber se ela vai cair, se ela não vai cair, e eu tenho que dar um parecer. Imagina que responsabilidade.
E: É mesmo.
PR2: Eu disse que ia cair, e ai ela não cai. Bom, mas eu disse que ela ia cair, pior é que se eu digo o contrário, que ela não vai cair e ela cai, ai eu to ferrado (risos). Então eu disse pra eles, esse é um laudo premeditado, porque eu tenho que dizer que ele vai cair, porque imagina se cai. Então esse é um caso, normalmente é assim.
E: Esse vai pra quem no caso?
PR2: Esse vai pra construtora que pediu.
E: E o chefe, quem é que tu imaginas, um superior teu?
PR2: É o dono da construtora, é uma outra empresa que me pediu. Dificilmente alguém vai pedir um laudo técnico interno. Laudo técnico, parecer técnico, isso normalmente se contrata uma outra pela neutralidade. Dificilmente o teu chefe vai te pedir um relatório, ele pode até te pedir um relatório de obra, vai lá e depois me faz um relatório pra saber como tá essa obra. Mas normalmente as empresas já tem padrões, já tem planilhas. Porque hoje seria um desastre pega um técnico e mandar ele fazer um relatório escrito num bom português, seria um desastre, ninguém sabe escrever mais. Então as empresas normalmente tem planilhas, 'como é que tá isso?' ai tu olha, 'me dá uma nota pra esse negócio aqui', a empresa já tem aqui um...
E: Um formulário?
PR2: ...um item definido, ai tu tem que dar uma nota. Nos meus relatórios eu tenho isso, eu tenho uma planilha onde tem o item, antes ele tem uma descrição, aquela que tu recebeste, vai ver que tem o item e uma descrição.
E: Isto!
PR2: Depois quando eu vou na obra, em vez de descrever aquilo , eu coloco uma nota pro item, se é verde se tá bom, amarelo se tá mais ou menos, se tem alguma não conformidade, e vermelho se tá ruim. Então eu tenho um relatório que ele mostra cumulativamente toda a vida da obra, quando eu chego lá no ultimo, que eu faço normalmente 6, 7 relatórios, que são 6,7 meses de obras, eu tenho lá o mapa com cores, que mostra se a obra tá boa ou não tá boa.
E: E tu tem alguma preocupação com a linguagem?
PR2: Eu acredito que eu tenho uma formação boa, até por leitura, que eu leio bastante, e eu noto que ninguém da muita bola pra leitura hoje em dia, costuma vir muito erro de português.
E: Que passa despercebido, assim?
PR2: Começa que o pessoal que trabalha em obra já não sabe falar, já é um pessoal de cultura baixa. Então isso ai já vai descompromissando todo mundo, a linguagem 'xula' é o que mais se vê.
E: Mas quando na empresa geral, quando um se manifesta de maneira mais clara, articulada, tu acha que ele acaba se promovendo?
PR2: Sem dúvida nenhuma. Mas hoje o pessoal articulado é quase um... (risos) as vezes nem dono de construtora. Agora mesmo to atendendo um cliente lá em Porto Alegre, e aquela mulher lá grita, bah, não tem nem educação pra ter uma empresa.
E: E quem tem mais acessos aos teus relatórios? Tanto em relação à Caixa como esses da tua empresa?
PR2: Que tipo de pessoa é?
E: É
PR2: Normalmente são engenheiros que recebem o relatório.
E: E lá na Caixa ele circula, ele tramita por vários? Fica a disposição?
PR2: Dependendo do interesse sim. Porque muitas vezes quando o relatório tá bom ele circula pouco, porque a pessoa que recebe, tá bom, ai dentro da Caixa tem uma hierarquia. Ai se tem um problema, ele vai pro primeiro degrau da hierarquia, e vai consultar. Bom, se a coisa é muito grossa, pode ir até o superintendente. Aí o superintendente vai dar uma voadora na construtora. Aí depende da gravidade do problema.
E: O tramite vai depender disso ai...
PR2: Da gravidade do problema.
E: Então tá, vou encerrar por aqui.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – Empresa da área de Química
E: Primeiro vou te perguntar sobre relatório geral, em seguida eu passo sobre o relatório mesmo, de treinamento, de viagens, tá?
PR3: Até porque tem vários tipos de relatórios.
E: É, exatamente. Então vocês produzem relatórios?
PR3: Sim, vários relatórios, relatórios sobre treinamento, relatório sobre... Não sei se por exemplo dados tu chama de relatórios também, por exemplo indicadores, relatório sobre treinamento... São dados né?
E: Isso, uma atividade que alguém tem que relatar, contar...
PR3: São dados que são transformados em informações. Então por exemplo, a gente tem horas de treinamento do funcionário, então tu tem que emitir mensalmente um relatório, mas é uma planilha na verdade, não é tanto

texto, ai tu tem indicadores na verdade né? E claro, por exemplo, tu sempre vai analisar esses dados, ai a gente vai colocar um parecer a partir daquilo ali né, a partir dos dados que tu tem.
E: Tá, não deixa de ser também um parecer...
PR3: É, um relatório, são atas, assim, na verdade a gente faz analise de dados. E aí de treinamento sim, daí existe um formulário especifico, que daí se a pessoa foi num treinamento, quando ela retornar ela vai colocar o que foi visto nesse treinamento, se ela achou válido ou não, o que ela tem de sugestão de melhorias a partir do treinamento, coisas que poderiam ser implantadas na empresa, nesse sentido.
E: Tá, muito bem, outros tipos? Tu tens alguns outros, além desses?
PR3: Atas...
E: Não... Ata não deixa de ser relatório, vai relatar o que aconteceu...
PR3: Não, relatório... Por exemplo, se tu for fazer uma visita externa, depois tu vai apresentar um relatório do que que tu viu.
E: Mas assim, eu vejo que nas outras empresas tem relatório de, sei lá, até relatório de sustentabilidade, tem relatórios de finanças, tem relatórios de auditoria...
PR3: Tem também. Relatório de auditoria a gente tem. A gente tem auditoria interna, no caso né... Existe um formulário padrão, especificamente tu vai colocando, tem a questão da linguagem, a pessoa utiliza bastante a língua portuguesa, ai tu vai colocando tudo...
E: Tem que articular as idéias em forma de texto...
PR3: O que tu encontrou, o que tu tens de sugestões, de melhorias para aquele setor...
E: Interno né? São os funcionários que fazem, é tipo uma avaliação?
PR3: É, ai sempre assim, auditoria interna na verdade sempre uma pessoa de um setor vai auditar outro setor. Digamos assim, eu sou da parte administrativa, vou auditar atendimento, laboratório, entendesse? Ai inicialmente assim, antes da auditoria a gente faz uma lista de itens que a gente vai investigar naquele setor. Depois a gente vai lá, no caso, verificar em bloco como é o funcionamento, ai depois coloca um parecer, se aquilo tá atendendo o que foi estabelecido, ou não, se não atende daqui a pouco vai gerar uma não conformidade, essa não conformidade depois tem outros tramites que depois tem que ser feitos. A gente tem outros, que a gente chama de PACs e PAPs, só que na verdade assim, a gente escreve, mas tudo é informatizado na verdade. Por exemplo assim, o PAC é um plano de ação coletiva, digamos, tu tem um problema, tu tem que corrigir esse problema, tu vais tomar ações pra corrigir esse problema. Essas ações tem que ser descritas, e ai conforme tu vai desenvolvendo tu vai vendo se solucionou, se tu conseguiu eliminar a causa do teu problema ou não, até tu chegar lá e dizer 'Olha, tomei tais, tais e tais ações.', ai lá no final diz 'Olha, problema foi solucionado? A causa foi eliminada? Foi.', ok, então fechamos o PAC, que seria o plano de ação coletiva.
E: Ah tá.
PR3: Tem o preventiva também, que é o plano de ação preventiva, não é um problema, mas pode vir a se tornar um problema, então tu vai agir preventivamente, da mesma maneira como no de coletiva, só que preventivamente, na verdade tu vai ta pró agindo para que aquilo não venha a se tornar um problema. Então tem isso, no caso, os PACs, os PAPs. Tem, por exemplo, se o cliente lhe reclama, tem a reclamação de cliente, RRC – relatório de reclamação de cliente – na verdade são vários itens então sempre a pessoa tem que descrever o que aconteceu, qual foi a reclamação da pessoa, aquilo foi considerado, como se diz... procedente ou não. Daqui a pouco o cliente ta reclamando de uma coisa que na verdade não procede, entendesse? Ai a gente vai avaliar, então se é procedente que ações tu vai tomar, que que tu fez, tu deu retorno pro cliente, todas as ações que foram tomadas para solucionar aquela situação especifica tem que ser em relatório né?
E: São formulários?
PR3: São formulários.
E: Mas tem texto também? A pessoa que vai redigir ela precisar explicar?
PR3: A pessoa que tem que explicar tudo, ele só tem os itens. Por exemplo assim, reclamação de cliente, ela tem um número, tem o nome do cliente, tem o número do registro, tem data, tem numeração seqüencial, por mês. Mas ai depois a descrição da reclamação a pessoa tem que fazer, a identificação da causa a pessoa tem que fazer, as soluções que foram tomadas a pessoa tem que escrever...
E: Ótimo. Ai o conhecimento da língua é importante né?
PR3: Exatamente. São formulários pré-impressos, mas que a pessoa que tem que preencher. Pra todos eles no caso é o que eu digo, esses três assim, o relatório de (incompreensível) externo também, as atas que é uma coisa importante, pois nós temos bastante reuniões, e a pessoa tem que saber redigir atas de forma clara, a questão da letra também é um aspecto fundamental, que as vezes a gente tem dificuldade de entender né. Os relatório de auditoria...
E: Externamente assim, essas (imcompreensivel) vocês não tem que fazer relatório?
PR3: Não, também temos. Quando vem essa auditoria eles vem fazer o check in para ver se a gente tá atendendo tudo o que foi estabelecido. Então, eventualmente, se houver o que a gente chama de não-conformidade a gente tem um prazo para atender aquilo ali, para buscar solução para aquilo ali. Então pra tu dizer o que que foi feito para solucionar aquele problema que foi identificado, tu faz através de relatório. Tudo informatizado, mas daí tu vai escrever um texto justificando pra eles, olha, eu tomei tais e tais ações, eu criei esse livro de inspeção, enfim, tudo que a pessoa fez para solucionar aquilo ali, todas as soluções que a empresa tomou para solucionar o problema, vão ser encaminhadas, no caso, para a auditora, que veio auditar. Ai ela vai avaliar se aquilo ali entende ou na, se atende ai ela vai fazer o fechamento dessa não-conformidade no caso.
E: Então, pelo que tu ta me dizendo relatar é uma coisa importante dentro da empresa?
PR3: É, outra coisa que acontece também é a questão das não-conformidades e falhas. Então, não-conformidade parece uma coisa forte, mas, por exemplo, pra tu ter uma idéia, durante o processo, vou te dar um

exemplo bem simples, tu pode ter, por exemplo, um erro num rótulo. Vamos dizer que a pessoa tenha escrito o nome do paciente errado. Ai a atendente registrou errado, passou pela informática e a informática não viu, passou lá pela revisão e a revisão não viu, ai chegou lá na hora de colocar o rótulo na fórmula e a menina se deu conta, que aquilo tava errado, que o nome do paciente tava errado. Ai ela vai lá, vai corrigir, só que a gente registra uma falha, porque na verdade lá no atendimento, quando a menina registrou ela cometeu um erro, ela registrou errado. Porque claro, foi detectado antes de chegar pro cliente, mas poderia ter chegado o nome errado pro cliente e daqui a pouco gerar uma duvida nele, será que é meu, será que não é? Digamos que lá na rotulagem, na hora da menina colar o rotulo do cliente ela se deu conta, então ela o faz. Se ela, no caso, não se desse conta na rotulagem, e passasse para o outro nível, que é o ultimo antes de chegar na mão do cliente, daí a gente já considera como uma não-conformidade, porque é uma coisa mais grave, porque já passou por todo restante do pessoal, ninguém viu, só a menina detectou, e se ela não visse iria chegar errado pro cliente. Ai a gente já considera mais grave, uma não-conformidade. E para isso ai, claro, tem coisas que já são padrões né, mas tem falhas que acontecem lá, uma vez por ano, que não tão padronizadas no sistema, e ai, quando acontece essa falha, tem que registrar que aconteceu a falha tal, no setor tal, na situação tal, então tudo é relatado no caso. E na verdade assim, todo mundo, independente do cargo, acaba passando por essa parte de relatórios, e tudo mais.
E: Aí eu queria ouvir com as tuas palavras, qual a importância do relatório dentro da empresa?
PR3: Eu acho que é fundamental, porque baseado nele tu tem dados, tu tem informações, e tu vai poder as tomadas de decisões. Se tu não tem informações tu vai decidir em cima de que? É a mesma coisa na questão de um relatório de treinamento, daqui a pouco tu encaminhou algumas pessoas. Ai se tu viu que não houve o aproveitamento, tu não vai mais fazer investimento naquele treinamento ali, de repente tu vai buscar outras pessoa, mais qualificadas, outras instituições, para oferecer a qualificação que tu busca. Na verdade relatórios, dados, informações são importantíssimos para as tomadas de decisões, tu direcionar o caminho da empresa e tudo mais.
E: E a partir também dessas conclusões, se desenvolve projetos, idéias novas né?
PR3: Exatamente, vai te dar o rumo, olha, se tal situação a gente ta constatando que não está tendo retorno, então tá, qual seria outra alternativa, tal, tal e tal. Claro, a gente em muitas reuniões, a gente discute muito, então não é tudo só assim, embora tenha muito papel, muita parte burocrática, até porque o próprio sistema exige isso, mas a gente tem muita reunião, debate, discussão, o (incompreensível), pensar idéias, quem sabe isso, quem sabe aquilo, quem sabe aquilo outro, até que a gente chega em alguma coisa e é isso a solução, vamos por esse caminho, acho que é mais ou menos isso.
E: Mas pra registro é importante né?
PR3: Sim, tudo se registra também, como te digo, em atas né? Porque se aquilo ali não é registrado, de repente um se lembre e outro não se lembra, então tudo tem que ser registrado, o que foi decidido, o que foi resolvido, daí a gente registro muito é nas atas.
E: Não sei se vai se tornar repetitivo, mas agora só se pensando em relatório de viagem, de treinamento, de visita... Qual é o objetivo? Pensando só nesse tipo de documento...
PR3: Qual é o objetivo? Saber o que que foi visto, saber o que a pessoa achou daquele treinamento, se ele agregou , se não agregou, e se agregou o que trouxe de novidade pra pessoa, de coisas novas, que a gente possa implementar dentro da empresa e possa melhorar a empresa como um todo, esse é o objetivo desse relatório.
E: E tem então repercussão efetiva, não é apenas um registro, tem que ter um retorno né?
PR3: O que acontece, é feito esse relatório, e daí depende, dependendo do caso, do funcionário, ou é apresentado para a direção, digamos que seja um gerente, um responsável de setor, então ele é repassado para a direção diretamente, que vai avaliar, gostei disso, gostei daquilo, acho que a gente pode tentar implementar isso, e ai retorna pra pessoa, e a pessoa dá segmento para implementar essas melhorias que foram sugeridas. No caso, de ser um subordinado, por exemplo, tem o responsável lá do setor de atendimento, ai uma menina dela foi fazer um treinamento, voltou, trouxe as sugestões, ai vai ser passado para a responsável pra que ela de seguimento e possa implementar aquelas melhorias no caso. No caso se é viável, porque a gente avalia também a viabilidade.
E: Porque de repente a idéia é boa, mas não é viável aplicar...
PR3: Isso.
E: Então assim, diferentes funções, diferentes posições, diferentes cargos, fazem relatórios, não é só... Mais baixo, mais alto, não?
PR3: Não, diferentes funções... A direção faz relatórios, as gerencias fazem relatórios, os responsáveis fazem relatórios, as pessoas diretamente envolvidas no processo fazem relatórios... Porque por exemplo, quando tiver uma falha, qualquer um pode registrar essa falha especifica, tem formulário específico, todos são treinados, orientado a como devem preencher.
E: Então aquele funcionário lá de base ele faz relatório também. Ai ele envia esse relatório a quem? Normalmente tem uma hierarquia?
PR3: Depende do que que é o relatório. Daqui a pouco pode ser um relatório para responsável de setor...
E: Esse de treinamento que a gente tá falando mais, de cursos...
PR3: Como te falei, dependendo, ou vai pro responsável...
E: Mas é sempre um cargo mais alto?
PR3:Exatamente, ou vai pro responsável, ou diretamente pra direção, entendesse? Daqui a pouco até pode ser para uma pessoa lá... É que a gente sempre procura obedecer a essa questão de hierarquia, até porque a

menina que é lá atendente não tem porque fazer um relatório e passar pra direção, até porque a direção tem outras...
E: Mas pode chegar também, se de repente a idéia é importante?
PR3: Exatamente, vai depender do que for colocado, pode chegar. Mas normalmente o que acontece, há essa questão da hierarquia, o responsável, gerente, vai fazer um relatório pra direção, a atendente vai fazer para o responsável de setor, pode passar também. Memorando é uma coisa que a gente utiliza muito também, e a gente vê que é importante porque as vezes as pessoas escrevem, escrevem, escrevem e não conseguem explicar o que elas querem. Eu tenho isso assim, a questão de memorando assim as vezes a pessoa fala, fala, fala, a gente tem o memorando interno, e ela escreve, escreve, escreve, chega no final tá, mas eu não entendi. Às vezes a questão da clareza, da objetividade, a pessoa fala, fala, fala e não consegue te dizer o que ela quer dizer com aquilo, ou é a informação mais importante que tu precisava e não consta ali (risos). Então eu controlo essa questão de ponto, e digamos que a pessoa fez algum horário diferente, então eu peço pra que elas anotem no livro o que aconteceu, e ai eles escrevem, escrevem, escrevem, e tá, não entendi, e no fim das contas eu não sei que horário que ela saiu e que hora ela voltou. O que é importante não consta ali, ela justificou que ela foi com a filha, não sei o que... Que não me interessaria o que ela foi fazer, e o importante pra mim que era ela colocar o horário que ela saiu, o horário que ela voltou, ela não colocou, as vezes falta essa questão.
E: Eu não tenho essa pergunta, mas, em geral, tu achas que as pessoas têm dificuldade de expressão, de redigir, de redação?
PR3: Eu acho que sim. Não são todas, mas muitas pessoas tem.
E: E isso é um problema para a empresa?
PR3: É, com certeza. Porque nessa situação que eu precisava saber eu não sabia ai tu tens que recorrer a pessoa, e dizer olha, tu escreveu, escreveu mas eu não entendi. Gera um transtorno, uma perda de tempo, então aquela ferramenta acaba que não funciona, na verdade não é culpa da ferramenta, e sim da pessoa que não sabe se expressar. Não são muitos...
E: Mas tu acha que interfere no sucesso da empresa? Enfim, não digo no sucesso, mas no andamento...
PR3: É, no fluxo normal do processo, porque tipo, se a informação ta clara tu não precisa ir questionar o que aconteceu, na verdade tu tens que parar, tu tens que ir lá, verificar o que aconteceu para depois tu retomar, se não daí tu já seguir adiante, então há uma perda de tempo.
E: Bom, em relação a esse relatório de viagem, treinamento, não sei se tu poderia me dizer o que mais ou menos eles colocam, que assunto que se coloca, se fala disso, se fala daquilo, quais são os temas?
PR3: Como eu disse, o que a gente coloca, descrever o que foi visto no treinamento, ou conteúdo programático, ou algo em forma de tópicos (...), objetivo do treinamento, o que foi visto no treinamento, o que a pessoa achou do treinamento, se foi valido, se não foi valido, porque, e depois, a partir do treinamento, o que ela teria de sugestões de melhoria pra empresa, e claro, os dados dela, dados completos da pessoa...
E: E as datas, essas informações...
PR3: É.
E: Tá, tu falastes da questão da hierarquia, aquele funcionário de base, o relatório que ele faz de viagem, de treinamento, fica a disposição de outros ou vai direto? Outras pessoas tem acesso nesse primeiro momento? Como é que ele tramita aqui dentro?
PR3: Não, a principio as outras pessoa não. É bem como eu te digo, é pra quem vai avaliar aquele treinamento, avaliar se ele foi eficaz, se ele não foi eficaz...
E: É para o nível superior e os outros não, a menos que tenha uma repercussão, ai claro que essa idéia vai adiante... Mas no primeiro momento ela faz direto pro chefe dela?
PR3: Isso.
E: E os outros relatórios, não tem relatórios que circulam online? Que todo mundo tem acesso, que olha, fulana fez tal coisa, aparece ali o relatório, ai ela conta...
PR3: Não, o que acontece... Vamos pegar outro exemplo, de falha especifica, de uma situação que não aconteceu, ai eventualmente acontece, ai a pessoa, digamos, relatou. Ai isso ai vai ser repassado para a pessoa que é encarregada dessa parte de sistema de qualidade, ai ela tá lá, vai avaliar, esses dados são repassados para a direção, que também avalia, e depois a gente faz a analise também na reunião mensal, de avaliação de resultados, a gente faz a analise desses relatórios também. Claro, daqui a pouco a pessoa ta preenchendo e tem algum colega do lado e que ela pode ta vendo o que ela preencheu, mas não que seja função do colega ver, na verdade é mais a nível gerencial e de responsáveis mesmo.
E: Então deixa eu ver se eu entendi, a maioria dos relatório feito na empresa, o receptor desse relatório é um gerente, é um chefe, de forma geral é. Não que a outra pessoa não tenha acesso, pode ate ter, mas...
PR3: É, mas não pra tomadas de decisões. Na verdade a gente ta vendo mais a questão do português, do escrito, por exemplo, relatório de quantidades, ai tem mais, a pessoa faz, vai lá pro outro setor, a questão de produção, então nesse sentido assim até tem. Mas relatórios escritos é mais realmente pra direção, em termos de numero a gente tem entre os outros também, mas não escritos no caso, que envolvam português.
E: Ah tá, os outros no caso são informações rápidas, numéricas...
PR3: Isso, mais numéricas, que ai tem bastante informação numérica.
E: Mas esse outro que tem que se justificar, se posicionar, dar idéia pra uma tomada de decisão, normalmente é com chefe superior.
PR3: Isto, que ai tu vai relatar também, normalmente é pra direção.
E: E quanto tu fazes um relatório pra tua chefe, que cuidados tu tem na hora?
PR3: Em questão de português, da escrita ta correta, da objetividade, de procurar, bem isso que eu te digo, da informação ta clara e compreensível pra pessoa que ta vendo, porque não adianta usar termos maravilhosos e a

pessoa não entender o que eu quis dizer com aquilo. Tem que ter uma linguagem clara, tem que haver coerência entre o texto, da idéia, que tu comece que tu termine, introdução, desenvolvimento e conclusão...
E: E tu usa primeira pessoa, eu, ou tu costuma usar nós, o grupo, a empresa?
PR3: Eu uso mais nós, a empresa... Tipo, um relatório desses de treinamento externo, tu vai falar na terceira pessoa, o que foi ministrado no treinamento, o que aconteceu... O eu não utilizo muito, mais acho que é nós, a empresa.
E: E já teve caso de fazer um curso, um treinamento que não valeu a pena, ou a maioria tu procura priorizar?
PR3: Tem uns que não vale a pena né (risos). É que aquela coisa, quando tu vai, a gente tem muita questão de treinamento aqui, e as vezes tu vai num treinamento e tu te depara em uma situação que as pessoas sabem menos que a gente, e ai a gente fica meio frustrado, nossa, perdi meu tempo. Sempre a gente aprende alguma coisa, mas não é aquela coisa, como a gente tem qualificação o tempo todo, os outros as vezes tão aquém da gente, as vezes tu vai e diz bah, eu esperava muito mais que isso porque realmente tu quer aprender muita coisa. Mas acho que é uma questão da empresa, porque aqui a gente é muito exigido, aqui a gente tem muita qualificação, é uma empresa que ta mais voltada para os grandes mercados do que propriamente pro mercado de Pelotas, então tu tá além. Às vezes as coisas que acontecem tu diz ah, isso eu já vi. Muitas vezes a gente trabalhava com pessoal da Católica, o pessoal de psicologia, ai sempre eu já questionava eles assim, o que vocês vão fazer de dinâmicas, o que vocês vão fazer de trabalho, pra ver se a gente já não fez. Porque isso ai já aconteceu, uma vez a gente arrumou uma psicóloga para ministrar um treinamento, e algumas daquelas pessoas inclusive já tinham feito um treinamento com a mesma pessoa, com outro nome, e ela tava apresentando as mesmas coisas, e ai o pessoal fica meio frustrado, porque isso ai eu já vi, por isso a gente tem que ver o conteúdo, o que consta, porque tem muita coisa que a gente já viu.
E: Mas ai quando tu coloca num papel tu é bem sincera, tu tem essa liberdade de dizer...?
PR3: Ai se coloca, porque s prioriza a qualidade, porque o investimento tem que dar retorno, se não acrescentou na verdade não tem porque tu encaminhar mais outra pessoa para fazer aquilo ali se não acrescenta nada, é custo para a empresa que não tá dando retorno.
E: E é como tu disseste, de repente tem outro nome, então a pessoa que vai escolher, não sei se é a gerente, funcionário... Que ela se atente justamente pro conteúdo que vai ser dado.
PR3: É, e às vezes é aquela coisa, tu tens um grupo grande, e aconteceu de várias pessoas perderem o entusiasmo por aquilo, e ai depois tu questionar 'olha, o que aconteceu?', porque a gente já tinha visto tudo, a gente já tinha feito um treinamento com ela... e o conteúdo era o mesmo. Ai a pessoa tem que se ligar nisso, só um pouquinho, esse conteúdo eu já trabalhei com a empresa lá.
E: E acontece assim, não só em Pelotas, mas os funcionários irem a Porto Alegre, São Paulo, fazer um treinamento maior...?
PR3: Em Porto Alegre o pessoal vai. O que acontece, a gente tem um programa que a gente participa que é assim, das farmácias de todo pais, antes a gente, o pessoal tinha que se deslocar para Porto Alegre para fazer o treinamento, e aí como é o pessoal assim, que trabalha no atendimento, que trabalha no laboratório, a empresa não pode parar, não pode tirar todo teu pessoal e parar a empresa para ir lá fazer o treinamento, normalmente os treinamentos eram finais de semana, sábados, domingos... Depois a gente até conseguiu lá na Católica que o pessoal colocou uma antena e a gente fazia a recepção lá, que era da TV Farma, ai depois a gente adquiriu uma antena aqui, então o pessoal já assistir aqui, com a tecnologia foi melhorando, já não é mais necessário ter o custo com alimentação fora, passagem, hospedagem... Então já faz o treinamento aqui, no horário que é melhor pra pessoa, às vezes até tá dando na transmissão e a gente grava, ai depois a gente passa pro pessoal num horário melhor ainda do que tá sendo transmitindo, ai tudo isso ai facilita.
E: Mas é dentro do horário de serviço?
PR3: Dentro do horário de serviço, às vezes a gente faz fora, mas aí no caso o pessoal recebe hora extra.
E: Mas do mesmo jeito assim, o custo pra empresa é menor.
PR3: É, mas às vezes, por exemplo, pra uma pessoa ta dentro do horário e pra outra tá fora do horário. Mas mês assim o custo reduziu muito, mesmo que tu pague hora extra...
E: E esse tem que fazer um relatório no caso?
PR3: Na verdade esse daí tem que fazer prova, não é relatório, tem que fazer prova, de marcar mesmo, tem opções...
E: Mas quem é que elabora essas provas?
PR3: É o próprio curso, na verdade é de São Paulo, vem de São Paulo, é transmitido pra todo país, o pessoal assiste, tudo é por site...
E: Mas se surgir uma idéia nova, vocês discutem depois? Não fica essa idéia nova que foi lançada no curso...
PR3: Sim, ai tem discussão, tu pode mandar perguntas, tu pode mandar questionamento, sugestões, mas ai...
E: Reuniões, pra discutir se a empresa vai seguir aquilo ali?
PR3: Ai é mais a nível de direção mesmo, porque no caso essas tomadas de decisões, qual o rumo que a empresa vai tomar, ai é mais a nível de direção, a direção é que vai definir isso eu quero, isso eu não quero mais.
E: Vamos pensar nesse treinamento, existe uma periodicidade? Mais ou menos eu faço tantos por mês...
PR1: De treinamentos externos?
E: É, relatório de treinamento, é freqüente ou tu faz uma vez por ano?
PR3: É como eu te digo, agora a gente tem toda uma nova modalidade. Na verdade é quando se oportunizamos treinamentos. Quando tem uma proposta de treinamento, a gente avalia se aquele tema é interessante, se a gente tem alguém pra encaminhar, e daí, no caso quando a pessoa retorna aqui ela faz o relatório. Mas não tem uma periodicidade, é quando o mercado proporciona.

E: Não tens idéia por mês, pelo menos um ou dois fazem?
PR3: Não, não é uma quantidade tão grande assim.
E: Esse de treinamento?
PR3: É, externo, Porto Alegre, outras cidades, não é tão freqüente.
E: Tá, e esses de Pelotas?
PR3: Ah não, Pelotas assim, aqui já é mais freqüente. Agora, por exemplo, te um semana que vem que tem um que o rapaz vai fazer lá no SEBRAE, mas como eu te digo, não tem uma periodicidade porque é quando tu tem a oportunidade de ter o treinamento. Tem alguns que a gente faz em company, então a gente contrata a pessoa, ela vem aqui ministra o treinamento dentro da empresa, a gente já trabalhou muito isso com a Católica, com estagiários de psicologia. Agora mesmo semana que vem eu tenho uma psicóloga que vai vir aqui ministrar um treinamento, com o pessoal novo, ai eu pego aquelas pessoas novas que entraram na empresa, porque os outros todos já fizeram, ai, por exemplo, a parte de excelência em atendimento, ai eu treino essas pessoas novas.
E: Mas só pra eu ter uma idéia, uma vez por mês tem? De 2 em 2 meses?
PR3: É vamos botar de 2 em 2 meses, pode ser mais freqüente ou menos freqüente, dependendo...
E: Esse do treinamento, os outros relatórios eu entendi que tem uma freqüência maior.
PR3: É, o relatório esse de treinamento que a gente mencionou. Porque é como eu te digo, aqui dentro os treinamentos são vários, entendesse? Mas ai são ouras metodologias de avaliação, não é o relatório. Ai tem a prova, tem a observação, tem essa parte também.
E: Mas ai é quando vocês tão avaliando uns aos outros. É isso que tu ta falando agora?
PR3: Não, avaliação de treinamento também. Eu tenho um funcionário novo, ai eu tenho que treinar ele, mas ai como eu vou saber se ele ta apto ou não tá apto? Ou eu vou aplicar uma prova pra ele, oral, ou escrita, ou eu vou observar, ah, é uma técnica, então eu ver a pessoa desenvolver a técnica.
E: Mas ai é pra aquisição de pessoal tu diz?
PR3: É treinamento, é qualificação.
E: Ah, o treinamento que eu falo é desse que o funcionário sai para uma atividade, para um treinamento, para uma visita e tem que contar sobre aquilo ali.
PR3: É, esse daí a gente poderia considerar, talvez, a cada 2 meses digamos. Não tem uma periodicidade porque é quando acontece, porque às vezes tu até quer encaminhar uma pessoa para um treinamento e não fecha a turma, ai o treinamento é cancelado, no SEBRAE mesmo tem muito essa situação, no SENAC também acontece muito isso ai, olha, não fechou turma não adianta, não tem o treinamento.
E: Então eu acho que é isso ai... Tu tens algum cuidado especial com o relatório, que tu queiras dizer, um detalhe, algo a mais, eu to tentando me puxar (risos)...
PR3: Cuidados assim?
E: É, algum cuidado especial assim, eu procuro nunca... Sei lá...
PR3: O que que é importante que as vezes a gente vê, que pode acontecer, as pessoas são muito diferentes, ai tem pessoas que fazem a coisa meio correndo, as vezes não lêem se aquilo ta coerente, porque as vezes tu ta fazendo um relatório, ai acontece uma interrupção, ai depois a idéia que tu segue é uma coisa um pouco diferente, de tu ver se realmente ver se há uma coerência naquela idéia que tu ta colocando, de conferir se não tem nenhum erro absurdo de português, seria essa parte assim eu acho...
E: Digamos em termos de ideologia, tu acha que a empresa tem uma ideologia? A gente tem uma preocupação enorme com essa questão da sustentabilidade...?
PR3: A gente tem uma preocupação ENORME com a segurança do medicamento. Porque assim, aqui a gente lida com vidas. É uma coisa muito bem colocada pras pessoas, que às vezes, digamos, tu ta vendendo um sapato, se tu entregar um numero errado pra pessoa, ok, ela ai chegar em casa, vai voltar e vai trocar. Mas medicamento não pode acontecer isso, tu não podes entregar medicamento errado, não pode entregar dosagem errada, porque qualquer coisa às vezes pode ser fatal, daqui a pouco a pessoa pode não se dar conta, até porque muitas vezes são muitas pessoas idosas, às vezes as pessoas nem lêem o que tão tomando, não tem conhecimento mesmo... A nossa preocupação aqui na empresa é garantir que o cliente, o medico, vai receber aquilo que ele pediu, e todo mundo trabalha pra que isso aconteça da melhor maneira, sem falha, sem erros, para que a empresa cada vez cresça mais, e trazer benefícios para a sociedade, pros médicos, pros pacientes, pra sociedade com um todo. A preocupação mesmo é essa, segurança do medicamento, o medicamento tem que ser aquilo que o cliente, que o medico pediu, sem mais nem menos, é aquilo ali.
E: E em relação à humanização dentro da empresa, entre os funcionários, tem uma preocupação para que o funcionário se sinta bem, que se sinta amparado?
PR3: A gente tem essa questão do treinamento, que é a questão da qualificação, mesmo que seja uma pessoa da limpeza, é uma pessoa diferenciada de um outro local, porque ela tem um treinamento, ela tem uma qualificação , ela é tratada de igual para igual, tem a questão da preocupação da saúdo do trabalhador, a gente tem ginástica laboral, eles tem intervalo de lanche, a gente procura trazer muito a questão da família também, a gente não desenvolve coisas só para os funcionários, tipo, comemorar o dia internacional da mulher, tem empresas que dão alguma coisa pro seu cliente, mas para o seu funcionário? Ele é valorizado? Dia do farmacêutico, dia do químico, dia internacional da mulher, dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, dia do amigo... É um monte coisa assim, é confraternizações, ter uma equipe unida, equipe motivada...
E: Manter a motivação, como é importante...
PR3: É, motivada. Então a gente procura fazer as confraternizações, a gente tem os dias da qualidade que a gente chama, que são dias diferentes, temáticos, que a gente procura trabalhar com um tema, ah hoje a gente vai trabalhar paixão, hoje nós vamos trabalhar a qualidade de vida, então a gente procura fazer coisas diferentes

para que eles se sintam bem. A gente tem uma infra estrutura muito boa, que muitas empresas não oferecem a infra estrutura que agente tem, com condições adequadas de climatização, de sonorização... Então acho que tudo isso ai contribui.
E: E essa questão também da sustentabilidade, tu achas que é valorizada, no sentido de aproveitamento, em relação a natureza, ao meio ambiente?
PR3: Na verdade, eu acho que deveria ser mais, mas a gente tem uma dificuldade. Se tu vai avaliar tudo que a gente coloca de potes, na natureza, quando tu vai ao almoxarifado, tu te apavora. Mas é aquela coisa, tu já fez analise, quem sabe não retornam esses potinhos pra gente, a gente vê a questão de reciclagem... Só que ninguém quer, ninguém faz, ninguém tem equipamento... Então, eu acho que assim, eu, pessoalmente, me apavoro com a quantidade de potinhos, se tu for no almoxarifado tu vai ver, nossa, quanto pote, e daqui a um mês não tem mais nada daquilo, e onde é que foi parar tudo aquilo? Outra questão, resíduos, a gente praticamente não tem, mas a gente tem essa questão do potinho, do papel, da sacolinha, só que a gente tem que ter muita mudança pra acontecer para que diminua isso. Porque, na verdade assim, mesmo que tu queira, mas tu vai recolher, tu vai fazer o que com isso? Tu teria que ter alguém, alguma empresa que aceitasse, que reciclasse, e as vezes não tem né.
E: E só pra terminar, tu fizesse o IF né?
PR3: Fiz, eu me formei em 96, minha formatura foi em 97...
E: E tu achas que na disciplina de língua portuguesa seria importante trabalhar, por exemplo, relatório, levar modelos que se trabalhasse?
PR3: Eu acho que sim, até porque a pessoa vai ter que fazer depois, senão ela vai ter dificuldade... Vai acontecer da pessoa ter que fazer esses relatórios, e ela já tendo visto isso na pratica, talvez a dificuldade seja bem menor, tendo visto isso no curso, porque não adianta a gente só lá trabalhando texto, e não ligar essa questão da teoria com a pratica, o que acontece nas empresas
E: Projetos, textos que realmente são trabalhados na empresa que pudessem ser trabalhados dentro da instituição...
PR3: Com certeza, acho muito importante.
E: Então tá, muito obrigado!
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA – Empresa da área de Eletrônica (Houve problema na gravação, por isso as perguntas foram refeitas ao produtor de relatório via email)

1) Fale sobre a importância de produzir relatórios para a empresa. (Qual é a relevância dele na empresa? O que motiva sua elaboração na empresa?)

Os relatórios são fundamentais para a empresa pelos seguintes aspectos:

Decisões gerenciais são tomadas baseadas nos dados descritos nos relatórios.Podemos ressaltar que independentemente da área de origem de um relatório ele tem uma função principal de registrar informações técnicas, científicas, financeiras e/ou administrativas.
Portanto, a relevância dos relatórios na empresa pode ser definida como um registro de dados e fatos, que enfatizam o passado, o presente ou até mesmo as tendências para o futuro.
A motivação para a elaboração de relatórios pode ser determinada pela necessidade de registrar as informações que serão utilizadas pela empresa, considerando que os relatórios fazem parte do acervo da empresa.

2) Fale especificamente sobre o relatório de viagem, visita técnica e treinamento. (Quem normalmente produz e para quem normalmente é enviado? Qual é a relação entre ambos? Quem tem acesso, quem lê? Onde circula (via rede e/ou material impresso)? Existem modelos pré-estabelecidos? Com que frequência é feito? Que tipo de linguagem é utilizada? Qual é sua relevância e o que motiva sua elaboração?)

Relatório de Viagem
Documento elaborado pelo empregado viajante. Este relatório é encaminhado ao chefe imediato do empregado. Sua função é de registrar os assuntos tratados pelo empregado na sua viagem.

Visita Técnica
Este relatório tem a função de registrar os dados e fatos relevantes pelos técnicos da empresa. Por exemplo: a empresa faz a aquisição de um equipamento no Brasil ou exterior e, necessita saber se o equipamento está sendo fabricado conforme as normas técnicas e de acordo com o contrato firmado entre as partes (empresa – fabricante). Então, a empresa envia técnicos para realização da inspeção. Esta inspeção origina o Relatório de Visita Técnica.

O Relatório de Visita Técnica também é elaborado quando um técnico faz uma visita numa unidade industrial ou instituição, para conhecer e trocar de experiências técnicas.

Relatório de Treinamento
Relatório elaborado pelo empregado quando recebe treinamento.

Qual é a relação entre os relatórios?
O Relatório de Viagem pode receber o nome de Relatório de Visita Técnica, no caso da viagem ser de uma visita técnica. A empresa possui quatro unidades operacionais, além da Sede. Portanto, desta viagem poderá surgir um Relatório de Viagem.

Quem tem acesso, quem lê?
Normalmente a leitura é feita pelo chefe imediato do autor do relatório. Dependendo do assunto e da sua importância o relatório é levado à outra instância.

Onde circula (via rede e/ou material impresso)?
A empresa possui um Sistema de Informações SAP. Atualmente os Relatórios são arquivados em cópias digitais (digital copy). Os relatórios que necessitam ser inseridos nos Processos Administrativos da empresa são impressos. Os Processos Administrativos da empresa ainda não são digitais.

Nota: A “hard copy” (cópia impressa) está cada vez mais sendo evitada.

Existem modelos pré-estabelecidos?
Seguem Modelos em anexo:
Resolução de diretoria que RES 144/2009 - Padronização dos documentos internos e externos a serem utilizados no âmbito da Companhia. Relatórios utilizados pelas Diretorias da empresa – Estrutura do Relatório;
Com que frequência é feito?
Na empresa a todo o instante estão sendo gerados relatórios.

Que tipo de linguagem é utilizada?
A forma da redação é livre, mas a experiência mostra que devemos:
Atribuir a forma de tratamento correta;
Sempre que possível utilizar a primeira pessoa do plural - “nós”.

ANEXO C- RELATÓRIOS DE VIAGEM/TREINAMENTO/VISITA TÉCNICA DE CIRCULAÇÃO EM EMPRESAS DA ÁREA DE QUÍMICA, EDIFICAÇÕES E ELETRÔNICA

1 – EXEMPLAR 1

RELATÓRIO DE VIAGEM DA MISSÃO TÉCNICA À ALEMANHA
CAPA
SUMÁRIO
1 – Apresentação
O presente relatório tem por objetivo apresentar os resultados da missão técnica à Alemanha realizada pelos técnicos da empresa x, Fulano, coordenador da área x e Sicrano, coordenador da área y, no período de 29 de abril a 05 de maio de 2000. A referida missão foi viabilizada pelo Projeto x tendo como ponto principal a participação na Feira Y na cidade de Colônia que é o maior encontro de expositores de equipamentos destinado à industria de confecção da atualidade, reunindo os maiores fabricantes mundiais com todo o seu aparato tecnológico, disponível e em desenvolvimento, em um único espaço.
2 – Equipe Integrante da Missão
A Missão Técnica à Alemanha foi composta por 07 integrantes x, y, z...
Durante sua permanência na Alemanha, o grupo teve apoio de um coordenador local, o Sr. x, que além de organizar todas as suas necessidades (hotel, locomoção) foi o tradutor facilitando a assimilação das explicações proferidas durante as visitas.
3 - Detalhamento das ações
3.1 Agenda do dia 29/05
A programação deste dia foi uma visita a Escola Superior Técnica de Niederrhein – Departamento têxtil e de Confecção do Vestuário em Mönchengladbach. Na oportunidade foram visitados todos os setores da cadeia Têxtil/Confecções .
Informações gerais sobre a Universidade Monchenglabach.
A universidade possui capacidade para 800 alunos simultâneos embora não esteja no momento utilizando todo o seu potencial. Essa entidade foi desenvolvida para atender a necessidade interna da Alemanha de técnicos na área Têxtil/Confecções, entretanto com as mudanças ocorridas nestes tempos de globalização atualmente a universidade está preparando pessoas para atuarem em outros países principalmente os do Leste Europeu e os do Norte da África.
3.1.1 Visita ao Laboratório - CAD/CAM
Responsável Técnica: Srª X
Durante a visita ao laboratório foi apresentado ao grupo a nova versão do software de modelagem Grafis na versão 8.0. O grande destaque desta versão é a integração com câmaras de leitura corporal em duas
(2D) e três dimensões (3D). A fim de ilustrar foi feita uma demonstração na câmara de duas dimensões (2D) que possui o seguinte princípio de funcionamento: A pessoa que vai ter suas medidas reconhecidas pelo sistema é posicionada em um local pré-determinado e através de um jogo de espelhos manipula-se a imagem obtida até que se obtenha imagens paralelas. Uma câmara de vídeo capta esta imagem a qual é selecionada e transmitida de forma congelada a um software que reconhece as medidas pelas diferenças de extremidades entre pontos do sistema.
(Fotografias): Espelhos paralelos com imagem coletada da cabine 2D; Câmera de vídeo para captação da imagem projetada nos espelhos; Software de leitura de medida capatada nas imagens; Corte automático baseado nas medidas realizadas pelo sistema.
Estas medidas são lançadas então no módulo de modelagem e as medidas identificadas servem como parâmetro para confecção de roupas sob medida. Na oportunidade foi feita o corte de uma peça – através de uma mesa automática de corte – para o modelo utilizado na demonstração, no caso a Sra. x
3.1.2 Participação de Aula Presencial do Sistema Grafis
Responsável Técnica: Srª X
(Fotografia)
Nesta aula foram apresentadas e discutidas as funções principais do sistema grafis, quanto a ampliação, redução, adaptação e criação, para 22 alunos. A aula que presenciamos faz parte do curso de Construção, Desenvolvimento de Produtos e Modelagem, que é realizado em 4anos.
3.1.3 Visita ao Laboratório Têxtil
Responsável Técnico : Prof. Y
(Fotografia)
Durante a visita foram apresentados os laboratórios de Fiação, Tecelagem e Acabamento onde foi explicado o princípio de funcionamento de cada um e a sequência dentro do processo. O ponto mais interessante da visita

não foi o processo em si, nem o nível tecnológico dos equipamentos – compatível ou até inferior aos existentes na empresa x, mas descobrirmos que a grande maioria dos equipamentos constantes nos laboratórios eram fruto de contrato de parcerias seja através de doação ou de arrendamento por tempo pré-determinado sem nenhum custo para a instituição. Todos os alunos, obrigatoriamente, passam pelo curso básico de confecção, durante 1 ano e após conclusão, podem dar continuidade aos módulos seguintes da área têxtil.

3.1.4 Visita ao Laboratório de Design Têxtil

Responsável Técnico : Prof. Z

(Fotografias)

Durante a visita a este laboratório foram apresentados dois trabalhos finais de pesquisa realizado pelos alunos do curso de Engenharia Têxtil – Habilitação em Design. Estes trabalhos são verdadeiros desenvolvimentos de coleções de produtos têxteis, os quais são realizados pelo grupo desde o estudo inicial para determinação do tema a ser desenvolvido com toda a sua justificativa teórica até a produção final dos tecidos possibilitando aos alunos concluintes uma visão geral do processo e habilitando-os de forma iminentemente prática para o exercício da profissão escolhida. Foram análisados o Book com todo o desenvolvimento teórico, artístico e de especificações técnicas bem como o próprio tecido fruto daquele trabalho. Nesta visita destacou-se a qualidade dos trabalhos de desenvolvimento de novos produtos seja através da aplicação do Design como novas formas visuais seja pela audácia da utilização de novos materiais destacando os tecidos produzidos com fios metálicos.

3.1.5 Visita ao Laboratório de Confecção

Responsável Técnico : Prof. Y

(Fotografias)

Durante a visita ao laboratório de confecções, que é dividido em dois módulos : 1- Máquinas Convencionais e 1 de Máquinas Especiais, foram observados alunos dos diversos cursos da faculdade realizando tarefas. Este laboratório é um dos mais importantes da instituição por sua função seletiva, uma vez que todos os alunos antes de ingressarem efetivamente nos cursos desejados são obrigados a fazerem 1 ano do curso de confecções, onde são ensinados todos os processos de fabricação.

a) Máquinas Convencionais

O laboratório de máquinas convencionais possui uma gama completa de equipamentos desde os de corte até os de passadoria. Foi observado durante a visita que a metodologia empregada não difere de forma significativa da utilizada pela empresa x, salvo a carga horária dispensada. Observou-se também a busca contínua por melhoria de processo em razão do número de aparelhos/dispositivos disponíveis para as mais diversas operações.

(Fotografia) Vista do laborátorio de máquinas convencionais

b) Máquinas Especiais

O laboratório de máquinas especiais dispõe do que há de mais moderno para a produção de artigos confeccionados, com ênfase aos paletós, contando com máquinas e sistemas automáticos diversos.

Destaque para os sistemas automáticos de fechar lateral de calça e para o sistema de passadoria.

(Fotografias)

3.2 Agenda do dia 30/05

- Visita à área de fabricação da firma " Dressmaster ". Em Heme, Westfalia (fabricante de ternos masculinos)

3.2.1 Visita à Empresa Dressmaster – Grupo Steilman

Principais produtos: Paletós e calças

A empresa Dressmaster atuando há 25 anos no mercado de confecções faz parte de uma holding – Grupo Steilman – que possui empresas em diversos países entre eles : Alemanha, Romênia e Iuguslávia. O Grupo Steilman, que possui 40 anos de atuação, mantém na Alemanha, hoje, 6 unidades fabris com sistema produtivos similares ao da Dressmaster. Um fato interessante observado na visita e que é reflexo das mudanças conjunturais da economia globalizada e também dos aperfeiçoamentos que a tecnologia proporcionou nos últimos anos como os avanços na comunicação e na automatização de operações é que em 1978 o

(Fotografia) Foto da fachada da empresa – Heme, Westfalia

referido grupo mantinha em funcionamento na Alemanha 38 empresas, o que caracteriza um declínio significativo, na produção de modo geral, considerando principalmente os aspectos de custos e modernização tecnológica para se produzir em países desenvolvidos. Podemos destacar como referências tecnológicas: o sistema de transporte aéreo, atuação em células de produção, sistema de enfesto e corte automatizado, um moderno sistema de passadoria – destacando o de terno que é completamente automático – e um sistema de controle de qualidade que inspeciona toda a produção.

Foi questionado quanto aos processos de capacitação de funcionários para qual foi respondido que os empregados são capacitados na própria empresa, e levam até 2 anos para concluir esta capacitaçã . A empresa têm praticamente zero % de rotatividade, não se preocupando inicialmente, com a especialização nas tarefas e sim na polivalência, os salários não apresentam grandes variações nem discrepâncias.

Obs: Infelizmente não foi possível registrar através de fotos, o processo produtivo da empresa, considerando uma orientação do sindicato local.

3.3 I.M.B.

Internationale Messe für Bekleidungsmaschinen

Realizada regularmente a cada 3 anos a Feira I.M.B. – Internationale Messe für Bekleidungsmaschinen – é considerada como o mais importante evento para os que atuam na área de confecção. Nela são apresentadas as últimas novidades em tecnologias de produção, mostra de produtos e equipamentos para

acabamento, materiais para a área de corte, produtos de preparação, costura, dispositivos, acessórios, softwares, hardwares, sistemas de transporte, logística, qualidade e outros.

(Fotografia) Croqui do complexo Köln Messe, onde foi realizado o evento

Em sua 10ª edição, realizada de 30 maio a 3 junho, a I.M.B. teve a maior mostra já realizada e foi marcada pela disponibilização de tecnologia e equipamentos para a produção de tecidos técnicos, um dos setores com maior mercado potencial crescente.
Distribuída em 03 pavilhões com mais de 100.000 m2 a feira teve a presença de mais de 750 empresa expositores de 39 países. Com uma participação estrangeira de mais de 64% a IMB foi um lugar de reunião global confirmando o papel do evento como um dos principais difusores de informação para a indústria da moda mundial.
A IMB 2000 em números :
750 empresa expositoras
39 países
100.000 m2 espaço de exibição total
3.4 Agenda do dia 31/05
- Visita IMB

Ponto forte: Sistemas de Modelagem, Encaixe e Risco Automatizados – CAD/CAM.
Durante este dia foram visitados todos os fabricantes de produtos para corte e modelagem industrial, dos automatizados aos convencionais. Foram visitados os estandes das principais empresas destacando-se : Grafis, Lectra ,Investrônica, Assist e Gerber.
De uma forma geral notou-se uma similaridade muito grande entre os recursos disponíveis nos programas de cada fabricante, reflexo do nível de competitividade existente neste segmento. Como destaque vale ressaltar alguns avanços observados :
Grafis : Sistema de reconhecimento de medidas 2D e 3D
Investrônica : Sistema de comunicação dos sistemas automáticos de corte feito por fibra óptica.
(Fotografia) Equipamento de Corte da Investrônica
Lectra : Sistema de desenvolvimento de vitrines
Gerber : Sistema de desenvolvimento de padronagens através do desenvolvimento do próprio tecido utilizando-se impressoras de tecido.
Assist : Sistema de desenvolvimento de padronagens, modelagem e encaixe/risco em um só ambiente tornando sua operação mais facilitada.
3.5 Agenda do dia 01/06
- Visita IMB

Ponto forte: Desenvolvimento de máquinas de costura industrial.
Neste segmento também não foi observado grandes avanços, o que ocorreu de forma sistemática em todos os setores da feira, tendo sido observado a presença de diversos fabricantes de equipamentos, de todos os portes, destacando-se a presença dos grandes e tradicionais fabricantes : Pfaff, Dürkopp, Brother, Juki, Union Special, Rimoldi.
Como destaque vale observar os seguintes avanços:
Pfaff :
Entre as novidades apresentadas pela Pfaff cabe ressaltar o sistema automático de pregar bolso que é capaz de reconhecer o ponto de inserção correto do bolso mesmo em tecido listrado ou xadrez garantindo o perfeito casamento de listras.
- A máquina para produção de artigos de segurança – usado na fabricação de air-bags para a industria automotiva – que tem um sistema de monitoramento da tensão aplicada a costura garantindo, com alto grau de confiabilidade, a aplicação da tensão aplicada em cada ponto além de apresentar um relatório final da costura com data, hora e o nome do operador.

Pfaff - Equipamento de costura de segurança para industria de segurança
- Máquina que dispensa o uso de lubrificantes. Dotada de uma liga especial – que contém grafite – possui a propriedade da auto-lubrificação dispensando os lubrificantes tradicionais, à base de óleos. É uma máquina de costura reta e ponto fixo que tem aplicação certa em produção de artigos com alto valor agregado ou que não podem ter problemas com manchas.
- Máquina dotada de controlador de pressão do calcador. Garante a correção do fenômeno de “flutuação” verificado com frequência em costuras que trabalham com rotação elevada através da variação de pressão sobre o calcador, garantindo pressões mais elevadas nas rotações elevadas e menor pressão nas baixas rotações – o que evita o enrugamento da peça, caso a máquina esteja regulada com tensão elevada para evitar a flutuação.

Dürkopp:
O estande da Dürkopp foi montado em cima de 3 núcleos de produção :
- 1 para camisaria
- 1 para produção de paletós
- 1 para acabamento (camisas e paletós)

Na oportunidade foram vistas diversas soluções para produção em escala dos artigos citados cabendo ressaltar como soluções inovadoras os seguintes equipamentos:
- Bordadeira eletrônica de olhal;
- Sistema automático de caseado. Faz a série completa de casas em uma vista de camisa.
- Sistema de produção colarinhos. Faz automaticamente a operação de pesponto interno do colarinho, inclusive nas curvas – aplicável a diferentes modelos de colarinhos – sem a necessidade de intervenção da operadora.

(Fotografia)
Dürkopp – Sistema de produção de colarinhos

Os demais fabricantes não tiveram lançamentos expressivos, apresentando modelos já conhecidos tendo, os mesmos, como diferencial a aplicação intensiva de soluções eletrônicas em substituição ao antiquado sistema de transmissão mecânica. Destaque para :

- Máquinas automáticas – casear, pregar botão e traveti – com sistema de formação de pontos controlado por motor de passo e controle eletrônico (Juki, Brother);
- Sistema de fechar pernas em peças intimas duplo – é um sistema com duas máquinas galoneiras trabalhando simultaneamente que com apenas uma operadora já prega o elástico nas duas pernas de uma só vez;

(Fotografia)
Vista de equipamento de fechar pernas – duplo no estande de exposição da Rimoldi

- Máquinas que dispensam o uso de lubrificantes (Juki)

(Fotografia)
Vista do estande de exposição da Juki
Além dos tradicionais "grandes" fabricantes foi observado também a presença de um grande número dos "pequenos" apresentando diversas soluções para a industria de confecções destacando alguns itens que julgamos interessantes:

- Sistemas de guia à laser – utilizando-se de canetas laser que podem ser acopladas em qualquer equipamento auxiliam ao operador a guiar a peça na ora de costurar indicando limites previamente estabelecidos;
- Sistema automático de troca de bobina – dotado de um sistema com braços mecânicos e controle eletro-pneumático faz a troca da bobina, em máquina de ponto fixo, sem a necessidade de intervenção da operadora. Possui dois modelos : o que troca apenas uma bobina e o que troca até oito bobinas

(Fotografia)
Vista do dispositivo instalado em equipamento instalado e em detalhe

- Os mais diversos tipos de dispositivos para confecção – aparelhos – para todos os tipos de aplicações nos mais diversos segmentos.

(Fotografia)
Vista de quadro de aparelhos – estande da Juki

3.6 Agenda do dia 02/06

- Visita à IMB

Ponto forte: Acabamentos em confecção (Passadoria, embalagem, sistemas de transporte aéreo, agulhas, etc.)
Durante este dia foram visitados diversos fabricantes de sistemas de passadoria, de processos de expedição e alguns para transporte aéreo de produção – todos automatizados.
Na área de passadoria destaque para a área de produção de paletós que apresentou o maior número de fabricantes com suas propostas de soluções. Foram observados sistemas específicos de passadoria para cada parte do paletó – ombro, bolso, gola, punho,frente, costa, etc – o que por um lado aumenta consideravelmente a produtividade por outro requer um investimento maciço sendo portanto indicado apenas para grandes fabricantes.
(Fotografias)
Equipamentos expostos na feira– estande da Veit – Brisay
Outra área que também apresentas inúmeros modelos de passadoria foi o de camisaria, este que por tratar de um produto menos denso possui equipamentos mais simples, que os de paletó, e por sua vez preços mais baixos são realmente bastante indicados para também grandes produtores porém com uma relação custo benefício, segundo nossa avaliação, mais apropriado.
(Fotografias)
Seqüência de operação de passadoria em camisa – estande da Kannegiesser
Um dos estandes mais interessantes visitados durante a feira foi o da empresa fabricante de agulhas SCHIMENTZ a qual prestou uma verdadeira aula para o grupo à respeito de indicações linha x agulha x equipamentos, defeitos e soluções isto tudo munido de um material muito rico e de grande utilidade para o nosso Centro.
Neste dia também foram vistos diversos sistemas de fusão de entretelas com os mais variados níveis de produtividade e aplicações e de transporte aéreo que apesar de não ser nenhuma novidade à nível internacional foi uma novidade para o nosso grupo uma vez que tal sistema é pouco difundido no Brasil. Este setor não apresentou grandes novidades.

3.7 Agenda do dia 03/06

- Visita à IMB

Ponto forte: Bordadeiras automáticas, Máquinas de costura industrial especiais e assessórios Neste dia foram visitados os estandes das empresas fabricantes de máquinas de bordar, de máquinas de costura especiais com destaque para as máquinas de bordar. Foram observadas máquinas de bordar que bordam sem a necessidade de entretela e que aplicam lantejoulas sendo este último modelo realmente bastante interessante.
Quanto aos demais itens abordados neste item não foram observados grandes inovações salvo, como em outros segmentos já abordados, a intensa aplicação da eletrônica substituindo antigos sistemas de transmissão de movimentos por elementos mecânicos.

4 - Conclusão

Ter a oportunidade de participar desta missão foi para nós uma experiência irrefutável uma vez que os conhecimentos adquiridos durante sua realização são totalmente correlatos com as ações rotineiras de trabalho que desempenhamos. Estar diante de uma realidade completamente diferente da qual estamos habituados, nos faz perceber que muito do que nos fascinou é extremamente possível de ser implementado e que certamente

contribuirá na operacionalização dos projetos, na análise e emissão de pareceres técnicos e em nossa maneira de pensar.
Estamos certos que ao voltarmos ao desempenho de nossas funções teremos uma visão mais empreendedora, uma vez que esta oportunidade nos desenvolveu não apenas tecnicamente mas também como pessoas que somos.
Esperamos aplicar os conhecimentos adquiridos neste curto espaço de tempo de modo a incrementar qualitativamente as ações de Assessoria Técnica e Tecnológica, Informação Tecnológica e Educação Profissional d a empresa x.
Desta forma entendemos que os objetivos propostos para esta missão e também aos do projeto de cooperação técnica Brasil x Alemanha: Fortalecimento da competitividade das empresas de pequeno e médio porte no ramo da indústria têxtil e do vestuário foram alcançados, uma vez que a Feira IMB, como já detalhado neste relatório, reúne o que há de mais moderno a nível tecnológico para as indústrias de confecções, contribuindo para o desenvolvimento do corpo técnico/docente d a empresa x, resultando na
melhoria da qualidade dos nossos produtos ofertados e da competitividade das empresas clientes.

2 - EXEMPLAR 2

Capa
Dados do autor
Sumário
Relatório da Viagem ao Vale do Yuyu, Palmas de Monte Alto, Bahia
Resumo
Este relatório trata de uma viagem ao Vale do Iuiu, município de Palmas de Monte Alto, Bahia, período de 8 a 13 de abril de 2002, patrocinada pela EBDA, onde participamos ativamente de um Encontro sobre algodão herbáceo, cultivo de sequeiro, realizado na Fazenda Boa Sorte. Foram dois dias de duração envolvendo estações técnicas (stands técnicos) sobre preparo de solo e a cotonicultura. No dia 10/04/02, foram 6 estações técnicas com oito grupos com cerca de 300 participantes, divididos em grupos de média de 38 pessoas. No dia 11/04/02 foram cerca de 600 pessoas, com destaque para o Excelentíssimo Senhor Secretário da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia, Deputado Federal X, deputados estaduais e vários prefeitos dos municípios do Vale do Iuiu. Participamos da estação sobre algodão onde apresentamos a comparação entre dois sistemas (o melhorado, com descompactação do solo, adubação e manejo correto, com 130.000 plantas/ha, MIP e bom controle de plantas daninhas), com produção de 190@/ha de algodão em caroço, contra um sistema preparado sem subsolagem e adubação, apresentando produtividade inferior a 70@/ha e custo de produção quase igual. Em ambos campos, ocorreu uma precipitação pluvial de 680 mm, em apenas 62 dias do ciclo da cultura, tomando-se como base a emergência das plântulas.
Introdução
A cotonicultura baiana já teve no Vale do Iuiu, há pouco mais de 12 anos, a sua mais significativa área de produção, empregando mais de 200.000 pessoas diretamente no processo de produção e no beneficiamento, tendo no município de Guanambi, em especial nas proximidades da área urbana e nela própria, a maior concentração de descaroçadores da América Latina, média de um descaroçador a cada 4,0 km. Nos últimos 15, especialmente de 1992 a 1999, estabeleceu-se uma grande crise nesta cultura no Vale do Iuiu, com redução drástica da área plantada e assim da produção, em função de um somatório de fatores, destacando-se a degradação dos solos (compactação em especial, devido ao uso indiscriminado da grade aradora), incremento da incidência das pragas e problemas conjunturais e estruturais (aviltamento dos preços pragas aos produtores, redução de créditos etc).
Ao longo dos últimos 20 anos, via EPABA e posteriormente a EBDA, em convênio com a empresa x, várias tecnologias foram desenvolvidas para a cotonicultura do Vale do Iuiu, com destaque para novas cultivares, adubação nitrogenada e fosfatada, preparo do solo, populações de plantas, controle de pragas e preparo do meio edáfico, como pode ser verificado em alguns dos relatórios produzidos (Empresa x 1996 e Empresa x, 1998). Além disso, foi ampliada a base de treinamento dos produtores com a criação do Centrevale (Centro de Profissionalização de Produtores Rurais do Vale do Iuiu), e a feitura do Manual de profissionalização em Manejo Cultural do Algodão (1998). Apesar de todo este esforço, outros
problemas-demandas foram superiores e levaram a cotonicultura do Sudoeste baiano a derrocada. Recentemente o Grupo Empresarial X, liderado pelo Sr. Y, realizou a validação tecnológica de uma série de tecnologias, especialmente preparo de solo, adubação e populações de plantas, evidenciando que apesar do regime irregular das chuvas, é possível, em condições de sequeiro, com médias de 650 mm de precipitação pluvial, se produzir em torno de 200@ de algodão em caroço/ha com taxa de retorno elevada. Neste relatório objetiva-se relatar a experiência da validação tecnológica realizada pelo Grupo X, município de Palmas de Monte Alto, Vale o Iuiu, com a cultura do algodão, bem como o detalhamento do Encontro sobre esta cultura que ocorreu na referida Fazenda, no período de 11 a 12 de abril de 2002, com a realização de dois Dias de Campo.
Considerações Finais
A viagem envolveu o período de 8 a 13 de abril de 2002, tendo como dias efetivos o período de 9 a 12/04/02. Nos dias 9 e 10, ocorreu a organização das Estações ou estandes técnicos, que foram seis e a participação nos

eventos nos dias 11 e 12/04/02. No dia 11/04, o evento demorou de 10h às 15h, tendo sido ministradas 8 palestras (grupos) com equivalência a 5 horas de transmissão de informações técnicas sobre a cultura do algodão, para mais de 300 pessoas. No anexo 1 têm-se a programação do dia de campo ocorrido no dia 11/04/02. Na Estação VI, que foi a nossa, ministramos as palestras enfocando os fatores de produção, os princípios mesológicos (lei do mínimo e o holocenotismo ambiental) e evidenciamos o contraste entre uma lavoura onde se realizou o preparo do solo com a subsolgem e uma onde não se realizou a descompactação nem a adubação, com diferenças significativas na produtividade. No dia 12/04/02 a palestra foi repetida para um grupo de autoridades, duração de 2 horas, destacando-se o Dr. X, o Excelentíssimo Senhor Secretário de Agricultura do Estado da Bahia, Deputado Federal x, o proprietário da fazenda, empresário x entre outros..., vários deputados, prefeitos e vereadores dos diversos municípios que compõem o Vale do Iuiu, além de técnicos e produtores, em um total estimado de 600 pessoas.

Resultados de Discussão

O Encontro do algodão, configurado no V Dia de Campo, do Grupo Bem Bom, período de 11 a 12/04/2002, foi extremamente proveitoso para todos os presentes, evidenciando que com o uso de tecnologias apropriadas, podem-se produzir algodão de sequeiro no Vale do Iuiu, com boa

produtividade, acima de 180@/ha (algodão em caroço), com custo de produção baixo, de R$ 1.400,00/ha (US$ 560.00) e lucro razoável de cerca de R$ 600,00/hectare, sem a verticalização do produto, que pode elevar a renda para R$ 900,00/ha, em um período de cinco meses. No período da cultura, choveu em média 680 mm somente nos primeiros 62 dias da emergência da cultura e o algodão cresceu bem, necessitando inclusive, de regulador de crescimento, cloreto de mepiquat, pix, na dosagem de 50 g i.a/ha (1l/ha do produto comercial), devido ao bom preparo do solo, que com a descompactação, permitiu que a água infiltrasse e fosse armazenada no mesmo. Detalhes do evento podem ser observados no anexo 2.

Conclusões e Recomendações

Em função do excelente resultado obtido na Fazenda Boa Sorte, município de Palmas de Monte Alto, Vale do Iuiu, conclui-se que a validação tecnológica funcionou plenamente e o sistema de produção poderá, ser adotado em toda a região de plantio de algodão do Vale do Iuiu. Dessa forma, deve-se proceder ações que viabilizem o uso da subsolagem ou escarificação do solo, como medida de aumento de produtividade da cultura. Paralelamente, recomenda-se, com urgência, a reativação das pesquisas com algodão na região, em especial, na Estação Experimental Dep. Gercino Coelho, onde atualmente, tem-se a Centrevale, envolvendo as áreas do melhoramento genético e manipulação cultural (adubação com micronutrientes, em especial o boro e o zinco, populações de plantas, cultivo mínimo e subsolagem).

Referências Bibliográficas

ANEXO 1

ANEXO 2

3- EXEMPLAR 3

Relatório de viagem
Participação do Congresso Internacional em Planejamento e Gestão Ambiental
Desafios Ambientais da Urbanização

Entre os dias 11 e 17 de setembro de 2005 viajei a Brasília onde participei do Congresso de Direito Ambiental no qual foram abordados temas situados na análise da urbanização e as conseqüências no meio ambiente desse fato. A participação nesse evento faz parte da formação em conteúdo de políticas públicas, do projeto Capacitação em Orçamento e Planejamento, do Programa Formação e Capacitação de Servidores.

O evento teve conferências na parte da manhã, apresentação de trabalhos e painéis na parte da tarde, e no período noturno grupos de formação da rede de planejamento e gestão ambiental e da Carta de Brasília e mini-cursos sobre Recursos Hídricos no período noturno. Na conferência o primeiro tema foi sobre como ocorreu o processo de urbanização e os impactos ambientais nas grandes cidades como Osaka, no Japão, cidade do México e em Berlim, na Alemanha. Foram relatados os diferentes impactos no ambiente e as soluções que a sociedade dessas regiões teve que realizar para poder minimizar os impactos.

A inclusão social também foi um dos temas de conferências no evento, enfocando como as intervenções humanas junto com a lógica da economia de mercado transformam todo o ambiente. Segundo um dos palestrantes, o professor x, “o espaço habitado são reflexos visíveis do pensamento social-político e econômico no país. A lógica é da economia do mercado. As cidades são pontos de concentração e confluências. As cidades exercem uma atração seletiva, discriminatória e segregadora. Elas repelem. As cidades podem ser legais ou ilegais, ou aquela que vive ou a que sobrevivem. Há uma lógica perversa da formação das cidades brasileiras, que vem do sistema em que vivemos. As cidades ilegais consolidam a infra-estrutura do país e se traduzem em signos”.

Alguns dados: 81% da população brasileira residem na área urbana; As quinze maiores cidades representam 20% da população. As doze regiões metropolitanas crescem 13% e os municípios cresceram 15%. Cinqüenta milhões de brasileiros vivem em situações precárias e indignas.

O desenvolvimento local participativo não é organizado e precisa ser estimulado e desenvolvido. Para isso o processo de planejamento deve ser amplamente participativo, e a ação deve ser monitorada e avaliada.

Foi relatada nesta conferência a experiência de um grupo de pesquisa chamado "Observatório das Metrópoles", que apresentou um modelo teórico-metológico de estudos das cidades, pelo seu território e sua produção. Segundo o observatório, o território é fomentador de desigualdades. Este grupo também falou sobre o zoneamento ambiental, o qual é um instrumento do Estatuto da Cidade mas o mesmo não menciona se é obrigatório e nem diz como deve fazer. Tem conflito com o uso e ocupação do solo. O território tende apresentar as potencialidades e fragilidades do meio físico. A política urbana limita o uso do espaço urbano.

A conferência sobre a pegada ecológica e sustentabilidade humana abordou o conceito de Pegada ecológica que é a área que uma pessoa precisa para sustentar seu consumo. Sua unidade de medida é hectare/ pessoa /ano. Em 2004, a pegada ecológica foi de 1,8 (a visão mais otimista) ou 1,6 (numa visão mais realista). Em 1960, a pegada ecológica era de 6,3 ha /pessoa/ano.

O número de 1,8 quer dizer que cada habitante da terra precisa de 1,8 hectare para sustentar seu consumo. Segundo esse professor, esse número mostrar a falácia do termo sustentabilidade.

No Japão a pegada ecológica é de 6,5 e nos EUA é de 5,0. Segundo o palestrante, pensar em tais dados numa sociedade como a nossa é inconcebível. A nossa sociedade diante desse número nem teoricamente é sustentável.

O cálculo é feito diante do consumo de energia elétrica, da produção de resíduos sólidos, do consumo de madeira, de carne. É determinado em função do gás carbônico.

O bairro de Águas Claras, no Distrito Federal, foi um dos estudos de caso da pesquisa. A maior parte dos condomínios foi construída em menos de dois anos. A área que abriga esse conjunto tem apenas 863 ha. O combustível gasto por essa população é de 2,940 ha/p/y. A carne consumida é de 0,486 ha /p/y. Segundo esse pesquisador a nossa forma de adquirir proteína é insustentável, destruindo os ecossistemas para alimentar 6 bilhões de pessoas. A alimentação e nosso modo de consumo são os mesmos em todo o mundo. O modelo demonstra a insustentabilidade, a economia cega que obriga esse. A pegada admissível é 1,8 ha e essa população de Águas Claras necessita de 190 mil hectares para sobreviver e habita numa área de apenas 869 ha, dessa forma estão usando 197.217 hectares de outros para terem a qualidade de vida.

Segundo o professor, precisamos revisitar nosso modo de consumo. Na revista National Geografic de 03/03 deste ano aparece um rio todo poluído na China e foi perguntado para um menino o que ele estava vendo e ele disse que não estava vendo nada demais no rio, para ele o rio sempre foi assim, da ótica do menino estava natural. Esse menino tem referências baixas de qualidade de vida.

De acordo com o professor, a educação ambiental não funcionou nos últimos anos. Os resultados mais positivos demonstram estratégias mais de sensibilização. As pessoas não valorizam se não se sensibilizam com a causa. Isso é um instrumento de análise. Na nossa sociedade, é o excluído que está sustentando o modelo. As condições sociais afetam o ambiente natural e vice-versa.

Uma outra conferência importante foi proferida pelo Dr. Arcindo Santos, do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) dos EUA, o qual relatou "O papel do Ambientalista em projetos de desenvolvimento urbano". Para trabalhar como ambientalista, é importante fazer a pergunta: "Como os atributos ambientais podem melhorar o projeto ou alavancar o projeto". Portanto, o ambientalista deve fazer o inverso do que costuma fazer, ou seja, pensar somente na parte ambiental, apenas no seu objetivo. O ambientalista deve sempre pensar "vamos trabalhar junto". O palestrante apresentou três trabalhos do BID em cidades. No programa de reabilitação do Centro de São Paulo, o objetivo do programa é de atrair a população para recuperação do Centro de São Paulo, sendo que um dos pressupostos é deslocar rapidamente essa população, ou seja, meios de transportes eficientes. O ambientalista deve identificar e apoiar o objetivo do programa, seja ele qual for. A pergunta que foi feita neste programa é "Com quem fica a gestão Ambiental?" A resposta foi a secretaria municipal de meio ambiente. Portanto o objetivo foi fortalecer esta secretaria. Esse programa portanto tem uma forte característica sócio-ambiental. Um outro programa que o BID apoiou financeiramente foi o de Recuperação e Desenvolvimento Urbano de Valparaíso, no Chile. É de praxe do BID solicitar antes de se avaliar um programa que seja feito uma Avaliação Ambiental Estratégica do Programa pelo ente que solicita apoio financeiro. Após esse procedimento, foi feita a pergunta como melhorar o objetivo do programa? Para o ambientalista X, uma boa definição do programa é "uma obra de caráter coletivo". O desafio do ambientalista é "como incentivar o planejamento sustentável (longo prazo) através de ações (incentivos) a curto prazo?".

Além das conferências houve uma série de apresentações de trabalhos acadêmicos e outros não acadêmicos no Congresso no período da tarde, o qual assistimos alguns que discorreram sobre indicadores. E também houve uma rápida sessão de painel de trabalhos.

No final do evento foi apresentado uma Carta de Brasília, confeccionada pelos participantes do evento. Foi criada uma rede de planejamento e gestão ambiental, na qual todos os participantes do evento já estão automaticamente participando da rede. O site do evento foi www.urbenvironcongress.com, que segundo os coordenadores da rede deverá permanecer aberto e abrigará a rede. Destaco alguns objetivos alcançados neste encontro, como o estreitamento das relações entre gestores estaduais que elaboram e executam a política pública de Educação Ambiental...

Ao total 27 países participaram do Congresso. O II Congresso Internacional em Planejamento e gestão ambiental será em Berlim, na Alemanha, no ano de 2007, na Universidade Técnica de Berlim. Para organizar e preparar esse evento, haverá um seminário internacional em 2006, no Rio de Janeiro.

Também há um CD com o resumo das apresentações do evento. Quem estiver interessado em adquirir poderá solicitar uma cópia desse CD que ficará disponível na Biblioteca x, e outra cópia ficará disponível na área econômica e ambiental da SPP.

O conteúdo deste CD está disponível na página X, no menu Y e submenu Z, para quem quiser acessar e conhecer os resumos dos trabalhos apresentados. Para complementar essas informações entrem em contato comigo.

4 - EXEMPLAR 4

Relatório de Viagem
Capa

Assuntos Tratados

A Conferência ao longo dos cinco dias de duração (de domingo até quinta-feira), através de apresentação de painéis e de quase duas centenas de apresentações de trabalhos técnicos, de elevado índice técnico, discorreu basicamente sobre os seguintes assuntos:

• Tecnologias de geração termelétrica a carvão em geral;
• Tecnologias de Oxy Fuel Combustion;
• Tecnologias de combustão em Carvão Pulverizado (PC) e Leito Fluidizado Circulante (CFB);
• Tecnologias de combustão em caldeiras super e ultra-super críticas;
• Desenvolvimento de novos materiais;
• Desenvolvimento de modelagem avançada;
• ZET´s Tecnologies – Tecnologias de emissão zero ou com tendência ao zero;
• IGCC Tecnologies - Tecnologia Gaseificação Integrada em Ciclo Combinado;
• Captura do CO2 – Pré e pós-combustão;
• Regulamentação, transporte e estocagem de CO2;
• Visita Técnica à Planta de POLK (sexta-feira)

A Planta de Geração de energia elétrica de POLK é um complexo termelétrico, pertencente a Companhia TECO, com capacidade instalada de 750MW, composto por três unidades geradoras a gás natural em ciclo simples de 150MW cada e de uma planta de 250 MW, de demosnstração comercial da tecnologia IGCC (Integrated Gasification Combined Cycle). Este projeto já tem dez anos de operação comercial, com sucesso, com disponibilidade superior a 85% em média. O DOE – Departamento de Energia dos Estados Unidos, financiaram este projeto dentro de seu programa de desenvolvimento e de demonstração de tecnologias limpas do carvão, em parceria com a empresa TECO.

As apresentações da Conferência estão disponibilizadas no CD entrgue.

Aspectos Relevantes para a REDE DO CARVÃO

A Rede do carvão é uma ação do MCT para o programa de C,T&I para a Produção e Uso Limpo do Carvão Mineral – Pro Carvão, que tem por finalidade desenvolver tecnologia para o uso sustentável do carvão mineral brasileiro.

Neste sentido o MME/MMA, e Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Setec) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), por meio da FINEP e CNPQ, que vem apoiando o carvão através do Pro Carvão.

A empresa X está totalmente inserida neste processo, por ser Empresa do Sistema X, que tem como atribuição a geração de energia elétrica através da queima do carvão mineral.

A participação da empresa X ajuda a estabelecer o “networking” e abre perspectivas importantes de estar em contato direto e efetivo com o que há de mais avançado no mundo, em termos de avanços tecnológicos de pesquisa e de senvolvimento, das tecnologias ditas limpas, de queima de carvão mineral e de geração de energia elétrica, bem como, a potencialidade que se apresenta em termos de projetos conjuntos futuros, com a participação da empresa X, na área de pesquisa e Desenvolvimento.

Conclusões/ Continuidade/ Encaminhamentos

A participação nesta Conferência foi de grande importância para os viajantes, pois os mesmos tiveram a oportunidade de presenciar um evento de grande relevância em termos do que há atualmente de mais moderno no mundo, com referência ao uso do carvão mineral.

Após ter tido a oportunidade de participar desta Conferência, fica ainda mais evidente e atualizado este pequeno artigo que foi escrito quando ainda fazia parte (lá em novembro de 2006) do Conselho de Administração da ABCM (Associação Brasileira do Carvão Mineral), que é reproduzido a seguir:

Capacitação da ciência e tecnologia e da indústria nacional para atender a estratégia de expansão do setor elétrico com geração a carvão

Para expandir e consolidar a geração térmica no Brasil, utilizando-se o carvão mineral, seja o nacional ou importado, dentro de uma visão estratégica de médio e longo prazo, de sustentabilidade técnico, econômica e ambiental é mister que ações, agora sejam tomadas, visando a continuidade e o sucesso desta política no longo prazo.

O que tem ocorrido nos últimos anos é o preenchimento do hiato. De fato nunca se conseguiu estabelecer uma política estruturada onde a cadeia produtiva fosse contemplada nas suas diversas etapas e atribuições, com uma política coordenada e visando o atendimento da expansão, e o que vemos é a importação de usinas para preenchimento deste hiato. O que temos feito é a aquisição de caizas pretas, em alguns casos 100% importadas.

Obviamente a indústria nacional só irá apostar naquilo que for seguro, tácito e com reais perspectivas de escala e perenidade, seja para atendimento do mercado interno de demanda como para exportação.
Atualmente o setror termelétrico brasileiro depende totalmente de projetos e de fornecedores estrangeiros, principalmente para a turbinas e geradores, e de projetos de caldeiras, e fabricação das partes sob alta pressão para a eventual construção de usinas térmicas convencionais a carvão, e em conseqüência, com mais obviedade para as caldeiras ditas super e ultra-super críticas. O Brasil depende das diversas tecnologias inerentes a cada fornecedor, do pós-venda, etc, não posssuindo um padrão nde fornecimento. Reversão deste cenário poderá impulsionar e desenvolver interesse na indústria nacional, através de parcerias com a real perspectiva de estabelecer mudanças significativas na política de geração e de planejamento da matriz energética nacional, com a inclusão da expansão, a médio e longo prazo, de usinas térmicas a carvão "nacionalizadas", e com o mínimo de participação da indústria nacional, no projeto, fabricação e construção das usinas a serem instaladas em território nacional.
É necessário viabilizar, através da força catalisadora do Governo Brasileiro, (a Eletrobrás CGTEE é um vetor para viabilização) o interesse em desenvolver no País, via associação com empresas de reconhecida capacidade, projetos conjuntos com transferências de tecnologias, dotando, dentre uma relação de interesses estratégicos e econômicos comuns, o País de condições satisfatórias, visando a expansão da matriz energética brasileira de usinas a carvão, modernas e ambientalmente atualizadas ao estado da arte, em termos de desenvolvimento da engenharia nacional, da indústria para suprimento de peças e componentes e construção de usinas termelétricas, sob a ótica de cadeia produtiva. A construção e o desenvolvimento de engenharia junto a um programa de construção de usinas nacionalizadas permitiria um decréscimo de custos do investimento e de manutenção do parque térmico e de mineração.
Por outro lado, o parque industrial brasileiro possui capacidade de evoluir e se adaptar a esta possível condição através de pequenos ajustes desde que logicamente haja escala de produção e encomendas, através de estabelecimento de um plano mínimo e atraente de expansão da geração térmica a carvão.
Hoje temos empresas de grande porte tais como X, Y, Z várias outras e que poderiam ser chamadas para fazerem parte deste esforço.
É necessário estabelecer o "roadmap"para produção e uso do carvão mineral para o Brasil, em termos d3 desenvolvimento tecnológico, capacitação e formação de recursos humanos, onde emanaria do Governo, um plano de médio e longo prazo, com o devido estabelecimento de parceirias nacionais e internacionais, o chamamento dos centros de pesquisas e universidades e o setor industrial, dentro de um projeto amplo integrado e sinérgico.
Este "roadmap" estabeleceria as rotas tecnológicas (combustão, gaseificação, captura, transporte e estocagem de dióxido de carbono, tratamento de gases e efluentes, etc), a serem adotadas e implementadas no Brasil, os seus "stakeholders", dentro de uma visão desenvolvimentista de médio e longo prazo, onde toda cadeia produtiva seria contemplada, gerando empregando, capacitação e desenvolvimento de recursos humanos e integração com a indústria nacional, tornando o País um pouco um menos distante e dependente de outras nações ditas desenvolvidas e emergentes. (Poderíamos pelo menos analisar e adaptar à nossa condições, as experiências da China e Índia, pois eles já fizeram isto há 30 anos atrás)
Para efetiva implementação deste programa, o qual se sabe, se dá de forma lenta e gradual é necessário que seja definida e atendida a sua missão e visão de futuro ou de onde se quer chegar, sem tropeços, interrupções ou retrocessos.
De fato este processo já ocorreu em diversos setores do Brasil. Se olharmos pela ótica da geração hidrelétrica, onde pela sua condição e vocação natural, o Brasil optou em dotar a matriz energética de forma robusta, desta modalidade de geração de energia elétrica.
O grande resultado é que ao longo destes anos o País é hoje referência mundial em termos de recursos e meios tecnológicos nas áreas de engenharia, projeto, fabricação e suprimento, construção civil e de grandes barragens, montagem eletromecânica e operaçãode usinas, de todos os portes possíveis, pequenas, médias e grandes, não dependendo praticamente de ninguém para suprir suas necessidades, muito pelo contrário, somos exportadores de tecnologia e conhecimento, com uma perfeita integração dos centros de pesquisa, universidades e indústria nacional.
Mais atualmente o mesmo está acontecendo na área de petróleo e gás onde uma robusta estrutura de engenharia, construção e infra-estrutura, capacitação tcnológica e de recursos humanos, está em pleno desenvolvimento e atividade, visando o atendimento das necessidades do país na Extração, transporte e refino de petróleo e gás das camadas pré e pós-sal da plataforma continental.
Voltando a questão carvão, a indústria nacional tem capacidade para atender o suprimento de equipamentos para a mineração a céu aberto de pequeno porte sendo necessária sua capacitação para fabricação de equipamentos de médio porte. Quanto a mineração subterrânea praticamente não existe produção de equipamentos no Brasil.
Associação Brasileira do Carvão Mineral
Novembro de 2006
Por isto que a consolidação da rede do carvão, dos institutos e centros de pesquisa hoje existentes e em fase de instalação, tal como o CTCL em Criciúma é de vital importância, para que se possa sonhar um pouco mais, na consolidação do uso eficiente do Carvão Mineral, na matriz energética nacional.
Mais importante ainda é o papel da Secretaria de desenvolvimento Tecnológico e Inovação (Setec) do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), por meio da FINEP e CNPQ, que vem apoiando o carvão através do Pro Carvão.
Por fim agradecemos o suporte da empresa x, da Rede de carvão através do Pro Carvão, da FINEP, do CNPQ e em especial ao Coordenador da rede e seus colaboradores, que tornaram uma possibilidade em realidade.

Anexos

A Rede do Carvão recebeu um CD com todo o conteúdo das palestras e apresentações durante a Conferência. A empresa x manterá em seu arquivo todo material trazido (que está em mídia impressa) e que da mesma forma está disponível para qualquer integrante da Rede do Carvão, que porventura queira mais informações.